Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

FAMÍLIA JOGA BOLA

Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana

Enrico Spaggiari

São Paulo
2015
(versão corrigida)

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

FAMÍLIA JOGA BOLA

Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Autor: Enrico Spaggiari

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

de acordo

São Paulo
2015
(versão corrigida)

RESUMO

A produção de jogadores de futebol em Guaianases e outros bairros periféricos da zona leste de São Paulo é o foco desta tese. Com base em descrições das relações que permeiam o sistema futebolístico (amador e profissional) tais como o engajamento de familiares, agentes de futebol, professores e diretores do clube varzeano Botafogo de Guaianases, desvela-se os processos de constituição de jovens futebolistas engendrados por projetos familiares. Voltados à efetivação da carreira profissional, os projetos têm início com a revelação de um “dom” reconhecido na prática cotidiana pelo próprio futebolista e por outros atores: familiares, professores, agentes, espectadores etc. A primeira parte desta tese destaca a centralidade da várzea paulistana na constituição dos jovens, implicando discussões sobre o futebol de várzea, a cidade, o bairro e a circulação pelos espaços urbanos. A segunda parte apresenta a constituição de jovens futebolistas por meio de análises sobre o aprendizado de futebol em uma escolinha imersa no ambiente varzeano, a elaboração de projetos familiares centrados em investimentos específicos no filho/irmão futebolista, as atuações dos agentes de futebol enquanto mediadores com o campo profissional, e, por fim, sobre a composição de *famílias esportivas* a partir de trajetórias familiares. Os jovens futebolistas são constituídos e constituidores de relações e práticas de fazer família no sistema futebolístico. O conjunto de tais relacionalidades é o que chamo de *família esportiva*, ou seja, a objetificação das relações que produzem jovens futebolistas.

Palavras-chave: antropologia do esporte; família; juventude; futebol de várzea, relacionalidade

ABSTRACT

The production of football players in Guaianases and other São Paulo city east outskirts is the focus of this thesis. From descriptions of the relations that permeate the football system (amateur and professional), such as the engagement of family, football agents, teachers and directors of the amateur club Botafogo de Guaianases, unveiling the processes of formation of young footballers engendered by family projects. Focused on the effectiveness of career, projects start with the revelation of a “gift” recognized in everyday practice by footballer himself and by other social actors: family, football teachers, players’ agents, spectators etc. The first part of this thesis attempts to highlight the centrality of the amateur universe (*várzea*) in the constitution of young people crossing the discussions about amateur football, the city, the neighborhood and the circulation through urban spaces. The second presents the constitution of young footballers through analyzes on learning in a football school immersed in the amateur environment, the development of family projects focused on specific investments in the son/brother footballer, the performances of players’ agents as mediators with the professional, and, finally, on the composition of *sports families* from the description of familiar trajectories. The young footballers are both constituted by and producers of relations and practices of making family in the football system. The set of such relatedness is what is called here sports family, i.e., the objectification of relations that produce young footballers.

Keywords: anthropology of sport; family; youth; amateur football; relatedness.

Ao seu Josias e Tuliba,
aqueles que se foram...

A Elisa e Silvia,
aquelas que chegaram...

AGRADECIMENTOS

A todos que acompanharam o desenvolvimento desta pesquisa, familiares e amigos, cujos nomes não poderei mencionar, meus mais sinceros agradecimentos. Por sorte, estes anos de doutorado, em vez de solitários, foram permeados por bons momentos e boas companhias.

Às crianças e jovens futebolistas de Guaianases e adjacências. Esta tese não é só sobre eles... pertence a eles.

Aos meus amigos de Guaianases, com os quais aprendi a “jogar bola”. Jurandir, Sérgio, Severo, Itamar, Adônias, Edson, Luiz Cláudio, Dona Solange, Chico, Garrincha; Edimilson e Isaías; Carlinhos, Mexerica, Grazi, Célia, Cristiano, Paulo; Renato Gabriel e Nenê. Agradecimento especial a Zé Maria, João Carlos “Ninho”, dona Irene, Luana, Dayana e toda a família que sempre me acolheu como “de casa”.

Ao meu orientador e amigo, o prof. dr. Heitor Frúgoli Jr., pela confiança, incentivos e leituras generosas desde a realização da pesquisa de iniciação científica.

Ao prof. dr. Luiz Henrique de Toledo e ao prof. dr. José Guilherme Magnani pelas sugestões certeiras no exame de qualificação.

Aos professores do Departamento de Antropologia da USP que, desde a graduação, têm influenciado a produção deste trabalho. Aos funcionários do departamento, que me ajudaram muito ao longo destes anos, sempre solícitos e generosos: Soraya, Ivanete, Rose e Edinaldo. Celso, em especial, cuja amizade avança por entre campos de futebol e pistas de corrida.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), coordenado por Heitor Frúgoli Jr., pelos instigantes debates teóricos e empíricos sobre espaços urbanos e antropologia. Agradeço a todos os participantes. Ao Guilherme Aderaldo, Laís Silveira, Juliana Blasi, Isadora Fonseca, Weslei Estradiote, Bianca Chizzolini, Julio Talhari, Bruno Puccinelli e Gabriel Monteiro.

Aos amigos e colegas do Ludens – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas. Dentre tantos, um agradecimento especial à Willian “o cara” Maranhão, Flavio de Campos, Marco Bettine, Thiago “Taubaté”, Victor Ramalho, Bruno Jeuken, Breno Macedo, José Paulo Florenzano e Fatima Antunes.

Aos amigos editores do site Ludopédio: Max, Sérgio, Marco L. e Marco A.

Aos amigos e colegas do PPGAS da USP: Amanda Ribeiro, César Augusto Silva, Daniela Alfonsi, Florbela Ribeiro, Ana Marta Yano, Adriana de Oliveira Silva, Jayne Colevatti, Rosenilton Oliveira, Eva Scheliga, Ana Cecília Venci, Leandro Mahalem, Fátima Toledo, Ana Letícia Fiori, Rodrigo Chiquetto, Fabio Nogueira da Silva, Guilherme Falleiros, Tatiana Lotierzo, Jacqueline Teixeira, Marina Barbosa, Bruna Triana, Denise Pimenta, Júlia Goyatá, Samantha Gaspar, Natália Lago, Mariane Pisani, Michele Escoura e Henrique Antunes.

À dupla de André-Kees Schouten e Giovanni Cirino, inspirações contínuas.

Aos queridos(as) camaradas: Carlos Filadelfo de Aquino, Natacha Leal, Íris Morais Araújo, Camila Mainardi, Igor Scaramuzzi, Thais Waldman, Glaucia Destro, Rodrigo Lobo, Giovani Tápia, Priscila Vieira, Rogério Fernandes, Julia Ruiz Di Giovanni, Marcelo Florido, Luís Felipe Hirano, Inácio Andrade, Rafael Teixeira e Diana Paola Gómez Mateus. Ao casal Giancarlo Machado e Nayara Alvim, vizinhos e companheiros de pesquisas e aventuras.

Aos amigos e parceiros de viagem: Leandro “Mizu”, Ricardo Oliveira e Mathias Glens, desbravadores das terras celtas e *highlands* em busca de *pints* e da *Galway Girl*.

Aos compartes de *thursday*, *sunday* e *monday nights* da NFL, bem como rivais de Fantasy e Bolão: Titato, Rui, Dori, PV, Gus, Celops, Fernando e André.

Ao Carlos Filadelfo de Aquino, Thais Waldman e Giancarlo Machado, pelas leituras e preciosas sugestões. À Adriana Oliveira, pela revisão da tese.

Ao Marcelo Florido, que contribuiu de forma inestimável para a elaboração dos gráficos da *família esportiva*.

À Camila Mainardi, um agradecimento carinhoso pelas leituras, revisões, sugestões e incansáveis questionamentos. Esta tese passa pelos conhecimentos da Terra Indígena Piaçaguera.

Aos meus familiares. Em especial, à tia Eliana, pela hospitalidade e companhia nos períodos de redação desta tese em São Roque.

Ao Sport Club Corinthians Paulista, por aquele inesquecível 2012.

À Fapesp, pelo suporte financeiro indispensável à realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I – A VÁRZEA... NA VIDA EM GUAIANASES.....	29
Capítulo 1 - Campos, festas e pedreiras: narrativas varzeanas.....	30
Capítulo 2 - O Botafogo, cervejas e o <i>rodar</i> : “a várzea exige muito”	66
Capítulo 3 - “Futebol e política andam de braços dados”	112
PARTE II – O FUTEBOLISTA E A FAMÍLIA.....	175
Capítulo 4 - Dinâmicas do “aprender” futebol.....	176
Capítulo 5 - O futebol como projeto familiar: investimentos e sacrifícios.....	268
Capítulo 6 - Entre “arapongas” e “traições”: proximidade e circulação na atuação dos agentes de futebol.....	326
Capítulo 7 - <i>Famílias esportivas</i> : narrativas e trajetórias de jovens futebolistas.....	391
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	452
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	458

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever.

Eduardo Galeano

INTRODUÇÃO

Encerrada a Copa do Mundo da África do Sul de 2010, em julho do mesmo ano iniciei o trabalho de campo na Zona Leste de São Paulo. As primeiras investidas no campo foram impactadas pelo anúncio de que seria construído o tantas vezes malfadado estádio do Corinthians no bairro de Itaquera, próximo ao metrô Corinthians-Itaquera, ao Shopping Itaquera e à COHAB 1 do José Bonifácio, conjunto habitacional popular semelhante a muitos outros em bairros da Zona Leste. Alguns meses depois, a FIFA anunciou que o novo estádio do Corinthians receberia o primeiro jogo da Copa do Mundo de 2014, o que só se tornaria oficial em outubro do ano seguinte. Passei a acompanhar a construção do estádio, durante a ida ou retorno do trabalho de campo, quase sempre do mesmo lugar, na calçada da av. Radial Leste, adjacente ao canteiro de obras que ali se formara. Observações iniciadas antes mesmo do começo das obras, quando candidatos às vagas de operários e ajudantes de obras se avolumavam em frente ao portão principal da obra para as triagens. A edificação só teve início quando as incertezas financeiras, isenções fiscais e questões logísticas foram equacionadas. Aprovado o financiamento pedido ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento) e realizado o desvio dos oleodutos que conduziam combustível da Petrobrás sob o terreno em questão, em junho de 2011, iniciaram-se as obras de limpeza e terraplenagem do local. Dezenas de pessoas começaram a circundar o terreno para acompanhar a construção do estádio. Pessoas de diferentes pertencimentos clubísticos, porém a maioria corintianos, alguns merecedores, de fato, da alcunha “roxos”.

Uma destas pessoas, seu Josias, de porte miúdo, aposentado após décadas de trabalho na construção civil, tornou-se meu parceiro de vigília e mentor do meu aprendizado sobre edificações. Logo em nossa primeira conversa, um passo em falso: Perguntei o que ele achava da construção da “arena” do Corinthians em seu bairro. “Que arena? É um estádio. Arena é coisa da ditadura”, ranzinzou. Outras bolas fora se seguiram. Comentei, semanas depois, que estava impressionado com a rapidez das obras. Celeridade que era desprezada por seu Josias: “Está lento, o pessoal aí da

concretagem é muito mole”. Pouco afeito à conversa-fiada, por vezes disparava assertivas jocosas aos que lhe interpelavam. Quando outro espectador, um palmeirense convicto, que por vezes marcava presença nos arredores da obra, comentou que aquele estádio seria um dos “elefantes brancos” da Copa do Mundo, seu Josias retrucou com risos discretos: “Só ser for um elefante preto e branco”. Noutro dia, quando três pessoas brincavam sobre qual seria o nome do estádio, seu Josias, sem titubear, aproximou-se de mim e falou baixinho: “Eu chamaria de ‘Estádio do Povo’. É o estádio do Corinthians, e o Corinthians é do povo. Simples assim”. Quando já desfrutávamos de quase um ano de sentinela compartilhada, seu Josias aferiu uma opinião mais esmorecida quanto ao impacto da obra no seu bairro. Afirmou que a construção do estádio não seria o principal desafio, mas sim a realização de melhorias na infraestrutura viária e de transporte que tardavam a começar. Triste, lamentou que tais modificações causariam impactos nos espaços de moradia de parte da população da região: “Mas esse é o preço do progresso”, justificou.

Seu Josias gostava de acompanhar a obra no período da tarde, quando o sol já estava baixo, e também porque um de seus vizinhos, operário da construção, trabalhava no turno das 13h às 23h. Em alguns dias, percorriam juntos o terreno do futuro estádio. Em nossos primeiros encontros, seu Josias, o “velho”, como era chamado pelos amigos, comentava sobre a remoção de terra com os tratores, os equipamentos utilizados e descrevia os diferentes momentos do trabalho dos operários. Nos meses subsequentes, tal qual um frenético locutor de rádio, narrava como a estrutura do estádio estava sendo formada: explicava o porquê da instalação das estacas, “Deve chegar a uns 15 metros de profundidade”, a construção das caixas de concreto das fundações, a concretagem das pilastras de sustentação das arquibancadas, os serviços de drenagem. Em setembro de 2011, seu Josias acompanhou, de longe, a visita do ex-presidente Lula na comemoração do aniversário de 101 anos do Corinthians. Poucas semanas depois, em uma festa com ex-jogadores do clube, foi instalado no terreno um grande relógio digital para contar de forma regressiva os dias, horas e minutos para o início da Copa do Mundo. Seu Josias estava lá novamente. Faltavam mil dias para o pontapé inicial do evento, prazo semelhante ao que eu tinha para finalizar essa tese¹.

¹ Infelizmente, seu Josias não viu o estádio acabado. Em meados de 2012, quando parte considerável da obra já havia avançado, notei sua ausência por algumas semanas. Perguntei, então, a seu vizinho operário, se o “velho” havia se cansado de esperar a finalização daquele “elefante preto e branco”. O operário, ainda com o corpo tomado pela poeira da terra do Itaquerão, baixou os olhos e, com a voz serena,

Distante cerca de cinco quilômetros do canteiro de obras, a construção do estádio também era assunto recorrente nas rodas de conversas de pais que acompanhavam o treinamento de seus filhos em uma escolinha de futebol, em um dos inúmeros campos de várzea da Zona Leste. Diferente de seu Josias, não possuíam conhecimentos técnicos sobre o assunto, mas como ele, refletiam sobre o impacto do estádio na região. Revelavam opiniões sobre o uso de dinheiro público em um estádio que seria do Corinthians. Ser “do Corinthians” era a variável movida nos argumentos daqueles pais. Alguns eram a favor, muitos eram contra. Outros favoráveis a um estádio da Copa eram avessos ao estádio “do Corinthians”. Afirmações como: “Tinha que ser o Morumbi [o estádio da Copa]”, “Não pode ter dinheiro dos cofres públicos”, “Eu estou pagando pelo estádio de vocês” ressoaram ao longo de muitas conversas. Todos os pais compactuavam com a ideia de que o estádio traria resultados bons e ruins para a região. “Vai trazer a Copa para esse fundão... Vocês acham isso pouco?”, questionou Túlio. “O preço do aluguel vai subir, se prepara”, alertou outro.

Em uma destas rodas de pais, comentei que passara pelo terreno do estádio e vira a inscrição “A Copa do Mundo 2014 começa aqui” no longo muro que protegia o canteiro de obras. Após alguns comentários orgulhosos dos corintianos e jocosos daqueles com outras filiações clubísticas, um pai que observava o treinamento do filho colado à grade do campo, aparentemente alheio a nossa conversa, sentenciou: “Não é lá...”, e apontando para o campo que abrigava seu filho, “a Copa começa é aqui”.

“Aqui” é onde começa essa tese, inspirada nas observações meticolosas de seu Josias, que, a partir de sua área de interesse, a construção civil, a meu ver, ensaiava uma “etnografia” nas obras do estádio. “Aqui” é Guaianases, bairro periférico da Zona Leste de São Paulo, um universo sociocultural diversificado.² Um território que deve ser compreendido nos significados conferidos pelas experiências cotidianas vividas nas complexas dinâmicas relacionais que o constituem e fazem dele uma territorialidade (Koga, 2003, p.38). Mais especificamente, o “aqui”, referido pelo pai, era o campo de futebol localizado na área administrativa do CEU Jambeiro, ao lado do Jardim Aurora,

compartilhou a triste notícia. Seu Josias falecera após um ataque cardíaco, sem presenciar a inauguração do estádio pelo qual velara durante quase dois anos.

² Composto por dois distritos, Guaianases e Lajeado, o bairro tem cerca de 280 mil habitantes. Apinhado de vulnerabilidades, limitado pela falta de acesso a bens e serviços, com pobreza heterogênea e paisagem móvel. Apresenta altas taxas de defasagem escolar e homicídios, segundo os dados da pesquisa realizada pelo Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) em 2010. Servida pela Linha 11 Coral Expresso Leste, o bairro abriga a última estação de trem da Zona Leste antes dos limites do município. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/projpop/index.php>. Acesso em: 13/05/2013.

uma das vilas mais pobres do bairro. Mas o “aqui” que nos interessa, de forma objetiva, é o contexto varzeano de produção de jogadores de futebol. É a Escolinha Comunitária do Grêmio Botafogo de Guaianases, mas não só ela, visto que a produção abrange uma conjuntura multifacetada de práticas cotidianas e circulação de saberes sobre futebol.

Essa pesquisa tem como ponto de partida as observações e reflexões sobre esse “aqui”. Tem como objetivo principal compreender as dinâmicas, práticas e relações constitutivas do processo de produção de jogadores de futebol no universo varzeano da Zona Leste paulistana. Neste cenário, temas como família, juventude e política revelam um quadro extenso de questões e negociações que envolvem múltiplas esferas sociais interligadas pelas práticas futebolísticas. Um quadro fundamental para a compreensão das experiências urbanas dos jovens futebolistas que perpassam outros planos e espaços inicialmente não esportivos, como as casas das famílias, escolas do bairro, locais de trabalho, festividades, comícios políticos etc. Em constante diálogo e confronto, tais temáticas são essenciais para descortinar a pluralidade de atores que atravessam as redes futebolísticas cidadinas, ampliadas etnograficamente a partir dos contatos iniciais travados no bairro de Guaianases. Quando vista sob a luz das etnografias, o engajamento de uma multiplicidade de atores mostra-se decisivo no processo de produção de jogadores.

O lócus principal da pesquisa é o Grêmio Botafogo F.C., porém as conexões e trajetos dos atores não se restringem ao futebol varzeano, já que o mesmo ator pode transitar também pelo universo do futebol profissional.³ Instigado pela proposta de problematizar e redimensionar as categorias futebol amador e futebol profissional (Damo, 2002),⁴ elejo trabalhar com a secular dicotomia, mas procuro apreender suas atualizações e modulações, evitando, assim, reificar reducionismos dos significados.⁵ Nesse sentido, ainda que a classificação de matrizes futebolísticas – *espetacularizada, comunitária, escolar e bricolada* (Damo, 2007) – permita apreender as permanências e descontinuidades que atravessam a diversidade de futebóis, um olhar para os significados nativos de profissional e amador, nas situações etnografadas, avalize a

³ A prática amadora pode variar conforme o contexto em que é praticada. O futebol varzeano de São Paulo é diferente do futebol de várzea de Porto Alegre (Myskiw, 2012; Lopo, 2008) e do interior gaúcho (Rigo, 2001), do futebol disputado no Peladão de Manaus (Chiquetto, 2014), e de como o futebol amador é praticado e organizado na França (Damo, 2007).

⁴ Para Damo (2002), esta polaridade foi adotada na produção acadêmica sem as mediações necessárias.

⁵ Questão trabalhada em etnografia anterior (Spaggiari, 2009, p.15-16), quando percebi que os termos amadorismo e profissionalismo eram empregados com diferentes significados nas conversas sobre futebol, sempre com sentido situacional e valorativo.

compreensão da produção de jogadores como um processo que atualiza as fronteiras, pontos de contato e de tensão, entre cotidiano e espetáculo. Como lembra Rial (2006, p.6), a depender do contexto, “todas as performances futebolísticas, mesmo as amadoras, podem se constituir em um espetáculo”. Assim, frente à variedade de práticas futebolísticas, opero com a noção de sistema futebolístico (Rial, 2006; 2008),⁶ que perpassa o futebol amador e o futebol profissional, planos que se entrelaçam e retroalimentam.

Embora o futebol de várzea absorva praticantes de diversas classes e lugares da cidade, os campos, clubes e competições estão concentrados nas periferias paulistanas (Magnani; Morgado, 1996). O que faz da várzea, hoje, um espaço relacional essencialmente periférico. Assim, procuro apreender a produção varzeana de jogadores de futebol a partir das periferias urbanas – identificadas por uma pluralidade de denominações: periferia, bairro, subúrbio, comunidade, vila etc. – ainda que siga os atores para além destas. Sobre Guaianases, chamado de “fundão da Zona Leste” por diversos atores, referindo-se à distância da região central e à posição limítrofe do bairro em relação a municípios vizinhos, alternam-se narrativas positivas e negativas, nostálgicas e estigmatizadoras: espaço de solidariedade, amizades, mas também de pobreza e violência – que apontam para uma noção relacional e contrastiva de periferia.⁷

A partir de suas perspectivas e experiências juvenis e periféricas, os jovens futebolistas se movimentam pelas situações urbanas, trafegam pela permeabilidade da experiência cidadina (Frúgoli Jr., 2005), vivenciam a cidade, intervêm e interagem com o espaço, apropriam-se do urbano, criam relações, expressam afetividades, redefinem as margens e subvertem prescrições. Em deslocamento, articulam uma multiplicidade de

⁶ Carmen Rial parte do conceito de *campo* de Bourdieu, bem como da análise de Toledo (2002) sobre o *campo profissional*, recortado por este autor em três categorias de agentes: *profissionais*, *especialistas* e *torcedores*.

⁷ Temática tradicional abordada por diferentes linhas de pesquisa (Durham, 2004; Kowarick, 1993; Magnani, 1998; Caldeira, 2000), periferia é um termo que carrega diversos significados, porém passível de ser reificada por discursos homogeneizantes que tomam as áreas periféricas como espaços de pobreza, exclusão, carência e segregação; concepções que se mostram limitadas para a compreensão das experiências, práticas cotidianas e narrativas locais em sua pluralidade. Uma singularização da periferia (Frúgoli, 2005) observada tanto no discurso de positividade que procura compor uma identidade periférica e um pertencimento a uma periferia, quanto de politização, enunciado, por exemplo, em narrativas de denúncias da desigualdade urbana e ênfase no pertencimento, tal como no discurso dos *rappers* e do movimento *hip-hop* (Guasco, 2001). Observam-se, ainda, formas políticas de agenciamento social por meio de manifestações culturais pautadas pela crítica social, resistência e reivindicação, mas também, que procuram conquistar visibilidade na cidade, inserir-se no mercado cultural e se relacionar com o poder público. Sobre grupos periféricos envolvidos com produção cultural e formas de expressão de questões políticas a partir das manifestações artísticas, conferir Peçanha (2009), Hijiki (2010) e Aderaldo (2013).

contextos e relações vivenciadas entre campos de futebol e espaços esportivos, territorialidades continuamente atualizadas. Assim, fazem uma *cidade futebolística* – *quando os campos são a cidade*⁸ – desenhada de forma singular por aqueles que a mapeiam e se apropriam dos seus espaços, sejam jovens futebolistas, varzeanos, torcedores etc., conforme seus itinerários, temporalidades e formas de deslocamento.⁹ Esta é uma *cidade relacional* (Agier, 1999; 2011)¹⁰ construída a partir da mobilidade, circulação e de experiências concretas por territorialidades dilatadas. Um olhar para o modo como a cidade é vivenciada e inventada em situações cotidianas nos bairros, ruas, espaços domésticos ou de trabalho, dentre outras, permite compreender a cidade do ponto de vista dos cidadãos, deslocando assim o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e *fazem a cidade* (idem, 2011).¹¹ Um fazer a cidade orientado por táticas e saberes (De Certeau, 1994) elaborados pelas crianças e jovens em seus deslocamentos, percursos e itinerários, e pelos lugares e espaços onde o futebol é vivido e praticado na metrópole, em suas diferentes escalas: Guaianases, Zona Leste, São Paulo.

Os principais atores desta tese são crianças e jovens, quase exclusivamente do sexo masculino,¹² entre 7 e 17 anos, que buscam se tornar jogadores profissionais. Se

⁸ Parafraseando Magnani (1996), “Quando o campo é a cidade”.

⁹ Apesar de concentrado em Guaianases, a pesquisa acompanhou a intensa circulação dos jovens futebolistas pela cidade. Em companhia deles, conheci mais de sessenta campos de futebol, ou noventa, se contarmos as partidas de futebol de várzea que acompanhei. Número ínfimo se observado em paralelo ao número total de campos de futebol públicos registrados pela municipalidade, cerca de 285 em CDCs (Clubes da Comunidade) e outras dezenas de campos não contabilizados. Em diversos momentos, acompanhei os deslocamentos para outras cidades, umas próximas, outras nem tanto: Diadema, Cotia, São Bernardo do Campo, Mauá, Caieiras, Arujá, Santos, São Vicente, Bertioga, Ferraz de Vasconcelos, Suzano, Poá, Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba, Mogi-Mirim, Salesópolis, Osasco, Taboão da Serra e Guarulhos.

¹⁰ Agier (1999) propõe um acompanhamento da construção de redes dilatadas que partem de um núcleo inicial específico e territorializado, marcado pelas relações cotidianas e diferentes formas de sociabilidade, e constituído pelas esferas da família, vizinhança, trabalho, lazer etc. Tais relações e sociabilidades, inicialmente vinculadas a um contexto singular, articulam-se e se alargam em redes, ligando os pequenos mundos de cada cidadão, a “cidade familiar”, às macroestruturas sociais. Ampliação e alargamento que podem alcançar redes multilocais e, por conseguinte, o universo urbano em sua totalidade, mas que se dão, porém, de forma elusiva, visto que o tamanho da rede é determinado pelo modo como os desígnios locais e as formas institucionais de apropriação cidadina produzem as relações.

¹¹ Desse modo, evita-se trabalhar com uma representação fixa, normativa e apriorística da cidade, pois as definições de localidade são processuais e contextuais. Além de mostrar uma preocupação em compreender a agência dos cidadãos, bem como conhecer e contextualizar os lugares e interações pesquisados, para assim, posteriormente, apresentar o ponto de vista do antropólogo sobre a cidade (Agier, 2011).

¹² Em dois anos, observei a presença de poucas garotas jogando futebol na escolinha. A prática do futebol por mulheres é pouco incentivada pelos diretores e professores do Botafogo.

na pesquisa anterior procurei apreender os múltiplos significados da prática de futebol entre crianças e jovens dedicados ao aprendizado do esporte (Spaggiari, 2009), agora enfoco o processo de produção de jogadores. Assim, privilegio aqueles que estão envolvidos em projetos voltados à profissionalização. Os outros alunos da Escolinha de Futebol do Botafogo de Guaianases, matriculados ali por diferentes razões e estímulos, perpassam o contexto pesquisado, porém são preteridos diante do objetivo principal, que por si só já demanda grandes investimentos empíricos.¹³

Em diversos espaços, jovens futebolistas se esforçam para se tornar jogadores. Uns atuam nas categorias de base dos clubes,¹⁴ outros são observados por olheiros jogando na várzea e nos demais espaços futebolísticos, outros ainda realizam testes e peneiras ou jogam em escolinhas. A profissionalização pode ocorrer por meio de um agente já vinculado ao sistema futebolístico ou por meio de outros atores (parentes, amigos, conhecidos) que mantêm vínculos com pessoas ligadas aos clubes. A denominação *jovens futebolistas* é utilizada para exprimir a condição de *vir a ser algo que ainda não se é* dos praticantes engajados no processo de produção em seus diversos contextos. Mesmo aqueles já inseridos nas categorias de base de clubes não são considerados jogadores. Assim, a admissão e consolidação nas categorias de base dos clubes profissionais, passo almejado pela maioria dos garotos do Botafogo de Guainases, ainda não é garantia do exercício futuro da profissão de jogador. Até chegar ao elenco de juniores, por volta dos 18 anos, milhares de garotos já terão sido excluídos do processo. E os que ficam passam por novos e decisivos filtros:

Calcula-se que, no Brasil, de 100 jogadores que atingem a categoria de juniores (a última antes da profissionalização), apenas 1 torne-se profissional, e 90% desses profissionais receberá como pagamento entre 1 e 4 salários mínimos. Dos 10% que sobram, ou seja, que recebem mais de 4 salários mínimos, calculo que apenas 1% transitará pelos grandes centros futebolísticos mundiais, e destes, apenas uns 500 receberão entre 400 mil a 40 milhões de euros anuais (Rial, 2009a, p.204).

¹³ A Escolinha do Botafogo de Guaianases também desenvolve um papel socioeducativo além do investimento na produção de jovens futebolistas. A comparação entre os plenamente engajados e os menos envolvidos na profissionalização permite observar questões destoantes e convergentes, como mostrei na pesquisa anterior (Spaggiari, 2009).

¹⁴ Dentro dos clubes de futebol, a categoria de base é a divisão responsável pela produção de jovens atletas para o futebol profissional.

Ainda que não tenha como objetivo de propor uma classificação cronológica das crianças e jovens,¹⁵ opero com uma classificação das faixas etárias com base no cruzamento de alguns dados obtidos durante o trabalho de campo. Utilizo os termos *criança* e *infância* para fazer referência aos interlocutores com até 13 anos; para os sujeitos com idade entre 14 e 18 anos (ou mais), emprego os termos *jovem* e *juventude*. Tais denominações têm como base as categorias utilizadas nos campeonatos disputados pelo Botafogo de Guaianases: mirim (entre 10 e 11 anos), dente-de-leite (12 e 13 anos), infantil (14 e 15 anos) e juvenil (16 e 17 anos). A categoria juniores (entre 18 e 20 anos) não é contemplada nos torneios e nem na escolinha do Botafogo.¹⁶ Tenho clareza de que essa classificação centrada na faixa etária apresenta limites.¹⁷ Contudo, a idade permanece como uma categoria-chave a ser analisada nessa pesquisa, pois os recortes etários, como sub15, sub17 etc., modelam as categorias de base que compõem o sistema futebolístico atual. A separação entre crianças e jovens pauta-se, sobretudo, pelos diferentes tipos de engajamentos observados nos planos de carreira antes e depois dos 13 anos. O investimento na carreira pode ter início em qualquer idade, antes mesmo dos 7 anos (idade mínima para ingressar na Escolinha do Botafogo), porém, em muitos casos, se intensifica após os 13 anos com mais horas de treinamento e aumento de partidas, busca de maior visibilidade nos campeonatos, estabelecimento de contatos com agentes de futebol e empresários etc. Assim, tendo em vista o foco na produção de jogadores, a ênfase recai sobre aqueles acima de 13 anos, os *jovens futebolistas*, mas não de forma exclusiva, pois também faço observações sobre as práticas das crianças.

¹⁵ Como observa Bourdieu, “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; assim, falar dos jovens como se uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente, já constitui uma manipulação evidente” (Bourdieu, 1983, p. 113).

¹⁶ Os marcadores de idade não são necessariamente fixos e presos a uma progressão cronológica, bebês, crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, pois podem variar em virtude de determinados fatores. Nesse sentido, além da idade, deve-se atentar para as experiências, condições fisiológicas e a maturidade dos aspirantes a jogador.

¹⁷ A produção dos jovens como *sujeitos de direitos* compõe a agenda de inúmeras legislações e entidades que propõem demarcações das etapas do ciclo de vida humano. Delimitar a idade não é critério suficiente para uma aceção de juventude, visto que diversas instituições estabelecem limites etários distintos a partir das variações locais, culturais, étnicas e de gênero. A Convenção dos Direitos da Criança (1989) define como criança as pessoas com até 18 anos; a Organização das Nações Unidas (ONU) delimita como segmento juvenil a população na faixa entre 15 e 24 anos; a Secretaria Nacional da Juventude, criada em 2005, define como jovens aqueles situados na faixa entre 15 e 29 anos; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reconhece como adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos, faixa que pode ser desdobrada até os 21 anos; a Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende o adolescente como tendo entre 10 e 19 anos; e a Organização Internacional da Juventude (OIJ) considera jovem aquele que se encontra no íterim dos 15 aos 24 anos.

Ao seguir uma divisão em categorias é possível evitar essencializações das noções de infância e juventude, pois as vivências infanto-juvenis apresentam diversas particularidades. Infância¹⁸ e juventude¹⁹ são construções sociais e históricas que podem apresentar diferentes significados e definições. Longe de serem homogêneas, fixas e rígidas, tais categorias são mutáveis, processuais, complexas e heterogêneas, além de pautadas por múltiplas disputas; reconstruídas cotidianamente pelos diversos atores, tais noções devem ser entendidas de forma contextual e processual. Infância e juventude são, portanto, categorias relacionais, cujos significados aparecem conectados a outros fatores e esferas – família, escola, trabalho, religião etc. –, pois, como bem define Guita Debert (1998, p.60), “A geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras”.

As crianças e jovens experimentam e se transformam de maneira constante. Focar os engajamentos juvenis na produção de futebolistas pela ideia de transição para a vida adulta implicaria distorcer a experiência particular de jovens que vivenciam o tempo presente de forma intensa. Trata-se de *viver o presente* almejando ascensão financeira e mobilidade social, mas não como período transitório. Ainda que os projetos sejam formatados a longo prazo, não sacrificam o tempo presente somente em função do futuro, mas também pelo que o tempo presente lhes pode oferecer. Frente à imprevisibilidade do que futuro (tornar-se ou não jogador profissional), desfrutam da condição atual de futebolistas de forma coletiva, em experiências compartilhadas. Cada conquista é comemorada de forma efusiva: a celebração do ingresso em um clube profissional, o gol na fase de grupos de um torneio amador municipal. Os jovens estipulam direções, antecipam oscilações e desgastes, e operam com as oportunidades para amortecer as incertezas de um futuro que pode ser projetado e controlado a partir do presente, o tempo da ação, única esfera temporal que permite redefinir caminhos e escolhas pautadas para o que é melhor para a carreira. Requalificam os projetos de futuro diante da pressão por resultados a curto prazo exigidos pelas escolinhas, clubes

¹⁸ Para uma análise do processo histórico da construção social da noção de infância, conferir Ariès (2006), que desconstrói o conceito de uma infância natural e universal, e aponta para uma pluralidade de infâncias. Para o autor, trata-se de uma categoria social e histórica construída com base nos processos de configuração da família moderna ocidental, bem como na institucionalização da educação escolar na consolidação da sociedade burguesa.

¹⁹ Sobre a temática juventude, há uma extensa bibliografia que procurei analisar problematizando suas duas concepções dominantes: uma centrada na ideia da juventude como um período problemático, com o jovem estigmatizado ora como violento e desviante, ora como vítima; e outra focada na juventude como transição para a vida adulta, em que o jovem é tomado como adulto em potencial, com capacidade para gerar intensas mudanças sociais (Groppo, 2000; Abramo, 1997; Pais, 1993).

amadores e categorias de base. Privilegiam, portanto, a vivência do instante de um presente ampliado, do que ocorre neste momento, mas que absorve a percepção do amanhã. Assim, o tempo revela-se integrado e consecutivo; as distintas esferas temporais coexistem voltadas ao imediatismo do presente e ao futuro projetado, em um movimento que se revela circular. Em conjunto com a temporalidade linear, impera uma compreensão cíclica do tempo. Vejamos, por exemplo, os jogadores varzeanos que permeiam o cotidiano dos jovens, que tentaram e não conseguiram, foram e voltaram. Se o tempo dedicado à carreira no futebol profissional é curto, o envolvimento com a prática futebolística é duradouro.

Nesse sentido, um ponto de partida fundamental é perceber crianças e jovens como agentes, interlocutores plenos, sujeitos ativos do processo de construção de relações.²⁰ Trata-se, assim, de uma pesquisa *com* crianças e jovens, interlocutores na produção de conhecimento, e não *sobre* crianças e jovens. Para isso, é essencial entender o que é ser criança e jovens nos contextos pesquisados e, assim, apreender seu ponto de vista, apreender o que sabem (Toren, 2002); afinal, as crianças (e jovens) “não sabem menos, sabem outras coisas” (Cohn, 2005, p.33). São, portanto, “atores sociais ativos capazes de criar um universo sócio-cultural com uma especificidade própria, produtor de uma reflexão crítica sobre o mundo dos adultos” (Lopes da Silva, 2002, p.20). Frente às visíveis distinções entre o “ser adulto” e o “ser criança”, surge o desafio de *ser adulto e pesquisar crianças*, em que “A solução para esse impasse, de ser adulto e pesquisar criança de uma perspectiva antropológica, deve ser buscada no campo, de acordo com cada caso estudado” (Pires, 2007, p.235).²¹

²⁰ Agência entendida a partir da noção de criança-ator (Cohn, 2005), que concebe a participação ativa das crianças na vida social como produtoras de cultura. Para um panorama geral dos estudos antropológicos recentes voltados à agência infantil e à percepção da criança, o cotidiano das mesmas e as relações com os adultos, conferir Cohn (2005), Nunes (2002), Lopes da Silva (2002), Toren (2002) e Pires (2007).

²¹ Vale aqui alguns comentários sobre a realização de pesquisa com crianças e jovens. Antes de qualquer aproximação, consultei os dirigentes do Grêmio Botafogo e professores da escolinha, também em relação aos familiares das crianças e jovens. Procurava sempre me apresentar, falar sobre minha filiação universitária e os objetivos da pesquisa. O fato de me apresentar como “pesquisador da USP” facilitou minha entrada em diversos espaços institucionais do bairro, principalmente os educacionais. A maioria, logo após minha apresentação, fazia questão de afirmar que o filho era bem tratado, bem cuidado, com boa alimentação e que não faltava na escola. Geralmente associavam minha presença à de um agente do poder público vinculado à esfera educacional. Perguntavam, inclusive, se eu trabalhava junto com os conselheiros tutelares. Ressaltava sempre que não estava ali para investigar irregularidades nem fazer denúncias. Embora adulto em meio aos atores pesquisados, consegui me aproximar das crianças e jovens, e construir interlocuções. Contudo, minha participação nas brincadeiras não era aprovada por algumas pessoas vinculadas ao Botafogo. Posicionamento negociado frente ao constante receio imposto pelas histórias de pedofilia, abusos que permeiam e, em certos casos, interditam a relação entre adultos e crianças no universo das práticas esportivas.

Nesse sentido, longe de uma visão *adultocêntrica* (Nunes, 2002), centrada na compreensão que os adultos têm das experiências infantil e juvenil, busca-se, sobretudo, apreender as concepções críticas das crianças sobre o mundo social que as cerca e os sentidos que conferem ao mesmo (Lopes da Silva; Nunes, 2002; Cohn, 2005). O olhar para as práticas esportivas contribuiu para a apreensão da pluralidade de experiências infanto-juvenis nos bairros periféricos de São Paulo, muitas vezes reduzida e estigmatizada pelos discursos sobre vulnerabilidade e difícil acesso à educação, trabalho e segurança, que tornam menos visíveis as agências e atuações infanto-juvenis. Tomar as crianças e jovens como agentes sugere ainda compreendê-las em suas relações. Portanto, além das trajetórias dos futebolistas que vivenciam e buscam a transição do futebol amador para a prática profissional, procuro analisar as perspectivas diferenciadas e complementares que outros atores (professores, familiares, agentes de futebol, dirigentes de clubes amadores etc.) constroem sobre as crianças e jovens.

Dois anos. Este foi o tempo entre o último dia de trabalho de campo realizado no Botafogo de Guaianases, durante o mestrado, e o primeiro dia de campo com a retomada da pesquisa para o doutorado em julho de 2010. Neste intervalo, fiz rápidas visitas ao bairro e ao clube em 2009, principalmente no final do ano, após a defesa de mestrado, para entregar cópias da dissertação. De volta à pesquisa, optei por (re)construir os contatos com os diretores do Botafogo de Guaianases, principais interlocutores do trabalho anterior. Se a primeira inserção em campo é difícil, o retorno, após um longo afastamento, é tão difícil quanto o primeiro contato, embora esse ponto seja pouco abordado nas monografias. Como explicar o sumiço para as pessoas com as quais tive contato anos antes? “Não sumi”, ponderei para Sérgio, professor da escolinha de futebol do Botafogo. “Sumiu, sim!”, ele insistiu. Descrevi as atividades relacionadas à escrita da dissertação e sua defesa, e os novos estudos necessários para ingressar no doutorado, atividades todas profundamente relacionadas ao Botafogo de Guaianases. Presente à conversa, Luiz Claudio, vice-presidente do Botafogo, comentou gargalhando: “Ele voltou para ver os ‘nativos’”. Notando meu espanto inicial, Luiz disparou: “Acho que eu não ia ler seu livro?”, referindo-se à dissertação. “Não li tudo, só a parte sobre Guaianases. Gostei! Falou bem do Fogão, mas não devia ter falado tanto do Itamar, ele

é sem graça e torce para o Santos!”, detalhou o vice-presidente, aproveitando para debochar do atual presidente do clube.²²

Como disse na abertura desta Introdução, iniciei o trabalho de campo em julho de 2010, logo após a Copa do Mundo da África do Sul. Tomei como traçado privilegiado de observação um conjunto de experiências cotidianas de diferentes planos de interação: treinos da Escolinha de Futebol do Botafogo, partidas amistosas, torneios de várzea locais e a Copa Kaiser de Futebol Amador, peneiras, bem como reuniões, preleções, deslocamentos para os jogos, negociações etc. Ao longo de três anos, várias crianças e jovens passaram pela escolinha. Alguns ali permaneceram por todo tempo do trabalho de campo, outros saíram para retornar um tempo depois, ou não voltaram. A cada dia, conhecia uma nova pessoa vinculada ao futebol de várzea do bairro. Porém, por mais que eu me aproximasse, sabia que nunca seria um varzeano: eles são *do* futebol; eu sou da academia e com eles queria construir conhecimento *sobre* futebol. O veterano Zé Maria, sempre perspicaz, comentou: “Mesmo depois de tanto tempo, você ainda tem que ser apresentado aos outros. Você sempre vai ter que ser apresentado a alguém na várzea; eu já não”.

Embora o ponto inicial e central das observações tenha sido Guaianases, a pesquisa se espalhou por outros bairros periféricos da Zona Leste paulistana e diversos lugares da cidade e fora dela. Ainda que os espaços futebolísticos tenham sido os principais locais de trabalho de campo, os primeiros desdobramentos, ainda em 2010, fizeram-me observar como as múltiplas experiências futebolísticas das crianças e jovens perpassam outros planos, o que me levou a outros espaços inicialmente não esportivos, como residências familiares, escolas do bairro, festividades das vilas, comícios etc. Tive, assim, contato com outros espaços, interlocutores, questões e desafios. O redirecionamento da tese foi possível por meio de um fazer etnográfico reelaborado na articulação entre trabalho de campo, discussão teórica e experiência da escrita:

(...) a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2009, p.135).

²² Sobre as negociações, interesses e desafios que permeiam a construção da relação etnográfica com interlocutores, ver texto clássico de Foote Whyte (2005).

Para decupar o amplo quadro de atores, práticas e relações encontradas, combino diversas técnicas de pesquisa, articulando “prática etnográfica” e a “experiência etnográfica”, como aponta Magnani (2009), dependentes uma da outra; se primeira é programada e contínua, a segunda, descontínua e imprevista, induz à “prática” (2009, p.136). Durante a pesquisa de campo, a depender do momento e da situação, realizei observação participante, observações diretas, participação observante,²³ coleta de depoimentos informais e entrevistas gravadas. Em outros momentos, operei uma observação flutuante (Pétonnet, 2008), principalmente a partir o terceiro ano de trabalho de campo, quando circulei mais pelo bairro de acordo com as circunstâncias, sempre disponível para o deslocamento com os agentes, sem focar um objeto preciso.²⁴ Descrevo eventos, situações, trajetórias pessoais, e procuro contextualizar as vozes evocadas no texto. Utilizo registros dos cadernos de campo; relatos orais com minhas descrições no gravador; registro fotográfico e fílmico de treinos e partidas do Grêmio Botafogo, bem como de jogos disputados por garotos de Guaianases nas categorias de base de clubes. Documentei notícias veiculadas em diferentes mídias; atas e estatutos de clubes varzeanos; fotos, publicações de bairro e jornais varzeanos. Tal pluralidade de estilos, ferramentas e técnicas de pesquisa etnográfica se complementam frente à diversidade de conjunturas, variações e fluxos encontrados ao longo do campo.

Uma etnografia com suas singularidades, que não se restringiu a uma estratégia específica de abordagem, porém inspirada por seu sentido clássico, realizada com base na observação direta e prolongada do cotidiano varzeano e familiar, bem como a partir das entrevistas com os jovens e seus pais e mães, algumas delas realizadas de forma coletiva, com pontuais intervenções de outros ali presentes, como irmãos e avós. Reconstituíam em seus relatos suas experiências e trajetórias, ou parte delas, bem como os contextos sociais nos quais elas estão inseridas. Mais do que apreender a totalidade

²³ Fui motorista, roupeiro, árbitro em treinos e partidas, goleiro e representante oficial do Grêmio Botafogo em palestras e congressos técnicos de campeonatos. Alertado pelo agente Renato Gabriel, descobri que faço parte da diretoria do Botafogo de Guaianases. Na página oficial do clube, consta que sou o assessor de imprensa da entidade. Disponível em: <<http://www.botafogodeguaianases.com.br>>. Acesso em: 5/5/14.

²⁴ Circulei com as crianças e jovens pelas ruas do bairro, principalmente com as mais novas. Um rodear que ao mesmo gerava tensões e desconfianças. Em determinada situação, um jovem na faixa dos 20 e poucos anos questionou o fato de estar acompanhando um garoto do bairro até sua casa. Em outro momento, um rapaz, na faixa dos 30 anos, estranhou inicialmente quando me viu circulando pela vizinhança com Fabinho [03], mas não se preocupou, pois considera que “Fabinho é moleque esperto” e “não andaria com qualquer um”.

das trajetórias juvenis e familiares, interessou-me observar e analisar o modo de produção discursiva das próprias experiências e escolhas, articulado às práticas, vivências e relações. Trajetórias que incorporam a imprecisão das informações, como esquecimentos e equívocos envolvendo datas, eventos e temporalidades da trajetória.

Seja por malha de caminhos entrelaçados ou por conexões, a proposta foi tomar um conjunto de experiências, geradas em diferentes cenários e planos de interação, como traçado privilegiado de observação. Partir, assim, da experiência dos atores e das situações observadas em campo para reconstituir práticas, conflitos e trajetórias. Proposta etnográfica crucial no processo constante de reflexão e crítica epistemológica que avançou paulatinamente contra certos conceitos hegemônicos.

Jovem futebolista, termo de que me utilizo para caracterizar e analisar a posição dos jovens no sistema futebolístico, emerge da articulação de diferentes condições e situações, seja como alunos de escolinhas de futebol, jovens avaliados em testes e peneiras, jogadores de equipes de categorias de base. Planos concebidos como etapas, mas que se desenrolam de forma simultânea, como revelam as trajetórias de diversos jovens que alinham, em sua rotina diária, as práticas na escolinha de futebol com períodos de testes ou treinamentos prolongados nas bases e CTs de clubes.

Tomo como ponto de partida a constituição de jovens futebolistas antes da entrada em espaços futebolísticos regulados por dispositivos institucionais e especializados. Privilegio os domínios varzeanos de produção, tidos como espaços desvinculados da esfera profissional, mas que não estão apartados dela. Procuro, deste modo, compreender as relações que as crianças e jovens acionam e pelas quais são constituídas num processo que se dá em etapas anteriores ou concomitantes às categorias de base dos clubes profissionais, planos já enfrentados por outros autores (Rodrigues, 2003; Damo, 2007; Bittencourt, 2009) e que fogem dos objetivos desta pesquisa.²⁵

Os jovens futebolistas são constituídos antes ou de forma simultânea ao ingresso em outras etapas do processo de produção, como as categorias de base. Nesse sentido, a constituição dos jovens futebolistas se dá na conjunção dos processos de formação e

²⁵ Vale destacar, também, a pesquisa pioneira de Araújo (1980), que teve como objetivo principal compreender a profissão de jogador de futebol.

produção de jogadores – o primeiro voltado ao aprendizado de uma profissão e o segundo à construção de um produto (Damo, 2007) –, processos diferentes que ocorrem de forma paralela. Se a etapa das categorias de base é fundamental para compreender a iniciação no sistema futebolístico profissional, o processo de aprendizado mostra-se também importante para descortinar diversos aspectos relacionados à incorporação de habilidades (Ingold, 2001a; 2010).

A constituição dos jovens futebolistas é multicontextual, formatada nas relações entrelaçadas por jovens futebolistas e outros atores envolvidos com os projetos futebolísticos, mas exprime a centralidade e plasticidade da ideia de família, que assume múltiplas formas de organização e enfrentam processos contínuos de mudança conforme englobam outros atores e se alargam.²⁶ Os vínculos familiares, que se revelam muito fortes, são ampliados e interferem diretamente na vida dos jovens. O futebol alimenta e fortalece os vínculos entre o futebolista e a família por meio de compromissos sumários e implícitos. Porém, nem todas as trajetórias contam com apoio da família ou contam com parte dela. Em alguns casos, a prática dos jovens futebolistas revela mais tensões e conflitos do que convergências. Ainda assim, algum tipo de envolvimento e investimento familiar é projetado no jovem futebolista, o que tem papel expressivo nas mobilizações e articulações dos projetos, por exemplo, aquelas cujo engajamento se revela mais intenso, apresentam formas específicas de projetos. A atuação familiar não pode ser lida somente como investimento para ter rendimentos no futuro, tampouco a pode ser considerada somente como desinteressada. A expectativa de que a concretização do projeto proporcione os esperados ganhos vindouros fazem da reciprocidade uma expressão basilar e distintiva dos vínculos criados. Porém, as projeções de retribuição não se restringem aos ganhos aguardados para o futuro, visto que os laços de proximidade, partilha e convivência catalisados pelos projetos revelam um dilatado compromisso de retribuição entre seus membros.

Os projetos futebolísticos, orientados por uma matriz relacional alargada, são elaborados quando se visualiza a possibilidade concreta de carreira profissional, legitimada revelação de um “dom” reconhecido pelo próprio futebolista e por terceiros na prática cotidiana: familiares, professores, agentes, espectadores etc. Um *dom*

²⁶ Projetos familiares futebolísticos com lógicas próximas aos projetos universitários das famílias pobres urbanas, baseados na educação como promotora de mobilidade social, nos quais “o investimento em educação superior faz parte de uma estratégia de ascensão social, em busca de opções mais rentáveis de atividade econômica” (Foracchi, 1972, p. 77).

futebolístico multifacetado (Damo, 2007; Palmieri, 2009, p.117-124), com muitas explicações – divino, genético, natural, treinado etc. – para uma condição privilegiada (porém não rematada) aparentemente inexplicável, passível de ser revelada a qualquer momento, mas só compreendido nas relações que constituem os jovens futebolistas, quando “Só o contexto dirá, efetivamente, o que está em jogo quando o termo *dom* é usado” (Damo, 2007, p.199).²⁷

Os jovens futebolistas possuidores do “*dom*” tentam se inserir em um sistema futebolístico de cuja contínua construção são partícipes ativos, não apenas receptáculos passivos ou reprodutores de determinados papéis sociais. Colocar o jovem futebolista no centro das reflexões é observar e analisar o emaranhado de relações que o constitui, tanto em suas individualidades quanto como propriedade coletiva da *família esportiva*. Assim, assumi o desafio de questionar e entender a posição das crianças e jovens dentro do sistema futebolístico, pois são constituídos e constituidores das relações – termos de troca e sujeitos responsáveis pelas trocas – entre os atores que participam do processo de produção de jogadores.

Os jovens futebolistas são pessoas plurais em transformação (Strathern, 2006).²⁸ São objetificações de relações que adquirem sentido no sistema futebolístico que entrelaça os planos amador e profissional. Os jovens futebolistas encerram socialidades neles mesmos.²⁹ As relações são entre termos e os próprios termos, objetificações de relações, são constituídos a partir das relações nas quais se engajam (Gell, 1998). Se os porcos corporificam relações de gênero na Melanésia, como assinala Strathern (2006), os jovens futebolistas se constituem a partir de um conjunto de relacionalidades. Assim, os jovens futebolistas, compostos e indivisíveis, são constituídos por relações e as expressam ao “jogar bola”. O conjunto destas relações é o que chamo de *família*

²⁷ “Dom” e treinamento, por exemplo, são categorias entrelaçadas nos discursos de meus interlocutores e articuladas de forma constante, bem como as noções de valor, talento e carisma (Palmieri, 2009).

²⁸ Segundo Strathern, plural e singular são o mesmo, “são homólogos entre si. Quer dizer: unir muitas pessoas é exatamente como unificar uma”, visto que “uma pluralidade de indivíduos como indivíduos (“muitos”) é igual a sua unidade (um)” (2006, p.42).

²⁹ A noção de socialidade define o modo pelo qual as pessoas criam a si mesmas socialmente. Quando sugere que o conceito de sociedade é obsoleto, Strathern (1996) direciona sua crítica à noção de sociedade como “coisa”, uma abstração concebida e reificada como a soma de interações individuais que regula a conduta dos indivíduos. Segundo a autora, o pensamento antropológico clássico apoiou-se em conceitos dicotômicos, como natureza e cultura, indivíduo e sociedade, e, ao prender-se a tais distinções binárias, rendeu-se a um modo de pensamento essencialmente ocidental, com pressupostos universalizantes sobre a vida humana/não-humana e a crença na existência de sociedades como entidades individuais e unidades holísticas.

esportiva, aqui entendida como um processo relacional, e não como um grupo apriorístico (Wagner, 2010).

Portanto, a produção de jogadores de futebol alimenta-se de jovens futebolistas constituídos relacionalmente em práticas e situações cotidianas. Somente quando constituídos das relações que o definem como futebolista, é que os jovens passam também a ser comercializados. Ao ter como ponto de partida que os jovens futebolistas são constituídos por processos de envolvimento e relacionalidade, anuncia-se, desde já, que o compromisso da tese é desvelar e descrever as relações que os constituem.

O desenho da tese revela a preferência pela descrição etnográfica, o que não implica carência de aparato teórico, mas sim uma preocupação em evitar que o material empírico seja dilapidado por premissas inoperantes. Portanto, não pretendo dispor teoria e etnografia em capítulos separados, mas articulá-las nos capítulos dedicados às diferentes temáticas. Tal configuração visa atentar para a dinâmica relacional do processo de produção de jogadores ao propor que as experiências dos jovens sejam reconstituídas na articulação entre os vários capítulos, e não em somente um capítulo dedicado exclusivamente aos aspirantes a jogador profissional. Cada capítulo pretende não só analisar os principais aspectos observados, mas também confrontar diferentes pontos de vista sobre questões similares às descritas em outros capítulos. As trajetórias de alguns jovens, por exemplo, apresentam diferentes sentidos e passagens se acompanhadas do ponto de vista dos familiares ou dos agentes de futebol ligados a eles.

Apresento uma tese dividida em duas partes.³⁰ A primeira, formada por três capítulos, procura destacar a centralidade da várzea paulistana na construção do problema de pesquisa, indicando sua relevância para as questões sobre a constituição do jovem futebolista desvelada no segmento subsequente. Essa abordagem atravessa

³⁰ Sobre a escrita da tese, algumas considerações. Os termos grifados em itálico referem-se a conceitos e proposições teórico-metodológicas, bem como a expressões em língua estrangeira. O uso de aspas sozinho reserva-se às categorias nativas e falas das pessoas. Optei por preservar as identidades de crianças, jovens e familiares, trocando alguns nomes ou criando apelidos, principalmente daqueles cujas trajetórias são esquadrinhadas no último capítulo, e assim evitar possíveis transtornos à continuidade dos seus projetos familiares e de outros atores, além de preservar a privacidade dos pesquisados, mesmo que tal sigilo não tenha sido solicitado pela maioria. Mantive o nome real de vários atores envolvidos com as dimensões públicas e associativas do bairro, bem como daqueles envolvidos com os clubes varzeanos e a vida política do bairro.

discussões relacionadas ao próprio bairro de Guaianases e ao processo de produção do espaço urbano.

No primeiro capítulo procuro compreender as principais mudanças no universo varzeano nas últimas décadas, tendo em vista que o discurso e as narrativas são sempre construídas em relação a um tempo passado. As dinâmicas históricas do futebol de várzea aparecem sempre atreladas às mudanças e ao crescimento do bairro, à melhoria da infraestrutura e do transporte urbano, à ancoragem dos times em determinadas vilas etc. O segundo capítulo traz uma descrição da configuração atual do futebol de várzea em Guaianases, bem como na Zona Leste e em São Paulo de forma geral, a partir das observações que realizei no Grêmio Botafogo, quando acompanhei partidas amistosas, torneios de várzea, reuniões, deslocamentos para os jogos, negociações e um extenso conjunto de experiências cotidianas ligadas ao clube, relacionadas principalmente à Copa Kaiser de Futebol Amador, principal torneio de futebol de várzea da cidade. No terceiro descrevo como as formas de fazer política podem ser decisivas na organização de um clube de futebol de várzea e seu projeto de produção de jovens jogadores. Observo o envolvimento de pessoas ligadas ao futebol varzeano com um conjunto de práticas e relações políticas que não se relacionam somente à esfera local, mas também ao plano municipal, principalmente durante os períodos eleitorais.

A segunda parte, composta por quatro capítulos, apresenta a constituição de jovens futebolistas por meio de análises sobre o aprendizado de futebol na escolinha e no contexto varzeano, a elaboração de projetos familiares, as atuações dos agentes de futebol e, por fim, a composição de *família esportiva* a partir de algumas trajetórias futebolísticas dos jovens e de suas parentelas. Mais especificamente, no quarto capítulo, centrado na dinâmica cotidiana da Escolinha de Futebol do Botafogo de Guaianases, abordo as relações das crianças e jovens com os professores e treinadores da escolinha, bem como as relações entre as próprias crianças e jovens nos treinos e outras atividades futebolísticas. Tomo como base as observações dos treinamentos e descrição das dinâmicas interacionais que cercaram a agenda de competições da escolinha ao longo de 2011. Ali, percebi que a aprendizagem é contínua e ocorre de forma coletiva, por meio da constituição de habilidades pelo engajamento na prática e educação da atenção. O quinto capítulo focaliza as dinâmicas relacionais familiares que engendram *projetos familiares futebolísticos* que visam transformar garotos em jogadores profissionais de futebol. As trajetórias futebolísticas dos jovens reconfiguram as formas de organização familiar conforme as práticas e valores são acionados dentro do sistema futebolístico. O

sexto capítulo tem como objetivo central problematizar a atuação dos diferentes tipos de *agentes de futebol* no contexto brasileiro a partir dos contatos que travei com diversos atores em Guaianases. Agentes procuram se engajar nos projetos familiares e criar laços com os jovens e suas famílias por meio da proximidade, convívio e partilha de coisas, como objetos, contatos e conhecimentos. No sétimo e último capítulo, reconstituo as trajetórias de cinco projetos familiares, que articulam diversos contextos e atores (professores, agentes, diretores, políticos) etnografados ao longo da pesquisa, para assim matizar a noção de *família esportiva* que tem como base relacionais e as formas de fazer família no sistema futebolístico (amador e profissional).

A estrutura da tese mostra o caminho pelo qual desenvolvi a pesquisa, partindo do ambiente varzeano que abriga as práticas dos jovens futebolistas aos atores e formas de engajamento que efetivam o projeto familiar e que fazem a *família esportiva*. Se a tese termina com a descrição das objetificações que constituem os jovens, analisadas a partir de cinco trajetórias familiares, estas caberiam também como ponto de partida. Assim, início e fim podem ser invertidos, o que indica a não linearidade da organização da tese.

PARTE I

A VÁRZEA... NA VIDA EM GUAIANASES

Hoje a Unidos conta
a vida em Guaianases pra você
Sempre ouvimos os políticos
ao nosso povo prometer

Hoje a Unidos canta
a vida em Guaianases pra você
Sempre ouvimos os políticos
ao nosso povo prometer

Comércio hoje está paralisado
depois do plano cruzado³¹
não podemos mais comer.
É, a segurança já se foi
a malandragem na ativa
pra poder sobreviver
Guaianases nem precisa de lazer
a moçada quer beber
a cerveja que nem tem

Quatro horas da manhã
é hora de acordar
senão você não pega o trem
Quatro horas da manhã
é hora de acordar
senão você não pega o trem

A sociedade não tem jeito
já estamos satisfeitos
com apenas um vagão
Existe um povo bom em Guaianases
que não tem privacidade
e não tem compreensão

Tudo bem, que emoção,
criança com saúde e com educação
Tudo bem, que emoção,
criança com saúde e com educação

A Vida em Guaianases

(Unidos de Guaianases, samba-enredo, carnaval de 1986)

³¹ Plano econômico nacional lançado pelo governo federal brasileiro em fevereiro de 1986 durante a presidência de José Sarney para conter a alta inflação. Dentro do conjunto de medidas econômicas, destacava-se o congelamento de preços de bens, serviços, salários e da taxa de câmbio; e alteração da unidade do sistema monetário de cruzeiro para cruzado.

Capítulo 1

Campos, festas e pedreiras: narrativas varzeanas

Voltei do almoço com Jurandir e Sérgio. Enquanto eles abriam o vestiário da administração, fui ao campo do Botafogo tirar fotos da reforma. O gramado sintético chegou na semana passada e já começou a ser colocado. Decidi dar uma volta completa no campo para obter fotos de outros ângulos da reforma. No caminho, como sempre, alguns paravam para olhar as obras, crianças em sua maioria. No lado oposto ao CEU Jambeiro, em frente ao córrego, encontrei um senhor idoso parado, apoiado na grade. Vestia uma camiseta regata, bermuda e um par de chinelos de dedo. Fumava um cigarro enquanto olhava as obras do campo. Passei por ele, caminhei em direção à entrada desativada do CEU. Quando voltei, aquele senhor estava parado na mesma posição, já com outro cigarro em mãos. Puxei conversa. Miltinho, como pediu para ser chamado, contou sua longa relação com o futebol de várzea. Morador da Vila Aurora, em Guaianases, há mais de 20 anos, antes tinha residido em outros bairros da zona leste. “Sempre joguei bola na várzea”, me disse, para em seguida começar a criticar a troca do terrão pelo gramado sintético: “Isso não é bom. Estão acabando com a nossa várzea hoje. Tem que ser terrão mesmo, como sempre foi”. Miltinho se desculpou, mas pediu licença, pois ainda não tinha almoçado. Mas antes de ir, fez questão de reafirmar: “Antigamente, a várzea era melhor. Na minha época, era muito melhor”. Mas o que *era* o futebol de várzea “na minha época”? E o que *é* o futebol de várzea hoje? (caderno de campo – fev. 2012).

Falar de futebol com os varzeanos – sejam esses jogadores, torcedores, dirigentes ou entusiastas do esporte – é uma viagem pelo tempo e pelo espaço a partir das suas memórias e narrativas. Narrativas que exploram e revelam uma pluralidade de versões e definições do que “era” e do que “é” o futebol de várzea, construídas na relação entre tempo e espaço nos campos de futebol, no bairro e na cidade. Quando o interlocutor é um veterano, com seus 40, 60 ou 80 anos, a conversa geralmente gira em torno de “uma várzea que não existe mais” ou uma “várzea que já acabou”. O cenário varzeano atual é abordado, mas de forma crítica, em comparação ao que foi vivido em outras épocas, quando “a várzea já foi melhor”. Estas expressões pouco aparecem quando o interlocutor é um futebolista mais novo, que atua nos quadros principais das equipes de hoje. O assunto destes é o futebol de várzea atual. Porém, ao iniciar a conversa com um jovem, em muitos casos este indica um familiar ou conhecido que acompanhou a várzea em períodos anteriores. “Você quer saber sobre a várzea? Ah, tem que conversar com meu pai, ele jogou muito por aí”. A resposta de Gustavo, membro de uma família de varzeanos, evidencia que falar de futebol de várzea é, muitas vezes, falar sobre um passado de uma prática esportiva, de um bairro e de uma cidade que não se

reconhecem mais em um presente; é falar sobre um passado romântico e nostálgico frente ao conjunto de transformações; é falar sobre um presente assombrado pelo passado, mas ao mesmo tempo com a vantagem de o discurso de ser sempre mais moderno.

Esse passado é revelado por fontes orais, com alguns informantes mais centrais do que outros entre as pessoas ligadas ao futebol de várzea. Porém, a cada caminhada pelo bairro, emergem novos relatos e depoimentos. Além das fontes orais, tem-se contato com material fotográfico das décadas de 1950, 60 e 70, carteirinhas dos clubes, antigas atas de reuniões, faixas de campeão e recortes de jornal. Os acervos futebolísticos, apresentados com orgulho, como relíquias, concentram-se nas sedes dos clubes, bares e campos, mas também se espriam pelas residências dos varzeanos, onde os objetos de memória futebolística se amalgamam e se confundem com os registros de histórias familiares – fotografias de filhos e netos, festas de aniversário e casamento, quadros com diplomas e certificados – que decoram os cômodos das casas.

O objetivo deste capítulo, porém, não é construir uma história sobre o futebol de várzea na cidade, tampouco apresentar uma pesquisa de documentação histórica de uma prática difícil de ser recomposta por fontes oficiais, mesmo quando observada a partir dos registros dos clubes. O foco é sobre as espacialidades e temporalidades que permeiam as narrativas dos varzeanos. Além de não me prender a uma linearidade rígida ou a um período histórico específico, apesar de a maioria dos relatos abordar as décadas entre 1950 e 1980, faço também uma inversão do sentido seguido pelo processo de popularização da prática do futebol amador em São Paulo,³² bem como da dinâmica

³² A várzea do Carmo foi um dos primeiros espaços utilizados para a prática futebolística por diferentes segmentos citadinos no início do século XX. Abandonada pela aristocracia, a várzea passou a ser utilizada por clubes populares, cuja prática passou a ser designada de futebol de várzea e, seus praticantes, de varzeanos já nas primeiras décadas do século XX, para assim diferenciá-los do futebol oficial (Santos Neto, 2002). Antes restrito aos clubes aristocráticos e colégios de elite, alcançou os bairros proletários, e, posteriormente, os subúrbios da cidade. Após superar os primeiros passos aristocráticos, transpôs também certas barreiras socioculturais e já reunia aproximadamente dois mil clubes no estado de São Paulo na década de 1910 (Negreiros, 1992, p.51). Uma popularização que esteve, portanto, ligada ao futebol jogado por trabalhadores, operários, imigrantes nos momentos de lazer, bem como por equipes de empresas e fábricas. Assim, trata-se de uma prática coletiva e heterogênea se que se popularizou principalmente a partir da década de 1920, abrangendo diferentes classes sociais e alcançando várias regiões da cidade. Se o futebol teve seu início e consolidação nas várzeas dos rios Pinheiros e Tietê, junto ao centro antigo e aos bairros do que se considera hoje centro expandido, foi nas áreas suburbanas e periféricas que a prática encontrou abrigo conforme a cidade ganhava contornos de metrópole. Antes presente também nas áreas centrais, o futebol de várzea “mudou de lugar” (Adaudo, 1999, p.119), consolidou-se nos subúrbios da cidade e a expressão passou a ser utilizada para designar o futebol não profissional praticado nos campos de terra em diferentes regiões da cidade, mas principalmente nos bairros periféricos.

de crescimento e populacional da cidade, porque o olhar aqui escolhido, apesar de procurar destacar a circularidade das práticas futebolísticas na metrópole, parte inicialmente do sentido periferia-centro ou, como os varzeanos geralmente se referem ao bairro em épocas anteriores, subúrbio-cidade.³³

A várzea se alimenta da memória acionada nas narrativas que conferem sentido às práticas do futebol através de lembranças e ritmos temporais marcados por rupturas e lacunas. A questão temporal se apresenta, portanto, como fundamental para compreender não só os sentidos que o futebol varzeano desperta nas memórias dos moradores de Guaianases, pois as narrativas revelam um passado rememorado a partir dos sentidos conferidos no tempo presente a um conjunto de eventos e percepções do que “era” o futebol de várzea. Tal ritmicidade temporal de rememoração do passado sugere uma contínua reelaboração das percepções frente às vivências e transformações do presente, bem como uma retomada transformadora dos fragmentos e momentos de um passado restaurado. Depoimentos e narrativas construídas por diversos atores vinculados ao futebol do bairro e da cidade, de forma geral, escudam a proposta de uma *etnografia da duração* (Rocha; Eckert, 2013), pautada pela observação, documentos, imagens, fotografias, e voltada à compreensão das narrativas biográficas e processos sociais com base num passado lembrado e reconstituído a partir do tempo narrado, das reflexões e experiências vividas pelos cidadãos no presente, no tempo da interação etnográfica.

Portanto, rememorar situações e contextos de um passado varzeano em meio a representações, lembranças e imagens que permeiam o tempo presente permite compreender o lugar do futebol de várzea na memória coletiva³⁴ de uma cidade concebida como objeto temporal (Rocha; Eckert, 2005; 2013, p.200), notadamente polissêmico e heterogêneo, vivido e narrado pelos cidadãos, operadores de um trabalho

³³ “Subúrbio” é utilizado aqui e em outros momentos como fala “nativa” referente ao modo como o bairro era denominado em períodos anteriores. Sobre o uso da noção de subúrbio para os bairros afastados da região central, conferir Martins (2001). Para Martins, a noção de subúrbio é distinta e anterior à de periferia em termos teóricos e históricos, utilizada para se referir ao “entorno da cidade de São Paulo durante dois séculos” (Martins, 2001, p.75).

³⁴ Para Halbwachs (1990), a memória individual é elaborada a partir de experiências construídas nas relações travadas com outros sujeitos e grupos sociais e que projeta um ponto de vista sobre a memória coletiva, que assim resulta de compartilhamentos e tempos coletivos.

de recordar que constrói o cotidiano nos jogos de relações e das experiências urbanas no fluxo temporal descontínuo.³⁵

Os veteranos gostam de revivificar lembranças e experiências, principalmente de forma coletiva, de uma época quando: as escalações dos times pouco mudavam e eram orientadas pelas redes de parentesco e vizinhança; a confraternização valia tanto quanto o jogo; os ídolos dos garotos eram os jogadores do próprio bairro; os jogadores se reuniam em outros momentos cotidianos e rituais, como festas e mutirões; os projetos familiares direcionavam os filhos para uma vida de estudos, faculdade e trabalho; as desavenças eram resolvidas, se preciso, na faca e na peixeira, sem armas de fogo; ruas e campos de futebol eram de terra em uma paisagem uniforme, de um urbano ainda cercado por densas matas; o Brasil ainda tentava se convencer que era o país do futebol.

Histórias e relatos da várzea, transmitidos de geração para geração, ganham vida nas dinâmicas e códigos dos bares e salões de barbearia, espaços de sociabilidade que sempre estiveram ligados ao futebol. Ao mesmo tempo coletivas e compartilhadas, as memórias são protegidas, pois os varzeanos sabem do valor das suas histórias, das experiências e lutas diárias. Tempos ora relatados como de privação, ora lembrados como de abundância. Privação de energia elétrica expressa no uso de lampiões de querosene; abundância de pêssego nas chácaras das famílias japonesas da região.

Não é raro mais de uma pessoa, em uma mesma conversa, começar uma frase com: “Na zona oeste não podemos esquecer do...”, ou “Na Vila Matilde tinha também...”. Verifica-se também a reiteração de certas frases para cada clube citado: “reinou absoluto na várzea paulistana”, “aquele time tem história”, “foi a equipe que teve mais craques na várzea”, “é o mais querido do bairro” ou “foi o maior esquadrão da época”.³⁶ Escalações de grandes esquadrões do passado traem a memória e variam de acordo com o narrador, ou mesmo pelo mesmo narrador a depender do dia. Se datas dos

³⁵ Vale destacar a pesquisa de Rafael Lopo (2008) sobre as dinâmicas, narrativas e formas de sociabilidade do futebol de várzea de Porto Alegre. Amparado pela proposta de uma *etnografia da duração*, Lopo voltou-se aos momentos de conflito, tensão, ruptura e cisão para compreender como as experiências varzeanas revelam formas cíclicas de viver cotidianamente a cidade.

³⁶ Guaianases F.C., Grêmio Botafogo, 1º de Maio, os clubes mais antigos, são sempre lembrados como as principais referências do futebol de várzea do bairro. Mas os varzeanos citam diversos outros clubes locais, alguns deles ainda ativos, ainda que só com suas equipes de veteranos: Flaminguinho, Palmeirinhas, Corinthinha da Passagem Funda, Guarani, Comercial da Vila Rosa, Vila Minerva, Continental, Ameriquinha, Paulistano, Portuguesa, Caratinga, Coração de Bronze, Santos da Vila Rosa, Estrela de Guaianases, Jardim Helena, São Paulo do Jardim Helena, Ipiranga (lembrado por todos como o time do japonês Ogata), Minas F.C. da Nordestina, São Luiz (time da pedreira), Vila Jaú, Vila Nova, Cosmopolita, Codó, Bahia, Gaviões, Tupi, Brasil F.C., Princesa, Ponte Preta da Vila Minerva, Flor das Paineiras, River Plate, Eletric, Francana, Doze de Agosto, Bangu Pedra 90. A estes, juntam-se times criados nas décadas seguintes, como Coroados, Titanus, Jardim São Carlos, A.A. 8 de Maio e Vila Nova.

jogos e escalações dos times variam conforme o narrador, o mesmo não se pode afirmar sobre os principais jogadores evocados. Ao mesmo tempo, são comuns embates acalorados envolvendo o nome do melhor dentre os principais craques que jogaram pelos campos do bairro. Quem foi melhor? Ubiraci do Botafogo, ou Ricardo do Guaianases, ou Neco Baiano do Santa Cruz – e segue uma lista interminável –, ou Sassarico, Zezinho Calipeiro, Farelo, Altimir, Melão, Matheuzinho, o japonês Fumio, ou lendário goleiro Landico? Por vezes, esquecem até nomes de jogadores, mas recordam com riquezas de detalhes de festivais, partidas e até mesmo certas jogadas de habilidade ou inesperadas. O veterano Nélio comenta que de tanto narrar algumas jogadas e gols da época em que jogava no Botafogo foi repreendido pela mulher. Certa vez respondeu: “E daí, nêga? Quantas vezes o Basílio já falou sobre o gol de 77?”.³⁷

Recordam o quão diferente era o futebol praticado em outras épocas: a dedicação e lealdade aos clubes; como a prática era mais técnica que física; a rotina, objetivos, expectativas, projeções de carreira no futebol. “Naquela época a gente jogava por amor, pelo prazer de jogar futebol, por gostar do clube, e não para ganhar dinheiro. Isso a gente recebia na nossa profissão”. Épocas quando as equipes eram representadas por jogadores do próprio bairro, que moravam próximo ao campo e tinham mais credibilidade que os jogadores de outras localidades. Embora essa “fidelidade” seja citada e valorizada, vários depoimentos revelam a circulação dos jogadores por diferentes times, jogando sábado por uma agremiação, domingo por outra. Havia um desejo de jogar durante todo o tempo livre. A trajetória de Zé Maria, que procurava jogar futebol todo sábado e domingo, permite compreender as múltiplas vinculações dos jogadores.³⁸ As mudanças de time de Zé Maria ao longo de mais de cinquenta anos dedicados à várzea visam atender esse desejo de jogar. Portanto, a circulação de jogadores, observada e realçada atualmente, já era prática consolidada no futebol varzeano, porém com outra dinâmica.

Olheiros, responsáveis por selecionar varzeanos para o futebol profissional, circulavam pelos campos varzeanos, recrutando jogadores para testes nos clubes da cidade. Lembram-se de histórias de jogadores que optaram por não se profissionalizar e continuar atuando na várzea como amadores, pois já tinham uma ocupação profissional

³⁷ A carreira do jogador João Roberto Basílio, meio de campo com passagens por Portuguesa e Corinthians, ficou marcada por ser autor do gol do título do Corinthians na terceira e última partida contra a Ponte Preta nas finais do Campeonato Paulista de 1977. Título que encerrou o jejum do clube de quase 23 anos sem conquistas significativas.

³⁸ Abordarei sua trajetória na segunda parte desta tese.

fora do futebol tão ou mais recompensadora naquela época.³⁹ Alguns deles atuavam pelos clubes das fábricas e empresas em que trabalhavam, onde conseguiram emprego por meio da prática do futebol, beneficiados com melhores horários e adicionais nos salários – os famosos “bichos” por jogo⁴⁰ – uma das oportunidades de rendimentos extras que o futebol oferecia. Além disso, ser jogador de futebol não era uma “profissão” tão bem vista na época, com o *status* social e econômico que detém atualmente. “Os jogadores eram muito melhores, tinha muito mais times. Nem sei se hoje é tão organizado assim. Na nossa época, também tínhamos torneio tipo a Kaiser. Tínhamos mais: a Copa Arizona, o Desafio ao Galo. Passava na TV inclusive”. Outros jogadores tentavam ingressar nos clubes profissionais, mas seguir uma carreira no futebol já não era fácil na época. Além disso, as obrigações familiares exigiam a dedicação aos estudos, mas principalmente o ingresso desde cedo no mundo do trabalho. O comprometimento com o projeto familiar aparece nas narrativas de muitos varzeanos como a principal justificativa para não ter dado continuidade às tentativas de seguir a carreira de jogador (Spaggiari, 2010, p.159). A vida boêmia e o abuso do álcool também são citados para justificar uma possível não profissionalização.

O reconhecimento da prática que os mobilizava é exemplificado pela relação do futebol de várzea com o mercado editorial esportivo da época. Os jornais, como *A Gazeta Esportiva*, conferiam espaço para as práticas varzeanas com notícias sobre os festivais, divulgação dos jogos dos finais de semana e relatos das partidas. Afrânio se lembra de ler histórias e relatos sobre a várzea na coluna “No Mundo Futebol”, escrita por Ângelo Lazari no jornal criado pelo jornalista Cásper Líbero em 1947. Mencionam também a seção “Celeiro de Campeões”, do jornal *Última Hora*, destinada

³⁹ São histórias posteriores à década de 1930, quando houve o reconhecimento oficial da profissionalização do futebol no Brasil. A necessidade da instituição de normas para a profissionalização surge da consolidação de um cenário no qual os clubes competiam não só por títulos, mas também pelos melhores jogadores, a quem ofereciam pagamento em dinheiro e outros benefícios (Franzini, 2003, p.60-61). Um processo de transição que ocorreu não só devido ao interesse dos clubes, mas também pela situação de desagrado dos jogadores que “não aceitavam mais a situação contraditória que viviam no início da década de 1930” (Franzini, 2003, p.62): ainda qualificados como amadores dentro um cenário já marcado por acentuado profissionalismo, os jogadores “não dispunham de qualquer garantia formal que lhes permitisse exercer seu trabalho com segurança e tranquilidade” (*op. cit.*, *idem*). Diversos trabalhos abordam o período do *amadorismo marrom* e a passagem para a era profissional, entre eles, Caldas (1990), Pereira (2000), Franzini (2003), Salles (2004), Negreiros (2008) e Duarte (2013).

⁴⁰ Expressão utilizada também no futebol profissional em referência ao pagamento extra conferido aos jogadores a depender do resultado final da partida.

exclusivamente aos clubes e competições, e a cobertura do futebol varzeano no jornal *O Dia*, que divulgava festivais e jogos.⁴¹

Cores das camisas, escudos dos times, escalações, principais jogos. Tudo é rememorado diariamente, de forma inesgotável, sempre que tiver um ouvinte disposto a se inteirar sobre o futebol de outras épocas. Partidas memoráveis não só pelos lances e jogadas de um futebol que é reiteradamente considerado extinto, mas também pelas disputas, conflitos, discussões e formas de violência dentro e fora de campo. Afinal, não se trata de um passado composto só de vitórias e glórias, mas também de dramas e tristezas. As poucas derrotas narradas são seguidas de momentos de superação com a conquista de novos triunfos. Um dos fatos mais narrados em Guaianases é a morte do irmão de Airton, ex-jogador do Botafogo de Guaianases e técnico do clube por muitos anos, na década de 1960. São várias versões sobre a repentina queda do jovem no campo do Santa Cruz, vítima de um ataque cardíaco. Cada versão traz a garantia do “eu estava lá”. Tal como no gol mais bonito da carreira de Pelé, presenciado por todos os juveninos em uma minúscula rua Javari em 1959, diversos moradores do bairro afirmam ter acompanhado a dor de Airton naquele dia.

No entanto, os varzeanos afirmam que não são nostálgicos. E ao mesmo tempo em que refutam acusações de que teceriam uma visão romântica de outros períodos, defendem que não existe mais a várzea, ou, como dizem, a “várzea dos bons tempos”. Criticam a atual falta de comprometimento e o fato de os jogadores não se reunirem para confraternizar na sede ou em um bar após os jogos. Se antes as principais formas de sociabilidade masculina do bairro estavam entrelaçadas às atividades dos clubes, com festas, bailes e outras atividades lúdicas (bocha, carteadado, dominó), atualmente o futebol de várzea se resume à prática do esporte. “Na época, o clube era uma das poucas formas de lazer que tínhamos aqui. Hoje não, tudo mudou”, afirma o veterano Afrânio. Argumentam que o “fim” do futebol varzeano levou muitos antigos praticantes e frequentadores a se afastarem da várzea para se dedicarem à família ou à igreja. Outros defendem que o futebol de várzea não acabou por causa dos veteranos, que mantêm a “verdadeira várzea na ativa”, seguindo os valores tradicionais, vinculados principalmente às relações familiares, de amizade e vizinhança.

⁴¹ Como aponta Leite Lopes (1994), o jornalismo esportivo teve um papel fundamental na distinção entre futebol profissional e futebol amador. Sobre a relação da imprensa com o futebol varzeano, conferir Seabra (2003, pp. 370-372) e Silva (2013).

Ao mesmo tempo em que preservam a imutabilidade de uma “verdadeira várzea” de outras épocas, as narrativas sobre o futebol de várzea revelam certas transformações na prática e no modo de fazer a cidade (Agier, 2011), modificada constantemente pelas próprias memórias do futebol de várzea e do bairro, que agenciam mudanças em um cenário citadino que se transformou em poucas décadas. Transformações urbanas reelaboradas não só por meio das narrativas e “artes de dizer” (De Certeau, 1994), mas principalmente a partir das territorialidades reveladas nos deslocamentos com os jogadores veteranos pelo bairro e por toda a cidade. Em caminhadas e passeios pelas ruas do bairro, imerso nas dinâmicas cotidianas e relações de vizinhança, desvela-se uma Guaianases composta por campos e praças esportivas. Os olhares dos varzeanos, que contemplam campos de várzea atuais e antigos pelo bairro, descortinam vários ritmos temporais citadinos e proporcionam reflexões sobre a territorialidade dos campos de futebol e as transformações no espaço urbano. Nos deslocamentos pelo bairro, os futebolistas traçam mapas atemporais dos espaços futebolísticos do bairro, conferindo mobilidade e identidades a campos que foram desativados e transformados em casas, conjuntos habitacionais, escolas, hospitais e novos centros esportivos.

Assim, campos atuais convivem com espaços futebolísticos que hoje não mais compõem a paisagem urbana, mas que continuam a ser referências espaciais importantes entre aqueles que compartilham certos códigos. Tratados como espaços históricos de um tempo ideal, os campos de várzea não deixam de ser vivenciados no tempo e no espaço dos varzeanos, tampouco se tornam esvaziados de relações e trajetórias. Ainda que não existam mais, continuam a configurar valores e identidades, pois os trajetos percorridos são formas de inscrever a própria experiência nos espaços urbanos e conferir significado aos espaços do bairro e da cidade (De Certeau, 1994). Consequentemente, os trajetos cotidianos pelo bairro permitem visualizar outro mapa da cidade, muito singular, traçado a partir de uma *etnografia de rua* (Eckert; Rocha, 2003) que procura explorar as experiências citadinas nos deslocamentos e caminhos pelas paisagens e cenas urbanas, atenta aos sons e movimentos projetados por aqueles que ocupam e produzem a cidade.⁴²

⁴² Contudo, não se trata de um mapeamento exaustivo dos campos e clubes de futebol varzeanos de Guaianases. Mais do que uma cartografia dos campos de futebol em São Paulo, trata-se de entender a territorialidade de uma cidade futebolística; a relação entre a territorialidade dos campos e seus jogadores a partir de espaços descontínuos da cidade.

Duas imagens do Campo do Titanus, em Guaianases, que recentemente foi desativado para a construção de um prédio residencial (Foto: Enrico Spaggiari).

Vista da área do antigo Campo do Roseira, na Estrada de Poá, localizada na divisa entre Guaianases e Ferraz de Vasconcelos, ocupada atualmente por um motel (Foto: Enrico Spaggiari).

Vista da rua Achioly da Fonseca, área do Campo do 1º de Maio (um dos clubes mais antigos do bairro), que foi desapropriada durante a gestão da Luíza Erundina (PT) para a realização de mutirão e construção de casas populares (Foto: Enrico Spaggiari).

Vista do atual do Campo do Gaviões (Foto: Enrico Spaggiari).

No primeiro plano, atual campo do Unidos de São Carlos. Ao fundo, gradeamento do campo do Jardim São Carlos. São dois clubes diferentes na mesma vila do bairro (Foto: Enrico Spaggiari).

Campo do E.C. Coroa da Prestes Maia, na rua Igarapé Peixoto (Foto: Enrico Spaggiari).

Campo do E.C. Brasil, na rua Jardim dos Tamoios. O Grêmio Botafogo utilizou o campo durante a década de 1990 para sediar as partidas de seus diversos quadros (Foto: Enrico Spaggiari).

Nas narrativas dos moradores sobre os campos de futebol varzeano aparece a transformação do espaço de “mato” em “bairro”, em um período de abundância de espaços para a prática do esporte até a década de 1950, quando crianças e jovens não precisavam jogar bola nas ruas, tidas ainda hoje como os principais e primeiros espaços de socialização de futebol das crianças. Os futuros futebolistas ocupavam os terrenos baldios que sobravam no bairro, limpavam e faziam um campinho, ponto de encontro para as peladas dos jovens praticantes. Descalços e descamisados, utilizavam qualquer objeto esférico como bola, faziam suas próprias regras, sem a preocupação de disputar campeonatos. Como ressaltam os varzeanos, o campo é fundamental para construir a identidade de um clube. São identificados com o nome do clube, ou do dono do terreno, de alguma figura importante ligada ao futebol, ou com o nome da localidade no bairro, seja a vila, a rua, alguma referência urbana ou uma característica geográfica. Ter um campo próprio e a sede própria – tal como a construção da casa própria – aparecem como símbolos de luta dos futebolistas. Referências centrais de diferenciação social, a residência e o campo de futebol são costurados nas narrativas, ambos tidos como projetos individuais e coletivos, pessoais e familiares. Se as condições da casa diferenciam os moradores do bairro, certos aspectos – ter ou não um campo, ser gramado ou de terra batida, ter ou não ter iluminação – diferenciam, criam hierarquias e estabelecem rivalidades entre os clubes varzeanos. Os campos variam de medidas, formatos, em terrenos improvisados, disformes, repletos de desníveis, enlameados e esburacados, pois sua construção era feita o mais rápido possível. “Os times chegavam, ocupavam e limpavam o terreno, e colocavam as traves para já deixar claro: aqui é um campo de futebol, e a gente vai jogar bola”, resume Afrânio. Os campos irregulares promoviam um estilo de jogo que teria marcado o próprio modo de se jogar futebol no Brasil. Um futebol que precisava ser criativo para harmonizar a relação entre jogadores, bola e campo de jogo. Um exemplo famoso é o campo localizado ao lado da av. Aricanduva, conhecido como “Esmaga-Sapo”, que teve uma de suas laterais encurvadas após as obras de construção de uma ligação entre a av. Radial Leste e a av. Aricanduva.⁴³

⁴³ A diversidade dos campos de várzea paulistanos pode ser visualizada na página do Facebook Estrelas da Várzea, do jornalista José Ricardo Yoshiga Souza, que mapeou campos de diversos formatos – quadrados, losangos, trapézios, pentágonos. Cf. <<http://www.facebook.com/estrelasdavarzea>>. (Acesso em: 12/10/2013).

A dificuldade para encontrar e estabelecer um espaço para a prática num cenário de disputas pelo espaço urbano do bairro era algo recorrente no futebol varzeano de Guaianases. Em outras épocas, diversos clubes conseguiram um campo por meio da doação de terrenos ou apropriação do espaço público, até então pouco controlado, tendo em vista a recente e incipiente urbanização da região. Conforme a cidade passava por inúmeras transformações na ocupação de seu espaço – investimentos imobiliários, construção de moradias populares, reformulação da malha viária urbana etc. –, o futebol de várzea perdia campos e sedes – seus espaços e lugares de pertencimento – para a reapropriação do espaço pelo setor privado e pela Prefeitura. Era difícil para um clube se manter sem um campo de futebol. Vários clubes do bairro encerraram suas atividades após perderem seus campos de futebol, retomados pelos proprietários ou por setores do poder público, enquanto outros clubes desafiam até hoje o conjunto de transformações urbanas que, de forma contínua, alimenta o processo de urbanização em curso no bairro e na cidade.

Os trajetos descritos não se restringem a Guaianases e ampliam o mapa de campos de várzea desativados para outras regiões da cidade. Os varzeanos se lembram de jogar em campos nas várzeas do rio Tietê, espaços onde se localizavam diversos campos desde o início do século XX e que continuaram a ser muito utilizados para a prática do futebol nas décadas seguintes, principalmente antes da construção das avenidas marginais entre as décadas de 1950 e 1970. Entre os campos mencionados, aqueles sediados próximos às áreas centrais são lembrados com nostalgia: alguns rememoram jogos no antigo campo do “Areião”, no bairro de Pinheiros, utilizado para a construção do Shopping Eldorado nos anos 1970; outros narram partidas disputadas nos campos do Leão do Morro, 1º de Maio, Sete de Setembro e Brasil de Pinheiros, desativados para a construção de um conjunto habitacional (BNH) no bairro da Vila Madalena; o veterano Cândido se lembra de acompanhar jogos do tio no campo do Café do Ponto, localizado na Estrada da Boiada, atual rua Diógenes Ribeiro de Lima, no bairro de Alto de Pinheiros; e também são lembrados os vários campos do Parque do Povo, desativados recentemente no bairro do Itaim-Bibi após uma longa batalha judicial e o processo de tombamento do parque.⁴⁴ E outras dezenas de praças esportivas são

⁴⁴ Sobre o processo de tombamento do Parque do Povo, ver Magnani & Morgado (1996). Em 2006, realizei pontuais observações no Parque antes da desativação completa de todos os campos e da reforma para a construção de uma nova praça de lazer que eliminou qualquer resquício da prática do futebol varzeano que perdurou naquele espaço por quase 80 anos.

citadas, entre elas: o campo do E.C. Canto do Ipiranga, que ficava no morro do Heliópolis, atrás do frigorífico Ceratti, na antiga estrada para São Caetano; o campo da Mocidade do Glicério, que ficava ao lado do antigo Parque Xangai; o campo da empresa de leite Vigor, localizado em algum lugar próximo à rodovia Dutra; o campo da Silvicultura no Horto Florestal; o campo do Sul-Americano, no Bom Retiro, bem em frente ao Sambódromo do Anhembi; o Campo da Portuguesinha e o Campo da Brahma na Vila Mariana.

O antigo Campo Areião, na área que atualmente abriga o Shopping Eldorado, no bairro de Pinheiros (Foto: Aldo Anhezini).

A maioria destes campos de várzea foi desativada até a década de 1970. Redução que foi objeto de políticas de intervenção na metade dessa década, conforme registram jornais da época. O veterano Alencar guarda um exemplar do *Estado de S. Paulo*, com uma matéria (terça-feira, 22 de janeiro de 1974) redigida pelo jovem repórter Fausto Silva, o Faustão, trazendo um levantamento do número de campos na cidade, relata a preocupação do poder público com a escassez de praças esportivas:

A CIDADE ESTÁ DESTRUINDO SEU FUTEBOL DE VÁRZEA

“Sem apoio, sem campos, o futebol de várzea está sendo vencido pelo progresso”.

“As soluções são poucas e caras”

“Os campos, menos de 300”

Um levantamento feito pela seção de campos varzeanos da Secretaria Municipal de Esportes, mostrou que, nos últimos anos, mais de 500 campos de futebol, entre particulares e oficiais, deram lugar a escolas, hospitais, avenidas e, principalmente, indústrias. Atualmente, há menos de 300 campos: 132 municipais e cerca de 150 particulares.

Na área onde hoje está o Parque Anhembi, existiam 200 campos de futebol; cerca de 100 campos desapareceram com a abertura das avenidas Rubem Berta e 23 de Maio, e houve perdas também na Vila Maria, Baixada do Glicério, marginais de Pinheiros, Santana e Lapa.

Com a explosão imobiliária, as áreas para a construção de campos de futebol estão cada vez mais escassas e são encontrados alguns locais, na periferia, aonde a Secretaria Municipal de Esportes vem preparando cerca de 50 campos.

Na Mooca existem sete campos varzeanos; na Penha, 19; na Vila Prudente, apenas um; em São Miguel Paulista, 20; em Santana, onde havia 100 campos, entre oficiais e particulares, hoje restam 17; na Freguesia do Ó, 8; em Pirituba, 12; Santo Amaro, que possui ainda algumas áreas disponíveis, ficou com 18 campos varzeanos; Pinheiros com a retificação do rio, perdeu mais de 50 campos e hoje tem apenas 10; na Lapa, com a retificação do Tietê e com a construção de casas, houve a diminuição de 15 para apenas 4; a Sé está com cinco e a Vila Mariana, com dois.

A Secretaria Municipal de Esportes está construindo 46 campos, assim distribuídos: São Miguel 9; Penha 5; Freguesia do Ó 11; Pinheiros 2; Guaianases 5; Santana 2; Santo Amaro 12.

Apesar da construção de 46 novos campos, aumentando os atuais 132 oficiais, os técnicos da Secretaria Municipal de Esportes acham que ainda faltarão locais para os muitos jogadores de fins de semana. O secretário municipal de esportes, Paulo Machado de Carvalho, o “Marechal da Vitória”, com muitos anos de experiência como dirigente de futebol profissional, demonstra pessimismo: “São Paulo não possui mais áreas de recreação e, além disso, os campos de futebol exigem muito espaço”.

Frente ao processo de crescimento urbano, os campos de futebol foram decisivos na ampliação e delimitação do espaço urbano. Assim, a definição do que é o futebol de várzea está atrelada à relação dos campos com a dinâmica do bairro e os percursos dos varzeanos por uma cidade cujos espaços se transformavam rapidamente.

Em Guaianases, as narrativas sobre as dinâmicas futebolísticas e experiências cidadinas de uma agremiação esportiva em particular, E.C. Santa Cruz, operam jogos da memória e revelam muito sobre as transformações da cidade, as formas de sociabilidade e sobre as camadas de tempo da vida urbana.

1.1 – O “Galo da Central”

As narrativas incorporam diferentes temporalidades para abordar a história do bairro. Alguns iniciavam por aqueles que chamavam de “os primeiros habitantes”, os índios do aldeamento Guaianás, catequisados por jesuítas e cuja população foi totalmente extinta antes do final do século XIX. A versão narrada pelo morador Faustino é a de que o bairro teve sua formação a partir de um aldeamento dos índios Ururai em São Miguel Paulista, que foram forçados, por ordem do capitão da Capitania de São Vicente, a seguir pelo rio Uraraí (atualmente rio Tietê) até chegar ao novo território. Outros varzeanos tomam como ponto de partida a segunda metade do século XIX, quando a região torna-se ponto de parada e pousada de viajantes, período de construção da igreja em homenagem a Santa Cruz do Lajeado, inaugurada em 1861 (e que teve sua padroeira trocada para Santa Quitéria), e da Estação Ferroviária, com a chegada da linha Estrada de Ferro Norte. Ambas estavam situadas no setor do bairro hoje denominado Lajeado, sendo a área da igreja chamada de Lajeado Velho e o da Estação Ferroviária designada de Lajeado Novo, onde foi construída outra capela, também dedicada a Santa Cruz no final do século XIX.

As narrativas varzeanas remetem a um período pouco posterior, quando somente dois clubes, criados por famílias tradicionais do Lajeado Velho – atual Lajeado, o distrito mais populoso do bairro –, dominavam o cenário varzeano da região nas primeiras décadas do século XX. O Atlas Lajeadense F.C., primeiro clube do bairro, foi fundado em 1915. Na década de 1930, surgiu o União F.C. Em comparação aos demais bairros da cidade, o futebol em Guaianases se estruturou de forma tardia, em sintonia com o próprio processo de expansão da região, visto que nas áreas centrais, desde a primeira década do século XX já havia clubes de futebol de várzea, em que se praticavam o esporte em paralelo ao futebol amador das ligas oficiais da época. Ambos, Atlas e União, são citados como os primeiros representantes do futebol de várzea no bairro, porém poucos relatos abordam esse período. Varzeanos por vezes se lembram de

jogadores citados por seus pais e avós, e descrevem a localização dos campos de futebol utilizados pelos times no bairro.

Dois anos antes de o bairro receber oficialmente o nome de Guaianases (pela Lei nº 252 de 27/12/48), surgiu em 1946 um clube intitulado Guaianases F.C., fundado a partir da junção das agremiações mais antigas do bairro, já mencionadas. A região, até então conhecida como Lajeado, tornou-se Guaianases; os clubes lajeadenses viraram Guaianases. Várias agremiações foram criadas nos anos seguintes. Algumas delas duraram poucos anos, outras décadas, e, algumas, tal como o Guaianases F.C., perduram até hoje, o que o torna o mais antigo do bairro. Dentre as que continuam ativas, o segundo clube mais antigo do bairro é o 1º de Maio, fundado em 1950, seguido pelo Grêmio Botafogo de Guaianases, criado em 1955. Embora estes sejam os clubes mais tradicionais do bairro, a maioria das narrativas sobre um passado varzeano aborda outra agremiação, que não é a mais antiga tampouco continua ativa, mas que para os veteranos da várzea local foi o principal clube de Guaianases, e até hoje lembrado por varzeanos da Zona Leste.

Trata-se do E.C. Santa Cruz, fundado em 1954 por membros da família Matheus, uma das muitas famílias de imigrantes que se embrenharam em Guaianases. A saga da família Matheus tem início com o português Luiz Matheus e a espanhola Manglória Matheus, quando o casal decide deixar a Espanha e buscar novas oportunidades na América do Sul. O primeiro a viajar é o artesão Luiz, que já tinha experiência no trabalho com pedras. Após uma breve passagem por Buenos Aires, na Argentina, onde foi roubado em seu quarto, Luiz Matheus decide viajar para São Paulo:

Em 1912, Luiz viaja sozinho de navio até Buenos Aires, levando algum dinheiro para as despesas inevitáveis. Começa a procurar emprego, mas não tem sorte: um ladrão entra em seu quarto no hotel e leva tudo o que tinha. Sem emprego nem dinheiro, desiludido com a Argentina, Luiz chora. Fica desorientado por alguns dias, até ouvir falar que, no Brasil, a cidade de São Paulo, bem menor e mais tranquila do que Buenos Aires, está tendo um grande desenvolvimento na construção de casas. Ele acredita. Entra num navio, desembarca em Santos e chega a São Paulo. Decide arrendar uma pedreira na Zona Leste, muito longe do centro da cidade (Ramos, 2001, p.26-27).

Luiz inicia um negócio com guias e paralelepípedos e, depois, arrenda uma pedreira em Guaianases. Estabelecido, traz a esposa e o filho Vicente, ainda criança, para São Paulo. Em 1914, Manglória e o filho tomam um navio em Cádiz rumo ao Brasil. Os negócios e a família crescem. Depois do primogênito Vicente, nascem em

São Paulo Antonio, Isidoro, Luís, Artur, Manuel, Lola, Tomásia, Nena, Adoração e Lourdes. Sobre a mãe, Manglória, o filho Vicente lembra:

Ela, coitada, trabalhou muito. Eram onze irmãos. Ela cuidava de horta, criação, de tudo ali, com criança pequena ainda. Mas, graças a Deus, todos os meus irmãos têm se portado direito, uns estão melhor, outros estão pior, mas todos estão mais ou menos bem. Minhas irmãs estão todas casadas, também moram em Guaianases.⁴⁵

Vicente Matheus nasceu em 28 de maio de 1908, na pequena cidade de Toro, perto de Zamora, na Espanha, e naturalizou-se brasileiro em 1945. Ainda criança, para ajudar os pais, começa a trabalhar na pedreira adquirida pela família em Guaianases. Além dos serviços na pedreira, Vicente trabalha também no pequeno armazém de secos e molhados da família, que fornece alimentos e outros produtos para os funcionários da pedreira:

Eu vim e meu pai já tinha pedreira em Guaianases. Essa pedreira, [ele] comprou a prestações, coisa e tal. E eu, então, com 10, 12 anos, já tomava conta do armazém; eu ia na pedreira tirar ponto, fazer folha de pagamento junto com ele. Então, foi aquela dificuldade, eu era o filho mais velho, então eu depois cresci mais e trabalhava na pedreira, faço qualquer coisa de pedreira (Entrevista ao programa Roda Vida, cf. nota 15).

Apesar de frequentar a escola em Guaianases, Vicente deixa os estudos de lado, pois prefere trabalhar. Na adolescência, quando cursava o ensino fundamental, “Vicente abandona a escola e passa a quebrar pedras para fazer paralelepípedos, aqueles blocos de granito usados para calçar ruas na primeira metade do século 20” (Ramos, 2001, p.29). Em 1924, a família muda-se para a cidade de Pilar (atual Mauá) para trabalhar nas pedreiras recém-adquiridas em Ribeirão Pires e Pilar. Aos 16 anos, cuidava da administração da pedreira enquanto seu pai se deslocava pela cidade para vender pedras. Dois anos depois, em 1926, a família retorna para Guaianases e Vicente, com 18 anos, passa a cuidar dos negócios e da administração da casa. Audacioso nos negócios, nos quais já atuava como gerente, expande os negócios da família e aumenta a produtividade das pedreiras, que acompanhavam a demanda de materiais para construção provocada pelo crescimento da cidade. Alguns anos depois investe na

⁴⁵ Trecho de entrevista de Vicente Matheus ao programa Roda Viva, da TV Cultura (exibido em 20/04/1987). Cf. <<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/732/entrevistados/>>. (Acesso em: 04/12/2013).

criação de sua própria empresa no ramo de pavimentação, a Pavimentadora Vicente Matheus, para participar de concorrências públicas para as obras públicas da Prefeitura de São Paulo e de municípios do ABC Paulista. Enquanto inicia os trabalhos na nova pavimentadora, continua a trabalhar com o pai e os irmãos nas pedreiras da família. Nesse mesmo período, durante a década de 1920, levados por um tio espanhol aos jogos do Corinthians, inclusive no antigo Campo da Floresta, perto do rio Tietê, Vicente e seus irmãos se tornam torcedores do clube, que contava naquela época com seu primeiro grande ídolo, Neco.

Vicente trabalha com o pai até o início da década de 1930, quando, aos 26 anos, casa-se com Ruth, filha de Saturnino Pereira, proeminente morador de Guaianases e que hoje dá nome a umas das principais ruas do bairro. Na mesma época do matrimônio com Ruth, outro “casamento” surge na vida de Vicente. Entre as décadas de 1930 e 1940, Vicente ganha a concorrência pública da Prefeitura de São Paulo para a pavimentação da rua São Jorge, localizada em frente ao Corinthians, clube do qual é torcedor.

Saiu uma concorrência, e já então eu comecei a pegar obras em nome de outras firmas, porque naquele tempo não tinha firma organizada. Então, tinha que ter os responsáveis. Tinha uma firma que comprava material do meu pai e via em mim alguma coisa boa. Então me convidou para pegar obras e coisa e tal. Eles só pegavam e eu construía a pavimentação. Bom, aí saiu a rua São Jorge para pavimentar de paralelepípedos, e eu disse: bom, essa aí é minha, tenho que ganhar essa concorrência. Então, foi aí que ganhamos a concorrência e logo procurei um terreno ali para eu construir, porque eu tinha as duas filhas que eram pequenas, e calculei: elas vão crescer, precisam ir à escola e aqui é difícil, o trem era assim [lotado], o subúrbio... naquele tempo, condução era difícil, não tinha estradas assim para poder ter carro... (Entrevista ao programa Roda Vida, cf. nota 15).

Após finalizar a obra, Vicente, apaixonado por futebol e pelo Sport Club Corinthians Paulista, compra uma casa na rua São Jorge recém-pavimentada, próxima ao estádio e ao clube social. O casal, que continuava a morar em Guaianases, decide mudar com as duas filhas, Abigail e Dalva, para a nova casa. Na década de 1940, o corintiano e empresário Vicente Matheus é convidado a participar do Conselho Deliberativo do clube. A atuação como conselheiro catalisa, em poucos anos, a entrada de Vicente no grupo de dirigentes do Corinthians. Diretor de futebol quando o clube conquistou o título do IV Centenário da Cidade de São Paulo no Campeonato Paulista de 1954, Vicente se vê seduzido pelo universo do futebol. Açulado pelo instinto

empreendedor que alçou sua trajetória de milionário, bem como motivado por colegas e amigos conselheiros, Vicente decide se candidatar à presidência do alvinegro paulistano. Perde sua primeira eleição em 1957. Porém, dois anos depois, elege-se presidente do Corinthians e passa a conciliar a vida de empresário com a de cartola do clube.⁴⁶ Eleito presidente do Corinthians por diversas vezes e mandatário por quinze anos, Vicente levou o clube à conquista inédita do Campeonato Brasileiro de 1990 e de três campeonatos paulistas (1977, 1979 e 1988), sendo o título do Campeonato Paulista de 1977 reconhecido como um dos mais importantes da história do clube, pois encerrou o jejum de quase 23 anos sem títulos significativos.

Com Vicente Matheus morando em frente ao Parque São Jorge e cada vez mais imerso na vida política do Corinthians, seus irmãos mais novos, principalmente Isidoro, começam a assumir os negócios da família nas pedreiras e noutros empreendimentos. Isidoro seguiu os passos do pai e do irmão mais velho, trabalhando nos ramos de mineração, pavimentação e construção civil, bem como no comando da Pedreira São Matheus e Pedreira Lageado. Apaixonado por futebol, assim como o irmão Vicente, Isidoro cria o E.C. Santa Cruz, que passaria a ser conhecido como “Galo da Central”. Em 1954, quando o Santa Cruz dava seus primeiros passos na várzea, Vicente Matheus já era diretor de futebol do Corinthians. Há uma versão de que o Santa Cruz surgiu exclusivamente para ser um clube local dos irmãos Matheus, que sempre foram apaixonados por futebol. Outras narrativas apontam que foi uma manobra dos empresários para se aproximar dos trabalhadores e da comunidade, descontentes com a atuação das pedreiras na região.

Os varzeanos levantam diversos aspectos para projetar a importância do Santa Cruz frente aos outros clubes da época. Clube rico, amparado por uma das famílias mais proeminentes do bairro, o Santa Cruz tinha uma estrutura fora dos padrões da várzea da época, como lembra o veterano Zé Maria:

Eu joguei no Santa Cruz e nunca levei uma chuteira. Eles tinham lá várias chuteiras Gaeta, cada jogador tinha seu número na parede, pegava o saquinho

⁴⁶ Personagem do futebol brasileiro, um dirigente folclórico, que faz parte da história do Corinthians, Vicente ficou conhecido pelas frases de efeito e inusitadas, como: “Gostaria de agradecer a Antártica pelas Brahmas geladas”, “Quem sai na chuva é para se queimar”, “De gole em gole, a galinha enche o papo”, “Não veio o Falcão, mas comprei o Lero-Lero” (referindo-se ao jogador Biro-Biro), “Peço aos corinthianos que compareçam às urnas para naufragar nossa chapa”, “Comigo ou sem migo o Corinthians será campeão”, “jogador tem que ser completo como o pato, que é um bicho aquático e gramático”, “O Sócrates é inegociável, invendável e imprestável” e “Haja o que hajar, o Corinthians será campeão” (Ramos, 2011).

do fardamento e se trocava; após o jogo, tomava banho e deixava o saquinho lá. Todo domingo chegava e estava lá limpinho para usar. Se você era reserva naquele dia, o saquinho número 17 ou 18 estava lá, completo, com sua toalha e chuteira.

Peças publicitárias da chuteira Gaeta, na década de 1950.

O Santa Cruz, comandado por Isidoro Matheus, reunia os melhores jogadores do bairro, bem como de outras regiões da cidade e municípios vizinhos, descritos como habilidosos, inteligentes, malandros, valentes, guerreiros, solidários que priorizavam a qualidade técnica, mas sabiam quando empregar a força. Alguns jogadores recebiam propostas de emprego para as pedreiras da família, atraídos pelas promessas salários como funcionários e remuneração como jogadores.⁴⁷ A jornada de trabalho dos funcionários contratados por sua capacidade no futebol definia-se também pelos jogos do clube e outros compromissos futebolísticos. Trabalhadores durante a semana e jogadores aos finais de semana, os varzeanos corporificavam as pedreiras em tempo integral, embaralhando assim as fronteiras entre trabalho e lazer. Emergia, assim, um sentido de jogar que passava também pelas configurações de ideias e valores do ser trabalhador e suas práticas sociais (Guedes, 1982).

Para os varzeanos, o Santa Cruz era um tradicional clube de bairro mantido pela família Matheus, mas com um modelo administrativo próximo da esfera profissional. Vínculos entre universo amador e profissional revelados não somente no pagamento aos

⁴⁷ Sobre as relações de trabalho e o futebol praticado nos clubes de fábrica e empresas, bem como a criação de oportunidades de emprego para jogadores-funcionários, conferir Antunes (1992; 1994; 1996), Mascarenhas (2002) e Cioccarri (2010). Sobre as trajetórias de jogadores vinculados ao futebol das fábricas e empresas, conferir Leite Lopes & Maresca (1992) e Leite Lopes (2010).

jogadores que atuavam pelo clube, mas também pela forte inserção de diretores do clube e da família Matheus na vida política do Corinthians. Essa era das muitas vantagens de jogar pelo Santa Cruz: os diretores do clube também eram conselheiros e diretores do Corinthians. Zé Roberto foi um entre vários jogadores favorecidos na carreira por atuar pelo time amador de um diretor do Corinthians. As boas atuações no meio de campo do Santa Cruz no início da década de 1970 convenceram Isidoro a levá-lo para o juvenil do Corinthians. O varzeano e corintiano Cândido se lembra de estar no Estádio do Pacaembu na estreia de Zé Roberto na equipe do Corinthians. Sem poder contar com os dois meias armadores titulares, Rivelino e Tião, o austero treinador Dorival Knipel, mais conhecido como Iustrich, escalou o jovem de Guaianases para o jogo contra o América (MG) pelo Campeonato Brasileiro de 1973. O jogo terminou empatado, 1x1, porém Cândido afirma que Zé Roberto atuou o jogo inteiro e fez uma ótima partida: “Jogou junto com caras como Wladimir, Adãozinho, Zé Maria, Paulo Borges, só fera. Lembro até que o Arnaldo César Coelho apitou a partida.”⁴⁸

Trata-se, contudo, de um caminho de duas vias, como foi relatado em narrativas sobre as trajetórias de outros jogadores que tiveram chance de ingressar no futebol profissional do Corinthians após bons desempenhos pelo Santa Cruz, mas que acabaram por retornar ao futebol de várzea, por diferentes motivos. Um dos jogadores mais lembrados, Neco Baiano, ainda mora em Guaianases. Baiano de Macaúbas, Neco iniciou a carreira de goleiro na Portuguesa de Guaianases e, aos 15 anos, passou a atuar pelo Santa Cruz. O desempenho como guarda-metas do clube de Isidoro Matheus fez com que fosse convidado a defender a equipe juvenil do Corinthians, onde foi campeão da categoria em 1958. Contudo, pouco tempo depois quebrou o braço. Lesionado, não conseguiu dar continuidade à carreira no futebol profissional. Ainda sem poder atuar como goleiro por causa do acidente, retornou para o futebol varzeano de Guaianases, novamente o Santa Cruz, para jogar como zagueiro e volante. Encerrada de forma precoce a carreira no futebol profissional, Neco começou a trabalhar com produção de tijolos na Olaria do João Espanhol e depois arranhou emprego na empresa Tapetes Bandeirantes, trabalho no qual permaneceu por trinta anos, até se aposentar. Citado por muitos varzeanos como um dos grandes jogadores do Santa Cruz, Neco Baiano ao longo da carreira pela várzea atuou também pelo Botafogo e pelo Guaianases

⁴⁸ Zé Roberto seguiria atuando até o final da competição, na maioria das vezes, como reserva. Continuaría no Corinthians por mais algum tempo, mas sem perspectivas na equipe, começou a rodar por equipes menores do futebol brasileiro. Em Guaianases, ninguém soube comentar o destino do jogador.

F.C., principalmente após o fim do clube das pedreiras em 1976. Outra trajetória citada é a do meia-direita Passos, jovem jogador da região que ingressou nas categorias de base do Corinthians e atuou na equipe juvenil ao lado de Roberto Rivelino. Passos atuou em apenas um jogo pela equipe principal do Corinthians, em um amistoso contra o Londrina em 1963. Dispensado pelo Corinthians, fez testes no Cruzeiro (MG), porém retornou ao futebol de várzea do Santa Cruz, onde, relatam os futebolistas, ganhava mais do que no próprio Corinthians.

Assim, as narrativas revelam não só um futebol de várzea já consolidado nos bairros periféricos e capaz de mobilizar um número significativo de moradores aos finais de semana, como também uma prática que fortaleceu seus laços e pontes de acesso aos clubes profissionais, inserindo novas lógicas na relação entre cidade e futebol. Um dos exemplos mais citados dessa profissionalização local é o campo de futebol do Santa Cruz, apresentado como um importante espaço de lazer, local de encontro e sociabilidade, que reunia não somente jogadores, diretores e torcedores, mas diversas pessoas do bairro. “Se quisessem, os diretores do Santa Cruz poderiam vender ingressos para os jogos e as pessoas pagariam para ver”, afirma o veterano Faustino. Foi o primeiro campo a ter traves fixas quando a maioria dos campos tinha traves improvisadas com pedaços de bambu ou tijolos. “O campo do Santa Cruz lá na pedreira era um campo maravilhoso. Tamanho oficial, gramado, onde qualquer um gostaria de jogar. Para você ver, como na época os Matheus eram [diretores] do Corinthians, o time profissional vinha treinar aqui e também levava jogadores”, lembra o veterano Zé Maria.

Além do campo, o Santa Cruz também era conhecido por sempre levar muita torcida quando jogava no campo dos adversários. O bairro se deslocava em grande número, mobilizando moradores em caravanas para outras regiões da cidade. Relembrem as excursões e caravanas como momentos de desbravar a cidade de forma coletiva, fora do tempo de trabalho, quando jogadores, diretores, familiares e amigos viajavam para disputar amistosos ou festivais em bairros distantes da cidade ou mesmo em outros municípios. Além das partidas, rememoram as outras atividades lúdicas da viagem, como almoços, bebedeiras, rodas de samba e choro, as discussões sobre futebol etc.⁴⁹ Camisas e bandeiras decoravam a paisagem citadina aos finais de semana. Tais

⁴⁹ Sobre as formas de sociabilidade relacionadas às festas, práticas de lazer e entretenimento, observadas nos *pedaços* das periferias urbanas paulistanas, bem como *fora do pedaço*, nos *trajetos* por outros espaços

adornos permitiam apresentar o clube ao bairro, e o bairro para a cidade. Se o transporte coletivo utilizado nos dias da semana era a linha de trem Central do Brasil, aos finais de semana outros tipos de transporte eram providenciados para transportar jogadores e torcedores do bairro, como os caminhões das fazendas, olarias e pedreiras do bairro. Por meio de diferentes meios de transporte, vivenciavam a cidade através do futebol de várzea.⁵⁰ “Quando o Santa Cruz ia jogar fora, iam de dez a doze caminhões lotados. Na época, a condução não era ônibus, era caminhão das pedreiras dos Matheus, que ia buscar o pessoal. O pessoal subia e ia todo acompanhar o Santa Cruz. E, aonde ele ia, levava o nome de Guaianases”, afirma Zé Maria.

O futebol reforçava o pertencimento a um território, uma vila, criando antagonismos em diferentes planos, ora dentro do bairro, com vilas vizinhas e times de localidades próximas, ora com clubes de outros bairros. Configurava-se uma identidade clubística ou bairrista com base na oposição a outro clube ou outro bairro, fazendo das práticas, relações e espaços varzeanos, dimensões privilegiadas de produção de identidades territoriais. Os deslocamentos diários para o trabalho reforçavam as rivalidades futebolísticas e as identidades territoriais dos bairros da Zona Leste. No trem da Central do Brasil, embora não demarcados oficialmente, certos vagões eram exclusivos para moradores de um bairro específico para irem e voltarem do trabalho. A *sociedade não tem jeito, já estamos satisfeitos com apenas um vagão*, canta o samba-enredo que abre a primeira parte desta tese. Entrar no vagão errado, com maioria de moradores de um bairro vizinho, era motivo para provocações, xingamentos e pequenos confrontos físicos, iniciando ou reforçando no trem certas rivalidades futebolísticas. Como grande parte do bairro ainda não era asfaltada, os moradores de Guaianases eram chamados de “pés vermelhos”, por carregarem nos calçados a terra herdada da longa caminhada à estação de trem. Porém, era nos encontros futebolísticos que aflorava o bairrismo, decorrente dos jogos duros, incertezas, conflitos e casos pontuais de violência que o ato de jogar no campo do adversário poderia gerar. “O pessoal exagera.

da cidade, para além das tramas cotidianas do bairro, conferir pesquisa de Magnani (2003) sobre os circos-teatros mambembes, focada nos contextos de troca, contato e circulação entre universos tidos como distintos e apartados, que permite problematizar e romper com certos binarismos tradicionais (público e privado, trabalho e lazer, sagrado e profano).

⁵⁰ Os caminhões utilizados durante a semana para o trabalho nas pedreiras e fábricas foram substituídos por ônibus e vans, que também têm seus usos rearticulados entre o tempo do trabalho e o tempo do lazer. Logo que começaram a ser utilizados no transporte de passageiros para complementar e agilizar a conexão que trens faziam entre bairros periféricos e centro da cidade, os ônibus também foram apropriados pelos clubes varzeanos.

Na maioria das vezes eram umas briguinhas, mas que podiam machucar”, afirma o veterano Jurandir. Conflitos e brigas que ocorriam também entre moradores de diferentes áreas e vilas do bairro, provocados por pequenos grupos de varzeanos que procuravam brigas, promoviam violência nas ruas e bares, como desdobramentos das rivalidades do futebol na região. Portanto, além de conectar futebolistas ao cotidiano de Guaianases, o futebol de várzea articulava os bairros paulistanos, relacionando moradores, clubes, fábricas e pedreiras. Ao mesmo tempo, produzia rivalidades futebolísticas que geravam heterogeneidades e conflitos, tornavam visíveis diferenças sociais, fundamentais no processo de criação das identidades do bairro e de diferenças com o outro. Uma contínua reelaboração cotidiana de uma prática marcada desde o início por conflitos, tensões e lutas por territorialidades que se mostravam presentes nas ruas, bares e meios de transporte das periferias paulistanas.

Segundo os varzeanos, o Santa Cruz foi o primeiro clube do bairro a superar os limites socioespaciais de Guaianases. O time disputava os principais campeonatos futebolísticos da época, que reuniam uma pequena parcela do total de equipes da várzea paulistana. O reconhecimento do valor da equipe do Santa Cruz era o reconhecimento de toda Guaianases. Mais do que qualquer outro clube, o Santa Cruz representava o bairro. O apelido, “Galo da Central”, faz referência a uma das conquistas, o título da Copa DIPO, do jornal *Diário Popular*, disputada da década de 1960, e que reunia clubes de toda a cidade, divididos de acordo com o bairro e a região. Assim, o Santa Cruz disputava a divisão Leste. Os primeiros jogos eram contra equipes de bairros próximos e afastados das áreas centrais. Conforme vencia, o Santa Cruz avançava na competição e passava a enfrentar equipes de bairros da Zona Leste. A trajetória de vitórias da equipe seguia o trajeto da linha do trem da Central do Brasil, enfrentando equipes tradicionais de bairros próximos ao centro da cidade, como Sampaio Moreira da Vila Carrão e o Parque da Mooca. Imbatível de ponta a ponta da linha da Central do Brasil, de Mogi das Cruzes ao Brás, o Santa Cruz, cujo mascote era um galo, passou a ser conhecido como o “Galo da Central”. Enquanto os demais clubes de Guaianases continuavam a ser clubes de bairro ou mesmo clubes de vilas, o Santa Cruz ganhava reconhecimento na Zona Leste. Mais do que Guaianases, para os moradores, era um clube da Zona Leste que poderia enfrentar outros grandes clubes varzeanos da cidade em igualdade de condições.

Um dos principais momentos de sociabilidade do bairro, a disputa de diversas modalidades (festivais, copas, amistosos interbairros) reunia centenas de pessoas do bairro. Os festivais não se resumiam ao futebol; abarcavam também outras formas de

entretenimento, como gincanas e danças. Para disputar as competições, os clubes dispunham de vários quadros de acordo com o desempenho e faixa etária. O Santa Cruz, por exemplo, tinha o esporte (primeiro quadro), o extra (segundo quadro) e o juvenil. A divisão das equipes é tradicional no futebol amador. O primeiro quadro agrega jogadores mais jovens e mais habilidosos. O segundo reúne jogadores veteranos e os jogadores menos habilidosos. Numa época em que ainda não havia a categoria de veteranos ou máster, os jogadores mais velhos disputavam os jogos de “casados contra solteiros”, que aconteciam antes ou depois dos jogos do “esporte” ou do “extra”. Mas o momento mais aguardado do ano era a partida comemorativa disputada no dia sete de setembro, aniversário do Santa Cruz, e que reunia a equipe da Pedreira Matheus, composta por jogadores do Santa Cruz, contra o time formado por funcionários da Pavimentadora Vicente Matheus.

O Santa Cruz era também um importante centro articulador das formas de sociabilidade e de lazer não apenas aos finais de semana, durante as partidas de futebol, mas diariamente no cotidiano do bairro, em tempos e lugares dos mais diversos. Como destacam muitos varzeanos, o Santa Cruz era muito mais do que uma agremiação, dedicada à prática do futebol; tratava-se de um espaço familiar e comunitário do bairro, chamado por alguns veteranos de associação, por outros de clube social.⁵¹ Além do campo de futebol, o Santa Cruz tinha uma sede social que era utilizada como salão de baile e festas. Havia, portanto, segundo vários relatos, uma diferença fundamental do Santa Cruz em relação às demais agremiações: enquanto estas se dedicavam somente aos amistosos, torneios e festivais, o clube da família Matheus organizava outras atividades sociais, como festas, bailes e cordões de carnaval, consideradas momentos de integração entre moradores locais, bem como de outros bairros. Varzeanos conferem destaque para as atividades sociais no cotidiano do Santa Cruz e rememoram os grandes bailes, quando todos vestiam suas melhores roupas, ternos e vestidos; as festas de carnaval e cordão carnavalesco, tanto no salão quanto na rua; as festas juninas, realizadas em conjunto com a paróquia do bairro. As festas eram comandadas por grupos musicais de diferentes gêneros musicais. Na época considerada como o auge do Santa Cruz, ao longo da década de 1960, os conjuntos de rock The Pupils e Os Kitigais, com músicos das famílias japonesas da região, atraíam os jovens da

⁵¹ Sobre distinções entre associações, agremiações e clubes no futebol varzeano durante as primeiras décadas do século XX, conferir Silva (2013, p.30).

vizinhança. Filas se formavam em frente à sede social nos dias de baile e a venda de convites contribuía para incrementar as finanças do clube.

Se as celebrações e glórias do clube rendem histórias e lembranças da juventude vividas nos bailes e aos domingos no campo, o encerramento das atividades do Santa Cruz ainda hoje gera narrativas emocionadas de varzeanos do bairro. Embora até o início da década de 1970 os donos da pedreira fizessem grandes investimentos na organização do clube, principalmente em busca dos melhores jogadores da região, nos anos seguintes os diretores desaceleraram os investimentos na equipe e nas atividades sociais realizadas na sede social. Jurandir, hoje diretor e coordenador da escolinha de futebol do Botafogo de Guaianases, lembra-se da época em que era responsável pela redação da ata e cumprimento do estatuto nos últimos anos do clube: “O Santa Cruz já não era mais aquele de outros anos. Os Matheus não estavam mais interessados no time, só apareciam em Guaianases para pegar o dinheiro deles nas pedreiras”. Jurandir aponta que o gradativo afastamento de Isidoro das atividades das pedreiras, arrendadas para outros empresários, afastou os irmãos Matheus do bairro e provocou a queda da equipe. Desprendimento também vivenciado por Vicente na segunda metade da década de 1970: “Agora, vivo para o Corinthians. Fico na pavimentadora só durante uma hora por dia. Meus funcionários cuidam da empresa, e eu, do Clube” (Ramos, 2001, p.143). Mais do que o afastamento das pedreiras, para muitos varzeanos o fim do clube está ligado a esse ‘viver para o Corinthians’ descrito por Vicente e que contagiou o irmão Isidoro. O Santa Cruz não sobreviveu ao crescente envolvimento de seu principal diretor e investidor nas atividades do Corinthians ao longo da década de 1970, quando Vicente Matheus retornou à presidência do clube. Tal como irmão mais velho, Isidoro frequentou por décadas o clube e atuou como diretor de futebol do alvinegro. Isidoro esteve sempre ao lado de Vicente durante o mandato do irmão na década de 1970. Quando a equipe do Tatuapé venceu o Campeonato Paulista de 1977, após quase 23 anos sem títulos, Isidoro era vice-presidente do Corinthians. Enquanto seus principais diretores partiam de Guaianases e centralizavam as ações de um clube profissional (mas que teve origem no universo varzeano), o Santa Cruz encerrava suas atividades em 1976. Assim, o sucesso do Corinthians, do vice-presidente Isidoro, contrastava com o encerramento das atividades do Santa Cruz, do presidente Isidoro, no ano anterior.⁵²

⁵² Curioso notar que o período de existência do Santa Cruz, entre 1954 e 1976, coincide com os 23 anos do Corinthians sem títulos, “na fila”. Somente após o fim do clube de Guaianases, o Corinthians voltou a

Até então braço direito do irmão,⁵³ Isidoro decidiu concorrer em chapa oposta à de Vicente na eleição de 1981. Isidoro foi o candidato a presidente na chapa de oposição e Vicente foi candidato à vice na chapa de Waldemar Pires. Venceu a chapa do irmão mais velho. A divergência teria aparentemente começado pela ausência de uma ligação de Vicente para saber o estado de saúde de Isidoro quando este fez uma cirurgia.⁵⁴ Isidoro faleceu aos 77 anos de idade em 1994, ainda como diretor do Corinthians, três anos antes da morte de Vicente Matheus, em 1997, aos 88 anos. Se Vicente entrou para a história do Corinthians e do futebol brasileiro, Isidoro, por seu lado, entrou para a história de Guaianases e do futebol de várzea paulistano como o presidente de um dos maiores clubes de várzea da Zona Leste.

Vista do CDC, Clube da Comunidade, localizado no Jardim São Carlos, em frente à pedreira da família Matheus, e em homenagem a Isidoro (Foto: Enrico Spaggiari).

ser campeão com o título do Campeonato Paulista de 1977. Cabe ressaltar, porém que o último título do Corinthians antes da fila, o Campeonato Paulista de 1954 – também conhecido como título do *IV Centenário de São Paulo* –, só foi conquistado no empate de 1x1 contra o Palmeiras, partida disputada em fevereiro do ano seguinte, 1955, quando o Santa Cruz já fora fundado.

⁵³ Uma história famosa, entre tantas envolvendo Vicente Matheus, coloca Isidoro como um personagem decisivo na contratação do jogador Sócrates pelo Corinthians em 1978. Ciente de que o São Paulo também estava interessado no jogador do Botafogo de Ribeirão Preto, Vicente Matheus simulou interesse na contratação do volante são-paulino Chicão e enviou Isidoro ao Morumbi para negociar com os dirigentes do São Paulo. Enquanto Isidoro distraía os dirigentes tricolores, Vicente viajava para negociar a contratação de Sócrates em Ribeirão Preto.

⁵⁴ Cf. <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/fotos/isidoro-matheus-5780>>. (Acesso em: 20/09/2013).

1.2 – A várzea e o “pessimismo sentimental”

Para os varzeanos de Guaianases, falar sobre a história do Santa Cruz é rememorar o que alguns chamam de “época de ouro” da história do futebol de várzea no bairro, retratada como um período entre as décadas de 1950 e 1970 de proliferação de clubes, campos e jogadores voltados a uma prática que mobilizava as famílias do bairro (clubes de famílias, linhagens de jogadores) e reunia torcedores entusiasmados nas praças esportivas da região ou nas carrocerias dos caminhões que atravessavam as ruas e avenidas da Zona Leste em direção a outras regiões da cidade. Época em que, segundo os veteranos, o futebol era praticado por jogadores mais talentosos e habilidosos, de uma mesma geração de futebolistas campeões mundiais, que se dedicavam e honravam a camisa do clube do bairro, e que, movidos pelo desejo de jogar, varzeanos mostravam-se menos preocupados com remunerações e satisfeitos em alcançar prestígio dentro do bairro. Uma “época de ouro” redefinida frente a uma várzea vivida no tempo presente que desperta estranhamento e desconforto.

(Recorte de Jornal de bairro não identificado. Reportagem: Moacyr Custódio).

Contudo, as narrativas sobre o Santa Cruz não revelam somente questões relacionadas ao futebol varzeano, mas dizem muito também sobre a configuração e o cotidiano do próprio bairro de Guaianases, bem como sobre o processo de produção do espaço urbano. Escrita do centro para a periferia, como se a cidade fosse se construindo

gradativamente em direção à periferia, a história da cidade ganha outra orientação quando observada a partir das narrativas sobre o Santa Cruz e o futebol de várzea em Guaianases. A ascensão do “Galo da Central” evidencia esses movimentos de contrafluxo, do subúrbio que fluiu em direção às áreas centrais. Fenômeno urbano de grande amplitude, o futebol de várzea, tal como o subúrbio – “posto privilegiado para observação e estudo das transformações da cidade e da formação das classes sociais” (Martins, 1992, p.8) –, revela dimensões e aspectos importantes da metrópole em construção. Das aventuras juvenis, varzeanos se lembram dos passeios pelas fazendas e matas pelas áreas não povoadas de uma Guaianases que incorporava também o que é hoje o bairro de Cidade Tiradentes, que atualmente possui uma população de mais de dezentos mil habitantes – menor que os quase trezentos mil moradores do bairro vizinho.⁵⁵ Assim, as dinâmicas do futebol aparecem atreladas à história da região e às transformações de um bairro que deixava de ser subúrbio e ganhava contornos de periferia, com a melhoria da infraestrutura, do transporte urbano etc., bem como revelam aspectos que só podem ser compreendidos dentro de uma conjuntura urbana que vivenciava um processo acelerado de transformações, alto crescimento demográfico e desenvolvimento industrial. Na dinâmica do crescimento urbano, forma-se um espaço urbano assinalado pela segregação territorial, que gera e salienta desigualdades.

Porém, a maioria das narrativas sobre a história do bairro tem como ponto de partida a consolidação das famílias consideradas influentes e tradicionais em Guaianases.⁵⁶ Famílias que atualmente nomeiam ruas, avenidas, praças e escolas do

⁵⁵ O bairro surgiu com a construção das COHABs, conjuntos habitacionais populares que abrigaram famílias de diversos lugares da cidade e de outros estados, e cresceu sem planejamento de infraestrutura em diversos setores (educação, transporte, saúde, comércio, moradias irregulares), assinalado por elevados índices de violência. A maioria dos serviços e comércios utilizados por moradores da Cidade Tiradentes durante muitos anos ainda estava localizada em Guaianases. Tal panorama têm mudado recentemente, embora alguns serviços, como agências bancárias, ainda só estejam disponíveis em Guaianases. Logo no início do trabalho de campo, após um almoço no restaurante do Carlão, avisei aos professores da Escolinha do Botafogo que iria aproveitar os próximos vinte minutos livres e passar em uma agência bancária antes de retornar para o campo do Botafogo. Todos os professores falaram que não iria dar tempo. Retruquei que seria algo rápido, só pagar uma conta no caixa automático. Os professores reiteraram o aviso: iria precisar de, no mínimo, uns quarenta minutos para fazer o pagamento. Curioso com o cenário descrito, decidi verificar. Atravessei o corredor da estação de trem em direção à rua Salvador Gianetti, onde estão concentrados os bancos, e, logo após caminhar alguns metros em direção à antiga estação ferroviária, deparei-me com longas filas em frente à agência bancária. Fila para entrar na agência e fila utilizar os caixas automáticos. Ao retornar, à beira do campo para observar as atividades na escolinha, Zé Maria relatou que muitas vezes prefere pegar o trem em direção ao centro para utilizar os serviços bancários. “Você não vai acreditar, mas é até mais rápido e tem menos confusão. Vale a pena pagar o bilhete para não ter a dor de cabeça”.

⁵⁶ Durante um evento no CEU Jambiero, conversei com Antonio, um senhor de quase 90 anos, morador do bairro desde a década de 1930, que me aconselhou: “Se você quer saber a história antiga de

bairro, como a família Bueno, dona das terras do Vale do Ribeirão do Lajeado, onde surgiram as primeiras vilas ainda no século XIX, e as famílias Carmo, Cunha, Leite, Mariano, Pereira e Bueno, proprietários de grandes áreas de terras. Destacam também as famílias de imigrantes, principalmente italianos, espanhóis e japoneses, como as famílias Calabrez, Gianetti, Radiante, Ogata, Tanaka e Premiano, que chegaram ao bairro entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Os imigrantes foram responsáveis pela instalação de olarias na região, uma das principais atividades econômicas do bairro ao longo do século XX, com o fornecimento de tijolos para uma São Paulo que vivia uma incipiente urbanização. Estabeleceram-se, ainda, como comerciantes de secos e molhados, fabricantes de vinho e no trabalho de extração e corte de lenha e madeiras. A família Matheus e o trabalho voltado à extração de pedras nas pedreiras são lembrados dentro desse contexto das famílias imigrantes. As próprias famílias da maioria dos varzeanos, cujas origens no bairro estão ligadas à migração de diferentes partes do Brasil, sobretudo a partir da década de 1930, não são incluídas entre as influentes e tradicionais, porém os varzeanos tecem relatos sobre como a migração de outros estados, principalmente do Nordeste e de Minas Gerais, intensificou-se no período de aceleração da industrialização de São Paulo, com a chegada de mão-de-obra não especializada, com baixa remuneração, e que ocuparam espaços de alto risco para o estabelecimento de moradias, principalmente em áreas de mananciais e regiões de enchentes. Assim, a história dos clubes e jogadores se entrelaça com a própria história das famílias, oriundas de distintas levas de imigração estrangeira e nacional, e do bairro, cuja paisagem foi configurada a partir das experiências e identidades construídas nas relações varzeanas e reforçadas pelo imaginário futebolístico.

A questão do transporte e do deslocamento pela cidade também ganha relevo nas narrativas. As estações de trem, antiga e atual,⁵⁷ tinham e têm uma centralidade na vida

Guaianases, das famílias que moravam aqui, dá uma olhada nos registros do Cemitério do Lageado, no cartório de São Miguel e no cartório de Itaquera”.

⁵⁷ A antiga estação Guaianases, atualmente desativada, foi inaugurada em 1875, com o nome de Lageado, como parte da linha E. F. do Norte. O nome foi alterado em 1930 para Carvalho de Araújo para homenagear um dos diretores da Central do Brasil, e novamente alterado em 1943 para Guaianases. Posteriormente, a CPTM desativou várias estações antigas da Zona Leste, substituindo-as por novas estações. Construída pela Cia. do Metrô de São Paulo e operada pela CPTM, a estação nova de Guaianases substituiu a primeira estação do bairro. A estação mais recente, utilizada hoje pela linha 11 da CPTM, também foi inaugurada com o nome de Lageado, posteriormente alterado para Salvador Gianetti. A linha 11 da CPTM atualmente liga o bairro, de um lado, aos municípios vizinhos de Ferraz de Vasconcelos, Poá, Suzano e Mogi das Cruzes, e, do outro lado, aos demais bairros da Zona Leste e ao

do bairro,⁵⁸ assim como a linha que faz a ligação entre o bairro e o centro da cidade, desde a época em que o trajeto era realizado por uma maria-fumaça até os trens atuais da CPTM.⁵⁹ Muitos deles contam com detalhes da festa em 1982 em torno da inauguração do novo prédio da estação ferroviária construído pela Central do Brasil, que contou com a presença de governantes e ministros do governo federal na época. E lembram com tristeza de quando a estação foi desativada em 2000 com a entrada em funcionamento do trem expresso da CPTM, que utiliza uma nova estação, erguida poucos metros distante da antiga estação. Os varzeanos lembram que algumas linhas da estação seguiam para outras regiões do bairro: uma delas em direção à região de Santa Etelvina, onde hoje está localizado bairro de Cidade Tiradentes; outra linha seguia em direção à Pedreira São Mateus. Este segundo, o ramal da Pedreira, que tinha três quilômetros de extensão, cruzava a Estrada Itaquera-Guaianases, seguia paralelo ao ribeirão Guaratiba, até chegar à Pedreira São Mateus, foi utilizado durante décadas para o transporte de pedras e desativado entre as décadas de 1960 e 1970.⁶⁰

As narrativas conferem destaque às pedreiras de Guaianases, que empregavam uma parte significativa da população e tinham importante papel na vida econômica e social do bairro. As pedreiras de propriedade da família do ex-presidente do Corinthians eram assinaladas pela extração de pedras e paralelepípedos fundamentais para a construção, edificação de prédios e calçamento de ruas que marcaram o processo de expansão urbana de São Paulo. “A pedreira de Luís Matheus também garante pedra britada, própria para ser misturada com areia e cimento para a construção de prédios, pontes e viadutos” (Ramos, 2011, p.29-30). Munidos de enxadas, pás, facões, marteletes, vassouras e picaretas, milhares de pessoas se dedicavam a um trabalho a céu

centro da cidade. Cf. Site Estações Ferroviárias do Brasil <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/g/guaianazes.htm>>. (Acesso em: 22/11/2013).

⁵⁸ “Naquele 1948 em que fui matriculado no Grupo Escolar Pedro Taques, Guaianases era um povoado ao lado da estação ferroviária, as ruas iluminadas à noite por lampiões de querosene. No largo da estação, terminava a estrada de terra que vinha da Fazenda Santa Etelvina. Era o meu caminho, 16 quilômetros batidos a pé, entre a ida e a volta, entre o casebre da roça e a sala de aula lotada, três alunos por carteira”. (José de Souza Martins, “O último bocado de içá”, *O Estado de S. Paulo*, 15/2/2010). Cf. <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-ultimo-bocado-de-ica,511492,0.htm>>. (Acesso em: 25/02/2010).

⁵⁹ A linha original chamava-se E. F. do Norte (1875-1889), ainda na segunda metade do século XIX, e foi incorporada pela E. F. Central do Brasil (1889-1975). Somente na década de 1970, após o Governo do Estado de São Paulo abandonar os planos de expandir o metrô até os bairros extremos da Zona Leste, a Central do Brasil foi incorporada pela RFFSA (1975-1994); na década de 1990, o transporte de passageiros passou a ser realizado pela CPTM (1994-2000). Cf. site Estações Ferroviárias do Brasil <http://www.estacoesferroviarias.com.br/trens_sp/indice.htm>. (Acesso em: 22/11/2013).

⁶⁰ Cf. <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ferroviaspart_sul/ramaldapedreira.htm>. (Acesso em 22/11/2013).

aberto que exigia resistência e força física dos funcionários, fatigados e castigados pela nuvem de poeira e pedriscos, pelas quedas das pedras e locais elevados, desmoronamentos, escoriações nas mãos; e envolvia perigos e riscos ao conduzir, manusear e armar os explosivos. Picaretas e marteletes, movimentadas o dia inteiro no processo de limpeza de pedras, e os potentes explosivos utilizados nas áreas de extração de pedras, ressoavam pelo bairro. O trabalhador, as alturas, preso somente por uma corda amarrada, batia a marreta para quebrar a pedra. Enquanto isso, outro trabalhador preparava a dinamite que iria ser colocada nas fendas abertas nas rochas. O processo de dinamitar a mina de pedra se alongava por todo o dia. Após acender o fogo no estopim da dinamite, os trabalhadores corriam para aguardar as explosões nos abrigos. Varzeanos comentam que as constantes explosões nas pedreiras em Guaianases lançavam fragmentos de pedra pelo bairro, atingindo casas e ferindo pessoas. As “chuvas de pedras” e pedriscos provocadas pelas explosões tornavam a moradia ao redor das pedreiras perigosa na época, e ainda hoje.⁶¹ As explosões, que aconteciam sempre no período da tarde, próximas do horário de saída do serviço, desprendiam enormes blocos de pedra que passavam depois por um processo de corte e modelagem para serem transformados em paralelepípedos, utilizados na pavimentação de ruas e avenidas, ou pedras de formato irregular, destinadas à construção e revestimento externo de casas e prédios. Assim, após longas jornadas de limpeza e preparação do terreno, perfuração da rocha, detonação dos explosivos, deslocamento e corte de blocos de rocha, o trabalho severo, fadigoso e arriscado dos funcionários em Guaianases enfim culminava na produção de pedras e paralelepípedos, fundamentais no processo de urbanização de São Paulo.

As pedreiras são os maiores símbolos de um bairro suburbano com características próprias e dinâmica social singular que, a partir do árduo trabalho de extração de pedras, vivenciou e fomentou o processo de transformação e crescimento do espaço urbano paulistano. Enquanto as pedras de Guaianases ajudavam a construir São Paulo, o Santa Cruz construía uma cidade futebolística e a ocupava com seus caminhões, torcedores e bandeiras. “O pessoal brincava que o Santa Cruz mostrou que Guaianases não era mais só o bairro das pedreiras. Pedreira era ganhar do Santa Cruz”, afirma Jurandir. Os varzeanos vivenciam a cidade por meio do futebol, seja ao

⁶¹ Recentemente, em julho de 2007, uma explosão na Pedreira Lajeado danificou 250 imóveis e feriu um motociclista. Fragmentos de pedra voaram pelo bairro Jardim São Carlos, até 500 metros local da explosão. Os moradores se manifestaram, protestaram em frente à pedreira, reivindicando indenizações.

compartilhar memórias, ao criar estratégias familiares, acionar códigos e redefinir pertencimentos futebolísticos. As narrativas sobre o Santa Cruz e o futebol de várzea do bairro, ao se debruçarem sobre o imaginário citadino, trazem um olhar para a pluralidade de experiências urbanas e espaços urbanos marcados por uma estética descontínua, instável e fugaz. As estratégias, adaptações e pontuais intervenções dos varzeanos na tessitura urbana revelam memórias, comportamentos e escolhas de cidadãos realocados em novas lógicas urbanas (Rocha; Eckert, 2013). Observa-se uma prática esportiva que se transformou não só no que se refere ao jogo, mas também no modo de se relacionar com uma paisagem citadina assinalada por inovações e alterações nas formas de trabalho, meios de transporte, relações, trajetos e ritmos temporais.

Mais do que enfatizar uma visão nostálgica que postula um fim do futebol de várzea, vale destacar como presente e passado convivem em uma várzea repartida entre antigos e novos valores. Esse encontro descompassado entre passado e presente é o que confere sentido à prática do futebol. Tal como o aparecimento do demônio, que dá sentido às mudanças nas relações de trabalho frente às inovações tecnológicas em um setor fabril ainda marcado pelo conservadorismo (Martins, 2008), o “fim” do futebol de várzea é a forma que o imaginário varzeano confere às transformações para compreendê-las.⁶² O alardeado fim do futebol de várzea – forma criada pelos varzeanos para enfrentar as transformações no tempo e espaço – estiliza as relações sociais, acidenta os ritmos temporais cotidianos e reconfigura o imaginário social.

Um “fim” que passa pelas rupturas e crises, conforme observa Lopo (2008), mas também pela permanência de uma prática na qual os varzeanos veteranos não mais se reconhecem. Assim, a várzea se questiona e se alimenta mais dos desdobramentos de sua continuidade, e menos de suas disrupções. É o fato de a várzea continuar ativa e absorvente nos bairros periféricos, mas com contornos diferentes de como eram em outros espaços-tempos (como o subúrbio e as regiões centrais da cidade), que induz seus praticantes a reflexões lúgubres.

Desse modo, o conjunto de processos sociais e urbanos que provocaram transformações no futebol, bem como o “pessimismo sentimental” que cerca seu anunciado “fim”, pode ser compreendido como uma forma de apropriação e

⁶² “A aparição do demônio onde supostamente não houve qualquer mudança no processo de trabalho, a seção de escolha, foi expressão dos temores gerados pelo conservadorismo desses setores colocados à margem das inovações e/ou das decisões que levaram a elas. Foi a forma que o imaginário das operárias deu às inovações para compreendê-las no conflito que encerravam” (Martins, 2008, p.167).

diferenciação local dos clubes e varzeanos, que reinventam suas experiências e rearranjam os símbolos urbanos (Sahlins, 1997a, 1997b). Parafraseando Sahlins, o que explica o futebol de várzea *não ser um objeto em vias de extinção* é a sua articulação com determinados saberes e espacialidades, alimentando-os de sentido e sendo por eles continuamente produzido e significado de forma reflexiva.

Assim, o “fim da várzea” não é determinado exclusivamente pela diminuição dos campos, extinção de clubes ou avigoreamento de seus contrários/complementares (futsal, society), mas sim pelos modos de viver as mudanças no futebol e na cidade. A várzea fenece todo final de semana no criar das narrativas e desenrolar das partidas nas periferias paulistanas. Mas muitos dos princípios e dispositivos varzeanos continuam a pautar as práticas dos clubes atuais e ativos de Guaianases. E por isso cabe aqui um olhar para as dinâmicas de uma destas agremiações, o Grêmio Botafogo, que substituiu o Santa Cruz na centralidade das narrativas locais, citadinas e midiáticas sobre a várzea na *vida em Guaianases*.

Capítulo 2

O Botafogo, cervejas e o *rodar*: “a várzea exige muito”

Fundado pelo carioca Admardo Armond em abril de 1955, período frutífero de criação de agremiações e associações esportivas na região, o Grêmio Botafogo de Guaianases é considerado atualmente, inclusive por rivais, o principal clube do bairro. Terceiro clube mais antigo do bairro – ao lado do Guaianases F.C., de 1946, e do 1ª de Maio, de 1950 –, o Grêmio Botafogo, diferente de seus dois tradicionais colegas e rivais, conseguiu se manter ativo no cenário varzeano paulistano, com participações assíduas nos principais campeonatos amadores da cidade, com projetos de categorias de base, parcerias com clubes do futebol profissional e diversas conquistas recentes que ajudaram renovar as gerações de botafoguenses na região.⁶³ Em 2014, o Botafogo completou 59 anos, sem nunca ter interrompido suas atividades, ainda que em outras épocas já tenha ficado períodos sem ter um campo de futebol ou uma sede social. Para Itamar de Jesus, atual presidente do Botafogo, um clube de várzea depende de alguns elementos básicos: um campo próprio para jogar, um espaço que possa ser reconhecido como sede social, a elaboração de um estatuto e a composição de uma diretoria. Se em outras épocas o Botafogo era conhecido pelas boas equipes e a imensa torcida, mas também pela falta de recursos e de uma estrutura varzeana básica (campo e sede), hoje a agremiação apresenta uma estrutura semelhante à de muitos clubes tradicionais do universo varzeano. Além da sede social, o Botafogo disputa suas partidas e campeonatos em um campo instalado ao lado da av. Nova Radial, prolongamento da Radial Leste. Utiliza ainda um segundo campo, colado ao seu, para as atividades da escolinha, mas que pertence ao A.E. Codó, outro clube do bairro. Recentemente, em 2012, os dois campos foram reformados, com a instalação de refletores para as atividades noturnas e a substituição da tradicional terra batida por gramado sintético.

As trajetórias das agremiações varzeanas são marcadas pelas trocas contínuas de campos de futebol. O Botafogo teve que migrar algumas vezes. No terreno onde ficava o primeiro campo – época em que trilhos do trem passavam rente ele e seguiam à pedreira da família Matheus –, hoje está localizado o Condomínio Jardim dos Pinheiros, ou Pinheirinho. Após o terreno ser desapropriado, assim como outros clubes que não

⁶³ Destacam-se os títulos da Copa Kaiser em 1993 e 1997, o bicampeonato da Copa da Cidade em 1989 e 1990, e a conquista da Copa Metropolitana de 2006.

possuíam um campo próprio, o Botafogo passou a alugar um horário mensal em um campo do bairro; quando não conseguia alugar campos, o clube circulava pela várzea, atuando sempre como visitante. Durante alguns anos, na década de 1990, o Botafogo utilizou o campo do Brasil, cujo fundador e diretor é filho de Armond, fundador, como já dito, do Botafogo. Por fim, em 2000, o Botafogo se instalou no campo utilizado atualmente, construído com a ajuda de moradores do bairro, alguns deles não relacionados diretamente à agremiação. Localizado em frente à av. Nova Radial, um ponto de intenso fluxo no bairro, o campo tem como vizinhos o Jardim Aurora, uma das vilas mais pobres de Guaianases, e um córrego do bairro.⁶⁴

O cenário dos campos de várzea é marcado pela intensa disputa por territórios. Poucos são clubes proprietários dos campos (e terrenos) onde jogam. A área do campo do Botafogo, por exemplo, pertence à Prefeitura, que inclusive recentemente fez valer o direito à propriedade do terreno.⁶⁵ Outros clubes não possuem campo e têm que pagar determinadas quantias para atuar em outros espaços do bairro. O tradicional 1º de Maio, desalojado desde o início década de 1990, paga mensalidade para usar o campo do River Plate, bem como diversos outros clubes do bairro. A maioria dos campos de Guaianases, que se dedica à prática futebolística, seja varzeana ou infanto-juvenil, envolvendo homens e mulheres, cobra mensalidade e uma taxa para manutenção de campos de várzea. Prática comum também nos CDCs (Clubes da Comunidade), praças esportivas da Prefeitura de São Paulo que oferecem atividades lúdicas e práticas de diversas modalidades (Spaggiari, 2009, pp.43-46).

Se ter uma sede esportiva é difícil, conseguir um espaço para chamar de sede social não é muito mais fácil. Na várzea de Guaianases, muitos clubes, principalmente os mais novos, utilizam os bares contíguos aos campos como sedes provisórias, onde expõem os troféus, fazem reuniões e festas com jogadores e torcedores. No Botafogo, contudo, ter uma sede sempre foi uma questão de honra; são prestígios herdados do futebol de várzea da época do Santa Cruz, segundo o coordenador Jurandir. A antiga sede do Botafogo, alugada durante muitos anos, ficava em frente às lojas do presidente Itamar e do diretor Luiz Cláudio. Recentemente, o empresário Luiz Moura, antes de ser

⁶⁴ Alguém – normalmente alguma criança da escolinha – era sempre escalado e remunerado para buscar as bolas que caíam no córrego ao lado do campo. Se não havia dinheiro para pagar por isso, pessoas do Botafogo o faziam: professores, diretores, jogadores de outros quadros. Fiz esse trabalho somente duas vezes, pois não havia mais ninguém para ajudar. Armado com a rede, ficava do outro lado campo, em frente ao córrego, pronto para fazer o serviço.

⁶⁵ Voltarei a essa questão no próximo capítulo.

deputado estadual, ajudou o clube a pagar a compra da nova sede, próxima à antiga. “Agora a gente pode falar que tem uma casa. Depois de quase 56 anos, o Botafogo pode bater no peito e falar: ‘essa aqui é minha casa’”, comentou Sérgio, professor da escolinha do clube. Ainda não finalizada, a sede do Botafogo pretende ser um espaço de sociabilidade de jogadores, alunos, escolinha, torcedores e visitantes; bem como de trabalho dos diretores, com a realização de reuniões e assembleias. A diretoria pretende inaugurar oficialmente a sede para uso social somente quando o setor destinado ao lazer e churrasco estiver pronto. Obras essas que ainda não têm previsão para encerramento.

Ainda que não esteja finalizada, o fato de a sede ser pouco utilizada é sempre levantado pelos críticos da atual diretoria. Contudo, as principais conquistas das equipes do clube e as principais celebrações (aniversário, festa de fim de ano) são comemoradas com churrasco, cerveja e samba – a tradicional tríade do futebol varzeano – na sede do Botafogo. Atualmente, o espaço é utilizado para expor os troféus, medalhas e flâmulas do clube, bem como para guardar faixas, bandeiras, instrumentos de baterias, bebidas, fardamentos e outros equipamentos esportivos. No fundo, as geladeiras, com logotipos da Kaiser e Coca-Cola, que não podem faltar em uma sede de clube de várzea.

Porém, no caso do Botafogo, o campo e a loja de baterias do Itamar, presidente da agremiação alvinegra, são os espaços de pertencimento do clube mais acionados pelos torcedores, jogadores e diretores. A loja de baterias do presidente Itamar pode ser descrita como uma sede não oficial do clube. Equipamentos, materiais e propagandas próprios de uma loja de baterias compartilham o espaço com quadros e fotografias de equipes antigas e recentes do Botafogo; panfletos e cartazes do vereador Senival Moura e do deputado estadual Luiz Moura; pôsteres de times vitoriosos do Santos F.C., clube do santista Itamar. Montada na garagem da residência de Itamar, onde o presidente mora com a esposa Solange e os filhos Itamar Júnior e Ana, a loja é o principal ponto de encontro dos diretores do Botafogo. Todos os dias, diretores e torcedores passam pela loja para tomar decisões rotineiras sobre o Botafogo, conversar sobre futebol de várzea e futebol profissional, falar sobre política e sobre o cotidiano do bairro. O espaço é utilizado também como local de reuniões do clube, negociações de jogadores e acordos políticos. Assim, o espaço de decisões é o mesmo que o de encontros mais gerais. Por outro lado, qualquer atividade com pessoas de fora do clube, principalmente jornalistas, é realizada na sede social, em meio aos troféus e demais símbolos das conquistas botafoguenses.

Deste modo, a loja é assumida, no dia a dia, como sede do clube. Ainda que

passem lá em diferentes horários ao longo do dia, é a partir das 17h, após a jornada de trabalho, que os diretores começam a chegar à loja de Itamar. O diretor Adonias é sempre o primeiro. Antes de ir para casa jantar, passa na loja e se atualiza sobre os acontecimentos do dia, embora seu aparelho nextel, que está sempre em chamada, o mantenha informado de tudo. O número de diretores varia conforme o andamento das competições, a época do ano e a temporada política. Em semanas de jogos decisivos na Copa Kaiser ou nos períodos de eleição, aumenta o envolvimento e a presença dos diretores. Apesar de Solange, esposa de Itamar, estar presente em diversos momentos ajudando a cuidar da loja, quando os diretores se reúnem, configura-se um espaço de sociabilidade masculina.

A loja de Itamar compartilha a rua com residências, pequenos comércios, lojas de roupas e vários bares, que fazem da Vila Minerva – uma das antigas do bairro, próxima à estação de trem e uma das principais áreas comerciais da região – a “vila do Botafogo”. Na mesma rua da loja, além do presidente Itamar, moram também os diretores Edson e Adonias. Na rua de trás mora Luiz Cláudio, diretor e vice-presidente do clube na gestão anterior, que tem uma loja de autopeças ao lado da loja de baterias. Em frente às lojas, ficava a sede antiga. A duas ruas abaixo, foi construída a sede nova do Botafogo e, numa rua antes, mora Jurandir, coordenador da escolinha. Na mesma calçada da loja de baterias, um quarteirão distante, em direção à linha do trem, fica a ENE Calçados, comércio patrocinador e revendedor oficial dos uniformes do Botafogo. O Sertanejo, mais conhecido como restaurante do Carlão, a poucos metros da loja de baterias, é o local de almoço de alguns diretores e professores da escolinha.

A diretoria do Botafogo, eleita a cada cinco anos, é composta de vários membros, mas os principais e mais atuantes são o presidente Itamar, o vice-presidente Adonias, e os diretores Edson, Adílson e Severo, que compõem uma mesma geração de diretores que há quase quinze anos comanda o clube. De um grupo amplo de quase vinte diretores, somente quatro “fazem os corres”, segundo Adonias, enquanto outros auxiliam pontualmente. Os diretores, por exemplo, dividem a responsabilidade de participar dos congressos técnicos e reuniões dos campeonatos. Como afirma Edson, um diretor de clube varzeano faz de tudo um pouco: “Corre atrás de patrocínio, busca jogador, manda fazer fardamento, carrega equipamento, desenrola bandeirão, discute com juiz, apita se não tiver juiz, compra cerveja, vende cerveja. Tudo ao mesmo tempo. Só não jogo bola, hoje não dá mais”. Alguns dirigentes são também jogadores, embora seja cada vez mais difícil encontrar tal figura. Apesar do cansaço de um trabalho quase

Loja de baterias de Itamar, presidente do Botafogo de Guaianases, na Vila Minerva (Foto: Enrico Spaggiari).

Bandeirão do Botafogo de Guaianases (Foto: Enrico Spaggiari).

diário dedicado ao Botafogo desde a década de 1980 – “a várzea exige muito”, diz –, Edson gosta do que faz: “Traz o reconhecimento no bairro. As pessoas me conhecem como Edson do Botafogo”. Um vínculo que cada vez menos é vivido por gerações de uma mesma família. Dentre os familiares dos diretores, somente Vinícius, filho de Edson, afirma que pretende ser diretor do clube. Aluno da escolinha de futebol do clube, carregador de faixa em dias de jogos e responsável por atualizar o site do clube,⁶⁶ Vinícius segue os passos do pai aos finais de semana nos bastidores da várzea. Tal enfraquecimento dos vínculos geracionais e familiares não impede os diretores, jogadores e torcedores de se referirem ao clube como a *Família Botafogo*, recurso retórico acionado principalmente em faixas, convites, comunicados e discursos durante momentos rituais, para se referir ao clube e àqueles a ele vinculados de alguma forma.

Uma família representante da “Família Botafogo” em jogo da Copa Kaiser (Foto: Enrico Spaggiari).

⁶⁶ Cf. <<http://www.botafogodeguaianases.com.br/>>. (Acesso em: 18/5/2012).

No Botafogo, os trabalhos são assumidos e desempenhados por homens. Não há mulheres na diretoria. Embora a participação das mulheres seja reduzida em um universo masculino⁶⁷ como o futebol de várzea, o envolvimento pode ocorrer de diferentes formas. Solange, esposa do presidente Itamar, é uma das responsáveis por preparar e distribuir os lanches. Outras mulheres do bairro lavam os uniformes dos jogadores e recebem uma remuneração por este serviço. O único cargo ocupado por uma mulher no clube não teve vida longa: Ita, jogadora e técnica de futebol feminino, foi convidada a desenvolver um trabalho com meninas e garotas na escolinha do Botafogo, mas o projeto foi interrompido em pouco tempo.⁶⁸

Poucos clubes em Guaianases dispõem, como o Botafogo, de todos os quadros e equipes complementares: esporte, segundinho, veteranos, máster e aspirantes. Dentro dos aspirantes, por conta da escolinha de futebol, o Botafogo divide a categoria em sub10, sub12, sub14, sub16 e sub17. Além destes quadros, o Botafogo ainda treina e monta equipes sub20, além de ceder todo domingo as duas primeiras horas do campo – entre 7h e 9h – para o “time dos pais”, iniciativa de reunir pais dos alunos da escolinha e veteranos do bairro.

O “esporte” reúne os melhores jogadores, em sua maioria acima de 18 anos. Um jogador mais novo pode atuar na várzea (mas não na Copa Kaiser), porém não é tão comum ver jovens atuando pelas equipes principais dos clubes varzeanos. Tal como a maioria das equipes, o “esporte” do Botafogo não realiza treinamentos ou coletivos. Os encontros semanais são somente para as partidas aos finais de semana. O “segundinho” ou “time B” reúne jogadores mais novos e que ainda precisam ser testados para atuar no “esporte”, ou então jogadores de qualidade que não conseguem acompanhar mais o ritmo dos mais jovens no “esporte”. A categoria “veteranos” é dividida entre aqueles de 35 a 50 anos; muitas equipes com jogadores acima de 50 anos adotam o termo “masters”. Porém, não se trata de uma divisão fixa. A categoria veteranos é ampla. Em tese, jogadores acima de 35 anos são considerados veteranos. De toda forma, é possível encontrar veteranos no “esporte”. Enquanto equipes veteranas têm maior flexibilidade de horário, visto que a maioria dos jogadores já se aposentou, o “esporte” sempre disputa suas partidas aos domingos, principal dia da várzea. Aos sábados, o horário vespertino é o mais disputado.

⁶⁷ Explorarei as relações de gênero no futebol na segunda parte da tese.

⁶⁸ Em 2011, entrevistei Ita para o site Ludopédio. Cf. <
<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/655>>. (Acesso: 24/01/2013).

Paralelamente à equipe de veteranos, Sérgio, professor da escolinha do Botafogo, criou o “time dos pais”, inicialmente formado por familiares dos alunos da escolinha. Porém, mesmo aqueles sem filhos na escolinha eram convidados a participar no “time dos pais”, que acabou se tornando um quadro de “veteranos conhecidos do Sérgio”. Nem todos são de Guaianases. Alguns moram em bairros próximos, como Itaquera e Itaim Paulista. Um deles, Juca, antigo morador do bairro Santana, na Zona Norte, vai todo domingo de manhã para Guaianases. Convidado por um ex-colega de equipe do trabalho a participar do “time dos pais”, rapidamente se enturmou. Como o grupo de praticantes não é ligado ao Botafogo, embora alguns tenham atuado pelo clube no passado, os veteranos pagam uma quantia mensal para cobrir as despesas com lavagem de uniforme, compra de equipamentos e custos com arbitragem.

Vale destacar que a atual configuração do Botafogo, dilatada em várias equipes, não é incomum na várzea, tampouco é rotineira. Vários clubes da Zona Leste também têm essa atuação ampliada, porém a maioria dos clubes mantém um ou dois quadros. Alguns, que não conseguem formar nenhum dos quadros completos, montam equipes mistas, envolvendo jovens e veteranos. Outros clubes tradicionais de Guaianases, como o Paulistano, atualmente só contam com equipes de veteranos; e outros clubes mais recentes dispõem apenas do “esporte”, como é o caso do Jardim São Carlos. Quando perguntei se já tinha jogado contra os veteranos do Vila Nova, o lateral-direito Zé Maria, veterano do 1º de Maio, foi jocoso na resposta: “Só faltava essa: se nem a agremiação é veterana, como é que vai ter um time de veteranos?”.

As equipes do Botafogo disputam amistosos, torneios locais, campeonatos regionais, festivais e a Copa Kaiser, o principal campeonato de futebol amador da cidade. Os amistosos, disputados principalmente contra clubes de Guaianases e de outros bairros da Zona Leste, são agendados ao longo do ano diretamente entre os diretores dos clubes ou por mediação de uma liga de futebol amador. Destacam-se também os amistosos das equipes do Botafogo em outras cidades da Grande São Paulo: Ferraz de Vasconcelos, Poá, Suzano, Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba e Salesópolis são constantemente visitadas pelas equipes do Botafogo, principalmente os times da escolinha.

Uma competição local, com clubes do bairro, ou regional, envolvendo agremiações de bairros e cidades próximas, pode reunir clubes tradicionais, clubes mais

novos e, em casos raros, times formados⁶⁹ especificamente para campeonatos organizados por clubes, ligas de futebol, lojas de esportes, donos de bares, políticos locais etc. Algumas partidas e competições disputadas pelo Botafogo são agendadas e organizadas pela Acocesp (Associação de Coordenadores de Clubes Esportivos), liga de futebol sediada em Guaianases e gerenciada por diretores vinculados ao próprio Grêmio Botafogo. Existem inúmeras ligas de futebol em São Paulo. Algumas se dedicam à realização de competições municipais mais amplas e centralizadoras; outras, com dinâmicas mais circunscritas, são voltadas à organização de torneios regionais, disputados por clubes de bairros vizinhos.⁷⁰ Vários clubes participam de torneios e competições realizadas por diferentes ligas, que lucram com as taxas de inscrição dos clubes nas competições e com as mensalidades pagas por alguns clubes afiliados a elas. A intermediação das ligas confere maior segurança às competições. Se algumas competições são muito procuradas, sendo necessário ser convidado para participar, em outras basta pagar a taxa de inscrição. Os clubes procuram as ligas pela qualidade futebolística das agremiações que compõem seu quadro, pela região da cidade que abrangem, por sua tradição e pela seriedade de seus líderes. Clubes da Zona Leste ou da Zona Oeste participam de competições organizadas por ligas de futebol em outras regiões. Ainda que dificulte, a distância não impede um clube de procurar um bom campeonato ou mesmo um bom amistoso. Afinal, circular pela cidade constitui a várzea.

Enquanto o Botafogo participa de diferentes tipos de torneios, vários clubes de Guaianases disputam apenas campeonatos locais ou somente festivais varzeanos, que reúnem diversos clubes e podem durar um dia, todo o final de semana ou mesmo exigir alguns finais de semana. Muitos deles são organizados em sintonia com outras atividades lúdicas e culturais promovidas no bairro, na véspera de celebrações e datas comemorativas, e são articulados para arrecadar dinheiro para os clubes ou auxiliar entidades sociais ou pessoas próximas que estão passando por problemas de saúde. Embora a cobrança dos torcedores seja maior em competições municipais como a Copa

⁶⁹ Trata-se de um time montado por um curto período, e não um clube institucionalizado, conforme apontaram diversos varzeanos.

⁷⁰ Algumas ligas importantes na várzea de São Paulo: Abreliga (Associação Brasileira de Ligas Esportivas Amadoras); C.U.E.B.L.A (Cidade Unida Esporte de Base e Ligas Amadoras); AMFA (Associação Metropolitana de Futebol Amador); e Liga do Cocada (vinculada ao Ajax da Vila Rica). Em Guaianases, duas se destacam: Liga Esportiva de Guaianases (também conhecida como Liga do Adelaido) e Acocesp (Associação de Coordenadores de Clubes Esportivos). Nota-se que algumas das ligas estão personificadas na figura de diretores de clubes e lideranças futebolísticas locais, cujas renomadas trajetórias dentro do cenário varzeano garantem a participação de inúmeros clubes e a confiança destes nas competições realizadas pelas ligas.

Kaiser, os torneios locais e festivais estão relacionados ao fator “jogar em casa”, que gera expectativas entre os torcedores: “Jogando em casa tem que ganhar”, deixavam claro os torcedores durante os jogos da Copa Botafogo, disputada no campo da agremiação. Independente do nível ou tamanho, conforme as competições avançam de fase, os campos ficam mais cheios, as brechas nas grades que cercam o campo ficam mais disputadas, e a cada partida as performances torcedoras se intensificam. Durante a semifinal de uma competição regional, a Copa Acocesp (também conhecida como Copa Senival), sentado no banco de reservas para filmar a partida, em uma posição privilegiada e passível de punição,⁷¹ acompanhei a assistência local e interação dos torcedores com os participantes do jogo, descritas posteriormente no diário de campo:

É possível imaginar o que sente um técnico de futebol profissional a partir da experiência de acompanhar uma partida da Copa Senival do banco de reservas. Inúmeros técnicos e especialistas, espremidos na grade, opinam, reclamam, xingam. Ainda no primeiro tempo, se pudessem, fariam mais de sete substituições. O mesário, acostumado com a bagunça, não para de rir; seu trabalho estava tranquilo até aquele momento, pois só teve que anotar um cartão amarelo durante o primeiro tempo. O técnico Adílson afirma não escutar nem 80% do que dizem do lado de fora do campo, mas de vez em quando atende às solicitações dos que estão ali na posição de torcedores e se aproxima da grade para “um dedo de prosa”. Em um dado momento, um torcedor, conhecido no bairro, com duas latas de cerveja na mão, se aproxima da grade e grita para os jogadores, técnico, reservas e para quem mais quisesse ouvir: “Se o time da quebrada perde na quebrada, alguém sai quebrado”.

Assistir as partidas no campo do Botafogo ou no campo do Codó é o programa favorito de muitos moradores do bairro aos sábados e domingos, independente de qual clube vá jogar naquele dia. Para esses frequentadores, alheios à torcida por um clube ou outro, o jogo é um momento de fazer piadas e comentários jocosos, divertir-se com os amigos que estão jogando, falar sobre sexo e mulheres, relembrar episódios engraçados da várzea, comentar sobre futebol profissional, discutir política, reclamar do poder público etc. O público é composto em sua maioria por homens, mas observa-se um número expressivo de mulheres, principalmente mães, esposas e namoradas dos jogadores, muito participativas durante as partidas. Os jogos são marcados pela brincadeira e gozação entre os jogadores dentro e fora do campo. Dinâmica que continua no vestiário e nas barracas de bebidas espalhadas pelas áreas do campo.

Em todos os sábados e domingos são realizadas inúmeras partidas envolvendo jovens futebolistas e varzeanos de diferentes categorias, com algumas raras exceções. O

⁷¹ Autorizados a permanecer no banco de reservas, junto com os jogadores reservas, somente o treinador, o massagista/roupeiro e um diretor/auxiliar técnico. Tais posições se misturam e se confundem, e uma mesma pessoa durante uma partida pode atuar como torcedor, roupeiro e massagista.

Dia das Mães, por exemplo, é sagrado: “é um dia para a família, pelo menos esse domingo tem que passar com a mãe, a esposa, os filhos, viajar com todo mundo, esquecer os problemas, até deixar o futebol um pouco de lado”, resumiu o diretor Edson. Em 2012, por exemplo, não houve rodada da Copa Kaiser nesse dia. Por outro lado, o dos profissionais, Santos e Guarani disputaram a final do Campeonato Paulista. Quem ficou feliz com a folga da Copa Kaiser no Dia das Mães foi o santista Magrão, pai de um aluno da escolinha do Botafogo e presidente do Coroa, clube de várzea da Cohab José Bonifácio, que assim pôde assistir sossegado à final, sem conflitos de agenda entre seus dois clubes.

Os árbitros são contratados pelo próprio clube ou por meio das ligas de arbitragem, algumas delas vinculadas à Federação Paulista de Futebol (FPF). Os diretores são responsáveis pela contratação das equipes de arbitragem, negociando valores e formas de pagamento. O Botafogo prefere acertar diretamente com os árbitros e bandeirinhas por acreditar que assim garante a presença dos mesmos no dia e horário das partidas. Segundo o diretor Edson, várias partidas já deixaram de ocorrer ou começaram atrasadas pela ausência do árbitro ou dos assistentes, que não souberam chegar ao campo, se perderam ou receberam uma proposta melhor de outro clube naquele mesmo dia; ou então ficaram receosos de apitar em determinado campo marcado pela fama de inseguro; ou ainda mudaram de ideia e preferiram não apitar naquele fim de semana. Os jogos são apitados somente pelo árbitro ou por equipes de arbitragem formadas pelo juiz, dois assistentes (ou bandeirinhas) e mesário. A função de mesário, responsável pelas anotações na súmula, substituições e por gerenciar os bancos de reservas, é ocupada por membros da liga organizadora da competição ou por voluntários entre as equipes que disputam os campeonatos. Tal como os jogadores, a atuação como árbitro, bandeirinha ou mesário rende um ganho extra para alguém que tenha emprego fixo ou trabalho informal durante a semana; os árbitros não conseguem se manter com o que ganham na várzea.

A arbitragem é um importante elemento ritualístico do futebol de várzea. Uma equipe de arbitragem completa sinaliza a importância da partida ou de um jogo em especial. A presença de um árbitro apenas revela que se trata de um certame no qual “não tem muita coisa em jogo”, comentou o professor Sérgio. Em um dia com várias partidas, o árbitro de uma atua como bandeirinha na seguinte. Assim, os membros do trio de arbitragem se revezam para conseguir aguentar as três ou quatro partidas programadas. O escalonamento é comum também nos torneios e séries de amistosos da

escolinha do Botafogo. Os “jogos de amigos”, como o do “time dos pais”, envolve apenas a escalação do árbitro, que comanda o jogo sem contar com a ajuda de bandeirinhas ou mesário, sendo o responsável inclusive por acompanhar e marcar os impedimentos, escanteios e laterais – tarefas que notadamente cabem aos bandeirinhas. Rafael, árbitro contratado quase todo domingo para apitar o jogo do “time dos pais”, afirma que uma das principais virtudes do árbitro é o “jogo de cintura” para saber lidar com os xingamentos, ameaças e tentativas de agressão. Como Rafael mostrou certa vez, quando acompanhei a arbitragem ao seu lado dentro do campo, durante um jogo de veteranos do Botafogo, a estratégia é se posicionar sempre na região central do campo e, na maior parte do tempo, correr na transversal. Assim, é possível acompanhar a maior quantidade de lances próximo dos jogadores, para se mostrar presente e atento ao jogo, bem como evitar uma exposição prolongada junto às laterais e fundos do campo, onde normalmente estão concentrados os torcedores.

Para pagar as equipes de arbitragem, confecção e lavagem de fardamentos, manutenção do campo de futebol, professores da escolinha, jogadores do “esporte”, entre outras despesas, a diretoria do Botafogo de Guaianases negocia patrocínios com empresas e comerciantes locais. Nos últimos anos o quadro de patrocinadores inclui a Doces Imperial, ENE Calçados e Confecções, Lua Luana Bolsas e Acessórios e Armarinhos Fernando. Outros comerciantes locais, entre eles Neto, da revendedora de gás Neto Ultragás, bem como alguns dos próprios diretores fazem pequenos investimentos mensais no clube – especialmente no “esporte” ou na escolinha de futebol –, porém não constam como patrocinadores, mas como colaboradores. Dentre todos, o principal patrocinador é a Transcooper Leste, cooperativa da área de transportes que administra as linhas de ônibus nesta região da cidade, ligada ao deputado estadual Luiz Moura (PT), ex-presidente da cooperativa. Um apoio que não se limita à esfera financeira, pois o time utiliza, de forma assídua, os ônibus e micro-ônibus da empresa para deslocar suas equipes aos jogos e torneios, inclusive as da escolinha. Suporte esse que alçou o Botafogo ao posto de principal clube do bairro, enquanto outros clubes foram desativados ou passaram por várias dificuldades.⁷²

O Botafogo também arrecada com as inscrições dos torneios e festivais que realiza e com a comercialização de bebidas e alimentos na barraca de churrasquinho montada pelo clube ao lado do campo de futebol. Veteranos e demais varzeanos fazem

⁷² Abordarei essa questão no próximo capítulo.

da barraca de churrasco um espaço de trocas, conversas, brincadeiras e discussão. Outros vendedores ambulantes também utilizam o mesmo espaço: uma mulher e sua filha montam uma pequena barraca para a venda de bebidas, doces e salgadinhos; sorveteiros circulam pelos dois campos; um casal traz um grande isopor e vende bebidas em frente ao bloco de vestiários do Codó. Segundo o presidente Itamar, grande parte do dinheiro do Botafogo de Guaianases vai para o pagamento de jogadores do “esporte”, lavagem de uniformes e manutenção do campo.⁷³

As logomarcas de todos os patrocinadores estampam o fardamento do Botafogo, que ostenta as cores alvinegras do Botafogo de Futebol e Regatas, clube profissional carioca. Novos uniformes são encomendados pela diretoria conforme a demanda de competições e de vendas da loja ENE Calçados, próxima à sede social e à loja de baterias do presidente Itamar, único espaço onde as camisas são vendidas. Os preços das camisas do Botafogo vendidas na ENE Calçados variam, mas custam em média R\$ 40. Ao contrário de muitos clubes que têm investido em uniformes mais elaborados, ricos em detalhes, cores chamativas e desenhos de mascotes, o Botafogo não foge à tradicional camisa listrada preto e branca, ou ao segundo uniforme todo branco. As camisas são feitas de polyester, e não de poliamida, material atualmente utilizado pelos clubes profissionais. Apesar de ser um tecido mais grosso e desconfortável para os jogadores, é utilizado principalmente por causa da sua durabilidade, evitando que o clube tenha gastos elevados com constantes trocas de fardamento.

Outras linhas de camisas do clube são lançadas nos períodos de comemoração ao aniversário da agremiação, mas são separadas dos uniformes de jogo e vendidas como “camisas da diretoria” ou “camisas da torcida”. O material esportivo da escolinha de futebol e ao “time dos pais” é feito na Curió Sports, localizada no centro de Suzano (SP), onde uma grande variedade de fardamentos de clubes varzeanos da Zona Leste ficam expostos e servem como modelo para a confecção de novos uniformes. Para fazer o fardamento do “time dos pais”, composto por uniformes brancos e uniformes pretos, Sérgio encomenda dois jogos de camisas, com vinte peças cada. Escudo, patrocinadores e inscrições são copiados com base em camisas anteriores do Botafogo. O custo de

⁷³ Sobre o comércio ambulante de alimentos e bebidas em partidas de futebol, conferir Costa (1989), que traz ampla pesquisa sobre as redes de comércio informal nos espaços públicos de São Paulo, inclusive as atividades de vendedores ambulantes ao redor de estádios de futebol. Os espaços esportivos amadores e profissionais revelam-se “polos onde os ambulantes prevalecem, principalmente quando acontecem determinados eventos caracterizados por uma grande concentração de pessoas, do qual depende o sucesso de suas vendas” (Costa, 1989, p.24).

produção de cada camisa fica em torno de R\$ 25, dependendo do tamanho. O preço de revenda é de R\$ 35.

Alguns modelos de camisa do Botafogo e seus patrocinadores (Fotos: Enrico Spaggiari).

Nos últimos anos, a venda de camisetas se tornou uma fonte de recursos fundamental para muitos clubes varzeanos e para empresas de confecção de material esportivo. Embora seja um mercado competitivo, com várias empresas de expressão local que atendem uma clientela formada pelos clubes pequenos e médios da várzea, duas empresas se destacam no comércio de materiais esportivos do futebol de várzea. A SportAção e a CM Esporte, ambas criadas em 1987, são as mais procuradas pelas agremiações varzeanas e produzem os uniformes da maioria dos clubes da Copa Kaiser. Além dos uniformes de jogo, as empresas fornecem bolsas, agasalhos e meiões para os jogadores; e camisas, bermudas, chinelos, canecas, entre outros produtos, para torcedores do clube.

Peça publicitária da empresa CM Esporte. Vale pontuar os sentidos atrelados ao termo "elite": tanto para classificar aqueles que fazem parte da "elite do futebol amador", alguns dos mais renomados clubes varzeanos paulistanos; como também para enfatizar a qualidade do fardamento produzido, de "elite", para os clubes das periferias da cidade.

Uma novidade amparada pela CM Esporte são as lojas itinerantes, montadas nos campos onde os clubes vão jogar. Ajax da Vila Rica (Zona Leste) e Pionner da Vila Guacuri (Zona Sul) foram os primeiros clubes a adotar a venda de material esportivo em lojas itinerantes oficiais. A loja do Ajax é montada em todos os jogos do “esporte”, com camisas oficiais a partir de R\$ 50 e agasalhos por volta de R\$ 150, cujo pagamento pode ser realizado com cartão de crédito. Alguns clubes possuem também lojas oficiais nas sedes dos clubes enquanto outros fazem parcerias com lojas e comércios do bairro, tal como a do Botafogo com a ENE Calçados. No bairro Cidade Tiradentes, por exemplo,

os uniformes, camisetas regatas, baby looks e bermudas do A.E. Sedex (do próprio bairro) são vendidos na loja The Store Surf & Griff.

Em 2013, os uniformes do Botafogo passaram a ser feitos pela Uniex, empresa sediada no Brás, que se especializou na personalização dos uniformes e produtos para os clubes. Para entrar em um mercado cada vez mais competitivo, a Uniex investiu em novos modelos, com estampas e *design* inovadores para o tradicional cenário varzeano, e assim estabeleceu parcerias com alguns dos principais clubes da Copa Kaiser, como o Ajax da Vila Rica, Pioneer F.C., Classe A, Napoli F.C. e Tiradentes da Vila Curuçá. Para 2014, contrariando o costume de produzir dois ou três uniformes para a temporada, a empresa lançou sete uniformes de jogo diferentes para o Pioneer, sem incluir o fardamento dos goleiros e as camisas de torcida.

Modelos de camisa do Botafogo de Guaianases produzidas pela Uniex para a temporada 2014
(Fotos: Enrico Spaggiari).

Se os patrocínios foram decisivos para compor a estrutura diferenciada do Botafogo em relação às demais agremiações da região nos últimos anos, outros fatores também alimentaram esse crescimento do clube, principalmente o trabalho nas categorias de base. A aposta nos jovens implica revelar novos talentos e negociá-los com clubes brasileiros e internacionais. Para este fim, a Escolinha Comunitária do Botafogo de Guaianases tem um papel decisivo.

Sendo Jurandir meu principal interlocutor em campo, tive acesso a um lócus privilegiado de observação: a sala do coordenador da escolinha, ou seja, um vestiário

desativado, usado por Jurandir para cadastrar e matricular alunos, conversar com mães e pais, com os próprios garotos, com a equipe e comissão técnica da escolinha, e com os diretores do clube. A partir da experiência etnográfica anterior (Spaggiari, 2009), sabia que o vestiário da administração era um espaço de mediação entre os diferentes atores internos e externos ao clube, bem como dos trâmites e agenciamentos acionados pelas pessoas ligadas ao clube de várzea e sua escolinha de futebol.

Neste espaço, pude acompanhar a organização e preparação de inúmeras ações, tais como entrevistas para a mídia impressa, eletrônica e televisiva (*Folha de S. Paulo*, *Sportv* e *Gazeta Esportiva*), reuniões com pais de alunos da escolinha, eventos, festas etc. Além deste espaço administrativo, acompanhei treinos e atividades ministrados pelos técnicos e professores da escolinha de futebol.

Quando perguntei a Itamar, presidente do Botafogo, como o clube vinha trabalhando a questão educacional, ele iniciou um longo discurso sobre a “responsabilidade social” da agremiação. Na proposta do Botafogo, a escolinha surge como um veículo de promoção da cidadania, educação e do esporte, com ênfase nos aspectos lúdicos da socialização de crianças e jovens. Para além da preocupação com as questões sociais do projeto, a diretoria do Botafogo sempre busca enfatizar que almeja também a formação de jogadores por meio deste projeto social. Portanto, a possibilidade de carreira é um dos principais objetivos, a ser alcançado sobretudo por meio das parcerias promovidas pelo clube. A principal parceria é com o São Paulo F. C., cujos primeiros desdobramentos pude acompanhar na pesquisa anterior (Spaggiari, 2009). O contrato de parceria foi assinado em setembro de 2007 no Centro de Treinamento (CT) do clube tricolor, no bairro da Barra Funda, com a presença do presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, e de alguns diretores do Botafogo de Guaianases: presidente Itamar, Severo, Luiz Moura e Edson. A proposta consiste no auxílio, por parte do clube do Morumbi, na formação de jogadores, com o empréstimo de materiais e instrumentos de treinamento, além da participação de profissionais do São Paulo nos treinos diários. Por meio do acordo, o São Paulo tem exclusividade num posterior intercâmbio dos jovens até 13 anos. Os meninos selecionados por profissionais do São Paulo nos campos do Botafogo realizam testes e, se aprovados, começam a treinar com o restante dos jogadores no Centro de Treinamento de Cotia, município da Grande São Paulo, que concentra todas as equipes das categorias de base do São Paulo e os jogadores em formação do time. Se, de um lado, o São Paulo tem poucas despesas com a parceria, o Botafogo, por outro, além de receber auxílio no trabalho com as

crianças, adquire uma parcela financeira caso algum menino “garimpado” pelo Botafogo seja negociado com algum outro clube posteriormente. Portanto, o objetivo principal de ambos é a revelação de talentos.⁷⁴

Contudo, a opção adotada pelo São Paulo em trabalhar apenas com os alunos com idade igual ou inferior a 13 anos permitia ao Botafogo estabelecer outras parcerias. Até 2008, tais parcerias ainda não tinham sido assinadas. Na época, Severo Ramos, diretor das categorias de base do Botafogo, travava contatos com outros clubes profissionais, entre eles, o Rio Branco, da cidade paulista de Americana, o Palmeiras e o Corinthians. Com este último, as tentativas de parceria recorriam a uma possível preocupação do clube com a atuação do rival São Paulo (com sede na Zona Sul da cidade) em bairros da Zona Leste paulistana, onde existiria, segundo o imaginário esportivo, uma hegemonia do Corinthians na região.⁷⁵

Nos últimos anos, o Botafogo de Guaianases procurou articular novas parcerias com outros clubes, como Olé Brasil, de Ribeirão Preto (SP), o São Judas, de Jaguariúna (SP), e o A. E. Itapireense, de Itapira (SP), porém os contatos não avançaram.⁷⁶ A parceria mais recente, mediada pelo deputado estadual Luiz Moura (PT), é com o Marília A.C., para onde alguns garotos da escolinha já foram encaminhados em 2013. Com tais parcerias, o Botafogo de Guaianases procura, ainda, solucionar alguns problemas decorrentes da saída de alguns jovens contatados por empresários de futebol no próprio campo do Botafogo. Embora muitos pais anseiem pelos contatos com empresários e agentes, o clube procura coibir a presença de empresários em sua sede ou nos campos de treinamento, o que vem atrapalhando os planos do clube varzeano de

⁷⁴ Retomarei questões relacionadas à parceria com o São Paulo no capítulo dedicado às atividades e dinâmicas relacionais observadas na Escolinha do Botafogo.

⁷⁵ Para construção de tal imaginário, contribui o fato de a sede do Corinthians estar no Tatuapé, bairro da Zona Leste. Além disso, o antigo centro de treinamento e o novo estádio, ambos situados no mesmo terreno, estarem em Itaquera, bairro próximo a Guaianases. Em 2012, o jornal *Folha de S. Paulo* divulgou uma ampla pesquisa intitulada “DNA Paulistano” que abordou também a preferência clubística dos moradores da cidade. Os corintianos são maioria em toda a cidade de São Paulo (33%). Dentre os 96 distritos da capital, somente em três não há maioria corintiana: Itaim Bibi e Morumbi (Zona Oeste) e Vila Andrade (Zona Sul). Ainda que esse domínio alcance quase toda metrópole, é na Zona Leste que o percentual de torcedores mostra-se mais significativo (40%). O segundo maior contingente de torcedores na região é do São Paulo F.C. (17%), seguido por Palmeiras (13%), Santos (7%) e Flamengo (1%). Em alguns bairros da Zona Leste o percentual de corintianos é ainda mais elevado, como é o caso de Cangaíba (47%). Cf. <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/10/1164850-em-cidade-corintiana-20-nao-temtime.shtml>>. (Acesso em: 20/03/2013).

⁷⁶ O Botafogo encaminhou alguns garotos para cada um dos clubes, todos com idade entre 14 e 15 anos. Estes jovens moram nos alojamentos dos clubes, próximos aos centros de treinamento (CTs), e recebem uma pequena quantia (menos de um salário mínimo) para comprar coisas que não disponíveis no CT, bem como para ajudar a família.

agenciar jogadores, pelo menos no início de suas trajetórias, tecendo contatos com clubes e negociando novas posições para os garotos. Assim, o Botafogo investe nestas parcerias para catalisar sua inserção no universo profissional. Vínculos que, segundo diretores, ajudam a enfrentar as investidas de empresários, que atuariam de forma sorrateira, “atravessando” o trabalho do clube de Guaianases.

A escolinha de futebol tem um papel importante no crescimento estrutural do clube como um todo, principalmente pela veiculação do projeto da mesma em diferentes mídias. Em algumas reportagens realizadas no Botafogo, destacou-se sua preponderância na formação de jogadores de futebol no contexto paulistano, já que o clube articulou parcerias com agremiações profissionais. Importância que, para o coordenador Jurandir, ainda não é devidamente valorizada pelos diretores da agremiação, mais preocupados em investir na equipe que disputa os campeonatos varzeanos locais e a Copa Kaiser de Futebol Amador. Sérgio, professor da escolinha, reforça as críticas de Jurandir:

Agora conseguimos quebrar essa coisa de mais preferência para o “esporte”. Agora a Escolinha do Botafogo ficou muito forte. Não por causa desses títulos. A própria mídia fez a Escolinha do Botafogo ficar forte. Você vê, o Neto veio aqui por causa da Escolinha do Botafogo, veio a TV japonesa por causa da Escolinha do Botafogo, veio uma TV da União Soviética por causa da Escolinha do Botafogo. O São Paulo fez essa parceria com a gente aqui por causa da Escolinha do Botafogo. (...) Na minha opinião, a diretoria tinha que investir mais na Escolinha. Antes algum diretor falava que o carro-chefe era o Botafogo. O “esporte” era o carro-chefe. Agora, na minha maneira de pensar, o carro-chefe é a Escolinha do Botafogo. A Escolinha do Botafogo deu uma sede para o Botafogo. Através da Escolinha, o Botafogo conseguiu uma sede própria agora. (...) O pessoal acha, até a gente acha, que o pessoal dá mais valor para o time de cima pelo fato de o time de cima disputar a Copa Kaiser, essa mídia toda que tem a Copa Kaiser. Então o pessoal acha que o time de cima é o carro-chefe. Mas eu não acho que é o carro-chefe, não... A base do Botafogo, nesses últimos dez anos, teve mais títulos do que o time principal. O time principal, de 97 para cá, não ganhou nada. Em 2006, ganhou o Metropolitano, e depois não ganhou mais nada. Então, está uns quatro anos sem ganhar nada. E a base não. Todo ano é um vice-campeonato, é um terceiro lugar, é campeão... Então, desde 2006 a base vem ganhando título e fazendo bonito com o nome do Botafogo. (Trecho de entrevista com Sérgio, professor da Escolinha do Botafogo, realizada pelo autor).

Apesar da visibilidade e dos diversos títulos das categorias de base, a escolinha recebe uma pequena parte do investimento que é feito no clube. Grande parte das receitas do Botafogo é destinada à composição e manutenção do “esporte”, ou seja, o time que disputa a Copa Kaiser de Futebol Amador. Mesmo os antigos diretores

descontentes com a atual diretoria, que questionavam se havia um acompanhamento adequado da trajetória dos alunos que jogaram pelas equipes da escolinha nos anos anteriores, reforçavam o desejo de fortalecer o “esporte” do Botafogo com jogadores produzidos pelo próprio clube, mas que não tiveram sucesso nas tentativas de seguir na carreira futebolística e retornaram para os campos de várzea do bairro e outras regiões. A Copa Kaiser é, sem dúvida, o principal evento do calendário varzeano, e continuava a ser tratada como o “carro-chefe” do Botafogo, atividade que mobilizaria diversas gerações de botafoguenses, apesar da visibilidade conquistada pela escolinha de futebol nos últimos anos.⁷⁷

2.1 - Copa Kaiser de Futebol Amador

Considerado pelos varzeanos o maior evento de futebol de várzea de São Paulo, a Copa Kaiser de Futebol Amador reúne aproximadamente 8.500 jogadores inscritos em 384 equipes, divididas em séries A e B, com acesso, descenso e torneios classificatórios. Realizada anualmente pela Evidência Promotions, comandada pelo jornalista Flávio Aduato, e patrocinada por uma grande empresa do setor de bebidas, a Copa Kaiser ocupa hoje um espaço destinado à realização de competições a nível municipal, desde a criação da Divisão Varzeana, campeonato organizado pela Federação Paulista de Futebol na década de 1940, que foi disputado até o final da década de 1960. Outros campeonatos de alcance municipal voltados ao futebol de várzea foram organizados nas décadas seguintes, como o Campeonato Varzeano da SEME (Secretaria Municipal de Esporte), disputado na década de 1970; e, posteriormente, a Copa da Cidade, também conhecida como Campeonato Varzeano da FPF, torneio organizado pela Federação Paulista de Futebol, entre 1985 e 1992.⁷⁸

A Copa Kaiser de Futebol Amador surgiu na primeira metade da década de 1990, quando o até então principal torneio de várzea em São Paulo era a Copa da Cidade. Após uma primeira experiência da Kaiser em patrocinar, com o jornal *A Gazeta Esportiva*, um campeonato varzeano em 1993, a cervejaria organizou um campeonato municipal de várzea em 1995, a primeira Copa Kaiser/SEME de Futebol Amador, e

⁷⁷ Pouco foi produzido sobre a Copa Kaiser nos estudos sobre esporte. Ver Beverari (2009).

⁷⁸ Paralelo à Copa Kaiser, porém sem mesmo prestígio, é disputado o Campeonato de Futebol Amador, promovido pela Prefeitura de São Paulo, com 480 equipes; e os Jogos da Cidade, com mais de 800 equipes de futebol amador.

como o próprio nome já indica, teve a colaboração da Secretaria Municipal de Esportes. A Kaiser esteve envolvida com o torneio até 1999, quando a rival Antartica comprou os direitos de patrocínio do campeonato e renomeou para Copa Antartica/Copa da Cidade. Contudo, um ano depois, a Kaiser retomou a organização do evento e o antigo nome. Novamente, entre 2004 e 2006, a Copa Kaiser deixou de ser disputada, e são disputadas três edições da Copa Metropolitana. Em 2007, a Copa Kaiser retorna como principal competição municipal do universo varzeano. O torneio cresceu nos anos seguintes e aumentou a procura por vagas na competição ao longo dos anos, o que fez com que os organizadores do torneio criassem a Série B da Copa Kaiser, cujos primeiros colocados garantem uma vaga na divisão principal no ano seguinte. Para preencher as vagas da Série B, ao final de cada ano, são organizadas pequenas seletivas em algumas regiões da cidade.

Se a AmBev (Companhia de Bebidas das Américas) fez altos investimentos no futebol profissional, tendo uma de suas marcas, a Brahma, como patrocinadora da Seleção Brasileira, a Kaiser voltou-se ao universo esportivo amador. Em 2010, a cervejaria holandesa Heineken comprou a marca Kaiser da mexicana Femsa e decidiu investir alto na edição de 2012. Os investimentos, estimados em R\$ 6 milhões, foram destinados à organização das seis etapas regionais – em São Paulo (SP), São José do Rio Preto (SP), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Blumenau (SC) e Porto Alegre (RS) –, e os campeões de cada cidade disputariam o título nacional no final do ano na Copa Kaiser Brasil. Esse investimento também envolveu várias ações de marketing, como a participação de Mano Menezes, então técnico da seleção brasileira, em eventos da Copa Kaiser 2012. O técnico ficou encarregado de escolher os melhores jogadores do futebol de várzea de São Paulo e montar uma seleção a partir da lista dos melhores jogadores de cada partida indicados pelos representantes da competição.⁷⁹

A partir de 2011, a empresa investiu também no apoio à cobertura na mídia, principalmente por meio do portal UOL, com o site *Papo de Várzea*. Além disso, a Copa Kaiser dispõe de um espaço no jornal *Lance!*, videotapes das partidas são transmitidos por canais de TV comunitários, além de programas de rádios piratas, e programas e mesas redondas em canais comunitários.⁸⁰ Observa-se no universo amador

⁷⁹ Cf. <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/03/07/tecnico-da-selecao-mano-menezes-vai-montar-dream-team-de-jogadores-de-varzea.htm> (Acesso em 14/04/12).

⁸⁰ Ao longo da pesquisa acompanhei ocasionalmente dois programas de televisão que abordam o universo varzeano: aos domingos, “Várzea na TV”, do canal comunitário *TV Aberta*; e, aos sábados, no mesmo

relances de um processo de espetacularização no qual “o papel desempenhado pelos meios de comunicação” (Betti, 1997, p. 30) tem um peso decisivo.

Contudo, o investimento mais interessante em 2012 foi o lançamento do primeiro álbum de figurinhas da Copa Kaiser. O álbum traz figurinhas dos jogadores, equipes, uniformes e escudos dos 32 clubes melhores classificados na Série A da Copa Kaiser de 2011 – menos de 10% do total de clubes (384) que disputavam as duas divisões naquele ano. Sabendo disso, os organizadores dedicaram uma página em branco, no meio do álbum, para as equipes não contempladas montarem a página do clube. As figurinhas podiam ser criadas e impressas no site da competição, seguindo o mesmo formato das que estão no álbum. O álbum era comercializado nos bares ao redor dos campos de futebol que recebiam partidas da competição e a venda só era realizada para adultos (maiores de 21 anos), mediante a compra de cervejas ou pagamento separado pelos pacotes de figurinhas. Para incentivar os varzeanos a colecionarem, diversos álbuns foram distribuídos em bares próximos aos campos e nas sedes dos clubes que disputavam o torneio em 2012, e não só aqueles que estavam representados no álbum. O Botafogo recebeu o seu lote, isso porém não despertou o interesse da diretoria, que guardou a remessa na gaveta de um antigo arquivo. Entre os clubes contemplados, porém, o álbum fez sucesso, gerando inclusive poucas, mas divertidas sessões de autógrafos dos jogadores nos campos em dias de jogos.

Capa do Álbum Oficial da Copa Kaiser 2012.

canal, “A Voz do Futebol Amador”, um programa mais diversificado, com transmissão de jogos, entrevistas, reportagens e debates mediados pelo narrador Ronaldo Lima, porém centrado nos principais clubes varzeanos da cidade. Em 2012, junto com o colega e historiador Max Rocha, entrevistei Ronaldo Lima para o site *Ludopédio* (<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1314>).

Algumas das figurinhas, contudo, não retratavam exatamente os jogadores que entravam em campo. Muitos presidentes e diretores de clubes se incluíram como jogadores nas sessões de fotografias. Virando as páginas do álbum é possível encontrar jogadores grisalhos, fora de forma e de aparência envelhecida; até aí tudo bem, pois os exemplos de Romário e Ronaldo Fenômeno, de visibilidade constante na mídia, podem relativizar os critérios etários e físicos. Mas, logo nas páginas do primeiro clube do álbum, A.A. Pery Novo (Vila Nova Cachoeirinha, Zona Norte), dentre os dezoito jogadores retratados, dois têm mais de 50 anos em 2012 e outros dois mais de 45 anos.

Imagens do escudo, uniforme e “jogadores” veteranos do A.A. Pery Novo, especialmente a primeira, quarta e sexta figurinhas.

A curiosa situação se repete na representação de vários outros clubes no álbum, como na página do Coroa F.C. (Conjunto José Bonifácio, Zona Leste), que traz a figurinha de César Magrão, presidente e treinador do time naquele ano. O pai de um aluno da Escolinha do Botafogo encontrava Magrão nos treinos sempre trajado com a camisa do clube ou com a camisa do Santos F.C., time pelo qual torce. Ao comentar sobre a figurinha, Magrão justificou que, quando fizeram a sessão de fotos, a equipe não estava completa e então incluíram a foto dele para completar a página do clube no álbum. Em outra oportunidade, após um jogo do Coroa pela Copa Kaiser 2012, o

volante Zé Nilson, quando perguntei sobre como fora a sessão de fotografias, sugeriu que a presença do presidente no álbum foi deliberada e imposta: “Quem nunca quis ser uma figurinha de futebol? E o Magrão já é uma figura mesmo...”.

Figurinhas da página do Coroa F.C. A da esquerda, inclui César Magrão, de azul, à direita.

Embora atualizado por diferentes iniciativas, como o álbum de figurinhas, a várzea de São Paulo mantém algumas de suas tradições, como os campos de terra batida, que ainda são maioria frente aos campos de grama sintética, ambos tipos utilizados na disputa da Copa Kaiser. Além destes campos, algumas partidas da competição e os jogos finais são disputados no Estádio Nicolau Alayon, sede do Nacional A. C., no bairro da Barra Funda (Zona Oeste), e que durante os jogos da Copa é designado Arena Kaiser, exibindo seu gramado natural e proporções de campo oficiais.⁸¹ Se alguns campos são relacionados como sedes principais dos bairros, por causa da estrutura e localização estratégica, outros campos são selecionados devido à tradição ou à força política dos clubes que neles jogam. Embora na maioria das vezes os clubes se desloquem dentro das regiões da cidade a que pertencem, em certos finais de semana, eles têm a oportunidade de disputar partidas em um estádio reservado ao futebol profissional. Disputar partidas nesses locais traz *status* para as equipes e oferece momentos marcados pelo encontro de jogadores, dirigentes e torcedores de diferentes áreas da cidade em uma região central, atualmente quase esvaziada de práticas varzeanas. Os jogos na Arena Kaiser oferecem a chance de entrevistas por repórteres,

⁸¹ Ao longo da pesquisa, duas finais, a de 2011 e 2013, foram disputadas na Arena Kaiser, e, em 2012, a final foi disputada no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Estádio do Pacaembu, próximo à região central da cidade.

jogos em um bom campo com gramado natural e uma maior segurança com a presença de um número significativo de policiais. Não há uma divisão de torcidas nas arquibancadas. Ao contrário, as torcidas expõem suas faixas, entoam seus cantos, alinham suas baterias, representam seus bairros. Além dos torcedores assíduos, que acompanham semanalmente a equipe pelos campos da cidade, destacam-se também os espectadores que não estão vinculados a nenhum dos clubes em atuação. Estes se deslocam aos campos pelo prazer de assistir às partidas, pela confraternização com amigos e conhecidos.

O evento conta com a participação de árbitros e auxiliares do quadro principal paulista do Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo, que apitam partidas de futebol profissional, principalmente das divisões inferiores do Campeonato Paulista. Embora a remuneração não seja comparável à do futebol profissional, muitos árbitros pedem para arbitrar jogos da Copa Kaiser e, assim, acabam intercalando jogos profissionais com partidas da várzea. O futebol varzeano, nesse caso, aparece como uma forma de aprendizado e treinamento para árbitros e auxiliares. “Como o jogo é muito pegado, se passar no teste da várzea, controlar legal o jogo, o cara consegue apitar qualquer partida do profissional”, comenta Adílson, treinador do Botafogo. A participação dos árbitros “profissionais” é muito valorizada pelos varzeanos, que apontam diferenças na qualidade da arbitragem quando nomes do primeiro quadro do Sindicato de Árbitros do Estado de São Paulo são escalados.⁸²

2.2 - Um 2012 “aos trancos e barrancos”

Como bem definiu Luiz Cláudio, então vice-presidente do Grêmio Botafogo, o Botafogo fez uma Copa Kaiser “aos trancos e barrancos” em 2012. Apesar do esforço de Adílson “Pintinho”, diretor do clube e treinador do “esporte”, principal responsável pela contratação de jogadores e montagem do elenco para a Copa Kaiser, a diretoria não alimentava muitas expectativas em relação à equipe daquele ano. Um time bom, porém modesto, sem grandes estrelas. Mais do que um treinador varzeano, que fica restrito à escalação e orientação do time à beira do campo, Adílson atua como um técnico-diretor,

⁸² Em março de 2013, o árbitro Leandro Bizzio Marinho apitou em dois finais de semana seguidos: em um clássico entre São Paulo e Palmeiras, pelo Campeonato Paulista, e no jogo entre Ajax (Vila Rica) e Águia FC da Rocinha (AE Carvalho), partida de abertura da Copa Kaiser de 2013. Cf. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2013/03/16/uma-semana-apos-apitar-choque-rei-leandro-bizzio-encara-desafio-na-varzea.htm>>. (Acesso em: 15/04/12).

com um papel fundamental no árduo processo de trabalho, assim descrito por ele mesmo: “busca jogadores, fala com eles, monta o time junto com a diretoria, corre atrás de apoio, faz a papelada da Kaiser, dá orientação, organiza o time, e só não treina porque todo mundo trabalha e não tem tempo”. O acúmulo de funções ajuda a agilizar o trabalho no Botafogo: “Tem clube em que o técnico só chega com uma lista dos jogadores que quer, os melhores da várzea, e o dono do time vai atrás. E tem clube em que o técnico assina o nome, mas chega no vestiário e o diretor escala”. O Botafogo do treinador Adílson não se enquadra em nenhuma dessas conjunturas.

A competição teve início em março, com os clubes disputando partidas a cada duas semanas. O grupo do Botafogo contava com outras três equipes da Zona Leste: Sete de Setembro FC (Vila Progresso), Harmonia e Cruz Credo. Embora a diretoria da agremiação de Guaianases esperasse um grupo fácil, dentro do campo, o Botafogo teve dificuldades para confirmar a classificação. Empatou nas duas primeiras rodadas, ambas por 0x0. Sem marcar gols nas primeiras partidas, o Botafogo só conseguiu se classificar em segundo lugar no grupo após uma vitória por 2x0 no último jogo contra o Harmonia, no campo do São Carlos. O destaque de Guaianases nessa Etapa 1 foi o Coroadó, com cem por cento de aproveitamento, que fazia uma boa campanha comandado pela dupla de atacantes Tufão e Jorginho, assim apelidados por causa dos personagens da novela *Avenida Brasil*, jogadores do Divino, clube da trama. Apesar da dupla “global”, o Coroadó não conseguiu passar da quarta fase, sendo eliminado em um grupo com Carrão, Napoli e Jardim Elba.

Na etapa 2, iniciada no primeiro domingo de maio, quando 120 equipes ainda participavam da disputa, a situação se repetiu. Em um grupo composto por Jardim São Carlos (Guaianases), Panela e Canarinho, o Botafogo novamente empatou as duas primeiras partidas por 0x0 e conseguiu a classificação em segundo lugar do grupo após vencer o Panela por 2x0 no campo do CDM Flor da Mocidade do Burgo Paulista. Na semana seguinte, em frente à loja do Itamar no bairro, torcedores cobravam de Adílson, “O ataque não faz gol!”, ao que o treinador respondia, “Mas a defesa também não toma!”. Zerada até junho, a defesa era o grande orgulho do treinador.

A defesa enfim sofreu seu primeiro gol no jogo de abertura da etapa 3, quando o Botafogo empatou com o Adega por 1x1. No segundo jogo, voltou a empatar por 0x0 contra o Napoli. Em um grupo (Leste-37) muito disputado, o Botafogo, novamente após dois empates, precisava vencer a última partida e derrotou o Santos F.C. por 3x0, mais uma vez no CDM Flor da Mocidade do Burgo Paulista, e se classificou para a fase

seguinte.

Nem houve tempo para muitas gozações sobre o fato de o Botafogo ter derrotado o Santos F.C., nome do mesmo clube pelo qual torce o presidente Itamar. Na semana seguinte, em mais um grupo formado apenas por clubes da Zona Leste – E.C. Noroeste, Associação Central Leste e EC Verona –, o Botafogo empatou novamente na primeira rodada por 0x0 contra o Central Leste. O próximo jogo, contra o Noroeste (Vila Formosa), era considerado o mais difícil da equipe até aquele momento. Relatos sobre a qualidade da equipe do Noroeste eram comuns nos campos do torneio a cada domingo.

Logo na chegada, o encontro das duas torcidas foi marcado por brincadeiras, provocações e pequenas discussões. Dois pequenos grupos de torcedores rivais ensaiaram uma contenda após um torcedor do Botafogo ter sido chamado reiteradamente de “veado” e “boiola”. Os torcedores passam a fazer provocações mútuas, uns sugerindo que na Vila Formosa só tem “bicha”, outros retrucando que as mulheres de Guaianases são mais homens que os varzeanos do bairro. As trocas de acusações, piadas machistas e sexistas, gozações sobre virilidade, imputando homossexualidade ao outro são comuns em uma prática ligada a espaços reservados à sociabilidade heteroafetiva do bairro, onde as contínuas exhibições da sexualidade para questionar a virilidade, como lembra Guedes (1997, p.147), “(...) embora centrais, diluem-se num fluxo contínuo de conversas e trocas”, envolvendo diferentes questões cotidianas.⁸³

“O Botafogo não tem chances. O elenco do Noroeste está recheado de estrelas”, grita um torcedor vermelho e branco de dentro do espaço do bar, antes da partida iniciar. O E. C. Noroeste, fundado em 1974 na Vila Formosa, sempre foi um clube com tradição de montar equipes com jogadores do bairro. Mas a Copa Kaiser exige investimento. Antes da partida, foguetórios, shows pirotécnicos, e baterias tocando sem parar. Atrás de uma das traves, no lado oposto ao bar, a bateria da torcida do Botafogo se batucava para apoiar o time. A entrada do Noroeste foi seguida de rojões e bombas disparados pela torcida Bonde Louco do Noroeste. O Noroeste dominou a partida. Embora a defesa não tenha se demonstrado sólida, o meio do campo estava formado por jogadores fortes e habilidosos que apoiaram atacantes muito rápidos. Com muito esforço e um pouco de sorte, o Botafogo conseguiu igualar o placar no segundo tempo e a partida terminou

⁸³ Construção de uma sociabilidade masculina varzeana que, como analisarei de forma detida na segunda parte da tese, se faz decisiva na produção de jovens futebolistas.

2x2. Mais um empate da equipe alvinegra.

Durante o segundo tempo, conversei com uma simpática turma de torcedores do Noroeste que confirmou o que o certame já revelava. A equipe da Vila Formosa contava com certos jogadores que atuaram em clubes profissionais brasileiros e em diversos outros países. Rapidamente, após a partida, alguns deles contaram detalhes de suas trajetórias. Um dos atacantes, muito alto, habilidoso e veloz, chamado de Kanu pela torcida,⁸⁴ destacou-se entre os jogadores vermelho e branco. O atacante Leandro “Kanu” atuou em diversas equipes em São Paulo, como Juventus e Palmeiras B, e no CRB de Alagoas, antes de um empresário o levar para jogar na Turquia e, depois, na Ucrânia. Com apenas 24 anos, Leandro já acumulava uma experiência internacional, ainda que tenham sido passagens muito rápidas. Sem contrato assinado com um novo time naquele momento, Leandro recebeu a proposta para jogar no Noroeste e, como foi criado na região da Vila Formosa, aceitou atuar na Copa Kaiser enquanto não conseguia arranjar outro clube profissional. O meia Fábio também jogou em vários clubes brasileiros e internacionais, incluindo Qatar e Vietnã. Porém, chamava atenção o fato de ele afirmar que ainda tinha contrato com um clube de Honduras e que retornaria ao país em pouco tempo ou que seu contrato seria negociado e teria que ir para outro clube. O volante Maurício era outro com experiência internacional, tendo atuado em equipes em Portugal e na Turquia, embora tivesse encerrado a carreira aos 29 anos, logo após voltar ao Brasil. A experiência e qualidade da equipe do Noroeste, formada por jogadores rodados, faziam diferença nos campos varzeanos da Copa Kaiser. Naquele ano, o Noroeste fez a melhor campanha da história do clube e chegou até a semifinal da competição. Meses depois, logo após o Noroeste disputar e perder a semifinal da Copa Kaiser, no mesmo dia do jogo, Fabinho assinou contrato com um clube da Índia.

Atualmente, poucos clubes montam equipes com jogadores da vila ou do bairro, priorizando a contratação de melhores jogadores de outras localidades, embora a contratação desenfreada de jogadores, a preços elevados, tenha inflacionado o mercado varzeano. “Na nossa época, a gente jogava pela camisa, pela vila do bairro. Não tinha essa de tirar o sustento só jogando na várzea. Fosse assim, estava rico hoje”, afirma João Carlos, veterano do Botafogo. Novamente reforçando a idealização de um tempo passado da várzea, alguns varzeanos condenam o gradativo afastamento dos clubes

⁸⁴ Alusão ao atacante nigeriano Kanu, que atuou em diversos clubes europeus e na seleção da Nigéria. Foi Kanu quem fez o gol que desclassificaria o Brasil na semifinal dos Jogos Olímpicos de 1996.

varzeanos de certos valores e princípios da várzea tradicional e a aproximação ao universo do futebol profissional. Para o veterano Lauro, o uso da expressão “futebol amador” no nome do torneio revela esse novo panorama.⁸⁵ Lauro é um dos que não acredita no discurso de que a Copa Kaiser seja importante para a continuidade da prática e cita outros torneios que também possuem certa regularidade e visibilidade na agenda varzeana de diferentes regiões de São Paulo: Copa Negritude (Artur Alvim, na Zona Leste), Copa da Paz (Paraisópolis, na Zona Sul), Copa Black Power (Ipiranga, na Zona Sul), Festival Nove de Julho (Zona Norte), dentre outros. Ao comentar sobre o atual cenário do futebol varzeano em São Paulo, o narrador esportivo Ronaldo define um novo cenário: “Quem chega hoje para ver o futebol da várzea, só vai encontrar do futebol da várzea mesmo muito pouco: o campo de terra, o cara que joga no time da sua vila. Infelizmente, e até felizmente, o futebol da várzea evoluiu, está evoluindo, e não volta mais”. Outros varzeanos procuram defender o uso da expressão “futebol amador” na Copa Kaiser, porém não entendem que o universo do futebol de várzea, como um todo, esteja passando por transformações, tampouco que “futebol de várzea” carregue um sentido pejorativo. “A Kaiser é uma coisa e a várzea é outra. A várzea é muito maior que a Copa Kaiser”, define Daniel, diretor do Botafogo.

Com dois empates, novamente o Botafogo se via obrigado a vencer a última partida, um clássico da região, contra o perigoso Verona da Cidade Tiradentes. Em um jogo nervoso, marcado por confusão e briga de torcedores e jogadores – quando Adílson Pintinho, logo após o primeiro gol do Botafogo, apanhou de torcedores ao sair de campo para proteger Vinícius, filho do diretor Édson –, o Botafogo venceu por 2x0 e classificou-se para a próxima fase.

A comemoração nesse dia foi especial. Além da euforia e excitação provocada por um jogo tenso e violento, diretoria, jogadores e torcedores comemoraram o retorno do Botafogo ao grupo das melhores vinte equipes dentre as 192 que iniciaram a competição. E, como lembrou Adonias, em frente à loja de Itamar: “E não perdemos nenhum jogo!”. A avalanche de empates, antes criticada de forma uníssona, passou a ser valorizada. Mas a alegria durou pouco. A etapa 5 da Copa Kaiser terminou em agosto e nesse mês a competição teve seu fim para o Botafogo. Novamente, “o grupo mais difícil

⁸⁵ O debate sobre as categorias amador/várzea se insere em uma lógica dicotômica já tradicional no campo das práticas esportivas, marcado pelo “monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa” (Bourdieu, 1983, p.142).

da competição”, bradou Adonias: Tiradentes (Vila Curuçá), Jardim Elba (do bairro homônimo) e o famoso E.C. Ajax (Vila Rica). Em uma partida nervosa, em que um jogador do Botafogo inclusive teve que sair de ambulância do gramado e ser encaminhado a um hospital após um choque de cabeça, o Botafogo perdeu sua invencibilidade para o Tiradentes frente a um grande público que enfrentou um domingo de frio no campo da Arena Kaiser.

O Ajax da Vila Rica é considerado atualmente, também pelos rivais, como o grande clube de várzea da Zona Leste. Conhecido como “Corinthians da Várzea”, por causa da sua enorme torcida, tem um sistema de sócio-torcedor e vendas de material esportivo do clube em uma loja itinerante montada em todas as partidas. Quando o grupo foi divulgado, os diretores do Botafogo lamentaram ter que enfrentar o Ajax. Além da força da equipe de 2012 e dos recursos financeiros do clube, trata-se de um clube tradicional e “tradição ganha jogo, faz diferença na várzea”, aponta o diretor Adonias. A Copa Kaiser é um torneio que reúne clubes antigos e novos, com origens e trajetórias diferentes. Clubes antigos, como o Carrão, fundado em 1928, ou o tradicional Lausanne Paulista, fundado em 1927, conhecido como Tigre da Cantareira, e que dispõe de instalações incomuns dentro do universo varzeano: estádio, ginásio, campos de futebol society, sede social com academia. Isso sem falar de diversos clubes criados em anos recentes, alguns voltados somente à Copa Kaiser. Uma rápida consulta no álbum de figurinhas da competição revela que entre os 32 clubes mais bem colocados em 2011 e selecionados para o álbum, cinco clubes foram fundados na década de 1990 e sete criados no novo milênio – são os “times quase sem história”, assim denominados por Daniel, diretor do Botafogo.⁸⁶

Apesar da tradição do clube, era a atual equipe formada pelo Ajax naquele ano que mais preocupava o técnico Adílson. O investimento do Ajax em reforços em 2012 repercutiu em vários bairros da Zona Leste. Em Guaianases, varzeanos comentavam sobre a contratação de jogadores africanos, o que só veio a ser confirmado quando a equipe estreou na Copa Kaiser. O Ajax trouxe o zagueiro Fred Odebe, jogador nigeriano

⁸⁶ Neste mesmo levantamento, nota-se que a maioria das agremiações foi fundada entre as décadas de 1970 e 1980 (catorze clubes) e que os clubes mais antigos, entre os mais bem classificados em 2011, datam da década de 1950 (três clubes). Ainda que este levantamento aponte para o desempenho das agremiações em um ano específico, nota-se a presença de poucos clubes ditos tradicionais nas etapas decisórias e mais competitivas do torneio. Observa-se, portanto, a predominância de clubes fundados nos anos 1970 e 1980, criados já em um período de renovação das praças esportivas em São Paulo, com a construção dos CDMs (Clubes Desportivos Municipais) pelo poder público (Spaggiari, 2009, p.43-46), época também da consolidação de um plano contínuo de competições municipais varzeanas.

que recebeu uma proposta para jogar no futebol brasileiro, mas que foi enganado e abandonado por um empresário em Caxias do Sul (RS), até chegar a São Paulo, começar a atuar no Ajax da Vila Rica e, por meio do clube, conseguir visto de permanência e um emprego. Contratou também Daniel Okete, que trabalhava como modelo na Nigéria, e tinha vindo para o Brasil para fazer testes em clubes nacionais após ter sido convidado por um empresário de jogadores. Porém, ele não foi aprovado nas avaliações, depois se lesionou e então começou a trabalhar como vitrinista em lojas de comércio de roupas no bairro do Brás, quando voltou a jogar futebol nos campos perto da sua casa na Zona Leste, chamando a atenção de diretores do Ajax.⁸⁷

Contudo, apesar dos nomes internacionais, o principal contratado nasceu no interior da Bahia: Uochiton Baraúna, artilheiro da Copa Kaiser 2010 com dezesseis gols, quando foi vice-campeão pelo Sedex (atualmente SDX).⁸⁸ Visado por muitos clubes, Uochiton acertou com o Ajax, mas mantinha uma rotina puxada em 2012, quando chegava a jogar três ou quatro vezes a cada fim de semana: pelo 9 de Julho (Casa Verde, na Zona Norte), Eldorado (Diadema, na Zona Sul), Sacadura (Santo André, na Zona Sul) e Bate Fácil (Taboão da Serra, na Zona Oeste). Para dar conta de circular pelas quatro regiões da cidade e municípios próximos, Uochiton ia de carro aos jogos. Correria que permitia viver do que ganha com o futebol amador.⁸⁹ Tal como Uochiton, vários jogadores que atuam na Copa Kaiser também percorrem a cidade para atuar em mais de uma equipe, e disputam campeonatos no ABC, em Diadema e outras regiões, participando de vários jogos em um único fim de semana. Também chegam a jogar outra partida no mesmo dia em que jogam na Copa Kaiser: “Eles deveriam se

⁸⁷ Cf. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/05/05/zagueiro-nigeriano-e-enganado-por-empresario-e-termina-jogando-no-futebol-de-varzea-de-sp.htm>>. (Acesso em: 10/06/12) e <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/09/20/ex-modelo-nigeriano-vem-ao-brasil-para-jogar-futebol-se-machuca-e-acaba-montando-vitrines.htm>>.

(Acesso em: 29/09/12). A participação de estrangeiros na Copa Kaiser ainda é incipiente, porém pude observar a presença de jogadores vinculados a levadas imigratórias recentes, principalmente de africanos e bolivianos, nos campos de várzea pela cidade. Sobre a prática de futebol por bolivianos em uma quadra de futsal na praça Kantuta, no bairro do Pari, onde é realizada uma feira boliviana, ver Alves (2011).

⁸⁸ Vice-campeão da Copa Kaiser em 2010, o Sedex (Cidade Tiradentes), assim batizado para qualificar a equipe veloz e apressada para chegar às vitórias, tal como o serviço de entrega expressa dos Correios, foi obrigado a mudar de nome, devido a um processo movido pelos Correios, e atualmente é chamado de SDX. Cf. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/04/27/correios-ganham-briga-na-justica-e-obrigam-time-da-varzea-a-abandonar-o-nome-sedex.htm>>. (Acesso em: 05/05/12).

⁸⁹ Cf. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/03/29/craques-da-varzea-disputam-ate-quatro-partidas-a-cada-fim-de-semana.htm>> (Acesso em: 14/04/12).

poupar, descansar entre os jogos para se recuperar, mas vai dizer isso para eles. É o ganha-pão dos caras”, comenta Adílson.

O Ajax (Vila Rica) ganhou ainda mais visibilidade midiática em 2012 por trazer para a várzea o ex-jogador profissional Gilmar Fubá, que já possuía vínculos familiares com o clube da Vila Rica. Além da qualidade de um jogador que atuou como profissional, o Ajax investiu também no carisma de Gilmar, conhecido pelos “causos” vividos em suas experiências futebolísticas. Gilmar estreou contra o Paulista (Itaim Paulista), atuando no Campo do Burgo, em Ermelino Matarazzo (Zona Leste), com campo lotado, mais de duas mil pessoas. Após quatro partidas, contudo, abandonou a equipe para atuar no Campeonato Brasileiro de Showbol.

No domingo da partida entre Botafogo e Ajax, o campo do CDM Flor da Mocidade do Burgo Paulista estava lotado, com uma grande maioria de torcedores do clube da Vila Rica. Três ônibus da Transcooper, reservados com antecedência por Adonias, transportaram torcedores e moradores de Guaianases, porém os grandes deslocamentos de torcida descritos nas narrativas de varzeanos veteranos não são verificados atualmente. Hoje, as excursões do Botafogo deslocam de dois a três ônibus de torcedores por jogo da Copa Kaiser. Não é por falta de ônibus, como bem salientou Luiz Cláudio, é por falta de torcida.

Com muito sacrifício, consegui chegar próximo ao balcão do bar do campo. Os vendedores e donos dos bares de campos são sempre ótimos informantes. Sabem dias e horários dos jogos, as melhores equipes, história de times e jogadores etc. Perguntei a Gérson, que trabalha no bar, que eu já conhecia de muitos outros jogos ali, se ele poderia apontar algum diretor do Ajax em meio àquela multidão. Indicou um pequeno grupo de veteranos próximo à sinuca. Em poucos minutos de conversa, os diretores do Ajax expressaram o mesmo respeito pela tradição do Botafogo, considerado um antigo rival e parceiro de várzea: “Não importa quem ganha ou perde, o que importa de verdade é a união da Zona Leste”, afirmou um diretor, que completou em seguida: “Rivalidade sempre vai existir, mas nada pode estragar o samba e a cerveja gelada depois do jogo”.

Em outra roda de conversa, que reunia torcedores de ambos os clubes, a rivalidade varzeana ganhava nitidez e performances jocosas, e era articulada às rivalidades do futebol profissional, conforme eu fazia perguntas sobre a relação entre as

agregiações.⁹⁰ Nesse momento, quando a conversa estava começando a ficar animada, Daniel, diretor do Botafogo, aproximou-se e disse que precisava conversar algo urgente comigo. Logo que nos afastamos, Daniel explicou a urgência: “Preciso tomar uma gelada antes do jogo. E não gosto de beber sozinho”.

Antes de o jogo começar, Daniel me chama para comer um churrasquinho e tomar uma cerveja. Quando ia em direção ao bar do campo, Daniel puxa meu braço e diz: “Você acha que vamos tomar Kaiser? Vamos lá no canto...”. Na barraquinha de churrasquinho do outro lado do campo, outra concentração de torcedores. Cerveja mais cara, mas não era Kaiser, comemoravam alguns. Skol e Brahma, R\$ 3 a lata. “Caro, mas vale a pena”, comenta um torcedor do Ajax, enquanto devora um espetinho de frango, daqueles todo branco, coberto de farinha. Peço duas latinhas de Skol. Brincando, pergunto para Daniel: “você vai querer uma também?”. Dimba, o vendedor, dirige-se ao muro da casa que faz divisa com o campo, e grita: “Manda duas Skol”. Após poucos segundos, surgem dois braços com as latinhas para entregar a Dimba. Dois braços, duas mãos segurando duas latinhas. Outro consumidor vem e pede latinhas de Brahma. Dimba repete o ritual. “Desce quatro latinhas de Brahma”. Novamente, somente os dois braços — e braços fortes, peludos —, sem rosto, sem voz. Por curiosidade, abro o isopor que está ao lado do pé de Dimba: só latinhas de Kaiser, refrigerante, água e uma garrafa de *Paratudo*, quase no fim. “Essa é minha”, apressa-se em alertar o vendedor. “Deixo aí para dar uma geladinha”, completa Dimba. Conto a história, ocorrida algumas semanas antes, quando torcedores do Guarani quase que me obrigaram a tomar algumas doses de *Paratudo* em Barueri. “É amargo que dói”, comento, para puxar assunto. Dimba retruca: “Que nada, é tipo *Yakult*, um pouco mais forte”. E Dimba ri alto. Ainda faltava tempo para o jogo. Daniel conversa com um pessoal do Ajax. Enquanto isso, tento puxar outros assuntos com Dimba, entre as vendas de espetos e bebidas. Copa Kaiser, cervejas, Corinthians, Zona Leste, eleições: tudo é assunto para conversa na barraquinha. Mas a roda começa a diminuir quando os fogueteiros começam a trabalhar: os times estão entrando em campo. Peço mais uma Skol e mais uma vez os braços aparecem, como se estivessem separados do corpo, tal como aquelas mãos da Família Adams. Não resisto e pergunto a Dimba de quem são aqueles braços peludos atrás do muro. Antes risonho, o rosto de Dimba fecha: “Braços peludos? Véio, você tá falando da minha mulher. Ela tá fazendo o trampo lá”. Daniel, ao meu lado, só diz: “Ihh”. Alguns segundos de silêncio. Dimba solta uma gargalhada e diz que estava só tirando um sarro. Seu pai é quem fica atrás do muro fornecendo as cervejas. E Dimba dá risada, muita risada.

Essa longa passagem, extraída do diário de campo, ao revelar as estratégias de vendedores ambulantes para driblar a proibição da venda de cervejas concorrentes da patrocinadora da competição, permite observar como a prática de beber atravessa as

⁹⁰ “É o maior time de várzea da Zona Leste, se não for da cidade inteira. É como se fosse o Corinthians da várzea”, sentenciou um torcedor do Ajax da Vila Rica (e possivelmente corintiano, mas nunca é certeza). O rival botafoguense (e possivelmente torcedor de outro clube profissional), encostado na grade, alguns passos distante, retrucou: “É sim, firmeza, tá certo, é tipo o Corinthians... Então é a maior bosta da várzea, uma bosta bem grande, que nem o Corinthians”.

relações sociais do futebol várzea, universo no qual é possível notar uma forte relação entre futebol, masculinidade e consumo de bebidas alcoólicas para além da Copa Kaiser, desde o consumo de bebidas até a organização de torneios por donos de bares localizados em campos de futebol. A maioria dos campos de várzea tem um bar, voltado principalmente à venda de bebidas alcoólicas. Em muitos casos, são os donos dos bares que cuidam e gerenciam os campos. Nesses espaços, percebe-se que as relações entre donos e clientes, atendentes e fregueses, e entre os próprios frequentadores, são próximas. Laços sociais fortes e longevos são característicos dos botecos de bairros periféricos, que possuem fregueses assíduos. Entre os boleiros, há aqueles que bebem diariamente e outros que bebem somente aos finais de semana, com os amigos naquele espaço específico. Assim, o bar dos varzeanos apresenta uma sociabilidade mediada pelo consumo de cerveja e dotada de certas regras implícitas, proibições e transgressões que definem certas “maneiras de beber” (Neves, 2003, p.78). Emerge uma sociabilidade futeboetífica vivida por varzeanos de diversas faixas etárias aos finais de semana, mas notadamente por homens entre os 40 e 70 anos, consumidores de várias bebidas, principalmente cerveja e cachaça. A escolha por uma das duas bebidas, ou pelas duas, revela “maneiras de beber” e formas de masculinidades construídas no bar, espaço de diferenciações de gênero. Compreendidas respectivamente como forte e fraca, cachaça e cerveja configuram a prática de beber que valoriza a resistência e o autocontrole, atributos tidos como masculinos nos bares da várzea.⁹¹

Entre cervejas e provocações, o jogo terminou empatado em 1x1. Pior para o Botafogo que perdeu o primeiro jogo e estava em uma situação complicada no grupo. Na saída do campo, encontrei alguns dos diretores do Ajax com quem conversara antes da partida. Um dos diretores, visivelmente bravo com o desempenho da equipe, não quis dar continuidade à conversa. Outro diretor, que se demonstrava mais preocupado em guiar os torcedores aos ônibus fretados, manteve o discurso inicial de valorizar o encontro entre as duas tradicionais agremiações do cenário varzeano: “O jogo foi bom, decidido nos detalhes. Mas o importante é a festa, a confraternização entre esses dois grandes clubes, a dedicação do time e da torcida ao clube, o amor à camisa. A várzea é onde fazemos amizades, reencontramos amigos. É uma grande festa”. A Copa Kaiser

⁹¹ Como aponta (Guedes, 1998, p.72), “O botequim é a ‘casa dos homens’ para os trabalhadores. É parte fundamental de suas vidas, espaço onde articulam entre si família, trabalho e local. É ali, em meio à cerveja ou cachaça, à comida forte (linguiça, torresmo, churrascos improvisados...), ao samba que produzem e reproduzem, que contam seus casos e exibem sua força masculina”.

surge, portanto, como um espaço de interlocução e mediação de rivalidades e antigos conflitos dentro do universo varzeano. Opinião que é compartilhada por Marquinhos, zagueiro do Botafogo, e amigo de alguns jogadores do Ajax: “Antes de tudo, é o meu divertimento, o que me dá prazer. O futebol também me traz amigos. Além disso, é uma forma de me manter ativo, sempre com saúde, ‘inteiraço’”. Configura-se, assim, um estilo de vida esportivo (Stigger, 2002) em um universo amador que torna cada vez mais difícil a junção da competitividade e das relações de amizade. Os varzeanos do Botafogo e do Ajax evidenciam que ganhar é fundamental, assim como a chance de encontrar conhecidos, fazer piadas e tomar cerveja antes, durante e depois do jogo.⁹²

Com o empate, o Botafogo dependia da combinação de dois resultados na última rodada: precisava vencer e o Ajax da Vila Rica perder. O cenário se confirmou: o Tiradentes venceu o Ajax por 1x0 e o Botafogo conseguiu uma vitória simples e suada por 1x0 sobre Jardim Elba. O resultado do jogo do Ajax, disputado no mesmo horário em outro campo, foi divulgado por Daniel, que foi “secar” o jogo do adversário. Mistura de felicidade e tristeza no campo do Burgo Paulista: alguns comemoram a passagem para as oitavas de final, outros lamentam a derrota na primeira rodada que custou a desclassificação. As cenas de celebração e lamentos causaram estranheza e geraram dúvidas inclusive nos representantes oficiais do torneio, que preferiram não confirmar quem eram os classificados. O resultado oficial foi confirmado pouco depois, via telefone, pela organização da competição: Ajax e Botafogo empataram em número de pontos, porém, o clube da Vila Rica teve um saldo de gols maior, com a diferença de um gol, e assim alcançou a classificação para as oitavas de final. Enquanto diretores e torcedores retiravam rapidamente faixas, bandeirões e instrumentos de bateria, pois os ônibus fretados aguardam, no máximo, de vinte a trinta minutos após o encerramento da partida, alguns jogadores saíam do vestiário e se encaminhavam para o bar. Afinal, a cerveja era por conta da diretoria do clube de Guaianases.

Em uma competição feita aos “trancos e barrancos”, como definiu o então vice-presidente Luiz Cláudio, “chega um hora que não pega mais no tranco e não vai nem empurrando do barranco”, brincou Luiz, dono de uma loja de autopeças, na semana seguinte à desclassificação. Porém, o resultado final teve uma avaliação positiva da diretoria, que pouco pôde investir naquele ano. “Chegar entre os vinte classificados não

⁹² A importância do estar junto e do compartilhar experiências, tanto quanto do competir, pode ser observada em outras práticas esportivas, como nas redes de sociabilidade de skatistas em São Paulo, analisadas por Giancarlo Machado (2011, p.67-69).

é fácil, não é para qualquer um: a Família Botafogo está de parabéns”, discursou o presidente Itamar para outros membros da diretoria.

Enquanto o tradicional Botafogo lamentava e já iniciava os preparativos para a próxima edição do torneio, o E.C. Jardim São Carlos, fundado em 1987, fazia a melhor campanha da Copa Kaiser daquele ano, superando a última fase de grupos da competição. Porém, não foi o suficiente. Eliminado nas quartas de final, o Jardim São Carlos se juntou ao Botafogo na torcida pelo Ajax da Vila Rica na final da Copa Kaiser. “Agora o Ajax representa a Zona Leste e estamos juntos”, afirmou Itamar, presidente do Botafogo, que fez questão de acompanhar a final do torneio. Ainda que as rivalidades persistam, principalmente entre clubes que compartilham territorialidades, praticamente não se observa um prolongamento das disputas e tensões rituais na esfera do cotidiano, como ocorre com frequência no futebol profissional. Em um Pacaembu quase lotado, com 20.260 pessoas nas arquibancadas, além da presença do então técnico da seleção brasileira, Mano Menezes, o Ajax (Vila Rica) venceu a Turma do Baffô (Jardim Clímax) por 2x1, e garantiu vaga na Copa Kaiser Brasil, disputada entre novembro e dezembro, em Blumenau, e vencida pelo Botafogo de Pomedore (Blumenau).⁹³

2.3 - O rodar varzeano

Apesar das cobranças da torcida, somente o fato de disputar a Série A da Copa Kaiser já uma forma de distinção dentro do cenário varzeano. Ao longo do torneio, rivalidades de clubes antigos vêm à tona por pequenas divergências; confrontos e discussões criam novas competitividades entre clubes criados recentemente. E tais disputas rendem amistosos, convites para torneios, geram histórias e memórias. Laços são então criados e bairros distantes no espaço se tornam próximos simbolicamente. “Ter Kaiser na camisa não tem preço”, explica Gérson, torcedor do Botafogo, ressaltando o valor que as logomarcas de outras cervejarias não possuem na várzea.⁹⁴

⁹³ O número expressivo de torcedores na final ganha maior projeção frente às oscilações de público no futebol profissional. Na semana anterior, no mesmo Estádio do Pacaembu, o jogo Corinthians x Coritiba (10/11/2012) contou com a presença de 22.006 torcedores pagantes. Um público um pouco maior ao da final da Copa Kaiser. Comparação desmedida quando envolve o clássico Corinthians x Santos (24/11/2012), disputado no Estádio do Pacaembu na semana seguinte para um público de 36.482 pessoas. O Palmeiras, que naquele momento lutava contra o descenso para a Série B, enfrentou o Atlético-GO (25/11/2012) em um Pacaembu esvaziado, com 4.244 pagantes, cf. <<http://globoesporte.globo.com/>>. (Acesso em: 27/02/2014).

⁹⁴ Outras cervejarias também organizam ou já organizaram competições de futebol de várzea. A Taça Brahma, também chamada de Taça São Paulo, é um campeonato metropolitano, com a participação de centenas de clubes, porém sem a mesma repercussão e visibilidade da Copa Kaiser. Vale destacar que

Camisas de clubes com estampas das três cervejarias. No alto, à esquerda, camisa do 1º de Maio, do Tatuapé. No alto, à direita, com o logotipo da Brahma, a camisa do Vila Nova, do Itaim Paulista. Abaixo, à esquerda, com o logo da Antarctica, a camisa do Brasão F.C. Abaixo, à direita, com logotipo da Kaiser, a camisa do Pau Queimado, do Tatuapé: Enrico Spaggiari, 2013).

setores esportivos do poder público evitam tornar públicas suas associações às marcas de bebidas alcoólicas. Recentemente, a Kaiser decidiu remover a estampa da logomarca da cerveja das camisas das equipes que participam da competição, que passaram a trajar uniformes com novas inscrições: “Se beber não dirija” ou “Beba com moderação”.

“Ter Kaiser na camisa não tem preço”, portanto, sintetiza o respeito e autoridade que a estampa da Kaiser projeta no cenário varzeano. “Não é qualquer time da várzea que carrega o logo da Kaiser na camisa. Precisa mostrar que é grande”, afirma Adonias. Para participar da Copa Kaiser precisa ter “bala na agulha”, relata Magrão, presidente do Coroa da Cohab José Bonifácio: “Tem que ter dinheiro para investir, para cobrir os gastos, que são altos, e assim montar uma boa equipe; ter uma diretoria organizada, compromissada com o clube, esperta, de procedimento”. Em Guaianases, por exemplo, somente Grêmio Botafogo, S.E. Coroados e E.C. Jardim São Carlos participaram da Série A da Copa Kaiser em 2012. Outros clubes, como 1º de Maio F.C., E.C. 8 de Maio, Vila Nova F.C., participaram da Série B. A Copa Kaiser é um dos diferenciais do Botafogo frente aos demais clubes do bairro, pois é o único a conquistar a competição. Em 1993, venceu a edição experimental da Copa A Gazeta Esportiva/Copa Kaiser; e foi campeão da 3ª Copa Kaiser de 1997. Embora ainda não mobilizasse o cenário varzeano como faz hoje, o título da Copa Kaiser de 1997, conquistado pelo Botafogo, é um dos momentos mais lembrados por diretores e torcedores, de diferentes gerações, antigas e mais novas: “Aquela equipe foi um dos principais orgulhos de Guaianases. Tem jogador que ainda hoje ganha cerveja de graça nos bares do bairro por causa daquele título”, afirma Edson, responsável por arquivar e resguardar na sede do clube os troféus e demais símbolos das conquistas botafoguenses.

A burocracia dos grandes campeonatos, como a Copa Kaiser, afasta outros clubes menos organizados. A competição exige inúmeros documentos para a inscrição dos jogadores: cópias de RG, fotos 3x4, atestado médico, taxas. Além disso, os clubes precisam ter CNPJ e registro em cartório, ser filiados à Federação Paulista de Futebol (FPF) como agremiações amadoras. Incapazes ou indispostos a atender, muitos clubes não disputam a Copa Kaiser e participam de outras competições regionais, torneios de bairro, festivais ou somente amistosos.

A Evidência Promotions, empresa que organiza a competição, realiza reuniões com diretores e treinadores dos clubes antes de começar o campeonato para apresentar o regulamento, endereços dos campos, grupos, tabela da competição e demais aspectos técnicos do torneio. O regulamento é apresentado de forma minuciosa para evitar transtornos futuros aos organizadores, que procuram sempre aplicar punições às infrações e assim manter a competição sob controle. Os resultados, punições, próximos jogos e outras informações são publicados semanalmente no site da competição e no portal UOL, mantendo assim os clubes e torcedores atualizados.

A Copa Kaiser disciplinou o futebol da várzea. Antes tinha muita confusão, muita briga, tinha problemas sérios. Quando o Flávio Adauto pôs a mão e disciplinou, aí se passou a jogar futebol no futebol da várzea. Ainda tem confusões e problemas, mas a comissão disciplinar da Evidência é muito rigorosa. Tanto que o Vida Loka está suspenso três anos porque bateram na arbitragem. Enrico, você viu a confusão lá no campo. O time, ex-campeão da Copa Kaiser, está suspenso por três anos. Se não fizer isso, perde o domínio, pois a rivalidade é grande (Trecho de entrevista com o narrador Ronaldo Lima, publicada no site *Ludopédio*).

É difícil ouvir críticas em relação à organização da Copa Kaiser, elogiada de forma contínua por clubes participantes e profissionais da imprensa por conta do atendimento, da rapidez no acesso às informações e por fazer cumprir o regulamento. Para o narrador Ronaldo Lima, “O torneio organizado por eles não tem comparação. Todos elogiam. Em alguns outros estados, onde a Copa Kaiser é muito forte, pode até ser um pouco melhor, mas esse nível de competitividade, rivalidade e equilíbrio entre as equipes só têm na Copa Kaiser de São Paulo”. Contudo, conforme o torneio crescia e o número de clubes aumentava, representantes da Zona Leste do município passaram a expor suas insatisfações com o sistema de classificação adotado pela comissão organizadora.

A Copa Kaiser tem seis fases e nas cinco primeiras os clubes são divididos de acordo com quatro grandes regiões da cidade – Leste, Oeste, Norte e Sul. Nas primeiras fases, as equipes de cada região enfrentam umas às outras, para evitar longos deslocamentos e gastos maiores dos clubes. Assim, a competição se inicia em etapas regionais e, conforme avança, reúne os melhores de cada região, e somente na última fase da competição, há o confronto entre equipes de diferentes áreas da cidade. Enquanto as zonas Norte, Sul e Oeste têm 32 clubes cada uma, divididos em 8 grupos com quatro times, a Zona Leste tem 96 clubes, divididos em 24 grupos com quatro times. Quase metade das equipes que disputam a Série A do torneio é da Zona Leste. O maior número de clubes da Zona Leste é parcialmente equilibrado no sistema de classificação da primeira fase da competição, quando somente os dois primeiros colocados de cada grupo da Zona Leste se classificam, ao passo que os três primeiros colocados dos grupos das zonas Norte, Sul e Oeste alcançam a classificação. Assim, ao iniciar a segunda fase, a Zona Leste está representada por 48 clubes enquanto cada uma das demais regiões possui 24 equipes na competição. Metade dos times da Zona Leste foi desclassificada já na primeira fase, enquanto o número de representantes das demais

zonas diminuiu apenas 25%.

Os critérios de organização da tabela e definição de quantos classificados por região da cidade são criticados pelo fato de a Zona Leste ter muitos mais clubes e um número percentual menor de classificados. Para Itamar, presidente do Botafogo, o formato atual da Copa Kaiser explica o insucesso dos clubes da Zona Leste nos últimos anos, já que muitas equipes boas são desclassificadas ainda na primeira fase, enquanto times de outras regiões continuam no torneio: “Como os times de cada região têm que se enfrentar nas primeiras etapas, muito time bom da Zona Leste acaba eliminado. Além disso, as equipes daqui sofrem mais nessas etapas, têm mais desgaste, e, depois, quando chega os momentos decisivos da Kaiser, a turma já está no limite”.

Tal como Itamar, diretores de outros clubes da Zona Leste entendem que o regulamento prejudica os clubes da região, apesar da conquista de quase a metade dos títulos da Copa Kaiser desde sua criação, sendo que, nos primeiros oito anos de competição, somente uma vez o título foi conquistado por uma equipe de outra região da cidade.⁹⁵ A queixa diz respeito aos últimos anos, em que as equipes da Zona Leste têm chegado em menor número às finais em proporção ao número de clubes que iniciam a competição. E apesar da quantidade de times que participam do torneio, somente duas equipes da Zona Leste voltaram a vencer o torneio.⁹⁶ O Ajax (Vila Rica), campeão em 2012, encerrou um jejum de cinco anos sem títulos para a Zona Leste. Conforme atesta Flávio Adauto, organizador do torneio, a Zona Leste concentra a maior quantidade de clubes e de campos de futebol. Algo esperado, segundo Flávio Adauto, pois é a região mais populosa da cidade, bem como a região mais forte dentro do cenário varzeano: “Os clubes da Zona Leste até bem pouco tempo eram mais organizados, tinham mais estrutura, mas hoje já mudou um pouco. Os times da Zona Sul cresceram muito nos últimos anos e investiram mais”, afirma o dono da Evidência.

Porém, não só os clubes da Zona Sul cresceram e passaram a investir mais. Houve uma inflação geral do quadro de orçamentos das agremiações. Frente a esse elevado e crescente conjunto de gastos, o tema mais abordado em torno da Copa Kaiser

⁹⁵ Equipes da Zona Leste que foram campeãs da Copa Kaiser: Paulistano, do Jardim Coimbra (1995), Boa Esperança, de São Mateus (1996 e 2000), Botafogo de Guaianases (1997 e 2006), Cruz Credo, da Vila Formosa (1998), XI Garotos, de Ermelino Matarazzo (2001), Napoli, da Vila Industrial (2002) e Ajax, da Vila Rica (2012).

⁹⁶ Outro rápido levantamento com base no álbum de figurinhas revela que, entre os 32 clubes classificados para as últimas etapas em 2011, onze eram da Zona Leste, oito da Zona Oeste, sete da Zona Norte e seis da Zona Sul. Uma pequena diferença se considerarmos o número inicial de equipes de cada região na competição.

nos últimos anos tem sido a profissionalização de certos aspectos do futebol de várzea. A maioria dos clubes que disputa a Copa Kaiser tem jogadores com passagem pelo futebol profissional. Muitos jogadores varzeanos se definem como profissionais. Para não ficarem parados nos períodos de recesso do calendário profissional, participam de campeonatos varzeanos, principalmente a Copa Kaiser. Assim, a competição passou a ser utilizada como vitrine para os jogadores em busca de contratos com clubes profissionais, bem como para chamar a atenção de outras equipes varzeanas e receber melhores ofertas dentro do próprio mercado varzeano. Dênis, jogador do Napoli, da Vila Industrial, que parou de atuar no futebol profissional e atualmente só se dedica ao futebol varzeano, não se arrepende: “Antes era tudo muito incerto, estava difícil arrumar clube para jogar. Hoje na várzea meu passe é disputado, sou procurado por várias equipes todo ano”. Vários jogadores vivem uma eterna reconversão, alternando clubes amadores e profissionais durante alguns anos, até encerrar definitivamente a carreira. Além dos jogadores que ainda estão atuando profissionalmente, a várzea abriga ex-jogadores profissionais, dispostos ainda obter algum tipo de renda com o futebol.

Mas trata-se de um mercado formado, em sua maioria, por jogadores que tiveram poucas oportunidades no futebol profissional e que, por diferentes razões, retornaram para o cenário varzeano ou para outras profissões não relacionadas ao futebol. Entre as justificativas para desistir da carreira, jogadores mencionaram as dificuldades financeiras no início; a falta de apoio e oportunidades quando ainda estavam nas categorias de base dos clubes; a ausência de um empresário que facilitasse os contatos e negociações; a necessidade de trabalhar para ajudar ou sustentar a família; a opção por focar na religião, quando houve impasses entre a prática religiosa e a futebolística; problemas físicos decorrentes de contusões e lesões; por fim, uma série de eventos e decepções no universo profissional, principalmente no que diz respeito aos longos períodos sem receber os pagamentos e salários acordados. Em relação a este ponto, é comum ouvir relatos de que a vantagem do futebol de várzea é a certeza do pagamento, feito sempre antes das partidas.

Sem poder aquisitivo para contratar os principais jogadores da Copa Kaiser, que têm uma maior visibilidade e são muito assediados – e por isso exigem valores maiores para as “assinaturas” –, o Grêmio Botafogo de Guaianases procura novos jogadores nos clubes que não disputam a competição da cervejaria e assim procuram manter o orçamento baixo: “Se um jogador se destaca, logo é assediado por outros times. O Botafogo não consegue cobrir o que oferecem por aí”, justifica o presidente Itamar. A

busca é feita em campos de várzea de Guaianases, bairros da Zona Leste e cidades próximas, como Suzano, Poá e Mauá. “Para montar um time bom, tem que rodar a cidade, cada bairro, cada vila, nas piores quebradas”, afirma Adílson, técnico do Botafogo de Guaianases. Algumas posições são mais difíceis de serem preenchidas que outras, ressalta Adílson: “Centroavante é uma posição complicada, difícil de encontrar um cara bom, que coloque a bola para dentro”.

Os principais gastos ocorrem entre uma temporada e outra, quando os jogadores são sondados e recebem propostas para trocar de times. O período de negociações nos primeiros meses do ano é fundamental, visto que o atleta não pode atuar por dois clubes diferentes em uma mesma edição. Não existem vínculos legais entre os envolvidos: as transações são informais e os negócios são fechados no aperto de mão. No momento da “assinatura”, quando troca de time, o jogador recebe um bônus – as famosas “luvas” do profissional – por aceitar trocar e atuar no novo clube. Além do pagamento na assinatura e do valor por jogo (ou por mês), em alguns casos, há uma bonificação extra de acordo com a performance do jogador. O pagamento é distribuído em envelopes, antes ou depois da partida, e os jogadores não podem abri-los dentro dos vestiários. “Quando tem dinheiro no meio é um problema. Um recebe mais, outro recebe menos, tem outro que nem recebe”, comenta Adílson. “É caro montar uma equipe forte para a Copa Kaiser. Os jogadores estão pedindo muito dinheiro”, confirma Adonias, diretor do Botafogo.

Os gastos de cada equipe variam e incluem ainda despesas com aluguel de ônibus para jogadores e torcedores, confecção e lavagem de fardamento, manutenção de equipamento esportivo etc. Ao comentar sobre o investimento dos outros clubes, Adílson, treinador do Botafogo, cita que algumas equipes realizam treinamentos durante a semana, principalmente no período da noite. Enquanto equipes mais modestas gastam de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil por fim de semana (ou seja, por partida), outras equipes desembolsam mais de R\$ 7 mil e contam com preparadores físicos, fisiologistas, massagistas no elenco. Nas conversas de bar pelos campos da competição, varzeanos relatam que alguns clubes chegam a gastar R\$ 100 mil por temporada na Copa Kaiser. Ao longo da competição surgem notícias de negociações envolvendo valores muito altos e compra de carros, televisores, celulares, computadores. Uma história que ficou famosa na Copa Kaiser 2012 envolvia a compra de um imóvel. O Adegá F.C. teria bancado algumas parcelas atrasadas do apartamento que o atleta, antes no Classe A,

estava comprando em um conjunto habitacional, valores que foram negados reiteradamente por diretores do Adega.⁹⁷

Observa-se no futebol de várzea um *rodar* (Rial, 2008) de jogadores com contratos de curta duração em clubes de divisões inferiores dos campeonatos regionais, bem como passagens por pequenos clubes de países com tradição no futebol e por clubes que disputam campeonatos de países de pouca expressão internacional no sistema futebolístico.⁹⁸ Na Copa Kaiser de 2012, por exemplo, tive contato com jogadores que estiveram em clubes do Paraguai, Peru, Bolívia, México, Azerbaijão, Bangladesh, Honduras, Catar, Japão, Turquia, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Áustria, Suíça, Rússia, Vietnã e Macedônia. No caso da várzea, um rodar que tem seu principal período de movimentação entre o final de um ano e os primeiros meses do ano seguinte. Apesar de a maioria dos clubes manter a base das equipes, de um ano para outro, as agremiações buscam alguns reforços e investem em jogadores que se destacaram em outras equipes. Após a final da Copa Kaiser de 2012, antes mesmo de o calendário da competição para 2013 ser divulgado, o mercado varzeano já estava a todo vapor. Nos meses seguintes, ocorreu uma intensa circulação de jogadores. Abaixo, alguns exemplos das negociações e trocas do dinâmico mercado varzeano entre 2012 e 2013:

- Baiano, dono time Jardim São Carlos (Guaianases), para contratar o atacante Uochiton, que foi artilheiro da Kaiser em 2010 quando atuava pelo Sedex (Cidade Tiradentes) e campeão da Copa Kaiser 2012 pelo Ajax (Vila Rica), pagou a viagem do jogador para visitar a família no interior da Bahia; contratou mais seis jogadores, todos possíveis titulares, entre eles: o lateral-esquerdo Ivan, que atuou como profissional no Ipatinga (MG); o meia Reinaldo, que jogou nas categorias de base do Flamengo; o volante Barriga, do Sedex; e o zagueiro Índio, que atuava no Botafogo de Guaianases.

⁹⁷ Durante um debate organizado pelo jornal “A Voz do Futebol Amador” em março de 2012, representantes de alguns clubes aventaram a possibilidade de estabelecer um limite de gastos e teto salarial para jogadores. Porém a proposta não foi levada adiante, principalmente por envolver 192 clubes, só na Série A da competição. Outros diretores defendem a proposta de profissionalizar segmentos ainda pouco explorados, como marketing e mídia, para buscar apoio, verba e patrocínios.

⁹⁸ Carmen Rial (2008) abordou, em diversas pesquisas recentes, os processos migratórios dos jogadores brasileiros no sistema futebolístico contemporâneo, procurando entender como vivem os futebolistas emigrantes. A partir de uma etnografia, centrada em observações e entrevistas, sobre as trajetórias individuais dos futebolistas brasileiros, em sua maioria atuando em importantes clubes estrangeiros, Rial configura esse movimento migratório como uma “circulação” mundial de jogadores brasileiros, o *rodar*. Realiza, assim, uma interessante reflexão sobre os aspectos econômicos, culturais e políticos da migração de jogadores, bem como sobre diversas questões antropológicas: fronteiras territoriais, trânsito, categorias étnicas, identidades regionais e nacionais, estilos de vida, consumo etc.

- para substituir Uochiton e outros dois jogadores que também se transferiram, o Ajax (Vila Rica) contratou Nenê, que jogou pelo Turma do Baffô, o lateral-esquerdo Paulinho, do Tiradentes (Vila Curuçá), e o lateral direito Henrique, que inclusive atuou nas categorias do base do Palmeiras;

- sem o atacante Nenê, contratado pelo Ajax, e o lateral Cláudio Pitbull, que foi para o Cantareira, o Turma do Baffô contratou o lateral-direito Zé Maria, que atuava no Noroeste (Vila Formosa), e investiu em veteranos com passagens no futebol profissional: o zagueiro Geriel, que já atuou em clubes do Nordeste, e o atacante Saulo, que atuou no futebol japonês.

- o Noroeste da Vila Formosa, em ascensão na Copa Kaiser, semifinalista de 2012, manteve a base do elenco e investiu em alguns nomes. Trouxe o lateral Ricardinho, que optou por deixar o futebol profissional do Juventus da Mooca e atuar na várzea em 2013, para substituir Zé Maria, que foi para o Turma do Baffô; contratou também jogadores que se destacaram em outras equipes varzeanas em 2012: Didi (Santa Cruz do Jardim Sinhá), Pará (Jardim Maristela), Anderson (Moleque Travesso) e Tarciso (Mesc, São Bernardo do Campo).

- o Tiradentes (Vila Curuçá) se reforçou com a contratação do meia Ricardo Gomes, conhecido como Barão, que atuou como jogador profissional na Suíça, Romênia e, em 2012, disputou as fases preliminares da Liga dos Campeões da UEFA por um clube do Azerbaijão. Para fazer companhia ao Barão, a diretoria do Tiradentes voltou-se para os destaques das equipes da vizinha Guaianases: trouxe Deco, do Coroados, e Guila, volante e capitão do Botafogo de Guaianases na Copa Kaiser 2012.

Essa circulação de jogadores, embora cada vez mais comum, ainda gera desconforto nos bairros e clubes.⁹⁹ A saída do volante Guila do Botafogo no início de 2013 provocou debates acalorados na diretoria do Botafogo. Para muitos, ele era o símbolo da atual equipe do Botafogo: jogador criado no bairro e identificado com o clube. A proposta, porém, vantajosa financeiramente, convenceu-o a trocar de camisa. O orçamento de R\$ 3 mil por mês do Botafogo durante a Copa Kaiser, suficiente para cobrir a folha de pagamento dos jogadores e os gastos básicos com manutenção do fardamento e equipamento esportivo, não permitia qualquer tentativa de contraproposta.

⁹⁹ Pouco comum, mas acontece também de diretores de equipes mudarem de clube. Marcelo, presidente do Jardim Sinhá durante oito anos, após sair da diretoria do clube em 2011, quando a equipe foi eliminada da Copa Kaiser por W.O., foi convidado para ser diretor esportivo do C.A. Carrão e aceitou.

Frente a essa crescente demanda de recursos, que o auxílio financeiro dos patrocinadores não consegue equiparar, o esforço dos dirigentes do Botafogo tem sido o de reforçar os vínculos com os políticos locais. Assim, no próximo tópico, problematizo as relações entre política e futebol com o objetivo de compreender como as formas de fazer política podem ser decisivas dentro da organização de um clube de futebol de várzea e seu projeto de produção de jovens jogadores em um bairro periférico de São Paulo.

Capítulo 3

“Futebol e política andam de braços dados”

Logo quando iniciei ao trabalho de campo, em julho de 2010, percebi que o assunto principal daquele mês, bem como de muitos outros, seria política. Observando pequenos detalhes no caminho para o campo do Botafogo, era possível perceber algumas fachadas de casas pintadas com nome e número de certos candidatos; carros exibiam adesivos de campanhas; pessoas vestiam camisetas que remetiam aos candidatos, os aspectos políticos misturavam-se à vida social do bairro. A política e as eleições ocupavam quase todos os espaços e todos os tempos da vida social, inclusive dentro da Escolinha do Botafogo de Guaianases, dada a frequência e a intensidade com que este assunto era tratado, monopolizando as discussões. Antes mesmo de completarmos cinco minutos de conversa, o coordenador Jurandir me entregou uma pequena cartela com os dados de candidatos apoiados pelo Botafogo de Guaianases. Em seguida, na presença dos professores da escolinha de futebol, fez um pequeno discurso sobre a importância de todos se doarem naquele momento: “Agora a gente faz política, depois faz futebol, e novamente política, para assim continuar a fazer o que fazemos de melhor aqui: futebol”.

Tal visibilidade das relações entre política e futebol não era novidade. É um aspecto que esperava encontrar, visto que as conexões entre futebol e política emergiram com destaque nas observações durante o mestrado. Tais relações são recursivas dentro do universo futebolístico, mas precisam ainda ser analisadas de forma mais detida, visto que esta dimensão cotidiana das relações políticas ainda tem sido pouco explorada nos estudos dos fenômenos esportivos. Já naquele primeiro período de campo, foi possível coletar e analisar algumas narrativas sobre as práticas políticas acionadas em Guaianases e outros bairros da Zona Leste. Em 2008, acompanhei as atividades do Botafogo somente nos meses anteriores à eleição, entre março e julho. Portanto, não observei as práticas políticas durante agosto, setembro e outubro, quando as campanhas se intensificam nos planos local e nacional, nas ruas e televisão etc. Contudo, pude acompanhar algumas atividades dentro do Botafogo relacionadas à candidatura para vereador de Senival Moura (PT), que viria a ser eleito para a Câmara Municipal. Naquele momento, a presença de Luiz Moura (PT), irmão de Senival, já ganhava destaque, pois era o principal representante de seu irmão no dia a dia do

Botafogo, bem como nos eventos realizados com pais de alunos da escolinha dedicados à candidatura de Senival. Em alguns momentos, Luiz Moura procurava destacar também sua atuação como liderança local do bairro. Alguns diretores do Botafogo davam como certa a candidatura de Luiz Moura para deputado estadual em 2010, o que veio a se confirmar.

A linha que separa o político do esportivo em Guaianases revela-se muito tênue. Os clubes têm visibilidade no bairro, dialogam com representantes do poder público e da sociedade civil, mobilizam um número significativo de torcedores e moradores da região. Políticos locais veem na relação entre esporte e política oportunidades para alcançar espaços de poder no bairro, visto que o contato com os clubes pode garantir resultados expressivos nas eleições. Ao longo do processo eleitoral, as visitas aos clubes e campos de futebol nos redutos eleitorais figuram entre os principais compromissos das agendas dos candidatos. O envolvimento de atores esportivos na vida política do bairro não é algo novo, porém a relação de candidatos com os clubes varzeanos se intensificou com a inserção dos irmãos Moura na política partidária. Os objetivos e interesses são os mesmos de outras épocas, porém a relação construída pelos parlamentares com os clubes, e principalmente com o Grêmio Botafogo, revelava-se mais contígua, assídua e complexa. Trata-se, porém, de uma articulação recente, que teve início na década passada, quando a diretoria do clube passou por um processo de renovação, com a ascensão de um novo grupo de diretores que promoveu a centralidade do arranjo político na agremiação. Alguns membros da nova diretoria já mantinham vínculos com Senival Moura em 2002, que naquele momento se preparava para sua primeira eleição como candidato a deputado estadual. Embora a parceria não despertasse o apoio de todos os diretores da nova chapa, a diretoria recém-eleita vislumbrou nesses arranjos políticos um canal de diálogo em potencial para reposicionar o clube na atual configuração de um futebol varzeano que vive um processo de metamorfose contínuo. Mobilização política que foi se ampliando conforme os políticos foram ganhando força na região, culminando na eleição de Senival para vereador suplente em 2004 e sua primeira vitória nas urnas em 2008.

Consequentemente, foi preciso analisar como as relações entre política e futebol, aqui entendidas como pautadas por múltiplas articulações, são fundamentais para uma compreensão do sistema de organização de um clube de futebol de várzea em um bairro periférico de São Paulo. A atuação do vereador e do deputado estadual, e a participação de figuras esportivas do bairro – diretores, presidentes de ligas, treinadores – nas

eleições e arranjos cotidianos da política no bairro desvelam aspectos das interfaces entre as esferas esportiva e política em São Paulo; são cruzamentos efetivos entre esporte e política que se desdobram na configuração de um campo político-esportivo. Porém, mais do que observar e descrever a atuação dos parlamentares, assessores e lideranças locais, propus-me a compreender os significados atribuídos à política entre aqueles envolvidos com a construção – cotidiana e ritual – de relações político-esportivas em Guaianases.¹⁰⁰ Mas não são somente as eleições que proporcionam impactos na região e na vida de indivíduos. Tais concepções de política são também elaboradas a partir das relações cotidianas construídas na esfera pública local, antes e depois das eleições, por pessoas que não vivem apenas “para a política”, mas que passam a viver “da política”.

3.1 - Mecenaz da várzea

Senival e Luiz Moura nasceram em Batalha, cidade de Alagoas. A família veio para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Após alguns dias em um hotel próximo da antiga estação rodoviária, na região da Luz, a família mudou-se para Guarulhos, depois para o Parque Novo Mundo, na Zona Norte, e finalmente se estabeleceram em Guaianases, na periferia da Zona Leste. Bairro onde, segundo pessoas ligadas ao Botafogo, Senival e Luiz moram com as respectivas famílias. Os irmãos passaram a infância e juventude em Guaianases. Ambos começaram a trabalhar ainda adolescentes. Senival atuou como ajustador ferramenteiro na indústria metalúrgica, na cidade de São Paulo, na década de 1980. Depois, Senival trabalhou no transporte de passageiros pelo sistema de lotação como perueiro. Luiz trabalhou como engraxate e empacotador de supermercado antes de entrar no ramo de transporte. Começou como cobrador de lotação e foi crescendo no setor, seguindo os passos de seu irmão.

A família Moura garantiu, nos anos seguintes, uma posição de liderança no setor de transportes em São Paulo. Ambos tiveram uma importante atuação na implementação

¹⁰⁰ Meu objetivo não foi analisar a campanha política em todo o bairro, mas sim de forma localizada, em relação a um clube varzeano e seu modo de organização política, os arranjos locais e as alianças políticas, a partir do ponto de vista dos assessores/diretores e eleitores. Uma análise mais abrangente sobre as formas de atuação e os significados das relações políticas em Guaianases implicaria uma observação e compreensão de determinados traços da organização social e histórica do bairro, da conjuntura citadina, das relações com setores do Estado e com representantes da sociedade civil.

de cooperativas e organização do sistema de transporte durante o governo da então prefeita Marta Suplicy (PT). Senival foi um dos fundadores do Sindilotação (sindicato dos proprietários de veículos profissionais autônomos que trabalham no transporte de passageiros através de lotações em São Paulo e na Grande São Paulo), entidade da qual foi diretor. Luiz tornou-se presidente da divisão Leste da Transcooper, a maior cooperativa de trabalho no ramo de transportes da capital paulista, com mais de 1.700 associados,¹⁰¹ e integrou a diretoria da Confederação Nacional das Cooperativas de Transporte, a Confetrans.

Seis anos mais velho do que o irmão Luiz, Senival Moura filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) em 1984 e candidatou-se pela primeira vez em 2002, quando concorreu a deputado estadual mas não se elegeu. Posteriormente, em 2004, pleiteou uma vaga à Câmara Municipal, ficando com a primeira suplência (26.697 votos), o que o levou a assumir definitivamente como vereador dois anos depois, em fevereiro de 2007. Na eleição municipal de 2008, o vereador Senival foi o mais votado do partido, obtendo 66.139 votos. Foi o sexto vereador mais votado em São Paulo e o primeiro na lista do partido. Isso surpreendeu inclusive seus aliados, visto que na eleição anterior fora o primeiro suplente da bancada do PT. Vereador mais votado na Zona Leste em 2008, Senival passou a ser o único político de Guaianases com mandato: “Ele é o porta-voz das minorias, das associações, dos sindicatos e do cidadão daqui de Guaianases”, comentou o pai de um aluno da escolinha de futebol presente em um dos comícios de Luiz Moura em 2010.¹⁰²

O vereador Senival tornou-se uma figura importante na região, de ascensão política bastante recente. Assim, a proposta de Luiz Moura foi a de se vincular à trajetória política do irmão, seguindo inclusive a mesma diretriz política, voltada a diferentes focos de trabalho: defesa dos direitos da criança e do adolescente; combate às enchentes; discussão sobre a regularização fundiária e urbana; melhoria do transporte público com a ampliação dos micro-ônibus e lotações nos bairros periféricos; ampliação do metrô para bairros da Zona Leste no trecho Vila Prudente-Cidade Tiradentes; construção do Corredor Celso Garcia e do Expresso Cidade Tiradentes; regularização da

¹⁰¹ Fundada em 1997 por “ex-perueiros”, a cooperativa Transcooper atua no transporte urbano de passageiros de São Paulo e opera na Área 4 (Vermelha) da Zona Leste, uma das oito áreas loteadas quando as linhas de ônibus foram organizadas. São dezenas de linhas em diversos bairros da Zona Leste.

¹⁰² Abordarei de forma mais detida a campanha de Luiz Moura a deputado estadual em 2010. O pai de aluno mencionado, inclusive, fez questão de me acompanhar durante todo o evento, identificando os presentes, os aliados e rivais, e os membros das famílias nobres do bairro.

atuação dos vendedores ambulantes.

As trajetórias dos irmãos se entrelaçam para compor uma história de política em família encetada pelo ingresso de Senival nas tramas urbanas em torno do transporte público de São Paulo. Para isso, tiveram que enfrentar a forte concorrência dos candidatos vinculados às famílias que, durante décadas, dominaram não só as relações econômicas na região, como também exerceram o poder político, como, por exemplo, a família Gianetti: “Frente a estas famílias poderosas, tivemos que, em primeiro lugar, fazer o nome da nossa, tal como os Tatto fizeram. Hoje já podemos falar que eles fazem parte de uma família tradicional dentro da política de São Paulo”, afirmou Luiz Moura durante nossa única conversa ao longo da campanha para deputado estadual em 2010.¹⁰³ Dentro da rede de alianças no nível municipal e estadual, envolvendo os municípios próximos à Zona Leste da cidade, destaca-se a articulação com a família Tatto, que lidera a corrente PT de Luta e de Massas, à qual os Moura também fazem parte. Uma aliança entre duas linhagens familiares, ambas recentes, porém, muito influentes na Zona Leste e na Zona Sul de São Paulo, tecida dentro do próprio PT, com o objetivo de ampliar e compartilhar redutos eleitorais.

3.2 – Relações político-esportivas no Botafogo

Senival e Luiz Moura têm como principais pontos de atuação os bairros de Guaianases e Itaquera. Embora também façam campanhas em outras áreas periféricas, principalmente na Zona Norte, ambos têm um perfil de votação comunitário ou distrital (Kuschnir, 2000b, p. 23), concentrado na Zona Leste da cidade e arredores. São muito conhecidos em alguns municípios próximos à Zona Leste de São Paulo, como Mogi das Cruzes, Poá, Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos e Suzano, onde os irmãos Moura têm fortes contatos políticos. Em junho de 2010, por exemplo, Luiz Moura recebeu o título de Cidadão Suzanense durante ato na Câmara Municipal.

Empresário e ex-presidente da Transcooper Leste, Luiz Moura financia inúmeras atividades do Grêmio Botafogo. Além de uma ajuda mensal ao clube, Luiz garante o transporte das equipes e torcedores aos jogos em outros lugares da cidade, quando diversos ônibus e lotações da Transcooper são mobilizados: “Não que ele seja rico, mas

¹⁰³ Candidatura pela coligação “Somos Mais São Paulo” (PRB / PT / PR / PT do B).

ele tem o suficiente para nos ajudar”, comentou Adonias, diretor do Botafogo e um dos assessores de Luiz, principalmente no que se refere ao bairro Guaianases.¹⁰⁴ “Ajudou tanto, que somos hoje um dos maiores clubes da Zona Leste”.

Num primeiro contato com a lista de emendas de Senival durante o primeiro e segundo mandato, foi possível perceber o foco de atuação concentrado nos bairros periféricos, principalmente da Zona Leste, entre eles: Cidade Tiradentes, Guaianases, Itaim Paulista, Itaquera, Penha, São Mateus, São Miguel Paulista e Vila Prudente. A exceção é o distrito de Perus, localizado na região noroeste da cidade. Na lista de emendas que beneficiam estas regiões, aparecem diversos tipos de investimento: canalização de córregos, pavimentação, melhoria do sistema viário e sinalização, construção de calçadas para pedestres e pistas de caminhada, construção de Centro de Convivência, reforma e elevação de pontes, construção de espaço público para a atividade de leitura e construção de muros. Em Guaianases, especificamente, os investimentos foram destinados à melhoria do sistema viário e sinalização em cruzamentos, pavimentação de ruas, “revitalização” de praças e ampliação da rede de iluminação.

Dentre as emendas de Senival, é possível destacar os investimentos na área esportiva em bairros periféricos: construção de quadra poliesportiva, cercamento de campo e construção de vestiário em Cidade Tiradentes; manutenção e “revitalização” de quadra esportiva, construção de vestiários, colocação de alambrado, ampliação da rede de iluminação no campo de futebol no Itaim Paulista; drenagem do piso e reforma de vestiários em Itaquera; reforma de alambrados e vestiários do campo de futebol na Penha; construção de vestiários e alambrados em campo de futebol na Vila Prudente; e construção de quadra poliesportiva em São Mateus.¹⁰⁵ O Botafogo de Guaianases também foi beneficiado com a aprovação da construção de arquibancada de alvenaria em seu campo.¹⁰⁶ Além disso, Senival organizou o II Seminário do Esporte Amador da Cidade de São Paulo, realizado na Câmara Municipal, que contou com a participação de representantes de clubes da várzea de diversas regiões da cidade. No evento, segundo

¹⁰⁴ Empresário, Luiz Moura declarou à Justiça Eleitoral um patrimônio que ultrapassava R\$ 5 milhões, sendo dono de diversos negócios, principalmente de postos de gasolina. É o quinto mais rico da nova composição da Assembléia Legislativa, cujo patrimônio médio é de R\$ 1,2 milhão. Cf. <<http://noticias.uol.com.br/politica/politicos-brasil/2010/deputado-estadual/22021971-luiz-moura.jhtm>> (Acesso em: 20/11/2010).

¹⁰⁵ Cf. <<http://www.radarmunicipal.com.br/vereadores/senival-moura/emendas>> (Acesso em: 10/12/2010).

¹⁰⁶ A arquibancada, tal como a maioria das emendas, ainda não foi realizada.

diretores do Botafogo, os participantes discutiram a possibilidade de construção de pequenos e médios estádios de futebol, como o que está sendo estudado para ser implantado em Guaianases. Ainda, segundo o presidente Itamar, após pedir o espaço para falar, Luiz Moura reivindicou mais verbas para clubes amadores, bem como um interesse maior do poder público no que diz respeito ao futebol de várzea.

Nessa visão, concebe-se o político como um mediador, um elo de ligação entre a população e as instituições políticas e diversos níveis de poder. Uma pessoa com acesso aos recursos públicos pode atuar como intermediador de interesses, criando redes de atendimento para os eleitores. Este seria um dos seus principais deveres no cargo: “mediar trocas entre diferentes níveis da sociedade que são também diferentes níveis de cultura, com códigos e valores distintos” (Kuschnir, 2000b, p.9).

Contudo, o apoio a redutos político-esportivos dos irmãos Moura não se restringe ao Botafogo ou mesmo ao futebol de várzea de Guaianases, mas abrange outras agremiações e ligas esportivas da região. Embora essas relações sejam mais pontuais do que as travadas com o Botafogo, clube com o qual os irmãos Moura possuem diferentes tipos de vínculos – participação como diretores-assessores, patrocínio mensal, fretes de ônibus, ajuda de custo a professores e jovens da escolinha, compra de imóvel para construção da sede social –, um deslocamento pelos campos de futebol em um único fim de semana é capaz de revelar a amplitude da proposta político-esportiva dos parlamentares em Guaianases e bairros próximos. É possível observar faixas e placas de agradecimento aos irmãos Moura em diversos campos da região, ou mesmo nos jogos dos campeonatos mais importantes, inclusive dentro da Arena Kaiser. Como também é possível registrar vários uniformes de clubes de Guaianases e outros bairros da Zona Leste com algum tipo de inscrição em seus fardamentos que faz referência ao vereador e/ou ao deputado: “Apoio Senival”, “Apoio Luiz Moura”, “Senival e Luiz Moura”, “Campeão da Copa Senival”. Alguns uniformes carregam também as logomarcas das cooperativas de transporte pública ligadas aos irmãos Moura: Transcooper e CooperAlfa. Aos domingos, por exemplo, é possível observar o deslocamento de diversos ônibus da Transcooper pelos campos varzeanos da região.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Capitaneado por Senival Moura, um projeto de lei que obriga empresas de ônibus a oferecer linhas para serviço social aos fins de semana foi aprovado em 2009 na Câmara Municipal.

Camisas de clubes varzeanos com referências aos irmãos Moura (Fotos: Enrico Spaggiari).

Um dos vários campeonatos apoiados por Senival e Luiz Moura é a Copa do Boi, organizada pela Liga Esportiva de Guaianases, cujo presidente, o alagoano Adelaido Faustino, também é diretor do Eletric, antigo clube de várzea do bairro. A Copa é disputada em vários campos da região – entre eles o Campo do Codó/CEU Jambeiro, Campo Nova Era (Cidade Tiradentes), Campo do Tossan (Itaim Paulista) –, mas principalmente no campo do River Plate, utilizado por diversos clubes para mandar seus jogos, entre eles o tradicional 1º de Maio. Para participar da Copa do Boi cada equipe tem que pagar uma taxa inicial de R\$ 500, que inclui sempre um talão de rifa para um determinado prêmio. Além da taxa inicial, a cada partida, as equipes desembolsam mais R\$ 60 para pagar a taxa de arbitragem. O campeão da competição é premiado com vinte arrobas de um boi e mais R\$ 1 mil em dinheiro.¹⁰⁸

**A LIGA ESPORTIVA DE GUAIANASES
CONVIDA A SUA EQUIPE A PARTICIPAR
11ª COPA DO BOI 2011**

1ª COPA DO BOI / 2001 CAMPEÃO: RIVER PLATE VICE: CAMPEÃO ÁGUA DOURADA 2ª COPA DO BOI / 2002 CAMPEÃO: AVULAS VICE: CAMPEÃO ELETRIC 3ª COPA DO BOI / 2003 CAMPEÃO: VILA RES VICE: CAMPEÃO GRÊMIO TUJOCO 4ª COPA DO BOI / 2004 CAMPEÃO: TITANUS VICE: CAMPEÃO 1º DE MAIO		5ª COPA DO BOI / 2005 CAMPEÃO: BAHIA F.C. VICE: CAMPEÃO: DA ROCHA 6ª COPA DO BOI / 2006 CAMPEÃO: TITANUS VICE: CAMPEÃO: A.E. MAC 7ª COPA DO BOI / 2007 CAMPEÃO: CORADO F.C. VICE: CAMPEÃO: BAHIA F.C. 8ª COPA DO BOI / 2008 CAMPEÃO: TITANUS VICE: CAMPEÃO: 10 F.C. 9ª COPA DO BOI / 2009 CAMPEÃO: TITANUS VICE: CAMPEÃO: GUAIANASES F.C.
--	--	--

10ª COPA DO BOI 2010
ATUAL CAMPEÃO: DEIXA DISSO
VICE - CAMPEÃO: 1º DE MAIO

**A LIGA ESPORTIVA DE GUAIANASES E ADJACÊNCIAS
TÉM A HONRA DE CONVIDAR SUA CONCEITUADA
AGREMIÇÃO A PARTICIPAR DA 11ª COPA DO BOI 2011**
INÍCIO: 25/09/2011 FINAL: 18/12/2011
 REUNIÃO PARA SORTEIO DAS CHAVES: 20 DE AGOSTO 2011 ÀS 19:00 HS. NA LIGA ESPORTIVA
 DE GUAIANASES - LOCALIZAÇÃO: RUA VEREDA AFA, 75 - CAMPO DO RIVER PLATE NO LAJEADO - SP

Nº DE PARTICIPANTES: 64 EQUIPES

LOCAL/HORÁRIOS DOS JOGOS: CAMPO DO RIVER PLATE - CAMPO DO CODÓ - CAMPO DE GUAIANASES
 CAMPO DO NOVA ERA E OUTROS (INDICADO PELA LIGA) OS JOGOS SERÃO AOS SABADOS, DOMINGOS
 E FERIADOS - OS JOGOS A PARTIR DAS 11:00 HORAS

FORMA DE DISPUTA: 16 CHAVES CONTENDO 04 EQUIPES, CLASSIFICANDO DUAS EQUIPES EM PONTO
 CORRIDOS DENTRO DA CHAVE.

TAXA DE INSCRIÇÃO: R\$ 400,00 (QUATROCENTOS REAIS POR EQUIPE) (BANCO ITAÚ - AGÊNCIA 0759
 C/C 66326-8) PODENDO SER PAGA ATÉ O DIA DA REUNIÃO E O TIME RECEBERÁ UM TALÃO DE RIFA COM
 50 FOLHAS NO VALOR DE R\$ 10,00 (DEZ REAIS) QUE CONCORRERÁ A UM "TELEVISOR LCD DE 32",
 NO DIA 17/12/2011, PELA LOTERIA FEDERAL.

TAXA DE ARBITRAGEM: R\$ 60,00 (SESSENTA REAIS) POR JOGO

PREMIAÇÃO:
CAMPEÃO: TROFÉU, UM BOI PRONTO PARA CHURRASCO E R\$ 1.000,00 (MIL REAIS)
VICE: TROFÉU E R\$ 500,00 (QUINHENTOS REAIS)
 TROFÉU PARA O ARTEIRO E O GOLEIRO MENOS VASADO, QUE SERÁ PRODUZIDO PELA GOLD TROFÉUS

FILMAGEM DA FINAL COM APOIO DA LIGA

INFORMAÇÕES: LIGUE 2851-0507 / 2016-5530 / 9445-3547 / 6725-6604 - FALAR C/ ADELAIDO
 FALAR C/ COQUINHO 3537-5937
 e-mail: ligaesportivaguaianases@ig.com.br - site: www.ligaesportivaguaianases.blogspot.com

APOIO CULTURAL: VEREADOR SENIVAL MOURA E DEP. EST. LUIZ MOURA
 GRÁFICA JOAN 2511-2525 / 7813-8178

Cartaz da Copa do Boi disputada em 2011 (Foto: Enrico Spaggiari).

¹⁰⁸ Além da participação de clubes tradicionais e outros atualmente com muita força no bairro – como 1º de Maio, Coroados, River Plate, Guaianases F.C., A.E. Codó e Eletric –, a competição reúne diversos clubes de Guaianases e bairros próximos: Vira Copos (Vila Solange), A.R.X.V (XV de Novembro), Nova Era (Cidade Tiradentes), A.E. Mac (Itaim Paulista), Valencia (Jardim Miriam), Dez F.C (Cosmopolita), Só Alegria (Jardim São Paulo), Unidos SP (Jardim Moreno), Viela 5 (Guaianases), 100 Panela (Itaim Paulista), Beira Rio (Itaim Paulista), Londrina (Guaianases), São José (Jardim São Paulo), Gaviões (Jardim São Paulo), Tossan (Itaim Paulista), Coimbra (Jd. Robru), Ninguém Bom (Cohab 2), Bahia (Cosmopolita), Estrela (Cidade Tiradentes), DD Tobogã (Cidade de Deus), Alvinegro (Passagem Funda), Só Humildade (Vila Limoeiro), Deixa Disso (Malvina), Cruz Azul (Diadema).

O retorno deste investimento no futebol é muito disputado por vários candidatos nos clubes dos bairros periféricos paulistanos. No Botafogo, contudo, as alianças não se resumiam a contribuições pontuais. Em diversos momentos enfatizava-se que o apoio não se dava somente na época de eleições, e que não se resumia à compra de material esportivo e aluguel de transporte. Além do auxílio financeiro, o Botafogo se beneficiava da mediação destes atores políticos com o poder público para obter verbas públicas, parcerias com empresários e patrocínios. O alargamento da relação político-esportiva para além do *tempo da política* (Palmeira, 1996) seria o diferencial em relação às alianças políticas de outros clubes varzeanos, cujos vínculos com autoridades políticas municipais são construídos e reforçados em anos eleitorais.

As relações entre clubes de várzea e lideranças políticas ganham no Botafogo de Guaianases desdobramentos ligados diretamente à vida cotidiana do bairro. No dia a dia da escolinha durante o período eleitoral foi possível perceber que muitas das pessoas ali presentes estabeleciam uma relação direta e imediata entre a política e o esporte. As articulações entre os campos político e esportivo por meio do uso do futebol foram frequentemente verificadas nos discursos de Luiz Moura nos eventos e nas falas de seus aliados no espaço da Escolinha do Botafogo. “Aqui tudo gira em torno da política. Tudo depende dela”, comentou Luiz Cláudio, antigo vice-presidente do Botafogo de Guaianases. Vínculos que os diretores do Botafogo consideram rotineiros no futebol varzeano: “futebol e política andam de braços dados”, afirmou o presidente Itamar, para depois citar outros políticos da região que sempre auxiliaram os clubes, como ex-deputado estadual Guilherme Gianetti (PMDB).

Auxílios que podem vir de diferentes formas: organização de torneios e festivais; compra de equipamentos esportivos e fardamentos; compra de troféus e medalhas para campeonatos internos; pagamento dos professores da escolinha de futebol; fretamento de ônibus e vans para transporte de jogadores e torcedores nos finais de semana. Investimento pequeno se pensado em relação ao total gasto pelos candidatos, segundo o coordenador Jurandir. Tanto que alguns pais utilizavam este espaço para solicitar ou mesmo barganhar algo, desde um novo itinerário das lotações no bairro até ajuda para conseguir empregos. Pedidos muitas vezes feitos na véspera do período de eleição.

Embora a dinâmica das relações político-esportivas não seja abordada abertamente, o envolvimento do clube com vereadores e lideranças políticas locais ocorre com muita visibilidade e é considerada uma relação banal e necessária. Como se fosse uma obrigação do político manter esses vínculos com futebol varzeano do bairro.

Os diretores do Botafogo expõem as relações do clube com políticos locais aos pais e mães dos alunos da escolinha no dia a dia, bem como durante os eventos, quando explicam a importância dos votos para os irmãos Moura e a eleição destes para a continuidade da escolinha. Projeto que, segundo os diretores, só é realizado devido ao indispensável apoio dos políticos locais.

Mais do que uma escolha individual, trata-se de uma adesão que compromete a “Família Botafogo”. Se é impossível dispor de todos os votos daqueles vinculados ao clube, pelo menos a manifestação pública de adesão das lideranças que representam o Botafogo deve compor uma unidade. Uma adesão incompleta criaria rugas e tensão. Durante uma partida dos garotos da escolinha em um campo de Ferraz de Vasconcelos, em meio a uma roda de pais ao lado do campo, Jurandir expôs sua opinião acerca da participação de Luiz Moura nas decisões da diretoria do Botafogo. Um dos pais presentes, envolvido com a política de Ferraz de Vasconcelos, conhecido do deputado estadual, fez chegar a Luiz Moura uma versão sobre o ocorrido. Quando soube que Jurandir questionara o envolvimento com o futebol varzeano de Guaianases, os próprios diretores do Botafogo convocaram Jurandir para uma conversa e exigiram que fosse feito um pedido de desculpas ao deputado. E mais do que isso, “Aqui tem que vestir a camisa da política”, ultimaram os diretores, segundo Jurandir.

Apesar do investimento no futebol de várzea, Adonias afirma, contudo, que o principal veículo político dos irmãos Moura continua sendo a cooperativa e os perueiros. E amplia o território dos irmãos Moura para toda Guaianases, não somente no cenário varzeano. “Essa área é dominada pelos Moura”, complementa, que conta com apoio de associações de moradores, igrejas, paróquias, comerciantes e outros grupos locais. “Os outros candidatos precisam ter cuidado, Guaianases tem dono”, alertou o pai de um jovem da escolinha durante as eleições de 2012. Ao comentar sobre a disputa pelo domínio de um reduto eleitoral, Adonias reafirma que é fundamental ter uma base sólida em um bairro, e justifica as ações dos parlamentares: “O Senival teve que conquistar esse território, e agora tem que defender”. Nas falas dos irmãos Moura, e principalmente na abordagem dos assessores, o trabalho parlamentar aparece como um dever, realizado com sacrifício (Kuschnir, 1996, p.186), para atender as demandas e reivindicações das pessoas que vivem no mesmo contexto social em que se está inserido. Como mostra Kuschnir (1996), um aspecto importante para estabelecer a legitimidade da candidatura do político é o seu pertencimento a uma comunidade, com a qual compartilhe valores, referenciais e experiências de vida.

3.3 – Diretores-assessores

Para apreender as diversas relações travadas entre os atores envolvidos com o universo político-esportivo local, é fundamental observar as alianças e conflitos que expõem relações de interdependência entre os atores políticos e atores esportivos. Uma interlocução centralizada na figura dos chamados “assessores políticos” e “assessores locais”, que ocupam uma posição de interlocutores do domínio público, “lócus da negociação política” (Kuschnir, 2000a, p.84). Dentro do quadro de diretores do Botafogo, Adílson, Severo e Adonias – os dois primeiros ligados a Senival Moura e, o terceiro, a Luiz Moura – são os que fazem da política, profissão. O funcionamento do clube depende do trabalho centrado nas figuras desses diretores, e que são também assessores dos parlamentares, responsáveis pela articulação e gerência política. “Todo mundo faz de tudo um pouco”, aponta Adonias. Estes diretores-assessores desempenham inúmeras funções no clube e nos redutos eleitorais dos parlamentares, porém, há uma delegação de responsabilidades dentro da organização político-esportiva, relacionadas às respectivas trajetórias individuais.

Embora sempre estivesse ligado a candidatos, Adonias começou a trabalhar diariamente na política após se aposentar, depois de mais de trinta anos dedicados à fábrica da Brinquedos Bandeirantes em Guaianases. Por meio do Botafogo, clube do qual já era diretor, pôde reforçar um antigo contato com os irmãos Moura e conseguiu um emprego na Transcooper Leste quando Luiz Moura ainda era presidente da cooperativa. Sereno, conhecido por sua atuação na mediação de conflitos, Adonias foi um dos principais articuladores da parceria fixa e contínua entre Botafogo e irmãos Moura. Atualmente na cooperativa, Adonias é o responsável por solicitar os ônibus da Transcooper para o deslocamento das equipes do clube, da escolinha, bem como para torcedores em dias de jogos fora do bairro.

Adílson “Pintinho” é diretor e treinador do “esporte” do Botafogo. Assessor do vereador Senival, desde 2007 é funcionário da Câmara Municipal, trabalhando como assistente parlamentar da equipe de garagem e frota do gabinete do vereador. Porém, Adílson trabalha diariamente no escritório político de Senival em Guaianases, onde fica a sede da Associação de Coordenadores de Clubes Esportivos (Acocesp), em uma pequena sala no fundo da casa que funciona como comitê político da equipe do vereador. Todos os dias, desta sala, Adílson, presidente da Acocesp, organiza amistosos,

torneios, festivais, faz contato com gestores de campos de futebol dos bairros próximos, recolhe o pagamento de taxas de inscrição das competições, faz o pagamento das equipes de arbitragem. Ele é o responsável por estabelecer contatos com as ligas de futebol de Guaianases com lideranças de outros clubes varzeanos do bairro. Por meio da Acocesp, as lideranças das ligas e representantes dos clubes trocam experiências, ajustam diferenças, definem uma agenda em comum de torneios para evitar concentração de competições em um mesmo período do ano, bem como definem estratégias de mobilização política para fortalecer os mandatos e candidaturas dos irmãos Moura.

Entre as diversas competições organizadas pela Acocesp no bairro, destaca-se a Copa Senival, realizada no segundo semestre, e que reúne mais de trezentos times de diversos bairros da Zona Leste – Itaquera, Cidade Tiradentes, São Miguel Paulista, Itaim Paulista, Ermelino Matarazzo – e é disputado em campos desses bairros. O campeão recebe uma premiação de R\$ 5 mil, um jogo de camisas que leva o nome do vereador e outros pequenos prêmios de patrocinadores locais. Embora o prêmio seja um fardamento vinculado a Senival, a maioria das equipes já possui fardamentos com alguma referência aos irmãos Moura, e o torneio proíbe o uso de uniformes com inscrições e referências a outros políticos. Em setembro de 2012, durante a campanha para as eleições municipais, uma reportagem sobre o envolvimento do vereador Senival com o futebol de várzea da Zona Leste provocou debates acalorados dentro da equipe de assessores. Publicada às vésperas da votação, a reportagem reuniu dados sobre torneios, ligas e diretores de clubes vinculados ao vereador.¹⁰⁹ Entre os informantes citados, o diretor-treinador-assessor Adílson aparece com destaque, sendo atribuídos a ele depoimentos sobre a atuação do vereador no bairro, inclusive sobre valores dos salários de assessores. Adílson confirmou receber quase R\$ 12 mil de salário como funcionário do gabinete do vereador na Câmara Municipal. Adonias afirmou, depois, que uma parte desse salário é redistribuída para outros assessores e cabos eleitorais da equipe política do vereador. Em 2013, após a publicação da reportagem, a competição foi renomeada e divulgada em cartazes e placas como Copa Botafogo/Liga Acocesp. Para Adílson, a mudança não afeta o trabalho político realizado para o vereador: “Se é Copa Botafogo, então é feita pelo Botafogo, e o pessoal sabe que o Senival está junto com o Bota”. Mas

¹⁰⁹ Cf. <<http://www.estadao.com.br/noticias/politica,incentivo-aos-times-de-futebol-de-varzea-e-o-novo-filao-das-candidaturas-,927742,0.htm>> (Acesso em: 15/12/12).

a competição continua a ser chamada pelos varzeanos de Copa Senival.¹¹⁰ Muitas vezes, o nome de Senival não era mencionado, mas estava implícito o apoio e investimento do vereador na competição. Antes de iniciar uma partida do Botafogo, em que atuaria como treinador do time alvinegro, Adílson agradeceu a presença dos jogadores de ambas equipes, parabenizou pela partida disputada e comentou as eleições municipais que ocorreriam no final de semana seguinte. Pediu a todos que não votassem apenas nos candidatos a vereador que aparecem a cada quatro anos para investir nos clubes de várzea do bairro, presenteando com bolas, jogos de camisas ou alimentos para churrasco. Sem mencionar o nome do vereador Senival, aconselhou que votassem nos “verdadeiros representantes da comunidade”: “esses vocês sabem quem são, estão direto no Botafogo”, afirmou Adílson.

Dentre os assessores, a trajetória de Severo é a que se mostra mais reveladora das múltiplas articulações da política com as dinâmicas cotidianas do bairro. Assessor de Senival, participa também de eventos e campanhas políticas de Luiz Moura. Extrovertido, gosta de falar em público, sempre pronto para um discurso, está na política desde a década de 1980, “quando o país voltou a fazer política”, afirma Severo.

3.3.1 Carnaval, política e futebol: a trajetória de ‘Severino Guaianases’

Severo nasceu na Paraíba, o caçula de 22 filhos. Tinha quatro anos quando a família pegou o ônibus com destino a São Paulo. Desembarcaram na Rodoviária do Tietê e se instalaram nas adjacências, no bairro da Vila Maria (Zona Norte). Moraram em um cortiço dentro de uma vila de casas em frente ao Clube Thomaz Mazzoni, próximo à praça Cianorte:

Eu assisti a Copa do Mundo de 1970 ali em frente ao Thomaz Mazzoni, uma festa maravilhosa, que era um campo legal, tinha lá o time do Thomaz Mazzoni. E eu era garoto ainda, tinha cinco anos na Copa de 1970, mas eu me lembro até hoje da Mafisa. Mafisa era uma negra, muito gente boa, que era mais ou menos da nossa família por conta de conhecer os meus tios, tia

¹¹⁰ Não se trata de algo incomum no cenário varzeano. Na Zona Sul, é realizada a Copa Família Milton Leite, ligada ao vereador Milton Leite (DEM) e seus filhos, o deputado estadual Milton Leite Filho (DEM) e o deputado federal Alexandre Leite (DEM), cuja área de influência reúne os bairros M’Boi Mirim, Piraporinha, Jardim São Luís. Bairros próximos ao reduto eleitoral do vereador Arselino Tatto (PT) e seus irmãos deputados – área denominada Tattolândia.

Zefa e tio Cláudio. Eu lembro dela batendo na panela, cara. O samba era feito na panela, não havia os instrumentos. Então, Pelé fazendo gol, e pá-pá-pá-pá, eles faziam o batuque na panela.

Enquanto a seleção brasileira se preparava para defender o título na Copa do Mundo seguinte, em 1974, a família de Severo mudou-se para a casa de um dos irmãos em Guaianases: “De 1974 até aqui, meu irmão, Guaianases é meu nome, meu sobrenome. Meu nome é Severino, Guaianases é meu sobrenome”.¹¹¹ “Severino Guaianases” frequentou a antiga Escola Municipal Estrada do Lajeado, atualmente EMEF João de Lima Paiva, que fica a menos de dois quarteirões da “vila do Botafogo”, porém não gostava de estudar. Mesmo assim, aprendeu certas coisas na escola que o ajudaram a viver intensamente cada dia da sua infância, principalmente em sua atividade favorita, empinar pipa:

Nós pegávamos cola de madeira da madeira. Eu fiz o cortante. Sabe aquela cola de madeira que extrai da própria árvore? Pegava de lá, da seringueira. E eu fazia o cortante, porque eu estudava na escola, e eu fiquei sabendo que o derivado da seringueira mesmo é que dava cola. Eu falei: “Ah, espera aí!”. Aí feria a seringueira, saía aquele leite branco, aquele líquido branco, e dava vontade de beber, mas aí eu dissolvia na água, botava no fogo, virava uma cola, meu amigo. E fazia meu cortante, comprava minha linha, eu fazia minha pipa, duas horas fazendo uma rabiola. Pô, para os caras irem lá no meu galinheiro – que eu guardava minhas pipa no galinheiro, porque não tinha como guardar, que era dois cômodos só minha casa, cômodo e cozinha, morava todos nós na cozinha, e meu pai e minha mãe no quarto. Então era um monte na cozinha.

Empinar pipa competia com outras duas paixões: futebol e música. Ao mesmo tempo em que fazia vários “pequenos bicos” no comércio do bairro, Severo iniciou uma carreira de DJ (disc jockey) no começo da década de 1980, com os bailes e festas na Chácara do Padre e no salão da igreja de São Benedito cada vez mais disputados. Na época, Severo morava com uma das irmãs desde o falecimento da mãe, e o pouco dinheiro que ganhava como DJ ajudava no pagamento das contas da casa.

Vamos revelar aqui hoje, e a Chic Show não vai requerer isso mesmo, então, nós dávamos sorte. Por quê? Porque o Fábio Macari era da Band FM. Fábio Macari ia aos Estados Unidos comprar os discos. E ele vendia esses discos para a Chic Show. Mas antes de vender os discos da Chic Show, passava em Guaianases pra gente copiar o disco nos nossos tocas-fitas de rolo. A gente

¹¹¹ Severino é o nome que consta na certidão de nascimento, porém, ele adotou a alcunha Severo desde jovem.

gravava os rolos, e ele ia embora com os discos, mas nós ficávamos com as músicas. Mas nós tínhamos um privilégio. A Chic Show tinha que comprar o disco todo, nós não. Nós comprávamos a música que a gente gostava. Eu não sou olheiro de futebol hoje, de garoto? A gente era olheiro de música. A gente batia o ouvido e falava “Fábio, essa aqui eu quero!”.

O “olheiro musical” e DJ Severo despertou a atenção do então aspirante a político Guilherme Gianetti após um dos bailes na igreja de São Benedito. Guilherme elogiou a sua voz e o convidou para ser locutor das propagandas políticas.

O que Guilherme foi me propor naquela hora em que ele foi para o baile? Ele sabia que eu não almoçava todos os dias, porque eu não tinha... Ele foi lá na lanchonete, onde servia almoço, chegou lá no seu Jenival, e falou “Jenival, aqui ó, para o Severo”. Ele era dono da farmácia, da drogaria Salvador, ali na Salvador Gianetti, e ele falou “Ó, Jenival, para o Severo, esse menino aqui é meu, você vai dar almoço pra ele todo dia e põe aí na minha conta. Todo dia ele vai vir almoçar aí”. E eu ia matar o que me acabava, cara, que acabava comigo era fome, meu irmão. Pô, era fome, era difícil.

Membro da equipe do próximo candidato a vereador do bairro, Severo faz novas amizades e passa a frequentar outros circuitos de lazer e trabalho do bairro. Começa a frequentar de forma assídua a quadra da Unidos de Guaianases,¹¹² onde o irmão de Guilherme Gianetti o lança como compositor e intérprete. Em 1986, Severo participa das eliminatórias para a escolha do samba-enredo da escola, com o tema “Sátira – A vida em Guaianases”:

1986. Meu primeiro samba-enredo. E lá havia uma hegemonia de um pessoal. E o Guilherme me lançou na escola de samba e falou: “Faz um samba lá”. Eu falei: “Mas, pô, Gui, eu sou da cultura, gosto da cultura, faço o baile, sou sambista, faço pagode, mas pô... quero não.” Mas me empurraram lá, falaram “Não, você ganha!”. Começou a ficar popular o negócio, né? Eu ganhei o primeiro samba-enredo lá, “A vida em Guaianases”, composição Severo Ramos e intérprete Severo Ramos. E era mais ou menos assim... Você quer ouvir? (...) Vanderlei era o mestre da bateria da nossa escola, e foi amor à primeira vista, ele me olhou, ele olhou, ouviu meu samba, e ele casou com meu samba. A bateria já tocava diferente. Eu não sei se o Porcão vai ler isso um dia – se Deus quiser eu entrego um exemplar pra ele – mas ele vai ler, e ele vai ver o quanto eu o amo. Vinte anos que a gente não se conversa legal. Vinte anos. Mas eu me lembro até hoje que ele casou com o samba. E ele vai

¹¹² A escola de samba GRCES Unidos de Guaianases foi fundada em 17 de fevereiro de 1980 por um grupo de amigos ligados ao Guaianases F.C., que se reuniam para fazer samba após as partidas do time. Com as mesmas cores do clube – vermelho, verde e branco –, e tendo mãos de escravos e uma corrente com baquetas como símbolo, a escola durante alguns anos realizou desfiles no próprio bairro e, posteriormente, filiou-se ao carnaval oficial de São Paulo.

falar “Rapaz, o Severo tinha percepção naquela época? E ele está falando que eu casei com o samba dele, e eu casei mesmo”. Foi coisa de amor à primeira vista. O Porcão ria olhando lá para o palco. Você sabe essa regra do samba? Quando o puxador da escola de samba, o compositor, faz uma música que não quer dizer nada, o mestre da bateria toca normal. Mas no “A vida em Guaianases” e nos demais sambas-enredos que eu ganhei – porque eu ganhei mais uns quatro consecutivos – por todos o Vanderlei se apaixonou e em todos o Vanderlei falou “Ih, não tem pra ninguém, vai ser esse de novo”. Todos. Aí todo ano, quando antecedia o Carnaval ele falava: “E aí, vai vir com algum?”.

Severo compôs o samba-enredo, que abre essa primeira parte da tese, e ganha a disputa pelo samba-enredo. É escolhido também para ser o puxador da escola de samba no próximo carnaval. “Eu comecei a ficar popular, mais do que eu já era”, comenta Severo, que teve mais quatro sambas-enredos selecionados nos anos seguintes. Ele participou do que chama de “subida meteórica” da Unidos de Guaianases. Em 1989, a Unidos foi a escola campeã do Grupo 4 da UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas); em 1990, campeã do Grupo 3; em 1991, vencedora do Grupo 2; e, em 1993, vice-campeã do Grupo 1. Uma tristeza, segundo ele, foi não ter seu samba-enredo escolhido no primeiro ano da escola como representante do carnaval oficial da cidade, e justo em 1989, quando o samba-enredo homenageava Alberto Alves da Silva, seu Nenê, sambista, fundador e ex-presidente da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, escola-madrinha da Unidos de Guaianases.

O envolvimento cada vez mais forte com a política exigia tempo e dedicação de Severo, o que fez com que se afastasse da Unidos. Desde então, Severo acompanha a escola como morador do bairro e apaixonado por samba. Afirma que, quando tem tempo, comparece aos ensaios da escola, realizados aos sábados ao lado do mercado Doces Imperial – um dos patrocinadores do Botafogo –, e procura assistir todo ano a apresentação da escola. Porém, Severo fica triste ao comentar a série de problemas enfrentados pela escola, como as várias trocas de comando na diretoria, mudança de local da quadra, além do afastamento da comunidade dos ensaios, que levaram ao rebaixamento da Unidos de Guaianases para o Grupo 3 no Carnaval de 2006. Atualmente, a escola participa do grupo 2 da UESP no carnaval de São Paulo.¹¹³

Em 1994, após compor seu último samba-enredo, “Estrela Clara Clareou”, que

¹¹³ Entidade criada em 1973 e que organiza os desfiles de domingo, segunda e terça-feira dos grupos inferiores do carnaval em São Paulo, incluindo as apresentações de Blocos Carnavalescos em diversos bairros da cidade.

homenageou Clara Nunes, Severo decidiu deixar o carnaval da Unidos de Guaianases de lado para se dedicar exclusivamente à política com o já eleito vereador Guilherme Gianetti (PMDB). Como locutor, cabo eleitoral e outras atividades, Severo participou da campanha vitoriosa de Guilherme Gianetti (PMDB) para vereador em 1988. “Pela primeira vez, um vereador de Guaianases”, afirma com orgulho Severo, que em 1990 assumiu um cargo de assessor na Câmara Municipal. Membro da equipe de Guilherme, Severo morou na casa da família Gianetti durante esse período, junto com a irmã, os dois irmãos e a mãe do vereador. “Morei na casa da mamãe! Mamãe é minha mamãe branca”, afirma emocionado Severo ao comentar sobre sua relação com dona Eneida, matriarca da família Gianetti:

Nós morávamos tudo debaixo do mesmo teto, meu irmão, e eu era o único. E eles brincavam muito com isso, e mamãe falava: “Deeeixa ele em paaaaz!!! Vem aqui, filho! Vamos jantar!” (risos) E eu falava para ela: “Mamãe, não vou sentar na mesa com esses escarnecedores, esse pessoal seu aí, mamãe, não está com nada! Vou almoçar só com a senhora, ou jantar agora. Vem comigo aqui, vai tomar banho para lá, ô, Luiz, filho da mãe”. “Vou colocar você no tronco, seu negrinho!”. “O Luiz, vai tomar banho, seu filho d’uma mãe! Eu só não vou falar ‘filho da p.’ porque eu estou aqui perto da mamãe, seus pilantras”. E eu chamava ela de mamãe, e ela: “Fiiilho, vai tomar banho, filho, para ir trabalhar. O único que que trabalha aqui é o Severo, porque vocês gostam de uma vida boa!”.

Em 1990, ainda como vereador, Guilherme sai candidato a deputado estadual e perde a eleição. Em 1992, Guilherme é novamente eleito vereador de São Paulo. Persistente, Guilherme disputa a eleição para deputado estadual em 1994, é eleito, e o novo posto alcançado por Gianetti começa a mudar o quadro de relações políticas locais, porém para pior:

Aí acabou nosso Guilherme Gianetti em 1994. Foi a sentença. Começou por ser deputado. Talvez a imunidade parlamentar não tenha sido muito justa com ele, não foi muito legal. Para alguns é bom a imunidade, tem uns que sabem usar, e tem uns que não. E Guilherme não soube usar a imunidade parlamentar dele. Xingava policiais, xingava os correligionários. Ele era o “bang-bang”. E acabou. Ajudou tanta gente, nos ajudou, muito gente boa, coração do tamanho desse restaurante, cara. Cuidava de todos nós, mas não cuidava de si próprio.

Severo continua a fazer política com Guilherme até a eleição de 1998, quando Gianetti tenta se reeleger a deputado estadual, mas obtém apenas uma suplência. Após a derrota nas eleições, Gianetti desiste da carreira política e muda-se de Guaianases para o

Tatuapé. Aconselhado a desvincular sua imagem de Gianetti e do partido do ex-deputado (PMDB), para não “se enterrar politicamente”, Severo muda de partido e filia-se ao Partido Progressista (PP):

Eu fui para o partido do Maluf, cara! Coisa que era impossível de acontecer! Mas eu tinha que me desvencilhar. Fui procurar uma legenda, e se eu fosse procurar uma legenda no PMDB, o Guilherme cortava lá em cima. (...) E fui para o PP, o Daniel Marins me deu a legenda, era coisa de cinquenta mil reais uma legenda na época.

Severo foi candidato a vereador nas eleições municipais de 2000. Sem dinheiro, só conseguiu reunir R\$ 1 mil junto a amigo para usar na campanha. “E o engraçado é que com esses R\$ 1 mil, eu fiz a campanha em três meses. Eu gastei R\$ 300 em julho, R\$ 300 em agosto, e gastei R\$ 300 em setembro. Quase tudo em gasolina”. Além dos gastos com o carro de som, empregou parte do dinheiro na impressão de panfletos e cartazes.

Eu acordei no domingo da eleição chorando, orando a Deus, pedindo para Deus me livrar do ridículo. Me livrar da vergonha. Porque nós tínhamos só quinhentos panfletos, quinhentos panfletinhos! A Vânia, do Doces Imperial, gastou R\$ 300 e mandou fazer uns santinhos para mim. Cinco mil santinhos a campanha inteira, e sobrou no dia da campanha quinhentos, porque eu não dava aleatoriamente, dava só para os amigos. E eu falei – olha a minha oração – “Senhor, pastor Daniel que me colocou nisso, ele é homem de Deus, tu és Deus, se tu não quisesse tu não me colocaria, tu me tiraria, travava a legenda, e eu quero te pedir só uma coisa, não quero te pedir nenhum tipo de milagre, o único milagre que eu quero é que o Senhor me livre da vergonha. Eu tenho que ter mais votos que o fulano, que o sicrano e que o beltrano, senão... acabou para mim. Eu não posso ter quinhentos votos, eu não posso ter mil votos, eu não posso. Vai ser demais, eu não quero isso não, me ajuda!”.

No domingo da eleição, Severo distribuiu os quinhentos santinhos entre a esposa, a sobrinha, o marido da sobrinha e um amigo: cem santinhos para cada. Os demais ficaram com o próprio candidato. Cada um foi para uma escola e a boca de urna não durou nem cinco minutos. No restante do dia, ele permaneceu em frente à escola próxima à sua residência, conversando com amigos, acompanhando os noticiários e interpelando eleitores: “Onze-meia-meia-zero, vote no Severo; Onze-meia-meia-zero, vote no Severo”. Não havia outro modo de fazer política naquele momento.

Acabou a eleição, eu fui para Francisca Miquelina, fui lá para o Tribunal Regional Eleitoral. E abriram as urnas, e aí vinha: Severo 300 votos. Severo, 500. Na outra virada, 800, pá-pá-pá-tum, 1100! E pá-pá-pá, 1.300, e pá-pá-pá, 1.500. Aí eu falei: “Pô! 1.500? Obrigado, Deus!”. Meu, 1.500 votos! E eu já agradecendo. Mas aí veio mais 200. E 1.717 votos.¹¹⁴ Voto para caramba. Muito voto! E o dr. Paulo Frangi, com 20 mil votos querendo matar todo mundo, falou: “Severo, onde é que já se viu, rapaz, você gastou mil e está com quase 2 mil votos? Eu gastei milhões, rapaz, esses vagabundos aí, enganando a gente aí”, nervoso, porque é muita enganação, entendeu? Falou: “É, o seu voto é R\$ 0,50, Severo, cada R\$ 1 mil você tem 2 mil votos, pô. Nossa, se eu fosse assim, igual você, querido, eu arrebentava!”.

Com 1719 votos para vereador nas eleições de 2000 em São Paulo, Severo “fez nome” na política local. Reconhecido, foi procurado por alguns políticos, porém, não gostou das propostas. Já desfilhado do PP, estreitou as relações com os irmãos Moura. A partir de um contato inicial com Luiz Moura, Severo passou a fazer parte da equipe de Senival Moura antes das eleições para deputado estadual de 2002: “Senival me convidou para uma coisa que foi muito importante. Ele não me convidou para ganhar um dinheiro, ou pra fazer uma campanha e fazer uma graninha. Ele me convidou para vir pro grupo dele. Acabei gostando dessa ideia”. Assim, a partir de 2002, Severo passou a integrar a equipe de assessores locais de Senival Moura, com quem construiu uma nova carreira dentro da política nos últimos doze anos: “depois do Guilherme Gianetti, meu outro patrão foi o Senival”. Senival não se elegeu deputado estadual em 2002, porém assumiria a cadeira de vereador suplente em 2006.

Nessa mesma época, por meio de contatos com os membros da equipe de Senival que já faziam parte da diretoria do Botafogo, Severo começou a participar de várias atividades do clube. Ele afirma que entrar para a diretoria do Botafogo, “a elite da várzea”, como define o clube, foi um dos momentos mais importantes da sua vida. “Faz 40 anos que eu sou apaixonado pelo Botafogo. Botafogo sempre foi o nosso time. Desde menino que a gente torce pelo Botafogo. A gente ia nas copas do Botafogo. Sempre torcendo para o Botafogo”. Convidado a trabalhar na escolinha de futebol, Severo foi professor e treinador da escolinha durante três anos, de 2002 a 2005. Com a intensificação dos trabalhos políticos, deixou o trabalho diário no campo de futebol e passou a atuar como diretor das categorias de base, tendo papel fundamental na articulação da parceria com o São Paulo F.C. e na constituição de jovens futebolistas.

¹¹⁴ No site do Tribunal Regional Eleitoral consta que Severo teve 1719 votos. Quando perguntei sobre estes dois votos a mais, Severo – sério ou brincando – afirmou que não incluía na conta os dois votos garantidos: o seu e o da esposa.

3.4 – A batalha dos diretores-assessores

“Sempre estivemos na batalha”, afirma Severo. Tal batalha – uma luta individual e coletiva – faz referência não só às dificuldades cotidianas enfrentadas pelos diretores do Botafogo para manter o clube em atividade, mas principalmente à construção das trajetórias como diretores-assessores em um universo político-esportivo no qual a política emerge “como um campo específico, no qual agentes mais especializados vão ocupar posições estratégicas nesse processo amplo de negociação e interação dos diversos atores” (Kuschnir, 2000a, p.84). Se Adílson já atuava como assessor de gabinete do vereador Senival, remunerado pela Câmara dos Vereadores, Adonias e Severo ainda não desfrutavam do prestígio de serem nomeados assessores parlamentares do vereador ou do deputado estadual. Porém, procuravam não mostrar desânimo por ainda não terem recebido oportunidades nos últimos anos e continuavam a desempenhar o trabalho de assessores locais dos parlamentares.

No dia a dia do bairro, os assessores conversam com moradores e registram seus pedidos e demandas; interagem com associações de bairro e outros segmentos da comunidade; mantêm contato com comerciantes, empresários e aliados políticos da região; desenvolvem pequenos trabalhos sociais com a população mais carente. Tudo isso em um trabalho contínuo de reforçar laços, estabelecer trocas e manter o prestígio dos parlamentares nas comunidades. Porém, o voto nunca é utilizado discursivamente como moeda de troca; reforçam que deve ser um ato espontâneo daqueles que foram ajudados de alguma forma pelos parlamentares: “A reiteração dessas trocas dentro de um mesmo circuito, mesmo naqueles casos em que não há um empenho explícito e público da palavra, é reconhecida como algo que cria um compromisso, um vínculo que envolve a honra dos parceiros” (Palmeira, 1996, p.47).

Pelo fato de os parlamentares estarem relacionados diretamente ao sistema de transporte de ônibus, as equipes de Luiz Moura e Senival respondiam frequentemente a reclamações e pedidos envolvendo a questão do transporte urbano. Embora utilizem muito as linhas que interligam o bairro às áreas centrais da cidade, a maioria das reclamações é sobre a malha de transporte que faz os deslocamentos internos nos bairros por meio de ônibus comuns e veículos de menor porte, como lotações e micro-

ônibus.¹¹⁵ Durante uma reunião com pais e mães da escolinha, uma moradora perguntou quando a cooperativa iria colocar uma lotação em direção à sua vila. O assessor respondeu que a criação de uma linha ou alteração do itinerário de uma das linhas do sistema de transporte é complicada, a depender de vários fatores: se há uma demanda de passageiros no local, largura e pavimentação das ruas, distância dos pontos terminais, a quantidade de linhas na vila, se há alguma linha próxima que possa realizar o trajeto.

Quando o período de eleição se aproxima, os assessores planejam as campanhas de rua, distribuição de material impresso, visitas a entidades e associações do bairro, principalmente no que se refere à atuação do parlamentar no futebol de várzea de Guaianases e outros bairros da Zona Leste. Segundo Adonias, “Aqui no Botafogo a gente garante uns quatro mil. Só na escolinha são pelo menos uns mil. Temos mais força que a maioria dos líderes comunitários. Tem presidente de associação de moradores que não consegue tantos votos como a gente”. Para Sérgio, professor da escolinha, esse número é exagerado e arrisca em torno de dois mil votos. O diretor Daniel, mais pessimista, acredita que o futebol do Botafogo garante por volta de mil votos. Nos dias de eleição, diretores-assessores e os professores-cabos eleitorais circulam pelas ruas do bairro em busca dos votos de última hora. Mesmo que não estejam fazendo campanha, conversando ou distribuindo panfletos naquele momento, aproveitam para fazer uma vigilância sobre o que as equipes de outros candidatos estão fazendo para obter votos naquela região.

No trabalho de obtenção de votos relacionados ao Botafogo, os professores da escolinha têm uma participação fundamental. Auxiliam na campanha, dentro e fora da escolinha, com panfletagem nas ruas, e conversam com pais e mães nas casas das famílias dos garotos. O principal nome envolvido com a política na Escolinha do Botafogo é Sérgio, que atua como cabo eleitoral de políticos em Guaianases há mais de quinze anos, quando ainda era professor da escolinha do Guaianases F.C., época em que fez campanha para outros vereadores, entre eles Guilherme Gianetti (PMDB), Gilson Barreto (PSDB), Milton Monti (PR) e Armando Mellão (PMDB). Sobre o trabalho com políticos, Sérgio guarda a mágoa de certas promessas feitas e não cumpridas, segundo ele, algo comum na atividade:

¹¹⁵ No horário de pico, quando a maioria das pessoas retorna do trabalho, é comum observar extensas filas nas linhas do terminal da estação Guaianases. Com a superlotação dos coletivos e fadados a aguardar por um tempo indeterminado, os passageiros ocupam uma das três faixas da rua Salvador Gianetti, em frente ao terminal, para alcançar mais rápido os veículos quando estes chegam ao ponto.

Quando eu trabalhei com o Chiquinho, da equipe de um vereador chamado Juscelino, os caras me prometeram que, se o Juscelino fosse eleito, iam arrumar um cargo para mim na Prefeitura, que eu ia ter um cargo bom, que eu ia ganhar bem. Quando o homem foi eleito, o Chiquinho me arrumou um emprego para limpar rio e bueiro. Uma vez encontrei o Juscelino na Assembleia, na Câmara dos Vereadores. Ele perguntou para mim se eu estava trabalhando numa creche, de segurança. Eu falei que não, falei que estava limpando bueiro e rio. É, os caras me colocaram para trabalhar em rio, dentro de bueiro.

Sérgio começou a fazer política para Senival em 2000, depois saiu para trabalhar com outros políticos e retornou à mesma equipe em 2006. Desde que entrou para a Escolinha do Botafogo atua como intermediário da relação com os familiares dos alunos, principalmente durante os períodos eleitorais. “Eu trabalho para o Senival. A gente faz política o ano todo. Vira e mexe, a gente está fazendo política para o Senival. A gente conversa com os pais, na comunidade. A gente sempre está falando sobre o mandato do vereador, o trabalho, as emendas que ele traz para a região, para a comunidade”. Morador de uma área pobre do bairro, Sérgio é um cabo eleitoral importante nas relações político-esportivas, pois tem intimidade com a comunidade carente da região. Assim, fica responsável por arrumar voto na rua, de casa em casa, bem antes do período eleitoral, em áreas do bairro que os próprios assessores não frequentam e preferem não ter contato, mesmo durante a campanha:

Eleições é você fazer reunião, você reunir os pais aqui na escolinha. Pessoas que você conhece na região, os amigos. Eleição é um pouco complicado. Para arrumar voto mesmo, tem que ter conhecimento. Se não tiver conhecimento, não arruma. Ter amizade mesmo. Não chegar e falar para a pessoa que o candidato é seu amigo e ajuda bastante alguns lugares, já fez muita melhoria para o bairro. Se você não tiver um argumento mesmo, as pessoas não votam, não. Só vota se você pedir mesmo. E saber convencer a pessoa. Senão, você não arruma voto, não.

Sérgio e outros “pequenos cabos eleitorais”, como Adonias os chamava, espalham cartazes, placas, banners e cavaletes, e entram em contato com comerciantes e pedem autorização para instalar placas e cartazes do candidato. Os cabos eleitorais transformam a paisagem do bairro que, em tempo de campanha, fica dominada por peças publicitárias dos candidatos. Um cenário ainda mais expressivo se configura no dia da eleição, quando políticos, assessores, cabos eleitorais e eleitores se misturam nas ruas do bairro, tomadas por folhetos e santinhos de candidatos, principalmente em

frente às escolas do bairro, locais de estudo durante o ano e de trabalho nos domingos de eleição.

O “conhecimento” do professor da escolinha é recompensado com uma ajuda de custo mensal ao longo de todo o ano. Embora não goste de reclamar, Sérgio acredita que recebe pouco em comparação a outras pessoas do Botafogo que trabalham menos e têm uma remuneração melhor. Sérgio faz duras críticas à participação de diretores do clube que não são “de ficar em chuva” e “fazendo boca de urna”:

No Botafogo, só tem três pessoas que trabalham com política, que pegam mesmo firme: o Itamar, o Adonias e eu. O resto não. Os outros não gostam. Não fazem o que a gente faz. Os caras não sobem em poste, não amarram faixa. Não sobem morro, os caras não vão em favela. Vai lá mandar buscar o voto lá em favela. No dia da política, os caras ficam em frente à loja do Itamar, e, quando passa uma pessoa conhecida, eles conversam para arrumar voto para o vereador. (...) É tipo daqueles caras: quando o vereador ganha, quando a gente consegue reeleger um deputado, bate no peito, diz que trabalhou. Mas não trabalha, não. Aí eu falo para ele, na cara dele, que, na política, ele não faz nenhum esforço para arrumar voto. Aí quando o Senival ou Luiz Moura são eleitos, ele bate no peito: “Eu trabalhei, arrumei voto”.

O momento-chave do trabalho de Sérgio é a organização da reunião anual com os pais e mães dos alunos da escolinha, quando políticos locais e diretores-assessores comparecem para divulgar projetos, anunciar propostas e fazer campanha.¹¹⁶ Senival e Luiz Moura marcam presença em diversos eventos relacionados ao Botafogo e à escolinha do clube ao longo do ano: festa de aniversário da agremiação em maio, comemorações de títulos, partidas festivas contra equipes profissionais, no já tradicional duelo de final de ano entre as equipes Amigos de Senival x Amigos de Luiz Moura, disputado no campo do Botafogo. Porém, a principal mobilização, que envolve diretores-assessores, professores-cabos eleitorais e políticos, é reservada para setembro, um mês antes das eleições, quando se intensifica o trabalho político dentro do clube e da escolinha. Nesse período, a política monopoliza as conversas com pais e mães, folhetos e filipetas são distribuídos e se promove a reunião anual com pais e mães das crianças e jovens da escolinha. Essas reuniões são momentos privilegiados para observar a atuação dos assessores, o discurso dos parlamentares e a agência dos familiares dos garotos. Trata-se de uma festa, de um rito social no qual o auge da política se dá bem no meio do

¹¹⁶ Conferir descrição detalhada de uma reunião em Spaggiari (2009, p.200-206).

evento, quando se encerra a fala sobre as questões esportivas da escolinha e os parlamentares abordam os pais-eleitores com promessas de ajuda e comprometimento. Promessas, acertos; tudo é feito verbalmente, sem garantias de que serão cumpridas.¹¹⁷ Se em outras reuniões ou festividades a participação dos parlamentares só é confirmada momentos antes do evento, a presença dos irmãos Moura nas reuniões com os pais e mães é sempre certa. Não são os momentos de maior concentração de moradores e pessoas ligadas ao clube, mas têm uma posição eleitoral

estratégica dentro da agenda político-esportiva, principalmente por causa das mães, vistas como interlocutoras e articuladoras de amplas redes de contato cotidianas. Assim, a escolinha é vista como um espaço onde o contingente de votos pode ser multiplicado, pois o voto “é um processo envolvendo unidades sociais mais amplas que simples indivíduos ou redes de relações pessoais” (Palmeira, 1996, p. 53).

¹¹⁷ As promessas têm um papel fundamental dentro das campanhas eleitorais, pois expressam o compromisso estabelecido entre os diferentes atores políticos. No entendimento dos diretores do Botafogo, para ter sucesso político em Guaianases é preciso fazer promessas durante as eleições, mesmo sabendo que muitos não acreditam mais no que os candidatos prometem: “Estamos acostumados: na eleição, eles andam pelas ruas, cumprimentam, demonstram interesse. Depois, quando eleitos, nem olham na nossa cara da janela de seus carros de placa preta, isso nas poucas vezes que saem dos gabinetes”, comentou Francisco, pai de um aluno da escolinha e comerciante do bairro. Outro pai, que participava da mesma roda de conversas, afirmou: “No palanque, todos falam a mesma coisa, mas poucos cumprem na prática”. Contudo, fez questão de ressaltar que Luiz Moura honra o compromisso entre eleitor e político, descartando qualquer fragilidade nas promessas de Luiz. “Ele é uma boa pessoa, nunca mentiu pra gente”.

Reunião com pais e mães dos alunos da Escolinha do Botafogo (Foto: Enrico Spaggiari).

As reuniões com os pais compõem a miríade de eventos e situações de campanha, parte delas analisadas nos próximos tópicos: negociações e bastidores de campanha; estratégias elaboradas e forças políticas locais; relações de alianças e embates; os eventos realizados nos espaços do bairro tradicionalmente reconhecidos como políticos. Trata-se de etnografias de eleições e disputas políticas que mostram aspectos do cotidiano social de bairros periféricos e ajudam a compreender os papéis dos atores envolvidos (diretores-assessores, políticos, treinadores-cabos eleitorais, pais e mães-eleitores) na dinâmica político-esportiva de Guaianases. Os diversos temas, atores e espaços imbricados nessas duas esferas sociais permitem problematizar os modos de articulação e de disjunção que qualificam as polissêmicas relações entre esporte e política.

3.5 – Eleições 2010

Candidato a deputado estadual, Luiz Moura (PT) iniciou em 2010 sua primeira campanha eleitoral, porém, já com uma experiência de dez anos como colaborador ativo nas candidaturas do irmão mais velho. Durante anos, Luiz Moura foi a voz que representava Senival Moura (PT) nas reuniões de diretoria do Botafogo de Guaianases. Com Senival já eleito, o objetivo era eleger Luiz. Então, os discursos e os créditos

voltavam-se para Luiz Moura, principal patrocinador do clube. Autor do jingle que ajudou a eleger Senival, o diretor-assessor e sambista Severo, a pedido de Luiz, utilizou como base a mesma música e fez ligeiras adaptações para a campanha de 2010:

[Trecho falado]

Amigo eleitor, no dia três de outubro, não jogue seu voto fora. Vote certo e correto. Para Deputado Estadual, vote Luiz Moura, com o número alegria, número esperança, 13.800, com Dilma 13 Presidenta, Mercadante 13 Governador, Netinho de Paula 650 Senador, e Marta 133 Senadora.

[Trecho cantado]

Eeeeeeu vou votar no meu amigo

Ele está sempre comigo

O irmão do Senival

Éééééé... 13.800

Não tire do pensamento

Luiz Moura Estadual!

Mas eu disse que eu...

Eeeeeeu vou votar no meu amigo

Ele está sempre comigo

O irmão do Senival

Éééééé... 13.800

Não tire do pensamento

Luiz Moura Estadual!

O Luiz Moura...

O Luiz Moura pra você nada promete

E no social investe com a maior satisfação

Caro eleitor, preste atenção, este é o momento

13.800, Luiz Moura Estadual!

Mas eu disse que eu...

Com o jingle tocando no último volume pelo bairro em carros de som marcados com o número eleitoral e repletos de adesivos, a campanha de Luiz Moura se intensificou conforme se aproximava o mês das eleições. De agosto a outubro, não tive a oportunidade de encontrar Luiz Moura na sede do Botafogo e nem no campo de futebol, onde ocorrem as atividades da escolinha – ao contrário de 2008, quando esteve presente toda semana. Pude encontrá-lo somente em eventos, comícios e caminhadas. Como disse Adonias: “O Luiz está muito ocupado, com várias visitas agendadas, inclusive a outras agremiações esportivas da Zona Leste”.¹¹⁸ Segundo o presidente Itamar, estar ocupado era um bom sinal: “Ninguém vota em alguém que não seja importante”.

A conquista de votos é onerosa e difícil. Se os parlamentares e assessores elaboram e adotam estratégias políticas, os eleitores também formulam e acionam táticas e artifícios para reivindicar melhorias para aqueles (familiares, vizinhos, times) e aquilo (ruas, vilas, campos de futebol) que lhe são vicinais, além de negociar vantagens e benefícios para os próximos quatro anos. Em Guaianases, os eleitores aproveitam o período das eleições para reivindicar desde o tapeamento de buracos e calçamento de ruas até alterações nas linhas de ônibus da Transcooper. Como afirmou a mãe de um garoto da escolinha: “Tem que aproveitar deles agora que eles precisam da gente”. Tais demandas, que envolvem fluxos materiais e simbólicos durante o processo eleitoral, são equacionados como troca de favores e uma forma de mútua cooperação dentro da lógica de retribuição através do voto. Contudo, o voto revela-se um meio de retribuição dentro uma relação mais longa e complexa que não pode ser reduzida somente a categorias como clientelismo (Bezerra, 1999; Kuschnir, 2000a).

Portanto, os eleitores definem suas escolhas seguindo uma variedade de interesses e motivações orientadas por um complexo cálculo no momento da votação (Palmeira, 1992, p.26).¹¹⁹ Um mesmo motivo pode até orientar o voto em dois

¹¹⁸ Luiz Cláudio, vice-presidente do Botafogo, relatou tentativas anteriores de união entre os clubes em torno de candidatos comuns para assim fortalecer e defender a prática varzeana, porém, sem sucesso, visto que alianças laterais com diferentes políticos sempre provocam a divisão do cenário varzeano no período eleitoral. Se atualmente não se observa uma união dos clubes, pode-se afirmar, todavia, que diversas agremiações compartilham de interessantes semelhanças ao apoiarem os irmãos Moura.

¹¹⁹ Algo que aqui não pode ser explorado, visto que as intenções e objetivos são também definidos em outras situações e contextos não considerados nesta tese: “[...] vota-se por interesse, afinidade ideológica, adesão partidária, mas também por simpatia, identificação pessoal, torcida de futebol, autoridade materna etc. e mais uma infinidade de razões impossíveis de esgotar” (Goldman; Santana, 1996, p.25). Ainda que

candidatos ou partidos muito distintos e com perfis ideológicos diferentes. Portanto, como bem aponta Kuschnir (1996, p.199), múltiplas peças motivam o voto e as pessoas escolhem dentro de um campo de possibilidades: “Podem estar em jogo, não só o bairro e o time de futebol, como a religião e o conselho do sogro”. Todavia, para Adonias, a política em Guaianases passa principalmente pelas relações pessoais. As relações de amizade e momentos de sociabilidade, por exemplo, são centrais no estabelecimento de relações políticas. Jânio, pai de um aluno da escolinha e comerciante em Ferraz de Vasconcelos, comentou com orgulho que era amigo de Luiz Moura: “Amigo de receber em casa, de abraçar forte”. Assim, há um predomínio do vínculo pessoal como forma de arregimentação política, o que exige uma abordagem etnográfica do sistema de relações políticas e analisar os valores que o suportam.

Contudo, embora os vínculos pessoais tenham peso significativo nas eleições em Guaianases, a mediação dos partidos políticos não pode ser dispensada, pois são atores fundamentais para a dinâmica eleitoral no Brasil. Luiz Moura, por exemplo, teve uma participação fundamental na organização, em 2010, de um ato de protesto do PT em nome dos moradores de Guaianases contra a subprefeitura de Guaianases. Mas esta questão partidária pode ser observada, principalmente, a partir das articulações entre política local e nacional. É notável a importância das lideranças locais e do conjunto de relações mobilizado pelas mesmas, pois evidencia que o núcleo expressivo da política gerada a partir das periferias de São Paulo se encontra na vida política local. De toda forma, o plano municipal também é fundamental, visto as parcerias com outros candidatos de outras regiões como, por exemplo, a dos irmãos Moura com o deputado federal Jilmar Tatto (PT-SP), integrante da tendência PTLM (Partido dos Trabalhadores de Luta e de Massas), jocosamente chamado de “tattolândia” dentro do PT.¹²⁰ Desde o início de 2010, Jilmar Tatto, Luiz Moura e Senival realizaram juntos reuniões com lideranças comunitárias da Zona Leste, grupos esportivos e responsáveis por projetos de assistência social na região. Além de Guaianases, visitaram outros bairros como Pirituba, Casa Verde, M’Boi Mirim, Jardim Ipê, Bairro do Limão e Jaraguá. E visitas a municípios próximos a São Paulo, onde os irmãos Moura também têm influência.

Estas alianças internas geram também desavenças com outros políticos da

ampliasse o recorte contextualizado, tal esforço teria que atentar para “como as estruturas sociais e simbólicas não apenas circunscrevem aquelas ações, mas atravessam diferentes unidades sociais, individuais ou não, inculcando-lhes significado (...)” (Palmeira, 1992, p.30).

¹²⁰ Do qual também fazem parte outros integrantes da família Tatto, como o deputado estadual Enio Tatto e o vereador paulistano Arselino Tatto (PT).

legenda. Luiz Moura teve sua pré-candidatura contestada em junho de 2010, acusado de intimidação por ameaçar adversários internos (deputados, vereadores e militantes do PT), bem como de abuso econômico na busca de votos ao amparar, de diferentes modos, equipes de futebol de várzea, igrejas e escolas de samba nos bairros periféricos, principalmente na Zona Leste. Práticas que teriam causado desconforto dentro do próprio partido e que inclusive teriam sido discutidas com as principais lideranças do PT, como o então presidente, José Eduardo Dutra, e o então secretário-geral do partido, José Eduardo Martins Cardozo. Outra denúncia faz referência a uma possível agressão de seguidores de Luiz Moura a outro integrante do partido em Guaianases. Fato confirmado por Adonias, embora tenha argumentado que o agredido fora o primeiro a atacar, iniciando a confusão. Diretores do Botafogo confirmaram ainda a existência de outras denúncias envolvendo a família Moura: “São apenas acusações sem provas de pessoas que ninguém sabe quem são. O Luiz e o Senival têm muita força popular e isso dá medo em certas pessoas”, afirmou Adonias, para quem tudo era preconceito por Luiz Moura trabalhar com perueiros e frotas de lotações.¹²¹

Portanto, é possível pensar as relações políticas como constituídas de múltiplas articulações, principalmente ao olhar para os segmentos formados por vereadores e subgrupos políticos no interior da mesma legenda em disputa por votos, prestígio e recursos. A apreensão destes significados pode ser enriquecida a partir de princípios de segmentaridade, no sentido de oposição e composição contínua tanto entre seus segmentos como em relação a segmentos externos (Goldman, 2001).¹²² Nesse sentido, tanto o modelo personalizado quanto o partidário são importantes para construir e sedimentar a relação entre candidato e eleitor. Porém, é possível afirmar que o partido perde protagonismo se enfocamos a dimensão local. Em poucos momentos, a menção a partidos aparece nas falas das pessoas. Quando ocorre, geralmente diz respeito às eleições para presidente ou governador. No plano local, o referencial de muitos moradores era o nome do candidato ou o da família, talvez pelo fato de os partidos não

¹²¹ Sobre a atuação dos perueiros e cooperativas nas periferias paulistanas, bem como o trânsito destes pelas fronteiras do legal e do ilegal, cf. Hirata (2011, 2012).

¹²² Marcio Goldman parte das noções de segmentaridade propostas, na década de 1940, pelos antropólogos africanistas britânicos, notadamente os estudos de Evans-Pritchard entre os Nuer e o estudos de Meyer Fortes sobre os Tallensi. Tais propostas visavam dar conta de sociedades “sem Estado”. Parte, ainda, de noções trabalhadas por Deleuze e Guattari, que revisaram, “mediante ampliações sucessivas do alcance do conceito” (2001, p.78), a oposição clássica entre segmentário e centralizado tal como proposta pela etnologia clássica: as sociedades primitivas dotadas de uma segmentaridade flexível, e as sociedades com Estado fortemente centralizadas. Ao propor a introdução do conceito de *segmentaridade* na análise da política de sociedades dotadas de Estado, Goldman sugere pensá-lo como uma teoria política nativa.

apresentarem a consistência ideológica e programática esperada pelos eleitores. Ao contrário, estes são reconhecidos pela fragilidade das alianças, circulação de políticos e mudanças ideológicas e programáticas (Goldman, 2001).

Ator que sempre esteve no centro das discussões na teoria política brasileira, a família também é um componente central nos modos de viver e pensar a política.¹²³ Para Adonias, a maioria dos eleitores busca garantir vantagens materiais para a família. “Nem todos pensam na comunidade. Pensam antes na família”. Além disso, como pude perceber em observações na Escolinha do Botafogo, é possível encontrar diferentes votos em uma mesma família. Maria Helena, mãe com presença assídua na escolinha, comentou que votaria em Luiz, porém, seu marido, já tinha se comprometido com outro candidato da região há muito, desde outras eleições: “Trabalhou com ele na pedreira quando jovens, sempre vota nele. Mas eu não”. Em outro caso, outra mãe de aluno, Gisele, afirmou que faria de tudo para ajudar Luiz Moura, inclusive “convocar” toda a família para votar nele: “E olha que a minha família é grande. Tenho oito irmãos”.¹²⁴

Vale destacar que o foco do Botafogo está nos votos dos pais e outros familiares, e não nos dos alunos da escolinha. Para Jurandir, a maioria dos jovens com idade para votar da escolinha de futebol não tem interesse na eleição. “Os maiores de 16 anos ainda nem tiraram o título de eleitor”. Após esta conversa com Jurandir, perguntei a alguns alunos (cerca de 10) da equipe sub17 do Botafogo, recebendo uma resposta quase padrão: “Não preciso votar, não é obrigatório”. Alguns afirmaram ainda que nunca pensaram nisso. Somente um garoto afirmou já ter definido o candidato, com base no que viu nos meses anteriores na região. Assim, para os alunos, não era uma questão relevante. Para Jurandir, o desafio ali na escolinha era conseguir a confiança destas famílias e evitar uma dispersão dos votos familiares: “Mas alguém sempre vai votar em outro, não tem jeito, porque deve alguma coisa ou tem interesse em algo”.

As lideranças comunitárias são importantes intermediários entre eleitores e candidatos. Em Guaianases, Luiz Moura procura estabelecer alianças com pessoas estratégicas, aquelas com grande influência dentro do bairro e que podem ajudar na obtenção de votos. Luiz mantém contato com diversas lideranças locais, como membros de associações, padres, pastores evangélicos, radialistas, membros de movimentos sociais etc. Laços não formais que perdem intensidade após as eleições, mas que são

¹²³ Para uma reflexão sobre família e política, cf. Palmeira (1996) e Marques (2002).

¹²⁴ Zaluar (1985), no capítulo dedicado às práticas clientelistas nas favelas cariocas, analisa os critérios de articulação política com certas esferas locais, como samba, religião e tráfico.

resgatados pelos políticos no período eleitoral. Segundo Adonias, para que tais relações não enfraqueçam, as lideranças das associações ficam em contato direto com políticos por causa dos vínculos estabelecidos durante o período eleitoral. É comum certas lideranças colocarem seu prestígio como forma de negociar, inclusive com ameaças de fazer campanha para outro candidato caso seus pedidos não sejam atendidos. Segundo Adonias, as lideranças podem se vincular a mais de político, porém evitam transparecer isso. “É assim que se faz política aqui, lutando, reivindicando melhorias, investimentos em projetos sociais, educação, saúde etc.”.

No caso da campanha empreendida em Guaianases, para além do contato com as lideranças comunitárias, o pertencimento ao local é um dos elementos mais acionados para criar uma identidade entre moradores e candidatos. Em seus discursos, Luiz Moura ressalta a todo o momento que é da periferia: “Sempre morei, desde sempre, e vou continuar morando”, ou seja, alguém próximo da população e conhecedor da realidade local.¹²⁵ As carências do bairro aparecem em diversos discursos durante o período eleitoral, tanto nas falas dos moradores quanto nas dos políticos, sendo utilizadas como objeto de negociação e como parte do próprio discurso. “O Luiz tem uma liderança aqui no bairro, é um de nós, entende os nossos problemas e pode ser nosso representante entre os políticos”, comentou Adonias, que complementou: “Outros candidatos vêm para a periferia, fazem comícios para marcar presença, demonstrar interesse pelo bairro, mas nunca serão daqui”.¹²⁶ Assim, a principal marca acionada é sua identificação com Guaianases e outras regiões da Zona Leste. O que também preocupa pessoas ligadas à campanha de Luiz Moura: “Ele não pode ser visto somente como um cara da periferia. Tem que mostrar que era daqui, mas agora cresceu na vida, virou político, tem poder fora daqui”.

Percebe-se, portanto, que a territorialidade é um aspecto importante na política feita em bairros periféricos da Zona Leste de São Paulo. Embora os diretores afirmassem não demarcar territórios na campanha, Jurandir comentou, certa vez, que o trabalho em algumas áreas próximas ao campo do Botafogo poderia ser preterido naquela semana, pois eram redutos eleitorais de Luiz Moura. Além disso, nas eleições aparecem pessoas nunca vistas na região percorrendo os colégios eleitorais da região, a

¹²⁵ Vale ressaltar, porém, que o bairro não é homogêneo, mas sim atravessado por várias disputas entre moradores de diversas regiões do país, associações, redes políticas, clubes de futebol etc.

¹²⁶ Por outro lado, Luiz Moura tampouco pertencia aos demais bairros e regiões que visitava.

quem os diretores do Botafogo de Guaianases chamam de “paraquedistas”, candidatos oportunistas presentes apenas na época das eleições para angariar votos.

Durante uma partida do Botafogo pela Copa Coca-Cola, um diretor do clube pediu que um dos presentes fosse embora, inclusive desferindo algumas ameaças. Segundo o diretor, o homem era cabo eleitoral de outro candidato a deputado estadual e estava lá para conversar com os pais dos alunos, aproveitando que havia um grande número desses naquela manhã de sábado no campo do Botafogo. No caso de outro rapaz, por exemplo, Itamar afirmou que não via problemas, pois era morador e pertencia à “comunidade”. Para os diretores, não era aceitável que alguns candidatos fizessem campanha em Guaianases, tal como no caso dos candidatos-esportistas.

Embora estivessem confiantes na eleição de Luiz Moura, os dirigentes do Botafogo demonstravam preocupação com fatores que poderiam prejudicar o candidato do clube. Além de citarem outros candidatos com grande inserção em Guaianases, os diretores do Botafogo comentavam apreensivos a proliferação de “candidatos-esportistas”, como definiu Jurandir. Numa quinta-feira de setembro, uma semana antes da eleição, pessoas ligadas à candidatura do ex-jogador de futebol Vampeta (PTB)¹²⁷ percorriam as ruas de Guaianases com carro de música, distribuindo folhetos e broches. Quando passaram em frente ao Botafogo, o presidente Itamar, santista fanático, criticou o candidato e questionou a inteligibilidade dos votos daqueles que elegem “parlamentares-esportistas”: “o cara nunca veio para cá, nem sabe onde fica Guaianases, e agora faz campanha para os gambás.”¹²⁸ E se depender de algumas pessoas, eles são eleitos”. Embora a maioria dos ex-jogadores não concorresse ao mesmo cargo, pessoas ligadas a Luiz Moura demonstravam preocupação com as candidaturas de ex-jogadores, principalmente dos que passaram pelo Corinthians, clube de maior torcida no Estado e a segunda maior do Brasil, entre eles Marcelinho Carioca (PSB) e Vampeta (PTB), ambos candidatos a deputado federal: “Eles podem interferir na disputa estadual, têm contatos, podem ajudar outros a se elegerem. E o principal: a maioria aqui na região torce pelo Corinthians. Eles vão nos atrapalhar”. Porém, a previsão e a apreensão de Adonias não se confirmaram: nenhum ex-jogador foi eleito em São Paulo para deputado federal e estadual, inclusive os que vestiram a camisa do Corinthians no passado. O único

¹²⁷ Iniciou sua carreira no E. C. Vitória (BA) em 1993 e atuou por diversos clubes: PSV Eindhoven (Holanda), VVV Venlo (Holanda), Fluminense F.C. (RJ), S. C. Corinthians Paulista (SP), F. C. Internazionale Milano (Itália), C.R. do Flamengo (RJ), Al Salmiya Club (Kuwait), Brasiliense F. C. (DF), Goiás E. C. (GO) e Clube Atlético Juventus (SP).

¹²⁸ Termo jocoso utilizado para se referir aos torcedores do Corinthians.

concorrendo a deputado estadual, o ex-jogador Dinei (PDT), recebeu pouco mais de dezoito mil votos, bem distante da vaga.¹²⁹ “Eles são muito conhecidos, porém são novatos no jogo”, comentou Itamar.

Havia, portanto, tentativas para delimitar os territórios durante a campanha eleitoral, ainda que essas áreas nem sempre fossem respeitadas. E, no caso de Guaianases, grande parte desta delimitação passava pelo trabalho político das pessoas ligadas ao Botafogo que trabalhavam pela candidatura de Luiz Moura. A equipe de Luiz contava com cabos eleitorais, formados por amigos antigos, aliados e membros da família. O cabo eleitoral pode ter um papel fundamental a depender do seu prestígio no bairro. Jurandir diz que já ouviu eleitores confirmarem que tinham decidido votar num certo candidato por causa do trabalho de convencimento de um cabo eleitoral. Em sua equipe, alguns tinham vínculos pessoais e familiares com Luiz. Poucos eram profissionais de marketing político, porém não os conheci, pois nunca estavam presentes no Botafogo. Alguns vinham de experiências políticas em sindicatos e movimentos sociais; outros eram pequenos comerciantes. A maioria já havia participado de campanhas de Senival e outros políticos da região. Alguns eram mais próximos de Luiz, por terem ocupado cargos de confiança nos mandatos de Senival.

Era difícil distinguir, durante os eventos e festas, quem era da equipe e quem era da rede de apoiadores. O problema de diversos candidatos é a instabilidade dos apoios políticos de uma eleição a outra (Palmeira, 1996; Goldman; Santana, 1996). Ao comentar a candidatura de um forte rival de Luiz em Guaianases, Adonias afirmou que alguns membros da atual equipe de apoio deste candidato haviam feito parte anteriormente de campanhas de outros partidos. Salientou, porém, que tais mudanças, embora muitas vezes vistas como traição, eram comuns, visto que as pessoas estavam mais preocupadas com as alianças comunitárias do que com a ideologia do partido. Mudanças que podem ser resultado de conflitos internos, dentro da própria equipe, com a explicitação de desavenças e uma divisão interna entre aqueles os mais próximos e os mais “distantes”, os mais antigos e os mais novos, o que pode levar a mudanças para equipes de candidatos opostos. O trabalho de Adonias na campanha abarca inúmeras funções, desde verificar materiais impressos, fazer os primeiros contatos com lideranças

¹²⁹ Em outros estados brasileiros, diversos esportistas foram eleitos, entre eles: Romário (PSB-RJ) para deputado federal; seu ex-parceiro Bebeto (PDT-RJ) para deputado estadual; Danrlei, ex-goleiro do Grêmio (PTB-RS), para deputado federal; Marques, ex-atacante do Atlético-MG (PTB-MG), para deputado estadual.

comunitárias, programar eventos em Guaianases, atender eleitores etc.¹³⁰ Muitos dos membros da equipe de Luiz Moura trabalharam em outras campanhas, eventos partidários ou mesmo têm uma memória familiar que remete de algum modo a um passado político. Portanto, embora não tenham a política como foco profissional, podem participar de diferentes formas desse âmbito.

O trabalho durante a campanha foi intenso dentro do Botafogo e da escolinha. Diretores e professores utilizavam parte do tempo para fazer propaganda, distribuição de panfletos, santinhos etc., ausentando-se assim da escolinha. O próprio presidente Itamar apontou que sua presença na escolinha diminuía no período de eleições. Mas nem todos tinham a mesma adesão. Para Jurandir, com exceção de Sérgio, os professores da escolinha não estavam “vestindo a camiseta” da campanha. Durante setembro, por exemplo, Sérgio visitou pais e mães de alunos da escolinha durante alguns dias da semana, sempre acompanhado de um diretor do Botafogo. Na última semana antes da eleição, Itamar e Sérgio intensificaram as visitas em casa, aproveitando laços de vizinhança, parentesco e afinidades pessoais para conquistar adesões. No final de semana da eleição, Sérgio contou que dormiu apenas duas horas durante três dias, pois fez visitas até sábado e panfletagem de boca de urna no domingo.

Dedicação essa que Adonias considerava fundamental principalmente por se tratar de um trabalho na região mais importante dentro da campanha: “A aliança com o Botafogo permite que a campanha em Guaianases não precise ser tão cara quanto em outros lugares”, afirmou Adonias, embora tenha frisado que é fundamental manter o investimento em setores eleitorais básicos, como o bairro. Principalmente por causa disso, os diretores e pessoas ligadas ao Botafogo comemoraram tanto a eleição de Luiz quanto o fato de ele ter sido o deputado estadual mais votado na Zona Leste, dado que evidencia uma correlação entre o tipo de campanha realizada pelos candidatos e a distribuição dos votos (Kuschnir, 2000b). Portanto, o trabalho da equipe ligada ao Botafogo fora essencial para a eleição de Luiz Moura. Muitos esperavam agora alguma recompensa. Segundo Adonias: “As pessoas sempre esperam receber alguma coisa, principalmente serem chamadas para trabalhar no governo ou em alguma repartição pública”.

¹³⁰ Segundo Adonias, os assessores e cabos eleitorais também têm o papel de acompanhar as demais candidaturas, constatar eventuais ilegalidades eleitorais e fazer denúncias. No dia das eleições, aqueles ligados à campanha do candidato chegam a ser acompanhados de perto por correligionários de rivais.

Segundo Jurandir, é comum a relação de troca de empregos na política. Ele disse conhecer muitas pessoas que foram contratadas por meio de relações com políticos. Cargos na maioria das vezes comissionados, “aqueles cargos temporários concedidos pelas autoridades a pessoas de sua confiança”. Para o coordenador da escolinha, o medo de ficar desempregado e sem dinheiro faz com que diversas pessoas procurem se envolver como cabos eleitorais durante as campanhas, procurando principalmente candidatos de sua vizinhança. Mesmo aposentado, ele aceitaria se Luiz Moura arranjasse algum cargo no setor público.

Um dirigente do Botafogo comentou que, quando jovem, conseguiu um emprego num posto de gasolina por intermédio de um vereador para o qual havia trabalhado como cabo eleitoral: “A relação é simples: os políticos é que podem oferecer postos de trabalho e para isso esperam que as pessoas sejam engajadas”. Assim, para manter o emprego, precisa não só torcer por seu candidato, como também demonstrar um engajamento constante com a militância ao longo de todo o período do mandato. Citou, ainda, diversos casos de pessoas que se dedicaram durante as eleições e não conseguiram empregos depois dos candidatos serem eleitos. Ainda assim, estas pessoas não se afastam da política.

Maciel, pai de um aluno da escolinha, afirmou ter trabalhado na política como cabo eleitoral em campanhas políticas durante vários anos. Contou ter conseguido empregos como recompensa pela dedicação durante as campanhas. Desempregado há quase um ano e sem perspectivas de encontrar uma colocação, ele trabalhou na campanha eleitoral de outro candidato de Guaianases. Começou a trabalhar nas ruas do bairro, além de fazer boca de urna. Ganhava apenas “alguns trocados e vale-transporte e refeição”. Fernando, outro pai de aluno, que escutava minha conversa com Maciel, afirmou ter conseguido seu atual emprego por causa da política. Aproximou-se de um candidato a vereador de seu bairro com a ideia de conseguir um emprego. Trabalhou nas eleições municipais como cabo eleitoral, mas demorou a ser recompensado. Conseguiu uma vaga apenas após o primeiro ano de mandato: “Mandeí meu currículo direto para o vereador, pois ele tinha pedido pessoalmente no último encontro que tivemos”. Algo que falava com orgulho, pois foi procurado para trabalhar pelo vereador. Porém, fez questão de ressaltar sua capacidade para realizar a função.

Portanto, a obtenção de um posto de trabalho por meio de relacionamento com políticos faz parte do processo eleitoral, da disputa política e da composição dos governos. Pude perceber que parte dos que trabalhavam na campanha de Luiz Moura

viam a chance de conseguir um emprego. Segundo Adonias, era esperado que Luiz, em sendo eleito, convidasse pessoas próximas que atuaram na campanha para trabalhar com o político na Assembleia Legislativa ou nas sedes eleitorais pelos bairros. Contudo, Adonias adiantou que poucos que trabalharam na campanha conseguiriam isso, pois os cargos seriam preenchidos pelos cabos eleitorais que estão há mais tempo com o político e que mantêm vínculos estreitos com os assessores do candidato.

Se grande parte do trabalho e dedicação da rede de apoiadores passava pela esfera da rua, do dia a dia etc., era imprescindível que a campanha também fosse construída em outros planos. Para isso, a propaganda política era fundamental. Para Adonias, essa é uma das ferramentas mais importantes na busca por votos. Muitos aspectos cooperam para a eficácia da propaganda política: vocabulário utilizado, modo de falar, técnicas corporais, entonação da voz, imagem do candidato etc. A equipe de Luiz Moura utilizou inúmeros materiais de campanha, como panfletos, santinhos e cartazes, fundamentais para divulgar ao eleitor as virtudes e qualidades dos candidatos, bem como expor os candidatos e fazer com que sejam lembrados pelo eleitorado. A partir desta série de peças publicitárias é possível apreender os elementos de auto-representação, as alianças com políticos de diferentes níveis (local, estadual e nacional), sua relação de pertencimento ao bairro e à cidade, e os aspectos utilizados para se diferenciar dos demais candidatos. Os santinhos tinham a foto e o número de Luiz Moura. Na parte de trás dos mesmos, apareciam os candidatos a outros cargos, entre eles Jilmar Tatto (PT-deputado federal), Netinho de Paula (PCB-senador), Marta Suplicy (PT-senadora), Aloizio Mercadante (PT-governador) e Dilma Rousseff (PT-presidente), com seus respectivos números e fotos.

Nesse sentido, o marketing político é fundamental para a apresentação dos candidatos, embora poucos marqueteiros “vistam a camisa”, comentou Severo Ramos, diretor das categorias de base do Botafogo e assessor de Senival Moura.¹³¹ Os candidatos costumam utilizar diversas estratégias e ferramentas do marketing eleitoral para conquistar um determinado cargo público. Segundo Adonias, o material impresso deve ter uma unidade visual, com a identidade da campanha nos cartazes, outdoors e

¹³¹ Para uma reflexão antropológica mais sistemática sobre os agentes do “marketing político” e as relações entre eles, ver Scotto (2004). A autora analisa a construção social do marketing político e sua presença nas campanhas eleitorais, mostrando como se articulam os interesses de um quadro heterogêneo de atores – cientistas políticos, marqueteiros, administradores, sociólogos, jornalistas etc. – que se movimentam e interagem no universo da política. Campo político que, segundo Scotto, é alargado durante o período eleitoral e passa a abarcar bem mais do que está presente cotidianamente na política.

faixas. “A televisão não é o nosso principal palanque”, afirmou Adonias, para quem o mais importante, no caso de Guaianases, é o candidato conseguir se comunicar com o eleitor, algo que se dá no dia a dia, mas também em espaços rituais, como festas, comícios e caminhadas, além de outros momentos da campanha: propaganda de rua, carros de som, distribuição de panfletos e brindes etc.

As festas, por exemplo, evidenciam as relações entre os políticos e os eleitores, pois são momentos de representação e dramatização da experiência social. Espaço para encontro de políticos e eleitores diferente do encontrado em comícios, sem a estrutura do palanque, mas fundamental para a conquista de votos. “Não dá para trabalhar política na periferia sem as festas”, afirmou Itamar. Assim, a política em Guaianases passa pela dimensão das festas, que abrigam múltiplos interesses. Dentre os eventos (comícios, caminhadas, festas etc.) organizados durante o primeiro semestre de 2010, o principal momento lembrado era a festa de aniversário de Luiz Moura, em fevereiro, quando seus familiares, amigos, diversas entidades sociais, religiosos, membros de clubes de futebol amador e inúmeros políticos filiados ao PT, como Jilmar Tatto e Cândido Vaccarezza, estiveram presentes no salão da Sociedade Esportiva Elite Itaquerense. Foram mais de mil pessoas, entre correligionários e convidados. O salão dispunha de uma parte superior, com um pequeno palco, onde políticos, autoridades e lideranças comunitárias discursaram durante todo o evento. Também foram consumidos mais de cinco mil espetinhos de carne, frango e linguça, e havia inclusive uma grande equipe para servir chopp aos convidados.

Certos momentos rituais do período eleitoral, como caminhadas, carreatas e comícios, nos quais os candidatos interagem com o eleitor no bairro, são centrais não só porque possibilitam a celebração de relações políticas, mas também por constituírem espaços políticos de construção de representações. Questão possível de visualizar na campanha de Luiz Moura, onde o foco não era investir nos meios de comunicação, mas sim nos comícios, que tiveram início com a campanha de rua no segundo semestre. Pude acompanhar no final de setembro de 2010, numa manhã de quarta-feira anterior ao primeiro turno das eleições, uma carreata da Marta Suplicy (PT), candidata ao Senado, reunindo mais de setenta veículos que percorreram o bairro de Guaianases por três horas. Luiz Moura (PT) acompanhou todo o evento. Depois da carreata, os envolvidos participaram de um comício em Guaianases. Pude observar a dinâmica desse comício, marcado pela presença dos candidatos, militantes, simpatizantes, imprensa, policiais militares e eleitores. Abaixo, trechos selecionados do meu caderno de campo:

A maioria do público era formada pelos próprios militantes do partido. Presença de carrinhos de pipoqueiros, vendedores ambulantes e carros de som. Muitos adultos estavam acompanhados dos filhos, bebês de colo até adolescentes. O comício durou quase duas horas. Antes de Marta Suplicy, Luiz Moura, políticos e lideranças locais se pronunciarem reforçando o apoio a Luiz, Jilmar Tatto e Marta Suplicy, a militância do PT procurava animar o comício com gritos, cantos e ovações. Tal como em outros eventos, Luiz estava vestido com camisa social e calça jeans. Em sua fala, procurou associar sua candidatura à do presidente Lula.¹³² Falava sobre sua origem social, sua relação com a cidade. Defendeu a imagem e o prestígio da Câmara Municipal e da Assembleia Legislativa. Fez referência a uma dívida com São Paulo pelo fato de ter sido o estado que acolheu sua família vinda de Alagoas. A cada pausa de Luiz Moura, parte do público (principalmente os militantes), iniciava um pequeno coro gritando o nome do candidato e sem seguida puxava uma salva de palmas. O público, porém, não parecia demonstrar muito interesse nos discursos. Poucas pessoas participavam ativamente do evento. O discurso enfático de Luiz Moura posteriormente começou a chamar a atenção de muitos presentes. Nas falas dos outros convidados, parte do público repetia os gritos e aplausos quando o nome de Luiz Moura era mencionado.

Eleito deputado estadual,¹³³ Luiz Moura tornou-se, junto com o irmão Senival, um dos principais contatos das relações político-esportivas em Guaianases. O nome de Luiz passava a figurar nos agradecimentos das faixas nos campos e nas camisas de clubes do bairro. E os vínculos com o Botafogo se fortaleceram ainda mais.

3.6 – Conselho Tutelar

Em 2011, enquanto Fernando Haddad já fazia aproximações com as comunidades periféricas em caravanas do PT nos bairros de Cidade Tiradentes, Sapopemba e São Miguel Paulista, visando à eleição de 2012, junto com outros pré-candidatos do PT à Prefeitura, como a senadora Marta Suplicy e o deputado federal Jilmar Tatto, outra eleição tomava a atenção da diretoria do Grêmio Botafogo de Guaianases. Agendada para novembro, a eleição de representantes do Conselho Tutelar teria entre seus candidatos Daniel “Fininho”, que tentaria a reeleição ao cargo naquele ano. Diretor de social do Botafogo desde a década de 1990, Daniel desfrutava da vida de aposentado quando foi convidado por diretores do Botafogo de Guaianases a concorrer a uma vaga de conselheiro tutelar em 2007. Com o aumento da visibilidade

¹³² Associação recorrente tanto nos discursos de Luiz Moura, bem como de outros candidatos do PT e de partidos aliados na época.

¹³³ Luiz Moura foi o 34º deputado estadual mais votado em São Paulo, com 104.705 votos (0,49% do total do eleitorado), e o 12º entre os deputados eleitos do PT.

mediática da escolinha de futebol, o crescimento do número de alunos e a recente confirmação da parceria com o São Paulo F.C., a diretoria do Botafogo percebeu que um representante do clube dentro do Conselho Tutelar facilitaria e beneficiaria o projeto de expansão da escolinha, como evidencia a fala de Daniel:

Então, o Conselho Tutelar é um órgão voltado para criança e adolescente. Como nós temos um trabalho dentro do Botafogo, um trabalho comunitário, a escolinha de futebol, e tem crianças e adolescentes lá, a direção sempre estava encaminhando para o Conselho Tutelar algumas questões em relação à saúde das crianças, conflito com os pais, falta escolar, alguma coisa, e nós precisávamos de um representante no Grêmio Botafogo. E não só lá. Mas sim em Guaianases, que é o Lajeado, que aqui pertence ao Lajeado. E houve a ideia de falar “por que você, que está aqui com nós, trabalhando aqui, não vai disputar eleição para Conselho Tutelar?”. E assim a gente fez.

Seduzido pelo desafio de concorrer a um cargo público, bem como pela atrativa remuneração de R\$1.416, aceitou a sugestão e iniciou os preparativos para a eleição. Fez campanha em todo o bairro, visitou creches e escolas, conversou com pais e mães de alunos da Escolinha do Botafogo, estudou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).¹³⁴ O esforço foi recompensado com 380 votos e Daniel foi eleito para o Conselho Tutelar do Lajeado, distrito de Guaianases onde está localizado o campo do Botafogo, o CEU Jambeiro, a sede social do Botafogo e a residência do conselheiro Daniel, que “cuidava da Guaianases pobre, com os piores casos”. Localizado em uma área que inclusive já abrigou um campo de várzea, próximo ao Mercado Central do bairro, o Conselho Tutelar do Lajeado passou a ser ponto de referência para botafoguenses ao longo dos três anos de mandato de Daniel, posteriormente ampliado para quatro anos.

¹³⁴ Promulgado em 1990, em substituição ao Código de Menores e à política chamada de “Doutrina Jurídica do Menor em situação irregular”, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) elevou a criança e o adolescente à condição de sujeitos de direitos e instituiu uma estrutura política de promoção e defesa desses direitos. Direitos fundamentais assegurados com base na descentralização e participação popular viabilizadas pela articulação entre família, sociedade e Estado, responsabilizados de forma conjunta pelo atendimento e proteção dos direitos atribuídos.

Área do Conselho Tutelar, que já foi o Campo do Alvorada (Foto: Enrico Spaggiari).

Entre as novas instituições e agentes criados e formalizados em 1990 pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e vinculados a um processo mundial de produção de *sujeitos de direitos* (Fonseca; Schuch, 2009), o Conselho Tutelar é um dos operadores responsáveis pela aplicação do Estatuto¹³⁵ e tem como objetivo averiguar se os direitos fundamentais da criança e do adolescente estão sendo respeitados, promovê-los quando não são atendidos e resgatá-los quando violados. Órgãos públicos municipais de caráter autônomo e permanente, o Conselho Tutelar é um conselho participativo composto por cinco representantes da sociedade civil eleitos pela comunidade para mandatos de três anos, com a possibilidade de uma reeleição. Os conselheiros podem ficar no cargo por três anos e serem reeleitos por mais um período de igual duração, perfazendo, no máximo, seis anos de mandato.

Daniel reconhece que, no início, passou por dificuldades. Sem experiência na área de defesa ou atendimento aos direitos da criança e do adolescente, teve que enfrentar a precariedade das instalações e o excesso de trabalho sem a ajuda da rede de apoio especializada, formada por psicólogos e assistentes sociais contratados como funcionários dentro do Conselho Tutelar. Nas primeiras semanas atendeu casos de

¹³⁵ Junto com os Conselhos de Direitos da Infância e Adolescência, os Centros de Defesa da Criança e do Adolescente, as Secretarias de Segurança Pública e o Ministério Público.

violência familiar, evasão escolar, infrações graves na escola, atos de delinquência no bairro, e diversos casos de crianças e jovens que tiveram seus direitos ameaçados. A maioria dos casos envolvia violência doméstica que, para Daniel, resulta dos impasses criados pelas novas relações familiares, com pais e mães trabalhando fora de casa o dia inteiro, afastados do convívio familiar, sem tempo para acompanhar e cuidar da educação dos filhos. Segundo Daniel, tal configuração leva ao enfraquecimento dos laços que unem a família, para ele, a instituição social mais importante, principal responsável pela socialização das crianças e jovens. Chegou a essa conclusão ao observar que crianças e adultos recorriam ao Conselho Tutelar. Recebia tanto queixas e pedidos de ajuda das crianças e adolescentes em relação aos familiares, quanto denúncias de brigas, agressões, fugas de casa e abandono escolar por parte de adultos.

Daniel descreve um atendimento individualizado e centralizado na figura do conselheiro, pois o mesmo tem uma forma de atuar, com diferentes características e recursos: “É um trabalho solitário, depende muito do conselheiro para ser um bom trabalho”. Daniel afirma que seguia uma linha de trabalho diferente à dos demais. Na maioria dos casos, procurava mediar e serenar os conflitos, primeiro em busca de soluções imediatas, para depois estabelecer um acompanhamento e um plano de trabalho a longo prazo. Afirma que, ao longo de seu mandato, realizava tarefas cotidianas de atendimento dos diversos casos que chegavam ao conselho, e não só os que estivessem relacionados à Escolinha do Botafogo. Procurou atender e assessorar as famílias, garantir que tivessem atendimento nos serviços públicos, denunciar problemas e omissões quando necessário, buscar e negociar vaga na rede escolar, garantir acesso às medicações da rede municipal de saúde, procurar vagas em casas de familiares ou abrigos para crianças desabrigadas, fiscalizar entidades e estabelecimentos de acolhimento de crianças e adolescentes.

Especificamente na Escolinha do Botafogo, Daniel tentou fazer um trabalho de articulação entre futebol e educação formal. Segundo Daniel:

Conversando com o Botafogo, a direção, nós pedimos que para frequentar a escolinha teria que estar frequentando a escola normal. Caso ele não trouxesse um documento mostrando que ele está frequentando a escola, ou a escola passasse um documento para o Botafogo, tinha que ter uma parceria, ele não ia jogar bola, não ia fazer treinamento. É um método para que ele se empenhe na escola para que ele possa jogar bola. É a cultura, praticamente, desse país, que é jogar bola. É o país do futebol. E você faz uma troca com o menino. Você vai para escola, e você tem direito ao treinamento aqui, temos parceria com o São Paulo. Então as crianças se animam muito com isso daí. E

os professores, nas escolas onde nós fazemos as nossas palestras, falam: “Olha, as crianças que quiserem praticar futebol, tem a escolinha do Grêmio Botafogo, pode estar indo lá. Se não frequentar a escola aqui, não frequenta a escola de futebol...”.

Porém, na prática, o projeto não teve sucesso. Ninguém trazia comprovante e ninguém cobrava o documento. Não era comum, mas acontecia de algumas crianças despistarem os professores da escolinha e treinarem nos dois períodos, manhã e tarde, sem ninguém questionar em qual horário frequentavam a escola. Outras medidas do Conselho Tutelar na escolinha, porém, tiveram sucesso, na avaliação de Daniel. Muitos garotos com problemas na escola, suspensos por indisciplina e acusados de agressão, foram encaminhados por Daniel ao coordenador da escolinha Jurandir, com cartas de recomendação, que relatavam as especificidades de cada caso. Segundo Daniel, a maioria dos garotos matriculados na escolinha via Conselho Tutelar não teve mais problemas disciplinares durante sua gestão como conselheiro.

O conselheiro tutelar Daniel era acionado também pela equipe da Escolinha do Botafogo em situações em que surgiam trocas de acusações entre familiares e professores da escolinha, na maioria das vezes, por discordarem do tratamento que os filhos recebiam durante as atividades. Tratava-se, porém, de uma mediação de conflitos pontual, quando a presença do conselheiro Daniel era muito mais evocada como ameaça por ambas as partes, e o conflito se encerrava antes da presença dele ser realmente necessária. Uma situação específica e emocionante na escolinha foi quando professores perceberam que Bruno, um garoto que vinha apresentando dificuldades de estudo na escola, não escutava os pedidos de “toca pra mim, toca pra mim” de um colega de equipe durante um coletivo. O problema de audição ainda não havia sido notado por professores e familiares. A família e o conselheiro Daniel foram chamados e o Conselho Tutelar encaminhou o garoto para um hospital da região.

Esta e outras experiências da atuação como conselheiro tutelar agradaram Daniel, que decidiu tentar a reeleição, apesar de considerá-lo um cargo de muita responsabilidade. Consultou a diretoria do Botafogo, que também demonstrou o interesse, e, no final do primeiro semestre, iniciou os preparativos para a campanha. Junto com Sérgio, professor da Escolinha do Botafogo, catalogaram as fichas de inscrição dos matriculados na escolinha, conferiram os endereços e separaram as fichas dos alunos que moram no distrito do Lajeado. Nos meses seguintes, Daniel participou mais do dia a dia da escolinha e procurou reforçar o contato com pais e mães dos

alunos. Próximo do período da eleição, Sérgio, sempre na posição de cabo eleitoral dentro do Botafogo, iniciou as visitas às residências das famílias para divulgar a candidatura de Daniel.

Marcada para um domingo de outubro de 2011, logo após o dia das crianças, e organizada pelo Conselho Municipal da Criança e Adolescente (CMDCA), com acompanhamento e fiscalização do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-SP) e do Ministério Público, a eleição dos conselheiros tutelares que atuariam no município de 2011 a 2014 contou, ao todo, com 1.012 candidatos disputando 220 vagas em 44 Conselhos Tutelares na cidade. Número um pouco menor do total de candidatos a vereador nas eleições de 2012 em São Paulo. No Lajeado, eram 31 candidatos para cinco vagas. “É mais difícil se eleger aqui do que lá para o lado que você mora [região do centro expandido]. Tem muito mais candidatos e o mesmo número de vagas. Não sei o porquê. Talvez o pessoal aqui seja mais politizado, ou talvez precise mais dos conselheiros, por ser um bairro carente”. Entre os candidatos às vagas no Lajeado, observei a presença de lideranças de associação de moradores, pais de santo, pastores e, principalmente, professores. Se alguém perguntava, Daniel afirmava ser diretor do Botafogo de Guaianases, explicava o trabalho realizado na escolinha de futebol comunitária e relatava a experiência de atuar como conselheiro tutelar nos últimos três anos. “No final das contas, são as associações que definem a eleição, tipo ONGs, igrejas evangélicas. No meu caso, dependendo da força do Botafogo e da escolinha de futebol”, comentou Daniel, que estava confiante e já se preparava para tomar posse em 18 de novembro. Acreditava que tinha feito um bom trabalho como conselheiro tutelar nos últimos anos, porém afirmou que isso não garante votos. O Botafogo é que poderia garantir a sua reeleição.

Tal como nas eleições para cargos do executivo e legislativo, é proibido fazer boca de urna, transportar eleitores e distribuir panfletos. Porém, todos faziam, inclusive Daniel e seus aliados, que percorreram os pontos de votação do Lajeado ao longo do dia, durante todo o período da eleição, entre 8h e 17h – nove escolas e dois postos de saúde. Ainda que o trabalho nas eleições para vereador e deputado seja mais corrido e cansativo, Sérgio afirma que a campanha para conselheiro também não é fácil, mas necessária, pois se não houver esse “chegar junto”, as pessoas nem se preocupam em sair de casa para eleger o próximo Conselho Tutelar. Além de o voto ser facultativo, o pleito é pouco divulgado. Por outro lado, basta ter um título eleitoral na cidade para votar, então os candidatos e seus aliados saem em busca de votos na semana anterior à

eleição. “As pessoas nem sabem o que um conselheiro tutelar faz além de proteger a criança e o adolescente, quais são suas funções. Essa é uma desvantagem na hora da eleição, mas também uma vantagem”, afirmou Daniel.

Cedo, por volta das 10h, chegou a notícia de que flagraram uma candidata cometendo irregularidades na Escola Idemia de Godoy, distrito do Lajeado. Em seguida, chega a notícia de outro candidato flagrado transportando eleitores na Escola Alexandre de Gusmão, também localizada no Lajeado. “Esses são marinheiros de primeira viagem. É sempre assim, pegam alguns logo no começo da eleição para assustar os outros. Se bobear, não pegam mais ninguém, já fizeram a cota do dia. Quer apostar?”, afirmou Adonias. Deveria ter apostado, pois enquanto Daniel percorria pontos de votação do Lajeado, pipocavam denúncias de que candidatos a conselheiro tutelar da região do Lajeado estavam fazendo boca de urna e transportando eleitores. Toda hora aparecia alguém comentando que a promotoria flagrara alguém ligado a um candidato fazendo boca de urna em determinada escola do bairro. No final, os dois flagrantes tinham virado quase vinte ao final do dia. Ao longo do dia, diretores do Botafogo atualizavam Daniel sobre candidatos que eram acusados de cometer fraude durante o pleito. “Em toda eleição para Conselho Tutelar tem boca de urna. O Ministério Público registra boletim de ocorrência, mas não dá em nada”, minimizava Adonias. Outros moradores, que passavam em frente à loja do Itamar quando se encaminhavam ou retornavam após votarem, traziam novas notícias sobre o processo eleitoral.

Após o almoço, quando a chuva deu uma trégua, aumentou a frequência de eleitores nos pontos de votação. Um amigo da diretoria do Botafogo apareceu na loja do Itamar e comentou que um deputado estadual da região estava sendo acusado por envolvimento na fraude. Enquanto isso, Adonias explicou passo a passo o que estava acontecendo. Alguém denuncia. Assim que a denúncia chega ao Ministério Público, um dos promotores escalados para fiscalização do pleito é enviado para o ponto de votação em que está ocorrendo a irregularidade. A polícia militar ou civil também são acionadas e se deslocam ao local após a denúncia. Os envolvidos são detidos e encaminhados para uma delegacia. A denúncia é investigada e caso a irregularidade seja comprovada, a candidatura ou mesmo a posterior eleição do candidato envolvido é impugnada: “Tem que ficar esperto. Normalmente, são os outros candidatos que denunciam, mas mesários e policiais também ficam de olho”.

Após uma longa e cansativa jornada, Daniel retornou para a loja de Itamar para encontrar alguns diretores do Botafogo. Juntos, acompanharam a apuração de votos, que

começou às 18h. Daniel estava confiante, considerava a vitória como certa. Porém, por volta das 21h, já sabia que dificilmente se reelegeria. Outros candidatos tinham disparado na votação. Ao final, o candidato do Botafogo recebeu 138 votos. Mais de duzentos votos dados como certos por Daniel não se cumpriram. O fracasso da candidatura foi muito lamentado, visto que o fato de ter um diretor entre os cinco conselheiros tutelares do distrito havia proporcionado inúmeras vantagens para o trabalho da escolinha de futebol do Botafogo nos anos anteriores. Se em 2007, muitos votos foram creditados ao apoio do Botafogo, na eleição de 2011 Daniel acredita que faltou envolvimento e dedicação da diretoria na campanha:

Faltou mais empenho da parte do Botafogo. Acredito que só o Botafogo elege um Conselho Tutelar. Só ele sozinho, não precisa mais eleitores de lugar nenhum. (...) Do pessoal do planejamento da eleição, tanto os professores, foi muito pouco. O Sérgio foi um que atuou bastante. Você mesmo acompanhou essa situação, lá com nós, ajudou também, mas faltaram outros professores, faltou mais empenho dos pais, dos professores, fazer o convite, reuniões do próprio Botafogo.

Além do suporte do Botafogo, Daniel contou também com o apoio de Senival e Luiz Moura, políticos locais ligados ao clube, porém era uma ajuda pontual, e que foi também destinada a outros candidatos do bairro: “Eles atiram para todo lado. Onde cair um pardal pode falar ‘é, consegui matar esse’. É mais ou menos assim. Eles, se quinhentas pessoas falaram: ‘Olha, eu queria ser conselheiro’, eles dizem: “Nós vamos ajudar, tem advogados, tem um pessoal...”. Outros três candidatos a conselheiros do Lajeado foram indicados ou receberam apoio dos irmãos Moura. “Então, ao invés de nós somarmos os votos, nós subtraímos os votos. Infelizmente não deu em nada. Deveríamos ter nos unido e eleito uma pessoa”.

Para Adonias, o erro do ex-conselheiro foi dar o pleito como vencido e esquecer de trabalhar na campanha: “Outros trabalharam muito, todo dia, muito antes da época da eleição, e por isso venceram. O Daniel desperdiçou uma base eleitoral que tinha conquistado na primeira vez”. A avaliação de Adonias fazia sentido: a base eleitoral de Daniel, formada principalmente por mães de garotos da Escolinha do Botafogo, continuava ativa e o procurava para solucionar problemas relacionados a vagas nas escolas, brigas domésticas, falta de medicamentos etc.

Respalado pelo trabalho realizado a frente do Conselho Tutelar, mesmo após perder as eleições, Daniel foi integrado à equipe de Senival Moura e começou a

trabalhar no escritório político do vereador em Guaianases. Um pouco antes de ser “convocado pela política”, como bem definiu a sua nova situação, Daniel já tinha indicado que esse era um dos possíveis caminhos a seguir: “E os políticos, eles estão por aí. Agora é a hora de eles nos procurarem e falarem: ‘Escuta, conselheiro, o senhor lembra aquelas mães que você foi lá e ajudou? O senhor não tem como fazer elas voltarem para nós?’. Olha, engraçado, o processo reverte”.

3.7 – O jogo político no gramado sintético

O ano de 2012 apresentou um cenário intrincado de conflitos e alianças em torno do Grêmio Botafogo. Pouca coisa mudara no quadro político do clube desde a eleição municipal de 2010. O representante da agremiação não conseguiu se reeleger a uma das vagas do Conselho Tutelar. Senival e Luiz Moura, principalmente o segundo, continuavam a ser importantes parceiros e financiadores do clube. Tratava-se de mais um ano eleitoral e Senival Moura tentaria novamente se eleger a vereador de São Paulo. Outro assunto, porém, agitava os bastidores da várzea em Guaianases. Em outubro de 2011, tinha sido anunciado que o terrão dos campos do Grêmio Botafogo e do S.E. Codó seria substituído por gramado sintético. Tais rearranjos nos usos e disposições do campo do Botafogo se entrelaçaram com as eleições municipais de 2012.

A Subprefeitura de Guaianases,¹³⁶ com apoio de políticos locais, obteve verba municipal para reformar os campos de futebol do Botafogo e do Codó, com a substituição dos campos de terra batida por dois campos de gramado sintético e instalação de refletores. Vários campos em São Paulo foram reformados e equipados com grama sintética nos últimos quatro anos. Por meio do investimento da Prefeitura, com apoio de vereadores e deputados – principalmente do vereador Dalton Silvano (PV) –, responsáveis por diversas emendas para instalação de grama sintética, mais de trezentos campos de várzea foram reformados em São Paulo durante a gestão de Gilberto Kassab (PSD). O conjunto de reformas de campos e implantação de grama sintética, adotadas a partir de 2007, teve início com as reformas de campos dos Clubes-

¹³⁶ Criadas em 2002 para afirmar a descentralização administrativa do município, com autonomia para auxiliar na formulação de políticas de educação e saúde para os bairros (Santos; Barreta, 2004), as 31 Subprefeituras tiveram suas funções esvaziadas dentro da gestão pública. Atuam hoje mais como zeladorias locais para fiscalização de leis municipais, realização de pequenas obras nos bairros e como principal canal de comunicação e interação entre a população local e a municipalidade.

Escolas e Clubes da Comunidade (CDCs), e posteriormente foi ampliado a outras praças esportivas, como os campos do Botafogo e Codó, em Guaianases.

Divulgada ao final de 2011, a reforma do campo e a troca para grama sintética se tornaram a grande novidade entre os varzeanos naquele primeiro semestre de 2012. A notícia foi comemorada por muitos varzeanos do Botafogo e de outros clubes. Veteranos consagrados da região celebravam a notícia ao mesmo tempo em que lamentavam o fim do terrão no campo do Botafogo e de outros clubes. Embora ressaltassem que o gramado sintético tem como vantagem oferecer uma superfície mais segura, sem buracos, mesmo entre os mais jovens a grama sintética não é unanimidade. Além de privar os jogadores das famosas adversidades e imprevisibilidades da terra batida, outras reclamações recorrentes eram de o jogo ficar muito corrido e da bola pingar demais. “A coisa mais difícil na várzea é dominar a bola, ela vem de qualquer jeito, bate na canela; a bola está sempre viva quando você joga no terrão. No sintético, a bola pinga daqui, pinga de lá. Meu irmão, pinga só é bom fora de campo, lá no boteco”, justificou e brincou Mexerica, veterano da várzea e pai de um garoto da Escolinha do Botafogo. Outros veteranos, como Miltinho, morador do bairro, cujo depoimento abre o primeiro capítulo, posicionaram-se contra a implantação do gramado sintético. “É o fim do Botafogo e da várzea de Guaianases”, anunciou Zequinha, morador do bairro do tempo quando “aqui era uma região só de morte... era só mato ou morro”, brincou em seguida. Varzeanos indignados com a reforma questionavam o alto investimento feito somente na implantação do gramado, enquanto ainda faltariam investimentos em aspectos estruturais básicos do campo, como água tratada, limpeza do córrego, sinalização das ruas próximas, banheiros, refeitórios para as crianças da escolinha etc. A mãe de um garoto da escolinha, visivelmente contrariada com a reforma, argumentou que o problema da região não é a condição dos campos de várzea, mas a falta de creches para mães que, como ela, precisam trabalhar fora e não tem com quem deixar os filhos. “A gente pede uma nova creche pra esses políticos faz anos e até agora nada. Mas futebol todo mundo gosta de ajudar...”.

A própria diretoria do Botafogo demonstrava preocupação com os custos de manutenção do gramado sintético. “Quem vai fazer a manutenção daqui uns cinco anos? É caro, isso ninguém fala”, ponderou o diretor Daniel “Fininho”. Embora o gramado sujeite os jogadores a outras leves contusões, principalmente queimaduras provocadas pelos milhares de pedacinhos de borracha espalhados no gramado, para a maioria dos varzeanos a mudança do terrão para gramado sintético traz benefícios para os principais

interessados nas reformas dos campos de várzea, os próprios jogadores varzeanos, como bem explica o narrador Ronaldo Lima:

Acho ótimo para os jogadores. Eles são as estrelas principais da Copa Kaiser. Não só da Kaiser, mas de todas as copas. Vai facilitar o trabalho, sem estar sujeito a contusões, pois são pais de família, pessoas do dia. Eles não ganham R\$200 mil por mês para na segunda-feira estar fazendo churrasco. Eles vêm aqui, jogam pelo Inter, mas na segunda-feira têm que trabalhar. Acho que a grama sintética é uma ótima evolução para os jogadores. Eu sou a favor. Já tive discussões com o Cocada [diretor do Ajax da Vila Rica], pois ele é do tempo da várzea antiga.

Planejada para durar quatro meses entre novembro de 2011 e fevereiro de 2012, com um custo de aproximadamente R\$ 180 mil, segundo um dos engenheiros da obra, a reforma teve seu prazo de conclusão continuamente adiado. Tal reforma incluía, segundo um dos engenheiros da obra, um longo processo de obras de preparo da terra, drenagem e implantação da grama sintética. Depois, concluíram os trabalhos de drenagem e impermeabilização do solo. Em seguida, colocaram os tapetes de grama sintética. Quando a diretoria do Botafogo pensou que a obra estivesse próxima de ser finalizada, na outra semana funcionários espalharam toneladas de areia fina para a acomodação da grama. Por fim, para deixar o campo mais macio, espalharam pelo campo uma camada de borracha triturada.

Em março o campo já estava gramado, o que permitiu ao Botafogo vislumbrar a inauguração do campo na estreia da equipe na Copa Kaiser. O clube já havia inscrito sua praça esportiva entre os campos oficiais que seriam utilizados na Copa Kaiser 2012. Porém, com o atraso nas obras, foi obrigado a desistir de jogar em seu próprio campo no torneio. Depois, decidiu preparar a festa de inauguração para o mês de maio, quando o Botafogo e o bairro de Guaianases comemoram aniversário. Enfim, o campo foi inaugurado.

O atraso na entrega do campo não foi, contudo, a maior surpresa que a diretoria do Botafogo teve no primeiro semestre de 2012. Ao longo da reforma, a diretoria do Botafogo foi notificada que o campo seria incorporado ao CEU Jambuí como equipamento esportivo municipal da Prefeitura de São Paulo. Surpresos com a notícia, os diretores procuraram de todas as formas manter o controle sobre a área. Entre o início e término das obras houve uma longa jornada de reuniões e conversas informais, envolvendo dirigentes do Botafogo e representantes do CEU e da diretoria de educação da Subprefeitura de Guaianases. Para justificar a importância do campo, destacaram a

participação do clube em diversos eventos do calendário esportivo de São Paulo; a parceria com o São Paulo F.C.; a participação do Botafogo na *Virada Esportiva*, em conjunto com o próprio CEU Jambeiro.¹³⁷ Nem a intervenção dos irmãos Moura trouxe resultados. Não havia negociação, pois o campo está localizado em um terreno público, desapropriado na gestão da prefeita Marta Suplicy para a construção do CEU Jambeiro.¹³⁸ Quando construíram o campo, em um mutirão que reuniu diretores e torcedores do clube, os botafoguenses não sabiam que aquele espaço posteriormente viria a ser um local estratégico com a construção do CEU Jambeiro e o prolongamento da av. Nova Radial Leste até Guaianases, uma das mais importantes obras viárias da Zona Leste. Na época da construção do CEU, os dois campos de terra foram cedidos temporariamente ao Grêmio Botafogo e ao S.E. Codó, porém a área continuava vinculada à unidade educacional e à Prefeitura.

¹³⁷ A Virada Esportiva é promovida pela Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação por toda a cidade das oito horas da manhã do sábado às dezoito horas do domingo. Em Guaianases, CEU Jambeiro e CEU Lajeado organizam diversas atividades para a Virada, envolvendo esportes coletivos e individuais.

¹³⁸ O Centro Educacional Unificado – CEU Jambeiro foi inaugurado em agosto de 2003 com o objetivo de oferecer aos moradores do bairro acesso a equipamentos públicos de lazer, cultura, tecnologia e práticas esportivas. O Centro reúne mais de dois mil alunos, do ensino infantil até à 9ª série do ensino fundamental. Além dos campos de futebol, dispõe de piscinas, quadras poliesportivas, pista de skate, teatro, biblioteca, espaços nos quais são oferecidas oficinas e cursos de teatro, hip hop, balé, hidroginástica, natação e ginástica olímpica. O CEU oferece ainda programação cultural, com filmes, shows de música, teatro e campanhas de saúde (exame de diabetes, orientação nutricional, exames de visão). A propaganda excelência do CEU Jambeiro não evita, porém, reclamações muito rotineiras em outras unidades de ensino do bairro, como a baixo nível de ensino, falta de salas de aula, falta de vagas para os alunos, professores mal remunerados etc.

Três etapas da reforma do campo do Botafogo de Guaianases (Fotos: Enrico Spaggiari).

O entusiasmo inicial se tornou uma posterior “dor de cabeça política”, nas palavras do diretor Adonias. Os gestores do CEU Jambeiro decidiram rever o acordo selado em 2003, pois o gramado sintético agora permitiria o uso do campo para as atividades de Educação Física dos alunos do CEU. “Quando era terrão ninguém queria usar o campo, fazer atividades. Agora que tem grama sintética todo mundo quer um pedaço”, reclamou o presidente Itamar, questionando a posição do CEU Jambeiro de nunca ter demonstrado interesse nos campos quando ainda eram de terra batida.

Ainda durante o período em que o campo esteve em reforma para a instalação da grama sintética, o CEU redefiniu a área de cercamento da unidade educacional, incluindo os campos no perímetro de gradeamento. Os nome oficiais do campo mudaram, passando a chamar Campo CEU Jambeiro/Botafogo e Campo CEU Jambeiro/Codó, reunindo, assim, os dois principais atributos de designação dos campos: o nome do clube ou da localidade (bairro, distrito, vila, parque etc.). Os vestiários não foram reformados, somente receberam uma nova pintura, mas a divisão dos vestiários permaneceu a mesma. Um dos blocos continuava sob cuidados do Botafogo e o outro utilizado pelo Codó.

Após ser incorporado pelo CEU Jambeiro, diversificam-se os usos e o campo passou a ser frequentado por um público mais amplo. Assim que a notícia tornou-se pública, outros clubes procuraram a direção do CEU demonstrando interesse em conseguir algum horário na agenda do campo. A instalação dos refletores possibilitou o uso do campo no período noturno, em horários previamente agendados por equipes, entidades e grupos de amigos da região. Se antes o estacionamento ficava aberto a qualquer um que quisesse estacionar, após a reforma somente funcionários e professores do CEU podiam utilizá-lo. Logo depois, o Botafogo conseguiu liberar a entrada dos carros dos diretores e professores da escolinha. Meses depois, em 2013, o estacionamento foi liberado aos domingos, visto que não há aulas na escola. A diretoria do CEU Jambeiro proibiu também qualquer atividade comercial do Botafogo na área dos campos, principalmente a venda de bebidas alcoólicas, o que gerou revolta entre os diretores do clube, pois parte da receita da agremiação vem da barraca de bebidas e churrasco instalada ao lado campo todo domingo. Somente em 2013, em um novo cenário de negociações com o gestor do CEU, é que o clube voltou a montar a barraca na área próxima ao campo.

O CEU Jambeiro queria impor uma disciplina em um espaço definido por eles como “público” e o controle de acesso exigido pela escola começou a irritar os diretores

do Botafogo. As disputas geradas após a reforma envolviam não só a disputa por aquele espaço, mas também questões políticas. Apareceram acusações de interesses políticos e partidários que beneficiariam Mara Gianetti, diretora regional de educação da Subprefeitura de Guaianases e de uma tradicional família política do bairro, considerada uma possível candidata a vereadora em 2012, rivalizando com Senival Moura (PT), candidato ligado ao Grêmio Botafogo. O jogo de poder político que envolveu a instalação da grama sintética avançou até os meses próximos à eleição, quando a disputa política torna-se o principal assunto no cotidiano do clube. Mara Gianetti, diretora da Coordenadoria de Educação até 2011, como previsto, candidatou-se a vereadora pelo mesmo partido do prefeito Gilberto Kassab (PSD). Senival Moura também confirmou sua candidatura.

Eleito pela primeira vez em 2008, Senival contava então com a estrutura política e institucional conquistada e utilizada ao longo do mandato na Câmara Municipal. Para não depender das escolhas incertas e negociadas no período contíguo às eleições, procurou garantir uma base eleitoral fiel ao longo dos quatro anos de mandato. “A gente sabe que a reeleição é quase certa, mas tem que cuidar da base, não pode dar bobeira”, comentou Adonias. Uma fidelização do voto que está muito relacionada ao trabalho das associações, agremiações e entidades locais, como é o caso o Grêmio Botafogo. Apesar de confiar no trabalho realizado em seus redutos eleitorais, Senival intensificou o corpo a corpo com os eleitores e a participação em eventos, festas e reuniões com associações de moradores, pequenos comícios etc., antes mesmo do início da campanha. “Durante o mandato tem que dividir seu tempo entre o plenário e as comunidades. Na campanha tem que ficar direto na rua”, afirmou Adonias.

Se em 2010 a preocupação do irmão Luiz Moura era com os candidatos esportistas, principalmente ex-jogadores de futebol que atuaram com a camisa do Corinthians – como Marcelinho Carioca, Vampeta, Dinei, que fizeram fortes campanhas em Guaianases e outros bairros da Zona Leste –, em 2012 os assessores de Senival mostravam-se mais preocupados em saber como estavam as campanhas dos candidatos pentecostais. Não estavam falando daqueles que somente explicitam o vínculo pentecostal, mas sim dos que fazem da igreja o principal reduto eleitoral. Revelavam, assim, uma preocupação frente ao crescimento do contingente diversificado de evangélicos e das igrejas na região que intensificou a participação destes na política local e proporcionou o aumento do número de candidatos e políticos religiosos, inclusive com a consolidação de bancada evangélicas nos espaços de representação,

como a Câmara Municipal.

As avaliações sobre a força das candidaturas de Senival e Mara começaram a pautar não só a corrida eleitoral, como também as disputas em torno da reforma dos campos. De um lado, aliados de Mara Gianetti descreviam uma remodelação planejada pela Subprefeitura de Guaianases com base em um amplo projeto de obras de urbanização e lazer em áreas carentes implementado pela equipe do prefeito Gilberto Kassab (PSD); de outro, aliados de Senival divulgavam que a reforma era um compromisso do vereador com a comunidade que finalmente pode ser concretizado. Diretores do Botafogo comunicavam aos frequentadores do espaço que a reforma foi resultado de uma emenda do vereador Senival. Informação reproduzida rapidamente. “Foi o Senival quem trouxe o gramado para a gente”, argumentava o pai de um aluno durante o treino da escolinha.

Com a proximidade das eleições municipais, os discursos se acaloraram. A administração do CEU Jambeiro postergava a reinauguração oficial do campo. Alheios ao que acontecia, os candidatos Senival e Mara prosseguiram com suas atividades e contatos com as bases eleitorais, que incluíam pequenas carreatas no bairro, caminhadas, visitas a igrejas, ONGs, associações de moradores e entidades sociais. De todo modo, ao mesmo tempo em que a política dominava os bate-papos e rodas de conversa, sabe-se que o assunto não deve ser abordado com todos e em qualquer lugar. Pessoas ligadas ao Botafogo evitavam falar de política eleitoral com os partidários da Mara, principalmente aqueles que trabalhavam no CEU Jambeiro. Não era momento de criar espaço para qualquer tipo de provocação ou animosidade, visto que as eleições definiriam uma nova configuração de poder dentro da Subprefeitura e do CEU Jambeiro. Assim, muita coisa estava em jogo na eleição. Nos últimos oito anos, os funcionários dos cargos públicos não concursados foram nomeados e selecionados pela Subprefeitura e pela equipe de Mara Gianetti na diretoria de educação. Com Senival eleito e o PT na Prefeitura, dizia o diretor Severo, “tudo vai mudar, gente nossa vai comandar a Educação, o Esporte, o CEU Jambeiro”.

Um dos funcionários do CEU Jambeiro, Itamar Júnior, contratado diretamente por indicação de Mara Gianetti, é filho de Itamar, presidente do Botafogo de Guaianases. A oferta de emprego para ele, até então desempregado, foi mediada pela ótima relação que Itamar mantém com Mara Gianetti desde que foram colegas de escola durante a juventude. Tratava-se de uma ótima oferta de trabalho na melhor escola do bairro; proposta irrecusável, como reconheceram pessoas envolvidas com a dinâmica

político-esportiva do Botafogo. “O problema vai ser quando chegar próximo da eleição”, afirmou o diretor Adonias. Dito e feito. No período eleitoral é que os espaços de aliados e contrários são definidos e realçados. Os familiares de Itamar declararam apoio a Mara Gianetti. A proximidade da família de Itamar com Mara Gianetti colocou em dúvida a adesão do presidente do Botafogo ao projeto político dos irmãos Moura. Conforme aponta Palmeira (1992, p.27), “a adesão é um processo que vai comprometendo o indivíduo, ou a família, ou alguma outra unidade social significativa, ao longo do tempo, para além do tempo da política”. Durante um café na padaria próxima à loja de baterias, o mesmo diretor comentou que o ideal seria os familiares do Itamar evitarem declarar apoio. “Votar pode votar em quem quiser, mas não seria legal se posicionar”. Para um dos diretores do clube, havia um conflito de interesses, que mostrava uma família desunida, e que colocava em risco a reputação da “Família Botafogo”. Segundo o mesmo diretor, mais do que uma decisão individual, o posicionamento de Itamar deveria expor um voto de família (Heredia, 1996, p.61-62), de responsabilidade masculina, do homem e chefe da casa. Persistia a dúvida: Itamar acompanharia o voto de qual família? Afinal, apesar das lealdades pessoais serem fundamentais no estabelecimento dos compromissos políticos, os laços familiares também redefinem os arranjos políticos e eleitorais.

A aludida desarmonia entre as expectativas familiares e políticas ganhou uma terceira variável quando Neno, irmão de Itamar, confirmou que se candidataria a vereador. A situação de Neno era específica: sabia que não seria eleito, mas via o calendário político como um período estratégico de acesso a oportunidades, contatos e esferas sociais e comerciais que só poderiam ser alcançados nesse período específico. Uma campanha bem realizada, ainda que com seus poucos recursos, e com um número significativo de votos, poderia render um papel proeminente na Vila Minerva ou até no bairro, e assim despertar o interesse de políticos e outras lideranças locais na sua atuação dentro da comunidade. Mais do que atuar como assessor ou obter cargos em órgãos públicos locais, Neno tinha como objetivo o investimento, por meio da intermediação de políticos, em empreendimentos imobiliários articulados pela igreja evangélica da qual faz parte.

Três candidaturas reveladoras de um panorama desigual dentro da disputa política no bairro. Enquanto Senival desfrutava da condição de atual vereador, com cabos eleitorais e recursos elevados, tanto próprios quanto de diversas origens (do partido, de empresários), e Mara contava com apoio da atual administração da

Subprefeitura, voluntários da rede pública de ensino e de uma legenda partidária forte, Neno dispunha apenas de recursos próprios e limitados para a campanha, investindo principalmente em material gráfico e campanha corpo a corpo.

Durante dias, a situação de Itamar foi tema de inúmeras rodas de conversa. Nessa articulação política da esfera doméstica ao espaço público (Heredia, 1996, p.60), qual seria o posicionamento de Itamar com a candidatura de um familiar? E qual o posicionamento do restante da família? Embora houvesse uma expectativa de que ele declarasse apoio exclusivo ao irmão, a adesão familiar não se concretizou.¹³⁹ Itamar manteve sua palavra e reforçou o apoio à candidatura de Senival Moura. Mais do que isso, reposicionou a figura pública do presidente do clube na adesão da Família Botafogo ao projeto político dos irmãos Moura, pois, segundo Palmeira (1992, p.27), “mais do que uma escolha individual, acertada ou não, o voto tem o significado de uma adesão. (...) E, em se tratando de adesão, tanto quanto o voto, pesa a declaração pública antecipada do voto”.

O resultado das eleições desenhou um quadro favorável ao Botafogo nos anos seguintes. Senival foi eleito para um novo mandato, porém com uma queda no número de votos que assustou seu grupo de aliados – quase dez mil a menos. Mara Gianetti, em seu primeiro pleito, não conseguiu se eleger, porém alcançou uma quantidade de votos animadora para uma debutante na política, comentaram aliados e adversários. Neno, irmão de Itamar, obteve pouco mais de quinhentos votos. Mesmo triste, afirmou que continuaria a se candidatar. Se a eleição de Senival já fora muito comemorada pela diretoria do Botafogo, o resultado do segundo turno das eleições para a Prefeitura “foi a cereja do bolo”, segundo Adonias. Fernando Haddad (PT) foi eleito prefeito da cidade de São Paulo com 55,57% dos votos válidos do eleitorado da capital, contra 44,43% do candidato José Serra (PSDB). Em Guaianases, a diferença foi ainda mais significativa: Haddad recebeu 77,86% e Serra somente 22,14%. A princípio, o caminho estava livre para a Subprefeitura e para resolver a celeuma envolvendo o campo do Botafogo.

Somente em novembro de 2012 o campo CEU Jambeiro/Botafogo foi oficialmente inaugurado, com a visita do prefeito Gilberto Kassab, que vistoriou os

¹³⁹ Beatriz Heredia (1996, p.59) já apontara para o fato de que em unidades como a família, que valorizam a relação de igualdade, evita-se apoiar a candidatura de outros familiares para evitar criar uma relação de desigualdade por meio da política. Assim, apesar do fato de que a parentela seja um capital político significativo em uma eleição, “parece haver uma certa autonomia entre a ‘lealdade do voto’ e as ‘lealdades fundamentais’ a familiares ou parentelas. (...) Essas diferentes lealdades podem convergir, mas isso nem sempre é verdade; pode ou não acontecer.” (Palmeira, 1992, p.27).

campos de futebol reformados e incorporados ao CEU Jambeiro. Atualmente, o Botafogo tem prioridade na definição dos horários da agenda do campo, ao mesmo tempo em que continua a cuidar do espaço. Embora controle os horários do campo, o clube ainda é reconhecido pelos varzeanos como dono do campo. A maioria continua a chamar de “campo do Botafogo” ou “campo do Botafogo-CEU Jambeiro”. Frente à nova conjuntura favorável que se avistava com o PT na Prefeitura paulistana e Senival Moura eleito para mais um mandato de vereador, a diretoria do clube procurou evitar novos atritos com os gestores do CEU Jambeiro nos últimos meses daquele ano. Ao contrário, nas reuniões comunitárias e eventos que se seguiram, membros do clube reforçaram os pedidos de agradecimento aos projetos e ações que a unidade educacional apoia desde sua criação, em 2003. Na semana da visita do prefeito Kassab, a diretoria divulgou um comunicado de agradecimento à Prefeitura e à Secretaria de Educação pelas reformas dos campos e vestiários do Botafogo e do Codó, pelo sistema de iluminação e por implantar o gramado sintético.

No final de 2012, após a eleição, ainda na ressaca da vitória eleitoral, quando começaram as reuniões e conversas internas, e posteriormente os diálogos com os “parceiros políticos”, aventou-se a possibilidade de um reordenamento administrativo no clube. Alguns diretores estavam descontentes com os rumos da tradicional agremiação, incomodados com a postulada desorganização do clube e com os caminhos que o Botafogo vinha seguindo, no caso, quanto ao envolvimento direto com políticos do bairro. Segundo um ex-diretor, crítico da atual administração: “O Botafogo sempre teve próximo de políticos do bairro, mas antes buscava apoio de políticos para o futebol; hoje, os diretores buscam apoio do futebol para fazer política”. Contrários à articulação política que a diretoria faz por meio do futebol, alguns comunicaram que não iriam permanecer na chapa no próximo mandato, tampouco criar uma chapa de oposição. Tendo em vista que o quadro diretor sofreria significativas alterações, Itamar anunciou que continuaria como diretor, porém não mais como presidente. Justificou que precisava de mais tempo para se dedicar à loja de baterias, que não vinha apresentando bons resultados financeiros, e assim oferecer melhor qualidade de vida à família, e se dedicar também à igreja evangélica a qual tinha se convertido recentemente por influência da esposa Solange e familiares: “Estou cansado de comer macarronada fria no domingo”, brincou o presidente, afinal, acompanhar o clube pela cidade implica abandonar o almoço de domingo em família.

A FAMILIA BOTAFOGUENSE AGRADECE A PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO, AO PREFEITO GILBERTO KASSAB, AO SECRETARIO DE EDUCAÇÃO ALEXANDRE SCHNEIDER, PELAS REFORMAS EFETUADAS NOS CAMPOS DE FUTEBOL (CEU JAMBEIRO) COM A IMPLANTAÇÃO DE GRAMADO SINTÉTICO, ILUMINAÇÃO E REFORMAS DOS VESTIARIOS.

A DIRETORIA, TORCEDORES, SIMPATIZANTES E OS GAROTOS DE NOSSA "ESCOLA DE FUTEBOL COMUNITÁRIA", EQUIPES PRINCIPAIS (VETERANO, ASPIRANTES, TIME DOS PAIS), CLUBES DO BAIRRO E MORADORES JUNTAMENTE COM OS CLUBES DA NOSSA GLORIOSA VARZEA, AGRADECEM A PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO POR MAIS ESTA GRANDE OBRA.

NOSSOS AGRADECIMENTOS

GREMIO BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE/GUAIANASES

Comunicado de agradecimento que ressalta o aspecto "comunitário" e de "família" do Botafogo.

Antigos diretores questionavam a forma como vinha sendo conduzida a administração do clube, porém não efetivaram o descontentamento organizando um chapa de oposição. Embora o conflito desponte como uma das formas de sociação nos domínios do Botafogo, a maioria dos diretores não quer se envolver ou propor mudança de liderança, pois estão mais preocupados com as próprias questões familiares e financeiras. Quando perguntei sobre a possibilidade de duas ou mais chapas na eleição da próxima da diretoria, Adonias descartou a possibilidade, pois naquele momento o mais importante era reunir e direcionar todos os esforços para o mesmo objetivo. Assim, com a estratégia de se mostrarem unidos e centralizados, os diretores procuram integrar

ao máximo as vozes dissonantes e, assim, reduzir as dissidências, em um quadro segmentar de oposição e composição (Goldman, 2001). Apesar das opiniões diversas e opostas à linha de ação empregada pela diretoria nos últimos anos, o processo de eleição da nova diretoria para o período 2013-2018 contou apenas com a chapa composta pelos atuais diretores. Edson e Daniel continuavam como diretores sociais do clube; Adonias passou a ser o novo vice-presidente; Severo manteve sua posição de diretor das categorias de base. Por fim, depois de muita conversa, que envolveu a mediação do deputado Luiz Moura, Itamar concordou em cumprir mais um mandato como presidente do Botafogo. Ele é um presidente que “bota a mão na massa”, como definem alguns diretores. Se precisa arrumar a grade do campo, consertar o encanamento do vestiário, pintar o campo, buscar o fardamento na lavadeira; se surge uma tarefa que exigiria algum tipo de quantia que o Botafogo não pode custear, Itamar dispara em seu Escort e tenta resolver. Segundo Adonias, todo mundo gosta dele e ninguém quer que ele deixe o cargo. Ressaltou, ainda, que o comprometimento de Itamar aos irmãos Moura foi muito valorizado pelos próprios políticos. A situação financeira da família já não seria um problema para o presidente Itamar, que teve sua loja de baterias cadastrada como prestadora de serviços da Transcooper Leste, realizando a troca e manutenção de baterias da frota de vans e micro-ônibus da cooperativa. E Itamar foi incorporado à equipe de assessores dos irmãos Moura, passando a receber uma quantia mensal. A lealdade e trabalho duro de Itamar foram, enfim, recompensados.

Portanto, a construção das relações político-esportivas no Botafogo não ocorre de forma homogênea e linear; ao contrário, é pautada por disputas e tensões em jogos de alianças que se reconfiguram frente aos contextos e situações locais – cotidianos e rituais. Foi possível observar os usos que os diversos atores políticos fazem dos valores e referenciais atrelados ao esporte e perceber o que a relação próxima com um clube varzeano suscita na atuação política nas periferias paulistanas. Ao mesmo tempo, ao procurar identificar os modos como os atores observados concebem a relação entre esporte e política, nota-se que nem todos os varzeanos aceitam essa relação, pois acreditam que o esporte não deveria estar submetido ao político. Portanto, é possível perceber que os campos esportivo e político estão em constante relação, redefinidos por formas de significação recíprocas, o que torna empobrecedora, muitas vezes, a delimitação de fronteiras em fenômenos político-esportivos. Assim, a organização político-esportiva observada no Grêmio Botafogo deve ser entendida enquanto um processo social no qual os diretores do clube mostram-se agentes ativos, e também

passivos, do jogo político que envolve negociações, conflitos e diversas formas de troca.

No início de janeiro, o *Diário Oficial* da cidade de São Paulo publicou os nomes dos 31 subprefeitos escolhidos pelo prefeito Fernando Haddad (PT) para a nova gestão municipal. Se na gestão anterior do ex-prefeito Gilberto Kassab (PSD) as subprefeituras eram comandadas por coronéis da Polícia Militar e as decisões eram centralizadas na Secretaria de Coordenação de Subprefeituras, a nova Prefeitura traz um modelo distinto para descentralizar o comando das Subprefeituras. Com o Partido dos Trabalhadores (PT) na Prefeitura, o recém-eleito vereador Senival Moura fez valer sua influência no cenário político do bairro. Ainda em dezembro, antes das festas de fim de ano, Severo me liga: “Tenho uma notícia boa. Soube hoje, ainda não posso confirmar, mas tem a ver com aqueles cargos de confiança [cargos não concursados e não permanentes] prometidos pelo vereador Senival”. Em Janeiro de 2013, o novo subprefeito de Guaianases é nomeado, assume e divulga os nomes da equipe, que passou a contar com dois diretores do Botafogo em seu quadro de supervisores. Adilson foi nomeado diretor da Supervisão de Esportes e Lazer, e Severo, diretor da Supervisão de Cultura. Nos termos de um dos novos secretários, agora é a hora e a vez dos assessores de Senival: “Somos os mais novos *burrocratas* do pedaço (risos). Guaianases é nossa”. Enfim, após anos de trabalho na política, Severo, o músico, DJ, cabo eleitoral e autor do samba-enredo que abre essa primeira parte da tese, finalmente alcançou um de seus objetivos. Alçado a subsecretário de cultura do bairro que *sempre ouviu dos políticos ao povo prometer*, Severo estava em posição de tentar contribuir para que *a vida em Guaianases* deixe de ser enfim uma sátira do que os moradores do bairro esperam que seja a vida em uma grande cidade.

3.8 – Várzea como *ambiente*: alguns apontamentos

O futebol é um dos elementos acionados pelos moradores de Guaianases para construir a imagem do bairro, contar sua história, descrever suas práticas e projetar um futuro.¹⁴⁰ A cidade dos varzeanos deve ser compreendida pelas pessoas e relações que a compõem, enquanto multiplicidade de fluxos, temporalidades e estilos de vida. Tais

¹⁴⁰ Como pode ser observado nos mapas da memória coletiva dos varzeanos elaborados a partir das experiências de vida. Uma retomada que não parte de um corte cronológico, ainda que centrada no período pós-1950, fundamental para compreender, o futebol e a cidade a partir das representações dos veteranos sobre a infância, juventude e maturidade, vinculadas às suas “práticas de espaço” (De Certeau, 1994) tanto no universo doméstico quanto nos lugares públicos (ruas, praças, parques, redes de transportes).

dinâmicas são expressas em suas narrativas sobre a cidade em que cresceram e viveram sua juventude, revelam concepções de cidade, heterogêneas e ambíguas. Evocações como “Cidade Tiradentes antigamente era só matagal e uma estrada de terra”, “Era outra época, quando Guaianases ainda era Guaianazes, com Z” ou “Isso é da época em que o bairro nem se chamava Guaianases” marcam temporalidades de um bairro ainda de subúrbio, mas que já se fazia periferia.¹⁴¹ Assim como o bairro, o futebol de várzea, prática que mistura os tempos do lazer e do trabalho, é uma modalidade em contínua transformação, como revela a história do Botafogo. O clube herda o protagonismo do Santa Cruz – de vida curta, mas impactante no cenário varzeano do bairro¹⁴² – e se posiciona como uma nova associação esportiva competitiva frente aos outros times já consolidados do bairro e da região. Mudanças observadas também em situações recentes, quando o clube enfrentou dificuldades para manter uma equipe competitiva, o que impediu a conquista de campeonatos varzeanos por alguns anos. Contratempos superados quando o clube reforçou os laços com políticos locais¹⁴³ e passou a receber investimentos regulares e transporte gratuito para as partidas.¹⁴⁴ Um cenário estabilizado nos últimos anos, mas que pode ser modificado frente às sucessivas alterações na conjuntura política paulista.¹⁴⁵

Sempre atrelado à sua constituição pretérita, o futebol de várzea é uma prática vivida de forma absorvente. Atualizada nos tempos e espaços da vida cotidiana, a várzea se conserva heterogênea, com múltiplas territorialidades e ligada aos princípios tradicionais de um ethos amador (Elias; Dunning, 1985).¹⁴⁶ Ao mesmo tempo, revela-se

¹⁴¹ Período em que o termo “periferia” aparece, por exemplo, na literatura das ciências sociais sobre estudos urbanos, conforme observa Magnani (2014), ao citar a dissertação de mestrado de João Baptista Borges Pereira, “Um ginásio na periferia de São Paulo”, defendida em 1965.

¹⁴² Os diretores e torcedores dividem a história do clube em três períodos: da fundação em 1955 à metade da década de 1970, quando o principal clube do bairro era o Santa Cruz; da metade dos anos 1970 ao fim dos anos 1990, quando o Botafogo se consolida como principal clube do bairro, com inúmeras conquistas de títulos importantes da várzea paulista e frente à grande rivalidade com o Guaianases F.C.; e a partir da primeira década do novo milênio, com a ascensão da nova diretoria e da parceria com os políticos da região. Períodos em que foram adotados diferentes tipos de estratégias, elaboradas com base nos contextos locais.

¹⁴³ Mecenatos observados também na relação entre futebol varzeano e tráfico de drogas, pesquisada por Hirata (2005) nas periferias paulistanas.

¹⁴⁴ Reforço a importância do meio de transporte para uma prática que demanda longos e frequentes deslocamentos coletivos pela cidade. O que explica, inclusive, um dos motivos das alianças entre os clubes da Zona Leste e as cooperativas de transporte da região.

¹⁴⁵ Em 2014, o diretório central do PT suspendeu o deputado estadual Luiz Moura, então candidato à reeleição, vetou o registro da candidatura e, posteriormente, expulsou o deputado.

¹⁴⁶ Dunning (1985, p.313) aponta que os valores amadores surgiram “num estádio inicial do desenvolvimento das modernas formas de desporto, num tempo em que, acima de tudo, o desporto

próxima às dinâmicas do futebol profissional, dimensão-chave no processo de produção de jovens jogadores nas periferias de São Paulo. Muitas questões trabalhadas ao longo destes capítulos contextualizam as discussões apresentadas na segunda parte, que se volta para a constituição dos jovens futebolistas e elaboração dos projetos familiares. Além de agregarem vários atores oriundos da várzea, estes projetos futebolísticos são concebidos com base em uma aprendizagem que se constitui pelo engajamento dos jovens nos contextos amadores que contrastam os olhares dos veteranos da várzea e dos jovens futebolistas sobre a prática do futebol. As interações e espelhamentos intergeracionais configuram um aprendizado que se dá de forma individual e coletiva.

Tais questões apontam para certas continuidades entre os modos de viver e conceber as práticas varzeanas e o processo de constituição de jovens futebolistas. Portanto, esta primeira parte introduz o universo varzeano, tomado como ambiente (Ingold, 2000) constitutivo dos jovens de Guaianases e de alguns dos atores que atravessam o processo de produção de jogadores – professores, diretores, políticos, varzeanos. Além disso, os três capítulos revelam como o futebol é pensado a partir de diferentes noções de família. Seja para expressar a ideia de “comunidade”, a “família Botafogo”, em discursos que procuram homogeneizar e conferir coesão às relações esportivas locais, ou para definir a constituição de um clube varzeano, o Santa Cruz, agremiação chamada de “o time da família Matheus”, e ainda, para marcar o envolvimento entre linhagens familiares e políticas no futebol varzeano da zona leste, por meio dos “irmãos Moura”, ou em outras regiões da cidade, sob os auspícios dos “irmãos Tatto” e da “família Leite”, por exemplo. Assim, família é uma noção acionada de forma polissêmica e recorrente no sistema futebolístico.¹⁴⁷ Na segunda parte desta tese, ganha centralidade enquanto dimensão a partir da qual o processo de produção de jogadores é vertebado.

profissional, tal como o conhecemos hoje, dificilmente existia. Então era possível a alguns homens ganhar a vida de um modo precário, como pugilistas profissionais, jôqueis e jogadores de críquete”.

¹⁴⁷ Famílias – em suas diferentes noções – são feitas e desfeitas no campo profissional. Após derrota pelo Campeonato Brasileiro de 2014, Mano Menezes, treinador do Corinthians, ao fazer uma referência à campeã “família Scolari” da Copa de 2002 em comparação à seleção derrotada em 2014 dirigida pelo mesmo Luiz Felipe Scolari, comentou durante a coletiva: “a derrota não forma família, não é? Só se ouve história da família na vitória. Esse ano não teve família”. Cf. “Mano mostra descontrole, dá patadas em jornalistas e alfineta Felipão”. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/10/17/mano-da-patadas-em-jornalistas-ironiza-felipao-e-critica-pedido-do-sportv.htm>> (Acesso em: 18/10/2014).

Parte II - O futebolista e a família

Corre, ofegando, pela lateral! De um lado o esperam os céus, da glória; do outro, os abismos da ruína.

O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar nem a se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar.

Os empresários podem comprá-lo, vendê-lo, emprestá-lo e ele se deixa levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso faz, e mais dinheiro ganha, mais está preso. Submetido a uma disciplina militar, sofre todo o dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submete aos bombardeios de analgésicos e as infiltrações de cortisona que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera das partidas importantes, fica preso num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, come comidas sem graça, se embribeza com água e dorme sozinho.

Nas outras profissões humanas, o ocaso chega com a velhice, mas o jogador de futebol pode ser velho aos trinta anos. Os músculos se cansam cedo:

- Esse cara não faz um gol nem ladeira abaixo.

- Esse aí? Nem se amarrarem as mãos do goleiro.

Ou antes dos trinta, se uma bolada fizer que desmaie de mau jeito, ou o azar lhe estourar os músculos, ou um pontapé lhe quebrar um desses ossos que não tem conserto. E um belo dia o jogador descobre que jogou a vida numa só cartada e que o dinheiro evaporou-se, e a fama também. A fama, senhora fugaz, não costuma deixar nem uma cartinha de consolo.

(Eduardo Galeano, “O Jogador”, Futebol ao Sol e à Sombra)

Capítulo 4

Dinâmicas do “aprender” futebol

Crianças e jovens “jogam bola” em diferentes tempos e espaços. Como já referi na primeira parte da tese, o futebol faz parte do cotidiano de Guaianases e atravessa diversos contextos do bairro, tecendo espaços futebolísticos que compõem um denso e dinâmico universo relacional ocupado por crianças e jovens que aprendem a jogar “jogando”, algo que não se dá de uma só vez; ao contrário, é um processo contínuo por meio de um intenso compartilhamento de conhecimentos. Aprendem na prática a partilha de saberes e valores comuns em inúmeras situações de aprendizado desde a tenra infância: ruas, quadras de futsal, campos de várzea, casas, escolas e outros locais de prática contribuem para a eficácia do desempenho das habilidades motoras e cognitivas dos praticantes (Freire, 2006). A diversidade de espaços de iniciação revela um sistema futebolístico assinalado pela heterogeneidade de experiências, estilos de vida, valores e visões de mundo.¹⁴⁸

Uma etnografia minuciosa do universo das práticas cotidianas permite desnudar as inúmeras facetas expressivas e terminantes do processo de aprendizagem. Porém, ainda que se justifique a importância de compreender a construção do saber futebolístico nos mais diversos contextos, um dos objetivos deste capítulo é analisar as práticas de aprendizagem articuladas à produção cotidiana e aos diversos sentidos do futebol, seja como modalidade esportiva, de lazer, brincadeira, trabalho, meio de ascensão social ou com fins estéticos e bem-estar. Outro objetivo é desdobrar reflexões da pesquisa anterior (Spaggiari, 2009), que teve como foco principal as distintas propostas e caminhos para o ensino e aprendizagem do futebol em uma escolinha do bairro Cidade Líder, Zona Leste de São Paulo. Naquela ocasião, procurei observar e analisar o lugar das crianças e jovens nos processos de ensino e aprendizagem realizados em diferentes situações: treinamentos, escola, ruas e outros espaços, incluindo a prática do futebol de videogame em lan-houses. Problematicizei, ainda, as dicotomias teoria-prática e amador-profissional que orientavam os conflitos e articulações entre aqueles que ensinavam. Pude observar como as crianças e jovens

¹⁴⁸ Conferir Spaggiari (2009) e Faria (2008), essa última com uma interessante pesquisa sobre a constituição de aprendizagens da prática do futebol nas situações e relações cotidianas, envolvendo um conjunto difuso de atores e espaços em um bairro de Belo Horizonte.

ocupam espaços de relação descontínuos e mutáveis, mas também fluidos e complementares, nos processos de aprendizagem por meio da participação em diferentes práticas cotidianas.¹⁴⁹

Na atual pesquisa, procurei acompanhar os treinos e atividades da Escolinha de Futebol do Grêmio Botafogo de Guaianases, bem como as relações travadas pelas crianças e jovens com os professores, treinadores, dirigentes e seus pares, principalmente entre aqueles inseridos de forma mais intensa nas tentativas de inserção nas categorias de base dos clubes de futebol. Além de observar, fotografei e filmei as diversas formas de treinamento, as atividades físicas, as brincadeiras e conversas próximas ao campo ou nos bancos de reservas, espaços nos quais se dão os processos de laboração do conhecimento. Direcionei o olhar tanto para o domínio ritual – partidas dos campeonatos e torneios –, quanto para o plano cotidiano, voltado mais aos treinamentos, “*lócus simbólico* privilegiado que se contrapõe ao domínio ritual das partidas, na medida em que consistem no avesso dos ritos” (Toledo, 2002, p.131). Assim, darei continuidade, ainda que de forma mais direcionada, à reflexão sobre os distintos modos de aprendizagem e conhecimento, iniciada na pesquisa anterior (Spaggiari, 2009), quando analisei como o saber futebolístico é construído na relação entre os múltiplos atores em diversos contextos.

Contudo, a Escolinha de Futebol do Botafogo de Guaianases, *lócus* privilegiado de observação, revela uma imbricada aprendizagem composta de diferentes formas de participação, que envolvem negociações, acordos e conflitos, e que não se reduzem a uma concepção pedagógica revelada por certas noções recorrentes de ensino e aprendizagem: socialização, transmissão e internalização. A etnografia revela um aprendizado que ocorre pelas formas de percepção e participação das crianças e jovens por meio da observação, reprodução e repetição daquilo que envolve sua prática e suas

¹⁴⁹ Dentre eles, cabe destacar, desde já, a importância do futsal (ou futebol “de salão”). Além do futebol de campo praticado nos campos de várzea (“terrão” ou sintético), muitos treinam futsal nas escolas e jogam por equipes do bairro. É considerada uma prática complementar, porém, determinante, para o aprimoramento dos jovens futebolistas. “Domínio de bola se aprende ali, pensar rápido também...”, relata o professor Garrincha. Modalidade marcada por relações específicas, quando comparada ao futebol de campo, e que ocupa uma posição secundária no sistema futebolístico, tanto no que diz respeito à cobertura midiática, quanto nas cifras envolvidas nas transações nacionais e internacionais de jogadores, o futsal é talvez a modalidade esportiva mais praticada no Brasil, tanto nas escolas, ruas e clubes, considerada inclusive como um diferencial no desdobramento da habilidade dos jogadores e fundamental para a produção de jogadores de forma geral. Muito praticado em diversos países europeus, principalmente na Rússia, Portugal, Espanha e Itália, inseridos em redes transnacionais e fluxos migratórios de jogadores brasileiros, o futsal oferece oportunidades intensas de “rodar” (Rial, 2008). Trata-se, a meu ver, de uma modalidade a ser observada e analisada de forma mais detida em estudos vindouros sobre práticas esportivas.

descobertas frente a desafios e problemas.

Os jovens futebolistas reinventam o cotidiano dos espaços institucionais e normativos em que convivem, transformam os lugares, redefinem os limites, participam de escolhas e momentos de decisão, provocam reflexões entre os demais praticantes e produzem respostas. Tudo isso permite reavaliar a preeminência dos velhos sobre os jovens e a sujeição destes aos mais velhos em um contexto relacional pautado por uma dinâmica de aprendizado, que compreende relações múltiplas e posições móveis, inclusive com inversões nos papéis de principiante e tutor. Embora essa dinâmica do “aprender” também se defina pelas interações entre as próprias crianças e jovens, as relações e contextos de aprendizagem são notadamente mediados pelos professores (e treinadores), bem como por outros atores ligados ao universo varzeano, que oferecem uma série de conhecimentos práticos a serem apreendidos e incorporados de forma gradativa pelas crianças e jovens, conforme se envolvem corporalmente na prática e participam da vida cotidiana. Mediações essas que proporcionam aos jovens futebolistas oportunidades de estabelecerem relações com um ambiente varzeano, que oferece diversas formas de aprendizagem.

Assim, para além de processos formais de ensino na escolinha, observa-se uma multiplicidade de fontes e recursos nos intensos processos de aprendizagem que ocorrem pelo envolvimento crescente de imersão cotidiana na prática complexa e dinâmica do futebol. Ainda que uma investigação sobre as práticas futebolísticas de jovens da periferia da cidade deva abranger os diferentes modos de se “jogar bola”, faço uma pesquisa centrada na prática dentro de uma escolinha de futebol vinculada ao universo varzeano. Mais do que um conhecimento construído por metodologias do “ensinar”, trata-se de um saber futebolístico pautado pelo “aprender” nas relações e experiências de uma várzea que desvela inúmeros espaços de saberes. Portanto, o foco são as articulações entre aprendizados efetivados na escolinha e em outros contextos, que permitem problematizar relações sociais de aprendizagem construídas em diferentes modos de participação e engajamento nas práticas cotidianas.

Ao longo deste capítulo, ficará perceptível como a construção do saber futebolístico não se resume a uma passagem liminar, mas sim envolve uma participação intensa e contínua no cotidiano varzeano do bairro e da cidade; um conhecimento produzido pela mobilidade e itinerário das crianças e jovens pelas ruas da cidade, nas caminhadas pelo bairro, por meio do uso de transportes públicos, automóveis e motocicletas. Portanto, mais do que uma observação detida e uma descrição

particularizada dos treinamentos, bem como de uma análise das instituições em que crianças e jovens estão inseridos, visto que estes criam múltiplas relações em diferentes tempos e lugares, procuro compreender um saber futebolístico que se revela distribuído e partilhado por uma miríade de espaços coletivos e formas de interação.

A configuração e dinâmica da várzea paulistana, analisada ao longo da primeira parte da tese, revela-se fundamental para o “aprender” futebol, como afirmam varzeanos veteranos e professores. Em entrevista para a revista *Caros Amigos*, o ex-jogador Sócrates, com passagens marcantes pelo Corinthians, Santos, Flamengo e Seleção Brasileira nas décadas de 1970 e 80, afirma:

Na verdade, quanto mais dificuldade você tem precocemente, mais interesse você acaba tendo em aprender. Se você joga num campo cheio de buraco, cheio de cupim, com árvore no meio, com a bola meio quadrada, você desenvolve algumas habilidades que em outras situações não seria obrigado a desenvolver. Cansei de jogar em campo de futebol com uma mangueira no meio. O tempo todo você tem que estar com o olho virado pra mangueira, senão dá uma porrada nela ou na raiz, que fica na superfície. Então, já é uma tendência de você começar a enxergar o jogo de forma diferente, não só a bola (*Caros Amigos*, 2000, n.45, p.29).

Um caso recente, muito comentado pela imprensa esportiva, é o de Leandro Damião, ex-jogador do Internacional de Porto Alegre e atualmente jogador do Santos. Ele cresceu no Jardim Ângela, bairro periférico da zona sul de São Paulo. Corintiano na infância, atuou em clubes de várzea como Tupicity e Estrela da Saúde na juventude, participou da Copa Kaiser, e não passou por categoria de base. Da várzea da Zona Sul de São Paulo, onde atuou, Damião foi para o futebol profissional do Atlético de Ibirama (SC). A seguir, trechos selecionados de uma entrevista com comentários do jogador sobre a passagem pelo futebol amador e o início da carreira profissional:

Disputávamos e batíamos de frente com times da Zona Leste ou da Sul muito bem. Tem muitas histórias. Às vezes, jogávamos em favelas e sempre tinha aquele cheiro de drogas no ar. Aquela pressão de ter que ganhar e não poder fazer gols porque podia apanhar (...) Tinham momentos que apanhava muito dentro de campo e se fizesse o gol, podia apanhar também fora do campo. Apreendi a não ter medo dos zagueiros. No profissional, agora, os zagueiros falam que vão dar pancada na perna e eu não tenho medo. Tenho cada vez mais vontade de pegar na bola, ir para cima dele e fazer o gol. Nisso, a várzea me ajudou bastante (...) Eu cresci muito. Os fundamentos melhoraram muito. Antigamente, tinham momentos que eu podia dominar a bola e acabava dando chutões. Hoje sou um jogador mais tranquilo. Quando pego a bola lá na frente, sei o que fazer. Bem diferente de quando cheguei no Inter. Estou

evoluindo bastante (...) Se eu tivesse uma base, não sei se seria diferente. Senão ia ter a mesma vontade que eu tenho hoje de querer jogar, de ter a felicidade de entrar em campo.¹⁵⁰

Mas não somente os relevos irregulares, esburacados e enlameados dos campos de várzea condicionam as especificidades da produção do saber futebolístico no universo varzeano. A intervenção deste, contudo, acontece de diferentes formas, inclusive através da dimensão da memória. Trata-se de um saber concebido no contato com as reminiscências varzeanas que compõem o imaginário futebolístico, realimentadas continuamente pelos mais velhos – sejam veteranos, familiares, professores-treinadores –, e que permite ao jovem futebolista reordenar seu projeto futebolístico, desenhar caminhos mais promissores e antecipar possíveis obstáculos. Assim, a produção de jogadores e o universo varzeano estão articulados em perspectivas vindouras e transcorridas, marcadas por rupturas e continuidades, que se mostram decisivas nos processos de aprendizagem que crianças e jovens experimentam nas suas relações cotidianas, em diferentes tempos e espaços sociais, conforme estabelecem disposições corporais, formas de conhecimento, modos de atenção, significados e emoções. Arranjos que desvelam a constituição do jovem futebolista por saberes apreendidos nas interações cotidianas e na vivência contínua de experiências encravadas nas tramas das redes de relações futebolísticas e cidadinas.

4.1 – Escolinha, categorias de base e parcerias

A escolinha utiliza dois campos para treinamentos e jogos. Além do campo do Botafogo, palco dos jogos varzeanos no final de semana, aproveita-se ainda o campo do varzeano Codó F. C., colado ao do Botafogo, para as aulas. As atividades são realizadas de terça a sexta-feira, de manhã (entre 8h e 11h) e de tarde (entre 13h30 e 16h30). Os períodos e turmas são divididos por faixas etárias. As crianças entre 7 e 9 anos, por exemplo, podem fazer aulas nas manhãs de terça e quinta-feira e nas tardes de quarta e sexta-feira. As equipes de campeonato treinam principalmente nas tardes de terça e quinta-feira, ou parcialmente nas manhãs de quarta e sexta-feira. A distribuição visa

¹⁵⁰ Cf. “Artilheiro bom-moço, L. Damião revela buscar inspiração no ‘futebol das favelas’ para brilhar”. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/09/07/artilheiro-bom-moco-l-damiao-revela-buscar-inspiracao-na-varzea-para-brilhar.htm>> (Acesso em: 07/09/2011).

atender crianças e jovens de todas as idades que estudam de manhã ou de tarde. Ainda assim, algumas crianças, dentre as centenas que treinam diariamente na escolinha, conseguem “dar um migué” e treinar em ambos os períodos, pois, na prática, os professores do Botafogo não acompanham a vida escolar dos garotos matriculados.

O grupo de professores é coordenado por Jurandir, que administra a escolinha em um dos vestiários, utilizado para cadastrar e matricular alunos, conversar com mães e pais, com os próprios garotos, com a comissão técnica da escolinha, e também com os dirigentes do clube. O vestiário da administração é um espaço de mediação entre os diferentes atores internos e externos ao clube, bem como dos trâmites e agenciamentos acionados por aqueles ligados à várzea e a escolinha de futebol. Jurandir evita falar em números de alunos, mas afirma que por volta de seiscentas crianças e jovens se inscrevem todo ano. Contudo, nem todos frequentam a escolinha, desistindo ao longo do ano. Outros, segundo Jurandir, aparecem de vez em quando. A cobrança de R\$ 10 de cada aluno não é vista como uma mensalidade, mas sim como uma taxa para ajudar em algumas despesas da escolinha.

No momento da inscrição, alguns pontos são sempre ressaltados por Jurandir, sendo o principal a ideia de que a escolinha de futebol é um veículo de promoção da cidadania, educação e do esporte, com ênfase nos aspectos lúdicos. Para o coordenador e diretores do clube, a escolinha “comunitária” do Botafogo é um espaço de referência e sociabilidade para as crianças e jovens nas relações cotidianas em uma região que oferece poucas opções de lazer. Como indiquei no segundo capítulo, os dirigentes se referem ao local como uma “comunidade”, termo acionado para realçar valores positivos de integração do bairro frente a aspectos negativos, como pobreza, violência, desordem etc. Nesse discurso, o esporte aparece como um instrumento pedagógico privilegiado no plano educacional, voltado à transmissão de regras e valores para crianças e adolescentes. Tal concepção da escolinha como um espaço de socialização e de sociabilidade para crianças e jovens é defendida pelos diretores, para quem a Escolinha do Botafogo é um importante espaço promotor de sociabilidade comunitária. Ponto esse muito destacado no contato com as pessoas vinculadas à mídia que, de vez em quando, aparecem no Botafogo para fazer reportagens.

A escolinha desponta como uma matriz relacional, que articula os tempos vividos dentro e além desta. Entre os diversos significados e interesses atrelados ao esporte e à participação das crianças e jovens na escolinha, seja como um espaço de lazer, de competitividade, prática de atividade física ou elaboração de carreiras de

jogador, outros significados são acionados. Mas, no geral, as crianças não reclamam por estarem na escolinha. Todas, ou quase todas, querem “jogar bola”. A escolinha surge também como espaço de convivência familiar, bem como opção para deixar os filhos em algum período do dia, um espaço-tempo no qual as crianças ficam enquanto os familiares trabalham, dentro e fora de casa, aspecto explorado de forma mais detida no próximo capítulo, quando abordo as dinâmicas familiares e percepções dos parentes sobre o processo de produção de jogadores.

O segundo ponto destacado por Jurandir é que cada inscrição é uma possibilidade de profissionalização. Para além da preocupação com as questões sociais do projeto, a diretoria do Botafogo sempre busca enfatizar que almeja também a produção de jogadores por meio deste projeto social. Portanto, a possibilidade de carreira é um dos principais objetivos do Botafogo de Guaianases, a ser alcançado, sobretudo, por meio das parcerias promovidas pelo clube. Segundo seus diretores, tal articulação entre trabalho comunitário e produção de jogadores diferencia a iniciativa ali realizada da proposta de escolinhas franqueadas¹⁵¹ e de projetos sociais do bairro¹⁵².

Estas duas formas de compreensão das atividades são ativadas situacionalmente conforme as práticas e interesses dos botafoguenses, que ora acionam a “escolinha de futebol”, quando querem enfatizar que se trata de um trabalho social comunitário, ora utilizam as “categorias de base”, para reforçar o envolvimento do clube no processo de captação e inserção de jogadores no mercado do sistema futebolístico, idas de garotos para avaliações em clubes, negociações com pais e mães, articulações de novas parcerias com clubes profissionais etc. Tal distinção é observada também nos modos de definir a posição daqueles que trabalham na escolinha, reconhecidos ora como

¹⁵¹ Espaços mantidos por pessoas que pagam determinadas quantias para utilizar o nome, marca e material esportivo dos clubes profissionais. Ao mesmo tempo, as franquias são vistas pelos clubes como meio de nutrir seus laços com os torcedores. O nome do clube contribui, por diferentes motivos, para o sucesso deste empreendimento. Porém, por meio conversas com crianças e jovens que treinaram em escolinhas franqueadas do bairro, é possível observar que a matrícula das crianças e jovens não está relacionada somente ao pertencimento clubístico dos garotos e seus familiares, mas também à proximidade da residência dos alunos, valor da mensalidade, bolsas integrais ou parciais, maiores e distintas oportunidades de inserção nas categorias de base dos clubes ligados às escolinhas franqueadas.

¹⁵² Tais projetos sociais de esporte e lazer, vinculados ao Estado e à iniciativa privada, são orientados por práticas pedagógico-esportivas, formuladas para direcionar a conduta dos sujeitos e controlar seus comportamentos, a fim de defender e propagar certas normas e padrões considerados terminantes para a convivência social. Assim, o esporte é acionado para agregar valor aos programas sociais públicos e privados, principalmente em contextos associados à criminalidade e violência. São projetos, porém, que se mostram insuficientes frente a uma produção de futebolistas realizada em escolas e centros de treinamento sem acompanhamento ou supervisão de uma política governamental (Damo, 2007). Ao contrário, como foi possível observar anteriormente (Spaggiari, 2009), projetos socioesportivos evitam utilizar propostas profissionalizantes em suas diretrizes.

“professores” da escolinha, ora como “treinadores” das categorias de base; ou na posição dos jovens, chamados de “alunos da escolinha” ou “jogadores das equipes de competição” das categorias de base, a depender do contexto em que estas denominações são acionadas. Isso pode ser melhor compreendido pelas diferenciações entre “formação” e “produção”, noções não equivalentes:¹⁵³

A diferença é que o termo *formação* sugere algo próximo ao mundo das ideias, às abstrações, uma vez que enfatiza o caráter, as mentalidades e o aprendizado de uma profissão, como domínio de uma competência ou conhecimento. O termo *produção* sugere algo mais concreto, voltado à produção de utensílios e mercadorias. “Produção” também remete, quase sempre, à ideia de fábrica, de mercado, de capitalismo, de produção em larga escala e de outras coisas descartáveis. Enfim, “formação” sugere a incorporação de algo pelo sujeito, sendo este do que lhe foi ensinado. “Produção” incita a transitoriedade, a mercadorização (Damo, 2007, p.125).

Ainda que tenha observado as duas formas de trabalho simultaneamente – algo perceptível ao longo da discussão sobre ensino e aprendizado realizada neste capítulo –, prefiro o termo *produção* tendo em vista que o foco deste trabalho são os processos relacionais que envolvem os projetos de inserção dos jovens futebolistas na dimensão profissional do sistema futebolístico. Mas com a ressalva de que o termo *produção* não eclipsa a concepção, capital a esta pesquisa, de que se trata de um processo de constituição de jovens futebolistas em meio às redes de relações que são estabelecidas ao longo de suas trajetórias.

A questão envolvendo o trabalho realizado na escolinha proporciona momentos de tensão entre os diversos diretores, torcedores e simpatizantes do clube, promovendo assim movimentos de oposição à diretoria, pois diversas pessoas relacionadas ao Botafogo criticam os atuais responsáveis pela direção do clube e pelo departamento de futebol por terem um planejamento de curto prazo e direcionarem grande parte dos esforços à formação de uma equipe competitiva. Para os adeptos clubísticos, os diretores estão preocupados somente com os resultados nos campeonatos e assim agradar os torcedores do bairro, estes interessados nos resultados da equipe principal.¹⁵⁴

¹⁵³ Como também pela diferenciação observada na França por Damo (2007, p.126) entre “pré-formação” e “formação”. “A ‘pré-formação’ equivale, em linhas gerais, ao que no Brasil se denomina de ‘escolinha’, e a ‘formação’ às ‘categorias de base’”.

¹⁵⁴ Pelo fato de ocorrer eleições periódicas, a cada cinco anos, para composição da diretoria do clube, o presidente Itamar afirma que um diretor tem que ter habilidade para administrar diversos conflitos de interesses, saber dialogar com outros membros da diretoria, manter uma boa comunicação com os torcedores, para assim garantir a continuidade administrativa da gestão.

Reclamam que o Botafogo deveria aproveitar o pertencimento clubístico (Damo, 1998) que muitos dos jovens desenvolvem enquanto estão ligados à escolinha para incorporá-los às equipes varzeanas. O coordenador Jurandir concorda com as interpelações e reforça que, apesar dos títulos conquistados, nem trabalho da “escolinha” nem o das “categorias de base” é bem aproveitado pela diretoria do Botafogo. Ao mesmo tempo em que não consegue, a curto prazo, formar e inserir os jovens em médios e grandes clubes do interior e da capital, a diretoria não recruta os melhores ex-jogadores e alunos excedentes da escolinha para abastecer das equipes varzeanas Esporte (ou “time A”, “time da Kaiser”) e Segundinho (ou “time B”) que representam o Grêmio Botafogo e, assim, suprir as demandas cada vez mais altas fixadas pelo futebol de várzea paulistano. Este baixo aproveitamento, porém, não impede que se defina o empreendimento botafoguense como um modelo híbrido de formação (Damo, 2007),¹⁵⁵ que objetiva tanto a produção de futebolistas para eventuais e futuros ganhos financeiros quanto a composição dos elencos do próprio clube,¹⁵⁶ visto que tal recrutamento pode ser observado em alguns casos – abordados no próximo capítulo – de ex-alunos da escolinha/categorias de base.

Por seu lado, a diretoria do Botafogo argumenta que a proposta de pensar o trabalho com os jovens como “categorias de base” procura atender um dos principais objetivos do clube, a saber, priorizar os esforços financeiros que antes eram destinados à aquisição da nova sede, formação de equipes e contratação de jogadores renomados na várzea para uma produção de jovens futebolistas e posterior negociação destes com clubes profissionais. Acreditam que o investimento na produção de jogadores, caso alunos consigam assinar um contrato profissional com clubes, pode implicar ganhos com as negociações futuras de contratos e transações comerciais mediadas por regras definidas no Brasil pela Lei Pelé (n.9.615, 1998, artigo 29a). “Se a gente conseguir tirar 5% ou 10% das negociações dos garotos no futuro já está ótimo”, afirma Edson.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Damo (2007, p.127-155) divide os clubes de futebol e seus centros de formação em três modos de produção: modelo endógeno, voltado à produção de jogadores para atender as demandas e vagas internas do clube; modelo exógeno, dedicado à produção para obtenção de lucro com a venda de jogadores; modelo híbrido, forma intermediária e mais comum entre clubes brasileiros e estrangeiros, entrelaça as duas lógicas anteriores – “contrárias, porém não excludentes” (2007, p.144).

¹⁵⁶ Aliado ainda a uma terceira perspectiva relacionada ao pedagógico-comunitário realizado na “escolinha” para crianças e jovens que não almejam a profissionalização ou possuem poucos atributos para tal objetivo.

¹⁵⁷ Voltarei a esta questão no capítulo 6. Mas adianto que os clubes formadores que participaram da trajetória de um jogador entre seus 12 e 23 anos são recompensados com até 5% do valor bruto das transações de acordo com o tempo total e período do envolvimento. Assim, em caso de transferência, os

Assim, os diretores procuram fazer de uma agremiação amadora, como o Botafogo, um clube formador de acordo com as normas impostas pelo regime de transferências da FIFA.¹⁵⁸ Ainda que as chances sejam remotas, a possibilidade de ter ganhos financeiros alimenta os sonhos de projeção individual dos diretores e coletiva do clube no cenário varzeano. Contudo, quando enfatizam que buscam investir na formação de jogadores em seus próprios domínios, os diretores afirmam saber que a produção de jogadores exige investimentos consideráveis na reestruturação do clube, principalmente no custeio de transporte, alimentação e material esportivo. Frente às dificuldades e limitações impostas pela condição de amador, e para ter algum tipo de retorno do investimento feito na produção do jogador e assim evitar prejuízos, o clube passou a procurar parcerias com clubes profissionais, grandes e pequenos. As parcerias são também formas de defender os interesses do clube frente à proliferação e consolidação dos agentes de futebol no sistema futebolístico, atores que ganharam relevância frente às novas configurações estruturais de exploração mercantil do futebol.¹⁵⁹ Além disso, os botafoguenses relatam inúmeros casos envolvendo diretores e treinadores de outros clubes amadores que procuram jovens do Botafogo e tentam persuadi-los a mudar de escolinha. Aliciamento a jovens jogadores é uma prática antiga e generalizada, segundo Severo: “Todo clube faz isso. Se um garoto começa a se destacar nos campeonatos de base, os outros clubes começam a crescer o olho”. O caso de Lucas, atualmente jogador do Paris Saint Germain (França), é citado, pelos diretores

clubes formadores recebem 0,25% por cada ano se participou da formação entre os 12 e os 15 anos do jovem; se esteve envolvido entre 16 e 23 anos, recebem 0,5% por cada ano.

¹⁵⁸Um caso recente, envolvendo o atacante brasileiro Hulk, revela a complexidade da questão sobre clubes formadores na produção de jovens futebolistas. Quando foi contratado pelo FC Porto em 2008, Hulk atuava no futebol japonês, com passagens pelo Kawasaki Frontale, Consadole Sapporo e Tokyo Verdy. Porém, o Porto contratou Hulk diretamente do Rentistas do Uruguai, clube pelo qual Hulk nunca atuou, pois se trata de um clube “barriga de aluguel” do empresário Juan Figer, utilizado para registrar jogadores. Porém, não era a primeira passagem do jogador por Portugal. Com 15 anos, ele jogou pelo Vilanovense, mas em seguida retornou para o Brasil, quando teve a chance de atuar pelo Vitória da Bahia e, em seguida, transferir-se e viajar para o Japão. Após contratar Hulk por quarenta milhões de euros em negociação com o FC Porto de Portugal, o clube russo Zenit São Petersburgo enfrentou dificuldades para descobrir a qual clube pagar os 5% dos direitos de formação do jogador brasileiro. Os diretores russos solicitaram auxílio à Federação de Futebol do Rio de Janeiro para contactar o clube Serrano FC, de Petrópolis. Contudo, o clube carioca não dispunha de documento que comprovasse a passagem do atacante pelo clube. Enquanto isso, outro clube, o Grêmio Serrano da Paraíba, afirmou que iria reivindicar a posição de clube formador do jogador e a vultosa quantia, afirmando ter provas de que o paraibano Hulk tinha atuado no clube entre 1998 e 2000 embora sem nunca ter assinado um contrato profissional. A assessoria de imprensa de Hulk, contudo, afirmou que o jogador não atuou pelo clube paraibano e asseverou que o primeiro contrato profissional do jogador foi assinado com o Vitória da Bahia. Cf. “À procura do clube que formou Hulk”. http://jornaldosdesportos.sapo.pt/25/0/a_procura_do_clube_que_formou_hulk. (Acesso em: 13/10/2012).

¹⁵⁹ Questão abordada de forma mais detida no capítulo 6.

de Guaianases, como exemplo de aliciamento nas categorias de base: o Corinthians acusou o São Paulo de oferecer aos pais do jovem uma expressiva quantia para que Lucas,¹⁶⁰ que ainda não tinha vínculo profissional com o Corinthians – visto que um contrato só pode ser assinado partir dos 16 anos –, trocasse de clube ainda nas categorias de base. Os diretores do Botafogo – em sua maioria corintianos –, ainda que satisfeitos com a parceria firmada, afirmam que o fato de o São Paulo contratar jovens jogadores de outros clubes evidencia que o CT de Cotia não está formando jogadores. Severo, coordenador das categorias de base do Botafogo – santista, porém entusiasta do trabalho são-paulino –, afirma que não se trata de aliciamento, mas sim de interesse espontâneo dos garotos e familiares de se integrarem ao CT de Cotia, atraídos pelo centro de treinamento da base do São Paulo, considerado por Severo como o espaço de categorias de base com melhor estrutura (campos, alojamento, alimentação e escola) entre os clubes brasileiros: “Muitas vezes o São Paulo não consegue aceitar todos os meninos que querem jogar lá. É o que acontece quando um clube oferece uma boa estrutura e as melhores condições de trabalho”.¹⁶¹

Como já foi antecipado no segundo capítulo, a principal parceria é com o São Paulo F. C., firmada em setembro de 2007, mas que teve seus primeiros desdobramentos em 2002, quando Severo Ramos, diretor das categorias de base do Botafogo e assessor parlamentar do vereador Senival Moura (PT), começou a articular o vínculo com o clube do Morumbi.

¹⁶⁰ A mudança de clube implicou, inclusive, alteração no nome futebolístico adotado por Lucas, antes chamado de “Marcelinho” quando ainda atuava na base do Corinthians, devido à semelhança com Marcelinho Carioca, famoso ex-jogador do clube alvinegro da zona leste.

¹⁶¹ O São Paulo F.C., que mantém uma parceria com o Botafogo de Guaianases, é constantemente acusado de quebrar um código de ética, estabelecido por uma cartilha elaborada pela ABEX (Associação Brasileiras dos Executivos de Futebol), ao aliciar jovens futebolistas das categorias de base de outros clubes brasileiros. A Portuguesa denunciou o clube por “roubar” dois jogadores, nascidos em 2000 e 2001. Em 2013, o diretor executivo de futebol do Vasco, René Simões, fez críticas ao São Paulo, acusando-o de aliciar os pais de jovens futebolistas de outros clubes. Diversos clubes, entre eles Flamengo, Botafogo, Fluminense, Vasco, Palmeiras, Atlético-MG, Vitória, Ponte Preta, Coritiba, Cruzeiro e Goiás realizaram um movimento de boicote ao São Paulo em competições de categorias de base que tivessem o São Paulo como participante, como forma de protesto à conduta adotada pelo time na captação de jovens futebolistas. O São Paulo, por seu lado, afirma que age dentro da lei e com respeito aos outros clubes. Cf: “René diz que São Paulo levou atletas da Portuguesa e critica Juvenal”. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/01/rene-diz-que-sao-paulo-levou-atletas-da-portuguesa-e-critica-juvenal.htm>>. (Acesso em: 25/05/2013) e “São Paulo esnoba acusação de aliciamento e diz que age usando a lei”. <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/03/22/sao-paulo-esnoba-acusacao-de-aliciamento-e-diz-que-age-usando-a-lei.htm>>. (Acesso em: 25/05/2013)

Severo: Em 2002, nós começamos. O São Paulo F.C. precisou de um lateral esquerdo e tinha um menino nosso que treinava no Botafogo que era o Esquerda, o Wellington, filho do Cajó, puxador da escola de samba! Ele estava preso, e eu, por questão de honra, de carinho, de amor pelo Cajó, fiz questão de pegar o Wellington, o Esquerda, e levar no São Paulo para fazer uns testes e ver se o São Paulo o admitia.

Enrico: E como você entrou no São Paulo?

Severo: O pai de um menino que conhecia o Botafogo tinha um menino no São Paulo, ele que foi dizer, pra nós, pro Itamar lá, e para os meninos do Botafogo, que o São Paulo estava precisando de um lateral esquerdo. Aí me deu o telefone do senhor Geraldo de Oliveira, que é o gerente de futebol até hoje. (...) E aí o Visole, professor Marcos César Visole, propôs: “Poxa, quem sabe um dia, um Juniores nosso possa ir até Guaianases jogar com o Botafogo?”. Em 2006, o São Paulo F.C. veio com o Juniores. E o Geraldo veio, dr. Marcos Tadeu Novaes, que era o diretor da base, veio também pra Guaianases. Quando eles viram o pano de fundo lá, o Jardim Aurora, aí eles se apaixonaram. E as pessoas falam: “A favela não traz bem nenhum?”. A favela trouxe um bem maior pra Guaianases, que é o São Paulo F.C. A favela trouxe o bem maior que o Botafogo tem. Talvez não seja na concepção de alguns, mas na minha concepção, o São Paulo F.C. é o bem maior de Botafogo. E aí, naquele dia, o São Paulo veio com o Visole aqui, com o Juniores. O seu Geraldo falou: “Severo, vamos fazer uma parceria?”. Eu falei: “Pô...”. Todas as vezes que eu falo com o seu José Geraldo de Oliveira eu me emociono, porque eu sou apaixonado por ele, eu sou apaixonado pelo São Paulo. Ele me ensinou, ele me apresentou o São Paulo F.C. com muita propriedade, muito respeito, muito carinho à periferia. Com muito respeito ao Botafogo ele me apresentou o São Paulo F.C. Então ele que me mostrou a beleza do São Paulo, que até então eu não conhecia. Então eu me apaixonei pelo São Paulo F.C. Sou apaixonado, não uso outra camiseta. Uso a camisa do São Paulo, divulgo a camisa do São Paulo, porque é o clube que dá oportunidade para nossas crianças, que é humanamente impossível – palavras do seu Geraldo, hein? – é humanamente impossível a criança de Guaianases chegar até Cotia. Não há condições. Não há possibilidade, é do outro lado. É o extremo oeste, para lá.

O contrato de parceria foi assinado em setembro de 2007 no Centro de Treinamento (CT) do clube tricolor, no bairro da Barra Funda, com a presença do então presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, e de alguns diretores do Botafogo de Guaianases: presidente Itamar, Severo, Edson e de Luiz Moura (que ainda não tinha sido eleito deputado estadual). A parceria consiste, por parte do clube do Morumbi, no empréstimo de materiais e instrumentos de treinamento, além da participação de profissionais do São Paulo nos treinos diários, quando estes procuravam compartilhar suas experiências e conhecimentos, auxiliando e orientando o trabalho dos professores da escolinha. Por meio do acordo, o São Paulo tem exclusividade num posterior intercâmbio dos jovens até 13 anos. Forma de trabalho usual dos clubes que, até certa

idade, por volta dos 12 anos, se valem de parcerias com escolinhas, principalmente aquelas que funcionam como franquias do próprio clube, para recrutar jovens talentos.

Os meninos selecionados por profissionais do clube nos campos do Botafogo realizam testes e, se aprovados, começam a treinar com o restante dos jogadores no Centro de Treinamento de Cotia, município da Grande São Paulo, que concentra todas as equipes das categorias de base do São Paulo.¹⁶² Se, de um lado, o São Paulo arca com poucas despesas com a parceria, o Botafogo, por outro, além de receber auxílio no trabalho com as crianças, recebe uma parcela financeira caso algum menino “garimpado” do Botafogo seja posteriormente negociado com algum outro clube. Portanto, para ambos os lados, o objetivo principal é revelação de novos talentos.

Segundo Severo, os jovens passam por treinamento intensivo, com treinamentos exaustivos, coletivos e repetição de fundamentos específicos, como passes, chutes, cabeçadas, que visam aprimorar o corpo física, técnica e taticamente. Observa-se não só a qualidade técnica, como também o comportamento dos jovens e o relacionamento familiar. Para o diretor do Botafogo e mediador do contato com o clube tricolor, mesmo não permanecendo no clube, é bom para um jovem ter no currículo o fato de haver jogado no São Paulo. Quatro jogadores foram selecionados nos primeiros meses de parceria: Jonas [95],¹⁶³ que posteriormente foi para o Palmeiras, ficou no São Paulo por dois anos. Mesmo período em que Bernardo [97] treinou no CT de Cotia. Cauã [98] e Djalminha [00], dos quatro iniciais, eram os únicos que continuavam treinando no CT de Cotia. A trajetória de Bernardo é sempre lembrada quando o pessoal do Botafogo comenta sobre a parceria. Voltarei à história de Bernardo no último capítulo.

Os diretores e professores do Botafogo elogiam o trabalho realizado no CT Laudo Natel em Cotia, cidade a 30km de São Paulo: “O São Paulo sabe da importância de um bom trabalho na formação dos jogadores da base. Eles valorizam os atletas ali

¹⁶² O São Paulo F.C. possui diferentes centros de treinamento para as categorias de base e a categoria profissional. A equipe profissional do São Paulo treina no CT – Centro de Treinamento da Barra Funda, bairro da Zona Oeste de São Paulo, que abriga três campos oficiais, arquibancadas para quatro mil pessoas, quatro vestiários, sala de imprensa, dormitórios, departamento médico e o famoso núcleo denominado REFFIS – Reabilitação Esportiva, Fisioterapia e Fisiológica, dentre outros espaços e equipamentos.

¹⁶³ Farei um uso sistemático destas indicações entre parênteses, que fazem referência ao ano de nascimento do entrevistado. Por exemplo: Bernardo [97] indica que ele nasceu em 1997, Marcos [01] assinala que ele nasceu em 2001. O objetivo é evidenciar, quando preciso, a idade dos sujeitos pesquisados, principalmente das crianças, adolescentes e jovens. A idade é uma informação essencial nos universos dos recortes pesquisados, pois definem: momento da iniciação esportiva, etapas do aprendizado, momento das tentativas de consolidação da carreira de jogador, idade escolar, procura de empregos etc.

formados”.¹⁶⁴ Porém, andam insatisfeitos com a parceria. Reclamam que após um começo promissor, com a presença semanal de treinadores do São Paulo no campo do Botafogo, o trabalho em Guaianases foi deixado de lado. Além disso, os já esporádicos amistosos entre as equipes do Botafogo e as equipes da categoria de base do São Paulo no CT de Cotia ficaram, a poucos, ainda mais raros.

No começo foi bem bacana, vinham duas vezes por semana, ficavam aqui o dia inteiro. Muita coisa dos treinamentos feitos nas nossas aulas foram eles que nos passaram. O Sérgio aprendeu muito com eles. Mas eles não aparecem mais por aqui para olhar os garotos. Como é que eles vão saber quem são os melhores e levar para Cotia? (Jurandir, coordenador da escolinha)

Embora seja quem mais valorize o intercâmbio promovido entre treinadores do São Paulo e professores da escolinha do Botafogo, o professor Sérgio reforça o clamor:

O começo foi bom. Vinham os treinadores do São Paulo dar treino. Material que o São Paulo mandava, muita bola, coletes. E, todas as terças e quintas, tinha um ou dois treinadores. O Baresi, antes de assumir o time do São Paulo, campeão da Copinha [*Copa São Paulo de Futebol Júnior*], trabalhou comigo no Botafogo. A gente ia fazer muitos jogos lá em Cotia. Uma vez por mês, a gente estava levando três categorias para jogar com as categorias de base lá do São Paulo, em Cotia. Então, começou bem. De uns anos para cá, o pessoal foi se afastando, não estava mais mandando professor, mais material. Estão falando que, esse ano aí, agora com o campo de grama sintético do Botafogo, o São Paulo vai olhar com mais carinho para a gente.

Questionam também a ausência de Severo, diretor das categorias de base do Botafogo, que conduz os garotos de Guaianases ao treinamento e, assim, frequenta o CT de Cotia todos os dias. Porém, se está sempre presente no São Paulo, pouco aparece no campo do Botafogo durante a semana. Severo justifica que continua a ajudar o Botafogo, cuidando dos interesses do clube junto ao São Paulo, pois este não consegue fazer um acompanhamento semanal das atividades realizadas na Escolinha do Botafogo, afinal, segundo Severo, mais de trezentos garotos compõem as categorias de base do

¹⁶⁴ Considerado um dos centros esportivos mais modernos do Brasil, o CFA – Centro de Formação de Atletas do São Paulo F.C., localizado em Cotia, volta-se quase que exclusivamente à produção de jovens futebolistas. Em uma área de 220.000 metros quadrados, os jovens são treinados e observados em cinco campos oficiais, quatro vestiários, quatro alojamentos para até 95 jovens, cozinha industrial, refeitório, piscina, consultórios médico e odontológico, e um departamento de extensão do REFFIS - Reabilitação Esportiva, Fisioterápica e Fisiológica.

São Paulo e treinam no CT de Cotia: “Imagina quantos moleques tentam todo dia entrar no São Paulo”.

Ficamos um ano aí sem professor. Se é outro clube, o outro clube desfaz a parceria, fala mentira, história, conversinha fiada. O Geraldo não. O Geraldo assumiu. O Geraldo falou “Severo, o erro foi meu, Severo, perdoa, pede perdão lá pro pessoal. Eu já estou chateado porque não conseguimos por conta de uma série de fatores, muita demanda de meninos do Brasil inteiro”. O Silva teve que sair do São Paulo, foi para o Cotiense, e aí o Zé Silva teve que ir pra Cotia. Então o Zé Silva não podia mais vir pra Guaianases. Esse ano todo que passou ficamos sem um profissional aqui. E o Geraldo mais preocupado do que o próprio Botafogo. O próprio Geraldo falou: “Pede desculpa lá porque eu sei que eu estou em falha”. Fala se não é uma atitude de homem sério, de homem honesto, de homem que trabalha de verdade? Pelo clube dele? Porque ele ama o São Paulo F.C. Geraldo chega oito da manhã e sai oito da noite. Trabalha de domingo. O CT está lá tranqüilão, ele tá lá trabalhando, porque é muitas fichas, muitas coisas, eu sei um pouco da vida dele, ele se dedica integral. Período integral é São Paulo F.C. A vida dele é São Paulo F.C. Por isso é que eu não abro mão do São Paulo, não abro mão do meu futuro, creio em Deus que o meu futuro está lá, creio em Deus que um dia nós acertamos uma pérola, nós acertamos uma pepita, creio em Deus que vai dar tudo certo pro Botafogo no que diz respeito à formação de um atleta. Agora, tirando a formação do atleta, podemos jubilar e nos alegar por termos a certeza que caráter nós vamos formar. Homem de caráter é certeza. Pode ser que um homem profissional de futebol é mais difícil, mas moldar o caráter do menino nós estamos moldando já há 10 anos (Severo, diretor das categorias de base do Botafogo).

Tendo em vista que a parceria com o São Paulo envolve somente alunos com idade igual ou inferior a 13 anos, o Grêmio Botafogo procurou novas parcerias para os alunos acima de 14 anos.¹⁶⁵ Uma parceria idealizada pela diretoria botafoguense foi com o Olé Brasil F. C., clube de Ribeirão Preto fundado em 2006, um dos muitos exemplos de clubes de futebol criados por empresários na última década. Embora tenha uma equipe profissional que inclusive vem disputando as divisões menores do Campeonato Paulista, o objetivo do clube é revelar jogadores. O Olé Brasil apresenta um tipo de produção de jovens atletas que visa prioritariamente o mercado exterior e a migração de jogadores para outros países.

A parceira foi negociada pelo presidente Itamar, que voltou empolgado após conhecer a sede do clube e seus empresários. Os dirigentes do Botafogo ressaltam a

¹⁶⁵ Uma parceria local foi feita com o Colégio Oliveira Telles, uma escola particular do bairro. Professores do colégio selecionaram cinco crianças e jovens que treinavam no Botafogo para jogar pelo colégio nos torneios locais e municipais. A atuação deles pelo colégio garante bolsas de estudo para estudar na escola. Em troca, o colégio dá uma ajuda mensal de R\$ 300 ao Botafogo.

todo momento que o Olé Brasil tem uma grande estrutura: um centro de treinamento, um complexo esportivo e unidades esportivas (com locações de quadras e escolinhas de futebol). Os garotos selecionados em peneiras ou indicados por olheiros e empresários são encaminhados para o centro de treinamento do clube em Ribeirão Preto, onde os jovens vivem em alojamentos dos clubes, próximos aos centros de treinamento (CTs). Com este fim, o Olé Brasil realizou inúmeras avaliações para diferentes categorias (sub.13, sub15, sub17 e sub18) em 2011 em Ribeirão Preto, por meio de inscrições feitas no próprio site. Após estabelecer os primeiros contatos da parceria, o Botafogo enviou três garotos para fazer testes no Olé Brasil: o lateral-direito e volante André [97], o zagueiro Ricardo [97] e o goleiro Tiago [97]. Itamar e Edson acompanharam os jovens na viagem. Porém, quando chegaram ao centro de treinamento do clube, em Ribeirão Preto, souberam que Waldir, olheiro do clube em São Paulo, não repassou informações sobre Tiago e Ricardo: “O treinador deles veio encontrar a gente no campo. Ele leu a ficha e perguntou para o Tiago: ‘você é o Fabio Augusto?’”, relatou André.

Ainda em Ribeirão Preto, após Itamar esclarecer e apresentar os três garotos, o treinador afirmou que não recebera informações sobre eles. Pediu apenas que trouxessem o garoto que viu treinar e jogar numa partida da Copa Coca-Cola. Após muita conversa, o treinador permitiu que os três fossem avaliados. Somente André conseguiu chamar a atenção do treinador. “Ele disse que o Tiago é um bom goleiro, mas baixinho [1m73]. O Ricardo foi bem, mas eles não estão precisando de zagueiros dessa idade”, relatou Itamar. Retornaram para Guaianases com a promessa de que André seria chamado para um novo dia de testes, o que veio a acontecer três semanas depois. Novamente, viajou e retornou no mesmo dia. “É longe. Tem que sair cedinho. Chegamos tarde, quase 23h. Pelo menos não fui para a escola [risos]”, comentou André. Quase dois meses depois, em dezembro, após o término das aulas, André foi convidado a permanecer por dez dias em Ribeirão Preto.

Em dezembro de 2011, Botafogo e Olé Brasil realizaram uma peneira para avaliar os jovens do clube e alguns de outras agremiações do bairro, especificamente convidados por Sérgio. Duas peneiras, na verdade. Na primeira, o olheiro do Olé Brasil, Waldir, ficou preso em Santa Catarina por causa do mau tempo e não conseguiu vir para São Paulo no dia agendado.¹⁶⁶ Após receber a informação, Sérgio pediu minha ajuda

¹⁶⁶ Contratado pelos clubes para acompanhar jogos de várzea, ligas escolares que reúnem colégios particulares e públicos ou torneios regionais, Waldir atua como olheiro há mais de dez anos: “Entrar nesse

para anotar os principais dados de cada jovem. Em fila, mais de setenta me passaram o nome completo, data de nascimento, telefone e endereço. Porém, mesmo sem a presença de Waldir, Sérgio realizou uma avaliação para fazer um pré-planejamento (tempo de jogo, número de equipes, redistribuição das posições etc.) da peneira que seria realizada na semana seguinte.

Enquanto o processo de produção e treinamento demande cinco mil horas (Damo, 2007, p.23), a seleção de um jogador, no caso das peneiras, pode durar apenas trinta minutos. Para alguns, a seleção de jogadores deveria ser feita durante muitos anos, de forma sistematizada, tal como o treinamento a longo prazo. A peneira não seria, portanto, o melhor processo. Para Sérgio, por causa desse processo de seleção, os clubes estão desperdiçando jogadores talentosos e revelando menos do que poderiam. Embora o próprio Waldir considere a peneira uma prática questionável e limitada, pelo fato da seleção ser realizada de maneira rápida, ele ponderou que mesmo assim é possível fazer uma primeira avaliação por meio desse formato: “Hoje existe toda uma coisa científica na seleção dos garotos, mas o melhor ainda é no ‘olho’ mesmo, dentro do campo, jogando, conversando. Não que seja fácil, mas dá para identificar um novo talento”. Além disso, ressalta que é uma forma de seleção feita a custos baixos.

Para Waldir, a seleção de talentos deve ser um processo a ser realizado durante um longo tempo, porém não é possível realizá-lo sempre. Por isso, o método de seleção de talentos predominante no futebol já não é o sistema de “peneiras”: “Hoje a seleção é feita por indicações”, afirmou Waldir. O olheiro faz questão de ressaltar que essa questão passa também por uma discussão sobre o processo de seleção de jovens jogadores no futebol brasileiro, processo diferente da produção de jogadores. São temas interligados e devem ser analisados em conjunto. Sua conclusão é que se faz urgente pensar num processo de formação e seleção melhor organizado. Além disso, segundo Waldir, isso passa também por entender a conjuntura administrativa do futebol, centrada nos clubes, federações e confederações.

Mais de noventa jovens participaram da peneira, divididos em times, de acordo com a faixa etária. Cada partida durou em torno de trinta minutos. Nas peneiras, as regras do futebol não são aplicadas em sua totalidade. A depender da situação, Waldir e Sérgio ignoravam algumas jogadas, como mão na bola, laterais e escanteios. O

meio foi difícil. Um amigo me apresentou aqui, outro me apresentou ali e acabei entrando. Mas não foi fácil, eu não fui jogador”. Segundo Waldir, na maioria das vezes, são ex-jogadores os responsáveis pela avaliação nos períodos de testes e peneiras. Waldir, porém, atuou apenas no futebol amador.

principal, segundo Waldir, é avaliar as qualidades técnicas, físicas e táticas dos garotos. Waldir e Sérgio orientaram os garotos a “pegar leve”, jogar com calma, sem jogadas violentas: “É preciso controlar para não o jogo não ficar muito nervoso. Já vi peneiras com trocas de agressões”, afirma Waldir. “Os caras da defesa querem chegar junto para intimidar, mostrar ‘quem manda’ naquele pedaço do campo”, justificou. Sérgio completou: “Pode chegar com força, mas é só antecipar, assim não pega o outro moleque”. Ao mesmo tempo, ao longo do treino, cobravam esforço e comprometimento: “Veio aqui brincar?”, “Vai jogar bola ou ficar brincando?”, “Porra, alguns vieram passear em Ferraz!”. Portanto, não observam apenas os jogadores técnicos e habilidosos. Testam as capacidades de autocontrole dos jovens, suas relações com o grupo, o perfil de liderança. Um dos jovens do Botafogo, após levar uma pancada ao tentar uma jogada individual, optou por passar a bola nas jogadas posteriores. Waldir, ao lado do campo, sentenciou: “Ele está com medo, acha que vai levar outra pancada. Viu só? O cara intimidou e ele ‘amarelou’. Pode apostar que daqui a pouco já vai começar a reclamar”. Outros jovens, porém, entre eles, Jarlan [95] e Fabrício [95], demonstraram ter experiência em peneiras. Antes do jogo, enumeraram os mesmos aspectos que Waldir afirmou que avaliaria: “Acompanho os sites dos clubes, sempre têm informações sobre as peneiras”, comentou Jarlan. Fabrício indicou um site www.olheiros.com que reúne informações sobre peneiras e avaliações em diferentes cidades brasileiras e organizadas por clubes e empresários.

Após duas horas de coletivos entre equipes que iam sendo modificadas conforme os pedidos de Waldir, a peneira foi concluída. Waldir e Sérgio fizeram uma pequena fala de dez minutos sobre o desempenho dos jovens, sobre alguns aspectos técnicos observados e agradeceram a presença de todos. Não citaram, naquele momento, os nomes dos jovens que seriam chamados para novas avaliações. Quando a lista dos jogadores aprovados para uma próxima avaliação no Olé Brasil foi divulgada, somente dois jovens foram selecionados.

4.2 – Circulação pela *cidade futebolística*

Os treinos ocorrem de segunda-feira à sexta-feira. Aos sábados, disputam-se jogos amistosos e partidas de campeonato. Os mesmos garotos treinam às segundas e quartas-feiras das 8h às 11h30 e 13h30 e 17h. E nas terças e quintas-feiras outros

garotos treinam nos mesmos horários. Aos sábados, as atividades têm início às 8h e só se encerram por volta das 15h. As atividades são divididas em dois campos. No primeiro, Sérgio coordena os treinamentos das “equipes de competição”, formada pelos melhores “jogadores” entre as crianças e jovens da escolinha. Interessante realçar que nesse campo aqueles que participam das atividades são chamados de “jogadores”. Zé Maria é o auxiliar de Sérgio nos treinos das equipes sub14 e sub16, enquanto que Ninho é o assistente na preparação das equipes sub10 e sub12. No segundo campo, Garrincha comanda os treinamentos da “escolinha”, termo utilizado em oposição a “equipes de competição”. No campo da “escolinha”, as crianças e jovens são chamados de “alunos”, pois estão ali para, na medida do possível, aprender a jogar futebol. “Eles não sabem nem correr, imagina dominar uma bola”, afirma Sérgio. Caso algum “aluno” se destaque nos treinamentos, Garrincha ou outro professor sugere a Sérgio uma possível mudança de campo. “Se aparece moleque ali, de quarta e sexta, o que eu faço? Já falo com o Garrinchinha e passo ele para treinar com o time de competição, de terça e quinta. Todo moleque bom que apareceu, de quarta e sexta, sempre veio treinar de terça e quinta comigo”, afirma Sérgio. Assim, o trajeto usual é um garoto desconhecido chegar, treinar no campo dos “alunos” junto com Garrincha para ser observado. Se bem avaliado, é indicado para treinar no campo das “equipes de competição”. Outros garotos já chegam com indicação de conhecidos ligados ao futebol do bairro, conforme aponta Sérgio: “Quando o cara fala para mim que o garoto é bom, aí eu já ponho de terça e quinta para ver se o moleque é bom mesmo. Se não for, vendo o nível dos garotos que estão lá, eu pego e peço para o pai trazer de quarta e sexta”.

Sempre cuidei mais dos times de competição. Sempre fui, assim, mais de formar time de competição. (...) Com o time de competição, eu procuro treinar bastante fundamento. Treino campo reduzido, treino físico, nós trabalhamos em cima desses detalhes aí: fundamento, físico, treino tático. Um treino de dois toques na bola, um toque. Time de competição é esse negócio. Escolinha é mais recreação (...) A molecada da escolinha já não visa muito trabalhar, assim, como a gente trabalha com competição. Eles gostam de colocar onze de cada lado e dar recreação para eles ficarem correndo atrás da bola. Não gostam muito de ficar treinando em campo reduzido, com golzinho, sem rede. A gente vai dar treino na escolinha, e os moleques falam: “Ah, professor, ah, campo reduzido não, põe campo todo”.

Essa divisão dos campos é fundamental para compreender, inclusive, a disposição e agrupamento dos familiares no espaço da escolinha durante os treinamentos, pois provoca não só uma separação entre crianças e jovens, como também

entre pais e mães, orientando as formas de sociabilidade observadas no dia a dia.¹⁶⁷ Existem assimetrias entre os que integram as equipes principais e os que participam exclusivamente das atividades da escolinha. As equipes de competição utilizam uniformes com escudo, números e patrocinadores do clube; os treinos apresentam maior rigidez de horários; e recebem tratamento diferenciado dos professores e dirigentes do Botafogo. Porém, a escolha das equipes de competição não interfere só nas relações vivenciadas na escolinha, como também na oferta de oportunidades aos futebolistas que dedicam a infância e adolescência ao “jogar bola”. Em diversos momentos, as crianças e jovens destacam a importância da circulação pelos espaços urbanos proporcionada por dinâmicas futebolísticas que estão entrelaçadas às experiências vividas nos seus espaços de moradia, estudo, trabalho, lazer e sociabilidade. “Jogar mais” implica não só alargar momentos de aprendizado, como também ter mais chances de ser observado. Os campeonatos dão visibilidade ao trabalho das crianças e jovens para um público específico: empresários, agentes, olheiros e dirigentes de clubes.

A construção das redes de relações centradas no esporte possibilita a ampliação dessas redes para o bairro e a cidade por meio da participação em competições, amistosos, peneiras e entrevistas. Assim, a cidade dos futebolistas é recortada e ordenada de acordo com os laços sociais produzidos e reproduzidos cotidianamente por meio do futebol e seus espaços. Plano privilegiado para a observação da esfera pública das dinâmicas urbanas, os espaços esportivos são “produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço” (Magnani, 2005, p.177). Portanto, frente à imprevisibilidade que marca a trajetória dos púberes futebolistas, os “circuitos de jovens” (Magnani, 2005)¹⁶⁸ e as sociabilidades inscritas nas experiências pela cidade contribuem não só para compreender a participação destes no processo de produção dos espaços urbanos, mas para a própria produção de conhecimento e constituição do jovem futebolista em relação a outros espaços e atores sociais. A mobilidade e circulação pela cidade fazem com que essas crianças e jovens ampliem relações e trocas, experimentem circuitos e estilos, acionem múltiplas referências culturais, confirmem sentidos às experiências que vivenciam e articulem um conjunto heterogêneo de redes de significados.

¹⁶⁷ Abordarei a sociabilidade entre familiares no próximo capítulo.

¹⁶⁸ Denominação proposta por Magnani (2005) para abordar as práticas dos jovens nos grandes centros urbanos e que articula os atores sociais e os espaços e equipamentos de interação na cidade.

A seguir, enfocarei um dos anos do calendário de participação das equipes da Escolinha do Botafogo de Guaianases em campeonatos e torneios de abrangência municipal que promovem oportunidades de circulação às crianças e adolescentes de Guaianases e bairros próximos. Em 2011, acompanhei o clube na disputa de três campeonatos: Copa Danone, Copa Coca-Cola e Taça Cidade de São Paulo.

4.2.1 – “Nós vamos invadir sua praia”: a Copa Danone

Criada em 2001, a Copa Danone é um torneio de futebol infantil destinado a crianças de 10 a 12 anos (em 2011, para os que nasceram em 1999 e 2000) e disputado nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Poços de Caldas (MG). Mais de quinhentas equipes participam da edição brasileira, que reúne clubes, associações, escolas particulares e escolas públicas. O campeão do torneio tem a oportunidade de representar o Brasil na Danone NationsCup, disputada na Espanha, e que reúne os campeões de outros quarenta países.

Na Copa Danone, além de você ter um time bom, o tempo é muito curto. Se você toma um gol, difícil de você recuperar. É uma copa que reúne escola particular, escola do estado, município. Aí tem um campeonato entre escola particular, um campeonato entre escolas do estado e município, e um campeonato entre os times da capital, associação e clube. Então, tem três campeonatos dentro da Copa Danone (Sérgio, professor da escolinha).

Já há alguns anos, o Botafogo vem disputando o torneio, porém sem nunca ter vencido até então: “Esse ano vai ser nosso”, afirma o empolgado Sérgio durante o Congresso Técnico da etapa de São Paulo, realizado em março num famoso hotel na região central da cidade. Nesse congresso, destinado especificamente aos técnicos das equipes de escolas particulares, clubes e associações, a equipe do Speed Sports, empresa terceirizada que coordena o torneio, apresentou a estrutura da competição, seus aspectos técnicos e disciplinares, e foram sorteados os grupos e a tabela da competição.

A etapa de São Paulo teve início no final de março de 2011, com todos os jogos realizados num campo de futebol gramado (dividido em quatro mini-campos) do Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP), localizado na Cidade Universitária, no bairro Butantã. Ainda no Conselho Técnico, quando foi divulgado o local dos jogos, o treinador Zé Maria, de quem eu sentava ao lado, fez questão de comentar comigo: “É, Rico, ‘nós vamos invadir sua praia’, como diz aquela música”. Estava explícito que eu

deveria respeitar a reciprocidade.¹⁶⁹ A dificuldade de deslocamento da equipe do Botafogo e dos pais dos alunos pôde ser constatada especificament num final de semana de abril, quando a rodada do domingo foi cancelada por causa da forte chuva na região da Cidade Universitária. No mesmo horário, em Guaianases, o céu estava nublado mas não chovia. Quando a delegação do Botafogo chegou ao Butantã (com jogadores no micro-ônibus e familiares nos carros), a organização do torneio disse que não houve tempo hábil para avisar o cancelamento da partida.

No portão de entrada do pequeno estádio, em frente às arquibancadas, uma grande lona, decorada com os logos de produtos da empresa, foi montada para receber os participantes. Dentro, diversos quiosques promoviam inúmeras atividades. Um deles, sempre lotado, oferecia produtos Danone aos jogadores, que sempre saíam com várias unidades dos produtos (redistribuídos aos familiares em seguida). Um narrador, com famosas músicas eletrônicas ao fundo, transmitia inúmeras informações aos presentes, desde os placares dos jogos, próximas datas, sugestões de atividades nos quiosques etc. A animação do narrador contrastava com o visível nervosismo entre jogadores, treinadores e familiares.

O que mais chamava a atenção, porém, era o grande número de pais e familiares circulando pelo estádio e avenidas da Cidade Universitária. De longe, era possível escutar a gritaria dos familiares que acompanhavam as partidas ao lado do campo. Com a máquina fotográfica no último degrau da arquibancada do estádio, revelava-se um cenário bem diversificado: equipes fazendo aquecimento, crianças chorando após derrotas, pais e mães ralhando com os filhos, crianças correndo, rápidas preleções antes dos jogos, famílias e times posando para fotos...

A circulação era intensa, com equipes entrando e saindo dos mini-campos, visto que os jogos duravam apenas dois tempos de dez minutos. A pouca duração das partidas era motivo de reclamação de todos: “Não dá tempo dos meninos entrarem no ritmo, no clima do jogo”, comentou o treinador Sérgio. Durante um dia inteiro (manhã e tarde), devido ao pouco tempo de jogo e a divisão em quatro campos, a organização conseguia realizar mais de cinquenta partidas.

O Botafogo inscreveu duas equipes, A e B. As letras, segundo o treinador Sérgio, não revelavam a superioridade do A, ao contrário: “É um truque. Montei um

¹⁶⁹ O que tentei fazer em algumas oportunidades, como guiar um passeio pela universidade, ou agendar visitas aos museus da USP (atividades que, por diferentes motivos, não puderam ser realizadas).

time B mais forte”, confidenciou Sérgio durante o Congresso. A equipe A jogou a fase de grupos contra as equipes Projeto Biggs e São Caetano Utinga, e classificou-se em segundo no grupo, com uma vitória e uma derrota. A equipe B estava no grupo das equipes Jardim Maringá e Olímpia Soccer. Mais forte, venceu as duas partidas e classificou-se em primeiro lugar. Porém, logo na fase seguinte, foi eliminada após perder a partida nos pênaltis.

Enquanto as crianças se apoderavam de diversos produtos da Danone em uma das tendas da Danone, Zé Maria e Ninho lamentavam a eliminação e davam justificativas para os pais e mães dos alunos. Sérgio, mais afastado, consultava seu caderninho. Quando perguntei sobre os próximos passos, o professor abriu um largo sorriso. A derrota não abalou Sérgio: “É uma molecada nova, tem muito a aprender. No próximo campeonato você vai ver o que é um time de verdade, que inclusive já jogou a Copa Danone”. Nas semanas seguintes o Botafogo começaria a disputar a Copa Coca-Cola.

4.2.2 – Por uma projeção nacional: a Copa Coca-Cola

Disputada em 27 cidades brasileiras, a Copa Coca-Cola é uma competição que, segundo o site oficial: “tem por finalidade promover o intercâmbio e o conagração entre equipes de jovens atletas, visando incentivar o estilo de vida saudável, o espírito de equipe, cooperação, amizade e disciplina”. Isso pode ser percebido também num dos itens do regulamento, conforme informou Simone, uma das responsáveis pela organização da etapa em São Paulo: só jovens matriculados em escola pública ou particular poderiam ser inscritos. Para o treinador Sérgio, porém, o campeonato é importante por outras razões. Segundo Sérgio, a Copa Coca-Cola “é um bom espaço para chamar a atenção de clubes. É um campeonato grande, com muitos clubes de todo o Brasil. Dá uma projeção nacional para os campeões”.

A Copa Coca-Cola não é difícil. É que nós batemos na trave três vezes. Nas três edições da Coca-Cola, nós fomos bem. Na primeira, a gente foi vice-campeão. Na segunda, nós chegamos entre os quatro melhores times da capital. E, na terceira agora, nós perdemos nas semifinais, ficamos entre os quatro da capital (Sérgio, professor da escolinha).

Outro ponto importante do regulamento era conferido com rigor pelos organizadores. Não era permitido que jovens “federados” em 2011 participassem da Copa.¹⁷⁰ Alguns jovens da escolinha, principalmente os que participavam das equipes de competição, são “federados”, ou seja, tinham sido registrados por algum clube. Muitos alunos do Botafogo treinam em outros clubes amadores e também profissionais, porém, até aquele momento, não eram “federados”: Fabio Augusto [97] começou a treinar no Palmeiras em setembro; Renato [98] treina três dias por semana no São Caetano; Tiago [97] treina no Nacional; Ricardo [97] ingressou no clube Red Bull em dezembro. Os jovens acreditam que se jogarem em diferentes lugares terão mais chances de serem vistos e selecionados por olheiros para as categorias de base dos clubes, além de ganharem experiência ao disputarem mais partidas e competições.

Antes de iniciar a competição, os técnicos do Botafogo participaram do congresso técnico da competição, onde divulgaram a tabela, apresentaram os patrocinadores, esclareceram as dúvidas sobre o regulamento e distribuíram os itens esportivos necessários à participação de cada equipe na competição: duas bolas oficiais, coletes de jogo e carteirinhas dos jovens atletas.

A Copa foi dividida em duas fases. Os vencedores das etapas de cada cidade-sede disputariam a etapa nacional em novembro. As equipes eram formadas por jovens entre 13 e 14 anos. Porém, poderiam utilizar ainda três jogadores de 15 anos. Divididas em vários grupos, as equipes disputaram os jogos aos finais de semana, entre agosto e outubro de 2011. “Tivemos sorte. Muitas partidas no nosso campo. Não vamos ter que gastar muito com transporte”, comentou Jurandir. O fato de poder jogar, nas primeiras fases, só em campos de terra também foi comemorado por Sérgio: “Essa copa tem vários jogos em campos gramados e sintéticos. Foi bom ter pegado só campos de terra. Eles já estão acostumados”.

Para facilitar e baratear o deslocamento das equipes, os organizadores dividiram os grupos por região. Assim, os clubes jogariam com outros em campos mais próximos. O grupo A, por exemplo, reuniu equipes da Zona Norte, como o CE Serra Morena (do Canindé) e GCE Grone’s (do Tremembé). No grupo C, equipes da Zona Sul, como AA Portuguesa (de Diadema) e GR Brigadeiro Faria Lima (do Grajaú), disputaram as duas vagas de classificação para a segunda fase.

¹⁷⁰ Um jovem é federado quando atua em clubes ou equipes que participam de competições oficiais das Federações Estaduais ou da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Os jogos tinham dois tempos de 25 minutos, com um rápido intervalo de dez minutos. Embora as equipes, em todos os jogos que observei, estivessem uniformizadas, era obrigatória a utilização de coletes com a logomarca da Coca-Cola, distribuídos pela organização. Segundo Simone, além da divulgação da empresa, o objetivo é coibir a divulgação de outras empresas e marcas na camisa: “(...) principalmente de empresas concorrentes da Coca-Cola no setor de bebidas”. O Botafogo passou por essa situação: William [98] utilizou, sem perceber, uma antiga camisa com a logomarca da cervejaria Kaiser (patrocinadora do maior campeonato de várzea de SP). Porém, como ficou no banco de reservas e estava usando o colete, os organizadores não perceberam.

O Botafogo de Guaianases foi alocado no grupo F, com as equipes CDM Jardim Penha, Canarinho F. C. (São Mateus) e Sete de Setembro F. C. (Jardim Tulipas). Teve uma classificação tranquila na primeira fase. Com a vantagem de jogar dois jogos em casa e um fora, o clube teve três vitórias e classificou-se em primeiro lugar.

Durante os jogos dessa Copa, Sérgio demonstrava preocupação com as bolas usadas nas partidas, quando jogavam dentro ou fora de casa. Se a bola ultrapassava as grades que cercam o campo, Sérgio pedia para alguém, na maioria das vezes Ninho, correr para buscá-la: “Se demorar, vem alguém e pega”. Além disso, tentava sempre manter as bolas do próprio clube em campo para ter vantagem frente aos adversários: “Conhecer a bola é importante, como ela rola, o peso dela. Se os garotos já estão acostumados com a bola, o jogo fica mais fácil”, afirmou Sérgio.

As expectativas antes de começar a segunda fase eram boas. Treinadores e diretores acreditavam que a equipe tinha uma grande chance de ser campeã: “É uma equipe experiente, joga junto há muito tempo”. Durante a pesquisa anterior, ainda em 2008, acompanhara alguns jogos da equipe sub12 num campeonato amador local. Lembro que Fabio Augusto, Ricardo e Bernardo jogavam e já se destacavam naquele time. Sérgio não se recordava exatamente, mas afirmou que outros garotos já estavam naquela época.

A vitória por goleada nas oitavas de final reforçou as expectativas dos botafoguenses. E nem a apertada vitória nas quartas de final desanimou os diretores, treinadores e familiares. Jogando em casa, o Botafogo empatou em 0x0 com o Moreira Sport (São José dos Campos) e a vitória veio nos pênaltis, 5x4.

Os treinamentos na semana anterior à semifinal, no início de setembro, foram dedicados a essa partida. Os jovens da equipe sub16 eram convocados para formar a equipe adversária nos coletivos e também treinavam até mais tarde. Sérgio demonstrava

uma mistura de nervosismo e confiança. Acreditava na sua equipe, porém sabia que o adversário era complicado. Segundo Sérgio, o Liderança F. C. (de Pirituba) tem tradição no cenário amador infanto-juvenil: “Sempre com boas equipes, bem formadas, com uma ótima estrutura”.

Dois ônibus saíram de Guaianases em direção ao estádio do Nacional, na Barra Funda. Liderados por Ninho, ocuparam uma pequena parte da arquibancada do estádio. A equipe de organizadores tentava animar as torcidas com música, brincadeiras e atividades para as crianças. No banco de reservas, Sérgio dava as últimas instruções para a equipe. Pediu garra e troca de passes.

O Botafogo começou bem a partida. Conseguiu criar duas chances claras de gols, mas que foram desperdiçadas pelo atacante Piu-Piu [97] e por Fabio Augusto [97]. Num escanteio, após falha do goleiro Tiago [97], a bola sobrou para um zagueiro do Liderança que não teve dificuldade para chutar e fazer o gol. Três minutos depois, o Liderança ampliou num rápido contra-ataque. Antes de terminar o primeiro tempo, o adversário do Botafogo teve mais duas chances de aumentar o placar, enquanto o Botafogo não conseguia criar jogadas. A grade atrás do banco de reservas estava tomada por familiares dos jovens, em sua maioria, reclamando do desempenho da equipe botafoguense. Sérgio era muito cobrado pelos pais, que pediam alterações na equipe. O atacante Fabio Augusto era o alvo principal, sendo acusado de “fominha”, “chinelinho” e “corpo mole”. Assim que o juiz apitou o término do primeiro tempo, Sérgio gritou para que os jogadores permanecessem dentro do campo. Não queria que os garotos tivessem contato com a torcida. No centro do gramado, Sérgio gritou e esbravejou, cobrou empenho e obediência tática. Disse que o meio de campo não estava nem ajudando a defesa e nem aparecendo no ataque. Pediu para os laterais alternarem a subida para o ataque. A maior cobrança foi para os atacantes: “Cada um fica do seu lado do campo, só tentam jogadas individuais, vocês querem resolver tudo sozinhos! Principalmente o senhor Fabio Augusto! Porra, vamos tocar a bola!”.

Sérgio tentou “acordar” o time, mas não conseguiu. O terceiro gol saiu aos oito minutos do segundo tempo e tirou qualquer esperança de vitória. Até Sérgio, que costuma gritar muito no banco, emudeceu. Sentou, pegou um copo d’água e começou a conversar com Zé Maria sobre o que poderiam fazer para, pelo menos, marcar o gol de honra. Enquanto conversavam, Fabio Augusto foi expulso por xingar o juiz. O clima esquentou. Sérgio começou a reclamar com o assistente que corria ao lado do banco de reservas. Roberto, diretor do Botafogo que atuou como auxiliar de Sérgio durante a

Copa Coca-Cola, esbravejava. A discussão no banco chegou ao ponto dos responsáveis pela organização do torneio ameaçarem tirar Sérgio e Roberto do banco de reservas. Enquanto isso, Fabio Augusto retornou e sentou no banco. Em meio à confusão, Sérgio se aproximou do jovem e perguntou duas vezes: “Você xingou o juiz?”. Na primeira resposta, Fabio Augusto negou. Na segunda, assumiu que tinha xingado. Sérgio, de forma sóbria, respondeu: “Então, bem feito!”.

O jogo terminou em 3x0. Os familiares e diretores ao lado do campo estavam indignados: “Foi humilhante. Jogou como time pequeno. Sem garra, time morto em campo”, reclamava Adonias. Edson seguia a mesma linha: “Olha, esse time desaprendeu a jogar. Eles têm medo do Sérgio. Só pode ser isso”. Fabio Augusto também foi muito criticado, principalmente pelos familiares dos demais jogadores. Não foi a primeira vez e, como veremos mais a frente, nem a última.

Restava ao Botafogo tentar ficar com a terceira colocação na etapa de São Paulo. Contudo, o desânimo permeou tal disputa no final de semana seguinte. O jogo, disputado numa manhã de sábado no estádio do Nacional, foi muito diferente dos demais que a equipe jogou anteriormente na Copa. Mesmo o treinador Sérgio não repetia os gritos e broncas das demais partidas. Estava apático. Sem confiança, a equipe perdeu novamente para o S. L. Benfica (da Vila Maria) na disputa de pênaltis, após um empate sem gols no tempo normal. Após a derrota, havia ainda a esperança de a equipe se classificar para a fase nacional, pois as cinco torcidas mais criativas, participativas e vibrantes, avaliadas por uma comissão julgadora do campeonato, garantiriam vagas para as respectivas equipes na etapa nacional. Porém, isso não aconteceu e o Botafogo não participou da fase nacional.

4.2.3 – “Mais verde no Pacaembu?” A Taça Cidade de São Paulo

Pouco tempo de descanso, muita cobrança, ambiente conturbado. Assim foram as três semanas vividas por jovens, pais, professores e diretores entre a derrota na semifinal da Copa Coca-Cola e uma nova semifinal em outro torneio. Em paralelo à Copa Coca-Cola, o Botafogo vinha disputando a Taça Cidade de São Paulo, organizada pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME). O regulamento e a tabela da competição foram apresentados aos treinadores no congresso técnico realizado no Salão Nobre do Pacaembu. Lá, dezenas de treinadores das equipes formadas em clubes de várzea, CDCs, escolas e outras associações esportivas tinham a chance de se

conhecer ou rever.¹⁷¹ Um diferencial desse torneio é a ênfase nas questões ambientais. Além das premiações aos campeões, a SEME premia também as equipes que fizeram mais atividades ligadas à ecologia. O clube com maior número de pontos nesse aspecto recebia a Taça Mais Verde. “Mais verde? Aqui no Pacaembu? Saí fora. Eu quero é menos verde”, brincou o professor corintiano Zé Maria.

Campeão de duas categorias em anos anteriores, o clube inscreveu três equipes na competição: Mirim (sub12), Infantil (sub14) e Juvenil (sub16). Enquanto a equipe sub12 não conseguiu fazer uma boa campanha, sendo eliminada logo após a primeira fase, as outras duas categorias tiveram um bom desempenho. Na primeira fase, jogaram a maioria das partidas no campo do Botafogo. A partir das quartas de final, jogaram no campo do Parque Anália Franco (antigo CERET), parque e clube público no bairro do Tatuapé, e num campo de grama sintética próximo ao autódromo de Interlagos.

Em jogos muito disputados, as equipes sub14 e sub16 alcançaram as semifinais. Enquanto a equipe de sub16 venceu com mais no jogo coletivo, o time sub14 obteve a vitória com exhibições individuais do lateral-direito André [97], do zagueiro Ricardo [97], do meia Bernardo [97] e, principalmente, do atacante Fabio Augusto. Nas conversas com os diretores e demais professores, Sérgio depositava muita esperança nessa equipe. Para o técnico, a derrota na semifinal da Copa Coca-Cola amadurecera e mudara a forma de jogar do time: “Pelo menos eles tiraram uma coisa boa da derrota. Aprenderam a cadenciar mais o jogo, [com] menos correria. Estão trocando mais passes. Juntando habilidade e trabalho de grupo”. Os principais dirigentes da equipe não concordavam e ainda duvidavam da capacidade do time sub14. Apesar de torcerem, não acreditavam que a equipe sub14 chegaria à final.

Porém, com uma goleada de 4x0 em Interlagos, os garotos do sub14 passaram pela semifinal. O desempenho na partida entusiasmou técnicos, diretores e familiares. Animação mais evidente, em comparação ao rendimento da equipe sub16 que jogou e venceu a sua semifinal no mesmo dia e horário, no CERET, muito distante de Interlagos, pois venceu por 1x0, mas não empolgou, como os próprios jovens reconheceram.

Para Sérgio, a equipe sub16 é uma boa equipe, mas a sub14 é ainda melhor. Preferência observada na própria opção de Sérgio em acompanhar o time mais novo,

¹⁷¹ Nesse Congresso, reencontrei Silva, ex-jogador de futebol e atualmente professor da escolinha do CDM Cidade Líder. Ele foi um dos principais interlocutores da pesquisa anterior (Spaggiari, 2009).

conforme relatou antes da partida: “Vou junto com o sub14, eles têm muito potencial, mas precisam de alguém que ‘fique no pé’ deles. O Zé Maria vai com o sub16, já é um time mais experiente”.

Com duas categorias nas finais da Taça, que seriam disputadas no Pacaembu no primeiro final de semana de novembro, o clima no clube era de empolgação, com a presença mais frequente de diretores no dia a dia, bem como de familiares.

4.2.4 – Quando Pacaembu é Guaianases

Primeira semana de novembro. A ansiedade tomava conta dos professores, jogadores e familiares. As finais no Pacaembu seriam disputadas no fim de semana. Sábado, a equipe sub16 jogaria contra o Itapeceira da Serra (o clube homônimo à cidade de sua origem). No domingo, a equipe sub14 enfrentaria o tradicional Pequeninos do Jockey.¹⁷²

Na semana anterior, Sérgio pedira para o presidente Itamar reservar um campo com gramado sintético. O mais próximo fica em Ferraz de Vasconcelos, cidade da Grande São Paulo. Na manhã e tarde de quinta-feira, as equipes sub14 e sub16 treinaram nesse campo. Embora o gramado sintético seja diferente do campo gramado do Estádio do Pacaembu, Sérgio afirmou que o treinamento permitiria aos jovens aprender a jogar em um campo com características muito distintas do campo de terra a que estavam acostumados: “É uma coisa que pode fazer a diferença na hora do jogo. Jogar aqui é uma coisa, outra é jogar num campo com um gramado bom”. Na semana das finais, quando perguntava sobre a expectativa de jogar num campo de futebol profissional em São Paulo, os jovens falaram dos seus trânsitos pela cidade, das curiosas experiências de frequentar novos espaços e dos diferentes grupos com os quais passavam a ter contato. Sérgio, por seu lado, procurava preparar os garotos para a

¹⁷² Em pesquisa anterior (Spaggiari, 2009, p.207-210), pude observar que o Pequeninos do Jockey – com sede na zona sul de São Paulo, próximo a Taboão da Serra (SP) – é mencionado constantemente como entidade de referência no ensino de futebol para crianças e jovens, bem como no processo de produção de jovens futebolistas e direcionamento dos garotos para clubes. Diversos fatores ajudaram a construir a admiração pelo trabalho do Pequeninos nas categorias de base: os títulos em torneios infanto-juvenis nacionais; a participação e vitórias em campeonatos internacionais, principalmente os disputados nos países escandinavos, como a Dana Cup, Gothia Cup, Helsinki Cup e Norway Cup; e a formação de vários jogadores profissionais, entre eles: Zé Roberto, Edu Manga e Júlio Baptista, a maioria destes com passagens pelas categorias de base do São Paulo F. C.

experiência de atuar pela primeira vez no estádio do Pacaembu, considerada por ele uma oportunidade singular e inesquecível:

Ah, a primeira vez que eu joguei lá, em 2006, deu um friozinho na barriga, não conseguia nem dormir à noite. E eu não conseguia dormir, acordava sempre à noite, não dormia. Minha mulher até reclamava: “Vai dormir!” (...) Muita ansiedade. Pior que os moleques. A primeira vez, dá frio na barriga. Eu mesmo nunca imaginei, assim, pensava que eu, um dia, ia pisar dentro do gramado do Pacaembu, ser treinador de um time, disputar uma final. Sentar no mesmo banco de reserva que sentou Pelé, Robinho, Neymar, esses caras todos... Então, é uma coisa, assim, meio difícil de acreditar. Só acreditei mesmo que eu ia jogar uma final no Pacaembu quando eu estava lá dentro, no vestiário (Sérgio, professor da escolinha).

No sábado, desde as sete da manhã, a área do campo do Botafogo já estava ocupada por pais e familiares dos alunos que aguardavam a chegada dos ônibus cedidos pela Transcooper Leste (principal patrocinadora do clube). Programada para 10h, a partida final da categoria sub16 concentrava as atenções dos treinadores, dirigentes e familiares dos alunos da escolinha.

O primeiro ônibus foi reservado para os jogadores e comissão técnica. No entanto, alguns familiares também subiram, inclusive de jovens que só jogariam pela outra categoria no dia seguinte. Quando percebeu, Sérgio pediu para alguns pais saírem. Mas nem todos: “É, já estamos acostumados, alguns pais são mais chegados no Sérgio”, reclamou Zé Cláudio, pai de Rodrigo [96]. Logo em seguida, chegaram mais dois ônibus. Ao contrário do que a diretoria do Botafogo esperava, sobrou espaço. “Pouca gente hoje, mas deve ser porque o pessoal está trabalhando. Amanhã vai ter muito mais”, afirmou Itamar. Jurandir lamentava: “O Botafogo já levou mais de dez ônibus para o Pacaembu em outros anos. Isso é culpa da diretoria que só pensa no ‘esporte’ e deixa a escolinha de lado”.

Ainda nem tínhamos saído de Guaianases e a av. Radial Leste já estava parada. Começou uma pequena agitação dentro do ônibus, pois os próprios jovens reclamavam do caminho escolhido pelo motorista e pediam para ele pegar a primeira saída: “Que ‘vacilão’, por que pegou a Radial? Era só ter ido por São Miguel e pegar a Marginal Tietê!”, indicava Jonathan [96]. Sérgio pede a Ninho, que trabalhou como motorista de empresas por mais de vinte anos, para guiar o motorista.

No caminho, muita bagunça e animação. Na parte da frente, comissão técnica e pais, na parte de trás, a “turma do fundão”, composta pelos jogadores e alguns colegas do sub14, como André e Ricardo. Aproveitei para fazer várias filmagens. Até Sérgio,

sempre sério, quis participar das mesmas. Os jovens conversavam sobre as expectativas para a final, como seria jogar no Pacaembu, mas também sobre garotas, aparelhos eletrônicos, modelos de chuteiras etc. Questionavam, ainda, qual seria a escalação inicial, que ainda não fora revelada pelo técnico.

Mesmo fugindo do trânsito da av. Radial Leste, nosso ônibus quase chegou atrasado. Saímos às 7h45 e chegamos às 9h15, situação muito conhecida dos paulistanos e especificamente dos moradores de Guaianases, que enfrentam o trânsito das vias de acesso da Zona Leste para o centro da cidade. Na chegada, muita correria. Os estagiários da SEME, que ajudavam na organização, falaram que a equipe só teria tempo para vestir o uniforme e fazer um rápido aquecimento.

Nos vestiários, os jovens jogadores estavam nervosos e admirados. Observavam cada detalhe do vestiário, o mesmo utilizado pelos jogadores de clubes profissionais que atuam no Pacaembu. Edinho, pai de Gabriel [96] e auxiliar de Sérgio, fazia um discurso enquanto os jogadores se aqueciam, agradecendo a Deus pela oportunidade, incentivando os garotos, quando então pediu um último sacrifício. O grupo formou um círculo e fez uma oração, rezando o Pai Nosso e a Ave Maria.¹⁷³ Antes de subir ao campo, muitos abraços, gritos de incentivo. Jonathan procurava motivar seus companheiros de time: “Vamos entrar com tudo! O jogo vale muito para a gente! Vamos lutar até o final, com dedicação, empenho! Somos melhores que eles! Vamos ganhar essa porra! Hoje, Pacaembu é Guaianases!”.

Subi junto com o time para fazer a foto da equipe antes do jogo no gramado. Do lado de fora, colado à grade, Zé Maria gritava para acertar a disposição dos garotos para a foto. Antes de a partida iniciar, Sérgio permitiu que eu me sentasse no banco, desde que ficasse quieto, sem chamar a atenção. Mas um dos estagiários do campeonato me chamou de lado e disse só a comissão técnica poderia ficar ali. Avisei Zé Maria, que estava no alambrado, e ele entrou no meu lugar.

O Botafogo começou bem o jogo. Fez o primeiro gol antes dos primeiros dez minutos. Após a jogada de Jonas pela direita, na linha de fundo, Balão pegou a sobra do

¹⁷³ Os vínculos religiosos também são constantemente lembrados, principalmente quando falam da importância de Deus nas suas vidas. Acreditam na interferência divina, de Deus ter dado talento a eles, de ter dado força para superar as dificuldades. Quando perguntava sobre as chances de se tornarem jogadores, afirmavam: “Se Deus quiser” ou “Com fé em Deus”. Alguns saíam apressados do treino para chegar a tempo de tomar banho e ir para ao culto evangélico; relataram ainda que gostam de ler a Bíblia e escutar músicas evangélicas. Antes das partidas, católicos e evangélicos rezavam o Pai Nosso e a Ave Maria, juntos, de maneira respeitosa. Alguns cantavam hinos religiosos, agradeciam o que eles tinham conseguido até aquele momento.

cruzamento e apenas rolou para fazer o primeiro gol. Dez minutos depois, o Botafogo ampliou a vantagem com outro gol de Balão. O jovem atacante recebeu a bola na ponta esquerda, limpou dois zagueiros, levou a bola para dentro da área e chutou no ângulo direito. Na comemoração, quase todos os jogadores foram ao alambrado diante das cadeiras numeradas do Pacaembu.

Após o segundo gol, tal como comentara antes do jogo, ainda no ônibus, Jonathan fingiu uma lesão. Ficou deitado no chão, reclamando de dores no joelho e conseguiu o queria: saiu de campo no carrinho da maca. Após ser atendido, Jonathan levantou, andou como se estivesse mancando, como assumiu após o jogo, e voltou para o campo. Depois, no ônibus, comentou tirando sarro: “Me senti o Ronaldo Fenômeno andando no carrinho...”. Augusto, lateral-direito, complementou: “Está gordo que nem ele... o carrinho quase nem andou!”. Risos tomaram conta do fundo do ônibus.

Com o placar de 2x0, o Botafogo diminuiu o ritmo de jogo, procurando segurar mais a bola e assim não se desgastar muito. Era uma manhã de calor em São Paulo, mais de 30°C. Preocupado em cadenciar o jogo, o Botafogo começou a sofrer pressão. Após desperdiçar duas chances, o Itapekerica da Serra enfim marcou seu primeiro gol. Chocolate [95], volante do Botafogo, perdeu a bola no meio de campo. A equipe do Itapekerica da Serra, em três passes, conseguiu chegar em frente ao gol de William [95]. O jovem goleiro saiu bem da meta, mas não pôde fazer nada. O primeiro tempo terminou com o placar de 2x1 para o Botafogo.

No intervalo, mesmo filmando de longe, percebi a exaltação de Sérgio, que gritava e reclamava com Chocolate sobre a jogada do gol. Depois, durante a volta no ônibus, Chocolate e os demais jovens confirmaram a discussão entre os dois no intervalo. Alguns jogadores reservas conversavam com os titulares, enquanto outros se aqueciam dentro de campo. Ao meu lado, Jaílson, preparador de goleiros do Botafogo, comentou que o principal era montar bem a parte defensiva durante o intervalo: “Jogamos bem, tivemos personalidade, vibração. Eles vão fazer pressão no início do segundo tempo. Precisa ter cuidado, atenção redobrada!”.

No início do segundo tempo, o jogo ficou mais nervoso e violento, com entradas mais duras de ambos os times. O Botafogo procurava se defender. Com várias faltas no meio de campo, a equipe botafoguense buscava impedir que o Itapekerica chegasse próximo de sua área. E ficou assim até o apito final do jogo. Apesar da pressão da equipe de Itapekerica da Serra, o jogo acabou com o mesmo placar do primeiro tempo, 2x1. A equipe sub16 do Botafogo ganhou o título. Encerrada a partida, os garotos do

Botafogo correram pelo campo, se abraçando e gritando. Enquanto alguns choravam, entre eles Edinho e seu filho Gabriel, outros subiam o alambrado para comemorar com a torcida.

Após a festa de entrega das medalhas e do troféu, fiquei junto aos familiares e torcedores em frente ao portão principal do Pacaembu. O “repórter” Ricardo [97], da equipe sub14, começou a entrevistar os jovens do time campeão que saíam pelo portão após se trocarem no vestiário. Enquanto o centroavante Somália [95], brincando, pedia “direitos de imagem” para conceder uma entrevista, Balão, destaque da vitória, narrou seus dois gols, dançou junto com Jonathan [95] e contou piadas: “Teve São João hoje no Pacaembu. O Balão voou mais que todo mundo!”.

A volta para Guaianases no ônibus foi uma festa. Em pé, os jovens campeões cantaram e brincaram com os demais. Para poder conversar com mais calma com Somália [95] e Augusto [95], repassei a câmera para Ricardo [97]. Os jovens filmaram novos vídeos e assistiram a alguns lances que filmei durante o jogo. Quando o ônibus passou ao lado do futuro estádio do Corinthians em Itaquera, Sérgio avisou aos garotos que os diretores tinham preparado uma pequena festa de recepção. O ônibus percorreu as ruas de Guaianases e os jovens entoaram gritos de “É campeão!”. A “pequena” recepção era pequena mesmo. Alguns diretores, poucos familiares e muitas garrafas de Guaraná Dolly. “Pô, fala sério. A gente ganha um título importante e os caras só compram Dolly? É foda, parceiro. Esse é o Botafogo!”, afirmou o lateral-direito Augusto [95].

Se no dia anterior acompanhei o deslocamento da equipe sub16 e da torcida botafoguense ao Estádio do Pacaembu, no domingo optei por observar a movimentação diante e dentro do Pacaembu desde cedo. Por volta das 8h30, recebi um telefone de Jurandir. O ônibus que levava jogadores e comissão técnica teve problemas mecânicos a menos de um quilômetro do campo botafoguense. Jurandir contou que outro ônibus já tinha sido solicitado e chegaria em dez minutos. No campo do Botafogo, a torcida esperava dois micro-ônibus, também cedidos pela Transcooper-Leste.

Enquanto a comitiva do Botafogo enfrentava problemas para chegar ao Pacaembu, a torcida do Pequeninos do Jockey chegava aos poucos. Pais, mães, irmãos e avós dos jovens jogadores reuniram-se nas cadeiras vermelhas que ficam à esquerda do portão de entrada do estádio. Antes da final do sub14, programada para 10h, o Pequeninos do Jockey disputou também a final do sub12.

Já eram 9h quando Sérgio me telefonou pedindo para eu ir atrás do Minoro, organizador da Taça Cidade de São Paulo. Com dificuldades, localizo o representante da SEME e aviso que a delegação botafoguense teve alguns problemas e chegará atrasada. Preocupado, Sérgio telefona mais de cinco vezes em menos de quinze minutos. Embora nervoso, terminava os telefonemas falando: “Rico, vamos ser campeões hoje!”.

A animação de Sérgio tinha motivo. Além de acreditar no potencial de sua equipe, tinha visto a equipe do Pequeninos do Jockey jogar na outra semifinal. Sérgio pediu que eu filmasse a partida do Pequeninos, disputada no CERET. O time teve dificuldades para vencer o Águia Negra F. C. por 1x0: “É uma equipe fraca, com jogadores baixos, nem parece Pequeninos”, comentou Sérgio. Zé Maria e Ninho concordaram. Tiago [97], goleiro do sub14, fora conosco assistir a partida. Tiago comentou que cinco jogadores do Pequeninos atuavam com ele no Nacional, inclusive o goleiro: “O treinador reveza: eu jogo uma partida, ele outra”. No intervalo, enquanto conversávamos com os familiares dos garotos do Pequeninos e do Águia Negra, Tiago foi ao banco cumprimentar os companheiros de Nacional. “Temos um espião que já conhece os adversários”, brincou Ninho. Tiago repassou algumas informações, principalmente sobre um dos volantes: “Ele é perigoso, chega forte de trás”. Por fim, após filmar a partida, gravei e entreguei o DVD para Sérgio.

O ônibus chegou às 9h35. A delegação desceu correndo para os vestiários. Enquanto isso, a final do sub12 era decidida nos pênaltis. O Pequeninos foi campeão: acertou todas as cobranças e o goleiro defendeu duas. Ninho me ligou e perguntou se queria entrar junto com o time no campo. Falei que não. Não queria deixar de filmar os primeiros minutos da partida, como no dia anterior, quando perdi os primeiros cinco minutos da partida.

Para poder filmar a torcida do Botafogo durante a partida, que ocupou parte das cadeiras numeradas do estádio, decidi assistir à partida do lado oposto, nas cadeiras laranjas, onde a torcida do Pequeninos havia se concentrado. Tal torcida compareceu em um número muito maior que a do Botafogo. Novamente, “(...) O pessoal de Guaianases foi uma decepção. Sempre enchemos estádios: Rua Javari, Nacional, Fazendinha. Era a nossa marca”, afirmou Edson, diretor e relações públicas do Botafogo.

Embora os garotos de ambos os times estivessem visivelmente nervosos, o Pequeninos dominou a partida desde os primeiros minutos. O Botafogo criou apenas duas oportunidades de gol. A mais perigosa foi um chute de fora da área defendido pelo

goleiro adversário. Antes de terminar o primeiro tempo, o Botafogo já perdia por 2x0. Mesmo de longe, era possível perceber o banco de reservas do Botafogo agitado durante o intervalo. Sérgio andava de um lado para o outro, balançava os braços, daí chamou André e Fabio Augusto para conversar em separado. Nem o reforço de Nicholas [97] como centroavante, ex-aluno da escolinha que atualmente está nas categorias de base do Mirassol, conseguia fazer frente à superioridade do Pequeninos. A diretoria inscreveu Nicholas como jogador mesmo sabendo que ele não poderia disputar todas as partidas. O Mirassol liberou o jovem jogador apenas para a final. O mesmo aconteceu com o Jonas [95]: atuando no Palmeiras, disputou apenas a final pelo Botafogo no dia anterior.

Essa questão foi discutida após o jogo. A equipe sub14 que filmei disputando a semifinal era diferente da que estava ganhando do Botafogo. Alguns dos jogadores não tinham disputado a partida anterior. Os jogadores da equipe que estava participando da final eram mais altos, fortes e habilidosos. A mudança pegou a comissão técnica (e o pesquisador) de surpresa. Placar final: 3x0. Após o jogo, Sérgio reconheceu: “a equipe deles era melhor”.

4.2.5 – Quando os campos são a cidade

As crianças e jovens aqui pesquisados se relacionam com a cidade e seus múltiplos atores sociais, predominantemente, por meio do futebol. Observar as práticas, itinerários e formas de mapear das crianças e jovens permite compreender os desenhos alternativos de articulação e circulação dos futebolistas em suas inserções na vida cidadina. O trânsito por diferentes territórios relacionais, que abarcam as interações vivenciadas em espaços relacionados ao “jogar bola” em distintos planos do sistema futebolístico, catalisa múltiplas experiências urbanas e proporciona oportunidades para criar relações com o outro e estabelecer modos particulares de uso do espaço público, domínio de imersão das diversas formas de convivência social, seja de atração ou rejeição (Bauman, 2009).

Além de potencializar situações de interação e encontro, a circulação reafirma o direito à mobilidade na cidade daqueles que vivenciam um distanciamento físico e simbólico, com poucas oportunidades de transitar por regiões mais centrais e turísticas. Trata-se de um modo de inclusão na vida urbana, de estar na cidade, num processo constante de integração das periferias afastadas das centralidades da cidade (Frúgoli Jr., 2000). Diante das contradições do espaço urbano, vivenciam um cotidiano de

deslocamentos que problematiza dicotomias citadinas como centro/periferia e trabalho/lazer. A mobilidade dos jovens futebolistas coloca centros e periferias em movimento, bem como tensiona as linhas de desigualdade das fronteiras geográficas e simbólicas que os apartam do restante da cidade, demonstrando as porosidades do espaço urbano.

Se os acessos a outras regiões são cingidos pelas dificuldades de circulação pela cidade em que vivem os moradores dos bairros pobres, por meio do futebol, os jovens exploram os espaços de uma cidade desconhecida, alargam suas redes e ampliam suas referências. Geraldo, pai de Jonathan [97], foi meu guia oficial durante a pesquisa. Sempre que eu precisava saber como chegar num determinado campo de futebol, fosse campo de várzea ou estádio, Geraldo me explicava com riqueza de detalhes. Na minha última consulta, traçou uma rota perfeita para um estádio do município de Caieiras, próximo a São Paulo. Quando não podia recorrer a Geraldo, consultava seu filho, que também se revelava um especialista em trajetos urbanos.

Os professores e diretores do Botafogo afirmam que, para ser jogador de futebol, é fundamental estar em trânsito contínuo, circulando por vários mundos, seja para disputar partidas e torneios por um único clube, seja para rodar por diferentes agremiações e campos em busca de um espaço. Ainda que os jovens enfrentem adversidades e obstáculos para circular por uma cidade que não facilita a mobilidade, os professores da escolinha reforçam que é fundamental “aprender” a circular pelo espaço urbano. Com este fim, oferecem dicas aos jovens sobre como utilizar os transportes públicos, orientam como chegar aos campos de destino e, por vezes, acompanham no deslocamento para testes e avaliações.

Nesse sentido, a circulação revela-se central no processo de produção de jogadores. Os gastos com combustível e passagens são sempre lembrados, principalmente pelas crianças e jovens das “equipes de competição” do Botafogo que treinam e jogam por outros clubes e escolinhas em outros dias da semana. Alguns participam das atividades em duas agremiações no mesmo dia, com poucas horas de diferença. “O negócio é jogar. Quanto mais, melhor. E em mais lugares também, para verem o moleque”, afirma Geraldo, pai de Jonathan [97].

Além de ganhar experiência, o deslocamento pela cidade proporciona, como já dito, mais oportunidades de os jogadores serem observados por olheiros, agentes e diretores de clubes. Na busca por oportunidades, as redes de relacionamentos podem ter um papel decisivo na carreira dos futebolistas. Ricardo [97] afirmou que a indicação é

fundamental por agenciar um contato mais direto com “aqueles que mandam” dentro das categorias de base dos clubes. Assim, existe um complexo sistema de circulação de informações pouco acessível à maioria dos jovens aqui pesquisados. Percebe-se, assim, a importância de acessar redes sociais mais amplas para expandir as oportunidades e direcioná-las a outros sentidos.¹⁷⁴

Visibilidade que os torneios e campeonatos disputados pelo Botafogo ao longo do ano também oferecem, mas com uma circulação das “equipes de competição” pautada pelas formas de deslocamento observadas no universo varzeano. Embora a mobilidade também seja feita em alguns momentos por meio dos automóveis particulares dos familiares, grande parte dos percursos é realizada nos ônibus da cooperativa Transcooper, cedidos pelo deputado Luiz Moura (PT), inclusive no ocasional transporte de torcedores do bairro, principalmente quando as partidas envolvem as finais das competições:

O nosso 1º título foi em 2006, em cima do Pequeninos do Jockey, no Pacaembu. Final da Taça Cidade de São Paulo, foi 1 a 0 para a gente, gol do Danilo. Eu lembro que, naquela final, o que mais me deixou emocionado foi a torcida do Botafogo. Não esperava que aquele tanto de gente ia assistir um jogo de sub13 no Pacaembu. Vinte e oito ônibus. Lotados de gente. Muita gente mesmo. Os ônibus todos cheios, com bandeiras. Não esperava que esse tanto de gente ia assistir a um jogo de sub13. Esse tanto de gente é para torcer para o time principal do Botafogo. (Sérgio, professor da escolinha)

Configura-se uma circulação por entre campos e clubes que valoriza a trajetória dos jovens futebolistas, tal como o *rodar* observado por Rial (2008) no campo profissional do *sistema futebolístico*. Assim, desenham-se diversos circuitos de crianças e jovens na metrópole (Magnani; Souza, 2007), bem como para fora dela. Assim, as formas de apropriação juvenis da cidade revelam *quando os campos são a cidade*; enfim, a mobilidade e circulação geram uma *cidade futebolística*. O caso de Felipe [98] é exemplar da constituição da cidade a partir dos seus espaços de “jogar bola”. O garoto sabe informar em qual bairro fica cada campo que lhe é mencionado. Poucos lhe escapavam. Porém, numa passagem curiosa, quando um colega de time perguntou a Felipe o jeito mais rápido de chegar à avenida Paulista, o jovem respondeu que nunca esteve no famoso símbolo paulistano. Tal como no caso dos jogadores profissionais que

¹⁷⁴ Alguns jovens acompanham um circuito de informações principalmente *on-line*, através de sites e redes sociais como Orkut e Facebook.

pouco conhecem as cidades que visitam a trabalho para além dos trajetos aeroporto-hotel-estádio-hotel-aeroporto (Damo, 2007, p.154; Rial, 2009b), a rotina envolvendo a disputa das partidas oferece poucas oportunidades aos jovens futebolistas de conhecer outros espaços citadinos, apesar da presença em campos de futebol próximos. Muitos deles, por exemplo, nunca foram, como torcedores, a um dos grandes estádios da cidade, tampouco a teatros, casas de shows e outros espaços de lazer e cultura.

O futebol não é, portanto, apenas um projeto de transformação das experiências das crianças e jovens moradores de bairros periféricos da Zona Leste de São Paulo com vistas a alcançar a carreira de jogador; trata-se de um espaço privilegiado de trocas acionado para responder às questões afrontadas cotidianamente. O contato com outros espaços, campos e instituições esportivas da cidade fazem os jovens questionar os próprios equipamentos e espaços que utilizam em Guaianases. Contudo, para além de uma conjectura sobre como ocupam o tempo livre num espaço urbano marcado pela ausência de equipamentos de lazer, a circulação permite refletir sobre como, por meio da prática do futebol, as crianças e jovens garantem o direito à cidade, ainda que parcialmente.

A mobilidade das crianças e jovens é observada também nos deslocamentos, seja quando andam sozinhos ou acompanhados de outras crianças e jovens, pelo próprio bairro e regiões próximas antes e depois do treino na escolinha. A maioria das crianças tem liberdade para circular pelas ruas do bairro, mesmo sem a presença de adultos. Muitas delas, mesmo com pouca idade, retornam sozinhas para suas casas em vilas do bairro próximas aos campos, entre elas, Jardim Aurora, Jardim São Paulo, Jardim São Geraldo e Vila Iolanda. Outras têm itinerários mais longos. Valdivia [03], já com 8 anos de idade, muitas vezes retornava de lotação sozinho para casa, próximo ao centro de Itaquera, após o treino.

Um roteiro de movimentação que perpassa também outros espaços de lazer das vilas e do bairros, lugares de liberdade, onde não estão presos às regras de casa tampouco dos clubes. Esse jovens elaboram estratégias de vida frente à ausência de infraestrutura urbana do bairro e condições díspares de acesso a bens culturais e simbólicos. Bailes funk, idas ao shopping, bares do bairro, entre outras atividades, revelam as apropriações dos espaços públicos pelos jovens, principalmente pela intensa movimentação nos fins de semana. Tal como nas narrativas dos veteranos que, mais do que descrever aspectos geográficos e demográficos, revelam cidades da memória varzeana, a circulação dos jovens e suas experiências urbanas projetam um mapeamento

que também é desenhado por narrativas familiares de lembranças e afetividades relacionadas aos espaços e trajetos pelo bairro. A dimensão familiar da cidade é uma parte essencial da vida cidadina, pois confere ao morador da urbe “a ancoragem social mínima de cada um, o seu mínimo social vital, em certa medida, tal como é vivido nos detalhes do cotidiano” (Agier, 2011, p.115).

Quando os campos foram incorporados pelo CEU Jambreiro, a área esportiva, antes aberta, foi cercada para reforçar os limites entre a unidade educacional e o entorno. Investiram-se em grades e seguranças para conter a circulação, criando um espaço de fechamento e contradições. Mesmo com o cerramento, as crianças e jovens persistem em seus trajetos urbanos para vivenciar e interagir com o bairro e a cidade, pois a escolinha de futebol não é uma unidade autônoma, isolada e apartada do bairro e da cidade, como se fosse um espaço de proteção frente às formas de violência observadas no bairro. Assim, embora se note anúncios de uma *sociabilidade protegida* (Wacquant, 2002, p.44), a escolinha não é uma “escola de moralidade”, um “antídoto da rua” (idem, p.32) ou um “escudo protetor contra as tentações e riscos da rua” (ibidem, p.55-56), tal como Wacquant (2002) imaginou que fosse o ginásio de boxe no gueto de Chicago onde ele pesquisou,¹⁷⁵ pois tanto o espaço do futebol quanto o de boxe estão trançados nas relações com a cidade.

No entanto, ainda que diversos espaços futebolísticos façam parte do itinerário das crianças e jovens, trata-se de uma circulação por espaços voltados ao mundo adulto, principalmente aos finais de semana. São espaços produzidos por adultos e apropriados pelas crianças e jovens que, embora submetidos ao controle dos familiares e professores, subvertem os contornos da injunção adulta sobre os modos de ir-e-vir, viver e circular na cidade, bem como sobre com quem podem compartilhar espaços, brincadeiras, namoros etc. Os jovens futebolistas redefinem as diferentes formas de vivenciar o urbano frente aos discursos produzidos por instituições sociais (família, escola, governo etc.) que relacionam os jovens à condição de sujeitos expostos aos riscos representados pela exclusão, violência e criminalidade, de vítimas da segregação socioespacial que devem ser preservadas em lugares de controle e confinamento para ficarem longe de convites ao desvio e à marginalidade.

¹⁷⁵ A academia de boxe, segundo Wacquant, seria uma alternativa de *valor moral*, opositiva em relação ao gueto, à violência das ruas, à carência de oportunidades e ao uso de drogas, construída cotidianamente pela remodelação do corpo e pelas práticas pautadas num *espírito de disciplina*, próprias da produção do boxeador no ginásio (2002, p.32).

É por meio do futebol, que essas crianças e jovens engendram mobilidades para utilizar os espaços públicos urbanos e acionar suas relações e valores enquanto atores sociais com certa autonomia frente à suposta dependência dos adultos. Assim, tais deslocamentos ajudam a compreender as ações de autonomia das crianças e jovens, que buscam diferenciação ao mesmo tempo em que dependem de cooperação. É por isso que a cidade futebolística das crianças e jovens de Guaianases passa pelos campos de várzea, ruas, casas, escolas, bares, descortinando relações de liberdade, punição, confronto, violência e sexualidade. Não se trata de um deslocamento por pontos de ligação, mas uma circulação por espaços como experienciados como linhas de movimento realizadas ao longo de suas trajetórias (Ingold, 2007). Os jovens circulam e experimentam os sentidos de uma cidade futebolística atravessada por campos e territórios perecíveis que sobrevivem em meio a discursos conflituosos e disputas simbólicas sobre o espaço urbano. Assim, a vida relacional dos cidadãos amplia-se para outros lugares, alcança as dinâmicas sociais de diversos pequenos mundos urbanos e dota de sentido os ditos “não lugares” da cidade (Agier, 2011). Nesse sentido, as práticas e itinerários das crianças e jovens contribuem para a produção e conhecimento do espaço urbano enquanto se movimentam, caminham e mapeiam a cidade de forma aberta e contínua (Ingold, 2000). Uma contínua e intensa mobilidade que produz vidas que não estão inscritas no interior de pontos e tampouco circunscritas a uma série de destinos interligados; ao contrário, como lembra Ingold (2007), são marcadas por linhas que, ao invés de pontos e locais, caracterizam-se por serem contínuas e dispostas em malhas, sempre em movimento.¹⁷⁶ “Longe de conectar pontos em uma rede, cada relação é uma linha em uma malha de caminhos entrelaçados” (2007, p.90, tradução minha).¹⁷⁷ Nesse sentido, ao acompanhar algumas destas linhas de vida, trajetórias, movimentos contínuos e caminhos percorridos pelas crianças e jovens de Guaianases, revela-se uma *cidade futebolística* que não é fixa nem rematada.

¹⁷⁶ Trajetos, trilhas e movimentos são alguns dos aspectos trabalhados por Ingold (2007) em sua reflexão histórica e taxonômica sobre as transformações das linhas, bem como sobre a relação entre linhas e superfícies. A metáfora da linha, que organiza e orienta toda a obra, permite problematizar a imposição de um tipo de linha reta em um mundo onde as linhas estão em toda parte emaranhadas e não devem ser reduzidas a retas e lineares. Sua reflexão também permite questionar – principalmente do ponto de vista metodológico – a produção e o significado das linhas dentro do campo antropológico, visto que as linhas e trajetos têm sido esquecidos e preteridos frente ao anseio do estudo de conectores e lugares.

¹⁷⁷ No original: “Far from connecting points in a network, every relation is one line in a meshwork of interwoven trails”.

4.3 – Interações juvenis

Os meninos e garotos chegam em diferentes horários, inclusive após o início das atividades. Reúnem-se primeiro às bordas dos campos para, em seguida, dirigirem-se aos dois vestiários utilizados para trocar as roupas por fardamentos de treino. Assim que terminam de se vestir, reúnem-se em pequenos grupos de conversa e troca de informações sobre chuteiras, roupas, celulares, garotas e outros assuntos de interesse. Depois, caminham rumo aos respectivos campos de treinamento onde aguardam a chegada dos professores para o início das atividades. Se outras turmas estão treinando, os recém-chegados observam o desempenho dos demais jovens enquanto mantêm as conversas sobre acontecimentos nas ruas, bebedeiras, dificuldade de conseguir emprego, problemas na escola, e também sobre testes e avaliações nos clubes. Dois temas chamam a atenção pela recorrência com que são acionados: relações sexuais com garotas e a violência no bairro.

Saber sobre sexo é algo amplamente desejado pelos jovens futebolistas, criando diferenciações entre eles. Os mais experientes nas trajetórias sexuais, ainda que num período marcado pela experimentação, têm mais prestígio nas rodas de conversa e impõem respeito. Em suas conversas, os jovens abordam as práticas sexuais quase sempre de maneira jocosa. “Tirar sarro” daqueles que nunca transaram, que ainda não “perderam o cabaço” ou que só “ficam na bronha” é uma forma de marcar posição distintiva entre si. Embora a narrativa sobre a sexualidade seja reprimida na escolinha pelos professores, o compartilhamento das experiências nesse âmbito vital invade os tempos de interação no local. Os jovens falam sobre as iniciações e atividades sexuais com garotas das vilas e de outros bairros, trocam dicas e conselhos sobre técnicas para obter prazer (preliminares, tipos de beijo, sexo oral, posições, frequência e duração da transa etc.) ou para evitar filhos (ejacular fora do corpo da garota ou interromper a transa antes da ejaculação etc.). Informações que afirmam ter apreendido em diferentes fontes na internet, mas principalmente na conversa com irmãos e amigos mais velhos, interlocutores privilegiados sobre questões de sexualidade.

Durante as conversas, os jovens também comentam o envolvimento de amigos da vizinhança e da escola com a criminalidade. As narrativas e experiências de medo e vulnerabilidade pautam as formas de vivenciar e se movimentar por um cotidiano intimidado pela crescente violência e criminalidade dos contextos urbanos contemporâneos. Violência e perigo são observados em espaços distantes, mas também

nos locais de convivência cotidiana, atravessando de forma intermitente a vida dos jovens e seus familiares. Os jovens futebolistas aprendem a viver com a violência. Não mudam radicalmente suas formas de relação com a cidade, suas rotinas, hábitos e estilo de vida, mas acionam táticas de evitação e promovem ações preventivas, individuais e comunitárias, para se proteger e conviver com as dinâmicas de violência. Dentre as circunstâncias de violência, poucos jovens se referem diretamente ao tráfico de drogas, e à participação de amigos ou conhecidos nessa atividade ou no consumo de entorpecentes. A preocupação com o tráfico de drogas é mencionada principalmente pelos familiares, geralmente em contraposição à valorizada dedicação aos estudos e à vida familiar. Eles temem que seus filhos, embora não tenham a “cabeça fraca”, envolvam-se com atividades e substâncias ilícitas devido a relações de amizade e vizinhança que consideram inadequadas.

Crianças e jovens da escolinha comentam que seus pais lhes dizem para evitar a rua e afastar-se das “pessoas erradas” em um espaço tido como “perigoso”. Atenção e evitação são observadas nos deslocamentos noturnos, quando familiares optam por ir buscar diariamente seus filhos na estação de trem de Guaianases após 22h, inclusive os mais velhos, quando retornam das aulas em faculdades de diferentes partes da cidade. Essas famílias também desenham suas casas com muros, grades e arames, aparatos de proteção mais simplórios em relação às casas e edifícios fortificados das regiões mais centrais, que dispõem de circuitos de alarmes contra roubo, cercas elétricas, guaritas, porteiros eletrônicos etc.

Os jovens e seus familiares não negam o risco vivenciado nas ruas do bairro. Mas ainda consideram as situações de violência como exceções, episódios atípicos, mesmo num cenário em que a criminalidade parece ser regra. A violência é incorporada à vida cotidiana, mas de forma que possa ser controlada e evitada. Trata-se, assim, de manter a violência distante dos espaços de convivência familiar, mas até certo ponto próxima para que continue perceptível (Taussig, 2004).¹⁷⁸ Uma violência citadina difusa, portanto, que alcança diferentes lugares, impacta os tempos da vida cotidiana e intervém em suas interações e itinerários.¹⁷⁹

¹⁷⁸ Aqui aproveito a concepção de Taussig (2004, p.270) do terror como uma questão de distância: não muito próximo a ponto de se tornar uma ameaça, porém não tão distante que o torne imperceptível.

¹⁷⁹ Os jovens já foram vítimas ou já presenciaram assaltos e furtos nas ruas do bairro, inclusive de manhã ou de tarde, no caminho para a escola, fazendo compras, conversando nas esquinas, sentados em frente às suas casas etc. Também relatam assassinatos de pessoas com quem cresceram, estudaram e jogaram bola juntos; sabem onde ficam as áreas do bairro utilizadas para desova de corpos e desmanche de carros e

Embora permeie o contexto pesquisado, violência, carência e vulnerabilidade não são dimensões destacadas quando os jovens e famílias guaianenses falam do bairro. Sua fala não se restringe, portanto, a descrições e interpretações da pobreza que, muitas vezes, pautam as medidas governamentais na atuação em lugares e situações que podem somente gerar crianças abandonadas e delinquentes (Passeti, 2000, p.347). Nas falas dos jovens, a ideia de periferia não se resume à presença marcante da pobreza e da violência, mas também a aspectos positivos que conferem ao bairro, ao futebol de várzea e às experiências ali vividas. Ao mesmo tempo em que convivem com uma contínua sensação de tensão e insegurança, as conversas dos jovens durante as atividades da escolinha evidenciam os fortes vínculos entre as pessoas e o bairro. No entanto, dizem que sobrem com a desconfiança e preconceito dos moradores de outros pontos cidade por eles morarem em bairros periféricos, estigmatizados como espaço de violência e pobreza; alguns relatam que, dependendo da situação, na hora de dar o endereço, informam que residem em Itaquera, não em Guaianases. Também reclamam que as oportunidades estão nas áreas centrais e mais nobres da cidade, e criticam o acesso e transporte precário a esses espaços. Ao mesmo tempo, expõem um enraizamento e pertencimento forte ao bairro onde procuram construir suas trajetórias de futebolistas. O “morar na periferia” une os discursos dos jovens ao falarem de seus projetos de vida e das adversidades a serem enfrentadas. Consideram, de um modo geral, que suas vidas são mais difíceis quando comparadas às dos jovens de camadas mais privilegiadas da sociedade. Assim, reproduzem de forma crítica o discurso de segregação ao delimitarem uma condição de oposição aos jovens de outros grupos socioeconômicos, que teriam mais facilidade para realizar seus planos e projetos. Este par de oposição – “nós pobres da periferia”/“eles dos bairros ricos” – é muito acionado pelos jovens, não só para denunciar desigualdades, como também para valorizar suas trajetórias de superação. Nesse sentido, consideram-se mais corajosos e lutadores, qualidades essenciais na construção de uma masculinidade considerada necessária à carreira de jogador:

motos roubadas. Eles pouco diferem a atuação de policiais e traficantes, ambos representantes do sentimento de medo e insegurança; comentam eventuais tumultos e rebeliões na Fundação Casa de Guaianases (unidade Vila Conceição), com fugas ou mortes de internos que eram amigos de infância da vila. Ricardo [96] comentou, no final de 2011, que um colega de escola, então com 17 anos, foi detido por levar um revólver calibre 38 para a sala de aula em um dos colégios estaduais do bairro. A professora viu a arma, acionou a direção da escola e esta convocou a presença da Polícia Militar.

Meu irmão é um vencedor, está fazendo faculdade, é o primeiro lá em casa que conseguiu. Meus pais não tiveram essa oportunidade. Ele teve que lutar muito, ainda mais por sermos pobres, da periferia. Valorizamos muito isso. É uma batalha a vencer todo dia (Felipe [97], aluno da escolinha).

Nessas falas são recorrentes as referências a um “nós” que abrange as crianças e jovens do mesmo bairro, que compartilham as mesmas experiências, valores, regras e códigos de conduta do bairro. Um “nós” em oposição aos grupos com quem não se identificam, que vivem em bairros mais ricos e centrais da cidade (inclusive o do próprio pesquisador).¹⁸⁰

As relações entre as crianças e jovens se dão em diferentes tempos e espaços. No dia-a-dia, crianças e jovens brincam e conversam próximos ao campo ou nos bancos de reservas, reunidos em pequenos grupos. Muitos deles mantêm um intenso contato fora da escolinha, seja no espaço da escola, festas, empinando pipa, seja em outros espaços futebolísticos do bairro. A definição das amizades apresenta lógicas de sociabilidade específicas. Diferentes questões aparecem nas interações entre os jovens jogadores: amizades e rivalidades dentro das equipes, o “morar na periferia”, uso da internet e redes sociais, gostos musicais, vínculos religiosos etc.

Ao observar as relações de amizade e formas de sociabilidade das crianças e jovens dentro e fora da escolinha, nota-se que tais relações não só influenciam o cotidiano da escolinha, como também demarcam diferenças entre eles, configurando um contexto marcado por rivalidades, rótulos e estigmatizações internas. Tais rótulos, na maioria das vezes proferidos em tom jocoso, em alguns casos são também incorporados pelos professores e diretores do Botafogo. Diferentes categorias de classificação que não se mostram fixas e sim fluídas, construídas nas interações cotidianas. A depender da situação, os jovens são tratados só como “adolescente” ou como “jogador”, “promessa” ou “problema”.

Aqueles que demonstram mais habilidades têm mais prestígio e ascendência sobre os demais. Tornam-se referências fundamentais para as crianças, intermediando a produção de saberes e habilidades em uma aprendizagem coletiva, na qual as crianças e jovens compartilham dicas, informações e brincadeiras, fazendo da escolinha um espaço de reciprocidade. Em certos momentos, os jovens podem até mesmo ficar responsáveis por cuidar das crianças pequenas.

¹⁸⁰ Relação observada também no mestrado (Spaggiari, 2009, p.40), quando diversos atores (crianças, jovens, adultos) se referiam a mim como “boyzinho”, categoria de alteridade ampla (Hikiji, 2006, p.176).

Diversas características definem os jovens futebolistas mais admirados. Alguns jovens têm mais prestígio e moral entre os alunos da escolinha, bem como na relação com os professores. Uns são respeitados pelas qualidades nos treinamentos e competições, outros pelas atitudes no cotidiano da escolinha. Chocolate [95], capitão da equipe sub17, dispõe de um prestígio conquistado pelas demonstrações de liderança, humildade, disposição e responsabilidade dentro e fora da escolinha. Um garoto que inicia as atividades na escolinha, a depender da habilidade que apresenta, pode fazer com que um garoto também habilidoso, mas aluno da escolinha há mais tempo, seja preterido. Marcelo [95], quando chegou à escolinha, tentou “botar banca” dentro da equipe sub17: afirmava ser mais experiente por já ter se deslocado por campos e vivido períodos em alojamentos de clubes fora de São Paulo; dizia “saber mais das coisas” e que “estava pronto para qualquer desafio”.

Os jovens aprendem a modificar suas posturas frente às distintas circunstâncias que enfrentam, conforme o espaço em que jogam, as imagens que os outros têm deles e o modo como relacionam com os demais atores. Denis [98] comentou a preocupação de não corresponder às expectativas dos colegas de equipe, temendo ser considerado uma “vergonha” diante do grupo de jogadores. A vergonha aparece como um sentimento relacionado ao “ter caráter” de assumir que errou, mas que é confiável e honrado, capaz de continuar a assumir seus compromissos dentro da equipe. Aquele que errou procura reforçar sua dedicação nos treinos, aprimorar seu desempenho.

4.4 – Observar, reproduzir e repetir: treinamentos

Tal como acontece com os treinadores no universo profissional do futebol, os professores ocupam uma posição de destaque no futebol de várzea. No caso do Botafogo, seja como mediadores na incorporação de saberes, seja como treinadores responsáveis pelo desempenho das equipes de competição, cabe aos professores treinar e preparar os alunos e futebolistas para a compreensão estrutural do jogo e seus diferentes níveis de competição. Sérgio, professor da escolinha e treinador das equipes infanto-juvenis do Botafogo, é identificado, pela maioria, como um comandante autoritário, exigente, conhecido pelo rigor na disciplina. Garrincha, o professor que está há mais tempo na escolinha, e considerado bravo e impaciente, é o que menos interage com as crianças e os jovens, e mesmo com os demais professores. Zé Maria, por outro

lado, é admirado por dar apoio e confiança aos alunos da escolinha, sem gritar nem usar palavrões. Ninho é tido como o mais brincalhão, e também inexperiente, embora seja um dos mais dedicados. Jaílson atua como preparador de goleiros do Botafogo duas vezes por semana. Outro funcionário, Tuliba, cuida da manutenção do campo, cortando a grama e marcando as linhas do campo com cal. Ele também limpa os vestiários.¹⁸¹

Segundo Sérgio, os professores não dispõem do tempo necessário para ensinar e treinar os alunos da escolinha. “Dois dias por semana é muito pouco”. Para melhorar a performance, seria necessário treinar todos os dias, principalmente em treinos coletivos, ideias para trabalhar os lances de jogo: “Os garotos preferem tentar a jogada de efeito, partir para o drible. Em vez de fazer a jogada mais eficiente, preferem já tocar de primeira”, Sérgio explica.

Embora seja essencialmente coletivo, o jogo também deve ter seus momentos de expressão individual. Ao mesmo tempo em que exigem a efetivação de uma atuação mais conjunta, os professores reafirmam a importância do drible, para eles atrelado à esperteza e malandragem do jogador brasileiro, também úteis para obter vantagens e superar adversidades na vida cotidiana: “No futebol de hoje tem que ter velocidade, força. Mas ao mesmo tempo tem que ter ousadia, malandragem”, pondera Garrincha. As jogadas individuais, portanto, não são um problema, desde que os fundamentos e objetivos do treino coletivo sejam mantidos. Porém, ao comparar com o que aprenderam antigamente na várzea, Zé Maria ressalta: “O garoto é ensinado que precisa se destacar, fazer jogadas individuais. Quando chega na várzea, percebe que o esquema é diferente”.

Embora programem exercícios de resistência e força no começo dos treinamentos, a maior parte destes é dedicada aos exercícios coletivos. Elaborados a partir da imbricação de exercícios repetidos em outros momentos, como nos treinos de fundamentos, os coletivos são fundamentais para a incorporação do que é aprendido através da prática e na relação com os colegas. Nele, a série compartmentada e linear dos fundamentos e movimentos é executada em fluxo, por sequências de movimentos e jogadas ensaiadas, que devem ser decodificadas e decoradas, como se fossem coreografias. Para além da técnica, que não deve ser entendida como ações apenas

¹⁸¹ No Botafogo, não há qualquer tipo de controle dos corpos dos jovens futebolistas, tal como o observado por Bitencourt (2009) em sua pesquisa no Clube Atlético Paranaense, onde os corpos são medidos e avaliados por meio de profissionais, especialistas e aparelhos de alta tecnologia. Tampouco há um atendimento médico realizado por um departamento ou clínica especializada. Nesse sentido, arranhões, cortes e outros são atendidos pelos próprios treinadores.

mecânicas, tais jogadas recriam nos treinos cotidianos algumas situações que permeiam a prática em seus momentos de ritualização. Trata-se, portanto, de um treinamento especializado, dirigido principalmente à preparação das equipes de competição.

O treinamento especializado, que vem ocorrendo de forma cada vez mais precoce, pode ter início aos sete anos, quando as crianças já são submetidas a treinamentos e competições na escolinha do Botafogo. É um período inicial de aprendizado, descoberta e experimentação de movimentos e fundamentos. No futebol, o critério de faixa-etária define e reproduz as diferenciações entre as categorias de infância e juventude. As turmas são separadas por faixa etária e níveis de aprendizagem. Em 2012, a Escolinha do Botafogo fazia a seguinte divisão, sendo os anos entre parênteses os anos de nascimento dos alunos: dente-de-leite (1999 e 2000), infantil (1997 e 1998), juvenil (1995 e 1996) e júnior (1992, 1993 e 1994). Assim, o que é proporcionado aos jovens de 16 anos é diferente do que o é às crianças de 10 anos.¹⁸² A média de horas de treinamento aumenta conforme o garoto avança na trajetória esportiva, podendo alcançar, nas categorias de base, uma carga semelhante a dos jogadores profissionais adultos. Somando treinos, partidas e deslocamentos, muitos garotos empregam mais de trinta horas semanais no futebol.

Os principiantes iniciam com menos exigência de resultados, seus erros são tratados com mais paciência e ludicidade, há mais cuidado e demonstrações de carinho dos professores, e menos cobranças, ainda que também exista competição. A partir de certa idade, os alunos passam a ser tratados com mais rigor, atitudes consideradas frágeis são desestimuladas para assim “fortalecer” as crianças.

A participação nas atividades da escolinha se intensifica de forma gradativa: os meninos vão ganhando mais responsabilidades, horas adicionais de treino e oportunidades de jogar. Os veteranos executam treinos mais intensos e especializados, além de assumirem maiores responsabilidades e seus eventuais erros, tendo em vista a preparação e inserção do jovem no futebol profissional.

¹⁸² Alberto, treinador das categorias de base do São Paulo, explicou a distribuição dos treinamentos técnico, físico e tático nas categorias dente-de-leite, infantil, juvenil e juniores, de acordo com a idade cronológica: na formação básica, entre 7 e 12 anos, investe-se nas habilidades motoras; o treinamento específico, entre 13 e 16 anos, focaliza os fundamentos técnicos e ação de jogo; e o treinamento de alto nível, entre 17 e 21 anos, ocupa-se do aperfeiçoamento técnico e tático. Alberto aponta que não há uma idade ideal para se iniciar a formação, apenas recomenda que não seja muito tarde. Mas reconhece que o contato cada vez mais precoce com os treinamentos regulares e especializados pode limitar a espontaneidade e criatividade.

Ao mesmo tempo, são possíveis exigências não lineares: no caso do Botafogo, os garotos de 14 anos que disputam a Copa Coca-Cola – considerada a principal competição do calendário botafoguense – são muito mais cobrados do que os jovens de 15 e 16 anos que disputam a Taça Cidade de São Paulo. Além disso, os desempenhos podem não estar relacionados à idade. Nem sempre crianças mais velhas têm performances superiores às das crianças de menor idade, pois estas últimas, além de potencialmente mais habilidosas, também podem ser mais experientes, a depender do envolvimento na prática.

“Jogar bola” se faz não só pela corporalidade compartimentada, mas com o corpo em sua extensão e indivisibilidade; pois futebol não se joga só com os pés, ele envolve as demais partes do corpo em uma ação contínua de movimentos. Um chute não depende só do movimento da perna que faz o arremate, mas também da outra perna que proporciona o equilíbrio e a sustentação, bem como do tronco que dá continuidade ao andamento corporal na hora do chute. Portanto, o desenvolvimento da corporalidade é constitutivo da prática. Trata-se de uma comunicação projetada não só na dimensão fala, pois o que é sugerido verbalmente mostra-se mais digerível corporalmente. Qualquer pergunta sobre nome ou técnica de aplicação dos fundamentos não é respondida verbalmente. Crianças, jovens e professores preferem mostrar como fazer em vez de descrever o movimento. Portanto, observar os outros realizarem os movimentos compõe o processo de “aprender” a fazer o mesmo movimento; aprende-se observando (olhando e ouvindo) e recriando as demonstrações dos professores e alunos mais velhos.

Além de se guiarem pelas demonstrações práticas dos próprios professores e veteranos, é comum as crianças e jovens se deterem na observação, por meio de olhares recatados, daqueles que estão ao seu lado nos treinamentos em situações de dúvida ou esquecimento de como realizar um movimento ou qual direção seguir nos treinos coordenados de jogadas ensaiadas. Assim, as crianças aprendem com os demais alunos, principalmente com os mais velhos, que, em alguns momentos, chegam a repreender os mais novos. Essa é um artifício de reprodução sabido e admitido pelos professores como uma estratégia valiosa de aprendizagem. É comum que os alunos mais habilitados sejam chamados para demonstrar o que é para ser feito enquanto os demais observam para depois repetirem os movimentos e jogadas. Outra tática, utilizada como um ponto de partida distinto mas com um objetivo análogo, é indicar garotos como exemplos oblíquos de execuções e desempenhos incorretos, fazendo deles modelos do que não

deve ser feito. “Fazer errado” também compõe o “aprender”, pois contribui para o entendimento do que é “fazer certo”.

Assim, constrói-se um aprendizado que passa por constantes demonstrações e reproduções, referenciadas pelas interações com professores e colegas reconhecidos como mais habilitados ou adiantados na incorporação de certos saberes, até alcançar – ou seja, aprender na prática – o modo considerado perfeito para situações específicas do jogo. Esse processo de aprendizagem é realizado durante os treinos e jogos, mas também fora das quatro linhas, em outros espaços, práticas e relações vivenciadas na escolinha, como quando as crianças e jovens, principalmente os iniciantes na escolinha, acompanham e observam as práticas dos colegas veteranos antes, depois ou nos intervalos entre suas atividades; ou ainda quando perguntam e pedem dicas sobre jogadas e compra de chuteiras aos colegas veteranos nos demais espaços coletivos, como vestiários e ônibus em que seguem juntos para as partidas.

Além dos diversos modelos de referência para observação, imitação e reprodução entre alunos, professores e outros jovens praticantes, há espelhamentos não presenciais e aparentemente distantes dos espaços coletivos da escolinha. Observam e experimentam formas de reproduzir os dribles e lances de efeito dos jogadores profissionais, suas posturas, gestos, vestimentas, cortes de cabelo e modos de comemorar gols, especialmente do jogador Neymar, como será abordado mais adiante. Trata-se, portanto, de uma aprendizagem coletiva, como bem observa Wacquant (2002) na prática do boxe, que sugere a relevância do agregado de praticantes e das intervenções mútuas, coordenadas e sincronizadas por eles acionadas em um processo colaborativo de construção do *habitus* pugilístico (2002, p.134).¹⁸³

O ensino do futebol se constitui, portanto, de modos de observação e reprodução de técnicas e preceitos que foram anteriormente observados, seja na imitação dos movimentos, posturas e comportamentos dos professores e varzeanos, seja na reprodução dos dribles de jogadores profissionais, embora não se reduza a uma forma de copiar mecanicamente. Trata-se de um aprendizado pela imitação, mas não como uma transcrição automática do que é feito por outras pessoas, e sim como a execução de ações e movimentos próprios, ou seja, uma releitura particular, criada a partir de experiências repetidas do que foi observado e sentido na atenção das crianças e jovens

¹⁸³ Conceito formulado a partir dos conceitos de capital cultural, capital social e capital simbólico de Bourdieu e por meio do qual é possível analisar os diferentes tipos de conhecimentos (corporais, sociais, econômicos) decisivos para o sucesso das performances

aos movimentos, posturas e comportamentos daqueles mais experientes (Ingold, 2001a, p.141). Dimensão capital da prática, o processo mimético – observar, experimentar, reproduzir e recriar – gera novos movimentos e experimentações de jogadas, lances de efeito e fundamentos básicos. Trata-se de um modo de percepção atenta do movimento e recriação (Sautchuck, 2007, p.247) concebida e orientada na particularidade da relação da pessoa com o ambiente. Assim, cada movimento, gesto e jogada, ainda que repetitivos, representa uma inovação.

Não se trata de uma prática simplesmente imitativa, pois se recria uma experiência diferente pela constante repetição. “Para aprender tem que repetir, repetir e repetir até acertar”, explicou Garrincha durante um treino para os alunos da escolinha (que não faziam parte das equipes de competição). São práticas de reprodução de movimentos e jogadas que se dão com ou sem a participação e orientação direta dos mais experientes. A repetição exaustiva dos exercícios, jogadas e fundamentos é considerada pelos professores o único modo de incorporação dos aspectos técnicos e táticos. Nos treinos coletivos, os professores fazem as crianças e jovens repetirem jogadas quando há erros de posicionamento, porém não quando fundamentos são mal aplicados. A reprodução dos fundamentos é realizada nos treinos específicos de passe, chute, cruzamento etc. A incorporação faz com que sempre seja exigido mais a cada etapa. Assim, embora não sejam sempre os mesmos, treinos de fundamentos e jogadas são repetidos ao longo de uma trajetória até atingir uma condição na qual os jovens futebolistas, segundo Zé Maria: “Não pensam mais no que devem fazer, apenas fazem”. Embora a todo momento, nos treinos ou nas partidas, os jovens sejam solicitados a “pensar no que estão fazendo” para “não fazerem besteira”.

Repetição exaustiva observada, principalmente, nas sessões de treinamento coordenadas pelo preparador de goleiros Jaílson, também chamado de “treinador” pelas crianças e jovens. “Vai repetir quantas vezes for preciso!”, grita o treinador de goleiros Jaílson, também de forma ecoada, enquanto realiza treinamentos exaustivos de saídas de gol pelo alto. Embora não participe de todas as atividades das escolinhas, visto que realiza treinamentos somente terças e quintas, Jaílson é respeitado pelos professores-treinadores. Respeito que, porém, não rende dividendos monetários na mesma proporção, pois não é pago para treinar os meninos. De todo modo, aguarda recompensas pela sua dedicação; afirma que um dia virão. Participa das atividades porque gosta de continuar desempenhando uma prática para a qual foi treinado e capacitado – ser goleiro de futebol. Criado no interior de Alagoas, Jaílson investiu na

carreira de goleiro quando jovem. Jogou em clubes amadores alagoanos e conseguiu, por meio de testes, ingressar nas categorias de base de um clube pequeno da região. Dominava todos os fundamentos exigidos para a posição, mas não possuía um atributo considerado fundamental na época – e ainda hoje – para a posição que almejava ocupar: afirma que a baixa estatura impediu a continuidade da carreira. Jaílson desistiu de ser jogador de futebol por volta dos 20 anos, quando já morava em Maceió. Veio para São Paulo em busca de melhores condições de trabalho. Dirigiu-se prontamente para Guaianases, onde seu irmão mais velho já morava há alguns anos.

Após semanas procurando emprego, foi contratado para trabalhar em uma empresa especializada em construção e manutenção de redes de distribuição de energia. Jaílson iniciou como ajudante no setor de iluminação pública, ocupação que nunca tinha desempenhado. “Tem um período de aprendizado do serviço, com todos os detalhes. Isso dura semanas. Mas logo já te colocam para trabalhar na rua. Lá é como aqui, aprende fazendo, na prática mesmo, repetindo passo a passo”. Apesar de ser um trabalho que exija força e castigue o corpo, não reclama do modo como o serviço é executado, pois afirma que sempre “teve que botar a mão na massa”. O bom desempenho rendeu a Jaílson, há alguns anos, uma promoção a supervisor de uma das equipes. O trabalho é realizado durante as madrugadas. Jaílson entra 22h e sai por volta das 6h, a depender ou não finalização do trabalho especificado para aquela noite. Se aprender a executar um serviço técnico não foi difícil, responde: “Eu aprendo rápido”. Acostumar-se com a nova rotina durante as madrugadas gerou problemas de saúde, segundo ele, devido ao estresse provocado por um modo de vida diferente para alguém que é “sério, dedicado, evangélico, e que achava que a noite só servia para dormir”, relata Jaílson. Ao mesmo tempo, valoriza os conhecimentos proporcionados pelo serviço que executa, não só nos aspectos técnicos e sociais, mas inclusive na mobilidade e nos conhecimentos decorrentes de se locomover pela cidade. “Conheço tudo de São Paulo, já fiz serviço em todo o canto. Tudo é muito feio de noite”. Para Jaílson, a São Paulo noturna pela qual circula para trabalhar, e que ele colabora para iluminar, é diferente da cidade futebolística que conhece pelos deslocamentos com as equipes de categorias de base do Botafogo. “É uma outra São Paulo”, afirma Jaílson, que aponta o centro como a pior região da cidade: “A rua Augusta é a porta do inferno. Lugar de depravação”, completa.

Por ocuparem uma posição singular dentro de campo, diferente dos demais jogadores, os goleiros da Escolinha do Botafogo realizam trabalhos exclusivos,

orientados por Jaílson. Os treinos de goleiro são realizados em circuitos de reprodução e articulação que buscam trabalhar a elasticidade, velocidade e flexibilidade, bem como a exatidão de movimentos específicos. Uma estabilidade do movimento almejada no treinamento de goleiros planejado pelo treinador e pautado pela repetição incessante de gestos, caídas, saltos, chutes, cruzamentos etc., para desenvolver capacidades de resolução frente a diferentes situações e problemas que podem surgir durante uma partida. O roteiro dos treinos apresenta pequenas variações: quedas laterais, deitado, com um joelho, dois joelhos, saídas pelo alto em bolas cruzadas de diferentes partes do campo, em jogadas em movimento ou bolas paradas para bater faltas e escanteios; lançamentos com pé e a mão em curta e longa distância. Segundo Jaílson, somente as sucessivas articulações de movimentos específicos permitem identificar e corrigir as imperfeições de cada fundamento. Embora pareçam idênticos para um olhar exterior, Jaílson corrige as posições do braço nas quedas, o ângulo dos cotovelos nas bolas espalmadas, a sincronia das mãos no encaixe das bolas, o giro do tronco nas saídas em cruzamentos para a área, o olhar que segue a trajetória da bola etc.

Sequência de fundamentos trabalhados nos treinos dos goleiros (Fotos: Enrico Spaggiari).

Trata-se de um aprendizado próximo ao observado no boxe por Wacquant (2002, p. 79), pelo “seu caráter repetitivo, árido, ascético: suas diferentes fases repetem-se ao infinito, dia após dia, semana após semana, com ínfimas variações”. A cada salto ou queda dos goleiros, a cada ajuste de Jaílson, um novo movimento é recriado e improvisado sempre em busca do melhor resultado. A recriação não produz formas inovadoras de executar os movimentos e sim estabilizá-los. Assim, observar, reproduzir e repetir – aqui entendidos como um *saber fazer*¹⁸⁴ (Guedes, 1997) – são etapas de um processo imperativo para a constituição de jovens futebolistas e para a produção de futuros jogadores de futebol.

Os professores procuram padronizar os comportamentos, atitudes e ações dos alunos nas atividades da escolinha, determinando momentos e espaços adequados para dribles, conversas, brincadeiras etc. Observa-se que certas formas de controle são acionadas para cercear as relações e iniciativas dos alunos. Em diversos momentos, as crianças são repreendidas por causa das conversas e brincadeiras durante o treinamento.

¹⁸⁴ Apreensão que se aproxima da análise de Guedes (1997, p.197-223) sobre a aprendizagem das técnicas corporais entre trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro.

No entanto, os jovens dentro dos campos conseguem fazer do treino um momento de diversão. Para fugir da cotidianidade, eles criam situações e formas de brincar que contrariam as regras e ordens estabelecidas. Por outro lado, as tentativas de jogadas hábeis, dribles e gestos criativos são aceitas pelos professores. Para além das imposições táticas atribuídas, as crianças e jovens procuram (re)significar as atividades futebolísticas ali vividas, articulando seriedade, obrigação tática, brincadeira e criações ou reproduções de jogadas de habilidade. Certa liberdade é essencial ao desenvolvimento das habilidades, embora o aprendizado destas seja orientado e dirigido, pois todos os momentos do treinamento são acompanhados pelos professores. Ainda que priorizem a organização tática das equipes, eles sabem que dependem da individualidade dos jovens nos jogos. Segundo Garrincha, o maior desafio, num trabalho com jovens, é construir um coletivo, com a bola passando rapidamente de um pé ao outro, em contraposição a uma atuação mais individualizada, marcada pelo improviso.

Embora os professores enfatizem a importância das regras no contexto de aprendizagem da escolinha e procurem chamar atenção e cobrar posturas e atitudes de acordo com as convenções esperadas, e assim reafirmar as hierarquias estabelecidas, observam-se formas de contestação dos jovens frente à experiência dos professores. Configura-se um aprender no enfrentamento de testes e desafios das crianças e jovens para desvelar os limites definidos pelos tutores, e assim descobrir o que é de fato permitido. Enquanto Sérgio se pauta pela rigidez no trabalho, embora em certos momentos se mostre flexível ao ignorar as risadas e folias que não atrapalhem os treinos, Zé Maria proporciona um espaço com atividades que permitem brincadeiras. Assim, em meio a essas diferentes concepções e rotinas marcadas por regras e permissões, as crianças e jovens aprendem que existem circunstâncias de limitação dos folguedos, bem como momentos para expressão da autonomia, e, desse modo, criam brechas no tempo e espaço com risos e brincadeiras, construindo uma rotina de treinamentos que, embora pautada por regras, exibe um conjunto de *pequenos prazeres* (Wacquant, 2002, p. 87). Autoridade, repreensões, mau humor, elogios e afeto se misturam nas relações diárias entre professores e alunos. Embora afirmem evitar proximidade e amizade com as crianças e jovens da escolinha, dentro e fora de campo, os professores se afeiçoam aos garotos, tanto que não desejam ser afastados da responsabilidade de treinar as turmas de que vinham cuidando há muito tempo. No ínterim das atividades da escolinha, durante os Jogos Olímpicos de 2012, quando soube

que não continuaria a treinar a equipe sub12, Zé Maria pediu para continuar com as crianças do time.

As interações entre os professores, incluindo o coordenador Jurandir, são marcadas por diversos conflitos motivados por diferenças salariais, interferência no trabalho uns dos outros, as condutas extracampus, ou seja, por desentendimentos resultantes de um longo e denso convívio cotidiano na escolinha. Os diferentes perfis e formas de trabalhar de Sérgio e Zé Maria permitem problematizar e compreender os conflitos e articulações envolvendo os professores da escolinha de futebol. Enquanto Sérgio é mais disciplinador e rígido nos treinamentos, Zé Maria tem um jeito mais paterno de se relacionar com os garotos. Nenhum deles tem formação educacional e profissional em Educação Física, porém apresentam noções exatas sobre como se aprende a “jogar bola”,¹⁸⁵ e ambos remontam a experiência com o futebol de conhecimentos arquitetados e reelaborados na prática varzeana.

Em pesquisa anterior (Spaggiari, 2009, cap.1), abordei como a construção do saber futebolístico é mediada pela atuação de professores em diferentes posições dentro de certas dicotomias orientadas por questões relacionadas à detenção de saberes e legitimidade de ensino. A primeira delas, centrada na relação teoria-prática, procurava problematizar as trajetórias, articulações e conflitos nas ações de ensino envolvendo um ex-jogador profissional e um professor de Educação Física. A segunda, focada na relação amador-profissional, abordava como as disputas envolvendo a primazia dos conhecimentos e trajetórias entre um ex-jogador profissional e um ex-jogador varzeano pautavam e interferiam na aprendizagem das crianças e jovens.

Aqui, nesta pesquisa, foco a relação entre dois professores de origem e vínculos varzeanos, porém com dois modos distintos de trabalhar e conceber o “aprender”. Um deles pautado pela incorporação de um saber relacionado diretamente aos valores e conhecimentos do futebol profissional; outro referenciado por saberes da várzea.

Sérgio nasceu e morou durante a infância em Guaianases com os pais e três irmãos. Aos 12 anos, perdeu os pais com uma diferença de seis meses: a mãe morreu de câncer no útero e o pai de cirrose. Órfão, Sérgio e seus irmãos foram enviados, pelo padre da igreja Santa Cruz, de Guaianases, para a unidade Tatuapé da antiga FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar ao Menor, atual Fundação Casa – Fundação Centro de

¹⁸⁵Na criação da escolinha, a diretoria do Botafogo buscou entre os associados e torcedores, moradores das vilas do bairro, aqueles com conhecimentos e experiência, ainda que sem formação na área, e que poderiam contribuir.

Atendimento Socioeducativo ao Adolescente.¹⁸⁶ Aos 18 anos, saiu da instituição já com uma vaga para trabalhar na CETESB – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, por causa do futebol: “Um dia, a seleção da FEBEM participou de um campeonato entre empresas e eu me destaquei. Aí o pessoal me levou para trabalhar lá por causa do futebol. Eu trabalhava na CETESB e jogava no time dos funcionários”. Porém, ficou pouco tempo na empresa. Discriminado por outros funcionários pelo passado vinculado à FEBEM, desistiu do emprego para tentar a carreira de jogador de futebol em Jacareí e Bauru, no interior de São Paulo. Sem sucesso, retornou para São Paulo, casou e teve um filho com uma garota que conhecera na FEBEM do Tatuapé, e foi trabalhar como auxiliar de almoxarifado no Moinho Santista, no bairro do Belém, Zona Leste da cidade. Após três anos no Moinho Santista, trabalhou na Tapetes Bandeirantes, depois em uma empresa de tecelagem em Guarulhos e, por fim, na Brinquedos Bandeirante, em Guaianases, em 1995, onde conheceu Adonias, atualmente vice-presidente do Grêmio Botafogo, e que já fazia parte da diretoria do clube na década de 1990.

Mesmo trabalhando, Sérgio nunca abandonou o futebol. Sempre jogou, desde pequeno em Guaianases e, depois, nas unidades da FEBEM. Foi durante nesse período que auxiliou o treinador da seleção da fundação para menores e começou a gostar de atuar na organização de equipes. Com 18 anos, já era treinador de futebol: “19, 20 anos, fui parando de ser jogador. Aí já comecei a trabalhar com criança em escolinha de futebol”. Experiência retomada posteriormente quando ficou desempregado, após um corte de funcionários na Brinquedos Bandeirante, e foi convidado por Adonias para ser professor da recém-criada Escolinha do Botafogo. Após um desentendimento com os diretores do Botafogo, Sérgio saiu e montou uma escolinha no clube rival, o Guaianases F.C., onde ajudava na preparação da equipe principal do clube varzeano: “Montamos um time forte, fomos campeões da série B, subimos para a Copa Kaiser. Deixamos o time do Guaianases na Copa Kaiser”. Descontente com o trabalho realizado na

¹⁸⁶ Em seguida, os irmãos foram separados. Sérgio foi enviado para a unidade de Iaras, interior de São Paulo. Na FEBEM teve acompanhamento de psicóloga, assistente social e pedagoga; frequentava a escola da cidade e fazia as tarefas da unidade; trabalhou primeiro no milharal e depois na cozinha. Foi castigado algumas vezes, porém diz que nunca sofreu maus tratos. Os castigos eram não assistir televisão, não jogar bola, perder as sessões de filmes, deixar de participar das festas e ficar encarregado da limpeza dentro da unidade. Após três anos foi transferido para outra unidade em São Paulo, próxima à rodovia Raposo Tavares, na Zona Oeste. Semelhante à casa de Iaras, a unidade abrigava somente órfãos e jovens acusados de infrações leves que eram redirecionados para cursos profissionalizantes. Nova transferência e Sérgio foi enviado para outra unidade do Tatuapé, considerada uma unidade modelo, onde permaneceu até os 18 anos, no começo da década de 1980.

escolinha do clube, no entanto, decidiu montar uma nova escolinha no Jardim Célia, onde também participou da organização de um time para a Copa Kaiser, que chegou a ficar entre os 32 melhores classificados na competição. O trabalho no Jardim Célia rendeu um convite para voltar à Escolinha do Botafogo, então sob coordenação de Jurandir. Após uma partida entre uma seleção de garotos de Guaianases, comandada por Sérgio, contra a equipe sub15 do Corinthians, Jurandir convidou Sérgio a retornar para a Escolinha do Botafogo.

Considerado um professor disciplinador, Sérgio valoriza a obediência à hierarquia, principalmente nas relações intergeracionais: “Tem que aprender a respeitar os mais velhos”, diz. Ele entende que o controle disciplinar permite aos alunos aprender a desempenhar funções e obrigações dentro e fora de campo, bem como ter responsabilidade. Para aprender a *saber fazer* (Guedes, 1997) é preciso obedecer, observar e escutar. A experiência na FEBEM não era um simples argumento para validar as práticas disciplinares e controle na escolinha. Sérgio aprendeu na dimensão do cotidiano vivido que esses são os princípios norteadores do universo familiar, das relações entre gerações, da lógica da cidade; dimensões, enfim, que se instituem e se articulam.

Há respeito e medo observáveis nas variações de humor e comportamento das crianças e jovens, antes e depois da entrada dos professores em campo para iniciar as atividades, seja pela interrupção das brincadeiras ou pela eclosão de um súbito silêncio e retorno a estados mais descontraídos. As crianças e jovens devem pedir autorização para as mais diversas ações dentro e fora dos campos futebol na escolinha, como beber água, buscar as bolas, ir ao vestiário etc. Para Sérgio, somente quem consegue se ajustar à disciplina consegue se fazer futebolista. Assim, aqueles que seguem da cartilha da “obediência” e do “respeito aos mais velhos” acabam por atender aos critérios estipulados por Sérgio e são privilegiados na formação das equipes competitivas – o que não implica, contudo, titularidade e papéis de destaque. O professor recorre a algumas formas punitivas, como excluir dos jogos de campeonatos, empregada somente em situações nas quais considera que as crianças e jovens, após serem advertidos, continuarão desobedientes. Por vezes, é possível observar a preocupação dos garotos em tentar agradar e obter a aprovação do professor. Após a realização das jogadas ou dos fundamentos básicos, os jovens buscam pelo menos um olhar, aceno ou sorriso. Na maioria das vezes, Sérgio não demonstra qualquer reação. Elogios são escassos, mesmo quando os jovens têm um ótimo desempenho. Em certos momentos, ele revela, de

forma mais enérgica, impaciência e irritação, principalmente com as atitudes dos garotos mais velhos, aqueles que estão vivenciando o período em que se multiplicam as atividades e se enfatiza a repetição contínua dos fundamentos e jogadas.

Sérgio prefere trabalhar com garotos entre 13 e 17 anos. “Facilita o trabalho”, diz. Os treinos de Sérgio apresentam um alto grau de cobrança e rigor. Com os meninos com menos de 13 anos, Sérgio diminuía o nível de exigência e evitava usar palavrões ou xingar. Comportamento diferente de quando treinava os garotos acima dessa idade, considerados mais experientes, com quem ele procurava impor mais sua autoridade. Para alguns familiares, o comportamento nervoso e o uso frequente de xingamentos por parte do treinador influenciam o comportamento dos jovens, afetando o desempenho da equipe: “Ele precisa aprender que o treinador tem um papel fundamental ali no campo de dar apoio emocional aos seus jogadores, passar confiança, jogar junto com eles”, comentou Roberto, pai de Ricardo [99], durante uma tarde de treinos. Os familiares reclamam, ainda, do tom de voz de Sérgio, sempre alto, ocasionando que suas críticas e broncas sejam ouvidas pelos torcedores.

Apesar dos excessos disciplinares e medidas coercitivas, Sérgio recusa o rótulo de “bravo”. Entretanto, há uma visível tensão na interação entre ele e os jovens, embora ele afirme ter um bom relacionamento com seus jogadores. O rigor e a disciplina de Sérgio tornam o treinamento da equipe de competição mais tenso nas semanas anteriores às partidas dos torneios. Tensão que transparece nas relações entre os próprios jovens numa disputa silenciosa pelas vagas de titular. Ainda que não gostem da ênfase na preparação física, eles não reclamam dos treinamentos rigorosos e exigentes, pois acreditam que trazem resultados positivos para o desenvolvimento da parte técnica e prática. Se em tais domínios o treinador é avaliado positivamente e elogiado pelos treinamentos bem estruturados, a principal crítica direciona-se ao modo de criar o ambiente de relacionamento dentro do grupo. Insatisfação que pouco é exposta ou levada adiante devido aos bons resultados que o Botafogo geralmente consegue nos campeonatos de categorias de base da cidade.

Sérgio assume um papel dominante nas equipes de competição. Como ele diz, seu trabalho pretende facilitar a adaptação do jovem recém-ingresso nas categorias de base de um clube. Seu papel seria o de corrigir vícios da prática assídua nos campos de várzea e demais espaços futebolísticos. Responsável por organizar e convocar as equipes, Sérgio se aproveita da relação mais próxima com as crianças e jovens das equipes para reforçar os laços com os futebolistas e seus familiares. Ainda que seja

considerado um treinador rígido e disciplinador, revela também uma postura paternal em relação aos jovens, notadamente com os das equipes de competição. Procura acompanhar de perto o cotidiano dos jovens, principalmente dos envolvidos com as equipes de competição; às vezes almoça e janta na casa dos jovens; é convidado para aniversários e outras celebrações.

Esse estreitamento de laços que também permite e facilita o trabalho de Sérgio como cabo eleitoral dos irmãos Senival e Luiz Moura (PT) nos períodos de campanha, quando o professor visita as casas dos alunos para conversar, falar sobre a preocupação e envolvimento dos parlamentares com a Escolinha do Botafogo, distribuir panfletos dos candidatos e registrar pedidos e demandas específicas. Tal como antecipei na primeira parte da tese, ser professor da escolinha envolve “trabalhar na política”.

A aproximação que Sérgio procura fortalecer é correspondida por diversos jovens que frequentemente enfatizam a importância do professor em seus projetos futebolísticos e além, como Márcio [95] testemunha: “Ele me incentivou muito, ensinou muita coisa, ajudou a ser um cara melhor, não só nos treinamentos, mas na vida”. “Foi no Botafogo que amadureci muito em certas situações, partidas importantes de campeonato”, comenta Ricardo [97]. Avaliação semelhante é feita por pais e mães em nossas conversas em outros espaços fora da escolinha: “Ele é um bom professor, é competente no que faz. Só precisa aprender a se comunicar melhor com a molecada, e com os pais também”, afirmou Marquinhos, pai de Bernardo [97].

É o jeito dele. Eu entendo o Sérgio. Dos caras ali do Botafogo, assim, quem faz alguma coisa, é ele. Eu mesmo, tem hora que eu não concordo com um monte de coisa, mas só que eu respeito ele. Porque ele trabalha. Ele está ali, sol a sol, dia a dia, com a molecada. O resto não. O resto só aparece quando o time vai para a final do campeonato, para sair na foto, para dar entrevista. Ele não, ele é um cara que rala. (...) Eu já bati boca. Foi coisa, assim, que eu vi ele xingando os moleques, eu não concordei. Teve um dia lá, que os moleques perderam, ele ficou xingando. Eu falei: “Pô, você está errado nisso aí. Os moleques são seres humanos. Você acha que eles perderam porque eles quiseram? O outro time tinha qualidade também”. Mas eu respeito o Sérgio. Ele briga ali, ele é do que ele é, mas ele gosta da molecada. Dá para você ver isso aí (Marquinhos, pai de Bernardo [97], trecho de entrevista)

Zé Maria, corintiano, 62 anos, 48 anos de várzea. Da infância, lembra de estar sempre com uma bola. O futebol o absorvia completamente. Almejava tornar-se jogador profissional, mas desistiu quando tinha 18 anos, pois a família não estimulava seus

planos. Destacou-se em alguns campeonatos jogando em times de Guaianases até ser chamado para atuar no time do Santa Cruz, principal equipe do bairro; foi seu momento de maior prestígio na várzea. Ouvia conselhos de outros varzeanos para tentar a carreira, mas acreditava que não tinha mais idade para fazer do futebol sua profissão. Casou e começou a trabalhar na Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo). Foi contratado como funcionário após ter sido indicado por um colega para a equipe de futebol da empresa. “Foi o futebol que me deu emprego e hoje minha aposentadoria”, afirma Zé Maria. Respeitado no bairro por sua trajetória de vida e futebolística na várzea, é membro da diretoria do 1º de Maio, clube antigo do bairro. Zé Maria demonstra saber se colocar em meio às metamorfoses do futebol varzeano, universo sempre dinâmico, ressignificado pelo surgimento de novas agremiações, disputas e conexões.

Zé Maria não se vê morando em outro lugar. Guaianases faz parte da sua história, dos bons e maus momentos; afirma que também se vê fazendo parte da história do bairro: “Aqui eu sou o Zé do 1º de Maio”. Atualmente procura se concentrar nas relações familiares. Após se aposentar na Sabesp, onde trabalhou por mais trinta anos, fez um curso supletivo e completou o ensino básico junto com um dos filhos. Continua a jogar aos sábados e domingos em equipes de veteranos de Guaianases e de municípios vizinhos, como Ferraz de Vasconcelos, Poá e Suzano; certos dias chega a jogar duas vezes. Não pretende encerrar a carreira tão logo, porém sabe que esse momento se aproxima. Será a jubilação completa. Mas dona Irene não acredita nisso: “O Zé Maria vai morrer dentro de um campo de futebol, jogando bola”, sentencia sua esposa. Convidado por Jurandir, amigo de infância e coordenador da Escolinha do Botafogo, Zé Maria aceitou atuar como professor, ensinando o que exercita há quase cinquenta anos.

Ele compreende seu trabalho na escolinha como uma forma de se manter ligado ao futebol, à várzea, dar continuidade a um “dom” que não se concretizou profissionalmente quando jovem, mas que não chegou a ser interrompido, pois permaneceu ativo no cenário varzeano paulistano. “Não consegui ser jogador, mas posso ensinar a garotada a alcançar esse sonho”, afirma Zé Maria. Uma forma compartimentada de “retribuição do dom” (Guedes, 2007),¹⁸⁷ que vem sendo restituída

¹⁸⁷ Quando a trajetória futebolística é prolongada com uma atuação também no plano pedagógico, constitui-se uma forma de o boieiro (neste caso, um veterano jogador da várzea) retribuir à sociedade (e, mais especificamente, às redes sociais próximas) --, numa lógica próxima ao princípio da reciprocidade

de diferentes modos ao longo dos anos: dedicação, gols, cumplicidade, respeito – aspectos aquilatados na várzea.¹⁸⁸ Assim, os investimentos pedagógicos de Zé Maria na escolinha podem ser compreendidos como uma retribuição do dom; contudo, uma retribuição que não entendida somente como dever de ensinar, mas também como forma de ampliar e prolongar a participação no universo futebolístico local. A experiência como treinador, portanto, está ligada a um “dom” reconvertido, fruto do constante e sistêmico contato com o futebol no transcorrer de sua vida imersa no sistema futebolístico, mas transferido para outros domínios e práticas.¹⁸⁹

Se Sérgio adota o berro para se comunicar, Zé Maria usa a voz baixa, e, se possível aborda o aluno individualmente: “O Zé sabe a hora de chamar a atenção, falar com calma, chamar de lado; ele entende o que um atleta está sentindo”, afirma Cristiano, pai de Ricardo [97]. Diversos pais e mães destacam a postura paternal de Zé Maria. Porém, ele não é de disparar elogios gratuitamente. “É mais fácil conseguir elogios do Sérgio que do Zé...”, relata Rodrigo [99]. Mas o varzeano defende o modo de trabalhar do professor Sérgio: “Nem sempre dá para falar manso. Os moleques precisam levar um chacoalhão às vezes, para se dedicarem mais”. Segundo Zé Maria, o principal é saber a hora certa de repreender e de incentivar. “Falo para eles que já passei por algumas coisas que estão enfrentando. Sei o que eles sentem após um treino puxado, sei o que eles estão sentindo antes de entrar em jogo. Aquela coisa que só boleiro tem”. Essa linguagem de boleiro, tal como o “aprender”, é construída na prática cotidiana.

Ele elabora, assim, uma forma de trabalhar influenciada pelas décadas de prática varzeana, esta assinalada por várias obrigações, quando diretores e jogadores cobravam o que estava sob sua responsabilidade. Zé Maria enumera diversas pessoas com quem conviveu e apreendeu futebol em quase cinquenta anos de várzea: veteranos de épocas anteriores, treinadores das equipes amadoras, outros jogadores varzeanos. Independentemente das mudanças nos modos de produção e circulação do

(Mauss, 2003b) -- o conjunto de dádivas (experiências, relações, trabalho) que o futebol lhe proporcionou.

¹⁸⁸ Retribuição na forma de dom que não se encontra somente no período pós-carreira, como bem apontou Toledo (2010), para quem “o atleta já vem retribuindo o dom ou frações de dom quando joga (...) dentro de campo na forma de gols e títulos aos torcedores e cifras (mercadoria) para os dirigentes, agentes, empresários dentro do regime profissional”. Haveria assim, segundo Toledo, a projeção do dom futebolístico na forma de “frações de dom” ao longo da trajetória do jogador de futebol; no caso dos professores e varzeanos aqui observados, pode-se pensar em “uma espécie de transformação do ‘dom jogar’ em ‘dom ensinar’” (Toledo, 2010).

¹⁸⁹ Conceito proposto por Bourdieu (1999) para analisar a transferência de capital simbólico entre distintos domínios.

conhecimento, a orientação de obedecer aos mais velhos e experientes permanece. Zé Maria comenta que ainda se reporta, de forma respeitosa, aos veteranos mais antigos da várzea, como Neco Baiano, que jogou pelo Santa Cruz.

Embora existam descontinuidades na atuação de Zé Maria na escolinha e no futebol de várzea, ele procura apresentar a várzea e seus códigos, reforçando assim a constituição de uma escolinha vinculada a um espaço varzeano que articula diferentes dimensões: lazer, família e competitividade. Zé Maria projeta diversas oportunidades de aprendizagem e formas de participação cotidiana que direcionam a observação e atenção dos alunos para outros aspectos do jogo considerados relevantes na sistematização do aprendizado da prática, como revelam algumas situações:

- Diversos garotos, para esquivar do treinamento, chegam atrasados e assim perdem a primeira parte dos treinos dedicada ao alongamento e exercícios físicos. Alguns elaboram estratégias para reduzir seus esforços em certas atividades e se mostram mais animados na hora dos coletivos. Quando percebe tais inclinações das crianças e jovens, Zé Maria alerta: aqueles que desejam seguir carreira no futebol profissional não poderão escapar das restrições e obrigações que envolvem os treinamentos. Postura que, segundo o professor, muda com o amadurecimento das crianças e jovens.

- Com semblante triste, Gérson [99] acompanhava a partida da equipe sub13 do Botafogo no banco de reservas. Diferente dos colegas ali sentados, Gérson não comemorava os gols, tampouco interagiu com os demais jogadores. Perguntei o motivo da cara amarrada: “(...) Fiquei de fora, sempre fico de fora”. Para consolar o garoto, Zé Maria comentou: “Já fiquei muito no banco durante minha vida na várzea”. Momentos que, segundo Zé Maria, permitem longos períodos de observação, forma de ver coisas que os que estão em campo não veem e depois fazer. Mesmo sem estar em campo é preciso ficar atento, acompanhar o jogo, pois a qualquer momento pode ser convocado a entrar. Revela-se uma aprendizagem pela observação dos demais alunos jogando que permite aos jovens melhorarem sua própria prática. Além disso, motivar aqueles que permanecem por mais tempo no banco de reservas é algo fundamental dentro de uma equipe. Ficar no banco pode implicar a perda do prazer de jogar, pois “ninguém gosta de ficar no banco”, afirma Zé Maria. Ainda que as crianças e jovens demonstrem aproveitar e se divertir ao jogar durante os treinos e partidas, Zé Maria destaca diversas vezes que é preciso jogar futebol sempre com alegria. No intervalo de uma partida da Copa Coca-Cola, o professor criticou o comportamento dos garotos: “Tem que jogar com alegria, ou não é futebol. Se eles estão felizes até o futebol fica mais bonito”.

- Zé Maria incentiva os garotos a acompanhar os jogos e campeonatos varzeanos para que estes se apropriem das experiências e orientações contidas naquele contexto. Pede sempre aos alunos que observem a postura e o modo dos jogadores de várzea se comportarem em campo. Referências varzeanas retomadas durante os treinos e partidas dos jovens pela escolinha. Nas competições, enquanto Sérgio preocupava-se com a organização da equipe, Zé Maria pedia para os jovens lembrarem de sempre respeitar o aperto de mãos, cumprimento tradicional e cordial executado por todos os atores no dia a dia da escolinha (parceiros, adversários, árbitros e outros

participantes) antes e depois das partidas. Uma das orientações mais rotineiras de Zé Maria é o acerto de postura dos jovens no momento da formação da equipe para a foto. O professor corrige constantemente a disposição dos futebolistas, divididos entre os que ficam de pé e os que ficam agachados – “lateral é da defesa, então fica de pé”, “na várzea não pode demorar tanto assim para juntar. Além de orientar a composição coletiva do time, Zé Maria pede que os jovens tenham uma “postura de jogador” para a foto: “Corpo reto, olhando pra frente”, “Tem que agachar mais, dobrar o joelho”, “O que está de pé, coloca a mão para trás”. Aspectos que os garotos também podem aprender, segundo o veterano, observando a disposição das equipes antes das partidas na várzea.

Postura do varzeano Zé Maria em um campo de futebol de Guaianases, começo da década de 1970 (Foto de arquivo).

Zé Maria apresenta outras formas de intervenção em diferentes situações e contextos, aspectos que aprendeu ao longo de sua trajetória no futebol de várzea paulistano. Sua atuação como professor na escolinha resulta de um processo de reavaliação de experiências pessoais anteriores, esportivas ou não, que passa pela valorização da experiência de prática no esporte. Ter jogado futebol, segundo Zé Maria, é uma experiência facilitadora no processo de ensino do esporte. Diversos atores desse contexto compartilham a opinião de Zé Maria. O professor Garrincha, também com larga experiência de prática varzeana, sempre diz: “Somente quem jogou bola, sabe”. Para eles, os ex-jogadores têm vantagens na posição de treinador: “Como alguém que não sabe nem chutar uma bola pode ensinar um moleque? Se não sabe dominar uma bola e outras coisas básicas, não vai saber como ensinar os moleques a dominarem a bola”, afirma Zé Maria.

Neste processo de reconversão de jogador a professor (e treinador), Zé Maria procura dar continuidade às situações de aprendizagem em contextos informais que aprendeu na várzea. “Na minha época, a gente marcava as linhas do campo com cal. Então, andando pelo terraço, com o saco de cal, dava para conhecer o campo inteiro, cada detalhe, os buracos, pedregulhos”.

O conhecimento varzeano contribui para o aprendizado de como se portar frente situações rotineiras de jogo, mas compreendidas dentro do domínio das jogadas violentas e viris, como empurrões, choques, carrinhos e desavenças dentro de campo. Para Zé Maria, o futebol de várzea ensina os momentos certos e oportunos de reagir às provocações; de exibir força e virilidade; de demonstrar emoções e sentimentos; de fazer brincadeiras e zombarias.

Portanto, o repertório de conhecimentos varzeanos incorporados não se reduz aos fundamentos técnicos e táticos. Fonte de distintos saberes, a várzea revela uma complexidade de experiências construída e reconstruída nas relações cotidianas que abrange também questões de atitude e temperamento. Se nos treinos é preciso evitar xingamentos e palavrões, nos jogos tudo é aceito e exacerbado. Em 2013, antes de uma partida decisiva da etapa nacional da Copa Coca-Cola, César Magrão, pai de Luciano [99] e diretor do clube varzeano Coroa de José Bonifácio, entrou na roda de preleção organizada por Sérgio e fez uma fala exaltada sobre como deveria ser a atitude dos jovens em campo. Para incentivar os jovens futebolistas, Magrão acionou um portfólio discursivo elaborado a partir da longa experiência varzeana, como se estivesse abordando os jogadores do Coroa durante uma partida da Copa Kaiser: “Tem que

mandar tomar no cú, mandar se fuder”; “Se precisar gritar com o companheiro de time, grita, chama de filho da puta!”.

Ainda que diversos jovens afirmem preferir não misturar suas práticas e trajetórias com o futebol de várzea, pelo fato de o avaliarem como um universo desentoadado daquilo que pretendem alcançar como profissionais, a maioria mostra-se receptiva ao que os professores procuram compartilhar, recriando certos valores da geração anterior. Aqueles que aprenderam na várzea são considerados exemplos para as crianças e jovens, aptos a participar da construção do conhecimento futebolístico na escolinha. Zé Maria entende que seu prestígio, experiência e atuação na várzea qualificam seu trabalho como professor na escolinha pelo fato de ter vivenciado situações próximas às que as crianças e jovens enfrentam na constituição como futebolistas. O contato com os veteranos varzeanos evita que o jovem percorra itinerários sinuosos já trilhados por outros que também se dedicaram ao futebol em períodos anteriores. Portanto, para “aprender” a jogar futebol é necessário atentar ao modo como fazem outros praticantes experientes, seguir os passos daqueles que acertaram para não cometer os mesmos erros que outros varzeanos cometeram.

As propostas dos professores revelam diferentes concepções sobre o papel do professor (e treinador) de futebol. O modelo concebido por Sérgio revela linhas de trabalho que reproduzem formas de relações próximas a de um modelo escolar e recriam, de forma semelhante, os rituais escolares do cotidiano das periferias de São Paulo, por um lado, de aprendizado por meio da disciplina, respeito e autoridade, e, por outro, pelas formas de resistência e apropriação dos alunos por meio de brincadeiras, piadas e “zoeiras” para desestabilizar “as relações-padrão do cotidiano escolar” e “causar” (Pereira, 2010, p.177). Se Sérgio considera a disciplina e obediência fundamentais para regular as disposições infanto-juvenis, seja durante as atividades, seja nos momentos de formação das equipes e dos times titulares, Zé Maria adota uma postura mais flexível, permitindo momentos de brincadeira e diversão – sobretudo antes e depois das atividades esportivas –, mas não deixa de enfatizar a importância do respeito às regras formuladas pelos adultos e da organização de um trabalho com atividades e horários definidos. Portanto, ainda que pautado por regras de conduta da escolinha (disciplina, seriedade, dedicação), o modelo de Zé Maria pressupõe também um lugar de negociações, que permite às crianças e jovens resistirem às intervenções e controles do padrão institucional que inspira a sua configuração. A convivência das diferentes propostas evidencia como a esperada diferenciação entre seriedade e

brincadeira, regras e permissões, é rearticulada na dimensão cotidiana de um processo assinalado por conflitos e divergências entre gerações.

Embora não desvalorize as trajetórias e conhecimentos dos varzeanos, pois inclusive é um deles, Sérgio questiona as propostas pedagógicas de ensino defendidas por Zé Maria. Acredita que o fato de ter jogado não confere legitimidade para alguém exercer com habilidade a docência, pois saber jogar e ter praticado não avaliza a capacidade para o ensino. Sérgio afirma que treinar é diferente de jogar.¹⁹⁰ É preciso ter conhecimento teórico e experiência na função de treinador. Ainda que diversos ex-jogadores atuem como treinadores nas categorias de base dos clubes ou nas equipes profissionais, para Sérgio, as experiências acumuladas de campo não garantem um bom trabalho como treinador, pois muitos dos conhecimentos obtidos ao longo da trajetória na várzea já estão ultrapassados. “Não basta ter praticado e não pode ficar desatualizado”, afirma.

Antigamente você tinha espaço para jogar bola. Era mais fácil você jogar bola. Os adversários não chegavam muito duro na bola, você não era muito bem marcado. Você tinha espaço no campo para jogar bola. Hoje não. Hoje, a cada dia que passa, fica mais difícil de jogar bola. Hoje os treinadores foram adquirindo mais experiência, foram se aperfeiçoando mais, em termos de tática, de fundamentos, de posicionamento em campo, de marcação, de força. Hoje, o futebol é mais força. São poucos jogadores que têm técnica no futebol brasileiro. Você conta no dedo jogador que tem técnica. Hoje é mais força, mais pegada. Futebol hoje é mais marcação. (Sérgio, professor da Escolinha do Botafogo)

Para Sérgio, é preciso sempre adquirir novos conhecimentos, se aperfeiçoar, pois o conhecimento adquirido na prática num determinado contexto não meramente se transpõe para outro, ainda que a construção do conhecimento se mostre transitória e fugidia, longe de se encaixar em um padrão linear, abarcando diversos espaços e atores.

Tais disputas entre diferentes tipos de construção de conhecimento apontam para uma hierarquização entre os ditos saberes dos profissionais e dos varzeanos. Sérgio

¹⁹⁰ Tal como no futebol profissional e nas categorias de bases de clubes, onde se percebe diversos ex-jogadores atuando como treinadores de futebol, as escolinhas de futebol de clubes amadores abrigam ex-jogadores varzeanos sem ou com pouca formação acadêmica. Um cenário de treinadores dominado por ex-jogadores, legitimados pelos conhecimentos e conteúdos advindos da prática profissional como jogador, mas composto também por profissionais com formações teóricas e específicas na área (fisiologistas, educadores físicos). A gestão esportiva e a produção midiática no Brasil também incorporam ex-atletas, treinadores, árbitros aos seus quadros de assessores e funcionários, seja com cargos administrativos, de comentaristas, cronistas etc.

observa a atuação e informações repassadas pelos treinadores do São Paulo no contato com os jovens da escolinha por considerá-los mais experientes e possuidores de conhecimentos superiores no ensino de futebol. Afirmar que o São Paulo é o clube que mais produz jogadores e faz a melhor transição base-profissional no Brasil. A atuação dos treinadores serve como modelo a Sérgio, que afirma estar sempre em busca de novos conhecimentos, ampliando seu repertório, incorporando também comportamentos: “Muitos treinos que eu dou agora aprendi com o Alberto, com o Zé, com o Baresi... Eu procuro sempre estar ali, colocando em prática com a molecada, aquilo que eu aprendi com eles”.

A partir do contato com os treinadores das categorias de base do São Paulo, Sérgio afirma que mudou quase todos seus conceitos para a elaboração dos treinamentos. Após esse período, realizou um curso e acompanhou palestras do Conselho Regional de Educação Física (CREF) em busca de certificação profissional na modalidade, promovidos por uma associação esportiva especializada. Bancado pelo vereador Senival Moura (PT), de quem foi cabo eleitoral nos períodos eleitorais, Sérgio fez um curso para obter o certificado do CREF. No curso, o professor do Botafogo teve acesso a metodologias de ensino de Educação Física, campos de atuação de professores e educadores físicos, pedagogia ambientalista e construtivista, noções sobre motricidade, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), história e psicologia do esporte, liderança e ética profissional. A cada semana de aula, Sérgio retornava para a escolinha expondo tudo que aprendera para se diferenciar dos demais professores. Pronunciava saber quando a profissão de Educação Física foi regulamentada (Lei n. 9.696/98, 1998), quando foram criados os Conselhos Federal e Regionais, quais são as competências e atribuições dos profissionais de Educação Física, quais áreas, professores educadores têm o direito de ministrar aulas sem a obrigação de se filiar aos CREFs etc.¹⁹¹

Nesse sentido, para Sérgio, a experiência da prática varzeana não é suficiente. É preciso ter acesso a conhecimentos mais específicos sistematizados nos programas de cursos de Educação Física. Por isso, deseja continuar participando de workshops e oficinas para atualizar e ampliar conhecimentos. Pretende fazer novos cursos, investir

¹⁹¹ Somente os profissionais filiados aos CREFs de suas localidades podem lecionar em cursos de Educação Física e atuar em projetos sociais esportivos relacionados a diversas atividades. O debate sobre a submissão às regulamentações e imposições do CREF envolve uma discussão sobre quem detém saberes no campo das atividades físicas.

em estudos, ter mais embasamento teórico, buscar conteúdos didáticos, ter contato com conhecimentos multidisciplinares, conhecer a legislação vigente, não só para aperfeiçoar seu trabalho como professor da escolinha, mas também para investir na carreira de treinador de futebol. Assiste às partidas pela TV não só para acompanhar o São Paulo F.C., ou se manter atualizado sobre o que acontece no cenário futebolístico, mas também para observar o trabalho e comportamento dos treinadores. Relata que aprende observando treinadores que ele considera referências na área, como Parreira, Felipão, Tite e Luxemburgo. Gosta de ler reportagens que detalham as trajetórias dos treinadores, saber como eles chegaram ao futebol profissional. Sonha em um dia trabalhar no São Paulo ou em outro clube profissional: “Quem sabe como auxiliar técnico de uma equipe sub13 ou algo do tipo”, afirma.

As relações e situações observadas na escolinha revelam certas práticas pedagogizadas de ensino, mas não necessariamente pautadas por relações assimétricas fixas entre aqueles que ensinam e os que aprendem (Faria, 2008, p. 210). Ainda que bem definidos, os papéis dos professores e alunos atravessam imbricações pontuais, porém significativas. Dotados de um *saber-poder* (Wacquant, 2002, p.147), porém desnorteados frente a um universo futebolístico assinalado por novos sentidos, experiências, bricolagens, visualidades e virtualidades, os professores também vivenciam processos de aprendizagem. Crianças e jovens ensinam os mais velhos a dar carrinhos sem queimar a perna no campo sintético; repassam dicas de equipamentos esportivos mais modernos; demonstram como acessar a internet para fazer inscrições e conferir a tabela de campeonatos; atualizam os professores sobre rotas mais rápidas para deslocamentos por automóvel, transporte público etc. Trata-se, portanto, de um processo de circulação e obtenção de conhecimento continuamente reapropriado no qual as posições, em alguns momentos, se invertem na dinâmica do aprendizado, quando professores-treinadores também assumem a posição de aprendizes.

Portanto, a análise das práticas, trajetórias e relações entre Sérgio e Zé Maria, dois dentre os atores responsáveis pelo processo de aprendizagem no Botafogo, ambos vinculados ao universo varzeano de Guaianases, revela a eficácia simbólica da prática frente aos aspectos teóricos de um aprendizado que se dá pela corporalidade na relação com os professores e colegas mais experientes, dentro e fora do jogo, bem como frente às percepções de masculinidade elaboradas nas relações com varzeanos do bairro e garotas da escolinha, em um processo de incorporação de habilidades, conhecimentos e

valores produzidos nas práticas cotidianas que não se reduzem às esferas do sistema futebolístico.

4.5 – “Tem que jogar como homem”: masculinidades e feminilidades no futebol

A figura dos jogadores profissionais, principalmente os dos grandes clubes brasileiros e estrangeiros que compõem o sistema futebolístico, tem um grande impacto no imaginário brasileiro e mundial. Trata-se de uma projeção orquestrada pelo universo espetacularizado e pela “história de vida de muitos jogadores profissionais bem-sucedidos, difundida amplamente pelos meios de comunicação de massa” (Guedes, 1998, p.64).

Revela-se uma admiração pelo sucesso que esses jogadores, muitos deles de origem pobre, conseguem nos clubes europeus. O sucesso destes jogadores alimenta não só o sonho da carreira no futebol (Damo, 2007; Rial, 2008), como também a vida cotidiana das crianças e jovens, projetada em produtos que desejam e almejam comprar.

As composições midiáticas do sistema futebolístico – partidas, reportagens, propagandas, moda –, ao transferirem e redefinirem significados da vida cotidiana dos consumidores, objetificam estilos de vida atrelados aos jogadores de futebol: uma vida de ostentação, conforto, sucesso, prosperidade e alegria. Os jovens futebolistas criam estilos de vida próprios a partir da imagem do jogador de futebol por meio do consumo de diversos produtos, aqui considerados *símbolos de prestígio* (Goffman, 2004, p.13), formas de categorizar as expectativas em relação aos outros, as pessoas, suas características, experiências sociais e atributos considerados importantes dentro e fora do sistema futebolístico. Ter a chuteira utilizada por jogadores famosos significa se aproximar de certos valores e qualidades idealizados pelos jovens futebolistas; permite desfrutar de relances do que é ser um jogador de futebol, ao mesmo tempo em que oferece possibilidades – pontuais e efêmeras – de momentos e posições diferentes das que vivenciam nas condições atuais. A adoção de *símbolos de prestígio* é também de uma forma de deixar de ser estigmatizado (Goffman, 2004, p.40).

Nas conversas diárias, os garotos citam diversos itens de consumo que comprariam com os sonhados altos salários recebidos pelos jogadores no mercado europeu, bem como em outros países: carros importados, roupas de marcas caras, bonés

e outros acessórios; os melhores telefones celulares e jogos eletrônicos, viagens para diversos países etc.¹⁹² Durante os treinos, as crianças e jovens trocam dicas, informações e dão conselhos aos mais novos sobre chuteiras. Lançamentos e compra de chuteiras são tema de conversa antes e durante os intervalos dos treinos, embora a maioria deles possua apenas uma chuteira, e só comprem ou ganhem uma nova quando esta desgasta ou rasga. Falam sobre marcas, cores e tipos de travas (metálica ou de borracha). Não se trata, contudo, de um consumo desmedido, de compras sucessivas de novas mercadorias disjuntas da renda mensal individual e familiar. Os modos de consumir se articulam à necessidade de garantir aquilo que é mais imediato para a vida cotidiana. Novos consumidores, criados ou fortalecidos pelo aumento de renda e de consumo das famílias pobres observado nos últimos anos, esses jovens empregam o dinheiro que recebem trabalhando, executando pequenas tarefas ou como mesada no consumo de objetos e símbolos de apelo juvenil relacionados à distinção social, em produtos para cuidar da aparência física ou nas atividades de lazer dentro ou próximas ao bairro. Frente ao pouco acesso a equipamentos de lazer, os shoppings são os lugares mais frequentados por eles. Os jovens de Guaianases percorrem dois shoppings com mais regularidade: o Shopping Metrô Tatuapé e, mais recentemente, o Shopping Metrô Itaquera, inaugurado em 2007. A ida ao shopping para passear, comer na praça de alimentação, comprar ou somente olhar as vitrines das lojas é considerada uma forma de lazer. Ressaltam, porém, que fazem compras com frequência somente em lojas populares, como as Lojas Americanas e C&A, espaços com preços mais acessíveis e onde não precisam ter contato com vendedores e seguranças, evitando assim possíveis constrangimentos.¹⁹³

A mídia esportiva desempenha um papel central no processo de atualização do mercado de bens de consumo materiais e simbólicos relacionados ao futebol. As reportagens e manchetes esportivas sobre jogadores profissionais, principalmente

¹⁹² Os salários altos não se restringem aos clubes europeus. Em 2011, Ronaldinho Gaúcho e Deco, atuando respectivamente por Flamengo e Fluminense, apareciam na lista dos cem jogadores mais bem pagos do futebol mundial, conforme levantamento do site português *Futebol Finance*. O primeiro com recebimentos no valor mensal de R\$ 954 mil, e, o segundo, de R\$ 762 mil. Naquele ano, o primeiro da lista, o português Cristiano Ronaldo, recebia por volta de R\$ 2, 2 milhões mensais do Real Madrid; o segundo da lista, o argentino Lionel Messi recebia pouco mais de R\$ 2 milhões do Barcelona. Cf. “Ronaldinho Gaúcho e Deco estão entre os 100 jogadores mais bem pagos do mundo”, <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/04/26/ronaldinho-gaucha-e-deco-estao-entre-os-100-jogadores-mais-bem-pagos-do-mundo.jhtm>>. (Acesso em: 05/05/2011).

¹⁹³ Sobre o shopping como espaço de consumo, sociabilidade e mobilização política, conferir Pereira (2014) e Frúgoli Jr. (2008).

aqueles de origem humilde, nutrem as trajetórias dos jovens futebolistas, que observam continuidades em suas vivências com as daqueles que os inspiram. Reportagens que impulsionam desejos e sonhos dos garotos, bem como fortalecem os alicerces de construção dos projetos familiares. Ao mesmo tempo, ajudam a mascarar as dificuldades, restrições e obstáculos enfrentados por grande parte dos jogadores, que vivenciam um cenário distante do imaginário futebolístico ostentoso, veiculado pelas diferentes mídias e tecnologias de redes sociais, e desproporcional às projeções de mobilidade social e ascensão econômica.¹⁹⁴

Dentre os jogadores, Neymar – ex-jogador do Santos F.C., atualmente no Barcelona – é a principal referência para os meninos e garotos da escolinha. Se comparada à pesquisa de campo anterior, realizada em 2007 e 2008, quando observei uma profusão de jogadores consagrados como ídolos pelas crianças e jovens da Zona Leste de São Paulo (Spaggiari, 2009, p.30), a etnografia atual revela um período marcado pelo predomínio do culto à figura de Neymar, fazendo de outros jogadores meros coadjuvantes, já que transformado em ídolo esportivo do momento, espaço ocupado por diferentes jogadores em outras épocas. Tal jogador tem sua posição de destaque definida não apenas pela performance em campo, mas por uma conjuntura midiática. Mais do que outros jogadores, sua figura de ídolo midiaticizada influencia uma juventude que reproduz sua postura, movimentos, dribles e formas de execução das jogadas, ao mesmo tempo em que almeja alcançar as mesmas qualidades e atributos distintivos. Contemplam Neymar como um jovem possuidor do “dom” futebolístico que conseguiu alcançar a condição de um dos melhores jogadores do mundo por mérito e competência individual e coletiva. Projetam seus futuros na trajetória de um jovem associado ao sucesso e riqueza. Porém, mais do que um talento esportivo com ótimo desempenho nas competições, observa-se um caso de marketing esportivo, com a produção do ídolo em peças publicitárias diversificadas que exploram a imagem do jogador.

O problema, segundo o professor Sérgio, surge quando a representação é incorporada nos treinamentos e partidas: “Eles começam a levar a sério e achar que são

¹⁹⁴ Segundo Leite Lopes (1994), o jornalismo esportivo se consolidou na década de 1930, conforme o crescimento da popularidade do futebol na transição do amadorismo (ou “amadorismo marrom”) ao profissionalismo. Neste período, a atuação do jornalista Mario Rodrigues Filho foi fundamental no processo de popularização do futebol, não só na sua condição torcedora, mas também na crescente inserção de jogadores pobres e negros nos clubes que integravam as grandes ligas da época (hoje lidos pela concepção de futebol profissional).

tão bons quanto o Neymar, só porque estão parecidos com ele”. As recorrentes tentativas das crianças e jovens de reproduzirem embaixadinhas e lances de efeito com a bola durante ou fora do tempo de jogo não são proibidas, embora muitas vezes repreendidas. “É isso aí, o moleque sabe fazer mil firulas, faz embaixadinha até sentado, mas não sabe dar um passe certo”, reclama Sérgio durante uma partida da Taça Cidade de São Paulo. Ser habilidoso e saber jogar são duas coisas diferentes. Aqueles que conseguem fazer embaixadinhas e floreios com a bola muitas vezes não conseguem repetir o mesmo desempenho nas dinâmicas de jogo dentro de campo. Diferenciação essa que foi explicitada com a presença de um jovem praticante de futebol freestyle¹⁹⁵ durante uma tarde na escolinha em 2011 por conta de uma campanha de promoção da Copa Coca-Cola. Nessa ocasião, o jovem percorria as turmas de alunos, exibindo suas habilidades ao lado de uma modelo que também fazia embaixadinhas, porém poucas.¹⁹⁶

As crianças e jovens não tentam apenas reproduzir os malabarismos do Neymar. São influenciados e se mostram extasiados com os penteados, cortes de cabelo, comemorações de gol, vestimentas de grife, além dos diversos apetrechos; tudo que está relacionado a Neymar (bem como às marcas que o mesmo representa como garoto-propaganda). A apreciação de apenas uma tarde de treinos é suficiente para revelar a miríade de diferentes tipos e cortes de cabelo, muitos deles copiados dos jogadores profissionais, principalmente de Neymar. As diferentes expressões dos cabelos se orientam pelos sucessivos e diferenciados cortes adotados pelo jogador: moicano, liso, arrepiado etc. Conforme o corte de cabelo do Neymar muda, crianças e jovens de diferentes idades também aparecem com variações de cortes, dentre os quais o visual moicano é o mais copiado. Nas conversas antes, durante e depois dos treinos, os garotos compartilham com os amigos e colegas modos de arrumar o cabelo. Termos como “tinturas”, “chapinha”, “colorir” e “alisar” fazem parte do dia a dia da escolinha. Ainda que em alguns momentos contem com a ajuda dos pais e mães, afirmam que arrumam sozinhos seus penteados carregados de gel. Preocupam-se com a aparência e recorrem a procedimentos estéticos – produtos cosméticos, cortes de cabelo, compra de acessórios

¹⁹⁵ Futebol Freestyle (Futebol Estilo Livre), também chamado de Street Style (Estilo da Rua), é uma modalidade na qual o jogador demonstra criatividade e habilidades ao realizar diversas manobras e sequências de manobras com a bola. Seus praticantes, os “freestylers”, participam de competições, eventos esportivos, programas de TV, feiras etc.

¹⁹⁶ Um dos garotos, André [97], ainda que impressionado pelo portfólio de truques exibidos pelo rapaz do freestyle, exaltou o desempenho da modelo, mas condicionando-o a uma certa inabilidade feminina: “para uma mulher, até que ela manda bem”. Voltarei a essa questão logo mais.

e adornos–, principalmente nos momentos de disputa de partidas em competições, quando são mais observados. A preocupação com a aparência, disseminada também pela forte influência da mídia esportiva no imaginário esportivo – bem como a moda, que utiliza a imagem de jogadores de futebol nas publicidades e os vincula a diversas marcas –, está relacionada diretamente à vaidade, mas também a determinados tipos de masculinidade, composta por valores arrolados por certos tipos de arquitetura corporal.

Portanto, inspirados por jogadores de futebol, principalmente Neymar, as crianças e jovens reproduzem uma corporalidade esportiva: os modos de se vestir, de se comportar, gostos, atitudes, virilidades. Os jovens transformam seus corpos, mudam de aparência e incorporam outros pontos de vista sobre si mesmos num processo de construção e desconstrução constante da pessoa: “É legal usar o cabelo diferente, todo mundo fica me olhando”, comenta Jonathan [96]. Nesse recorte transformacional, a compra de produtos relacionados aos jogadores de futebol, considerados modelos de identidade masculina, revela não só a identificação entre o consumidor e o produto, mas também o consumo de imagens, estilos de vida e corporalidades específicas que contribuem para a constituição dos jovens futebolistas e suas formas de atuação no mundo social. Não se trata apenas, porém, da elaboração de uma região de fachada (Goffman, 1985, p.101),¹⁹⁷ embora seja uma representação identificável no vestuário, aparência, expressões corporais e formas de linguagem. O processo de ornamentação e manipulação corporal das crianças e jovens revela, sobretudo, uma personificação de signos atrelada a um processo frenético de constituição de futebolistas que não se limita aos domínios atrelados à configuração do jogo.

Para os professores e varzeanos, certas ações e comportamentos não se mostram adequados aos modelos de masculinidade esperados. Sabem que defendem uma perspectiva nostálgica, vinculada a certas tradições, crenças e valores que diferenciam a prática futebolística de hoje daquela que vivenciaram antigamente. Estranhamento explicitado ao questionarem o fato de os jovens gastarem tanto dinheiro em roupas, chuteiras, bonés e tênis de determinadas marcas, bem como os modos de cuidar do corpo e do cabelo. Zé Maria afirma que tinha somente uma roupa boa e nova, camisa e calça de tecido, utilizada nas missas aos domingos e para ir a festas do bairro: “(...) as demais roupas, eram remendadas com pedaços de diferentes panos”, afirma. Além

¹⁹⁷ Expressão utilizada por Goffman para analisar o lugar de execução da representação intencional ou inconsciente acionado pelos indivíduos perante àqueles que os observam (Goffman, 1985, p. 29).

disso, recriam certas condutas consideradas impróprias nas dinâmicas relacionais dentro e fora da escolinha, como passar creme e pintar o cabelo, e criticam o tempo e dinheiro gastos pelos jovens nos penteados desenhados principalmente nos momentos de competição, bem como a preocupação com os cabelos durante as atividades. Para os professores, cuidar da aparência e utilizar adornos são formas acionadas pelos jovens como elementos do se fazer e reconhecer futebolista num processo de identificação com os jogadores profissionais. Revelam, assim, uma imagem estereotipada do jogador de futebol que nem sempre está relacionada às práticas dos jovens, visto que estes reinventam os significados dos produtos. Elementos que são significados pelos professores como próprios dos jogadores de futebol, mas que também estão relacionados ao funk ostentação, estilo musical pautado por letras veiculadas em clipes no YouTube de diversos artistas que enfatizam a ostentação de dinheiro, carros de luxo, roupas de grife, tênis, anéis e colares, bebida importadas, perfumes, óculos escuros, boné e artigos de luxo. Signos de consumo e bens materiais observados também na valorização da figura do jogador de futebol.¹⁹⁸ Deste modo, observa-se uma masculinidade composta por valores relacionados principalmente à estética corporal, tradicionalmente entendidos como femininos, e que se afasta dos signos de uma imagem masculina convencional observada no futebol varzeano.

Espaço de homossociabilidade e de certo modelo de masculinidade (Damo, 2007), o futebol – e o mundo dos esportes, de modo geral – é um fenômeno dominado pelos homens, pautado por valores masculinos e estruturado a partir de relações de poder que promovem desigualdades de gênero e sexualidade – dois fortes marcadores sociais nas relações esportivas – e, por conseguinte, condições assimétricas de atuação e

¹⁹⁸ Não cabe aqui uma análise detalhada sobre a importância do funk ostentação entre os futebolistas, mas faço algumas considerações. Estilo musical difundido em São Paulo, principalmente entre os jovens pobres, o funk ostentação está presente na interação das ações cotidianas do bairro e é uma das principais formas de lazer dos jovens de Guaianases. Leandro [96] não só frequenta, como também ajuda a organizar bailes funk aos fins de semana em determinados locais do bairro, como ginásios, salões e praças. Gosta do som alto, de dançar, beber cerveja e vodka, conquistar garotas e admirar os carros e motos exibidos pelos proprietários que não economizam no volume dos barulhentos motores. Quando perguntei data e local do próximo baile, Leandro afirmou que procurei a pessoa certa, pois os bailes não muito divulgados, optando-se mais pelo boca a boca, para assim evitar a presença da polícia. Segundo o jovem, os bailes são observados e coibidos pela polícia, que os mapeiam com base em denúncias de vizinhos incomodados com o barulho e a densa movimentação de pessoas e carros. Assim, os bailes não têm pontos fixos, circulam, trocando constantemente de lugar no bairro. Outro jovem da escolinha, Pedro Paulo [95], compõe e canta nos bailes funk da região. Durante os treinos cantarola para os colegas suas músicas apinhadas de conotações eróticas, sobre a mulher e a sexualidade feminina, ao tráfico de drogas, e aventura-se, de vez em quando, a escrever “proibições”. Diferente de Leandro, que almeja conseguir, por meio do futebol, um carro com aparelhagem de som sofisticada, Pedro Paulo pretende fazer do funk sua profissão, meio de sobrevivência e consumo.

movimentação no universo esportivo. Espaço de construção da masculinidade, o esporte moderno, desde seu início na Inglaterra do século XIX, opera com construções hegemônicas do masculino, ainda que sob outras construções simbólicas. Tal como outras práticas esportivas modernas, o futebol é assinalado por instituições e espaços de poder onde o gênero e a sexualidade são constituídos e reproduzidos dentro de um sistema no qual a matriz heterossexual é a norma (Butler, 2003).

As representações hegemônicas e normativas podem ser observadas em diversos planos que atravessam o sistema futebolístico, seja na dimensão espetacularizada e midiática do fenômeno, ou em suas formas cotidianas, como na escola e na família.¹⁹⁹ Como fenômeno midiático, o futebol é um agente expressivo na construção de representações sobre masculinidades, como uma *tecnologia do gênero* (De Lauretis, 1994) que, articulado a outros aparatos, discursos e práticas sociais, institui e reforça representações e concepções hegemônicas sobre o gênero. É possível observar inúmeras formas de representação que surgem da coexistência – ainda que controladora – de um modelo de masculinidade hegemônica e outras formas de masculinidades. Vale destacar o advento do estereótipo da “metrossexualidade” no sistema futebolístico frente aos padrões heteronormativos. Uma análise sobre a construção das representações midiáticas vinculadas aos jogadores metrossexuais levanta questões sobre múltiplas formas de masculinidade que confrontam um modelo hegemônico – pautado pela virilidade, heterossexualidade, poder e dominação.²⁰⁰

O universo das práticas esportivas apresenta construções simbólicas associadas a valores tidos como masculinos, como virilidade e força. Inseridas nele, crianças e jovens aprendem e corporificam gestos e técnicas no treinamento esportivo da escolinha de futebol, modelando performances masculinas generificadas. Os jovens, mais do que as crianças, devem corresponder à masculinidade esperada conforme se aproximam da maioridade, por vezes, como reprodução das formas varonis observadas no futebol de

¹⁹⁹ Sobre a relação do futebol com masculinidades e feminilidades, conferir Faria (2008) e alguns apontamentos de Damo (2007). Sobre as formas de masculinidade em conjunturas de aprendizagem esportiva, ver Guedes (1998).

²⁰⁰ Apesar de ainda ser considerada uma ameaça a um modelo de masculinidade hegemônica, a ideia de metrossexualidade está ligada a uma masculinidade heterossexual. O ex-jogador inglês David Beckham, famosa representação midiática do estilo metrossexual do universo esportivo, garoto-propaganda de várias marcas e produtos, mas reconhecido pelo talento dentro de campo, é presença constante em peças publicitárias vinculadas à moda e consumo, planos tido como feminilizados. Beckham, porém, mantém outras características basilares da masculinidade hegemônica e preserva a matriz heterossexual ao combinar vaidade, sensibilidade, confiança, força e virilidade. Assim, a metrossexualidade é um exemplo de flexibilização dos padrões hegemônicos de masculinidade, mas que reafirma a ordem heteronormativa no universo esportivo contemporâneo.

várzea local. Devem exibir virilidade, coragem, agressividade e força, mas somadas aos atributos valorizados em um futebolista, como velocidade, destreza e agilidade. Ao mesmo tempo em que certas demonstrações de emoção são proibidas, a depender do contexto, exceto nas lágrimas que escapam nas vitórias e derrotas e nos choros relacionados a dores e contusões, outro conjunto de contatos corporais é permitido em diversas situações, inclusive com mais demonstrações de afeto e maior proximidade, como abraços ao substituir um colega de equipe durante o jogo e certos movimentos corporais em comemorações, inclusive com toques e formas de exibicionismo que não são aceitos em outras situações.

Garotos mais tímidos, introspectivos ou emotivos são alvos de zombaria por serem tomados como figuras feminilizadas. São tratados com violência por transgredirem as normas masculinas do sistema futebolístico. Esses pontos de contato com o que é concebido como feminino nessas fronteiras de gênero sugerem sinais de impotência e fraqueza. Marco Antônio [99] é alvo de zombarias consecutivas por causa da voz fina; o “cai-cai”²⁰¹ recursivo de Leonardo [98] é associado à fragilidade de quem não suporta divididas mais ríspidas; Bruno [00] é chamado de “chorão” por não aguentar as críticas mais duras dos professores etc.²⁰² Portanto, qualidades e atributos tidos como tipicamente do domínio do feminino não podem aparecer dentro do campo de jogo ou mesmo em certas situações cotidianas. São consideradas fraquezas que não se alinham ao contexto da performance esperada de um candidato a futebolista, tampouco se enquadram na representação de masculinidade observada no sistema futebolístico.

Um modo particular de relacionar corpo e masculinidade é observado, por exemplo, na tolerância e desprezo à dor que os garotos vivenciam nos treinamentos e jogos, quando devem enfrentar machucados e lesões – sacrifícios do corpo e sofrimento no esporte (Rial, 1998, p.248) – com expressões de virilidade e masculinidade; tal como também observou Wacquant (2002) na construção do *habitus pugilístico*.²⁰³ Um

²⁰¹ Queda ou simulação de contusão para forçar a marcação de faltas ou uma punição ao adversário.

²⁰² O choro tem diversos significados no sistema futebolístico, inclusive em seu plano profissional, como a negatividade com que o choro “exagerado” dos jogadores da seleção brasileira em diversas partidas é encarado em diferentes situações: durante o hino brasileiro, em comemorações de gols, antes de disputa de pênaltis, após vitórias.

²⁰³ Apesar de não ter como foco a questão de gênero, Wacquant (2002) descreve a construção de um modelo de masculinidade do boxeador negro dos guetos de Chicago – o que denomina de “*habitus pugilístico*” – ancorado num conjunto de práticas individuais e coletivas ligadas a um padrão heteronormativo: força física, dor, heterossexualidade.

“aprender” que exige não só persistência, mas também o padecer e a tolerância à dor proporcionada dentro uma rotina fatigante de deslocamentos, corridas, machucados e contusões. Um processo de aprendizado que submete os jovens a aguentar apanhar calado, sem reclamar da violência, exibindo resistência; mas que permite o troco, ser esperto e devolver a pancada, a vingança faz parte das regras do jogo. Dessa forma, reafirmam a masculinidade, coragem e valentia dentro de campo, demonstrando assim honra e hombridade na luta pela vitória. Portanto, coragem e valentia são valores fundamentais na construção das identidades masculinas em várias esferas de relações cotidianas, dentro e fora de campo, e não só no plano do discurso.

Trata-se, assim, de um universo no qual a heteronormatividade se impõe como forma compulsória de sexualidade por meio de diversas normas regulatórias que transformam e manipulam os corpos dos jovens esportistas como seres generificados (Butler, 2003). Ao mesmo tempo, evidenciam-se algumas formas de flexibilidade nos dispositivos da masculinidade esperada, dentro de um complexo paradigma masculino, mas que é ressignificado pelas crianças e jovens nas relações travadas dentro e fora dos espaços futebolísticos, onde reinventam o lugar do masculino, as formas de ser homem; assim, produzem diferentes masculinidades para além de certa masculinidade hegemônica.

É possível observar a construção de formas específicas de feminilidade em espaços relacionados a uma prática considerada como hegemonicamente masculina.²⁰⁴ Ao mesmo tempo, uma abordagem das representações de feminilidade no sistema futebolístico problematiza, também, questões relacionadas à constituição de masculinidades. Como lembra Scott (1995, p.75), o conceito de gênero²⁰⁵ implica a relação entre homens e mulheres como termos recíprocos, pois não se pode “compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado”, embora tais relações sejam assimétricas e configurem relações de poder em diversos contextos sócio-históricos. Mais do que investigar a masculinidade hegemônica, pretendo, a seguir, fazer alguns apontamentos sobre as formas possíveis de ser

²⁰⁴ Sobre as variadas expressões de masculinidade, construídas na articulação entre atributos atrelados às dimensões masculina e feminina, conferir Cecchetto (2004).

²⁰⁵ Para Scott (1995), o conceito de gênero deve ser empregado não apenas nos estudos referentes a família, parentesco, sexualidade e corpo, mas também para analisar outros âmbitos da vida social, como política, economia, relações de trabalho e outras áreas consideradas masculinas. Concepções de gênero, portanto, estariam em outros âmbitos além daqueles tradicionalmente focados pelos estudos de gênero, pois, para Scott, pautariam não só a percepção, mas também a organização simbólica e concreta da vida social.

feminino, bem como as de ser masculino, frente à masculinidade hegemônica (Almeida, 1995). Trata-se, portanto, de um exercício de desnaturalizar o futebol no Brasil enquanto um fenômeno assinalado por uma relação assimétrica entre os gêneros, e assim desestabilizar representações que associam predicados, comportamentos, estilos e corporalidades ao masculino e no feminino.

Ainda que em menor número, é possível observar a presença de mulheres em contextos da várzea como jogadoras, treinadoras e principalmente diretoras de clubes. Assim, embora seja um contexto majoritariamente formado por homens e masculinidades, a presença das mulheres (meninas e garotas) é reconhecida, porém nem sempre em posições consideradas lúdicas.²⁰⁶ No contexto varzeano de Guaianases, salvo poucos espaços onde se promove a participação de mulheres, o futebol feminino²⁰⁷ ainda revela-se alvo de preconceitos e discriminações. Assim, as dinâmicas observadas nos espaços de prática do futebol no bairro atualizam a concepção identificada de que o sistema futebolístico no Brasil, bem como em diversos países (mas não em todos), é generificado.

A prática do futebol por garotas no espaço da escolinha evidencia certas questões sobre as relações de gênero no sistema futebolístico. Em um universo no qual o acesso das mulheres à prática futebolística mostra-se mais restrito, as garotas matriculadas na escolinha evidenciam práticas de resistência e superação à concepção masculinizada atrelada ao futebol por diferentes atores que atravessam a rede de relações do contexto varzeano. Desde o início da pesquisa foi possível observar o interesse de meninas do bairro pela prática. Interesse que era freado pelos diretores do Botafogo e professores da escolinha, que descartavam a possibilidade de qualquer iniciativa voltada às garotas do bairro. Posteriormente, ao longo da pesquisa, por decisão de alguns professores, a escolinha passou a aceitar a inscrição de crianças e jovens do sexo feminino, que passaram a treinar com as turmas supervisionadas por Garrincha. Professores e diretores refutam qualquer possibilidade de criar uma turma e um horário específico para o futebol praticado por mulheres. Jurandir, Sérgio e

²⁰⁶ Algo que voltarei a explorar no quinto capítulo ao abordar a participação da mãe na prática.

²⁰⁷ Utilizo aqui a expressão futebol feminino tendo em vista que é o termo nativo empregado por diferentes atores locais, homens e mulheres. Saliento, porém, que tal denominação vem sendo problematizada nos estudos sobre esporte, preterida frente à expressão *futebol de mulheres* ou *futebol praticado por mulheres*, pois a categoria “feminino” é uma balizagem generificada das práticas esportivas que faz alusão à construção de um modelo único, normatizado e hegemônico de feminilidade (Kessler, 2010; Pisani, 2012; Almeida, 2013).

Garrincha declaram abertamente preferir só a presença de meninos e garotos no campo. Para Jurandir, o fato de poucas meninas procurarem a escolinha é uma demonstração do pouco interesse das mulheres pelo futebol. “São seiscentos moleques e apenas dez meninas. Isso já diz tudo”. As garotas não são discriminadas, porém, ao mesmo tempo, não recebem a mesma atenção que os garotos. O que apresenta, de início, um desinteresse do Botafogo, ainda que Jurandir sempre argumentasse que gostaria de criar uma equipe só de garotas na escolinha. Mas, em muitos casos, a prática mais adotada é indicar o trabalho desenvolvido pela treinadora Ita dentro do CEU Jambeiro.²⁰⁸ Assim, a escolinha de futebol colabora na construção das relações de gênero das crianças e jovens a partir dos sentidos e significados que professores e dirigentes do Botafogo, bem como os familiares ali presentes, atribuem aos alunos no cotidiano da escolinha.

É possível observar diferenças nos comportamentos dos meninos e das meninas, bem como nas práticas, intervenções e relações dos professores com as crianças. Na turma de Garrincha, as alunas compartilham os mesmos tempos e espaços dos garotos, participando desde o alongamento até a formação das equipes do coletivo. O professor, porém, elabora um trabalho diferenciado, com outras exigências e dinâmicas, pois, segundo Garrincha, “as meninas não têm as mesmas condições físicas e técnicas dos garotos. Elas chegam sem saber nada. Sem saber dominar uma bola, ou chutar, nem mesmo correr; é um trabalho feito do zero”. Embora os treinamentos sejam dados a homens e mulheres, algumas situações de treino reforçam diferenças. As garotas não participam de toda a série de exercícios físicos (abdominais, flexões), sendo privadas do acesso a certas técnicas corporais, principalmente as relacionadas a jogadas de força e agressividade, como dar carrinhos e lances de corpo a corpo. Situações que, segundo Garrincha, não se encaixam nos padrões femininos. Opinião reforçada por Jurandir: “o futebol pode ser muito violento para as meninas, elas são mais frágeis”. Ao mesmo tempo em que afirmam que as mulheres não conseguem executar todos os fundamentos necessários, como um domínio que não pertence ao feminino, os professores acreditam que as garotas podem ter o mesmo nível de habilidade dos jovens futebolistas.

²⁰⁸ Ita, jogadora veterana do futebol amador de São Paulo, coordena, treina e joga pela ASAPE – Associação Atlética Pró-Esporte, equipe fundada em 2005. Sobre a atuação de Ita como jogadora e treinadora no futebol feminino da Zona Leste de São Paulo, conferir entrevista que realizei em 2011, publicada em duas partes no site *Ludopédio* <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/655>; <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/668>. (Acesso em: 30/11/2012).

Evidenciam-se, assim, certas contradições dos professores e dirigentes em relação às meninas e garotas.

Uma das garotas tidas como talentosas, Joyce [98], afirma que sempre quis jogar, mas a mãe não a deixava participar da escolinha junto com o irmão. Cresceu ouvindo que é um esporte de homem e que não devia se interessar em jogar futebol. Quando viu outras meninas dentro de campo nos treinamentos, reforçou os pedidos: “Falei para minha mãe que agora tinha meninas jogando na escolinha. Mesmo assim ela não queria deixar, falava que futebol era um jogo de meninos. Mas depois falei com meu pai e ele convenceu a mãe”. A maioria das mães e demais mulheres presentes na escolinha não aprova o ensino da prática futebolística para as garotas. Para elas, as obrigações estudantis e afazeres domésticos vêm em primeiro lugar. Citam, também, que o futebol masculiniza o corpo das garotas, tornando-o muito musculoso.

Contudo, Joyce é considerada exceção na escolinha pelo fato de almejar a seguir a carreira de jogadora. Para os professores, existem distintas motivações para a prática do futebol entre alunos e alunas da escolinha. Se não existe um conjunto homogêneo de sentidos da prática entre os garotos, tampouco existe entre as garotas. Estas acionam diferentes significados, tanto no que diz respeito à condição física (disposição, emagrecimento, agilidade), qualidade de vida (atividade física e recreativa para distrair), e formas de sociabilidade (fazer amizades). “São as meninas que vêm para brincar, se divertir. Aquelas mais sérias, que querem ser jogadoras, procuram a equipe da Ita”, afirma Jurandir. Sérgio afirma que os homens se dedicam mais ao futebol do que as mulheres. Dentre estas, poucas permanecem mais do que dois meses, relata o treinador: “A maioria não leva a sério ou larga logo depois de entrar. Quantas ali querem ser profissionais? Quase nenhuma, futebol feminino não dá dinheiro. Elas jogam mais para se divertir”. Ao conversar com as garotas, porém, pode-se observar que a profissionalização é um objetivo real, embora não seja vivenciado pelas alunas da escolinha com a mesma intensidade que os garotos.

Além de conferir pouca atenção às garotas nos treinos, a escolinha não oferece oportunidades iguais de inserção e acesso à prática, o que pode ser observado principalmente pela ausência de equipes de competição femininas dentro da escolinha e do Grêmio Botafogo. Mesmo que algumas garotas mostrem um melhor desempenho que os garotos, elas não seriam consideradas na formação das equipes de competição, compostas somente de jovens do sexo masculino, embora alguns dos campeonatos promovam competições com equipes mistas. Há pouco comprometimento também

quando os professores generalizam as falas no masculino no tratamento dado às garotas, que estão sempre em minoria nos treinos e atividades, às vezes até parecem se esquecer da presença das garotas. Por vezes, elas são notadas e corrigidas; outras, ignoradas.

Assim, as jovens na escolinha não partilham integralmente do mesmo aprendizado que os meninos e garotos, bem como têm pouco acesso a algum projeto futebolístico dirigido ao futebol feminino.²⁰⁹ Ainda que neguem impor restrições à prática das mulheres, os professores evitam ampliar a participação das garotas. Sérgio admite ter receio em lidar com as alunas em equipes de competição, pois considera a várzea um espaço de perigo para “as meninas”: “Não é legal uma moça ficar circulando onde tem muito homem. Pode rolar assédio, provocação, essas coisas”. Os professores orientam-se por uma imagem de feminilidade que priva as alunas de significativas experiências futebolísticas, sejam corporais ou de convivência, tidas como adequadas apenas para os alunos da escolinha. Além disso, condenam uma suposta masculinização das garotas pela prática do futebol. Entendem que as mulheres não devem abrir mão da feminilidade para cultivar, na visão dos varzeanos, uma aparência masculina. Questionam as vestimentas e sugerem que deveriam ser orientadas por parâmetros de feminilidade. Em alguns momentos as garotas reclamam de ter que usar fardamentos – uniformes e materiais esportivos – usados pelos garotos. Entre as críticas em relação ao vestuário, questionam os tamanhos, cores e formatos de roupas que não se ajustam às expectativas das garotas quanto a uma noção de estética esportiva. Na maioria das vezes, as roupas são considerados largas e impedem a valorização de certos atributos corporais. Os uniformes curtos ou colados ao corpo permitem a visibilidade e sexualidade dos corpos. Os corpos são exibidos especificamente para serem vistos. Ao mesmo tempo em que criticam uma possível masculinização por causa dos uniformes, os professores pedem às garotas que evitem também roupas curtas e apertadas, consideradas sensuais, para impedir qualquer tipo de paquera entre alunos e alunas. Olhares e contatos mais próximos durante os treinamentos são censurados, com receio de gerar namoros que interfiram nos treinamentos e cotidiano da escolinha. “Aqui é lugar de trabalho, não de ficar paquerando, dando mole”.

²⁰⁹ Intervenções e restrições governamentais historicamente observadas em nível nacional expõem as relações de poder relacionadas ao gênero em detrimento das mulheres: a prática do futebol foi proibida para as mulheres no Brasil entre 1941 e 1979 pelo Decreto-Lei nº. 3199, principalmente na esfera competitiva, mantendo-se algumas atividades recreativas.

A convivência é marcada por tensões e conflitos. Para a maioria dos atores, a participação das garotas destoa do convívio planejado para um espaço voltado à prática de futebol por homens. Alguns garotos e seus pais pouco questionam a participação delas nas mesmas atividades. Outros já têm uma posição mais forte e contrária à presença das meninas. Jéferson, pai de dois garotos que treinam na escolinha, afirmou, após um treinamento que envolveu algumas garotas: “Futebol não é para elas. Deveriam estar jogando vôlei, ou na natação, ginástica, esportes sem muito contato. Aqui elas só atrapalham o jogo, não conseguem acompanhar os moleques”. As críticas de alguns familiares presentes no dia a dia da escolinha se desdobram em manifestações jocosas e preconceituosas dos espectadores ao lado do campo. Ao longo dos treinos e partidas, as garotas são alvo de piadas e questionamento quanto à sexualidade pela torcida adversária, inclusive por mulheres, mas também pela própria torcida. “Acho que isso é feito para causar um impacto psicológico na gente”, afirma Joyce [98]. Em outros casos, torcedores e varzeanos desferem insultos e gritos para orientar as jogadoras, com dicas de como executar uma jogada específica, onde se posicionar no campo etc. Para Joyce [98], as brincadeiras revelam medo de ter que disputar espaço com as garotas. Assim, a presença e desempenho feminino podem intimidar a participação dos garotos e atuação dos professores.

Poucos garotos expressam aos professores descontentamento pela presença das garotas. Outros o fazem somente para os pais, de forma velada. Embora sejam observadas poucas tensões entre garotas e garotos nos treinos do Botafogo, nota-se, pelas conversas travadas por garotos e familiares presentes nos treinos, que o modo de jogar das garotas é considerado lento e fraco. As garotas recebem poucos passes e quase não tocavam na bola durante os coletivos. Contudo, não deixam de ser cobradas em campo pelos colegas de time durante os treinamentos. O que, segundo Joyce, é uma forma de respeito ao jogo delas.

Além disso, durante os treinamentos, emergem formas jocosas de discriminação dentro e fora do campo; dos garotos que estão treinando, bem como dos garotos e pais que observam as atividades. Nos momentos de dribles efetuados por garotas, aqueles que são driblados passam a ser alvos de provocações e brincadeiras por sucumbirem à habilidade das mulheres; o mesmo acontece com um goleiro vazado por arremates das garotas, como certa vez gritou um pai ao lado do campo: “Goleiro de verdade não pode tomar gol de menina”. Assim, não só a performance das mulheres é lida por padrões masculinos, como também o desempenho dos garotos é interpretado em relação aos

aspectos femininos. Se as expressões “Jogar como homem” e “Jogar melhor que muitos dos moleques” procuram valorizar as garotas que têm atuações próximas ao conjunto de atributos e habilidades entendidos como ligados aos padrões masculinos, as tentativas de desqualificação dos atributos e desempenhos masculinos revelam os riscos, tensões e constrangimentos aos quais os meninos da escolinha estão expostos ao compartilharem o mesmo espaço e tempo da participação feminina. Aqueles que têm um desempenho fora do padrão técnico esperado, ou se afastam da prática, podem ser estigmatizados e sofrer discriminações por concepções que os aproximam de feminilidades e homosociabilidades – “Ele joga que nem mulher”, “Futebol é coisa de macho”. “Tem que jogar como homem” é uma frase recorrente nas atividades cotidianas e disputas de competições. Os professores cobram dos jovens posturas “de homem”, expostas em diferentes signos de virilidade dentro e fora de campo: tanto por meio de um vigor acentuado – mas não descomunal – nas jogadas de corpo-a-corpo e divididas de bola; ou no modo corajoso de encarar situações de pressão e intimidação; ou ainda nas atitudes cotidianas frente aos colegas de equipe, familiares e varzeanos.

Percebe-se, a partir desta relação, que o futebol é imposto aos meninos e jovens como elemento integrador de uma forma tradicional e hegemônica masculinidade, por meio do qual meninos se tornam homens, seja jogando ou participando da convivência masculina observada também em outros espaços futebolísticos do bairro, como nos bares próximos aos campos, onde os varzeanos veteranos procuram instruir e ajustar formas de masculinidade por meio de demonstrações de virilidade e de como agir como homem. Em outras situações, os meninos e jovens podem ter a masculinidade questionada: como nas formas de jocosidade entre amigos que praticam em diferentes horários ou turmas na escolinha, com um caçoando do outro pelo fato de treinar com garotas; em brincadeiras de “ficar se pegando”, envolvendo contatos corporais que indicariam uma proximidade exagerada que não se encaixaria aos códigos masculinos de camaradagem;²¹⁰ ou ainda, na expressão “ficar na saia da mãe”, proferida por diferentes atores para estigmatizar como femininos e homossexuais as crianças e jovens que ficam mais próximos das mães ou de grupos de mulheres que acompanham seus filhos aos treinos. Lenílson, pai de Júlio [01], afirma que colocou o filho na escolinha

²¹⁰ Após uma partida da Copa Cola-Cola, com vitória da equipe do Botafogo, os garotos começaram a utilizar, de forma alegre e descontraída, as toalhas do vestiário como se fossem chicotes e as estalavam nas nádegas uns dos outros. Sérgio, estranhando o barulho e gritaria que irrompia do vestiário, abriu a porta e gritou: “Para com essa, porra. Isso é coisa de veado”.

com o objetivo inicial de afastá-lo das rodas de amigas com quem circulava na rua, pois essa convivência poderia associá-lo a formas de sociabilidade tidas como femininas.

Desse modo, as práticas dos garotos e das garotas levantam questões sobre masculinidade e problematizam uma visão dicotômica do par masculino-feminino. Masculinidade e feminilidade são metáforas de poder e de capacidade de ação (Almeida, 1996). A postura de diferenciação da esfera feminina é uma reafirmação do futebol como um fenômeno composto de homens e masculinidades, definindo-se pela distinção de gênero. Porém, a problematização de uma dinâmica de masculinidade no sistema futebolístico exige um exercício de desnaturalizar certas marcações, evitando desembocar numa talvez inoperante díade composta por feminino e masculino. Pensar o sexo por meio de uma concepção binária coloca limites à compreensão de gênero. Pensar gênero se mostra mais rentável quando o olhar se direciona tanto para as oposições quanto para as variações e transformações observadas no processo de construção e desconstrução das identidades de gênero. Como foi possível perceber, masculinidade e feminilidade não são identidades fixas, rígidas e estáveis; mas sim múltiplas, flexíveis e transitórias.

Revela-se, assim, uma aprendizagem construída nas formas de masculinidade, que se afastam e aproxima dos modelos hegemônicos de masculinidade, mas sempre de forma relacional, por contatos tensos com as formas de feminilidade. Desempenhos, habilidades, formas de agir, xingar, reclamar, comemorações de gol; um conjunto proporcional de atributos que, embora tidos como pertinentes não só ao universo masculino, não se limitam às fronteiras que diferenciam os gêneros. Valores e aspectos que fundamentam um discurso masculino que se mostra insustentável na prática cotidiana, pois são observados em ambas as práticas de futebol. O universo varzeano, atualizado pela prática cotidiana das crianças e jovens, revela como certas noções e atributos generificados – emoção, agressividade, lágrimas, virilidade –, relacionados unicamente a estereótipos de masculinidade ou feminilidade, aparecem permutados pela prática esportiva dos garotos e garotas.

4.6 – Aprender a “jogar bola”: habilidades e educação da atenção

Como se aprende a jogar futebol, visto que há pouco ensino observável na prática? Mais do que um saber construído com ênfase no ensinar, a observação e descrição dos modos de aprendizagem da prática futebolística na escolinha e no

contexto varzeano revelam uma aprendizagem pautada pelo conjunto de relações entre os atores – o campo total de relações (Ingold, 2001a, p.131) –, bem como nas interações destes com o contexto varzeano do bairro e da cidade. Revela-se um “dom” construído, para além da dicotomia inato e adquirido, em dinâmicas relacionais de constituição de conhecimento pela construção de habilidades (Ingold, 2000; 2001a; 2010).

A partir de uma concepção não compartimentada do humano, composto de corpo, mente e cultura como partes complementares e não separadas (Ingold, 2000, p.4),²¹¹ Ingold propõe uma noção de aprendizagem como forma de engajamento dos sujeitos com o mundo social em que vivem. Um mundo habitado que se constitui continuamente e que não pode ser entendido como uma natureza apriorística ou somente como uma construção cultural. Crítico das ideias de transmissão e socialização,²¹² Ingold propõe novas formas de olhar para os movimentos, com atenção para os fluxos das relações e processos que não podem ser compreendidos somente pelas dinâmicas das representações. Mais do que transmissão de representações, para o autor, o conhecimento consiste em uma corporificação de conhecimentos (habilidades) ativados por modos de percepção e agência na prática. Longe de ser uma enculturação, trata-se de incorporação de saberes por meio de um processo de habilitação (*enskilment*) (Ingold, 2000; 2001a; 2001b, 2010).²¹³

A noção de cultura como *habilidade* proposta por Ingold ajuda a compreender como se dá a construção dos jovens futebolistas quando em contato com os professores e outros alunos no ambiente varzeano da escolinha e além. As *habilidades* (*skills*) não são um domínio das técnicas do corpo, mas um campo contínuo de relações – indissociavelmente biológicas e culturais, implicando corpo e mente, ação e percepção –

²¹¹ Ingold (1999; 2000; 2001a) problematiza visões compartimentadas de pessoa com base na tese da complementaridade – *complementarity thesis* –, que propõe a ideia de organismo-pessoa como forma de elaborar uma síntese das tradicionais divisões entre corpo, mente e cultura.

²¹² Ingold (2010, p. 7) critica a ideia de aprendizagem como transmissão de conteúdo mental e processamentos de informações (conhecimento) de geração em geração como se fosse um processo de acumulação cultural. Conforme aponta o autor, não se transmite uma cultura objetivada às novas gerações, pois a cultura, segundo Ingold (1994), não é uma totalidade fechada ou um amontoado fixo de representações que pode ser internalizado e separado da ação efetiva. Assim, para Ingold, não se trata de um processo de enculturação pelo acúmulo de representações ou valores simbólicos, tampouco pela aquisição de conhecimentos, esquemas e regras. O conhecimento não é um conteúdo mental transmitido de uma geração para a outra, tampouco a cultura é a herança que a população recebe de seus antepassados, pois as pessoas não são recipientes vazios dotados de mecanismos para processar informações que ali serão assentadas pelo processamento e transmissão mental de informações (Ingold, 2000; 2001a; 2010).

²¹³ Sobre os processos de habilitação em outros contextos e práticas, conferir Sautchuk (2007) e Faria (2008).

constituídas na interação dos seres com e em um ambiente denso de significados. Assim, as práticas futebolísticas dos jovens são contextos de constituição de habilidades (Ingold, 2000, p.4) desenvolvimentalmente (*developmentally*) incorporadas por meio da prática e da experiência em um contexto (*environment*) (Ingold, 2001b, p. 27). A *habilidade* de “jogar bola” é um campo amplo de relações constituídas entre sujeito, instrumento e ambiente a partir de um processo de participação e envolvimento no futebol que permitem às crianças e jovens tornarem-se *habilitados* (*skilled*) sem que alguém tenha que ensinar a ser (Ingold, 2000; 2001a; 2010). *Habilidades* que não são homogêneas, pois um novo aprendizado é constituído conforme a interação entre trajetórias e modos de ação e percepção diferentes dentro de um processo de participação marcado por relações de poder. Portanto, a noção de *habilidade* (*skill*) permite compreender como o mundo e as pessoas são produzidos e transformados em um universo de dinâmicas processuais e relacionais. Um processo de habilitação (*enskilment*) que permite a cada geração se apropriar e recriar os conhecimentos (*knowledgeability*) das gerações anteriores, e orientada por estas, não como um acúmulo, transmissão e processamento de representações, mas sim de uma redescoberta orientada por uma *educação da atenção* no processo de refinamento dos modos de percepção (Ingold, 2010, p. 7).

A produção de futebolistas descortina um saber futebolístico (*habilidade*) construído por um processo de *educação da atenção* (Ingold, 2001a; 2001b, p. 20),²¹⁴ vivenciado no processo cotidiano de refinamento das habilidades incorporadas ao longo da experiência de ação e percepção (Ingold, 2001a, p. 142) no contexto varzeano. Como vimos, os jovens colocam o sistema perceptivo em sintonia com os aspectos ambientais e percorrem caminhos próprios, mesmo quando reproduzem e copiam professores e alunos veteranos, estes também responsáveis por orientar os jovens futebolistas, pois o processo de habilitação e educação da atenção ocorre de forma coletiva, com a atuação de diversos atores como orientadores de uma participação na prática: professores, dirigentes, varzeanos, familiares etc. É por meio dessas técnicas e relações acionadas em certos ambientes que os jovens ganham experiência para desenvolver modalidades de atenção frente às condições e situações impostas pelo entorno.

²¹⁴ Proposta por Gibson (1979), a noção de *educação da atenção* está relacionada a uma concepção da percepção como uma atividade do organismo todo (mente e corpo) em um ambiente.

Mais do que transmissão de informações, a capacidade de conhecer (*knowledgeability*) envolve um conhecimento construído pelas próprias crianças e jovens, ainda que sob orientação dos mais experientes. O que se aprende e transmite entre gerações são habilidades no modo de viver e lidar com o mundo por meio de um processo de *redescoberta orientada* (Ingold, 2001a, p.138). Os especialistas – professores, treinadores, varzeanos – criam e expõem situações e oportunidades para a afinação (*attunement*) do sistema perceptivo dos iniciantes e aprendizes (Ingold, 2001a). A regulação do sistema perceptivo permite aos jovens acessar aspectos e domínios capitais que antes não conseguiam atentar ou apreender. Uma mesma partida de futebol pode apresentar inúmeras variações de jogo que se alteram conforme a movimentação e posição dos adversários, companheiros de time, decisões da equipe de arbitragem, participação da torcida, condições climáticas, qualidade do equipamento esportivo etc. Tal imprevisibilidade exige que os jovens futebolistas tenham a capacidade de perceber e interpretar a complexidade do contexto da partida para executar os movimentos com perfeição e realizar as jogadas adequadas para cada situação. A contribuição dos professores ocorre por meio da criação e oferta de situações específicas nas quais as crianças e jovens desenvolvem e incorporam suas próprias habilidades, capacidades, sensibilidades e disposições. Tarefas e atividades cotidianas, orientadas pela experiência das gerações anteriores, que os situam sobre o que fazer e a prestar atenção em determinados contextos. Como confessa Zé Maria, “alguns desses moleques têm um talento que eu nunca tive. Tem coisa que até hoje não consigo fazer. O que eu consigo é ajudá-los a como descobrir onde está seu melhor futebol, trabalhar suas qualidades, entender o que está acontecendo no jogo”.

Um redescobrimento orientado que depende da construção de contínuas tentativas de reproduzir e igualar aquilo que foi percebido e captado da atenção dos iniciantes. Movimentos e jogadas dentro de campo são repetições exaustivas daquilo que lhes foi mostrado e que buscam o acerto e aprimoramento, ou nos termos de Ingold (2001a; 2010), o ajuste da díade percepção e ação – ou atenção e resposta – que implica a constituição da habilidade. É por meio da repetição que um candidato a jogador consegue obter domínio dos fundamentos e da sua corporalidade, pois a aprendizagem se dá no corpo – aqui entendido em sua totalidade, que não dissocia mente e corpo. Estratégias de mímese – capacidade de observar, imitar e copiar, criar outra natureza (Taussig, 1993) – que podem ser entendidas, dentro desta proposta, como um processo imitativo, improvisado e situado de redescobrimento dirigido no qual o iniciante,

orientado por gerações anteriores, segue o que as outras pessoas fazem. Afinal, os caminhos são percorridos pelos jovens, mas guiados por aqueles que conhecem algumas das trilhas (Ingold, 2001a, p.141).

A habilidade não pode ser entendida simplesmente pela redução da técnica corporal a um movimento mecânico, mas sim por uma *abordagem ecológica* (Ingold, 2001b, p. 21), com um estudo da interação entre os seres – pessoas, coisas, instrumentos, objetos – e ambiente, ou seja, pelo engajamento ativo das pessoas com os constituintes do seu ambiente.²¹⁵ Compreender a cultura como habilidade, como propõe Ingold, ajuda a entender as práticas de aprendizagem vivenciadas no contexto varzeano de Guaianases. Assim, faz-se fundamental, com base no conceito ecológico de cultura de Ingold, entender a várzea (e as diversas práticas futebolísticas cotidianas) como um ambiente no qual os seres se movimentam, relacionam, modificam e também o transformam. Os jovens experimentam ações e relações nos fluxos de movimento que podem modificar a ação planejada pelo outro, provocando a reconfiguração de uma nova ação e as condições geradas pelo ambiente. O conhecimento sobre o ambiente se modifica sucessivamente mediante o movimento das pessoas ao longo do tempo, seus itinerários e trilhas de circulação, pois os lugares, tal como as pessoas, existem em uma matriz de movimento (Ingold, 2000, p. 219). Nesse sentido, o ambiente varzeano proporciona a exploração das potencialidades dos jovens e varzeanos, bem como é também modificado na relação com eles, pois, tal como os organismos que nele vivem, o ambiente está em contínua construção (Ingold, 2000, p.20). Como, por exemplo, a mudança para um campo de grama sintética, que proporciona aos iniciantes meios de ressignificar as diferenças frente aos veteranos, estes pouco acostumados ao gramado sintético.

Assim, a construção de habilidades revela uma complexa dinâmica relacional de aprendizagem que não se limita ao envolvimento nas atividades de treino e jogo, ainda que esta dimensão prática seja fundamental, pois aprender envolve diversas formas de participação dentro e fora do campo de futebol. Portanto, os treinamentos e jogos não são as únicas atividades, mas somente um dos planos da participação, que envolve outras formas de engajamento. Veteranos criam, através de suas atividades tradicionais

²¹⁵ Inspirada pelos trabalhos de Gregory Bateson (1986), a abordagem ecológica do processo de aprendizagem proposta por Ingold (2000; 2001a; 2001b) dissolve a oposição entre natureza e cultura, superando a separação entre mente, corpo e cultura ao lidar com a dinâmica dos sistemas desenvolvimentais (Velho, 2001), o que permite enfocar a relação dos organismos-pessoas – humanos e não humanos – com o ambiente (Sautchuk, 2007).

e cotidianas, contextos de produção da prática nos quais as crianças e jovens incorporam suas próprias habilidades de percepção e ação. Aprender pela participação no contexto de uma escolinha sediada no ambiente varzeano envolve incorporar posturas e disposições específicas, ter dedicação, saber circular pelo espaço urbano, cultivar uma masculinidade, demonstrar obediência aos mais velhos, ajudar nas tarefas diárias etc. No processo de incorporação e domínio da prática do futebol em seu contexto de produção as crianças e jovens passam a ter um acesso contínuo ao conhecimento no corpo (*embodied*) e constituem a *habilidade* futebolística. Somente com a prática é que se aprende a jogar e se faz futebolista dentro de um processo de aprendizagem assinalado por contradições, mas que confere sentido e coerência ao que parece incongruente, pois relaciona individual e coletivo, alegrias e dores, disciplina e algazarra, autonomia e sujeição, masculinidade e feminilidade, repetição e criatividade.

Contudo, a disciplina também se constitui como parte do aprender a ser futebolista. Faz com que se crie uma disposição à rotina de treinamentos necessária para participar e se envolver na prática por longos períodos de provas que podem não ser recompensados como os jovens almejam. As concepções de aprendizagem dentro da escolinha passam por relações de poder desse “aprender”: respeitar as regras, obedecer os tutores, ter bom comportamento, e construir uma percepção sobre os momentos em que se pode ou não brincar. Mais do que “temos que ensinar”, é o “eles têm que aprender a fazer” que fundamenta o aprendizado do futebol. Um “aprender” que ocorre segundo as linhas que estruturam a vida varzeana, orientado por uma hierarquia de senioridade, de respeito à autoridade e ao conhecimento dos mais velhos e daqueles reconhecidos como mais experientes. Ao mesmo tempo em que elaboram propostas pedagógicas de ensino de algo que, reafirmado por diversos atores, não pode ser ensinado, os veteranos têm um papel decisivo na educação da atenção dos calouros durante as práticas de aprendizagem. Guiam as observações e percepções das crianças e jovens num processo de aprendizado por redescobrimto orientado; estão ali para oferecer oportunidades e condições eficazes para o jovem futebolista se aprimorar. Zé Maria, por exemplo, cria diversas situações de envolvimento e participação durante o processo de aprendizagem que podem ser entendidas como formas de treinar a atenção das crianças e jovens.

Portanto, as práticas e relações intergeracionais travadas por alunos e professores revelam a construção de um saber futebolístico que se volta à constituição de jogadores, em um ambiente assinalado por relações hierárquicas e de autoridade, bem como pelo

respeito à memória e à tradição, mas também por formas de resistência e autonomia. Os jovens futebolistas jogam dentro de campo e jogam com os professores e varzeanos veteranos. Trazem para as atividades da escolinha as lógicas relacionais construídas nas experiências – que não são singulares – vividas nas ruas do bairro, marcadas por conflitos sociais. Embora haja práticas de ensino na escolinha, a aprendizagem é orientada por uma variedade de práticas cotidianas, muitas delas não ligadas a aspectos pedagógicos, em um campo contínuo de relações que envolve as crianças e jovens e proporciona a incorporação de um conjunto dilatado de formas de “aprender” que pode ser observado durante as atividades na escolinha, mas também nas relações dentro e fora de espaços futebolísticos.

Nesse sentido, os jovens revelam-se protagonistas das práticas, mostram ter poder de decisão, movimentação e liberdades. Resistem às estigmatizações e confinamentos ao circularem por diferentes espaços citadinos, vivenciando uma multiplicidade de experiências, temporalidades. Criam e reproduzem relações, situações e posturas que escapam ao que é esperado e esquematizado por professores que atuam como mediadores da produção de saberes e tentam fazer uso das experiências futebolísticas anteriores para estabelecer um diálogo; mas a referência é Neymar, e não mais Pelé, Zico ou Romário. Evidenciam, assim, formas de olhar e compreender o futebol diferentes das do veterano Zé Maria, que atua como um guardião da memória futebolística local. As diferenças geracionais evidenciam, deste modo, uma complexa trama de relações sociais no cotidiano da escolinha mediada por alianças e conflitos decorrentes do estabelecimento de normas, acordos e transgressões no processo de apropriação e reelaboração dos espaços, saberes e práticas. A presença de atores ligados ao cenário varzeano, dimensão essencial que constitui o ambiente de prática futebolística das crianças e jovens da escolinha, demonstra como passado, presente e futuro estão articulados. Saberes resultantes da combinação criativa e improvisada de elementos tradicionais com aspectos novos, articulando tradição e modernidade num processo de aprendizagem que não se mostra linear, tampouco finalizado, ainda que os praticantes sejam divididos em etapas sucessivas com o objetivo de alcançar um fim, no caso, ser jogador profissional. Como afirma Zé Maria, ele continua aprendendo a jogar, sempre se renovando, mesmo após mais quarenta anos de prática na várzea.²¹⁶

²¹⁶ O lateral direito Douglas, que atuava pelo São Paulo, e foi contratado pelo Barcelona, da Espanha, afirmou, em sua primeira entrevista à emissora de TV oficial do Barcelona, durante sua apresentação

Esse envolvimento e investimento na participação não são homogêneos, tampouco as oportunidades são similares para todos em um contexto de aprendizagem marcado por conflitos e relações de poder que não se pauta apenas por relações assimétricas entre professores e jovens, mas também por um processo comparativo entre os diferentes praticantes. Destaca-se a presença das garotas compartilhando os espaços e tempos do futebol na escolinha, embora neste caso seja uma referência muitas vezes acionada por oposição e conflito, pois aprender futebol é instituir-se de tipos de masculinidade. O contato com os exemplos varzeanos de masculinidade potencializa a competência de identificar quais são os limites e circunstâncias que permitem ações e comportamentos que em outras instâncias poderiam ser considerados desviantes dos padrões de masculinidade.

Deste modo, um longo aprendizado por *educação da atenção* capacita as crianças e jovens a saberem como se posicionar frente aos tempos e espaços de um universo (varzeano) do futebol desenhado como um contexto de produção masculina no bairro, mas que revela diferentes e expressivos modos de participação das mulheres.²¹⁷ Assim, as masculinidades e feminilidades – múltiplas e transitórias – que orientam as relações sociais de gênero nos esportes se entrelaçam, se interpenetram e desafiam um universo varzeano configurado por um “princípio fundamental de que só se aprende a ser homem com homens” (Guedes, 1998, p.133).

Revela-se, assim, uma prática futebolística densamente corporal, composta de homens e masculinidades, cujo aprendizado se dá para além da consciência e da linguagem, e “que se situa no limite prático e teórico da prática”, conforme observou Wacquant (2002, p.15). Aspectos e questões que, segundo o autor, explicam a dificuldade de arregimentar descrições de uma prática corporal por maneiras

oficial no clube, que desejava “aprender” com a experiência em clube e uma equipe reconhecidos pelos diversos jogadores renomados e talentosos, mas também pelo estilo de jogo, que ficou conhecido como “tiki-taka”, assinalado pela posse de bola a partir de passes curtos e movimentação por várias aéreas do campo: “Estou muito feliz por tudo o que aconteceu na minha vida e por poder representar a camisa deste clube. Espero devolver isto dentro de campo. Jogar no Barcelona é o máximo, é tudo. Quero *aprender*, porque o jogo daqui é diferente do praticado no Brasil” (Grifo meu). Cf. “Douglas elogia Neymar e diz ‘querer aprender’ no Barcelona”, <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/espanhol/ultimasnoticias/2014/08/29/douglas-ja-esta-na-espanha-e-posa-em-frente-ao-escudo-do-barcelona.htm>>. (Acesso em: 31/08/2014); “Barcelona confirma contratação de Douglas, do SP, por R\$ 12 mil”, <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/08/26/barcelona-confirma-a-contratacao-de-douglas-do-sao-paulo.htm>. (Acesso em: 30/08/2014).

²¹⁷ Novos desdobramentos dessa análise serão retomados nos próximos capítulos.

expressivas apropriadas, sem ter perdas na circunscrição de seus atributos e características.²¹⁸

Portanto, o “aprender” futebol é multifacetado e realizado num ambiente pautado por relações complexas e nem sempre harmoniosas, pois existem conflitos e tensões resultantes dos dispositivos hierárquicos e princípios de classificação – entre professores e praticantes, entre as próprias crianças e jovens, veteranos e principiantes, homens e mulheres – que regem a dinâmica relacional de uma escolinha situada num contexto varzeano marcado por relações de poder que também permeiam a aprendizagem. Porém não se restringe à dinâmica da escolinha de futebol, atravessa também outros espaços e contextos, como as escolas, festas, influências midiáticas, mas principalmente a dimensão familiar, articulados num universo relacional que supera a concepção de ensino do futebol em prol de uma compreensão de “aprender” pelo envolvimento na prática. Revela-se, assim, um universo futebolístico marcado por uma variedade de conjunturas varzeanas, individuais e estruturais, que orientam os olhares, escolhas e estratégias mobilizadas nas transições juvenis, mas que não estão dissociadas do plano familiar – um arranjo basilar no processo de constituição de jovens futebolistas, e tema do próximo capítulo.

²¹⁸ Wacquant (2002) analisa desde a organização e funcionamento da gym, e as relações entre a rua e o ringue; passando pelas jornadas envolvendo bastidores e lutas de boxe em um bar de um bairro operário; bem como o processo de educação do corpo com base em sua experiência pessoal na preparação para seu debut como lutador na Chicago Golden Gloves.

Capítulo 5

O futebol como projeto familiar: investimentos e sacrifícios

A prática do futebol proporciona um processo célere de transformações familiares que não deixam de estar ligadas às profundas alterações que a família vem sofrendo, principalmente nas décadas mais recentes, com uma pluralidade de configurações e formas de organizar o parentesco.²¹⁹ Tal variedade não aponta para um enfraquecimento dos laços de parentesco ou para uma crise da família tradicional no modo de vida urbano, mas sim para a emergência de outros arranjos familiares.²²⁰ Esfera central na vida dos jovens futebolistas, a família é uma temática recorrente dentro dos estudos das ciências sociais, e apresenta diferentes significados, conforme a camada da população brasileira enfocada (Duarte, 1994). Primeira e principal referência para a edificação de experiências e identidades, a família é o domínio no qual se iniciam as aprendizagens no exercício das relações sociais e no compartilhamento de práticas, valores e sentimentos (Velho, 1987).

Trilhando a via proposta por Fonseca (1995; 2003; 2007), mais do que trabalhar com um modelo ou unidade familiar, pretendo abordar as dinâmicas e relações familiares que não podem ser observadas somente pelo prisma individualizante, mas devem ser contextualizadas e analisadas frente às redes familiares que aglutinam pais, mães, filhos(as) e um conjunto extenso de atores. Ainda que o modelo da família definida pela consanguineidade e conjugalidade seja um arquétipo referencial, foi possível perceber um alargamento das relações em famílias extensas e, assim, observar outras redes de parentesco ali desenhadas. Deste modo, é importante analisar a construção e reprodução dos laços familiares, porém não só as relações vivenciadas entre aqueles considerados parentes:

Assim, definimos o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos,

²¹⁹ É possível observar uma diversidade de configurações familiares – monoparentais, complexas, recompostas etc. – e uma pluralidade de arranjos, formas de organizar o parentesco e configurações – domésticas. Sobre a constituição de famílias em contextos de periferias urbanas e em camadas populares, conferir Fonseca (1995; 2003; 2007).

²²⁰ Para uma análise sobre as mudanças na organização da família brasileira, conferir Samara (2002). Sobre as contínuas transformações da unidade familiar e seu impacto na vida de seus membros, conferir Ariès (2006).

territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo) (Fonseca, 2005, p.54).

Frente à rede formal insuficiente, pouco acionada devido à presença homeopática do Estado no que refere às políticas de proteção social, as famílias pobres se organizam a partir de laços com redes de parentesco mais amplas e constroem modelos alternativos de vida social (Woortmann, 1987; Sarti, 2007; Fonseca, 2003). As redes de apoio familiar mostram-se muito presentes no cotidiano de várias famílias, mas que também recebem ajuda de vizinhos e amigos na solução de situações cotidianas relacionadas às crianças e jovens. Uma rede de ajuda mútua, de circulação e troca, “espécie de *kula* urbano” (Guedes, 2008, p.10). As redes familiares, de vizinhança e afinidade no processo de produção de jogadores revelam aquilo que Agier (2011, p.115) chama de “cidade familiar”, composta por diversas redes de relações centradas nas dimensões da família, vizinhança, trabalho etc., e que se focaliza na continuidade entre a casa, o bairro e os outros espaços da cidade. Trata-se, portanto, de uma familiaridade da cidade que ultrapassa as casas e os mundos domésticos, conforme as circulações e mobilidades espaciais dos cidadãos. Mas que também retornam para estas esferas familiares, em movimentos de expansão e retração.

As trajetórias dos jovens futebolistas podem reconfigurar as formas de organização familiar conforme os valores e práticas acionados dentro do sistema futebolístico. Mais do que uma análise individual dos jovens futebolistas, busco tomar as dinâmicas e relações familiares como foco de observação, pois estas influenciam as decisões e projetos de vida que orientam o investimento individual e coletivo em um *projeto familiar*, principalmente na trajetória dos jovens das famílias pobres (Rial, 2008, p.33-39). *Projetos familiares futebolísticos* elaborados por meio de dinâmicas edificadas em princípios de obrigações recíprocas; forma de atuação sempre vinculada às estratégias e táticas cotidianas (De Certeau, 1994) das famílias pobres, que enfrentam dificuldades para prover as necessidades de seus membros e recorrem a uma rede informal de ajuda mútua baseada nas relações familiares, de amizade e vizinhança.

Os jovens futebolistas são, em sua maioria, de famílias pobres das periferias paulistanas, cuja renda familiar varia entre R\$ 400 e R\$ 5 mil, mas a maioria está na

faixa dos R\$ 800 e R\$ 2 mil.²²¹ Embora reunidas aqui sob a alcunha de “pobres”, as famílias pesquisadas não podem ser tomadas como iguais. Apesar de enfrentarem problemas e impasses cotidianos em comum, vivenciam experiências, conhecimentos e desafios singulares. Apresenta-se, portanto, uma diversidade de famílias pobres nas periferias urbanas paulistanas, pois a pobreza não é a mesma para todos, ao contrário, possui várias expressões. Como aponta Sarti (2007, p.42), “A pobreza é uma categoria relativa. Qualquer tentativa de confiná-la a um único eixo de classificação, ou a um único registro, reduz seu significado social e simbólico”.²²² Apesar de a maioria das famílias se definir como “pobres”, “ser pobre hoje em Guaianases é diferente de ser pobre na década de 1960”, alerta o varzeano e professor Zé Maria. Um bairro que tem suas famílias miseráveis, quase sem renda, mas que abriga, e sempre abrigou, famílias em distintas situações econômicas, inclusive abastadas, como a projeção da família de Vicente Matheus na região, abordada no primeiro capítulo desta tese.

A família de Pedro Henrique [00], por exemplo, apresenta condições melhores que a de vários colegas da escolinha. O pai é motorista de uma das secretarias da Prefeitura de São Paulo e a mãe é dona de casa. A família mora no Condomínio Jardim dos Pinheiros, localizado ao lado do principal supermercado do bairro e formado por casas simples e antigas, mas com segurança 24 horas. Outros garotos do Botafogo

²²¹ Para além das controvérsias que envolvem a classificação social no Brasil, que abarca várias metodologias e definições centradas principalmente na renda, utilizadas para mensurar e qualificar a mobilidade social no país, proponho trabalhar com as designações “famílias pobres” e “jovens pobres” para me referir a certo segmento da população. Sabendo, porém, que qualquer escolha terminológica – famílias pobres, de baixa renda, classes trabalhadoras, classe operária – já problematizadas (Sarti, 2007) – é nebulosa e pode provocar distorções ao tentar fixar parâmetros para interpretar as múltiplas dimensões da pobreza e desigualdade – entendidas aqui como construções sociais historicamente formadas – para uma parcela expressiva da população, pois são segmentos heterogêneos e de difícil classificação. Mensurar a “pobreza” pela renda, por exemplo, não é o suficiente frente a outros múltiplos indicadores, como condições de moradia, escolaridade, consumo e acesso a bens e serviços, profissão, entre outros. Entre os “pobres”, por exemplo, a diversidade pode ocorrer em relação a diferentes níveis de escolaridade – desde idosos analfabetos a jovens com ensino superior ou curso de pós-graduação. Ou pode então ser visualizada no próprio bairro, marcado por uma heterogeneidade social expressa na variedade de casas observadas, com tamanhos, formatos e modos de construção distintos. Assim, nem todos em Guaianases são pobres só porque moram num bairro periférico assinalado por diferentes situações de pobreza. Independentemente do local de moradia, algumas poderiam ser enquadradas como famílias de classe média baixa. Alguns não são pobres do ponto de vista econômico, pois apresentam condições financeiras para sustentar um projeto futebolístico sem grandes sacrifícios. Porém, alguns destes se anunciam como pobres, atrelando suas condições de subsistência à territorialidade do bairro.

²²² Conferir estudo de Sarti (2007) sobre as relações familiares de camadas pobres em São Paulo na década de 1980. Ao investigar as categorias morais dos pobres em São Miguel Paulista, bairro da Zona Leste paulistana, Sarti (2007) revisa o aporte analítico dado pelas Ciências Sociais à população pobre e ao conceito de pobreza, que era definido tanto pela falta e carência, quanto pela presença de atores despojados da condição de cidadania, ou pela categoria de classe trabalhadora e unidade de reprodução da força de trabalho.

moram no mesmo condomínio, como a família de Jonas [95], ex-aluno da escolinha e atualmente no sub17 do Palmeiras. No relato abaixo de Carlos, pai de Pedro Henrique, as diferenças socioeconômicas ganham relevo:

Um belo dia cheguei [e disse]: “Pedrinho, quer ser jogador de futebol mesmo, filho?”, “Quero, pai”, “Então eu vou te levar no campo, você vai jogar no campo. Só que é o seguinte: lá no campo é totalmente diferente. A chuteira é diferente, o campo é diferente, os seus amiguinhos são diferentes. São todos meninos da comunidade, do morro, sabe o que é? Não é igual a você jogar no society... Lá não. Lá você vai se ralar todo. Quer ir?”, “Quero, pai”. Um belo dia cheguei lá [no Botafogo], troquei ideia com o Jurandir, trouxe ele, aí ele começou jogando com o Garrinchinha. (Carlos, pai de Pedro Henrique [00])

Nesse sentido, embora sejam crianças e jovens pobres, moradores e frequentadores de áreas periféricas, não estão inseridos em camadas de extrema pobreza. Como observa Carmen Rial, jogar futebol profissional “não é ocupação das camadas sociais mais pobres, os chamados ‘miseráveis’, pois estes não podem proporcionar o mínimo necessário para um jovem se profissionalizar (chuteiras, contatos com os clubes, passagens de ônibus, dispensa do trabalho)” (2006, p.13).²²³ Embora os jogadores sejam provenientes de diferentes classes sociais – dos mais pobres aos mais ricos –, a maioria dos jogadores tem uma origem que abrange grande parte da população brasileira, que “vai dos pobres porém não-miseráveis [...] até a classe média baixa” (Rial, 2006, p.14). “Fazer do menino um jogador é muito caro. Quem tem dinheiro leva vantagem”, afirma Itamar, presidente do Botafogo. Para Adonias, dirigente do Botafogo, os jogadores não são de origem tão humilde. Foram criados nas famílias de classes populares, mas nunca passaram fome ou outras dificuldades: “Se não tem dinheiro para comer, como é que vai ter grana para pagar transporte, roupa, chuteira e o que mais for preciso para ajudar o filho?”. Durante a mesma conversa, Luis Cláudio, vice-presidente do Botafogo, concordou: “Hoje é difícil encontrar um jogador que passou fome de verdade. É verdade que a maioria dos jogadores é de famílias pobres. Um jogador pode ter passado dificuldades, mas não teve uma vida miserável”.

²²³ Restrições observadas por Wacquant na prática do boxe: “Os boxeadores não são geralmente recrutados entre as frações mais deserdadas do subproletariado do gueto, mas sim no interior das franjas da classe operária local, nas bordas da integração socioeconômica estável. (...) Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte” (2002, p. 61).

5.1 – Projetos familiares futebolísticos

Uma análise dos projetos futebolísticos das crianças e jovens passa por uma compreensão das trajetórias e valores familiares: “A trajetória familiar e as diferenças entre as gerações da família são absolutamente fundamentais para compreender o projeto elaborado pelos jovens, caracterizado por um duplo movimento: a transição para a vida adulta e a mobilidade de classe” (Barros, 2010, p.73). Observa-se a construção de um projeto de vida com experiências comuns entre os membros da família, interligadas pela prática futebolística, voltada para um futuro que ofereça oportunidades para superar as dificuldades enfrentadas no presente.

Nesse sentido, ocorre uma mobilização pessoal dos familiares como resposta às dificuldades, para assim potencializar o futuro do filho futebolista. Instigados pelos valores e pelo reconhecimento social, pais procuram investir na carreira de jogador dos filhos desde pequenos (Damo, 2007; Rial, 2008). A possibilidade de ascensão social e ganhos financeiros ajudam a conquistar o apoio da família, decisivo para os primeiros passos na carreira e um futuro sucesso nos campos de futebol. Frente ao desemprego, violência e baixa escolaridade, problemas que permeiam as vidas dos jovens, a carreira de jogador de futebol surge como um caminho possível e aparentemente próximo, que também dependeria da sorte, do talento e de uma oportunidade de profissionalização oferecida por um clube, empresário ou olheiro ao vê-los jogar. Revela-se, assim, um desenho de vida que não obedece apenas às escolhas individuais ou do conjunto familiar, mas que articula projeto individual e projeto coletivo em um *projeto familiar* decisivo para a constituição do jovem futebolista.

Os projetos familiares futebolísticos organizam e classificam pessoas, eventos, e perspectivas.²²⁴ Os projetos exprimem relações e resultam de diversas negociações, conflitos, reformulações, sorte e casualidade em meio a planejamentos elaborados cuidadosamente. Dotados de diferentes significados para cada familiar, os projetos não são homogêneos. Embora esteja associado à perspectiva de mobilidade social, o projeto é pautado também por outras motivações. Existe uma multiplicidade de formas de conceber o projeto que se alinha aos arranjos familiares dominantes – conjugalidade do pai provedor, mãe e filhos – mas que apresentam outras formas, dentre a

²²⁴ Sobre a elaboração de projetos familiares há uma extensa bibliografia nos estudos sobre família. Ver, entre outros, Macedo (1979), Sarti (2005) e Velho (1994; 1997).

heterogeneidade de arranjos possíveis, com a aglutinação de parentes como coabitantes ou não da casa. Ainda que definidos principalmente pelas relações entre pais e filhos, bem como pelas relações entre irmãos, os projetos são também catalisados por um conjunto diversificado de atores que lhes conferem significados específicos e elaboram diferentes estratégias para conduzi-los.

Assim, os projetos não são lineares e estanques; mas sim elaborados a partir de concepções, escolhas e ações conscientes dentro do campo de possibilidades, ofertado pelo contexto sóciohistórico no qual o projeto está envolto, para alcançar e materializar desígnios específicos que podem ou não serem efetivados (Velho, 1994; 1997). Vivenciados de forma diversa pelos seus integrantes, os projetos podem ser alterados frente a variantes relacionadas às minudências das trajetórias individuais e conforme o campo de possibilidades: reconfiguração dos arranjos familiares (separações, gravidez, casamentos etc.), advento de novos integrantes no universo familiar, mudanças de casa, desemprego à medida que os filhos amadurecem, tragédias inesperadas etc.

Portanto, os projetos, constituídos de processos relacionais entre familiares, passam por constantes mudanças simbólicas e estruturais. Ao mesmo tempo em que os significados dos projetos modificam-se conforme mudam as relações na própria família – seus arranjos de expansão e retração, o crescimento dos jovens e outras relações que passam a acionar –, as fronteiras familiares são atualizadas no decorrer da construção dos projetos. Como veremos a seguir, a casa e as práticas de alimentação, por exemplo, se alinham às diretrizes dos projetos familiares coordenadas pelos atores para negociar seus posicionamentos no projeto. Assim, a própria família também passa por constantes transformações; implicação do contínuo processo de construção de um dinâmico projeto futebolístico. Uma configuração que se atualiza conforme o desenrolar das trajetórias, maturação dos futebolistas e o advento de outros projetos individuais e coletivos relacionados aos demais membros de uma mesma família, especialmente às projeções escolares e universitárias dos outros filhos.²²⁵

Reformulado continuamente ao longo das trajetórias constitutivas, o projeto revela uma tensão constante entre indivíduo e coletivo. Ao mesmo tempo em que abriga escolhas individuais, singulares e subjetivas, principalmente no que diz respeito às

²²⁵ Sobre os projetos familiares universitários, conferir uma ampla e tradicional bibliografia que analisa projetos de ascensão social empreendidos por famílias das camadas médias através da qualificação educacional e profissional dos filhos (Foracchi, 1965; Romanelli, 1986). Destacam-se as investigações pioneiras de Foracchi sobre a relação dos estudantes da Universidade de São Paulo (USP) com a família e o mercado de trabalho.

ações das crianças e jovens em suas individualidades, o projeto não pode ser inteiramente individual, visto que é elaborado por meio de negociações entre seus vários interlocutores. Compósitos de trajetórias trançadas e compartilhadas, os projetos são construídos para si, mas de forma intrincada aos demais membros da família e àqueles com quem estão em relação. Portanto, ainda que seja a trajetória do jovem futebolista que tenha relevo dentro do projeto e que a partir dela os familiares também se engajem na prática, as trajetórias dos diferentes membros são fundamentais para compreender um projeto futebolístico vivenciado de forma consciente e inconsciente que pode ou não se ajustar às expectativas dos outros membros e aos planos individuais ou coletivos (Velho, 1997) de um convívio familiar marcado não somente por manifestações de apoio, ajuda e de solidariedade, como também por tensões e desavenças (Fonseca, 2007).

Os projetos demandam um investimento financeiro significativo para contemplar dispêndios com equipamentos esportivos, deslocamentos, alimentação, escolarização, hospedagem que muitas vezes excedem o orçamento familiar. As famílias elaboram estimativas dos valores já empregados e do quanto de recursos financeiros ainda pode e terá que ser investido em um projeto com garantias exíguas. Assim, desde antes de ingressar nos espaços de produção do sistema futebolístico, como clubes, centros de treinamento e categorias de base, os jovens – possíveis mercadorias num futuro remoto (Damo, 2007) – já acumulam valor.

Mas não se trata apenas do dispêndio de dinheiro, pois se trata de um projeto que demanda tempo. Os professores aumentam a carga horária de atividades ao longo da semana, com a promoção de partidas amistosas e entrada das equipes em competições. Assim, os dois períodos semanais de atividades e treinos na escolinha são ampliados a outros tempos da vida cotidiana, quando os jovens passam a assumir novos compromissos e responsabilidades. As horas dedicadas às atividades aumentam conforme as crianças e jovens se envolvem com a prática em uma dinâmica relacional e intensa. Um investimento progressivo de tempo que o futebol passa a demandar daqueles que, com o objetivo de ingressar no plano profissional do sistema futebolístico, passam a ser envolver de forma acentuada na prática para promover a constituição da habilidade. O tempo investido pelos familiares para acompanhar e estimular suas trajetórias é o tempo que seria dedicado ao trabalho, obtenção de rendimentos ou melhores oportunidades financeiras. Contudo, não é qualificado como perdido ou gasto, mas sim como um tempo valioso; investido de renúncias e

envolvimento no cuidar fora e dentro de casa. Aquele (pai ou mãe) com mais flexibilidade de horários cumpre a função de acompanhar e depois repassar ao cônjuge informações importantes relacionadas à construção do projeto familiar.

Embora seja difícil mensurar, o investimento é constantemente conjecturado e reavaliado pelas famílias frente às precipitações e riscos de se investir em algo cujo sucesso depende também de variantes intangíveis e inesperadas. Os cálculos e previsões de dinheiro e tempo são balizados de forma minuciosa para, assim, evitar transtornos e assegurar a estabilidade familiar, proteger a escolarização, qualificar os filhos para mercado de trabalho e outros projetos familiares realizados concomitante ao futebolístico ou que são planejados para um futuro próximo. Os altos investimentos na carreira futebolística, segundo Geraldo, pai de Jonathan (97), explicam os poucos casos conhecidos de irmãos jogadores, pois mais de um projeto futebolístico por família diluiria os recursos. Igor (94), ex-aluno da escolinha que continua a frequentar o ambiente varzeano como torcedor do Coroadó, clube de várzea de Guaianases, afirma que desistiu quando alcançou os 17 anos, após os pais cerrarem com os investimentos: “Eles pararam de correr atrás. Eu desanimei também. Jogo bem, mas vi que não dava mais”. Assim, ao perceberem que os filhos têm pouca chance de alcançar o objetivo delineado, apesar da dedicação e provas de superação, os familiares interrompem os investimentos financeiro, temporal e emocional, agora redirecionados para novos projetos e atividades.

Investimentos compreendidos, também, como afirmam os pais e mães, como “sacrifícios” pelos filhos futebolistas. Atos sacrificais de entrega que articulam formas de submissão, abnegação, altruísmo, interesses calculados, formas de compensação, planos de verticalidade e horizontalidade, em relações de caráter hierárquico que nem sempre se mostram assimétricas. Ações terminantes de entrega ao projeto, os “sacrifícios” apresentam um duplo caráter: articulam obrigação e interesse com voluntarismo e gratuidade (Hubert; Mauss, 2001, p.157). Observa-se, assim, uma correlação entre a lógica sacrificial e as formas de reciprocidade; noções imbricadas, ainda que diferentes entre si. Como lembra Mauss (2003, p.172), “a destruição do sacrifício tem precisamente como finalidade ser uma doação que há de ser necessariamente retomada”. Assim, os inúmeros sacrifícios são considerados válidos por terem eficácia. Porém, sacrifícios têm eficácia (simbólica e social) não só porque podem gerar recompensas amplificadas, mas também pelo fato de atenderem aos interesses da dimensão coletiva da família. Aquele que se sacrifica o faz por motivações

e lógicas que contemplam o coletivo. Apesar dos inúmeros “sacrifícios” para investir na carreira dos filhos, nem sempre é possível conseguir o necessário. Entre os “sacrifícios” citados, vale destacar os diversos trabalhos extras e destinar parte da renda familiar para as despesas com transporte, material esportivo e alimentação:

Quando você compra Gatorade, que é caro, você compra um Taff Man-E, que é caro... Ele compra uma vitamina, uma tal de Vita Junior, que é R\$45,00. É uma vitamina muito boa, que ajuda. Como ele pratica esporte, joga em duas academias, aqui e no São Caetano, então o médico receitou para ele uma vitamina. Um complemento suplementar, ajuda bastante. Então a gente está aí empenhado nesse sentido. De ajudar ele. E aí é caro, tudo é caro. (...) De combustível, gasolina, eu gasto, por mês, com o Renato, uns R\$ 300, entre Guaianases e São Caetano (Rosenildo, pai de Renato [98]).

Fica caro sim, porque a despesa é muito grande. Começa já com o transporte, que a gente tem que pagar transporte para vir treinar aqui no Botafogo (...). Além do material que ele usa: chuteira, caneleira, tornozeleira. Todas essas coisas, no treinamento, sofrem um desgaste. E, tipo assim, de três em três meses você tem que estar trocando. Meião, calção, camiseta, bola, todas essas coisas têm que estar compradas. E realmente não fica barato, não. É difícil. (...) É um sacrifício. Muitas vezes tem que abrir mão de outras coisas até para poder cobrir essas despesas que tem. Uma chuteira fica em torno de R\$ 200; uma bola custa R\$ 100; aí você vai comprar calção, camiseta, meia, tornozeleira, caneleira. Todas essas coisas... Juntando essas despesas acho que chega em torno de uns R\$ 600, R\$ 700, com ele, por mês. É difícil. Só de passagem... a gente vem para cá... duas passagens, vai e vem. Aí, combustível para levar ele para treinar também. Tem chuteira. Chuteira praticamente você troca de três em três meses. Tem que estar trocando, desgasta, rasga, desgasta as travas. É que ele treina no terraço. Aí terraço come tudo (Dulcídio, pai de Matheus [96]).

O sofrimento foi muito. Sempre correndo atrás. Gasto com ele demais. Se o Neymar aparecer com a chuteira rosa, ele quer; se aparecer com a verde, ele quer; se aparecer com a amarela, ele quer.

P: Quais são os principais gastos?

Chuteira e gasolina para levar onde ele vai jogar. E colaborar com essas escolinhas, afinal de contas, R\$10,00 não vai matar ninguém. Eu estou disposto a colaborar, dentro das minhas condições (Tulio, pai de Antônio [97]).

“Sacrifícios” esses observados também nas renúncias e privações vivenciadas pelos jovens futebolistas, que nem sempre conseguem desfrutar de momentos de lazer, como Ricardo [97], que rejeitou o convite para viajar junto com a família de um amigo da vizinhança, cuja família alugou um sítio especificamente para o feriado prolongado. Assim, o envolvimento no projeto e as trocas efetivadas legitimam as ações de sacrifício dos familiares, ao mesmo tempo, sacrificantes e beneficiados.

Este conjunto de “sacrifícios” nutre o desejo de ascensão social que aparece nas falas de muitos jovens que consideram o futebol um meio privilegiado para atingir esse objetivo. O apoio familiar, nos casos de sucesso na carreira futebolística, é recompensado por *contradons* (Damo, 2007), como a compra da casa própria para a mãe,²²⁶ primeira grande aquisição da maioria dos jovens jogadores logo que começam a receber remunerações substanciais (Rial, 2008, p.39). Em conversas com as crianças e jovens da escolinha, a ajuda à família num eventual sucesso dentro da carreira futebolística é sempre citada. “Quando eu fizer sucesso, vou sustentar meus pais, eles não vão precisar trabalhar. Se der, vou tentar ajudar meus irmãos também”, afirmou Jonathan [95]. Fabio Augusto [97] afirma que um de seus sonhos é poder retribuir a “bênção” que recebeu e “abençoar” todos aqueles que têm lhe ajudado. Para seu pai, Lauro, o filho sabe que a carreira envolve várias pessoas num projeto coletivo. “Cada um tem uma parcela. Pequena, ou grande, ou nenhuma, cada um tem uma parcela no crescimento dele. E ele sabe reconhecer e vai lembrar de todos. Não porque o pai ou mãe falou. Mas porque ele mesmo sabe quem é. Ele conhece toda a família”. A fala de Marcos [97] segue a toada: “Meus pais vieram do Maranhão, queriam melhorar de vida. Sempre lutaram para que a gente não passasse as mesmas dificuldades que eles. Minha luta é essa também. Como jogador poderei dar tudo o que eles merecem”.

As constantes falas sobre “nunca esquecer a origem” e “sempre manter as raízes” apontam para uma valorização de espaços e momentos de construção anteriores.²²⁷ Os pais e mães são citados, na maioria das vezes, como as principais referências para suas próprias trajetórias. Assim, os jovens futebolistas valorizam a dedicação ao trabalho, à família e o modo como seus pais conseguiram vencer a pobreza e melhorar a condição de vida da família, o que permite aos próprios jovens investirem em seus projetos futebolísticos. Deste modo, o projeto exige engajamento na prática não só dos jovens futebolistas, mas também dos familiares e outras pessoas próximas que

²²⁶ É interessante pontuar que a “compra da casa” nas falas dos jovens é associada primeiro à mãe, embora também considerem outros familiares, como o pai e os irmãos.

²²⁷ Esses aspectos foram analisados por Guedes (2007, 2010) em seus estudos recentes sobre a ‘repatriação’ de jogadores de futebol brasileiros de sucesso internacional. Segundo a autora, o *grande circuito da dívida* (2010, p.4) é um processo que produz a obrigação do jogador que obteve sucesso, dinheiro e fama de retribuir a dívida com a qual também foram contemplados. Retribuição essa que pode ser apreendida nos vínculos que mantém com familiares e amigos no Brasil, bem como com a vida anterior, marcada pela pobreza e carências. Os projetos sociais criados e amparados por ex-jogadores em seus bairros, vilas e cidades de origem, com base em sua imagem e prestígio, são um exemplo. São questões também implícitas na análise de Rial (2008) sobre a circulação de jogadores, porém com uma ênfase não sobre o retorno, mas sim sobre os vínculos contínuos dos ex-jogadores com seus espaços e grupos de origem.

fazem diversos “sacrifícios” com a expectativa de que esse investimento temporal e financeiro seja futuramente restituído para além das recompensas atuais proporcionadas pelo projeto.²²⁸ Vale enfatizar, porém, que as retribuições não se limitam aos aspectos financeiros, mas abrangem também a aspectos de convivência e partilha que visam o fortalecimento dos vínculos familiares. Assim, afetividades e interesses são conciliados e acionados pelos familiares e outros atores, como é possível apreender da atuação dos agentes de futebol, tema do próximo capítulo.

Vale ressaltar, por fim, que os projetos são também atualizados frente a contrários identificáveis e próximos, pois “virar jogador de futebol” não é uma projeção unívoca das famílias pobres com filhos envolvidos na prática.²²⁹ Muitos pais e mães afirmam expor aos filhos os problemas do sistema futebolístico para que estes encararem desde cedo uma profissão quase sempre perecível, assinalada por vicissitudes, cobranças, reveses, lesões e pouco (ou nenhum) glamour na maioria dos casos, visto que muitos dos jogadores estão desempregados ou em vagas temporárias, a depender da sazonalidade dos campeonatos, ganhando valores próximos ao salário mínimo (Damo, 2007). Mas, ao desvelar as moléstias e desventuras do ofício, procuram também resguardar e continuar alimentando as motivações. Se a maioria das famílias incentiva e contribui para os projetos, outras são avessas à dedicação ao futebol e utilizam de táticas e artifícios para desestimular os filhos. Evitam, no entanto, que tais tentativas de afastá-los da prática futebolística penhorem seus interesses e prazeres. Desinteresse familiar provocado mais pela incredulidade em relação ao futuro incerto em uma atividade que demanda investimento e renúncia, do que por não acreditar nos

²²⁸ Engajamentos e recompensas observadas nas decisões de Natalino, pai de Leandro Damião, jogador emigrado da várzea diretamente para clubes profissionais, que alterou sua rotina após a concretização da carreira de jogador do filho: “No fundo, seu Natalino celebra o sucesso de uma vida dedicada aos filhos. (...) Desde que se separou de Rosa, a mãe de Leandro, ele mora sozinho. “Tenho uma quase esposa. Minha futura esposa. Estamos juntos há 14 anos, mas cada um na sua casa”, lembra. Nos planos de morar em Porto Alegre, ela é que vai ter que escolher. “Já avisei a nega velha. Se quiser ir comigo, vamos embora. Mas não casei até hoje por causa disso. Quero acompanhar o Leandro”. O primeiro passo, recentemente, já foi dado. Seu Natalino era faxineiro de um edifício em Jaguaré, bairro de São Paulo. Pediu dispensa do trabalho para ir a Porto Alegre e, animado com os gols de Leandro Damião, demorou seis dias para voltar. O jeito foi se demitir. Agora, ele sabe que é a hora de descansar e surfar na onda do camisa 9 da Seleção Brasileira.” (Portal Terra, 2011). Cf. “Pai abre portas do Jardim Ângela e mostra passado de Leandro Damião”. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro/2011/noticias/0,,OI5346788-EI17896,00-Pai+abre+portas+do+Jardim+Angela+e+mostra+passado+de+Leandro+Damiao.html#tarticle> (acesso em: 10/10/2011).

²²⁹ Não são todos, mas muitos querem ser jogador de futebol. Algo observado em outras cidades brasileiras, como Porto Alegre, onde Damo (2007) quantificou, por meio de questionários em escolas públicas, que um em cada três garotos projetam tornar-se jogador de futebol. Números que se apequenam nas escolas particulares de Porto Alegre.

possíveis benefícios da carreira. Ao mesmo tempo, não desengajar o filho da prática por meio de interdições – especialmente quando se mostram habilidosos e dedicados – é uma forma de manter alguma esperança de transformar futebol em trabalho mesmo sem investimentos e suporte integral da família.

Jussara, mãe de Alexandre [98], por exemplo, entende que o foco no futebol não compensa o desprendimento do filho em relação a outras práticas que ela considera mais importantes. Contudo, não impede o filho de continuar na escolinha. Sabe que adota uma postura diversa da maior parte dos pais e mães, mas faz questão de disparar sua opinião aos familiares presentes nos momentos posteriores às atividades, quando busca o filho na escolinha: “Até acho que ele tem *dom* para a coisa. Mas tem que estudar, ficar na escola, isso sim. O estudo é certo que vai garantir um futuro bom para ele”, argumenta Jussara.

Para além dos arquétipos educativos, Diógenes, pai de Kléber [99], também contrário à projeção de uma carreira profissional para o filho no futebol, justifica que a prática na escolinha visa proporcionar experiências e oportunidades de “conhecer outros garotos, fazer amigos, ter um lazer, circular por aí, sair um pouco desse mundo que é Guaianases”. Escalado frequentemente nas equipes de competição, portanto dotado de certos atributos esportivos, Kléber é um dos raros garotos alheios à atmosfera de competitividade que preenche o cenário local. Gosta de jogar futebol e não descarta a possibilidade de se tornar profissional caso surja alguma chance, porém diz gostar mais da convivência com os colegas da escolinha, brincadeiras e recreações. O pai Diógenes não imagina que ele possa tentar qualquer investimento na carreira, mas já planeja modos de abordar o assunto no futuro: “Ele ainda está numa fase de indecisão, não sabe o que quer. Se ele depois falar ‘pai, quero ser jogador’, aí nós vamos parar para ver. Eu e minha esposa vamos conversar com o Kléber, discutir o que é melhor para ele”. Portanto, enquanto muitos assentam certezas, bem como responsabilidades, sobre a *habilidade* dos filhos por confiarem num hipotético sucesso, outros listam razões diversas para questionar a eficácia aventureira do projeto futebolístico frente à díade recompensas/riscos oferecida pela chance de uma carreira no futebol que pode ser – como na maioria das tentativas juvenis no Brasil – curta, afanosa e quase irrevogável em termos de reconversão.

5.2 – Interações dos familiares na escolinha

Há uma presença assídua de pais, mães e outros familiares nos espaços da Escolinha do Botafogo de Guaianases nos dias de treinamento e competições. Sempre alocados ao lado do campo, acompanham a participação dos filhos; munidos de garrafas de água, incentivam, aconselham e dão pequenas broncas. Muitos deles carregam os filhos pequenos aos treinos, pois não têm onde deixá-los. São poucos os familiares que não se envolvem diretamente com o trabalho diário realizado na escolinha. Por outro lado, podem ficar desatentos e se mostrar pouco envolvidos com o que acontece nos campos: durante os treinos, aproveitam para resolver pendências e tratar de assuntos pessoais ao celular; outros leem livros e revistas enquanto aguardam o encerramento das atividades. Além dos pais e mães, cabe mencionar a participação dos irmãos, sobretudo os mais velhos, no cotidiano da escolinha. Os irmãos mais velhos são recrutados para, enquanto os pais trabalham, vigiar, alimentar e proteger os irmãos mais novos dentro e fora da escolinha. A presença dos irmãos mais novos, por outro lado, é requerida pelos pais para evitar que os mais velhos utilizem o tempo gasto em deslocamento e participação na escolinha em outras atividades consideradas inapropriadas. Tais responsabilidades recriam novas relações intergeracionais de dependência e sedimentam a reciprocidade entre proles. Outras figuras, como avôs e avós, tios e tias, são casos bem menos comuns, porém a presença destes pode ganhar destaque na escolinha. Quando os pais não podem estar presentes, estes parentes mais próximos ficam responsáveis por trazer e levar os alunos para casa, como acontece com Graziela, tia de Kaíque [99]. Alegre e extrovertida, Grazi não passa despercebida. Inúmeras tatuagens relacionadas ao Corinthians e à Gaviões da Fiel preenchem seus braços, pernas e pescoço. Traja sempre blusas e camisas da torcida à qual está vinculada “desde sempre...”, em sua definição. De temperamento difícil, como a própria reconhece, teve diversas discussões com pais e mães durante os treinamentos, por diversos motivos: críticas aos filhos de outros ali presentes; reclamações quanto aos métodos de treinamento e escolhas técnicas dos professores; discordâncias clubísticas com os demais familiares.²³⁰

²³⁰ As conversas sobre clubes e futebol profissional permeiam os mais diversos espaços cotidianos do bairro: lojas, botecos, casas de famílias, escolas etc. Nos bairros periféricos da cidade, as rivalidades entre as torcidas são realimentadas e expostas nos espaços públicos, equipamentos urbanos e corpos dos torcedores (tatuagens, camisas, bonés etc.). Tais rivalidades são decisivas para um entendimento de como os espaços dos bairros periféricos da cidade são organizados e regulados. Seja no vestiário utilizado pelo coordenador Jurandir como sala administrativa no campo do Botafogo, seja na loja de baterias de

A divisão das atividades por faixas etárias e, principalmente, por “nível de jogo”, como define Sérgio, permite observar diferentes formas de sociabilidade entre familiares. Assim, no campo da “escolinha”, a frequência dos pais e mães é inconstante. Poucos conversam entre si, muito pelo fato da interação não se repetir ao longo das semanas e meses. Durante os treinamentos interagem com os filhos, orientam a prática, sugerem mudanças, porém não são exigentes em relação ao desempenho, principalmente pela ausência dos eventos disjuntivos contra outras agremiações, mesmo que partidas amistosas. No outro campo, das “equipes de competição”, observa-se a formação e repetição de grupos de pais e mães ao longo das semanas. Diferente do primeiro campo citado, neste os pais e mães se conhecem pelo nome, sabem quem são os filhos uns dos outros, retomam conversas de treinos anteriores etc. Desse modo, vale ressaltar a sociabilidade articulada entre os pais no campo das equipes de competição. Conversam sobre o rendimento dos filhos nos treinos, as dificuldades cotidianas, o que valorizam na escolinha, oportunidades e testes em clubes, suas críticas aos métodos de ensino e à estrutura do clube etc.

A presença constante dos pais e mães durante os treinamentos e as partidas amistosas e das competições leva à formação das mesmas rodas de conversa. Contudo, se tais rodas se ampliam nos dias das competições, incluindo pais, mães, avós, irmãos e outros parentes, elas se dividem nos dias de treino; não só por causa dos diferentes dias e horários de atividades da escolinha, mas principalmente por questões de gênero, numa divisão entre pais e mães observável em todos os campos de treinamento (oficiais e provisórios). As rodas masculinas, próximas à entrada lateral do CEU Jambeiro (no campo do Botafogo) ou concentradas às sombras atrás de um dos conjuntos de traves (no campo do São Francisco, durante a reforma), não excluem diretamente as mulheres, visto que abordam também assuntos de interesse das mães dos garotos, como agendamento de avaliações, dicas de medicamentos e sugestões de materiais esportivos. Contudo, a recorrência das discussões clubísticas sobre as rodadas futebolísticas dos

automóvel do Itamar (presidente do Botafogo), por exemplo, os *pertencimentos clubísticos* (Damo, 1998) são acionados e confrontados. O *pertencimento clubístico* pode ser entendido enquanto uma identificação social orientada por relações de lealdade e companheirismo, gerada pelo vínculo a um determinado clube de futebol e marcada por um sistema de jocosidades e gozações que ultrapassa o tempo do jogo, adentrando na vida cotidiana, e que atravessa transversalmente hierarquias sociais. Por fim, este pertencimento deve ser compreendido não somente no vínculo a um clube, mas também no aferro por outro. Como mostra Damo (1998), em pesquisa realizada em Porto Alegre, a grande maioria das escolhas clubísticas é realizada por influência da rede de sociabilidade familiar ou primária (pais, irmãos, avós, tios, padrinhos e amigos de infância).

campeonatos profissionais, bem como o uso de palavrões e histórias fartas de “baixaria”, afastam as mães e demais mulheres.²³¹ Estas se reúnem em diferentes espaços da escolinha, porém em grupos menores, duplas e trios. Algumas acompanham de forma mais detida os treinos, inclusive com falas de apoio e incentivo. Outras preferem ler revistas, tricotar e conferir os cadernos escolares dos filhos.

Durante a reforma do campo do Botafogo, quando as atividades eram realizadas no campo do São Francisco, as rodas femininas se alargavam; talvez por estarem diante de um lugar novo, ainda a ser descoberto; ou pela sensível diminuição do espaço a ser ocupados pelos familiares quando comparado à extensa área esportiva dos campos regulares da escolinha. Apoiadas na mesa de sinuca de um bar fechado, mães expunham catálogos de diversos artigos, principalmente de perfumaria, e organizavam vendas e trocas de produtos. Porém, se o bar estivesse aberto, as mulheres se dirigiam a outro lugar e o espaço passava a ser ocupado por homens a tomar cerveja (mesmo no período vespertino). Espaço no qual conversavam, bebiam, brincavam, por vezes discutiam. Tal dinâmica – boteco fechado/espço ocupado por mulheres, boteco aberto/espço ocupado por homens – viria a se repetir por seis meses, durante toda a reforma do campo, configurando o bar como um espaço e domínio masculino, local privilegiado da *sociabilidade futeboetífica*.

A participação das crianças e jovens na escolinha está relacionada diretamente à vontade de um dos genitores, quando não de ambos. Tal como as crianças e jovens desejam jogar futebol e estar na escolinha, também estão lá porque muitos pais incentivam a prática, até de forma prescritiva. Imposição recriminada por Garrincha a comentar as cobranças exageradas de alguns familiares durante um treinamento da turma de crianças até 10 anos: “Se joga por causa da vontade, e não por prazer, nunca vai dar certo, ainda mais nessa idade”. Impaciente a cada jogada mal executada, Dorival, pai de Fernando [99], exclamava de forma audível a todos os presentes: “Tem que caprichar, filho. Capricha mais!”. Conforme as reclamações se acentuavam durante o treinamento, Garrincha pedia ao pai que ficasse distante do perímetro de observação do campo. Exaltado, Fernando contrariou o pedido do professor e alargou as críticas aos

²³¹ Em uma quente terça-feira de fevereiro, os pais falavam sobre um caso recente de adultério envolvendo a mãe de um ex-aluno da escolinha. Duas mães se aproximaram para desfrutar da sombra atrás de um dos gols do campo do São Francisco. Os pais continuaram a conversa. Num determinado momento, um dos pais comentou o que faria se acontecesse com ele: “Enchia ela de porrada, até quase matar!”. Logo em seguida, outro pai complementou: “Ainda vou lançar um produto que vai me dar muito dinheiro... Não tem aquele Car System? Então, vou lançar o Vadia System...”.

métodos de trabalho e conhecimento do próprio professor. “A família estar perto tem o lado bom e o ruim. Se acompanha os jogos e treinos mais para incentivar, tudo bem. Só não pode ficar pressionando o moleque”, argumenta Zé Maria. Pressão projetada, inclusive, por lembranças de seus tempos de jovens futebolistas, quando alimentaram o sonho de ser jogador profissional.

As reações às cobranças dos familiares são variadas: muitos aceitam, concordam com as reivindicações e aguardam aprovação quando executam corretamente os fundamentos; algumas crianças mais novas demonstram-se mais afetadas, inclusive com casos de choros suprimidos; os mais velhos e experimentados não esboçam reação e quando o fazem reagem de forma combativa, porém respeitosa, pedindo aos pais que os deixem jogar com tranquilidade. Contudo, as crianças ou jovens pouco reclamam publicamente da presença dos familiares. Alguns ficam sem graça, preocupados em acertar as jogadas e corresponder às expectativas. Porém, muitos demonstram satisfação em ver os familiares próximos durante os treinamentos.²³² A presença dos familiares nos treinamentos permite que as crianças e jovens aprendam a ter contato com o público e ter controle sobre os aspectos emocionais. Algo que, portanto, também faz parte do processo de aprendizagem.

Existem diferentes tipos de interações entre familiares e professores. É visível a importância que alunos e pais atribuem aos docentes da escolinha. Os pais e mães, em sua maioria, endossam os métodos e práticas realizados na escolinha, ao mesmo tempo em que procuram extrair dos treinamentos o maior número possível de exemplos e explicações para compor seus argumentos nos momentos de justificar seus pedidos pela maior participação do filho nas equipes. Se alguns pais reclamam da atuação de Sérgio, outros valorizam as práticas de ensino pautadas pelo método rígido e disciplinar do professor, principalmente aqueles com filhos nas equipes de competição, pois, afinal, ter um filho nas equipes da Escolinha do Botafogo confere prestígio entre os pais.

Porém, a presença e envolvimento dos familiares nos treinos ocasionalmente geram conflitos entre pais, professores e outras pessoas vinculadas ao Botafogo. Em alguns momentos, por participarem ativamente dos projetos futebolísticos, os pais e mães exageram nas reclamações. “Isso sempre teve: pai ensinando o professor a

²³²Por vezes, se notavam a ausência do pai ou da mãe junto àqueles que assistiam aos treinos, vinham à beira do campo e me perguntavam – até com certo tom de preocupação – se eu sabia onde estava o parente em questão. Tal como a ausência é percebida e sentida, a presença pode ser motivo para a partilha no momento de celebração de um gol, quando correm prazerosos para comemorar com os familiares anexos às grades do campo.

professorar”, como comenta certa vez Jurandir, coordenador da escolinha. Jurandir procura apaziguar, quando necessário, os conflitos entre professores e famílias tendo em vista os interesses das crianças e jovens. Entre as diversas reclamações dos familiares: pouco contato do professor com as famílias; agendamento de atividades em horários que dificultam a presença deles; não investimento em meios de transporte e locomoção para as partidas; as opiniões familiares não são consideradas, não há espaço para diálogo; não se cria oportunidades de testes e avaliações; falta de informações sobre as normas e regras da escolinha, horários dos jogos, cancelamento de treinos etc. Embora minoria, alguns pais reclamam da parte técnica e dos treinamentos realizados na escolinha. Túlio, pai de Vitor [97], duvida da eficácia dos métodos de ensino dos professores, principalmente de Sérgio; por meses criticou os treinamentos em campo reduzido, a ênfase nos treinos de fundamento, coletivos de dois toques etc. Para os pais e mães que frequentam semanalmente os treinamentos, a escolinha deve procurar intensificar a colaboração entre professores e familiares: “A escolinha é que deve tomar a iniciativa de procurar os pais, estabelecer contato. É o trabalho deles. E é muito necessário que façam isso”, afirmou Josué, pai de Marcos [99]. “Afinal”, continua Josué, “os pais conhecem seus filhos mais do que qualquer outra pessoa”. Nas rodas de conversa ao lado dos campos, familiares comentam que a escolinha poderia criar oportunidades para os pais e mães participarem e contribuírem mais de acordo com suas principais habilidades: “Os pais têm direito de serem ouvidos sobre o desempenho de seus filhos. Sobre o que é melhor para eles. Podemos colaborar também. Eu estou há muito tempo nisso, já rodei muito campo por aí. Tenho conhecimento para passar”, defende Geraldo, pai de Jonathan [98]. Portanto, para além da mera presença nos treinos, partidas e eventos da escolinha, postulam que professores e familiares podem trabalhar juntos no desenvolvimento dos alunos, tal como ocorreu na participação de Edinho, pai de Gabriel [96], no treinamento das equipes de competição ao longo de 2011. Assim, para pais e mães, escolinha e família não devem ser encaradas como duas esferas separadas, pois as interações das crianças e jovens na escolinha estão conectadas diretamente às vivências e experiências familiares.

A comunicação com os familiares acaba por não ser a prioridade no trabalho dos professores dentro da escolinha. Segundo os professores, a presença dos pais interfere nas atividades diárias. Sérgio, principalmente, pouco consegue disfarçar a irritação diante de tantas reivindicações, queixas, conselhos e pedidos. “Falta tempo para interagir mais com os pais dos alunos. Temos várias tarefas para fazer”, afirma Sérgio.

Além disso, segundo Garrincha, os comportamentos dos pais e mães são, muitas vezes, inadequados e atrapalham as atividades da escolinha: “Já teve pai que quis decidir as coisas. Aqui não tem esse negócio de pais e alunos participarem das decisões. Para isso existem os professores, nós somos pagos para isso”, comentou Sérgio após uma breve discussão com Francisco, pai de Juju [03], que reclamou da organização do transporte das equipes da escolinha para amistosos contra times de Salesópolis, cidade do interior de São Paulo, em um sábado de manhã.

É comum observar discussões acaloradas entre familiares e docentes, inclusive em situações consideradas ínfimas frente aos diversos problemas cotidianos da escolinha. Num sábado, quase ao fim de uma longa jornada de partidas com participação de todos os alunos, inclusive aqueles alocados nas turmas pouco competitivas da “escolinha”, Sérgio “explodiu” após ouvir uma mãe solicitar a que os professores liberassem os filhos antes das atividades serem finalizadas. “Pensa que aqui é a casa da mãe Joana? Que pode fazer o que quiser? O moleque está escalado e o time está completo. Tem que ficar. Se for embora, nem precisa voltar na semana que vem”, esbravejou o professor.

Seu Antônio era um dos mais briguentos e conhecido por já ter arrumado confusão no XI Garotos, de Ermelino Matarazzo, e no Continental, da Cidade Tiradentes. Pai de dois garotos, sempre discutia com Sérgio, diretores e familiares de outras crianças e jovens. Seu filho mais novo jogava bem, porém seu filho mais velho não apresentava um bom desempenho. Todavia, por causa do mais novo, Sérgio mantinha o mais velho na equipe de competição, ainda que sempre na reserva, o que era reprovado por diversos pais e mães. Mesmo assim, Seu Antônio exigia que o filho mais velho fosse titular. E para defender a titularidade do filho, criticava o filho dos outros, o que gerava discussões e brigas.

Os incômodos dos familiares, pais principalmente, perante a algumas das decisões dos professores provocam tensões, sobretudo quando os filhos são preteridos na convocação das equipes de competição. Alguns familiares ficam satisfeitos apenas em vê-los participando das equipes mesmo como reservas, enquanto que outros desejam a titularidade dos filhos e fazem questão de enunciar publicamente tal aspiração. Em diversos momentos, o professor Sérgio opta por fazer substituições para atender a ânsia dos pais em verem seus filhos atuando, mesmo que por poucos minutos; essa estratégia evita críticas e reclamações dos familiares. Assim, para viabilizar seu trabalho na escolinha, o professor deve mostrar-se hábil para atender a disparidade de demandas,

mediar as querelas e satisfazer as expectativas compulsivas dos familiares, partidas entre aqueles interessados mais na fruição atual da prática e os que almejam a carreira de jogador para o filho. Estes, os mais ávidos pelo envolvimento do filho na prática, revelam diferentes formas de clamor e enfrentamento: desde aqueles que ficam solicitando a entrada do filho nas equipes, e outros que aproveitam a proximidade dos filhos em jogadas nas laterais do campo para atuar, grudados às grades, como “treinadores” fora de campo, verbalizando instruções na maioria das vezes invertidas e avessas às orientações semeadas pelo treinador.

5.3 – Individual e coletivo

A continuidade não depende somente das disposições e ambições dos jovens futebolistas. Passa também pela influência e estímulos familiares, bem como por outras fontes de agenciamento. Mas, ainda que o processo decisório esteja sob supervisão do pai e da mãe, os filhos futebolistas participam das escolhas e arranjos cotidianos por meio de intervenções que são negociadas de forma coletiva e de acordo com as atualizações dos projetos familiares. Assim, a responsabilidade não é concentrada somente pela família, pois passa pelas decisões pessoais dos jovens em projetos que são escolhidos por eles (e que os escolhem). Assim, apesar de envolver certa imposição dos pais e outros familiares, a depender do comportamento dos filhos e do modo como o projeto é interiorizado – e por que não, corporificado – pelos jovens futebolistas, as vontades dos jovens não ficam integralmente subordinadas à presença dos pais. Ricardo [97], por exemplo, sabe que o projeto não é só seu, tampouco lhe é exclusivo um futuro que se mostra difícil de auspiciar. Afirma, porém, que não é obrigado a acatar todas as decisões dos pais: “A vida é minha, se eu quiser parar de jogar bola, eu paro. Mas meu pai sempre chama a minha atenção. Diz que se esse é o meu sonho, só eu posso fazer funcionar. Ele fala que o futuro da família pode estar em minhas mãos”.

Protagonismo observado com nitidez no papel central das crianças na reprodução social e material das famílias. As crianças e jovens revelam-se imprescindíveis para a organização da vida cotidiana familiar, cuja ausência pode provocar desequilíbrio na configuração planejada, pois desempenham inúmeras funções. Distribuição de tarefas orquestrada, na maioria dos casos, pelas mães, mas que é negociada entre pais e filhos, com cada membro envolvendo-se de forma diferenciada na execução das tarefas domésticas, conforme não só as questões etárias e de gênero,

mas também de acordo com a habilidade que os filhos e filhas demonstrem para cada tarefa. Algumas famílias concentram o trabalho doméstico em poucos membros, e outras promovem uma distribuição extensa das tarefas. Os mais velhos são os preferidos para assumir a responsabilidade do domicílio quando os pais estão ausentes, inclusive nas tarefas realizadas fora de casa, como levar os irmãos à escola e fazer pequenas compras; as filhas exercem as atividades relacionadas à cozinha e limpeza da casa. Se as refeições são feitas pelas mulheres (mãe, filhas, avó), os demais integrantes podem ocupar ocasionalmente este espaço de atuação, seja para ajudar a cortar legumes, desfiar a carne, preparar o suco etc. Embora haja uma divisão do trabalho doméstico entre meninos e meninas, garotos também ajudam nas tarefas domésticas. Janaína, por exemplo, afirma que a filha mostra uma maior vocação para o trabalho doméstico que os filhos homens, enquanto estes ajudam na organização de outros afazeres da vida familiar, como levar e buscar coisas para dentro e fora da casa. Assim, nas famílias pobres, as crianças e jovens são tomadas “não como indivíduos singulares, mas sim como partes integrantes do grupo” (Fonseca, 1995, p. 38). O que não implica afirmar que os jovens futebolistas deixam de ser o foco da unidade familiar, mas sim que a construção dos projetos futebolísticos é um dos arranjos possíveis – não obstante sublinhado frente aos demais. Os filhos futebolistas também realizam, orientados pelos pais, algumas tarefas no domicílio, porém não assumem grandes responsabilidades, estas reservadas aos demais irmãos. Pais e mães levam em conta a rotina diferenciada dos filhos futebolistas no momento de distribuir as atividades e serviços cotidianos, desobrigando-os de realizá-las com frequência. Deste modo, os jovens futebolistas participam pouco das tarefas, com as horas priorizadas para a dedicação ao futebol. Porém, nem sempre são dispensados das suas atividades domésticas e podem ser convocados, a qualquer momento, para ajudar em alguma atividade diária. Um trabalho doméstico descontínuo e absorvente, como observei em diversos momentos ao longo das visitas às residências e entrevistas com familiares.

Na casa de Túlio, pai de Vitor [97], o jovem futebolista é preservado de diversos afazeres que estão concentrados sob a responsabilidade das irmãs mais velhas. Ainda que não considere o trabalho doméstico infantil prejudicial, Túlio dispensa o filho das tarefas porque a jornada futebolística já é considerada muito desgastante. Os filhos futebolistas, por seu lado, mostram-se orgulhosos de contribuir para o bem-estar familiar, como se estivessem cumprindo o seu dever de “jogar bola”. Abrigos de expectativas e garantias de um futuro melhor, alguns futebolistas afirmam sentir

responsabilidade pela posição diferenciada que ocupam frente aos irmãos que exercem outras atividades para ajudar a família. Mais do que os irmãos, tais jovens gradualmente conquistam autonomia e participam de forma mais ativa das decisões ao seu redor. Observa-se, portanto, a mobilidade das crianças e jovens não somente por entre espaços, mas também por papéis sociais e encargos cotidianos, pois podem atuar de diferentes formas para além da escolinha e de outros domínios futebolísticos, e deste modo recriam e intervêm nas dinâmicas relacionais da família e de outras esferas.

No geral, as relações entre jovens e pais se apresentam harmoniosas, principalmente na esfera pública, assinaladas por aproximações e assentimentos em relação ao projeto. As relações esboçadas em tais projetos são oportunidades de convivência familiar, bem como de partilha de espaços futebolísticos, seja de lazer ou trabalho. O longo tempo investido no acompanhamento de treinamentos, jogos e treinamentos, principalmente aos finais de semana, catalisa ou revigora a aproximação entre os jovens e seus familiares. Paralela às prescrições jurídicas das legislações esportivas, a sustentação assegurada integralmente pela família é uma das questões reveladoras da dependência dos futebolistas em relação aos familiares,²³³ o que não implica a ausência de tensões e conflitos frente às diferentes formas de sujeição aos pais e mães.²³⁴ Atritos provocados por reclamações de exageros no controle dos pais, principalmente nas relações travadas no domínio da casa; falta de privacidade ou autonomia; pouco investimento da família no projeto – como a compra de uma chuteira com a qual o companheiro de equipe foi presenteado –; restrições à fruição das práticas de lazer com amigos e namoradas.

5.3.1 – A primazia do filho futebolista

²³³ Questões semelhantes às observadas nos projetos familiares envolvendo jovens com aspirações universitárias, nos quais a regulação das despesas legitima o controle sobre os filhos (Foracchi, 1965).

²³⁴ Pais e mães assumem que recorrem, esporadicamente ou de forma assídua, ao uso de força física, como as populares palmadas, por considerarem tais artifícios como atos educativos, como forma de fazer com que as crianças aprendam a se comportar. Assim, as palmadas ou mesmo as bofetadas são toleradas, porém não o uso desmedido e recorrente da estratégia de bater nos filhos não é elogiado. As também afamadas surras como meio de educação também não. “Tenho que bater para manter a autoridade. Se deixar, a molecada faz a gente de trouxa”, afirma Jânio, pai de dois alunos da escolinha. Alguns pais temem ser acionados pelo Conselho Tutelar, responsável pelos direitos das crianças, mas que acaba atuando como mediadores das relações familiares no caso de acusação por maus tratos. Daniel, diretor do Botafogo e conselheiro tutelar por três anos, cujo trabalho político foi analisado no terceiro capítulo, recebeu algumas reclamações e notificações sobre a violência na relação entre pais e filhos ligados à escolinha.

Dedicar o máximo de tempo à família é participar da trajetória futebolística do filho e se envolver ativamente na construção do projeto futebolístico com escolhas e negociações que sempre levam em conta a posição do filho futebolista no compasso de vida familiar. O processo de construção e atualização do projeto é afetado pelo tamanho da família, intervalo de nascimento dos irmãos, estratégias educativas; e outras decisões relacionadas especificamente às trajetórias dos filhos futebolistas, como o tratamento distintivo conferido a estes. Na disputa pelos recursos da família, os jovens futebolistas têm a preferência dos pais. Embora os familiares presentes na escolinha não gostem de usar o termo “privilégios” – utilizam “tratamento diferente”, por exemplo –, percebe-se que alguns pais e mães priorizam os filhos jogadores em diversas situações, preterindo os demais filhos. Tais diferenciações e manifestações de preferência nas relações com os filhos são, em alguns casos, explícitas nas relações cotidianas; em outros, não assumidas ou apenas pouco enfatizadas.

Os “tratamentos diferentes” não seguem a ordem de nascimento dos filhos, porém o projeto é construído não só de acordo com o talento e disposição demonstrados pelo jovem, mas também quanto à idade e posição destes na família. Um expressivo número de irmãos pode implicar poucos recursos familiares e menos investimentos na carreira do jovem futebolista. Os caçulas se destacam por desfrutarem de maiores investimentos advindos da melhor situação socioeconômica promovida pela consolidação familiar, da maior proximidade dos genitores e da experiência dos pais no modo de se relacionarem com os filhos. Pai de outros jovens que tentaram, e alguns deles ainda tentam, Geraldo afirma que está mais experiente, assim como a família dispõe atualmente de mais recursos financeiros, o que o faz acreditar no sucesso do projeto, embora sempre ressalte que alguns de seus filhos, irmãos mais velhos de Jonathan [97], eram melhores jogadores. As experiências anteriores dos irmãos, incorporadas ao projeto familiar, influenciam e contribuem para a trajetória do filho, que se beneficia da experiência dos mais velhos. São privilégios observados de forma mais nítida quando há diferenças significativas de idade entre os irmãos. É o caso de Túlio. Apesar do número de filhos, a diferença de idade entre os irmãos em sua família permite que atualmente apoie seu filho mais novo, Vitor [97]. As dificuldades iniciais não permitiram que incentivasse e investisse num projeto de carreira dos filhos, tal como faz atualmente com o filho mais novo. Portanto, se numa primeira etapa, Túlio e sua família não puderam oferecer subsídios para transformar o primogênito em jogador, agora, com a família consolidada, com casa própria e trabalhando como autônomo, a

família pode acompanhar e investir na carreira do filho caçula. Observa-se, assim um *caçulismo* (Rial, 2008, p.35-36). Porém, vale ressaltar que o projeto pode ser direcionado tanto para primogênitos, filhos do meio quanto caçulas, embora seja perceptível que os filhos mais novos tenham mais oportunidades de se dedicar somente ao futebol, visto que, de um modo geral, o primeiro filho ou filha costuma assumir maiores responsabilidades laborais dentro da família.

A construção do projeto familiar faz com que a participação dos pais e mães se torne mais presente, intensa e incisiva. Se o acompanhamento diminui conforme os filhos envelhecem, ocorre o inverso no caso do filho futebolista, visto que a presença e atuação dos genitores se acentuam no decorrer de tal trajetória.²³⁵ “Quando ele era pequeno não podia acompanhar tão de perto, estava sempre trabalhando. Mas depois que ele encasquetou com esse negócio de futebol e vi que ele levava jeito, passei a acompanhar mais, para orientar o moleque, e proteger também”, afirma Lauro. Mesmo negando qualquer tipo de cotejo, por considerarem que oferecem atenção igual a todos os filhos, em algum momento, os pais comparam qualidades e atributos de cada filho, ainda que não o façam intencionalmente.²³⁶ Embora muitos não concordem com tal tratamento diferencial e refutem quaisquer privilégios ou construção de relações desiguais, a construção privada e pública do projeto impede a dissimulação de certas comparações, preferências e abordagens destoantes, que podem criar embaraços e entraves devido às singularidades de cada filho.

Os familiares procuram sempre ressaltar as aproximações enunciadas dentro do arranjo familiar. Os ciúmes e descontentamentos dos irmãos, observados em inúmeros momentos, revelam cizânias significativas que turvam as relações fraternais e provocam contendas e brigas, inclusive físicas. Assim, os irmãos e irmãs são potenciais componentes de desarmonia nutridas pelas lógicas dos projetos futebolísticos. Contudo, mesmo com manifestações de desagrado dos demais filhos, os familiares preferem destacar o comprometimento dos demais com o projeto familiar encabeçado pelo jovem futebolista por meio de relações de solidariedade pautadas também por aspectos competitivos e conflitivos.

²³⁵ Enquanto os caçulas apresentam pior rendimento na escola, muito pelo fato de se dedicarem às jornadas futebolísticas, os primogênitos mostram melhores desempenhos escolares; talvez pelo fato de terem recebido mais atenção quando ainda eram considerados filhos únicos, embora a família ainda vivesse em condições socioeconômicas piores e os primogênitos dispusessem de menores recursos.

²³⁶ Sobre a comparação familiar de irmãos nos aspectos educacionais, conferir Glória (2005), Magalhães (2008) e Sampaio (2007).

Cláudio sempre fez questão de instituir um clima de competição na família, com a oferta condições e oportunidades semelhantes, para que os filhos tentem se sobressair frente aos demais. “Cada filho é de um jeito. Um tem personalidade mais forte, é bravo; o do meio é mais tímido, na dele, sem muita conversa. Acho que o Eduardo tem um pouco de mistura dos dois, o que é bom para a carreira dele no futebol”. Cláudio afirma “jogar limpo” e deixar claro para os demais que o filho futebolista precisa ser beneficiado: “Sempre vai ter algum tipo de tratamento diferente. Cada um tem seus problemas, tem suas qualidades. Não dá para lidar da mesma forma”. Mas afirma manter os mesmos deveres e laços afetivos em relação aos outros filhos. Portanto, embora estabeleçam comparações e adotem posturas diversas nas relações, pais e mães afirmam que procuram estimular as empreitadas dos demais filhos e oferecer oportunidades de acordo com as condições socioeconômicas da família, porém em outras frentes, a maioria relacionada à formação escolar e profissional, com a promoção de estratégias e melhores situações de escolarização visando a futura inserção no mercado de trabalho.

As preferências dos pais e mães podem ser expressas de diferentes modos, mas que pouco desdobram para as relações afetivas. Afirmam dedicar atenção semelhante a todos os filhos e procuram, na medida do possível, partilhar as mesmas experiências, não diferenciando-os nas relações afetivas. Contudo, a questão não envolve diferenciações em expressões de afeto, mas sim no tempo e recursos dedicados ao filho futebolista em comparação aos demais. Ricardo [97] entende que vive uma rotina diferente dos demais adolescentes, pois tem mais liberdade, é tratado “quase como adulto”, embora ainda se submeta às regras parentais. Diferente dos irmãos, ele tem acesso a itens extras ao abastecimento necessário da casa que atendem a seu gosto e necessidades particulares de futebolista, embora a condição financeira não permita dispêndios considerados supérfluos, como roupas caras, perfumes, relógios, muitos deles relacionados ao estilo de vida com significados atrelados ao sistema futebolístico. A predileção revela, ao mesmo tempo, segundo Ricardo, um maior grau de exigência por mais empenho do filho futebolista frente às oportunidades e privilégios depositados. Após a escola, enquanto os irmãos passam parte do tempo brincando com amigos e vizinhos, os jovens realizam jornadas extenuantes.

As regalias são observadas, ainda, nas estratégias de partilha cotidiana dos espaços e modos de organização da casa. Na divisão e redefinição dos cômodos, o filho futebolista, muitas vezes, é realocado no quarto mais confortável e tranquilo da

residência. Ter um próprio espaço próprio, que proporciona um melhor descanso da exaustiva rotina, é um dos privilégios nas relações familiares entre pais e filhos futebolistas. Para oferecer privacidade a Rafael [97], os pais trocaram os irmãos de lugar, criando um novo arranjo que privilegia o filho futebolista, que agora tem um espaço próprio para descansar e dormir. Enquanto o irmão mais velho de Rafael [97] divide o quarto com a irmã, o jovem futebolista passou a ter um espaço mais privativo. No quarto dos irmãos ainda predomina os tons de rosa: na cortina, no tapete e no lençol de umas das camas, tomada por bonecas. O quarto de Rafael, isolado no fundo da casa, é espaçoso, com cama, escrivaninha, TV e armário. Ainda que o quarto não tenha portas, ali pode desfrutar de privacidade e usufruir de momentos solitários.

Assim, as diferentes estratégias familiares de uso e organização do espaço da casa permitem apreender o modo como os jovens vivenciam o espaço familiar, os horários estipulados nas atividades cotidianas, as estratégias de subversão da ordem, a cobrança das regras estabelecidas para as relações mantidas fora da casa, tanto nas atividades de lazer quanto nas relações de amizade e amorosas, estas nem sempre anunciadas aos pais e protegidas das interferências familiares. Interdições que revelam conflitos na convivência com namoradas e nas manifestações de sexualidade.

A preocupação com as “namoradinhas” revela não só outra faceta dos traços distintivos dos filhos futebolistas nas relações familiares, como também evidencia como projeto futebolístico é elaborado de modo muito mais processual e complexo do que indicam as tradicionais e unívocas concepções de família. As transformações que permeiam as dinâmicas familiares promovem uma atualização tensa dos projetos conforme novos atores são gradativamente incorporados. Dentre os possíveis aditamentos ao projeto, a presença das “namoradinhas” dos jovens futebolistas, vistas como ameaças frente a jovens “vítimas” de seus próprios ímpetos sexuais e inexperiências afetivas, evidencia formas de garantir o equilíbrio necessário – de abnegação, dedicação e companheirismo – em uma trajetória tão instável e elusiva.

Apesar não existir um impedimento formal mais estrito que proíba a presença de garotas, os professores pedem aos jovens que não levem nem incentivem as namoradas para assistir os treinamentos da escolinha; licença conferida apenas em circunstâncias singulares, como dias de partidas envoltas em disputas de títulos. Assim, os professores evitam, porém não proíbem, a presença das namoradas; entretanto, os contatos sexuais dos jovens estão fora de sua alçada. “Não tenho como controlar isso aí. É coisa mais dos pais. O que posso fazer é dar alguns toques”, afirma Sérgio. Impotentes neste aspecto,

procuram, contudo, controlar a circulação das figuras femininas através da delimitação de espaços permitidos para as garotas, namoradas e amigas dos jovens futebolistas. Numa tarde, próximo ao horário de início das atividades, Sérgio, antes mesmo de perguntar o que uma garota de cerca de 16 anos fazia parada perto do vestiário dos garotos, recriminou sua presença por estar próxima a um ambiente masculino e informou que era proibido “ficar paquerando” nas áreas dos campos de atividades da escolinha. Logo após a bronca, a garota respondeu prontamente que era uma aluna nova, iniciando os treinos em uma das turmas comandadas por Garrincha, e que aguardava a liberação do vestiário para envergar seu fardamento de treino. Constrangido, Sérgio replicou com uma nova bronca: informou que as garotas utilizam outro vestiário para se trocar e argumentou que ela deveria estar mais bem informada das normas, horários e usos do espaço. Assim, os docentes procuram, por vezes com artifícios impolidos, estabelecer proibições no acesso ao ambiente masculino (varzeano) da escolinha. As regras de conduta mais fixas e rígidas visam manter as garotas longe dos espaços da escolinha e das partidas fora de Guaianases.

Tema tabu na escolinha, talvez pelo fato de a questão sexual ser associada à sensação de perigo constante imposta pelo temor de ações pedófilas, professores revelam uma concepção assexuada da prática futebolística. Entendem que qualquer contato sexual, principalmente nos períodos tensos de finais de campeonatos, ameaçam o pleno rendimento físico de atletas e afrouxa a corporalidade viril, por conseguinte, amortecendo a performance dos jovens nas partidas, tal como no universo do boxe, onde “Afirma-se e acredita-se piamente que é preciso ficar sem sexo durante as longas semanas que precedem o combate, porque transar amolece, fragiliza, enfraquece” (Wacquant, 2002, p.278). Contudo, os docentes não coíbem a prática sexual, ao contrário, pouco tocam no assunto, mas quando o fazem pedem que os garotos sigam a cartilha, notória no sistema futebolístico, de não terem relações sexuais nos dias anteriores aos jogos, bem como evitem saídas noturnas ou, pelo menos, dispêndios excessivos de energia nos momentos de entretenimento.²³⁷

Mas não é a contaminação da corporalidade que ameaça as trajetórias dos jovens, e sim o temor da interrupção do projeto futebolístico diante das contínuas atualizações das relações familiares.²³⁸ As namoradas nem sempre são bem recebidas

²³⁷ Prescrição observada também por Wacquant (2002, p.278) na prática pugilística.

²³⁸ Processos de atualização que serão analisados de forma detida nos próximos capítulos.

pelas famílias e incorporadas harmoniosamente aos projetos futebolísticos, pois são consideradas ameaças ao possível sucesso dos filhos.²³⁹ Para os pais e mães, as relações afetivas e de paquera, dentro e fora dos espaços esportivos, podem atrapalhar o jovem futebolista e desvirtuar o planejamento ordenado para efetivações do projeto familiar, agora atualizado/perturbado com a presença das várias garotas ou de uma específica. Um perigo estigmatizado pela própria forma de denominar a relação do filho com a garota por arquétipos pejorativos e diminutivos do laço, no caso, a “namoradinha”. A figura feminina adquire signos ainda mais contraproducentes quando pais e mães comentam sobre os receios de gravidez e consequente paternidade.²⁴⁰ Cabe ressaltar, porém, que tais temores não os levam a associar as “namoradinhas” à dimensão das projeções e interesses comumente identificados no estereótipo de mulher oportunista que permeia o sistema futebolístico: a famigerada “maria-chuteira”.²⁴¹

Portanto, mais do que revelar desconfiança da namorada possa se aproveitar do filho para ter dividendos e benefícios em momentos vindouros – afinal, a imprevisibilidade do projeto é quase consensual –, pais e mães amedrontam-se frente à possibilidade dela estorvar ou interromper a efetivação do projeto familiar futebolístico. Os professores admitem conhecer diversos casos de jovens futebolistas promissores que desistiram do projeto para aproveitarem mais tempo com as namoradas ou os projetos desistiram dele: “Denis foi um dos melhores que passou por aqui. Meia armador talentoso, parou de treinar, se perdeu num rabo de saia”, afirma Sérgio, nomeando um dentre outros relatos de “carreiras de jovens promissores que foram arruinadas”. Abrir mãos das garotas ou de períodos significativos de tempo ao lado delas é, segundo Zé Maria, um dos sacrifícios que os jovens têm que fazer para dar prosseguimento ao projeto: “Pode até arrumar uma namoradinha, mas não é hora de gastar muito tempo nisso. Tem que se dedicar mais ao futebol”.²⁴²

²³⁹ Receios estendidos a certas amizades construídas em outros espaços do bairro, como escolas, ruas, lanhouses etc., e tolhidas por serem consideradas ameaças ao projeto familiar.

²⁴⁰ Sobre a questão da gravidez entre o público juvenil, conferir Heilborn et al. (2006).

²⁴¹ As mulheres atreladas ao estereótipo de “maria-chuteira” são consideradas aproveitadoras e fúteis. Não podem ser confundidas com as esposas dos jogadores, embora algumas já tenham sido identificadas como “maria-chuteira” em algum momento. Têm semelhanças e diferenças em relação às tietes ou “groupies” – termo para usado para se referir a garotas que admiram e perseguem integrantes grupos musicais –, que também são recorrentes no sistema futebolístico.

²⁴² As “namoradinhas” têm, no entanto, um papel importante na vida desses jovens. Marina [97], namorada de Renato [97], afirma que tenta participar ao máximo da rotina do jovem, estar sempre junto. Chega a programar seus horários de acordo com a rotina dele. Procura ir aos jogos para dar apoio e não vai quando as partidas são disputadas em outra cidade. O papel de namorada exige privações na sua vida pessoal, principalmente durante os períodos de competição. Nesses momentos, ela procura livrá-lo de

Jovem futebolista do Botafogo com sua "namoradinha": próximo ao campo de futebol, mas distante dos colegas de equipe e longe dos olhares do treinador. Cidade Universitária, USP (Foto: Enrico Spaggiari).

preocupações para que ele possa jogar bem. Às vezes, pouco consegue aproveitar da companhia do namorado devido ao stresse e desgaste físico resultante de treinos e partidas. “A gente tinha uma festa para ir no final de semana passado, mas ele voltou do treino com uma lesão e não podia ficar andando por aí. Tem dia que ele está tão cansado que nem consegue passar lá em casa para me ver”. Marina afirma que é compreensiva e entende que o jovem está em um momento decisivo e que precisa se cuidar. Mas nem sempre foi assim: “Ele perdeu o meu aniversário. Na hora, cobreí que ele estivesse aqui, até brigamos, mas depois percebi que ele nem sempre vai poder estar presente”.

5.4 – As casas dos projetos futebolísticos

A casa é uma categoria analítica capital na investigação dos arranjos familiares que sustentam os projetos futebolísticos. Domínio estruturante da vida social, a casa é um espaço agenciador e mediador decisivo na constituição e reprodução das relações e experiências familiares, *locus* de instituição da família (Woortmann, 1987) e da composição do parentesco (Carsten, 2004; Carsten e Hugh-Jones 1995), em que o individualismo é regulado e laços de cooperação são reproduzidos de forma contínua, num universo marcado pela convivência, solidariedade e conflitos.²⁴³ Longe de ser uma unidade em si mesma, a casa deve ser compreendida dentro de uma lógica processual que incorpora os significados das relações sociais construídas no espaço residencial, tomando-a não apenas como local de moradia e das relações de parentesco (Marcelin, 1999), mas principalmente como lugar onde projetos familiares são gerados, cultivados e alargados: tomam-se decisões coletivas, trocam-se informações, articulam-se e negociam interesses e conflitos entre as tentativas de individualização e esforços coletivos. Tal dinâmica relacional é revelada nas práticas dos projetos familiares e na constituição do jovem futebolista. Por isso, faz-se necessário compreender a centralidade da casa na vida familiar destas crianças e jovens a partir das relações que se constroem em seu interior (bem como para fora) e dos significados a ela atribuídos (Carsten e Hugh-Jones, 1995).

Portanto, a casa deve ser compreendida a partir dos vários significados, relações e substancialidades conferidos pelas pessoas às práticas neste espaço e que estão nele concretizados. Materialidade extensiva das pessoas que nela habitam, a casa é um produto inacabado que incorpora as trajetórias e relações ali desenhadas. Tendo em vista que as relações na casa não são fixas, o espaço transforma-se junto com seus moradores, o que a faz ter sentidos cambiáveis. Trata-se de um espaço investido de sentido, um lugar de sociabilidade, de vínculos e de trocas que se estabelecem com e a partir dos jovens futebolistas. Portanto, a casa é um processo, pois é ocupada e vivenciada cotidianamente pelos moradores. É um local de significativa expressão das relações sociais entre as pessoas e também destas com os objetos que a inteiram nos

²⁴³ Sobre a relação entre família e casa, conferir Woortman (1987), Macedo (1979) e Marcelin (1999).

seus vários ambientes, pois as casas materializam os projetos de seus habitantes e suas redes de relações.²⁴⁴

Contudo, as relações sociais não se restringem à dimensão espacial. Ao mesmo tempo em que nela se fundamentam, a casa transcende o espaço físico, material e funcional. As relações e laços familiares extrapolam o espaço da casa para outros espaços de convivência onde são atualizadas e, assim, reconfiguram as fronteiras dos domínios privado e doméstico. Lugar das experiências, a rua das crianças e jovens articula medo e liberdade, deslocamento e imobilidades, autonomia e sujeições; a casa, por sua vez, revela-se o domínio onde impera comportamentos relacionados à privacidade e intimidade, conforme observou DaMatta (1991), espaço de convívio familiar, socialização, obrigações domésticas, cuidado dos irmãos, deveres escolares etc.²⁴⁵ Embora as práticas cotidianas em casa e na rua sejam distintas, não se tratam de esferas opositivas rígidas, pois cada espaço pode incluir diferentes práticas complementares. Uma análise da configuração dos espaços residenciais permite, assim, compreender questões que ultrapassam a esfera privada e ganham a arena pública da vida social, bem como o inverso. Afinal, o público e privado são domínios que devem ser analisados em relação.

Uma rápida observação das moradias da vila permite perceber a diversidade de casas inacabadas, com seus “puxadinhos”, que abrigam os novos núcleos familiares formados, também não finalizados, lajes e quintais, estes últimos em lotes maiores compostos por outras casas destacadas para a moradia de parentes.²⁴⁶ São, em sua maioria, habitações de autoconstrução erigidas por pedreiros, conhecidos ou pela própria família; casas pequenas em áreas densamente ocupadas que só permitem a verticalização da construção; moradias contíguas umas às outras; incompletas e interrompidas por falta de materiais e recursos para finalizar a obra; novas e ao mesmo tempo deterioradas; algumas delas em áreas de risco, adjacentes a córregos, ladeiras ou na encosta de morros; várias construções e habitações em terrenos sem documentação e

²⁴⁴ Questões observadas por Schrijnemaekers (2011) em sua análise sobre as relações das pessoas com a casa e seus objetos.

²⁴⁵ Sobre a oposição clássica entre casa e rua, conferir DaMatta (1991), diáde de noções construídas e fixadas, mas que se mostram mutáveis e reelaboradas cotidianamente, bem como mediadas por outros lugares de pertencimento e familiaridade, como revela a categoria de *pedaço*, proposta por Magnani (1998) como o espaço intermediário reconhecido pelas pessoas e onde elas se encontram e partilham experiências de lazer.

²⁴⁶ Sobre a estruturação dos espaços nas casas e configuração de casas das camadas populares, conferir a análise de Guedes (1998) sobre o “quintal” em Niterói.

alvarás para a construção, cenário há tempos corriqueiro em vários bairros de São Paulo (Bonduki, 1998; Marques, 2005).

A casa própria é um projeto coletivo concebido durante um longo processo cotidiano de investimentos econômicos e humanos (Kowarick, 1993). A construção, transformação e melhoria das residências evidenciam a valorização que os familiares conferem às condições em que encontram as casas, alvos de constantes reformas e aditamentos: de transformação do “barraco” em “casa”, troca da madeira por tijolo e alvenaria, casas de alvenaria para materiais duráveis, do aluguel para a casa própria. Mesmo com poucos ou nenhum recurso, procuram fazer melhorias gradativas na casa o quanto antes possível, sem, no entanto, interferir na rotina diária de seus moradores. As construções e reformas, que promovem também uma transformação social das vilas, podem, assim, ser finalizadas ou adiadas por vários anos de acordo com as variadas situações cotidianas enfrentadas pelos moradores: desemprego, problemas de saúde, mortes, ausências prolongadas.²⁴⁷

Fabício, pai de Renato [98], afirma que fez inúmeras modificações na casa desde que a construiu há 22 anos. Os primeiros anos foram marcados por muita economia e dificuldades financeiras. Sem dinheiro, buscava primeiro investir na segurança da casa, como cercar de muros e colocar barras nas janelas. Nos anos anteriores, fizera mais um quarto, além de iniciar a construção de uma laje. E continua a guardar dinheiro do salário de cada mês para realizar melhorias na casa da família. Os gastos são muitos: pilhas de tijolos, sacos de concreto e outros materiais de construção. Com o tempo, passou a comprar material de melhor qualidade e maior durabilidade, porém nunca conseguiu juntar dinheiro para fazer uma reforma completa na residência. Localizada em uma rua recém-pavimentada, a casa se harmoniza com outras mais humildes, algumas delas feitas de madeira e ou só de tijolo, sem forro nem reboco.

A família de Jarbas, pai de Maurício [99], vendeu a casa – único bem da família – onde morava. Localizada em frente a um córrego do bairro, a casa sofria com períodos de alagamento, quando a água invadia e cobria de lama seus pertences. A residência atual, em outra vila de Guaianases, foi construída por eles mesmos durante cinco anos;

²⁴⁷ As narrativas sobre as mudanças vinculadas à moradia em Guaianases remontam às décadas de 1940 e 1959, quando as outrora vilas construídas pelas pedreiras na primeira metade do século XX próximas ao local de trabalho, foram, com a intensificação do processo de industrialização e aumento da quantidade de força de trabalho, substituídas por habitações populares inseridas num contexto posterior de aumento da espoliação urbana, germinada pela articulação entre políticas estatais e relações econômicas no mercado imobiliário (Kowarick, 1993).

falta apenas pintar e rebocar as paredes, e pequenos acabamentos nas janelas. O próximo passo, segundo Jarbas, é expandir a moradia para fazer um puxadinho para a filha que vai se casar.

Deste modo, os lugares, permanentemente inacabados, têm múltiplos significados, revelam os atributos e valores de seus moradores, e suas transformações expressam as conquistas pessoais e profissionais. Assim, a casa pode ser um modo de diferenciação social entre os moradores das ruas e vilas dos bairros, visto que revela a progressão das condições sociais e a consolidação familiar ao longo dos anos com base na quantidade de trabalho e recursos investidos nela.

O espaço da casa e os diversos elementos que o compõem são dotados de sentidos relacionados à memória familiar e pessoal. Os projetos passam pela compreensão de como a organização dos espaços e o arranjo relacional da casa podem definir e serem definidos pelas relações futebolísticas. Das casas espaçosas, com segundo andar e quintais, até as casas acanhadas de apenas dois cômodos,²⁴⁸ a maioria apresenta disposições e elementos que se repetem em residências populares. Casas com sala e cozinha, com um ou até três dormitórios, um ou dois, banheiros, quarto de casal separado do quarto das crianças. Alguns cômodos mais amplos do que outros, mas todos em contínua construção. Espaçosas, a sala e a cozinha são os recintos privilegiados de reunião e sociabilidade, ainda que a convivência possa ocorrer de forma ocasional e passageira.²⁴⁹ Em algumas, a configuração premida dificulta a circulação das pessoas pelo ambiente, mesmo que muitas casas ignorem o uso de portas para dividir os ambientes e conferir privacidade. Todas as casas, porém, revelam a preocupação da família em mantê-la organizada e limpa, e decoradas com diferentes estilos de ornamentação, seja de uma casa em relação às outras ou aos cômodos de uma mesma casa. As paredes e aparadores são decorados com fotos dos familiares, diplomas de formatura da escola, do supletivo e da faculdade. Disputam lugar ali também objetos devocionais, como bíblias, crucifixos, imagens de santos e de Nossa Senhora Aparecida, troféus, medalhas, emblemas e flâmulas de clubes profissionais e amadores, fotografias de equipes varzeanas pelas quais o pai jogou. Mesmo quando não muito visíveis, pode-se encontrá-los, por exemplo, pendurados em imãs na porta das geladeiras,

²⁴⁸ Em alguns casos, as casas são utilizadas também como espaços de atuação profissional, seja como salão de beleza, marmitaria e local de vendas de diferentes produtos (alimentícios, bijuterias).

²⁴⁹ Inclusive na própria delimitação do espaço aonde as conversas e entrevistas eram realizadas. Conversava com os familiares na sala ou na cozinha, lugares preferidos para receber as visitas.

acompanhados de desenhos feitos pelos filhos na escola e lembrancinhas de casamentos, aniversários, batizados etc. Imagens religiosas, como a de São Jorge, envolta por escudos do Corinthians, aparecem também relacionadas aos símbolos clubísticos. Signos que representam o pertencimento clubístico compartilhado por quase todos os membros da família.

Sucessos e venturas são materializados nos objetos que preenchem o espaço, composto de um mobiliário que reúne sofás de dois e três lugares, mesas para refeições quatro e seis lugares, estantes, mesinhas de centro da sala, armários, camas etc. A alardeada precariedade não se reflete na variedade de produtos eletroeletrônicos encontrados nas casas: novas TVs de tela plana (LED, plasma ou LCD). A quantidade de aparelhos revela a importância conferida às TVs, que dominam mais de dois cômodos das casas, com os maiores e novos televisores imperando em salas pequenas, com televisores nos quartos e sempre o mais antigo na cozinha. “Tem que ter uma televisão boa para ver novela e o Verdão [*Palmeiras*] jogar”, afirma Lauro, pai de Fábio Augusto [97]. Computadores de mesa e notebooks, visto como de uso de coletivo e familiar, compõem o cenário da casa, principalmente na sala e nos quartos dos filhos. A cozinha e lavanderia apresentam equipamentos e utensílios domésticos – geladeira, fogão, microondas, máquina de lavar roupa – adquiridos em lojas populares, em diversas parcelas, a longo prazo.

As fotografias expostas também ajudam a compreender as relações familiares,²⁵⁰ ao deixarem entrever a elaboração e manutenção das memórias familiares. São documentos, registros de relações e eventos valorizados, com diferentes potenciais imagéticos, comunicacionais e estéticos.²⁵¹ Em meio às imagens de casamentos, formaturas e batizados, bem como de momentos de lazer e férias, as fotos de futebol ganham destaque ao desvelar projeto familiar futebolístico. As fotos de futebol ficam agrupadas em determinados locais: geladeiras, álbuns de família, gavetas; umas

²⁵⁰ Para uma análise detida sobre o sentido das fotografias e sua disposição pela casa, conferir Schrijnemaekers (2011).

²⁵¹ As fotos falam não só sobre o passado, mas também são expressão do modo como as pessoas vivenciam o presente. Um passado relido pelo presente, um presente contínua e imageticamente interpretado pelas efígies pretéritas a partir do que os moradores falam sobre as fotografias e as expõem em relação às outras imagens encontradas nas casas. O móvel ou parede escolhidos e o modo de expô-las em suportes, molduras, coladas e penduradas mostram como elas podem assumir diferentes sentidos. As fotografias sobrepostas, por exemplo, indicam afinidades e proximidades, enquanto a ausência de um membro da família pode revelar relações de conflito. As fotografias posadas ou descontraídas figuram em disposições arrumadas ou despojadas os momentos de solenidade ou descontração com familiares e amigos, revelando como as pessoas querem ser vistas dentro e fora da família. Um sentimento se destaca: a felicidade. Geralmente, os cliques registram momentos de sucesso ou bem-estar.

expostas ao orgulhosamente, outras escondidas propositadamente dos olhares de visitantes, restritas aos membros da família. São fotos do garoto jogando ou posando com uniforme em espaços futebolísticos, do garoto com jogadores e ex-jogadores profissionais; com professores e treinadores do Botafogo e de outras escolinhas, e retratos da família ao lado dos agentes de futebol. As fotografias são assim utilizadas para expressar carinho e respeito por determinadas pessoas, agregando-os aos domínios das famílias, mas também estabelecendo liames entre os familiares.

Os relacionamentos com os parentes não se circunscrevem ao espaço da casa, pois esta não se resume ao conjunto de parentes que nela habita, abarcando também as relações cotidianas com outras pessoas. Formas de convivência e partilha atravessadas pelo fluxo de pessoas pela mesma casa, ainda que não residam todas nela, pois existem outros pontos de organização da vida familiar que não passam necessariamente pela moradia em comum. Verifica-se uma participação pessoal negociada nas regras de convivência entre pais e filhos no espaço das relações comuns, como os horários das refeições e de ver televisão juntos.

As casas também são ampliadas e repartidas com professores, treinadores e agentes de futebol, que passam a frequentar o espaço, envolvendo-se com as atividades e hábitos familiares quando ficam para almoçar ou jantar, entrando e saindo sem grandes cerimônias. Então deixam de ser “visitas” e se tornam “chegados”, “gente de casa”.²⁵² Professores se inserem nas relações da casa, como revela a atuação do professor Sérgio, assim como os agentes de futebol.

Enquanto professores e agentes passam a ser “de casa”, os diretores do Botafogo, por exemplo, não conseguem se intensificar os laços e permanecem como visitas. A rara presença dos diretores gera constrangimento e são recebidos com formalidade, diferentemente do professor Sérgio, que sempre visita as famílias e, portanto, é “de casa”, por estar lá acompanhando os jovens, fazendo política, compartilhando momentos de lazer. O relativo distanciamento observado entre professores e pais na escolinha é rearticulado por aproximações na esfera da casa, principalmente no caso das famílias dos jovens integrantes das “equipes de competição”.

²⁵² O próprio pesquisador, depois de um tempo, passa a ser considerado assim: “você já é de casa”, escutei em algumas oportunidades.

Atualizações observadas também quando os jovens futebolistas passam a morar em locais diferentes, como alojamentos e albergues, durante períodos de avaliação ou quando são selecionados para clubes de outras cidades. Sair de casa é ingressar em um novo mundo, com diferentes valores e regras, marcado pela obediência e cerceamento da liberdade. Porém, mesmo com os longos períodos de permanência nos CT's, mesmo quando passa a ser então identificada como um lugar de passagem, a casa não deixa de ser uma referência, um espaço que constitui e atualiza o jovem futebolista. Ela permanece na memória e nos retornos semanais ou esporádicos para matar a saudade da família.

A casa não é desenhada somente pelo projeto futebolístico, como também por outras dinâmicas (religiosas, políticas, trabalho, vicinais). Contudo, são as relações entre as pessoas, e destas com os espaços, que fazem do recinto uma casa futebolística. Outros atores que conseguem superar as portas e paredes que fecham e retraem as dinâmicas familiares desfrutam de relações que apresentam um caráter temporário e perecível frente às relações perduráveis com os parentes consanguíneos, mas podem chegar a ser mais centrais dentro do universo familiar do que com outros parentes. O que demonstra não só o valor da vida cotidiana familiar na construção das trajetórias dos jovens candidatos a jogadores, mas também a importância da casa dentro das redes locais, ao revelar um espaço assinalado por relações de solidariedade e conflito constitutivas de um projeto futebolístico coordenado na esfera da casa, mas atualizado também em outras arenas, como a escolinha. Revela-se, assim, uma *casa futebolística*, concebida como uma chave de apreensão dos valores, regras e interesses que norteiam os projetos familiares aqui pesquisados e que passa a existir somente dentro de um contexto e em relação com outras dinâmicas que envolvem tais projetos.

5.5 – Comensalidade e convivência

A comida toma um lugar importante na organização do consumo das famílias pobres. Substância por meio da qual não só esquematizam seus hábitos alimentares, mas também elaboram representações, estabelecem diferenciações e pensam suas condições sociais. A importância da comensalidade não se restringe apenas à qualidade dos

alimentos, mas também à forma como são preparados e consumidos.²⁵³ Fonte de prazer, ela é marcada também por regras dietéticas e interdições. As crianças e jovens apresentam diversas práticas e hábitos alimentares que se alteram conforme o desenrolar do projeto familiar. Abordar o modo pelo qual o alimento é consumido é descrever um processo social que envolve o preparo e partilha de alimentos. Alimentar-se não é uma prática individual, mas sim uma atividade social, quase sempre realizada na presença de outras pessoas, ainda que não seja efetivada sempre do mesmo modo. A comensalidade é uma prática constituinte dos projetos familiares e envolve comer e beber juntos, partilhar alimentos seja nas refeições cotidianas ou em momentos de consumo cerimonial. Almoço e jantar à mesa são momentos diários de encontro, pertencimento e convergência das famílias para a congregação das pessoas. Formas de partilha e confraternização que encetam relações familiares e reforçam os vínculos.

Comer junto com outras pessoas revela a importância de ser convidado e estar presente nos rituais de comensalidade, quando a comida é partilhada entre familiares e afins. Aqueles que são convidados para estes momentos, como professores da escolinha e agentes de futebol, passam a ser considerados mais do que apenas “conhecidos”, enquanto outros, como os diretores do Botafogo, são privados das formas de relação duradouras fortalecidas pela comensalidade.²⁵⁴

A elaboração dos hábitos alimentares passa não só pelo modo de consumir, mas também por uma preocupação com o preparo e qualidade dos alimentos. Estes são classificados conforme as diferentes concepções dietéticas elaboradas por pais e mães. A importância do apresto da comida é revelada pela preocupação em ter pratos ricos em nutrientes e, quando possível, diversificação dos alimentos presentes no cardápio. Uma variedade alimentar pouco acessível, principalmente devido ao baixo poder aquisitivo, adquirida e consumida de acordo com uma relação custo-benefício. José Paulo, pai de

²⁵³ A alimentação tem um sentido prático e racional de suprir as necessidades do corpo de acordo com as características dos alimentos, mas a lógica classificatória não é regida pela materialidade e valor nutricional dos alimentos, e sim por um complexo sistema simbólico que institui padrões, regras dietéticas e agrega qualidades aos produtos. Assim, mais do que uma questão biológica e ato vital de sobrevivência, a alimentação é um processo organizado por uma lógica simbólica que revela códigos culturais, formas de organização familiar e compreensões de mundo. Como lembra Sahlin (2003), são os arranjos simbólicos em conjunto com o sistema produtivo que redefinem a seleção e consumo, a comestibilidade dos alimentos e suas posições no sistema familiar. Portanto, o consumo de cada alimento na casa tem seu significado. Os significados variam conforme as distinções atravessadas por questões de classe, renda, gênero, local de moradia, prescrições religiosas etc., relacionadas à formação do gosto (Bourdieu, 2007).

²⁵⁴ A alimentação está ligada às dimensões afetiva e de proximidade relacionadas à colaboração mútua inscrita no projeto futebolístico. Quando comentei com Adonias, vice-presidente do Botafogo, que havia almoçado na casa de Bernardo [97], o diretor botafoguense reclamou por nunca ter sido convidado.

Dida [00], relata que agendou consulta com uma nutricionista particular em Itaquera. Voltou com a indicação de preparar um cardápio cromático e variado: “A nutricionista disse que a mesa tem que ser bem colorida, com várias opções. Mas o moleque não gosta de verduras e legumes”. Os familiares revelam ter dificuldades para ministrar uma alimentação saudável específica para os filhos jogadores. Ao mesmo tempo em que os incentivam a se alimentar bem para fortalecê-los, procuram ajustar uma alimentação moderada para evitar excessos na ingestão de alimentos, principalmente daqueles considerados nocivos. Se algumas substâncias, que participam do processo de constituição dos jovens futebolistas, são consideradas apropriadas, outras são incluídas na lista de prescrições alimentares. Assim, ao elaborarem concepções dietéticas na construção da trajetória do jovem futebolista, os pais vetam alguns alimentos que não são considerados nutritivos. Evitam ingredientes gordurosos para o filho não ganhar peso, optando por alimentos nutritivos e mais baratos dentre aqueles tidos como pesados em carboidratos. Refrigerante, biscoitos e chocolates são liberados somente em alguns dias da semana. “O Rafael [98] adora presunto e queijo. Se a gente deixasse, ele só compraria sanduíches e Coca-Cola”, justifica Carmen. Em outros casos, a dificuldade é superar alguns tabus alimentares, pois o filho futebolista não come de tudo, e assim evitar a promoção de um corpo enfraquecido para a prática futebolística.

Determinar o que os filhos podem ou não comer visa a formatação de uma arquitetura corporal que não seja untuosa tampouco desnutrida. Mencionam, também, um cuidado especial na compra dos alimentos e no preparo da comida em casa, bem como na definição de horários para as refeições familiares. Segundo Vicente, pai de Elton [98], o filho engordou quando passou a fazer mais refeições em restaurantes e lanchonetes nos trajetos entre a casa e o campo de treinamento do União Suzano, com alimentos mal preparados ou de qualidade questionável, como pratos congelados, hambúrgueres e batatas fritas. Frente à diversidade de lugares com diferentes formas de consumir os alimentos, diferentes práticas culinárias, tipos de ingredientes e de mistura, as famílias privilegiam o “comer em casa” em detrimento do “comer fora”. Mas apreciam também sair para comer, embora o façam somente em ocasiões especiais ou por necessidade. Trata-se de uma refeição diferente da consumida cotidianamente, realizada principalmente quando não podem retornar para comer em casa.

Ele tem uma dieta balanceada. A gente procura cuidar da alimentação dele em razão da idade. A gente evita que ele fique comendo doce, tomando refrigerante. De manhã, ele tem um café, tipo, um copo de leite com alguma

fruta. Na hora do almoço a gente já orienta ele para comer salada, e nessa idade é difícil um garoto querer comer salada. E durante a semana a gente evita que ele fique comendo doce, tomando refrigerante, e até tomando algum tipo de lanche. Tipo, um final de semana, assim, a gente tira para ele sair de cima do muro, ir para o shopping, aí a gente libera para ele, “fica à vontade”. Ele vai tomar refrigerante, vai tomar um milkshake, comer lanche (Dulcídio, pai de Matheus [96], trecho de entrevista).

Ao criarem novos hábitos alimentares para o filho esportista, os pais acabam por alterar o comportamento alimentar de toda a prole e mudam a própria maneira de se alimentar. Isso não quer dizer, porém, que os alimentos sejam partilhados com equidade, pois o projeto suscita expressivas mudanças na comensalidade, inclusive com pontuais, porém significativas, diferenciações na hora de distribuir os alimentos entre os familiares. Se a quantidade de alimentos é igual para todos, reservam-se a melhor parte do que é preparado para o futebolista. Na hora das compras, investem, na medida do possível, em alimentos considerados mais saborosos, sempre associados a marcas mais onerosas. Privilégios que nem sempre são contemplados, pois as crianças e jovens têm preferência por alimentos caros, preteridos frente a produtos mais necessários para a família de forma geral. A falta de recursos para comprar determinados produtos considerados adequados leva familiares a priorizar a compra de alimentos mais caros especificamente para os jovens futebolistas. Assim, o desafio é inserir certas regras dietéticas em seus apertados orçamentos:

A diferença do Renato é que a gente dá muita salada para ele, salada, banana. A gente faz um suco de beterraba para ele. Então, alimentação, a gente pega mais no pé dele. A gente pega [no pé] de todos, mas dele mais porque ele pratica esporte, ele precisa mais da alimentação. Então a gente cobra mais dele. Comer mais frutas, salada, vitamina (Rosenildo, pai de Renato [98]).

Tais alterações nas formas de distribuição da comida são observadas, por exemplo, no caso da carne, alimento protagonista dentro da pouca possibilidade de variações no cardápio de uma dieta repetida de forma sucessiva, baseada principalmente no arroz, feijão, batata e carne – nutrição que dá a percepção de satisfação, de “barriga cheia”. Salada, legumes e verduras são incorporados ao cardápio, porém não são considerados alimentos que mitigam a sensação de fome e tampouco fornecem a seiva necessária para sustentar corpos imersos em atividades diárias que exigem empenho

físico e dispêndio de energia.²⁵⁵ Dentro do cardápio quase monotemático, a carne é considerada um alimento vigoroso, que municia as necessidades nutricionais para a extenuante rotina dos filhos, mas que é caro e pouco acessível. Alimentar-se de carne confere prestígio, pois é um alimento valorizado, e o favorito a ser oferecido às visitas. Assim, embora seja considerada o prato principal da refeição e tenha uma centralidade no cardápio e dieta dos jovens futebolistas, a carne – em seus variados tipos, cortes e preparos – não aparece diariamente nas mesas dos demais filhos e familiares.

5.6 – Público e privado

As negociações observadas nos arranjos familiares revelam que as obrigações dos pais e das mães não se mostram tão demarcadas, ainda que tais posições possam variar segundo o gênero, visto que o sistema futebolístico delimita espaços e ajusta códigos e condutas para homens e mulheres. No universo do futebol varzeano, por exemplo, a masculinidade é associada à força física, virilidade, agressividade, mas também à humildade, respeito, lealdade, enquanto, nas conversas entre os pais e entre os profissionais do clube, as mães são associadas ao espaço doméstico e à esfera familiar. Desse modo, a compreensão dos distintos papéis dos pais e mães nos projetos familiares futebolísticos exige uma problematização da demarcação dos posicionamentos por práticas de gênero nas dinâmicas cotidianas. Novamente, o binarismo masculino/feminino mostra-se insuficiente para a compreensão dos projetos familiares. Longe de se filiar a pressupostos dicotômicos que naturalizam e reificam leituras generizadas, a análise dos projetos revela uma flexibilização dos posicionamentos que não se encerra nos papéis e atribuições tidos como “masculinos” e “femininos”. Desnaturalizar as relações dos cônjuges com os filhos implica observar aspectos que podem apresentar diferentes significados para homens e mulheres, mas que não estão fixados. Portanto, ao mesmo tempo em que são atribuídas funções, espaços e valores

²⁵⁵ A escolha da composição das refeições revela como alguns alimentos são considerados comida e outros não (Zaluar, 1985). Os pais revelam preferir determinados alimentos em meio a um hábito alimentar planejado e cultivado em relação à falta e inacessibilidade de certos produtos. Um consumo alimentar que pode diminuir ou aumentar a depender da renda do mês. Contudo, o acréscimo na renda ou mesmo condições precárias não provocam alterações radicais nas preferências e hábitos alimentares. As refeições diárias de arroz e feijão são citadas, a todo momento, como comidas humildes, mas apreciadas e necessárias por seu valor nutritivo.

aos gêneros na sistematização da vida familiar, a atuação das mães e pais revela alterações e repartição de posições.

As relações de gênero evidenciam diferenças de poder que não se reduzem à tradicional divisão sexual do trabalho, alcançando também formas de divisão do espaço urbano no que diz respeito aos domínios da esfera privada (casa) e esfera pública (rua). A divisão entre público – definido pelo espaço-tempo do trabalho e da política – e privado – associado à casa, família e afetividades – reserva aos homens a atuação na primeira esfera e para as mulheres uma participação ativa na segunda.²⁵⁶ Todavia, tais domínios das atividades não se mostram interditos, mas rearticulados em papéis e atribuições que embaralham as arenas pública e privada. O homem constitui o mediador privilegiado, porém não exclusivo, das relações familiares na esfera pública dos projetos futebolísticos, enquanto as mães têm uma posição de interlocução distinta, mas também não exclusiva na dimensão privada. Assim, a participação dos pais tensiona concepções de que as atividades relacionadas ao espaço da casa são femininas: cuidado dos filhos, gerência da vida escolar, preparação dos alimentos, limpeza etc. Ao mesmo tempo, o envolvimento das mães nos projetos permite questionar a concepção do futebol vinculado às trajetórias masculinas e identificado com a arena pública, onde se pressupõe a hegemonia das relações entre homens, ou seja, externas e em oposição à casa (Heilborn, 1997).

A atuação do pai, muitas vezes centralizadora, mostra-se capital para a efetivação dos projetos. Figura masculina de um projeto relacionado a uma prática esportiva tida como intrínseca ao universo dos homens, o pai é sempre mencionado e solicitado pelos jovens, que os definem como conselheiro, empresário e até como treinador. Sua presença é exigida por professores, diretores e agentes de futebol, que privilegiam as conversas e reuniões com os pais para encaminhar decisões relacionadas ao projeto.²⁵⁷ Assim, o foco da esfera pública nos projetos futebolísticos está nos homens.

²⁵⁶Sobre as relações de gênero nos estudos de famílias pobres, conferir Sarti (2007) e Fonseca (2003).

²⁵⁷ Como se argumentassem para a *necessidade de um pai* para a efetivação da carreira de um filho futebolista ou, indo além, para a *necessidade de pais e a necessidade de mães*, ou seja, a necessidade de um “modelo duogenético de parentalidade” (Strathern, 1995, p.322). Referência à ideia de não exigência do parentesco para a parentalidade, analisada por Marilyn Strathern (1995) em seu artigo sobre a polêmica envolvendo mulheres que buscavam novas tecnologias reprodutivas para terem filhos sem passar por relações sexuais – denominada “Síndrome do Nascimento Virgem”.

Túlio, pai de Vitor [97], afirma que é seu papel acompanhar o filho em todos os momentos e deslocamentos, enquanto a mãe fica responsável pelos cuidados envolvendo o espaço da casa. Paralelo ao trabalho realizado na escolinha, Edinho, pai de Gabriel [96], articula iniciativas próprias, com investimentos em materiais esportivos (bolas, uniformes etc.), criando também outras oportunidades para o filho “jogar bola”. São iniciativas que acabam por incorporar outros jovens futebolistas, amigos do filho, ampliadas pelos laços que são criados ao longo de concretização dos projetos familiares, revelando diversas formas impulsionar a carreira de jogador do filho. Ambos, Túlio e Edinho, relembram o momento em que perceberam que o filho poderia se diferenciar dos outros jogando futebol, pois “levava jeito para a coisa”. A manifestação do “dom” pode ocorrer em diferentes situações: batendo bola em casa, nas aulas de educação física na escola, nas brincadeiras de rua ou, posteriormente, quando já estão matriculados em escolinhas de futebol. E esse momento de descoberta do “dom” para o futebol raramente é empreendido pelas mães.

Em alguns casos, a participação dos pais que não conseguem acompanhar diariamente seus filhos no futebol pode se restringir à convivência com eles em casa. Porém, a maioria participa na organização das atividades diárias do projeto além de na esfera privada. É quando o pai procura conciliar a dedicação às tarefas domésticas e aos cuidados dos filhos com o emprego e outras atividades remuneradas. A presença mais intensa na rotina doméstica provoca rompimentos contínuos e mudam hábitos anteriores.

Lauro, pai de Fabio Augusto [97], estreitou suas relações com o filho e começou a realizar ações que antes não desempenhava: ajuda o filho nas tarefas escolares; separa, lava e costura os uniformes de treino; limpa e remenda as chuteiras; arruma o quarto, compra e cozinha os alimentos destinados ao filho futebolista. Se antes os maridos cozinhavam ou ajudavam apenas aos domingos, quando a família recebia visitas, passaram a participar também durante a semana, tomando a responsabilidade pelo preparo das refeições do filho futebolista. Assumem também a compra de alimentos e passam a ter mais acesso ao controle do orçamento da casa. Os homens aderem ao ato de cozinhar, mas não chegam a subverter a posição basilar da esposa na configuração alimentar da casa e organização do orçamento doméstico, pois a refeição geral da família continua sendo uma tarefa atribuída às mulheres. Portanto, no caso de Lauro, a adesão à esfera privada do projeto familiar ajuda a relativizar uma suposta distância dos homens em relação aos filhos em casa.

Discorrer sobre a participação feminina é evidenciar a centralidade da mãe nos arranjos familiares. Principais responsáveis por cuidar dos filhos e organizar a vida doméstica, algumas mães trabalham fora todos os dias da semana outras realizam atividades temporárias para incrementar a renda familiar, trabalhando diaristas, cozinhando e lavando roupa para fora, cuidando dos filhos dos outros. Outras ainda preferem não trabalhar fora e se concentrar no cuidado com os filhos, principalmente se as ocupações remuneradas não contribuem de forma significativa para a expansão da renda familiar. Essa capacidade de acumular e articular diferentes tarefas dentro e fora de casa proporciona a valorização observada nas recorrentes falas dos jovens sobre contradições futuros especificamente nominados para a mãe: “Quando ganhar dinheiro no futebol, quero comprar uma casa para minha mãe”. Tal papel organizativo atribui às mulheres um *status* distintivo: elas são, afinal, figuras imperativas à construção dos projetos familiares.

Se o pai tem um papel mais representativo na vida pública, a atuação das mães não é menos relacional por se concentrar na esfera privada. Ainda que considerado a autoridade na esfera pública, o pai não se mostra dominante nas decisões e escolhas relacionadas ao projeto. Mesmo que mais ausentes da esfera pública, as mães não estão em uma posição de invisibilidade, tampouco secundária ou inferior. Ocupam posições influentes no interior dos projetos ao proporem mudanças e reproduzirem ações e valores conferidos aos homens no sistema futebolístico. Janaína, mãe de Rodrigo [99], é a responsável pelo dinheiro que circula na esfera doméstica, direcionado as despesas coletivas da casa e pequenos gastos diários. Dona de casa, Janaína é quem gerencia o salário do marido, empregado nas aquisições, serviços e subsídios relacionados ao projeto futebolístico representado pelo filho. Assim, o envolvimento da mãe nas negociações travadas na esfera pública também está relacionado à sua atuação junto à família e à casa (Fonseca, 1995; Sarti, 2007).

Se, para algumas mães, como Janaína, participar da rotina do jovem futebolista é executar as atividades de administração financeira do lar, outras adotam uma atuação fora do domínio privado. Dolores, mãe de Giovani [98], ocupa-se com os serviços de cabeleireira que realiza em casa, assim permanece grande parte do tempo no cuidado do filho. Desempenha também o papel de acompanhar sua jornada esportiva, levando-o aos treinos da escolinha e às partidas dentro e fora de Guaianases. Enquanto o marido passa a maior parte do dia e da semana fora de casa, trabalhando na coleta do lixo, Dolores cuida da manutenção dos projetos futebolísticos com vigor e interesse. Acompanha o

filho pelos campos do bairro e da cidade, participa das reuniões com a equipe da escolinha, compra os materiais esportivos, frequenta com parcimônia as rodas de conversa dos pais nos treinos, atividades por ela definidas como “coisas de homem”.

Os projetos familiares evidenciam que a participação das mulheres na vida dos jovens futebolistas não é secundária; ao contrário, é fundamental dentro dos projetos familiares.²⁵⁸ Tais situações permitem perceber como o trabalho em casa não se reduz a uma fonte de rendimento para a manutenção do lar e subsistência dos filhos, mas também como forma de acesso a relações sociais diversas. Tanto o pai quanto a mãe acionam suas redes de relações, seja de vizinhança, parentesco, trabalho etc., para investir na carreira do filho. Porém, embora tenham um papel decisivo no espaço doméstico, as mães acionam relações em diversas situações (trabalhos informais no bairro, contatos com os outros pais na escolinha etc.) fora de suas casas, redefinindo seu papel doméstico e mediador.²⁵⁹ Atuação que se mostra ainda mais decisiva em famílias amparadas apenas na mãe, quando a ausência do marido/pai demanda maior engajamento desta.

Os jovens futebolistas, por seu lado, demonstram distinções nas formas de se relacionarem com o pai e a mãe, embora não seja possível vincular somente um ou outro à esfera afetiva e de proximidade. Além de existirem diferentes formas de expressar afetividade, os filhos alternam maior proximidade com a mãe ou com o pai frente à pluralidade de arranjos formados pelas distintas posições que os genitores ocupam situacionalmente. Ambos se alternam na responsabilidade de contribuir para um projeto familiar realizado de forma coletiva e que demanda “a cooperação não só de todos os membros da família conjugal, mas também de outros parentes e agregados a ela incorporados” (Zaluar, 1985, p.99).

Mário e Cleide, pais de Felipe [00], optaram por dividir o investimento do dinheiro. Os rendimentos do marido, maiores que o da esposa, são direcionados ao pagamento do aluguel, faturas de cartão de crédito, parcelas do automóvel e compras de supermercado, enquanto o salário de diarista da mãe cobre as despesas com

²⁵⁸ Algumas questões sobre a agência performativa das mulheres apontadas pela etnografia permitem relativizar uma possível universalidade da dominação masculina, como defende Bourdieu (2002) – em cuja análise parece ter maior proeminência os esforços de manutenção da hegemonia. A masculinidade hegemônica é um modelo ideal – enquanto modelo não se realiza totalmente – que rege e controla processo de composição das identidades masculinas, afirma Almeida (1995).

²⁵⁹ Para Michel Agier (1999), a atuação das mulheres não é menos urbana por se concentrar no ambiente doméstico. Ao contrário, é marcada por uma maior mobilidade e dispersão se comparada à circulação localizada e fechada dos homens.

deslocamento e compra de produtos esportivos, que se somam às pequenas compras realizadas diariamente para a manutenção da casa, cuidados do filho e alimentação. Ambos os rendimentos são valorizados e voltados ao consumo coletivo, porém é o dinheiro da mãe que está ligado diariamente ao projeto futebolístico.

Assim, os projetos familiares evidenciam o embaralhamento dos papéis – pai como principal provedor e mãe como pilar da coesão familiar – na construção da trajetória do filho futebolista.²⁶⁰ O conteúdo relacional dos projetos familiares, construído na articulação das esferas pública e privada, permite confrontar perspectivas que fixam diferentes espaços e temporalidades masculinas e femininas. Se a divisão das tarefas domésticas pode ser classificada de maneira assimétrica, em alguns casos a etnografia revela participações mais igualitárias (Fonseca, 1995; Sarti, 2007; Heilborn, 2004). Também não é preciso afirmar que as mães participam de forma mais acentuada do cotidiano dos filhos. Se a mãe se revela mais próxima e acessível nas práticas da esfera privada, o pai é aquele que, na maioria dos casos, acompanha os filhos nas jornadas futebolísticas diárias e nos períodos de competição. Embora as práticas na esfera pública tenham grande visibilidade, ocupadas, na maior parte das vezes, pelos pais, a participação das mães nas arenas privada e pública é decisiva no desenrolar do projeto. Portanto, as práticas de mutualidade na partilha das atribuições, resultantes das sucessivas negociações e acordos entre os familiares, atualizam de forma contínua os projetos futebolísticos. A elaboração dos projetos revela não só rupturas dos padrões tidos como dominantes que atualizam as ações associadas ao masculino e ao feminino, mas também quadros complexos de posições, negociações e glossários que permeiam um gradiente entre individual e coletivo, público e privado.

5.7 – Escola-trabalho-futebol

Pretende-se abordar os projetos familiares no sistema futebolístico através do olhar para as relações cotidianas que articulam algumas das principais dimensões na vida das crianças e jovens das periferias urbanas, entre as quais a dinâmica *escola-trabalho-futebol* (Spaggiari, 2009), marcada por inúmeras variações: aqueles que jogam e estudam, outros que jogam e trabalham, outros poucos que vivem as três esferas.

²⁶⁰ A imbricação das posições e papéis sociais do pai e da mãe flexibiliza a predominância de uma “ética do provedor” (Zaluar, 1985) nos projetos futebolísticos.

A inserção das crianças desde cedo nas atividades futebolísticas visa prepará-los com saberes e técnicas que os permitam, o quanto antes, tornarem-se jogadores. Assim, crianças e jovens vivem uma rotina de treinamento que ocupa várias horas do dia e muitos dias da semana. A intensa carga de treinamentos a que os jovens são submetidos dificulta a permanência na vida escolar. O envolvimento de treinos, partidas e deslocamentos pode implicar a desistência ou afrouxamento do envolvimento com os estudos. Gabriel [96], acorda às seis da manhã, vai para a escola, almoça e, três dias por semana, à tarde, treina nas categorias de base do São Caetano. Nos outros dois dias, treina no Botafogo. Afirma não ter tempo para estudar ou sempre estar muito cansado quando chega em casa, o que reforça a relação entre o envolvimento dos jovens com o futebol e a desmotivação com os estudos. Como reconheceu o goleiro Thiago [96], seu ingresso nas categorias de base do Nacional coincidiu com o baixo aproveitamento nos estudos. Mesmo treinando um período, o longo trajeto de deslocamento ao clube fez com que estudasse no período noturno. A mudança de grade horária na escola é comum, pois vários jovens têm treinos de manhã e de tarde, em diferentes lugares. Alguns deles deixam de cursar as aulas e fazem da vida escolar um projeto secundário em suas trajetórias.²⁶¹

Porém, ao avaliar a importância atribuída à trajetória escolar na definição dos projetos individuais e familiares, percebe-se que a escolarização pode ter diferentes significados para os agentes aqui pesquisados, que atribuem maior ou menor importância à formação escolar. Mas a questão familiar tem uma grande influência no desempenho dos alunos na escola, bem como no futebol. Vários familiares conferem uma grande importância aos estudos e afirmam priorizar o rendimento escolar.

A prioridade dele é a escola. Em primeiro lugar, se tiver que fazer uma prova de matemática hoje e tiver o futebol ali na frente, vai para prova de matemática. (...) A ideia de ser jogador de futebol está em segundo plano. Se chegar lá na frente e der alguma coisa, bom. Vamos torcer. Mas a escola junto (Carlos, pai de Pedro Henrique [00]).

Pego no pé dele na educação, acho que educação vem em primeiro lugar, ter respeito com os companheiros. Então estou sempre presente. Sempre cobrando dele, no futebol também. Quando termina o treino, falo: “Renato, você foi ruim nisso, naquilo, procure melhorar”. Então estou sempre ali

²⁶¹ Melo (2010, p.20-21) observa que a carga horária de treinamento (4.165 horas) de um garoto que vivencia todas as categorias entre os 12 e 17 anos é quase idêntica ao período total (4.800 horas) dedicado à escolarização por um garoto no mesmo intervalo de tempo até completar o ensino médio aos 17 anos.

ajudando ele. Com a escola também, pego no pé na escola. Vou à escola, participo das reuniões dele, converso com todos os professores, pergunto como ele está, se está conversando muito. Os professores falam que ele comenta muito futebol, que é a praia dele (Rosenildo, pai de Renato [98]).

Tal como o futebol, a educação é vista como um meio de investimento para se conseguir um bom emprego e melhorar a condição econômica. Mas a educação, na fala dos jovens, não aparece como um instrumento de mobilidade com o mesmo potencial que o futebol, que ofereceria a maneira mais fácil e prazerosa de alcançar esses objetivos.²⁶² Afirmam, ainda, que a formação escolar não é fundamental para a carreira de um jogador de futebol. Enfim, além de atribuírem uma importância significativa à carreira no futebol, tendo em vista os muitos atrativos de uma profissionalização, desmerecem a contribuição da escola para o “jogar bola”.

Os pais são os principais incentivadores da carreira futebolística. Assim, o incentivo para o prosseguimento dos estudos é pensado de forma articulada ao projeto familiar no sistema futebolístico. Tal como a desistência do projeto futebolístico, a saída da escola não é recebida com indiferença. Contudo, se nas decisões relacionadas ao projeto familiar o jovem é dotado de poderes e liberdades, os encaminhamentos educacionais não apresentam as mesmas lógicas. A saída da escola não é aceita pelos familiares, que insistem que os filhos continuem a estudar. O que configura um quadro analítico a ser analisado de forma detida, principalmente porque o período de investimento na carreira esportiva coincide com o período em que a educação escolar exige dedicação praticamente integral. A questão, já observada por Damo (2007), passa por saber como conciliar a escolarização dos garotos e a produção de jogadores, visto que a segunda ocorre em um período simultâneo ao da trajetória escolar na Educação Básica. Especialmente na faixa etária que compreende dos 14 aos 18 anos é que se define o sucesso ou não do projeto futebolístico. Lázaro relata que o desempenho escolar do filho não é bom. Repetente, Giovani [96] apresenta defasagem escolar porque ele, segundo o pai, não tem tempo para estudar o necessário, visto que treina mais de cinco horas todos os dias da semana. Portanto, não tem conseguido conciliar futebol e

²⁶² Embora a carreira de jogar esteja mais próxima dos que apresentam talento, o sonho de ser profissional também está no horizonte daqueles que dispõem de menos recursos técnicos, mas que podem alcançar o objetivo por meio do esforço, dos atributos físicos ou de uma rede de contatos privilegiada. Além disso, a categoria etária age como um filtro nesse processo: o sonho alimentado por anos vai sendo abandonado, por diversos fatores, conforme se aproximam de uma idade em que já não interessam aos clubes.

estudos num momento – aos 15 anos – fundamental para a efetivação de uma carreira de jogador.

A dificuldade e as desistências aumentam quando os jovens se inserem nas categorias de base de clubes e passam a ser remunerados (mesmo que seja com uma pequena ajuda de custo), como é o caso de Jonas [95]. Embora diretores e treinadores do Palmeiras facilitem sua progressão escolar, por saberem que ele é jogador do Palmeiras, Jonas afirma ter pouco tempo para se dedicar aos estudos. Os treinamentos têm exigido cada vez mais tempo e dedicação. O garoto pensa, inclusive, em interromper os estudos, tal como outros jovens fizeram em determinados momentos da ainda curta carreira.²⁶³ Alguns jovens confirmam que, em algum momento da incipiente trajetória, interromperam os estudos para priorizar o futebol.²⁶⁴ Ainda que muitos dos jovens do Botafogo não interrompam os estudos, os compromissos exigidos pelo esporte interferem de forma significativa. Parte expressiva dos alunos da escolinha apresenta defasagem idade/série: têm idade para frequentarem o ensino médio, mas não conseguem ser aprovados nas séries do ensino fundamental.²⁶⁵ A repetência escolar também é frequente entre os alunos da escolinha e a evasão escolar ocorre principalmente entre os 15 e 17 anos, após o ensino fundamental.

A tarefa de analisar a difícil conciliação entre a carreira futebolística e o processo educacional fica mais complexa quando observamos as chances de

²⁶³ O jogador Malcom, incorporado ao elenco profissional e alçado ao posto de titular do Corinthians com 17 anos, em 2014, é um, dentre tantos outros, que interrompeu os estudos e não completou a escolarização básica para se dedicar exclusivamente à carreira no futebol. Criado na favela Buraco Quente, na Vila Formosa, Zona Leste de São Paulo, o jovem jogador pulou etapas na categoria de base, foi titular na Copa São Paulo de Futebol Júnior, virou profissional e titular do time principal, teve salário reajustado, vivenciando todos estes eventos em menos de um ano. Cf. “Conheça o menino que deixou a escola para ser titular do Corinthians”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/23/conheca-malcom-corinthians.htm>. (Acesso em: 25/09/2014).

²⁶⁴ Segundo dados do IBGE de 2012, 37,9% dos jovens homens brasileiros, entre 18 e 24 anos, abandonaram precocemente os estudos; número maior que o dobro da taxa europeia (16,9%). A taxa de evasão escolar antes do tempo previsto cai (26,6%) entre as jovens mulheres brasileiras e as jovens europeias (12,4%). A mesma pesquisa do IBGE indica que 16,3% dos jovens brasileiros, entre 15 a 17 anos, estavam fora da escola (cerca de 1,7 milhão de pessoas) – taxa maior do que a apurada em 2009 (14,8%). As estatísticas brasileiras foram retiradas da PNAD 2011 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e os dados europeus são da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico). Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/11/28/jovem-brasileiro-abandona-duas-vezes-mais-a-escola-que-estudante-europeu-segundo-ibge.htm>. (Acesso em: 15/12/2012).

²⁶⁵ Segundo o Censo Escolar 2011, mais de um milhão de jovens, com mais de 14 anos, permanecem retidos no ensino fundamental, quando já deveriam estar, de acordo com a relação idade-série esperada e o fluxo escolar, no ensino médio. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/04/18/mais-de-um-milhao-de-jovens-estao-presos-no-ensino-fundamental-mostra-censo-escolar-2011.htm>. (Acesso em: 15/12/2012).

profissionalização, dado que o mercado futebolístico é muito competitivo e restrito – no Brasil, existem somente e “em torno de 500 clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA” (Damo, 2007, p.16). Além disso, a estratégia de ascensão social por meio da carreira futebolística não leva em conta que a remuneração da maioria dos jogadores brasileiros está bem longe dos altos salários do futebol. De toda forma, esses números não desestimulam a busca pela profissionalização, inspirada pela carreira dos jogadores famosos. Entretanto, caso o plano não se concretize ou seja interrompido por qualquer motivo, a reconversão das habilidades futebolísticas para outros projetos de vida, que exigem um investimento anterior na escolarização, pode se tornar complicada. Portanto, há uma dificuldade de reconversão das experiências esportivas em ocupações vinculadas ao mercado de trabalho, principalmente daquelas que não dependam da experiência no esporte (Souza *et al.*, 2008, p.108).

A relação entre formação educacional e carreira futebolística pode ser problematizada, de forma ainda mais incisiva, quando se adiciona a esfera do trabalho à discussão. Ao mesmo tempo em que procuram incentivar a dedicação dos filhos aos estudos em paralelo à prática futebolística, alguns pais relatam que trabalhar é uma ótima experiência, que pode trazer muitos benefícios aos filhos. Para outros, os filhos só deveriam começar a trabalhar depois que concluíssem o ensino médio. “Se depender de mim, ele só trabalhará quando estiver mais velho. Trabalhar e estudar junto é difícil, ainda mais nessa idade. Meu dever é fazer com que ele complete seus estudos, para que ele tenha um bom futuro”, afirmou Fabrício, pai de Renato [98]. Muitos, porém, entendem que os filhos devem estudar e trabalhar ao mesmo tempo para iniciar mais rapidamente uma carreira, ajudar financeiramente em casa, ganhar experiência, evitar a vadiagem, desenvolver valores e responsabilidade, ficar longe da criminalidade etc. João Paulo, ex-professor da escolinha do Botafogo, é sempre citado como exemplo dessa indolência e despreparo para o mundo do trabalho. Decidiu sair da escolinha para ensinar capoeira em uma pequena academia do bairro. Porém, a experiência não durou muito. Desde então, João Paulo passa seus dias pelas ruas do bairro, faz alguns bicos e frequenta quase todos os dias o campo do Botafogo.

Se a articulação entre escola e esporte é posta em xeque, em alguns momentos, o mesmo não acontece com a relação entre escola e trabalho: alguns jovens decidem

trabalhar, jogar futebol e estudar ao mesmo tempo.²⁶⁶ Através do trabalho, afirmam que podem ganhar o próprio dinheiro e assim ajudar a família, sair com os amigos e ter autonomia para comprar o que quiserem. Trabalhar como empacotador de supermercado, vendedor ambulante e feirante, mesmo que de forma temporária e informal, oferece a possibilidade de ter condições regulares para consumir e acessar um conjunto de atividades. “Não gosto de pedir dinheiro ao meu pai. Já tenho idade para trabalhar, sou adulto, independente”, afirma Jonathan [95]. Remuneração que não é esperada nas primeiras etapas da carreira futebolística, pois, ao longo do processo, a maioria dos jovens futebolistas não recebe auxílio financeiro, e depende do apoio da família para custear as diversas despesas com transporte, chuteiras e uniformes.²⁶⁷

Portanto, a dimensão do trabalho é fundamental para compreender a construção da juventude vinculada às famílias pobres, especialmente no que se refere à inserção dos jovens no mercado do trabalho (Sposito; Carrano, 2003). Alguns dos pais e mães também enfrentam o problema do desemprego. Na família de Raul [96], o pai estava desempregado há mais de um ano. Porém, com a ajuda de parentes, vizinhos e amigos, a família conseguia pagar o aluguel e se manter com base nesse conjunto local de redes de conhecimento e de influência. Os familiares mostram-se preocupados com o que seus filhos farão depois, principalmente pelo fato de os jovens serem um dos grupos mais afetados pelo desemprego dentro e fora do Brasil. Além da dificuldade para encontrar emprego, levando-os a trabalhar principalmente no setor informal, os jovens estão sujeitos a relações de trabalho mais volúveis do que os adultos, com vínculos precários, principalmente para aqueles com menos escolaridade e situados nos estratos pobres (Pochmann, 2000).

Jonathan [95] arrepende-se de ter se desestimulado cedo pela vida escolar. Terminou os estudos, porém não consegue arranjar emprego. Passa parte do dia nas ruas

²⁶⁶ Nos deslocamentos dentro do bairro e para outras regiões, percebi que algumas crianças da escolinha utilizam a rua como local de trabalho, principalmente nos pontos comerciais e financeiros, onde o volume de carros é maior. A proximidade de casa também influencia na escolha do ponto de trabalho: “Minha mãe não gosta que eu vá muito longe”, afirma Heverton [01]. Sobre o tempo de trabalho, comentou que a permanência pode variar: “Depende de quanto ganhei no dia. Se consegui pouco, chego a ficar mais de 10 horas para tentar pegar mais”. Quando perguntei sobre a preparação para o trabalho, Heverton afirmou que usava suas roupas mais velhas: camisas rasgadas, bermudas e chinelos de dedo. Dicas essas que recebeu do irmão mais velho, que trabalhou como malabarista nos sinais de trânsito da cidade, principalmente nos finais de semana. Disse também que passa mais tempo na rua do que em casa, quase sempre trabalhando.

²⁶⁷ Alguns jovens futebolistas inseridos nas categorias de base recebem auxílio financeiro dos clubes, chamadas de “ajuda de custo”. O Internacional F. C. de Porto Alegre, por exemplo, oferece uma ajuda de custo para os jogadores das categorias de base, com números fixos para cada categoria, porém com certas exceções, a depender do potencial do jovem (Damo, 2007, p.272).

do bairro, socializando com os amigos. É bastante pressionado pelo pai a se encontrar um trabalho e assim ajudar em casa. Um dos principais motivos citados para o ingresso no mercado de trabalho é o complemento da renda familiar. “Larguei a escola para arranjar um emprego e ajudar um pouco lá em casa. Meus pais estavam em cima. Aí tive que escolher a escola ou o futebol, não dava para juntar tudo”, afirma Luan [96]. Porém, mais do que necessidade e modo de subsistência, o trabalho tem um sentido positivo de afirmação das aspirações e potencialidades entre as famílias pobres na busca por uma qualidade de vida e um futuro melhor (Sarti, 2007). São jovens e trajetórias sujeitos a uma obrigação moral do trabalho, dentro ou fora do sistema futebolístico, orientada por lógicas de reciprocidade que estruturam e orquestram as dinâmicas familiares (Duarte, 1986; Sarti, 2007).

Futebol, escola e trabalho são, portanto, esferas fundamentais na transição para a vida adulta dos jovens futebolistas das periferias de São Paulo. Dinâmica que não pode ser compreendida somente na transição entre escola, futebol e trabalho, mas principalmente no intercâmbio contínuo entre os domínios da tríade, situadas de forma singular, por vezes sobrepostas, no conjunto de experiências que compõem as trajetórias dos jovens. A depender da situação vivida pelos jovens e pelas famílias, cada trajetória (futebolística, escolar ou de trabalho) pode ser privilegiada ou postergada. Se muitas vezes o processo de escolarização é preterido diante da oportunidade de emprego, ambas trajetórias podem ser coadjuvantes dentro do projeto familiar voltado à profissionalização no futebol. As interações entre estes três planos revelam a diversidade de experiências e projetos para além da proposta de ter o futebol como única perspectiva de vida. Se tais dimensões mostram-se embaralhadas na trajetória futebolística, os novos percursos se aproximam de um encadeamento linear aguardado, que prevê a finalização dos estudos, o ingresso no mercado de trabalho, o descolamento do ambiente familiar de origem e a constituição da própria família. Assim, conjugar futebol, escola e trabalho – nem sempre de forma simultânea – é uma tensão experimentada de forma recorrente pelos jovens futebolistas em determinados momentos de suas trajetórias.

Uma possível interrupção do projeto familiar futebolístico clarifica a falta de perspectivas – seja de continuidade nos estudos ou melhor posição no mercado de trabalho – resultante do modesto engajamento na formação escolar. Por conseguinte, o difícil processo de transição da escola ao emprego (Pochmann, 2000) estorva oportunidades posteriores e oferece poucas possibilidades: prolongar a vida escolar e

postergar o ingresso no mundo do trabalho, ou incentivar a realização de cursos de formação profissional de curta duração para a rápida obtenção de trabalho (Tommasi, 2007, p. 24). Alguns jovens, principalmente aqueles que já têm ou estão para completar 17 anos, relatam que pretendem investir em cursos extracurriculares: “Meu pai quer que eu faça um curso para conseguir arranjar um emprego depois, se o futebol não der certo”, afirma Luciano [95]. Segundo eles, trata-se de uma forma de preencher o currículo e obter credenciais para ter melhores oportunidades no mundo do trabalho. Assim, a importância da escolarização, pautada por títulos e certificados, é também reconhecida em sua relação com as futuras exigências do mercado de trabalho.

5.8 – Fim do projeto e reconversão: “O bom filho à várzea torna”

Crianças e jovens lidam com poucos recursos disponíveis para concretizar o que é considerada a melhor possibilidade de aquilatar as condições de vida, contribuir para as despesas familiares ou construir sua autonomia. O projeto familiar futebolístico é a esperança em alcançar uma boa situação financeira, *status* social, futuro estável e meio de obter aquilo que não se possui. Ainda que a maioria dos jovens futebolistas compartilhe certos objetivos, os projetos são compreendidos e avaliados de forma diversa por cada um, de acordo com o lugar que ocupam dentro da rede de agenciadores do projeto. Muitas vezes, mais do que a coesão familiar, são os conflitos e interesses destoantes que regem as dinâmicas familiares dos projetos. Elaborados a partir de escolhas e decisões pessoais e coletivas que podem proporcionar efeitos tanto para o jovem quanto para sua rede de relações, são projetos de futuro com base nas aspirações alimentadas pelo imaginário futebolístico e nas privações materiais e financeiras vivenciadas no cotidiano. Contudo, a ampla maioria destes projetos é interrompida, seja porque o jovem não consegue alcançar os altos níveis de desempenho exigidos pelos clubes, pela necessidade de inserção prematura e precária em trabalhos informais para ajudar nas despesas de casa, pela escolha de se dedicar aos estudos, em decorrência da paternidade, dentre outras razões. Assim, após se engajarem em períodos de treinamento, processos de seleção e longas competições, as expectativas alimentadas em relação à profissão de jogador de futebol passam a ser redirecionadas para outros projetos que, tal como o universo do futebol, não oferecem caminhos cristalinos e lineares, mas sim nebulosos e labirínticos. Existem, assim, diferentes tipos de transição, seja da várzea para um clube, ou mesmo de cada etapa dentro das categorias de base, ou

ainda da base para o profissional. A cada período de transição devem apresentar condições de se adaptarem às novas fases da carreira. Nessas etapas, frente à falta de apoio familiar ou do clube, muitos jovens desistem da prática esportiva. Se o ingresso num clube representa uma mudança de patamar dentro do sistema futebolístico, pois exige do jovem responsabilidade, maturidade e seriedade, bem como articulação de atributos de virilidade e masculinidade, a interrupção do projeto demarca, de forma mais nítida, o início da passagem à vida adulta ou consolida a condição de homens adultos, quando trabalho e estudo passam a ser a preocupação central na vida dos jovens.²⁶⁸

O engajamento no futebol volta-se a projetos e investimentos de alto risco que demandam o atropelamento ou abandono da trajetória escolar. Tendo em vista que a escolarização é secundarizada ao longo do projeto, comprometendo a formação escolar, com diversos casos de reprovação e evasão escolar, os jovens enfrentam uma série de obstáculos para dar continuidade aos estudos. Formação deficitária que compromete, inclusive, a chance de maior qualificação profissional para a posterior obtenção de emprego. Como investir numa profissão fora do universo futebolístico se “jogar bola” é a única coisa que sabem fazer? Desamparados pela ausência de políticas sociais específicas para jovens atletas e ex-atletas, os jovens – não mais garotos mas ainda não homens – voltam-se novamente para a rede estruturada em torno das relações familiares e amizade, bem como às redes informais e políticas na busca por trabalho e locais de moradia. Conforme avançam na idade, surgem as alternativas de profissão em casos de insucesso dos projetos. Muitos jovens sugerem que gostariam de seguir uma profissão ligada ao esporte. Outros já são trabalhadores em serviços precários, mal remunerados, mas aguardam oportunidades mais vantajosas nos próximos anos.

Algumas trajetórias são representativas das interrupções ou reformulações a que estão sujeitos os projetos, decorrentes do amadurecimento frente aos eventos e situações vivenciados ao longo do processo, marcado por jornadas intermitentes entre escola, trabalho e futebol. Augusto [92], sempre líder das equipes juvenis pelas quais atuava em Guaianases, vive agora por um novo período de aprendizado nos times de várzea. Interrompeu o projeto futebolístico após sofrer uma séria contusão quando tinha 17 anos. A sonhada ascensão social e econômica por meio do futebol foi deixada de lado. Incentivado pelo pai, arranhou um emprego e trabalhou por meio período enquanto finalizava o colegial. Após se recuperar da lesão, foi recrutado pelo Botafogo. Confessa

²⁶⁸ Sobre os diversos e gradativos modos de transição para a vida adulta, ver Pais (1993; 2000).

que esperava atuar no “esporte”, principal quadro do clube. Porém, com o time já formado, só conseguia chances de atuar no “segundinho”, o time B do clube. Adílson, pai de Augusto, veterano da várzea e jogador do “time dos pais”, comentou esse momento: “O Augusto percebeu que na várzea a pegada é diferente, nem tanto técnica. Não é fácil, todo jogo é duro, toda jogada é dura”. Mesmo um pouco acima do peso, Augusto mantém a rotina de exercícios não só para o futebol varzeano, como também para eventuais avaliações, testes e peneiras com jogadores acima de 20 anos em clubes pequenos de São Paulo e cidades próximas. “Você poder falar que jogou num União Suzano ou União Mogi ainda tem um certo peso, ajuda a abrir portas por aí”, afirma o pai Adílson. Diversos jovens, como Augusto, oriundos das escolinhas de futebol do bairro, que pararam de jogar em determinado momento por questões financeiras, familiares ou problemas físicos/saúde, continuam a tentar ingressar em clubes profissionais ao mesmo tempo em que se dedicam a uma nova carreira na várzea.

Jean Carlo [95] nasceu em Guaianases, mas começou a jogar nos times do bairro de Trobogy, onde morou em Salvador, até os 14 anos. Era figura carimbada nos babas do bairro.²⁶⁹ Convocada pelo pai, a família veio para São Paulo: Jean Carlo, mãe, irmã mais velha e o irmão mais novo de criação. Indicado por um amigo, iniciou o trabalho como zagueiro na Escolinha do Botafogo: “O Sérgio gostou do meu futebol”. Campeão da Taça Cidade de São Paulo, permaneceu três anos na escolinha. “Depois que quase todo o time que foi campeão parou de jogar bola acabei parando também, só jogava na quebrada”. Incentivado por um antigo treinador dos babas, retornou a Salvador e investiu mais cinco meses em avaliações agendadas pelo treinador no F.C. Salvador, pequenos clube da cidade. “Mas não deu certo, e aí minha mãe ligou falando para voltar”. Neste período em Salvador, não frequentou a escola por causa de uma greve de professores que durou mais de 120 dias. Quando retornou a São Paulo, o ano escolar já havia começado e Jean Carlo demorou a conseguir uma vaga nas escolas públicas do bairro. Na pausa dos estudos, começou a trabalhar, porém decidiu não largar o emprego após retornar à escola. A condição de pobreza da família fez com que desistisse de continuar os estudos e priorizasse a procura por emprego fixo, pois já tinha tido alguns trabalhos temporários desde a infância, quando ajudava a mãe na entrega das roupas lavadas ou percorria o bairro entregando panfletos de um restaurante local. Indicado

²⁶⁹ Partidas e torneios de futebol em Salvador (BA), como, por exemplo, a “Baba do Negão”, analisada por Agier (1999, p.101) como um espaço privilegiado para a observação de redes masculinas; uma situação interacional onde as distinções entre as equipes, mais do que por categorias, seriam relacionais.

pelo professor Sérgio, foi chamado para atuar pela equipe B do Botafogo, o “segundinho”, nos amistosos e torneios varzeanos da região. Almeja disputar a Copa Kaiser por algum clube do bairro. Porém, afirma que a experiência em Salvador não foi nem será sua última tentativa de profissionalização. Tem esperança de ser aprovado e chamado por um clube. Enquanto isso, pretende terminar os estudos, continuar a trabalhar e jogar na várzea. “Sempre tive o sonho de ser jogador, mas não consegui realizar. Pelo menos ainda não...”.

Colega de equipe de Jean Carlo e capitão do time campeão da Taça Cidade, Cícero [95] começou a jogar em escolinhas de futebol com seis anos. Aos 11 anos iniciou o longo período de testes e avaliações em categorias de base de clubes grandes e pequenos de São Paulo. Sem sucesso, permaneceu atuando na Escolinha do Botafogo até os 17 anos. Indicado por agentes de futebol que circundam o campo do Botafogo, aceitou integrar as categorias de base do Palmeirinha de Porto Ferreira, cidade do interior de São Paulo. Porém permaneceu pouco menos de um mês, devido às péssimas condições de treinamento e alojamento, e à saudade da namorada. Após a passagem pelo Palmeirinha de Porto Ferreira, ele abdicou da carreira de jogador e passou a se dedicar integralmente aos estudos e ingresso no ensino superior.

Quando seus anseios já não coincidem com o projeto familiar construído ao longo dos anos, o jovem futebolista passa a cultivar outro projeto, diferente do que fora estabelecido anteriormente com familiares. Com 19 anos Cícero não deseja mais jogar profissionalmente, mas junta-se a Jean Carlo no “segundinho” do Botafogo e pretende consolidar uma carreira no futebol de várzea: “Se der, ótimo. Faço meu lazer e ainda ganho um dinheiro com isso”. Como relata Cícero, seu projeto de vida inclui o futebol, mas não se esgota nele: “O importante é trabalhar, mas não no futebol. Vou terminar a faculdade, arranjar um emprego, um trabalho digno, ter meu dinheiro, juntar para comprar uma minha casinha depois”.

Tais breves trajetórias revelam como futebol, estudo e trabalho são categorias cujos significados oscilam: podem articular ingresso no mercado de trabalho, desemprego, saídas e retornos para a escola ou inatividade futebolística em novos projetos, que também são partilhados e viabilizados por uma rede de relações voltada à reprodução das dinâmicas familiares. Assim, a centralidade da família é indiscutível. Ela se revela como a principal catalisadora das pausas interinas ou peremptórias articuladas em meio à tríade futebol-escola-trabalho. Se a família é o que fundamenta os projetos futebolísticos, é por ela que, muitas vezes, os jovens justificam desistências

quando o projeto passa a revelar outras expectativas e a exigir novas formas de compreensão, conforme o desenrolar das trajetórias escolar e de trabalho dos jovens. Portanto, para eles, a família constitui o início, desenrolar e o fim da matriz relacional de sua constituição como jovens futebolistas.

Desse modo, quando não conseguem mais prosseguir investindo em uma carreira que passa por diversas etapas, mesmo que ela não venha a se concretizar no plano profissional, os jovens são estimulados a procurar emprego para contribuir para a renda mensal familiar, bem como renovar a dedicação aos estudos. Desistir do futebol implica redirecionar seus investimentos e diversificar seus interesses para novas dinâmicas e experiências biográficas não menos complexas do que a carreira futebolística. A trajetória de Jean Carlo evidencia que os jovens continuam a procurar alternativas de ingresso no mercado futebolístico, porém já sem as mesmas aspirações e esperanças. “Antigamente, os clubes investiam nos times de aspirantes, com caras de 18, 20 anos. Hoje já não tem mais espaço para o pessoal dessa idade se não subiu para a equipe profissional”, relata o professor Zé Maria.

Alguns jovens na faixa dos 20 anos que participaram da Escolinha do Botafogo ainda tentam seguir a carreira no futebol, principalmente atuando em pequenos times de cidades próximas, como o União Suzano e o Grêmio Esportivo Mauaense, que disputam a última divisão do Campeonato Paulista. Ganham salário mínimo em clubes sem infraestrutura, departamento médico e alojamento próprio. “Tem cara que paga para jogar nestes times. Os dirigentes cobram, sei lá, uns R\$ 5 mil para deixar o cara jogar”, afirma Severo, diretor das categorias de base do Botafogo. Atuando em uma divisão inferior do Campeonato Paulista sabem que estão longe de conseguir um contrato profissional com os clubes de médio e grande porte. Os jovens entendem, porém, que os clubes pequenos podem proporcionar novos rumos na carreira de jogador. “Não é bom, isso é verdade. Mas pode ser uma chance de mostrar um bom futebol, ser visto por algum dirigente ou empresário, e conseguir um espaço melhor”, afirma Jean Carlo. Na maioria das vezes, entretanto, acabam por abandonar o sonho de ser profissional. Augusto [92] afirma que já chegou a disputar um campeonato por um clube que matinha todos os jogadores em um alojamento improvisado, lotado e precário, com alimentação reduzida, em campos que muitas vezes eram utilizados até para pasto de animais durante a semana, com deslocamentos em ônibus sem manutenção. Trata-se de

um cenário marcado além do perigo, pela instabilidade dos contratos curtos que duram somente os meses em que o clube disputa os campeonatos, por volta de três meses;²⁷⁰ da brevidade e fraqueza dos campeonatos com poucos patrocinadores e de público; pelos recorrentes atrasos no pagamento dos ordenados, que dificilmente superam o valor do salário mínimo. Mesmo assim, frente a condições adversas, os clubes pequenos surgem como opção para os jovens dentro de um mercado restrito de “pés-de-obra” (Damo, 2007).

Assim, a várzea passa a ser ocupada também pelos jovens futebolistas, na faixa dos 20 anos, como alternativa aos salários incertos dos clubes pequenos. “Não tem erro. Na várzea os caras pagam, é garantido, depois do jogo ou até antes, dependendo do time”, afirma Cícero. Os jovens, portanto, recriam o caminho trilhado por muitos outros jogadores amadores que, “desde que a várzea é várzea” afirma o professor Zé Maria, desbravaram os campos da cidade, circularam por clubes, mas por fim desistiram do futebol profissional em algum momento de suas trajetórias: “O bom filho à várzea torna”, brinca Zé Maria. Muitos varzeanos, como indicado no capítulo 2, continuam a fazer pequenas investidas em campeonatos profissionais em São Paulo, circulando por diferentes regiões para atuar em clubes somente durante a realização do campeonato estadual. Alguns conseguem disputar dois ou mais campeonatos de diferentes partes do Brasil em um mesmo ano. Se não conseguem vaga em uma equipe, retornam para disputar os campeonatos varzeanos. Quando não conseguem boas ofertas de clubes, assumem outras funções no mercado de trabalho, pequenos bicos, como Júlio César, jogador do Botafogo de Guaianases, que trabalha de segurança particular quando não está atuando no profissional ou na várzea. “Férias só nas festas de final de ano”, afirma Julio César, quando a maioria dos clubes faz um recesso nas atividades. Portanto, constituir-se jogador varzeano é um modo de reconversão usual ao longo do processo de alcançar a carreira de jogador profissional.

Contudo, a reconversão daqueles que trafegam na condição de jovens futebolistas varzeanos não pode ser entendida simplesmente como uma etapa de transição, visto que os desafios e mudanças são enfrentados de modo intenso e as experiências vivenciadas continuam a acompanhá-los ao longo de suas trajetórias. Presente e futuro se atualizam de modo entrelaçado. Os jovens procuram conciliar o futebol e as demais responsabilidades familiares enquanto buscam melhores condições

²⁷⁰ Duração mínima de um contrato de trabalho, conforme estipula o artigo 30 da Lei Pelé (Lei 9.615/98).

econômicas. Assumem responsabilidades e encaram preocupações relacionadas aos estudos, trabalho e futuro, ao mesmo tempo em que vivenciam novas experiências e desfrutam descobertas no futebol. Ainda veem na prática futebolística – agora em sua matriz varzeana – uma forma de garantir alguns rendimentos a mais por mês enquanto fazem algo que lhes dá prazer: “jogar bola”. Assim, o futebol continua a ser um modo de vida que pode proporcionar bons ganhos e oferecer uma vida melhor que a atual. A reconversão, que poderia significar uma descontinuidade, indica uma retomada dos projetos futebolísticos, mas então com outros contornos.

Mostra-se, portanto, insuficiente abraçar o ponto de vista de que os caminhos percorridos pelos jovens seguem trajetórias lineares de vida, como lembra (Pais, 2005). O cotidiano dos jovens futebolistas é marcado por situações instáveis, transitórias e de improvisação, que alternam a dedicação às jornadas futebolísticas, o retorno para a dedicação à escola, o ingresso no mercado de trabalho, a reconversão do saber futebolístico para o futebol de várzea, e um eventual – mas possível – irromper de faíscas do sonho de ser jogador profissional. Assim, a aprendizagem do futebol não é um processo a ser finalizado, mas vivido de forma contínua, pois os jovens futebolistas não param de aprender novas habilidades no conjunto complexo de relações e práticas cotidianas. Como nos casos de Cícero e Jean Carlo, que mesmo após saírem da escolinha e frearem o projeto futebolístico, passam a construir habilidades de educação da atenção no cenário das práticas de clubes varzeanos. Revela-se, portanto, um processo de habilitação ininterrupto, que não se encerra na juventude ou mesmo quando é alcançada a carreira de jogador.

Nesse sentido, pode-se afirmar que não é só a ascensão social e mobilidade econômica que condicionam a realização dos projetos. Outras motivações relacionadas à moralidade, reconhecimento, prestígio e estilo de vida regem as configurações familiares e impactam as trajetórias de jovens futebolistas que articulam momentos de participação na escolinha do Botafogo: treinamentos em categorias de base; períodos de avaliações e testes em clubes; rotinas entrelaçadas pela tríade futebol, trabalho e estudo. Porém, os riscos e desgastes do engajamento, que pairam sobre os jovens e seus familiares, superam as probabilidades e esperanças de um futuro aventureiro. Conforme alcança idades liminares no processo de produção de jogadores, a maioria abafa o investimento financeiro e temporal no projeto e redireciona a dedicação a planos alternativos e outras esferas de atuação. Entretanto, o investimento em longo prazo no futebol, por meio de um engajamento coletivo (familiares, professores, agentes de

futebol) na prática se mostra produtivo não só à constituição de futebolistas, mas também a outros processos de constituição da pessoa, pautados por aspirações, desejos e sonhos que apresentam similaridades, pois proporcionam oportunidades de “aprender”, circular e amadurecer. A articulação da educação e trabalho à noção de projeto familiar futebolístico permite desenhar um alargamento do *campo de possibilidades* (Velho, 1994), com a incubação de projetos fortes e estruturados, mas que também se revelam instáveis e transitórios. Mas, em muitos casos, não se trata de um alheamento absoluto e definitivo da prática futebolística. Reconvertem um aprendizado, já essencialmente varzeano, para “jogar bola” nos clubes amadores do bairro. Novas trilhas varzeanas articuladas às profissões, jornadas de estudos e modos de vida local junto à família. “Jogar bola”, que nunca foi exclusivamente uma brincadeira, passa a ser encarado de forma ainda mais incisiva como trabalho e lazer, pois seriedade e ludicidade permanecem articuladas na prática varzeana de tais jovens.

O time “segundinho” do Botafogo: jovens futebolistas se transformam em jogadores varzeanos (Foto: Enrico Spaggiari).

Capítulo 6

Entre “arapongas” e “traições”:

proximidade e circulação na atuação dos agentes de futebol

Intermediário: Eu queria saber o seguinte: estou vendo um vídeo do moleque. É cedo para falar que é bom, mas dá para fazer uma gracinha. Como é que está a reunião com o pai dele?

Agente: Não, o jogador é bom mesmo. É titular absoluto do Grêmio (RS), joga numa categoria acima. A situação dele é a seguinte: o pai dele chega semana que vem.

I: Eu queria falar a propósito desse jogador, do 97. Sinceramente, eu vou te falar o que tinha que ser feito. Alugar uma casa, colocar os dois, 97 e 2001, na casa, e você ficar tomando conta para não sair da nossa mão.

A: Esse jogador, 97, a gente pegaria de 200 mil a 300 mil de luvas, porque o moleque é o bicho. Poderia cair 50 mil na minha mão, 50 mil na tua e 100 mil é do investidor.

I: Onde está esse jogador hoje?

A: Mora na Zona Sul.

I: Aqui de São Paulo?

A: São Paulo. Está na nossa mão, não precisa nem alugar.

I: Esse moleque é bom pra cacete. Esse 97, se não for “gato”, é bom pra cacete.

A: Não, ele não é “gato”. Você acha que, se fosse “gato”, ele ia ficar três anos no Inter (RS)?

I: O Inter tem peras com leite também, por que não? Ele joga num time muito ruim, os caras não ajudam, mas ele é bom pra cacete.

A: E o forte dele hoje é que todo mundo quer jogador rápido.

I: Ele tem tudo que o jogador precisa ter. Você conseguiria encontrar com o pai dele hoje?

A: Até conseguiria. A gente pode marcar, na quinta-feira, de encontrar com ele.

I: Não pode perder esse moleque 97. Por isso que nós temos que falar com esse moleque. Ele é 97? Já está com 15 anos, ele sabe o que ele quer. “Ah, eu não gosto do Corinthians, não gosto do Palmeiras, eu quero Santos”. Ok, nós vamos correr atrás. Esse 97 é excepcional. O 2001 também é bom. Até pela idade dele é bom jogador. Também vamos correr atrás.

A: Você quer encontrar com o garoto hoje? O problema é o seguinte: hoje tem ceia, estou no mercado, estou comprando uva, tender... Por isso que eu não posso marcar de trazer o pai agora aqui. Amanhã é Natal. Então, eu já posso marcar com ele...

I: E já marca com o pai do garoto 2001. Depois que a gente conversar com ele, que a gente tiver uma garantia de uma possibilidade da gente amarrar esse jogador com a gente e não com o clube. Você entendeu ou não?

A: Eu sei que tinha que ser hoje. Hoje está correria. Eu estou aqui no Shopping Itaquera. Então, não tem jeito agora. Uma que nós não sabemos nem onde o pai está, entendeu? Mas eu faço esse contato. Vou falar com o cara da Bahia, ele vai me passar o rádio do pai do garoto. Eu faço contato com o pai do garoto, a gente marca e se encontra na quarta-feira.

I: Faça isso, porque esse jogador 97 é bom pra cacete. Um jogador que nós temos que amarrar com a gente. Nós temos que arrumar uma pessoa, um advogado bom ali, que você conheça. Precisa amarrar o pai direto com a gente. Levar o jogador pro treino, ir buscar...

A: Você lembra do Taison, que estava lá no Inter? Esse moleque é do nível dele ou para mais.

I: É por aí mesmo. Eu não entendi como um moleque dessa qualidade passou em tantos clubes e não ficou. Mas isso aí é outra história. O importante é a gente conversar com ele e com o pai dele. Vá comprar o seu bacalhau, a sua azeitona, as suas castanhas... Qualquer coisa me liga.

A: Tá bom, um abraço. Fica com Deus aí.

A conversa telefônica entre agentes de futebol que abre este capítulo desvela as estratégias e formas de atuação daqueles genericamente nomeados como “empresários” em um sistema futebolístico que, longe de ser fixo e rematado, foi sendo sucessivamente atualizado frente às constantes modificações na legislação brasileira ao longo de um século da prática futebolística. Com alguma organização, embora não tão recorrentes, as modificações na regulamentação do campo profissional do sistema futebolístico impactam o mercado de jogadores de futebol (Proni, 2000; Manhães, 2002).²⁷¹ Mudanças observadas, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 1990, quando surgiram os primeiros regulamentos voltados à desregulamentação do passe – medida que estabelece a transferência de um jogador entre dois clubes, comprador e vendedor, mediante um valor estipulado pelo segundo e negociado pelo primeiro. Processo que teve início com a Lei Bosman,²⁷² na Europa, que aprovou não só a maior permissividade nas negociações diretas entre jogadores e clubes, como também extinguiu o sistema de cotas para jogadores da Comunidade Europeia, mas limitou a contratação de jogadores estrangeiros (de países não filiados à Comunidade Europeia) e estipulou a escalação de no máximo três jogadores em uma mesma partida.²⁷³ O caso

²⁷¹ Para mais detalhes sobre as legislações esportivas no cenário político brasileiro, ver Proni (2000) e Manhães (2002). De forma resumida, a regulamentação da prática profissional do futebol – pós-período de amadorismo até a década de 1930 – remonta ao Estado Novo, com o Decreto-Lei 3199/41, que estabeleceu normas para o controle estatal sobre a organização e prática do futebol. Mais de trinta anos depois, a Lei 6354/76, também conhecida como Lei do Passe, sancionada durante o governo militar, estabeleceu que o “passe” dos jogadores pertencia às agremiações esportivas e somente estas, privilegiadas nas relações de trabalho, poderiam liberá-lo para outro clube. Em 1993, a promulgação da Lei 8.672/93, conhecida como “Lei Zico”, procurou promover alterações estruturais e políticas no futebol brasileiro, principalmente no que diz respeito ao gerenciamento dos clubes, inclusive com a criação dos clubes-empresa, mas manteve o passe do jogador vinculado ao clube, ainda que tenha criado um maior espaço opinativo para os jogadores nos momentos de negociação e transferência entre clubes. A “Lei Zico” viria a ser substituída por uma nova regulamentação das práticas esportivas no Brasil, a lei 9.615/98, conhecida como Lei Pelé, assinada pelo ministro Edson Arantes do Nascimento, a frente do Ministério Extraordinário dos Esportes, e que entrou em vigor em 26 de março de 2001. A Lei Pelé provocou alterações significativas no regime anterior de contrato e transação voltado a garantir os direitos do clube sobre o jogador. Dirigentes, clubes e federações foram contrários à nova medida, pois, a partir de sua vigência, o jogador, ao término do contrato com o clube atual, pode assinar um novo contrato com qualquer outro clube que desejar. Posteriormente, foram introduzidas pequenas mudanças por meio de duas leis e uma medida provisória.

²⁷² Na Europa, o caso do jogador belga Jean-Marc Bosman pautou as mudanças na legislação envolvendo a transferência de jogadores estrangeiros. Insatisfeito por ter sido impedido de se transferir do clube belga, RFC Liège, no qual jogava, para o clube francês Dunkerque ao final do seu contrato, Bosman entrou com processos na Corte Europeia para reivindicar direitos trabalhistas. Após a decisão favorável na Corte Europeia, Bosman obteve o direito de se transferir ao clube que gostaria de jogar (Proni, 2000).

²⁷³ A cidadania é fator essencial dentro do sistema futebolístico. A UEFA (Union of European Football Associations) estabelece diferenças entre “jogadores comunitários”, pertencentes à Comunidade Europeia ou detentores do Passaporte Comunitário da União Europeia (UE), e “não comunitários”. Jogadores de outros países e continentes são incorporados à legião de “jogadores comunitários” caso possua cidadania de algum país filiado à UE. Os clubes podem abrigar em seus elencos apenas cinco jogadores “não

Bosman provocou mudanças expressivas não só no mercado europeu de jogadores como em outros países.

No Brasil, a Lei Zico (8.672/93) e a Lei Pelé (9.615/98) foram fundamentais para configurar as relações do atual sistema futebolístico brasileiro, principalmente a segunda, que provocou alterações no processo de produção de futebolistas. Logo após as alterações na legislação europeia, a Lei Pelé, assinada em 1998 e efetivada em 2001, entre suas várias diretrizes regulatórias, extinguiu o “passe” que privilegiava os clubes. Ao término do contrato, os jogadores podem se transferir sem qualquer cobrança de tributos por seu clube anterior, liberando jogador e seu novo clube de emitir contrapartidas. Caso o contrato ainda esteja em vigência, o novo clube tem que pagar a multa rescisória estabelecida no contrato entre jogador e seu atual clube, e não mais um “passe” – quase um termo de alforria que desprendia o jogador, mas só para vinculá-lo a outro. Assim, a criação da multa rescisória libera o jogador, ao mesmo tempo em que procura evitar a transferência sorrateira e contínua de jogadores por diferentes clubes.²⁷⁴

Para evitar perdas e garantir lucros futuros, os clubes passam a assinar contratos com jovens num processo cada vez mais precoce de profissionalização. O primeiro contrato, que pode ser assinado a partir dos 16 anos, tinha um período de duração-limite de dois anos. Porém, a duração foi alterada para cinco anos após a Lei Pelé ser atualizada, para evitar que o jovem seja contratado por um clube sem que seu clube de origem seja ressarcido. Assim, os jogadores a partir dos 16 anos, antes mesmo de ascenderem à categoria juniores, podem e devem assinar contratos profissionais, cujos valores e duração variam de acordo com o interesse do clube no jogador. O contrato estipula uma multa rescisória – que vale tanto para jogador quanto para clube – caso o jogador não permaneça na equipe. Além de destituir os clubes e entidades esportivas de seus principais privilégios contratuais sobre os jogadores, a nova legislação facilitou a evasão precoce de jogadores para clubes estrangeiros. A crítica posterior dos clubes à

comunitários” e somente três destes podem ser escalados para uma mesma partida. Devido a essa prescrição, muitos jogadores obtêm dupla cidadania para terem mais chances de serem contratados por clubes europeus.

²⁷⁴ As transações nacionais e internacionais de jogadores são regularizadas na confluência entre o regulamento instituído pela FIFA e as normas das legislações e internacionais. Os jogadores são negociados dentro das “janelas de transferência” estipuladas com diferentes prazos por cada federação nacional. A transferência de um jogador para o exterior envolve inúmeros trâmites burocráticos, a saber: fazer o pedido de transferência do jogador e pagamento de taxas à CBF (Confederação Brasileira de Futebol), emissão da Certidão Negativa pela federação regional, emissão do Atestado Liberatório pelo clube vendedor, emissão do Certificado de Transferência Internacional (CTI) pela CBF, visto de trabalho para o jogador obtido no consulado local de onde ele residia no momento do pedido de transferência.

Lei Pelé centrava-se na possibilidade de jovens se desligarem dos clubes que os produziram antes destes obterem qualquer tipo de retorno financeiro ou futebolístico com o jogador. Posteriormente, a Lei Pelé foi atualizada em relação à produção de jovens futebolistas, principalmente quanto aos direitos do clube formador, no caso, 5% sobre o valor das negociações entre jogador e seus futuros clubes.

Se o sonho mais imediato é ingressar nas categorias de base um clube grande, jogar em clubes da Europa é considerado o ápice da futura carreira.²⁷⁵ Os jovens falam principalmente sobre aqueles mais midiáticos, *clubes-globais* como Real Madrid, Milan, Barcelona e Manchester United.²⁷⁶ As transferências têm ocorrido cada vez mais cedo, com muitos casos de transações ainda nas categorias de base, antes de uma posterior valorização nos principais campeonatos e seleções. Júlio [97] contou o caso de um colega de escola, Charles, que, aos 13 anos, foi visto por um olheiro enquanto jogava um torneio infantil. O olheiro, representante de um agente futebol italiano, entrou em contato com a família e, em seguida, todos viajaram para Portugal. Júlio nunca mais ouviu falar do colega. A saída de jogadores com menos de 18 anos tem sido frequente no Brasil, o que aponta para uma *juvenilização da emigração* de jogadores (Rial, 2008, p.49), com a transferência de jovens de diversas faixas etárias visto que os clubes, nacionais e estrangeiros, vêm alterando sua tática de contratações, fenômeno que tem preocupado não só clubes e autoridades brasileiras, da América Latina, da África, como também de países periféricos europeus.²⁷⁷

²⁷⁵ É interessante notar que, embora citada em alguns momentos, a seleção brasileira não é elencada como um dos principais objetivos a serem alcançados. Primeiro, discorrem sobre o desejo de ingressar num clube de futebol, evidenciando, assim, um pensamento direcionado a etapas a serem vencidas; depois, consolidar sua inserção no sistema futebolístico com a passagem para o futebol profissional; já jogador, transferir-se para um clube europeu; por fim, conseguir ser convocado para a Seleção Brasileira. Contudo, como observa Rial (2008), embora os jogadores estejam se transferindo cada vez mais jovens, por meio de exposição em outros espaços (como o Campeonato Brasileiro, edição de DVDs com as melhores jogadas, seleções de categorias de base), a Seleção Brasileira ainda é a “grande propulsora da saída de jogadores para o mercado no exterior, funcionando como a maior avalista da qualidade do jogador junto aos clubes estrangeiros” (Rial, 2008, p.47).

²⁷⁶ Para Rial (2009b, p.13), clubes-globais são aqueles que “transcenderam as fronteiras de suas cidades, regiões e mesmo Estados-nação. Possuem torcedores espalhados pelo planeta e jogadores de diferentes lugares do mundo. Estão presentes na mídia em diferentes países, concentram capital de diferentes origens nacionais e, principalmente, habitam a imaginação de uma população planetária”. Mais do que as cidades-globais ou estados-nação, os clubes-globais são “nódulos de fluxos econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos globais”. Assim, faz-se mais interessante olhar a existência de fronteiras entre os clubes internacionalizados. Para Rial, os jogadores “cruzam fronteiras geográficas sem entrarem em países, pois suas fronteiras são os clubes e não os países” (2008, p.59).

²⁷⁷ A crescente juvenilização das transferências vem exigindo mudanças legislativas dos países e das entidades esportivas internacionais, como a UEFA, que pretende criar barreiras à circulação internacional de jogadores (Rial, 2008, p.49-50). A exportação de jogadores em idades cada vez mais precoces leva,

Assim, as discontinuidades, desvios e flutuações nas trajetórias dos jovens futebolistas compõem um processo que deve ser entendido também em meio às transformações do campo profissional, recondicionado pela flexibilização das transações ao longo de diferentes contextos político-esportivos.²⁷⁸ A mais recente, a Lei Pelé (e seus vários adendos e reformulações), suscitou mudanças estruturais no futebol brasileiro ao impor, de forma consonante aos regulamentos da FIFA e outros organismos internacionais, novas normas de regulação das relações entre entidades clubísticas e jogadores. Medidas que impactaram a regulamentação dos direitos dos jogadores, bem como a produção destes, mas fortaleceram principalmente o próprio mercado de circulação e transferências das mercadorias.²⁷⁹

Portanto, a nova legislação brasileira sobre o universo esportivo projetou, ainda que de forma irrefletida, um cenário maleado pela carência de normas rígidas e inteligíveis no qual alguns atores, além dos próprios jogadores, ganharam proeminência.

também, à presença de jogadores atuando em seleções de outros países e não na seleção da sua própria nacionalidade.

²⁷⁸ Em agosto de 2014, após a acachapante derrota brasileira para a seleção da Alemanha na Copa do Mundo, inúmeros setores das esferas esportiva, política e midiática questionaram as concepções e métodos de produção do exército de futebolistas alastrado pelas equipes de base dos clubes (e da própria seleção). Um dos descontentes com o atual cenário do futebol brasileiro, o deputado federal Vicente Cândido (PT-SP) sugeriu a possibilidade da “Lei do Passe” ser adotada novamente a partir de alterações expressivas na Lei Pelé que confeririam aos clubes parcelas maiores pela venda dos jogadores e contratos de longa duração. Medida que seria adotada para fortalecer os clubes, que seriam detentores integrais dos direitos dos jogadores, a partir de uma revisão do sistema de contratos, realizado atualmente via CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Encaminhamento que visa não só proteger os clubes formadores das ações dos agentes de futebol, mas também limitar a participação destes, bem como antecipar a idade mínima para os jogadores assinarem o primeiro contrato como profissional, hoje permitido a partir dos 16 anos. Elaborada no contexto das recentes propostas de mudanças na Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (LRF), voltada ao parcelamento das dívidas dos clubes, a proposta foi criticada pelo Bom Senso FC, movimento que reúne jogadores e ex-jogadores profissionais no Brasil para marcar posições políticas frente a assuntos relacionados não só à profissão, como a legislação trabalhista dos atletas, mas também ao cenário brasileiro de forma geral, como a lei de responsabilidade fiscal do esporte (LRFE). Conferir: “Em troca de mensagens, Bom Senso FC trata debate sobre Lei Pelé como piada”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/08/09/em-troca-de-mensagens-bom-senso-fc-trata-debate-sobre-lei-pele-como-piada.htm>. (Acesso em: 12/08/2014); “Deputados e cartolas fazem cruzada contra poderes de empresários no futebol”. Disponível em: <http://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2014/08/deputados-e-cartolas-fazem-cruzada-contra-poderes-de-empresarios-no-futebol/>. (Acesso em: 11/08/2014).

²⁷⁹ Ainda que o jogador pudesse negociar salários e contrapartidas com o clube que detinha seu passe – principalmente quando envolvia os jogadores mais talentosos –, o vínculo do “passe” limitava a agência dos atletas na redação dos valores e termos de seu contrato, tendo que optar por aceitar as categorias impostas pelo clube ou se abdicar de jogar. Sob a nova regulamentação, os jogadores continuam a ser produtos negociados, porém agora dispõem de propriedades sobre seus próprios direitos e agência para negociar. Assim, o mercado de jogadores passa a se revelar mais concorrencial e os clubes passam a disputar pelas melhores mercadorias – os jogadores. Estes selecionam como empregador aquele que oferece o melhor salário e condições de serviço dentre os clubes concorrentes, com o qual mantêm laços mediados por um contrato de trabalho. O que provoca também um possível desbalanceamento competitivo, pois privilegia os clubes considerados mais ricos e com mais condições de contratar os melhores jogadores.

Entre as inúmeras consequências da transformação estrutural decorrentes das novas legislações, os agentes de futebol despontaram como atores fundamentais no processo de produção e na gestão de carreira dos jogadores. No espaço vazio aberto pela Lei Pelé, os agentes de futebol fortaleceram sua posição dentro do sistema futebolístico, com direitos conferidos a eles pelos próprios jogadores, tornando-se os principais responsáveis pelas negociações. Nessa nova configuração de relações de compra e venda, os contratos continuam a garantir aos clubes, mas também aos agentes de futebol, porcentagens na transferência dos jogadores. Porém, se a regulamentação da Lei Pelé ampliou os espaços de empoderamento dos agentes de futebol, medidas internacionais posteriores procuraram ajustar a consolidação e refrear a ascensão dos agentes de jogadores na primeira década do novo milênio.

A profissão de agente esportivo existe há décadas, porém ganhou destaque no cenário mundial com o término das cláusulas que restringiam a liberdade de trabalho dos jogadores, momento quando se intensificou a dinâmica do mercado de transferências e houve um significativo aumento nos valores das negociações. Em 1994, a FIFA adotou um regulamento sobre os agentes de jogadores com o objetivo de melhor organizar a atividade dos representantes de atletas de futebol em todo o mundo e proteger os jogadores. No Brasil, a atividade foi regulamentada em 2001. Com o regulamento, a FIFA restringia a negociação de contratos e transferências apenas aos agentes licenciados oficialmente pela entidade, com algumas exceções no caso da legislação brasileira.²⁸⁰ Embora a FIFA tenha um regulamento oficial sobre a atividade dos agentes de jogadores, cada federação filiada estabelece um regulamento próprio. Estas são os órgãos responsáveis, inclusive, por arbitrar os casos de litígio entre jogadores, clubes e agentes.²⁸¹

O agente FIFA surgiu com a função de representar jogadores e clubes nas transações nacionais e internacionais, bem como intermediar outros tipos de negociações vinculadas ao universo futebolístico. Regulamentado pela entidade maior do futebol, o agente FIFA tem como principal vantagem, portanto, a autonomia para representar jogadores perante as associações desportivas, federações e confederações; bem como intermediar e negociar transferências de jogadores, e encaminhar jovens

²⁸⁰ Atualmente, parentes dos jogadores e advogados devidamente inscritos na OAB não precisam da licença para atuar como intermediário nas negociações.

²⁸¹ Diferente de outros países, onde leis federais regem a profissão de agente esportivo, a profissão de agente de futebol não está contemplada no Código Civil brasileiro.

talentos para clubes. Assim, o agente não é o dono do jogador, mas um prestador de serviços.

Porém, frente ao desafio de fiscalizar inúmeros casos de jogadores agenciados por pessoas não credenciadas pela entidade, o regulamento sofreu várias modificações desde 1994. Em outubro de 2010, a FIFA anunciou que iria desregular a profissão de agente FIFA em todo o mundo – até então a principal forma de controle do sistema de transferências –, pelo fato de uma parcela mínima das transferências mundiais de jogadores serem intermediadas por agentes devidamente licenciados. A notícia sobre a desregulamentação surpreendeu muitos agentes, como o agente FIFA Renato Gabriel, um dos principais interlocutores da minha pesquisa de mestrado. Embora acredite que provavelmente seja mantido algum sistema de licenciamento, a notícia não agradou Renato, visto que ele – e muitos outros, mais de trezentos profissionais – fez um grande investimento na obtenção do título.²⁸²

Outra mudança, adotada em 2010, interfere substancialmente na atuação dos agentes de futebol. Paralela à desregulamentação dos agentes FIFA, a entidade divulgou a criação do Transfer Matching System (TMS), ou Sistema Internacional de Transferência, regida pelo Regulamento de Transferência de Atletas da FIFA, com o objetivo de integrar as confederações nacionais e ampliar o controle sobre as negociações, obtendo mais detalhes sobre cada transação, principalmente no caso das transferências envolvendo jogadores menores de idade. Os agentes de futebol não têm acesso ao TMS, preenchido somente pelos clubes envolvidos nas negociações, que enviam, por meio de sistema *online*, mais de trinta informações diferentes sobre jogadores, valores, comissões e prazos, bem como cópias de documentos para comprovar os dados. O novo sistema, que armazena todos os dados da negociação informados pelo clube comprador e pelo clube vendedor (valor da negociação, clubes participantes, salário, duração do contrato, agentes responsáveis, data do acordo), visa, dentre vários objetivos, regular o mercado internacional de transferências e os pagamentos a clube formadores, bem como combater a lavagem de dinheiro e a propriedade de jogadores sob a tutela de terceiros (para evitar que empresas ou agentes de fundo de pensões sejam donos de jogadores). Assim, o novo sistema permite à FIFA um controle mais efetivo sobre aqueles que representam os jogadores e os clubes. Além

²⁸² Sobre o processo de obtenção da licença de agente FIFA, que demanda alto investimento em provas e documentos regulados pela CBF, conferir Spaggiari (2009, p.169-170).

disso, o TMS procura controlar de forma mais sistemática a circulação e as transferências internacionais de jogadores menores de 18 anos – o que o próprio presidente da FIFA, Joseph Blatter, chamou de “tráfico moderno de escravos, principalmente na América do Sul e na África”.²⁸³ Caso os clubes envolvidos apresentem dados conflitantes, eles serão punidos e as transações rejeitadas.

Os agentes FIFA eram um tipo de agente delimitado pelos domínios de fiscalização da FIFA e da CBF. O sistema futebolístico, contudo, abrange um conjunto diversificado de atores agrupados aqui na categoria *agentes de futebol*, utilizada para englobar outros termos acionados (empresário, investidor, intermediário, olheiro, procurador), pois os agentes desempenham diversas funções dentro sistema futebolístico. Um mesmo agente pode atuar num determinado momento como empresário, em outro, como procurador, ou apenas indicar um jogador, tal como faz um olheiro.

Mais do que abordar as normas e leis que regem as principais funções dos agentes, busco aqui entender as dinâmicas relacionais que constituem a produção de jogadores com base na atuação dos agentes de futebol, ou seja, responder as seguintes questões: como é o contato com os familiares das crianças e jovens; qual é o investimento desses agentes; como é elaborado o planejamento da carreira; como os contratos e procurações são negociados; como são agendadas as avaliações nos clubes; quem são os contatos; quais são os custos e os lucros, entre outras.

A maioria dos garotos oriundos da Escolinha do Botafogo que hoje jogam nas categorias de base de clubes de futebol como Palmeiras, São Paulo, Diadema, Olé Brasil, Nacional, Juventus, São Caetano, entre outros, conseguiu ingressar por meio do trabalho e indicação de alguns agentes de futebol, principalmente dois, Leonardo e Lúcio, com os quais tive contato dentro e fora da escolinha. São agentes que circulam pelos campos varzeanos em busca de jovens jogadores e atuam situacionalmente como empresários, procuradores e olheiros. Trata-se de uma miríade de posicionamentos cambiáveis acionada pelos agentes para fazer frente uma conjuntura avassaladora de

²⁸³ O Certificado Internacional de Transferências (CIT), obrigatório para regularizar acordos internacionais entre jogadores de futebol e clubes, é emitido em transações envolvendo jogadores acima de 18 anos. Contudo, ainda que imponha restrições à evasão e circulação de jovens futebolistas para fora de seus países de origem, a FIFA, a partir do regulamento (Art. 19), estabelece exceções para os casos de jogadores abaixo de 18 e acima de 12 anos de idade: transferências realizadas dentro União Europeia envolvendo jovens com passaporte comunitário, caso o pai e/ou a mãe acompanhem e morem com o jovem no país do clube que o contratou; casos de jovens que residem até cinquenta quilômetros da fronteira com o país ao qual pertence o clube envolvido na transferência.

“arapongas” e “traidores” que, como veremos neste capítulo, permeia a disputa pelos direitos econômicos dos jovens futebolistas.

O trabalho desses agentes envolve descobrir, selecionar e lapidar jovens talentos oriundos de diversos lugares, mas principalmente de Guaianases e bairros vizinhos, quase todos de famílias pobres, ávidos por oportunidades de ascensão social. Agentes que acertam vínculos com o jovem e seus familiares antes mesmo da idade-limite de 16 anos para a assinatura de contratos jurídicos, vislumbrando o momento quando receberão, nas negociações de contratos e transferência, suas porcentagens dos direitos econômicos de jovens futebolistas. Atuam, assim, como mediadores – atores em “uma ação social permanente, nem sempre óbvia, que está presente nos mais variados níveis e processos interativos” (Velho; Kuschnir, 2001, p.10) – em sucessivos processos de trocas e negociações cotidianas, quando “escolhas são feitas, tendo como referências sistemas simbólicos, crenças e valores, em torno de interesses e objetivos materiais dos mais variados tipos” (idem, p. 9).

Assim, se os professores são fundamentais para compreender as questões relacionadas aos aspectos técnicos e táticos, e o envolvimento dos familiares é imperativo ao longo dos vários anos de investimentos, os agentes de futebol revelam-se decisivos para catalisar o ingresso nos espaços contíguos à esfera profissional dentro do sistema futebolístico contemporâneo. Em um universo assinalado pela presença assídua de empresários, intermediários e olheiros, as trajetórias de Leonardo e Lúcio desvelam questões fundamentais sobre a atuação dos *agentes de futebol* e seus desdobramentos nos projetos familiares de jovens futebolistas no contexto varzeano de Guaianases.

6.1 – O agente Leonardo e sua “família futebolística”

Leonardo nasceu na vila Ema, bairro periférico da Zona Leste de São Paulo. Um dos filhos mais velhos de uma família de dez irmãos que veio de Lins, cidade do interior paulista, ele está envolvido com futebol desde pequeno, seja jogando pelos espaços do bairro, seja pelas experiências dentro de casa.

A minha família é uma **família futebolística**. Ou seja, eu tenho um tio, que já faleceu, ele jogou no Linense, que hoje disputa a 1ª divisão. Meu tio jogava muita bola, foi um cara que, devido à bebida, perdeu todas as chances. Mas jogava muita bola. E, meu pai, que também hoje já é falecido, era goleiro. Naquele tempo, dos mais antigos, faziam-se muitos jogos nas fazendas. E meu pai começou a pegar no gol. Inclusive, meu pai tinha uma deficiência

num dedo por causa de bola. Ele era muito bom goleiro. E aí o que aconteceu? Disso aí foi passando de família.

Leonardo começou a trabalhar cedo, em atividades informais no próprio bairro. Em 1978, com 13 anos, ingressou na Bolsa de Valores de São Paulo, seu primeiro emprego registrado, na praça Antônio Prado, centro da cidade. Por meio de um funcionário da Bolsa de Valores, soube que o Clube Atlético Ypiranga, do bairro do Ipiranga, na Zona Sul, estava realizando testes para jovens futebolistas. Ponta-esquerda, habilidoso na perna canhota, foi selecionado para treinar e jogar todos os dias à noite, após a jornada de trabalho na bolsa. Depois, já inserido na agremiação, aproveitou para levar junto o irmão caçula, Ed Wilson, “pequeninho, mas jogava muita bola”, segundo Leonardo, o “craque da família”.

Naquele tempo, o Clube Atlético Ypiranga tinha muita torcida. Eu disse: “Pô, tem um irmão meu que joga muita bola”, e levei. De imediato, o pessoal pegou. O que acontecia? Eu jogava primeiro que ele, depois ele jogava. A minha chuteira eu emprestava pra ele, que ele não tinha condições. Eram muitos irmãos. Então eu jogava, emprestava minha chuteira pra ele, que ficava parecendo um palhaço. Aquela chuteira enorme no pé dele. Mas jogava muita bola.

Em um amistoso do Ypiranga contra o C.A. Juventus, Leonardo e o irmão despertaram o interesse do treinador da equipe juvenil adversária, que os convidou para atuar pelo do clube da Mooca. Ambos começaram a treinar na mesma época, porém os desdobramentos foram distintos. Leonardo permaneceu somente seis meses. “Não aguentei. Eu trabalhava, estudava e jogava. Era muito cansativo para mim. Com o tempo, eu fui cansando. Falei: ‘Ah, acho que eu vou só trabalhar e estudar. Não dá para ficar jogando também.’”. Para Leonardo, seu contato diário com pais e mães permite observar que atualmente existem mais oportunidades para ser jogador do que em seu tempo de futebolista, pois as famílias dão um apoio maior do que naquela época.

A educação que se dava naquele tempo não é a mesma educação de hoje. Ou seja, naquele tempo, o pai só olhava, e se o pai falasse: “Filho, você vai estudar, não jogar”, o filho obedecia. Hoje já não. Hoje o filho já nasce com a bola: “Não, eu vou jogar, eu vou jogar”, o pai diz “Não!”. “Mas o Neymar ganha tanto”, “Então vai, filho. Vamos ver no que dá”. Você pode ver que, geralmente, hoje, o garoto, hoje, a maioria começa a trabalhar com 18 anos, 19, até com 20 anos. Por quê? Muitos estão englobados no futebol. Então, vai tentando, tentando, tentando, até que vê: “Pô, não deu”, aí vai trabalhar.

Ed Wilson, irmão de Leonardo, contando com o apoio dos irmãos mais velhos, continuou a jogar pelo Juventus e a se destacar nas categorias de base do clube. “Na realidade, ele estava disputando muito mais que eu. Primeiro, por ser mais jovem e, segundo, porque ele era o ídolo do time. O dia que ele jogava o time arrebentava, o dia que ele não jogava o time não aparecia. E aí eu parei de jogar e comecei a apoiar ele”.

Ed Wilson disputou a Copa São Paulo de Futebol Jr. e foi campeão do torneio com a equipe do Juventus em 1985. Logo após a conquista, Ed Wilson se profissionalizou no Juventus. E passou por algumas agremiações do interior de São Paulo, primeiro pela União Barbarense, depois pela Central Brasileira de Cotia: “Quando o clube existia, na 2ª divisão. Ele foi para lá porque a proposta era muito boa, e o empresário, que mantinha esse time de Cotia, pagava muito bem”. O bom desempenho em Cotia proporcionou ao jogador um contrato com o Grêmio de Porto Alegre, porém ali não teve muitas oportunidades e se transferiu para o São Caetano, retornando para São Paulo. Em seguida, por meio dos contatos de um empresário ligado a agremiações do Japão, país que, naquela época, início da década de 1990, tinha incrementado os investimentos em seu campeonato nacional, Ed Wilson se transferiu para um clube japonês, embora tenha ficado por pouco tempo, retornando em seguida para o Brasil. Sem muito espaço em São Paulo, jogou por clubes do Paraná até encerrar a carreira profissional por volta dos 33 anos, quando voltou a morar em Guaianases e passou a atuar por clubes de várzea da cidade. “Até hoje meu irmão joga na várzea, o pessoal chama sempre para jogar”.

Leonardo acompanhou de perto a carreira do irmão desde o início. Na mesma época em que Ed Wilson se profissionalizou, ele parou de trabalhar na bolsa e conseguiu um emprego na Mariano Corretora. Mas o trabalho não impedia a presença assídua nos jogos do irmão. “Meu trabalho sempre foi de segunda à sexta, horário até às 5 da tarde. Então, geralmente, se tivesse jogo à noite, dava para ir. E, no final de semana, era livre. Às vezes, ele ia viajar e eu pegava o avião, ia com ele. Então, eu sempre cuidei da carreira dele”. O contato com o sistema futebolístico profissional, proporcionado pelo envolvimento com a carreira do irmão, permitiu a Leonardo criar amizades com jogadores e outros profissionais do esporte.

Muitos convites que vinham para ele [o irmão Ed Wilson], que ele não podia ir, eu ia. Por exemplo, na casa do Müller. O Müller, quando começou no São Paulo, ele era atleta de Cristo. Não tinha aquele grupo? Atletas de Cristo? Então, o Müller fazia muitos convites. Meu irmão não ia, eu ia. Então, por

isso que eu fazia amizade com esses jogadores, ia nesses encontros, tipo Atletas de Cristo.

Um dos amigos sempre mencionados por Leonardo é o ex-jogador e atual comentarista Neto,²⁸⁴ com quem tem contato desde a década de 1980.²⁸⁵ Contato próximo que viabilizou uma aproximação entre Neto e o Botafogo de Guaianases, com constantes menções ao clube e à escolinha no programa de televisão do qual participa diariamente na hora do almoço. Proporcionou, ainda, a visita de Neto ao campo do Botafogo para a disputa de uma partida amistosa com os veteranos do clube varzeano em um domingo à tarde, reunindo um grande público no campo do CEU Jambeiro. Presenteado com camisas e um troféu pelos diretores do Botafogo e Luiz Moura, então candidato a deputado estadual, o ex-jogador relatou a homenagem nos dias seguintes em seu programa televisivo (Spaggiari, 2009, p.260-261).

Além das amizades, a convivência dentro do futebol profissional fez com que Leonardo começasse a observar jovens futebolistas na várzea paulistana, indicando-os aos clubes nos quais o irmão jogava. “E aí eu comecei a ver a base, ‘Pô, gostaria de trabalhar na base. Eu sei que aí é a minha trajetória no futebol’”. Largou o emprego na corretora e associou-se a um amigo advogado que trabalhava num escritório de cobrança de títulos. “Eu ficava na parte de cobrança, e ele na parte do direito. E eu não tinha horário para entrar nem para sair. Então, eu sempre tive disponibilidade para ver um garoto ou levar um garoto no clube”. Após alguns anos, insatisfeito com o trabalho no escritório, decidiu trabalhar como autônomo enquanto se dedicava à busca por talentos nos bairros da Zona Leste de São Paulo.

Sem ter sucesso nas primeiras empreitadas e com os contatos no futebol profissional se esvaindo após a aposentadoria do irmão, Leonardo procurou firmar parcerias para catalisar sua carreira como agente de futebol. Foi por meio da trajetória de outro membro de sua “família futebolística” que Leonardo se aproximou do Grêmio

²⁸⁴ José Ferreira Neto é um ex-jogador de futebol, que atuou pelo Guarani F. C., S. E. Palmeiras, S. C. Corinthians P., Santos F. C. e outros clubes brasileiros, além de uma breve passagem pela Seleção Brasileira no começo da década de 1990. Hoje é comentarista de futebol no rádio e na televisão.

²⁸⁵ Leonardo comenta ter assistido a primeira partida profissional do então jovem de 15 anos, que estreava pelo Guarani de Campinas. “Foi contra o Juventus, o primeiro jogo dele como profissional. Ele foi jogar no estádio da rua Javari. Meu irmão já jogava no Juventus. Ele lembra do meu irmão. Eu fui nesse jogo para ver o Neto. Porque o Neto era falado. Naquele tempo, se dava muita oportunidade para a base. Hoje não tanto. Mas, naquele tempo, se surgia um garoto, “Opa, é um ídolo que está surgindo”. E eu fui assistir ao jogo. Nesse jogo, meu irmão ficou no banco e entrou no 2º tempo. E o Neto fez um gol. Foi um 1 a 0 para o Guarani, gol de falta do Neto. Mesmo moleque, ele já batia muito bem falta.

Botafogo de Guaianases. Seu sobrinho Denis [89] era um dos principais futebolistas das equipes de competição da Escolinha do Botafogo e conquistou alguns títulos municipais pelo clube varzeano. Meia-esquerda habilidoso, Denis conciliava a escolinha com os períodos na categorias de base de clubes como Portuguesa, Nacional e Corinthians. Leonardo tinha no sobrinho seu principal “cliente” e esperança de consolidar sua carreira como agente de futebol. Participava intensamente do cotidiano de Denis, frequentava jogos, ajudava na preparação, aconselhava e procurava oportunidades nos clubes. O ingresso no Corinthians foi mediado pelo ex-jogador Neto, após um pedido de Leonardo para que observasse a atuação do seu sobrinho.

Ele falou, “Leonardo, vamos fazer o seguinte: leva ele lá no Corinthians, vou te dar o telefone do Afonso”, que era o diretor da base, “Você liga para o Afonso, fala que eu que mandei ligar. Se ele é bom jogador, interessa para o Corinthians”. O que aconteceu? Liguei para o Afonso, “Realmente o Neto falou comigo, pode trazer o Denis aqui”. Levei o Denis, ele falou, “Olha, vai ficar uma semana. Se ele for bom jogador, ele fica”.

E Denis ficou. Após mais de seis meses de treinos regulares nas categorias de base do Corinthians, certo dia, Leonardo recebeu a ligação do sobrinho informando que havia sido dispensado um minuto antes. “Liguei para o Neto e ele disse, ‘Mas como dispensado?’. Falei, ‘É, não entendi por que. Era para ser dispensado com cinco dias, faz seis meses que ele está lá e está bem. Sempre o Afonso falando que está bem’, ‘Não, vou ver isso aí, Leonardo. Vou ver o que está acontecendo...’. No dia seguinte, Leonardo recebeu um telefonema de Neto relatando que a equipe de juniores estava passando por uma reformulação para a Copa São Paulo de Futebol Júnior e jogadores vinculados a certos empresários teriam oportunidades no torneio. “Infelizmente, no futebol, ainda existe isso, dessas pessoas que trabalham lá dentro, com favorecimentos”. Após a dispensa, Denis ainda tentou ingressar em outros clubes, porém logo desistiu de seguir carreira profissional e passou a se dedicar somente ao futebol de várzea.

Contudo, o envolvimento com a trajetória do sobrinho proporcionou uma parceria com a Escolinha do Botafogo. Os jovens mais talentosos observados pelo agente em outros lugares, dentro e fora do bairro, eram indicados por Leonardo para as equipes de competição da escolinha, compondo um acordo bom para ambos os lados: fortalecia as equipes do Botafogo e permitia que os jovens vinculados a Leonardo ficassem próximos a ele, jogando e melhorando o desempenho, e com visibilidade nos torneios juvenis amadores. Leonardo participava, ainda, dos treinamentos,

deslocamentos para as partidas e, em diversas oportunidades, atuou como auxiliar do professor Sérgio no banco de reservas nas competições. Após as partidas, Leonardo publicava no *YouTube* vários vídeos dos jogos das equipes. Para ele, é fundamental que um jovem frequente uma escolinha de futebol ou treine em equipes infanto-juvenis de clubes amadores. “Empresário não faz milagre. Tem que saber jogar bola para entrar em um clube”, afirma. O espaço do Botafogo permitia, portanto, que o jovem estivesse ativo e em evidência enquanto Leonardo procurava agendar avaliações e testes nos clubes. “Se eu vejo um jogador, trago para cá. Ou, se o Sérgio me pede, eu trago. Por quê? O Botafogo disputa todos os campeonatos amadores: Taça São Paulo, Copa Danone, Copa Coca-Cola. Então, é uma boa vitrine, além da parceria que tem com o São Paulo F.C.”. Se o garoto fosse indicado por Leonardo, nem precisava passar por um período de observação nas turmas de Garrincha.

Assim, alguns dos melhores jogadores das categorias de base do Botafogo foram indicados pelo agente. O caso de Matheus [96] é exemplar. A família de Matheus – composta pelo pai Dulcídio, pela mãe Márcia Luciana e pelo irmão caçula Leandro – saiu da cidade de Rochedo, Mato Grosso do Sul, para concretizar sua carreira de jogador profissional em São Paulo. Segundo Dulcídio, a mudança vinha sendo discutida há quase dois anos, mas sempre era adiada: “Ele gosta de jogar futebol, sempre se destacou nas equipes e jogou em alguns clubes no Mato Grosso do Sul. Mas lá não existem muitas oportunidades. O pessoal lá não tem estrutura, não tem dinheiro”. Aprovado em uma avaliação realizada pelo Corinthians em Campo Grande, Matheus foi convocado para novas avaliações em São Paulo. Acompanhado do pai, Matheus participou de um período curto de testes e logo foi dispensado. Mesmo desanimado, Dulcídio permaneceu com o filho em São Paulo por mais alguns dias e “começou a correr atrás de futebol”, afirma. Sem sucesso, retornaram para Mato Grosso do Sul. Porém, quando Matheus completou 15 anos, os pais decidiram, por fim, se mudar para São Paulo. Sabiam que a cada ano ficaria mais difícil, pois os agentes e empresários que encontravam em Campo Grande já não demonstravam interesse nos jovens nascidos em 1996. Para Márcia Luciana, o fato de estar em São Paulo facilita o ingresso num clube de futebol: “Em menos de cinco meses aqui, ele já disputou alguns campeonatos. Algo que nunca aconteceria no Mato Grosso do Sul, [que] não tem muitos campeonatos. Aqui em São Paulo, a ‘vitrine’ é maior”. “Então decidimos vir para São Paulo. Temos uns conhecidos aqui que podiam nos ajudar no começo”, completou Dulcídio.

Um destes conhecidos trabalha com a cunhada de Leonardo. “O caso do Mateus é engraçado. Nós temos uma parenta, da nossa família, e outro dia ela estava na casa da minha mãe. E ela estava com uma amiga dela. Essa amiga começou a conversar, falar de futebol, e falou, ‘olha, eu tenho um sobrinho que joga bem’”, relata o agente. Após algumas trocas de contatos, indicado por sua cunhada, Leonardo conheceu Dulcídio e Márcia Luciana na Vila Prudente, bairro da Zona Leste, onde a família sul mato-grossense se estabelecera por ser próximo do Brás e de outros bairros com tradição na compra e venda de roupas e tecidos: “Assim podemos comprar roupas para nosso estabelecimento lá em Rochedo e, ao mesmo tempo, acompanhar a carreira do Matheus”, afirmou Dulcídio. Enquanto ficam em São Paulo, uma funcionária cuida da loja de roupas da família. Pelo menos duas vezes por mês um deles, Dulcídio ou Márcia Luciana, volta para Rochedo. Aproveitam para levar roupas e outros materiais, adquiridos no Brás e Bom Retiro para serem vendidos na loja: “Tínhamos uma situação boa lá, vivíamos bem. Agora estamos começando as coisas aqui em São Paulo, não do zero, mas tudo é muito diferente”, afirmou Márcia Luciana.

Leonardo acompanhou uma partida de Matheus num campo no bairro do Ipiranga. Satisfeito com o desempenho dele, levou o jovem ao treino do Botafogo de Guaianases na semana seguinte. Indicado por Leonardo, Matheus foi direto para o campo das equipes de campeonato. Canhoto, atua como meia-esquerda ou até volante, como aconteceu em algumas partidas do Botafogo durante o segundo semestre. Habilidoso e forte, com um bom chute de fora da área, ele chamou a atenção de Sérgio logo no primeiro treino no Botafogo. Participou das principais jogadas do time, fez dois gols e ajudou na marcação (contei mais de oito roubadas de bola num mesmo jogo). Em menos de duas semanas, Matheus já estava disputando a Copa Coca-Cola pelo Botafogo, junto com os jovens nascidos em 1996 e 1997. Ele jogou como titular e utilizou a camisa 10.²⁸⁶ Nos jogos, Dulcídio e Márcia Luciana sempre estavam presentes. Com um bom desempenho nas três últimas partidas da equipe na competição, Matheus passou a disputar também a Taça Municipal com a equipe sub16 (para os nascidos em 1995 e 1996). Um pouco antes, sem consultar Leonardo, diretores do Botafogo agendaram um período de avaliações para Matheus no Olé Brasil, clube com o qual firmou uma parceria em 2011.

²⁸⁶ A camisa 10, usualmente associada ao meia-armador ou ao craque da equipe, possui uma narrativa mítica iniciada com Pelé na Copa do Mundo de 58, e também relacionada aos jogadores que o sucederam, como Zico e Maradona (Abrahão; Blasi; Salvador, 2007).

O fato provocou os primeiros ruídos na parceria. Crise que teria novos desdobramentos nas semanas seguintes com as negociações e disputas envolvendo o destino de Fabio Augusto, destaque da equipe sub14 que foi vice-campeã da Taça Cidade de São Paulo, também indicado pelos diretores do Botafogo às avaliações no Olé Brasil. Quando soube da avaliação, Leonardo mostrou o contrato assinado com a família de Fabio Augusto, o que surpreendeu os diretores do Botafogo. Em meio à disputa entre clube e agente, os familiares do garoto, orientados por Leonardo, decidiram manter o jovem em São Paulo:

Quem o Olé Brasil mais quer chama-se Fabio Augusto. Só que o pai do Fabio Augusto disse: “Meu filho não vai sair do centro de futebol agora, porque ele ainda é um 97. Para que eu vou mandar meu filho lá longe?”. De repente, é aquela história: “E se dá uma dor de dente, uma dor de barriga à noite, quem vai cuidar do meu filho?”. Então, não necessariamente precisa ser agora... Pode ser que amanhã ou depois, mas não agora. Entendeu? Então eu tenho o pai nas mãos.

Leonardo tinha livre circulação dentro do Botafogo e utilizava o espaço da escolinha para treinar, observar e expor os jovens com os quais selara algum tipo de acordo. Conhecia os dirigentes do clube há muitos anos, com quem mantinha um bom contato, além de ter criado uma forte relação de amizade com o professor Sérgio. Entretanto, a situação mudou no segundo semestre do mesmo ano, quando os dirigentes passaram a acusar Leonardo de “seduzir” os jovens da escolinha e “atravessar” o projeto de produção de jogadores idealizado pelos diretores do Botafogo. Os diretores mostravam-se incomodados por não poder indicar os melhores garotos do clube para o Olé Brasil, pelo fato de quase todos estarem vinculados ao agente. Por outro lado, Leonardo criticava o clube por querer forçar os jovens a se dirigirem às categorias de base apenas por estarem matriculados na escolinha. “O Botafogo não é clube formador”, repetia incansavelmente Leonardo durante uma tarde de treinos da escolinha:

O clube formador, pela Lei Pelé, tem que ser um clube profissional. Para ser formador, ele tem que dar o quê? Assistência médico-hospitalar para o jogador, tem que dar ajuda de custo. E ser um clube profissional filiado também à Federação. Não é o caso do Botafogo. O Botafogo é filiado, mas como clube amador. E, na realidade, é uma escolinha comunitária. Então, não vem a ser um clube formador. Por quê? Em uma escolinha comunitária, qualquer um pode chegar e colocar seu filho para jogar. Não paga nada por isso e independente de cor, credo ou raça, tem que jogar. Então, o Botafogo é um grande clube amador, é um dos maiores vencedores, e bem conhecido

também. Porém, nesse aspecto, não tem os direitos como um clube formador. A lei não permite (Leonardo, agente de futebol)

Os clubes varzeanos ainda pouco se mobilizaram para obter os direitos e benefícios assegurados tanto pela legislação brasileira quanto pelo regulamento internacional da FIFA, este através do Mecanismo de Solidariedade.²⁸⁷ Os diretores do Botafogo pretendem reivindicar valores dos contratos e transferências pelo envolvimento na trajetória do jovem futebolista. O argumento dos diretores é que além de participarem do processo de produção do jogador, são responsáveis também, em alguns casos, pela inserção dos jovens nos clubes. Reconhecimento que não é fácil, pois a maioria dos torneios disputados pelas equipes de base do Botafogo não são reconhecidos como oficiais pela Federação Paulista de Futebol. Mesmo filiado à Federação como entidade amadora, o Botafogo não garante o direito de ser considerado um clube formador. Para receber sua parcela como clube formador, a entidade, além apresentar o registro do vínculo e da passagem do jogador pelo clube, precisa comprovar a participação deste em competições oficiais reconhecidas por entidades locais; deve também oferecer, entre outras coisas, assistências médica, odontológica e psicológica; manter instalações e alojamentos em condições apropriadas; dispor de um corpo de profissionais especializados em esporte; promover a conciliação entre trajetória futebolística e formação escolar do jogador. A maioria destas diretrizes não é contemplada pelo clube, mas os diretores do Botafogo não descartam buscar assessoria

²⁸⁷ O Mecanismo de Solidariedade, instituído pelo art. 21 do Regulamento de Transferências da FIFA, garante aos clubes formadores recompensas financeiras por meio de pequenas porcentagens dos valores das transferências internacionais dos jogadores profissionais: “Se um profissional for transferido antes do termo do seu contrato, qualquer clube que tenha contribuído para a sua educação e formação receberá uma percentagem da compensação paga ao clube anterior (contribuição de solidariedade)”. Se o jogador atuou entre os 12 e 23 anos de idade no clube, este pode obter até 5% do valor da transação. Os 5% do valor da transferência são repartidos proporcionalmente entre todos os clubes formadores que participaram da trajetória do jogador entre seus 12 e 23 anos: 0,25% por cada ano até o 15º aniversário jogador e 0,5% até seu 23º aniversário. Valores (5%) pagos pelo clube que está contratando o jogador. Assim, o Mecanismo de Solidariedade almeja o reconhecimento e valorização dos clubes que participaram da trajetória do jogador quando jovem. No Brasil, o art. 29 da Lei Pelé garante ao clube formador ser ressarcido em 1% para cada ano entre 14 e 17 anos do jogador e 0,5% para cada ano do período entre 18 e 20 anos. Para beneficiar os clubes formadores, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) emite certificados temporários, com validade de dois anos, para atestar as agremiações como “Entidade de Prática Desportiva Formadora de Atletas”. O certificado também garante ao clube formador a prioridade dos direitos de um jogador criado na própria base. Além disso, a legislação esportiva brasileira define que o clube formador tem o direito de assinar o primeiro contrato de trabalho (com o prazo máximo de cinco anos) com o garoto quando este atinge os 16 anos. Se o jogador se opuser à assinatura do contrato ou criar vínculos com outro clube, o clube formador pode requerer um valor indenizatório. O clube formador e detentor do primeiro contrato tem o direito de preferência para a primeira renovação do contrato (prazo máximo de três anos).

jurídica para o clube se beneficiar desses direitos, mas nada ainda foi feito nesse sentido.²⁸⁸

Para Leonardo, os diretores do Botafogo realizam uma administração amadora, resistente a novas propostas: “O pessoal que administra o Botafogo não evoluiu. Eles não têm a menor noção do que é a gestão de um clube de futebol, não são empresários, não conhecem as burocracias do futebol”. Segundo o agente, o clube ainda não tem as condições capitais para alcançar qualquer tipo de retorno financeiro: “O Botafogo tem um potencial tremendo, mas não tem uma gestão boa. Os dirigentes não sabem fazer marketing, organizar eventos, se comunicar com a imprensa”. Do outro lado, os casos Matheus e Fabio Augusto fizeram com que os dirigentes procurassem conhecer melhor a Lei Pelé. O diretor Edson entrou no site do Governo Federal, mais especificamente na página do Código Civil, e imprimiu a regulamentação.²⁸⁹ Segundo Itamar, eles iriam “estudar a lei direitinho. Mas pelo que já vimos rapidamente, o Leonardo não está sendo correto. O garoto tem só 14 anos, não pode assinar contrato”.²⁹⁰

O foco nos garotos acima de 14 anos, como Matheus, evitava que Leonardo interferisse na parceria do Botafogo com o São Paulo, ao mesmo tempo em que esta também gerava dividendos para Leonardo. Como o clube do Morumbi seleciona crianças de até 13 anos, aqueles não aproveitados – as “sobras”, como define o agente – são sondados por Leonardo para se vincularem a ele, que os leva para avaliações nos clubes. Trabalhar com garotos acima de 14 anos, segundo Leonardo, também é uma forma de evitar investimentos prolongados com os futebolistas. Cálculo que dificulta as tentativas de inserção dos seus protegidos, pois está cada vez mais difícil inserir os jovens acima de 16 anos nos clubes. “A partir dos 18, 19, a chance já caiu muito. Às vezes, um garoto com 16 anos, para você colocar no clube, hoje, não é fácil. Por quê? ‘Ah, poxa, mas eu já tenho 96 aqui que já disputou quatro Paulistas’. Mas, às vezes, não chega aos pés daquele que eu levei, com 16 anos”, afirma o agente. Se ingressar no

²⁸⁸ Um exemplo de aplicação do Mecanismo de Solidariedade no universo amador foi observado no clube Salto, participante de ligas amadoras no Uruguai, que recebeu cerca de € 600 mil pela transferência do atacante Edinson Cavani do Napoli (Itália) para o Paris Saint-Germain (França) – calculada em torno de € 63 milhões. Cavani atuou até os 15 anos no clube Salto, antes de se transferir para o Danúbio, clube profissional uruguaio. Cf. “Dinheiro do PSG por Cavani manterá time amador por cinco anos”. Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/dinheiro-do-psg-por-cavani-mantera-de-time-amador-por-cinco-anos>. (Acesso em: 14/08/2014).

²⁸⁹ Cf. <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9615consol.htm>>. Acesso em : 15/09/11.

²⁹⁰ Na legislação brasileira atual, o contrato profissional só pode ser assinado a partir dos 16 anos. Como não podem assinar um contrato em nome do garoto, os clubes assinam em nome do pai ou da mãe do jovem. No caso acima citado, o contrato de procuração foi assinado com o pai do jovem.

sistema futebolístico após os 16 anos é difícil, iniciar a trajetória nesta idade, sem ter passado por categorias de base em clubes amadores e profissionais, é impossível, segundo Leonardo: “O garoto não vai conseguir acompanhar o rendimento dos outros que jogam há mais tempo, já que não tem os mesmos fundamentos técnicos, nem conhecimento tático”.

São, digamos, raras exceções. Porque o futebol começou a pregar muito isso, que um garoto com 16 anos já está começando a ficar velho para o futebol. 18, 20 anos, piorou... Não é que o garoto não joga ou não tem condições. O que acontece? Geralmente, o que existe dentro do próprio clube? “Ah, esse garoto está sendo avaliado com 20 anos aqui”, “Não, mas é bom jogador”, “Ah, mas ele não tem o fundamento. Olha lá, ele não sabe cabecear”. Mas, na realidade, o que um centroavante faz? O que ele tem que fazer? É gol. E o Leandro Damiano, ele faz gol de qualquer jeito (Leonardo, agente de futebol).

Contudo, o ingresso nas categorias de base é só a etapa posterior de um trabalho que se inicia cedo, desde o primeiro contato com o jovem futebolista, mas passa principalmente pela criação de laços com a família dos garotos. Vínculos fundados com base em diferentes tipos de investimento dos agentes nos projetos familiares: dinheiro, tempo, conhecimento, contatos e proximidade. Nas perambulações pelos campos de várzea da Zona Leste, Leonardo tem feito contato com inúmeros jovens e familiares. Jonas [95] e Fábio Augusto [97], ambos nas categorias de base do Palmeiras, são as duas principais apostas dentre os mais de quinze jovens futebolistas com os quais Leonardo tem vínculos – aqueles referidos como “meu jogador”.²⁹¹ Dentre estes, nove estão ou já passaram pela Escolinha do Botafogo. Lucas [95] está no Santo André; Paulo [97] e o recifense Diclésio [97] estão no Palmeiras; Jorge [95] no Nacional; Fabrício [95] no Palmeirinha de Porto Ferreira, e outros em outros clubes do interior de São Paulo. Trabalhar com vários jogadores ao mesmo tempo potencializa as chances de obter retorno, mesmo que a longo prazo. Com a maioria dos jogadores, Leonardo já reforçou o vínculo com a assinatura de contratos com os pais ou com os próprios jovens. A depender da idade, o contrato não vale muito. O que protege sua atuação como agente é a relação construída com o jovem e seus familiares. Leonardo argumenta que os contratos assinados antes dos 16 anos são “mera formalidade” e que diversos acordos podem ser assinados ao longo da trajetória de um jovem antes mesmo dos 16 anos, quando este poderá firmar seu primeiro contrato como profissional.

²⁹¹ Abordarei de forma mais detida, no próximo capítulo, a trajetória desses jogadores.

Então, muitas vezes, eu pego um garoto com 11 anos. O pai assina pelo filho. Com 13 anos, ele pode estar muito bem, futebolisticamente falando, e já vai se encerrar o contrato comigo. Ou seja, se o pai fala, “Ah, não. Não vou renovar...”, e o garoto está num clube, o que eu fiz, já não vale mais. Então, na realidade, o contrato é mais mera formalidade, é para que seja uma coisa correta e uma coisa profissional. Por quê? Na realidade, eu quero ter o garoto eternamente, com papel ou sem papel. Mas, para que as coisas sejam corretas, tem que haver esse contrato.

Porém, mais do que mera formalidade, o contrato assinado com os familiares é também uma forma de “abrir portas” e marcar posição nos clubes. “Por exemplo, se eu chego no Palmeiras com o garoto, a primeira coisa que o técnico vai me perguntar, “Leonardo, o garoto está com você? Os pais estão com você? O garoto não é federado? Você tem contrato com os pais do garoto?”. Mais preocupado em reforçar proximidade e do que com contratos, Leonardo atua como um mediador no universo futebolístico. Seu papel, como ele mesmo diz, é acompanhar o desenvolvimento da carreira do jovem, agendando testes, avaliações e providenciando o que for necessário. Além disso, diz saber lidar com a “burocracia do futebol”: arranjar os documentos necessários, autorização dos pais para viajar etc.: “Cuido de toda papelada, as coisas não podem parar”. Procura dar assistência para os garotos, principalmente nas questões técnicas e familiares, porque ainda não dispõe de recursos financeiros para gerenciar sozinho as carreiras dos jovens: “Eu me vejo, hoje, como um olheiro, descobridor de talentos e, ao mesmo tempo, como um agente também. Agora, empresário não. Empresário, eu espero, um dia, ter totais condições de ser. Mas por enquanto não sou”. Contudo, seu trabalho como olheiro não exclui outras atuações, como a de procurador, agente ou mesmo de empresário. Dentro de um sistema futebolístico marcado pela proliferação e multiplicidade de atores que fazem parte das trajetórias de jovens futebolistas e jogadores de futebol, muitas vezes essas posições se embaralham se tornam difíceis de diferenciar.²⁹² O trabalho como olheiro visa – seja como autônomo, ligado a agentes ou

²⁹² De forma sintética, podemos delimitar algumas distinções: o agente de futebol trabalha diretamente com os jogadores, um ou vários ao mesmo tempo, gerenciando e investindo em suas carreiras; atuação que implica o recebimento de um percentual do salário do jogador e das transferências para outros times. O procurador ou representante é quem tem autorização, por procuração – documento pelo qual o jogador concede a um terceiro o direito de atuar em seu nome e seus interesses –, assinada pelo jogador e pelos pais (quando menor de idade), para cuidar de negociações pontuais em seu nome, como providenciar e legalizar documentos nas entidades esportivas; atuação que implica pagamento fixo por serviço prestado. O empresário – denominação utilizada popularmente para englobar as diferentes atuações – fica responsável pela intermediação nas negociações entre clubes, mesmo que não tenha contratos assinados

como funcionários de clubes – a descoberta de jovens talentosos, algo que não é fácil. Encontrar, observar e identificar, segundo Leonardo, exige talento e outras qualidades como humildade e sorte, além de depender do apoio familiar, em suma: “[É preciso] estar no lugar certo, na hora certa e com a pessoa certa”. Porém, dentro de um cenário considerado muito nivelado, que tolhe o agente de “descobrir o ouro no meio da prata”, os talentosos ainda se sobressaem, visto que o processo de habilitação mostra-se fundamental.

O garoto precisa ter talento, isso é fundamental. O que é talento? O talento é assim... Eu tenho um amigo que me encheu o saco por uns dois meses. “Leonardo, tem um garoto lá em Carapicuíba, você precisa ver”. E um dia fui ver o garoto. Cheguei ao campo e fizeram o jogo justamente para ver os garotos. Eu fiquei meia-hora vendo o garoto jogar. E eu, que gosto de futebol e conheço, fiquei encantado com o garoto. Aí meu amigo, “Já sabe qual é o garoto?”. Falei, “Já sei quem é o garoto que você queria me mostrar”. O que acontece? Isso é o talento que a gente fala. É você olhar e se encantar com o garoto, independente de qualquer coisa. Você se encantou. Esse é o primeiro passo: o garoto ter talento e encantar. Não adianta ele ter o talento e não encantar.

Frente à dificuldade de encontrar jovens futebolistas talentosos, faz-se fundamental manter redes de contato alargadas com pessoas que atuam com futebol em escolinhas, projetos sociais e clubes amadores por toda cidade, mas que não estão envolvidos diretamente com a produção de jogadores ou categorias de base. Estes contatos são conhecidos, entre os boleiros, como “arapongas”. Segundo Leonardo, ele e outros agentes são procurados pelos “arapongas” para conhecer e observar o desempenho de jovens considerados muito talentosos e que ainda não tiveram oportunidade ou suporte para investir na carreira de jogador. “Araponga é um cara que fala: ‘Leonardo, tem um garoto aqui fenomenal’, ‘Leonardo, tem um garoto aqui comigo, pode vir pegar, leva ele...’, ‘Leonardo, tem um garoto aqui bom para caramba... Vem ver aqui’”. Atuação que também pode render dividendos aos “arapongas”, principalmente para aqueles que são reconhecidos por sempre indicarem ótimos futebolistas.²⁹³ Morador da Cidade Tiradentes, Leonardo percorre diversos bairros na

com jogadores. Investidor, por fim, é quem detém parte dos direitos econômicos dos jogadores (Spaggiari, 2009, p.185).

²⁹³ Um de seus “arapongas” foi um dos primeiros treinadores do atacante Leandro Damião, no Jardim Ângela, Zona Sul da cidade. “Eu conheço quem treinou o Leandro Damião. Por quê? É um “araponga” meu. Chama-se Ney, da Zona Sul. É o Ney. Inclusive, a semana passada, estava com o Ney, no Corinthians. Foi ele que trouxe o Leandro Damião para o futebol. Ele falou que melhor era o irmão dele.

Zona Leste de São Paulo para observar jovens futebolistas. Mas é impossível mapear e desbravar sozinho os inúmeros espaços da cidade futebolística voltada à produção de jogadores. Leonardo afirma que depende dos “arapongas” para acessar jovens talentosos. Porém, somente o trabalho de descobrir talentos não é suficiente. Tampouco ter vínculos de proximidade com os jovens o permite continuar atuando como agente de futebol. Com poucos recursos financeiros, Leonardo não consegue oferecer o suporte reivindicado pelos familiares para a continuidade do projeto e do vínculo. Para ter acesso a tais recursos, o agente traça parcerias com investidores que passam a ser responsáveis por custear financeiramente o projeto familiar. Como contrapartida, os que investem recebem percentuais dos direitos econômicos, estipulados nos contratos – como já assinalado, provisórios e contenciosos – assinados pelo agente com os familiares. São os investidores que também passam a remunerar as atividades e despesas realizadas por Leonardo para dar prosseguimento aos projetos futebolísticos. Sua renda mensal está atrelada especificamente aos projetos de dois jovens:

Eu tenho dois jogadores que são de investidores, que eu levei para o futebol. E essas pessoas me ajudam, ou seja, dão chuteiras para os jogadores, assistência e também uma ajuda de custo. Eles me pagam esse valor de R\$ 1.500. Então, do que eu sobrevivo? Eu sobrevivo desses R\$ 1500 e de mais alguma coisa que venha. Logicamente, não cobro de nenhum jogador, nunca cobrei, não é esse o meu trabalho. Meu trabalho é colocar o garoto no cenário do futebol. Eu levo o garoto para um clube, o garoto fica. Aí eu arrumo um investidor para o garoto, ele que vai dar chuteira, ajuda de custo. Obviamente, clubes grandes, como Palmeiras, Corinthians, eles dão ajuda de custo. Mas o investidor, que também vai ter uma participação do jogador, tanto nos direitos econômicos, como direitos federativos, ele vai investir no garoto. Vai estar sempre ali ajudando. E no contrato que venha a ser feito, eu tenho uma porcentagem. Ou seja, é um trabalho, na maioria das vezes a longo prazo. E 3% a curto. Ou seja, de repente, arruma um ouro, um Neymar da vida, o moleque está com 10, 12, 13 anos, ele já é ouro. Então, você faz um trabalho de curto tempo. Mas geralmente é a longo prazo. Um garoto com 11, 12, 13 anos vai despontar num time profissional quando? Tomara que com 17, com 18. Um contrato bom vai ser quando? Uma transferência para o exterior vai ser quando? Por exemplo, o garoto vai precisar ir para a Espanha, porque tem um clube interessado. O empresário geralmente arruma o clube interessado. E ganha em cima da transferência. E o agente ganha em cima das negociações, salários, publicidade. Então, geralmente, os contratos que eu faço, eu tenho uma porcentagem em cima, mas a longo prazo.

O Leandro Damião, ele punha na zaga, punha para cá, de repente lá na frente. Aí o que aconteceu? Leandro Damião começou a jogar, e jogou no Nós Travamos, que é um time da Zona Sul. E aí, um dia, um cara o levou para um clube em Santa Catarina. E dali foi, de repente, despontou agora, com 20 anos. Mas eu conheci a pessoa que foi o precursor do Leandro Damião”.

Um dos investidores com quem Leonardo tem parceria – e relação de dependência – é o agente Lúcio, a quem conhece há mais de vinte anos, porém só recentemente começaram a trabalhar juntos. Segundo Leonardo, seu sócio Lúcio tem muitos contatos em clubes de São Paulo e conhece diversos diretores e treinadores de categorias de base. Se Lúcio é quem cuida do pequeno suporte inicial oferecido às famílias dos jovens, bem como gerencia a intermediação e trânsito nos clubes, Leonardo fica responsável por iniciar e reforçar o contato com o jovem e seus familiares; como ele mesmo diz, ele é a “cara” de Lúcio nos inúmeros campos de várzea da região.

6.2 – O agente Lúcio no mundo dos “oportunistas” e “picaretas”

Lúcio, policial militar aposentado, nascido em Guaianases e atualmente morador de Itaquera, se apresenta como agente de futebol e “observador técnico” que trabalha na captação de jovens futebolistas para os grandes clubes de São Paulo. Como Leonardo, tentou ser jogador profissional, e passou sem sucesso pelas equipes de aspirantes do Comercial de Mogi: “Tinha dois quadros. Eu era titular do segundo e banco do primeiro. Volante e lateral direito”. Desistiu ainda jovem e se dedicou mais ao futebol de várzea. Entrou para a Polícia Militar aos 22 anos; em seguida, iniciou o curso de direito na Universidade Brás Cubas, de Mogi das Cruzes. “Nunca pensei em advogar. Nem sabia o que era direito na época. Eu fui o primeiro a ter formação em nível superior na minha família. Não tinha orientação de ninguém”, relata. Durante o trabalho na PM continuou a jogar bola pela corporação, compondo a seleção de futsal do QG (Quartel General). E foi por meio da PM que começou a mexer com futebol:

Eu estava lá na 30ª DP da praça Sílvio Romero, no Tatuapé. Eu estava lá no serviço um dia e aí chegou um cara pedindo uma viatura. Iria ter um jogo e era para os PMs fazerem segurança lá. E eu fui fazer segurança lá no parque São Jorge. E os caras sabiam que conhecia jogadores de Guaianases. Pediram para trazer jogadores para o Corinthians. “Mas dá dinheiro isso aí?”, Mostraram um contrato do Lima, que é meu amigo até hoje, e ele havia ganho, em uns quatro ou cinco meses, R\$ 200 mil. Eu cresci o olho. “Ah, 200 mil?!” Aí comecei a mandar jogadores.

Durante este período estive em contato com diretores das categorias de base do Corinthians e de outros clubes da cidade. Começou a ter alguns rendimentos com

futebol, mas que só ajudavam a complementar o salário que recebia como policial. Naquela mesma época, passou a conciliar o trabalho como policial com as atividades da Escolinha do Botafogo, onde procurou fazer um primeiro projeto voltado à produção de jogadores. Ali, trabalhando com Sérgio na formação das equipes de competição, conheceu seu futuro parceiro Leonardo. “Acompanhei os times do Botafogo durante uns três anos. Aí enchia o carro de laranja, banana, mexerica e ia levar para os moleques”.²⁹⁴

Após se aposentar na PM, passou a se dedicar exclusivamente ao futebol de base. Trabalhou durante alguns meses como olheiro das categorias de base do Corinthians, na época comanda por Batista, um de seus atuais investidores. Outros tempos, segundo Lúcio, quando o Corinthians ainda investia nos jovens das categorias de base.²⁹⁵ “Você vê agora: tem só um jogador do terrão, da base, no time titular do Corinthians, que foi campeão brasileiro”, comentou Lúcio ao citar a equipe campeã brasileira de 2011. “Só o goleiro Júlio Cesar veio do terrão. Todos vêm de outros times”. Cenário que piorou em 2010 quando a FIFA e o Corinthians confirmaram a construção do estádio em Itaquera para a abertura da Copa do Mundo. “Agora só querem investir na construção de um estádio novo e assim não incentivam os jovens da base”. Algo que não se refere somente ao Corinthians, afirma Lúcio. “Mudou muita coisa. Os jogadores da base, formados em casa, perderam espaço nos clubes grandes”.²⁹⁶ Sem conseguir vislumbrar retornos financeiros significativos dentro do clube, decidi

²⁹⁴ Neste período vinculado ao Botafogo, fortaleceu a amizade com Luiz Cláudio, então vice-presidente botafoguense. Os dois eram parceiros nos muito comentados desafios de pebolim em diversos bairros da Zona Leste e cidades próximas. “Lembra do vereador Guilherme Gianetti? Ele me ligava, “Lúcio, tem um cara muito bom em Jundiapéba”. E eu ia lá disputar para ver quem ganhava. Eles me pagavam tudo. Eu era exterminador dos campeões de pebolim. E o Luizinho era muito bom. Nós éramos uma dupla muito forte”, relata Lúcio.

²⁹⁵ Segundo Lúcio, a interlocução com os clubes revela-se cada vez mais difícil. As agremiações mantêm equipes próprias de olheiros dedicados à busca por jovens futebolistas e jogadores profissionais. Os olheiros, que também adotam a denominação “observador técnico”, circulam por cidades do interior e por outros países da América do Sul para recolher informações sobre novos talentos. Em alguns casos, os olheiros assistem partidas para observar jogadores específicos; em outros, a procura é mais exploratória. Além dos olheiros e escolinhas franqueadas, alguns clubes criaram filiais em outras regiões do Brasil. O agente cita o caso do Corinthians, que possui filiais no Paraná (Corinthians Paranaense), no Ceará (Corinthians Nordeste) e na cidade de Santa Fé, na Argentina. Os acordos para a organização de filiais estipulam a prioridade do clube alvinegro na contratação das revelações.

²⁹⁶ O antigo CT das categorias de base do Corinthians localizava-se em Itaquera, mas foi demolido para a construção do estádio. Os atletas das categorias de base passaram a treinar em Guarulhos. No mesmo período, o clube inaugurou o CT Joaquim Grava, que abriga as atividades do elenco profissional. Uma área contígua ao novo CT, localizada na região do Parque Ecológico do Tietê, Zona Leste da cidade, foi reservada para a construção de uma nova estrutura esportiva para as categorias de base. A ideia é que proximidade com o profissional proporcione um fortalecimento administrativo e técnico das categorias de base. Mas até o final do primeiro semestre de 2014, o CT dos jovens atletas ainda não fora construído.

Paulo: “Aprendi desde o começo, na prática, vivenciando, entendendo, nos escritórios da vida, com os agentes, vai assimilando um pouco de cada um. Já sentei com Figer, já sentei com Wagner Ribeiro, com Marcelo Djian”.

Se, inicialmente, Lúcio procurou trabalhar sozinho, a partir de seus próprios recursos, optou, após certas decepções, por preservar seus miúdos e começar a operar com o dinheiro de outros. Se ele atua como um “pequeno investidor” de Leonardo, o agente também tem seus investidores. Um deles, o principal, a quem chama de “chefe”, paga R\$ 2.000 por mês a Lúcio para encontrar e selecionar jovens futebolistas. Michel, o investidor, mora em Campinas e comanda uma empresa de agenciamento de jogadores.²⁹⁷ Ele começou a trabalhar com futebol há dois anos, dedicando-se exclusivamente à captação de jovens para as categorias de base. Lúcio é seu contato em São Paulo. Além da quantia mensal o investidor é o responsável pela compra de passagens de ônibus e avião, pagamento de hotéis e albergues quando não há possibilidade de o jovem ser alojado no clube, compra de aparelhos de celular, combustível dos veículos para buscar atletas em rodoviárias, aeroportos e clubes, aquisição de roupas e material esportivo. Um exemplo de orçamento mensal detalhado por Lúcio:

Passagens	R\$ 500
Pensão/Hotel	R\$ 500
Alimentação	R\$ 500
Telefone (fixo, celular, rádio)	R\$ 200
Combustível	R\$ 300
Chuteira e ajuda de custo	RS 1.000
Meu trabalho, 24h, todos os dias	RS 2.000
TOTAL	R\$ 5.000

²⁹⁷ Em 2014, a FIFA proibiu que grupos e investidores individuais tenham participação nos direitos econômicos e de imagem de jogadores. A nova regra passa a valer em quatro anos. Cf. “Clubes oferecem mais atletas a investidores, mas mercado é abalado por FIFA”. Disponível em: <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/10/14/clubes-oferecem-mais-atletas-a-investidores-mas-mercado-e-abalado-por-fifa/>. Acesso em :17/10/2014.

Além de Michel, seu principal investidor, o agente trabalha também com outros investidores, como Batista, ex-diretor das categorias de base do Corinthians e do Juventus, mas que está parado após ter sido acusado de cometer ilegalidades no futebol de base do clube alvinegro, entre elas, desvio de verba e pedofilia. Segundo Lúcio, mesmo afastado do campo profissional, Batista tem muitos contatos nas diretorias dos clubes, inclusive no próprio Corinthians. Assim, quando quer inserir um jovem nas categorias de base do Corinthians, o agente repassa as informações a Batista, que opera todo o encaminhamento necessário. Se aprovado, Batista passa a configurar como um de seus investidores e recebe uma porcentagem dos direitos econômicos do futebolista. “O negócio mesmo assim é bom pra mim. Porque, se eu não me aproximar dele, como que eu vou ganhar dinheiro no Corinthians? Tem que ser ele”, afirma Lúcio.

Na parceria, Lúcio fica responsável por custear parte dos gastos com o projeto familiar dos jovens observados e indicados por Leonardo. Quando os acordos não envolvem outros investidores, mas somente Leonardo e Lúcio, a divisão dos direitos econômicos é equivalente. Em 2012, os dois agentes negociaram um jovem futebolista por R\$ 30 mil: a mãe ficou com R\$ 20 mil e, cada um deles, com R\$ 5 mil. Alguns dos jovens indicados por Leonardo são repassados a Michel, seu principal investidor, de quem recebe quantias mensais, como se fossem salários, para encontrar bons futebolistas. Outros jovens são indicados a outros investidores, mas em algumas trajetórias Lúcio se esforça para atuar como único investidor. Assim, nessa relação entre Lúcio e seu investidor, Leonardo não existe em termos contratuais, pois consta que quem repassou o jovem foi Lúcio e será ele quem terá ganhos percentuais sobre o que seu investidor conseguir faturar com o jovem futebolista quando este virar jogador. Na relação entre Leonardo e Lúcio, ambos os agentes estão protegidos por outro contrato, que garante a Leonardo uma parte diminuta dos ganhos de Lúcio.

Tudo que ele traz pra mim, ele quer 50%-50%. Mas o que acontece? Eu fui contratado por essa empresa do Michel. Essa empresa conhece o Lúcio. E é isso que o Leonardo não entende. Ele quer que vá lá à minha empresa e faça um documento com ele dos jogadores que ele traz pra mim. Falo, “Leonardo, não adianta, o meu chefe não sabe que você existe”, “Lúcio, mas seu chefe tem que saber que eu existo, as pessoas têm que saber que eu existo”, “Leonardo, o meu patrão não sabe que você existe, não interessa pra ele. Ele contratou o Lúcio em São Paulo, um cara na Bahia e outro no Paraná”.

Lúcio afirma que Leonardo só começou a trabalhar “de verdade” e “profissionalmente” com futebol quando eles se associaram. Em 2013, por exemplo,

afirma ter ganhado R\$ 40 mil, enquanto Leonardo ganhou por volta de 20 mil. “Ele é rabudo, tudo que ele pega vai pra frente. Ele é rabudo. Mas tudo que ele faz depende de mim”, afirma. Lúcio considera Leonardo apenas um olheiro dentre vários que lhe indicam jovens futebolistas garimpando em todo o Brasil. Como trabalha há muito tempo com futebol de base, Lúcio tem contato com inúmeros olheiros e “arapongas”, dentro e fora de São Paulo. Alguns dos jovens a ele vinculados foram indicados por “arapongas” e olheiros do Ceará, Paraíba e Pernambuco.

Os arapongas, meus contatos do Norte e Nordeste, me mandam jogadores. É que eu confio nos caras. Tudo jogador de bola. Já mandaram alguns jogadores. Um exemplo: na média, de cinco, dois voltam. O índice de acerto é 70%. Já está bom. Eu pego os treinadores deles de lá, que já me indicam no mínimo dois ou três. O cara lá fica sendo o meu representante, eu não preciso pagar nada. Então, o meu elo, a minha rede de informações vai se proliferando, se disseminando, gratuitamente. Não precisa fazer esforço. Como são os meus contatos? Além da internet, eu tenho o TIM, pois todos eles compram TIM, e eles ligam a cobrar. Eu pago R\$ 60 por mês e eles não pagam nada para fazer contato comigo. E por que eles fazem contato comigo? Pela credibilidade. Então, os jogadores que vêm do Norte e Nordeste vêm comigo porque “painho” e “mainha” confiam muito em mim, sabem que o menino não vai ficar largado aqui, que eu vou colocá-los num clube de expressão ou que, se o clube não for de expressão, pelo menos a base, alimentação e escola eles terão, para dar início a uma carreira profissional.

Segundo Lúcio, não basta colocá-los nos clubes para que sejam avaliados e aprovados. É preciso oferecer suporte, acompanhar diariamente, providenciar os documentos necessários para firmar contratos e procurações. As despesas são custeadas por seus investidores, que passam a deter parte significativa dos direitos econômicos dos jovens. Caso o ingresso do futebolista no clube ou uma eventual transferência proporcionem dividendos, Lúcio divide sua parte com os “arapongas” que indicaram e cuidaram dos trâmites para a viagem dos jovens. “De repente, o garoto foi aprovado no Corinthians, assinou um contrato, já está valendo R\$ 50 mil, 100 mil”, relata.

Mesmo quando os contatos nas diretorias das categorias de base do clube mudam – que acontece com frequência –, Lúcio não é destituído das relações que o ligam aos clubes. Segundo ele, os novos diretores, assim que assumem os cargos, pedem uma relação dos jogadores e de seus representantes. “‘Quem pôs o jogador tal?’. Então, os caras querem falar comigo. ‘Lúcio, tem seis jogadores, chama esse cara pra mim’. Eles me chamam. ‘Ah, você que é o Lúcio?’”. Assim, a inserção dos jovens com

os quais é vinculado catalisa novas oportunidades em períodos de reformulação das equipes juvenis. “Lúcio, estou precisando de um zagueiro... Lúcio...”, sabe? “Hoje mudou um pouquinho, mas antigamente era, ‘Lúcio, você tem um zagueiro pra mim?’, ‘Lúcio, você tem um atacante?’”. Em alguns dos clubes, principalmente agremiações pequenas voltadas quase que exclusivamente à produção e venda de jogadores, Lúcio consegue alocar mais de oito jovens. Em alguns casos, faz parceria com os clubes e despeja parte de seu portfólio de jovens futebolistas em uma equipe específica. “Hoje eu quero montar a base de Diadema, eu já trago tudo para o Diadema alojar. Não preciso pôr um aqui e outro lá”.²⁹⁸ Assim, segundo Lúcio, a capacidade de permuta de contatos e informações do agente de futebol é fundamental para realizar negociações no sistema futebolístico, porém não é o fator terminante: “O bom empresário não se faz. É o atleta quem faz o bom empresário. Não adianta você ter um puta de um carrão, encostar-se à beira do campo. Se você não tiver um bom atleta, ninguém vai te conhecer”.

Trata-se, portanto, de um processo de retroalimentação contínua de um intrincado emaranhado de agentes, informações, prestígios e dividendos que se mostra decisivo para o ingresso de jovens no clube, negociação de contratos, permanências e egressões. Rede de contatos que Leonardo não consegue articular pelo fato de não dispor de recursos – próprio ou de investidores – para investimentos em projetos mais alargados e ambiciosos. “Ele não tem o setor operacional. O que é? A vinda e a volta. ‘Painho’ e ‘Mainha’ do moleque não vão pagar a passagem. E ele não tem carro. Como vai buscar o cara no aeroporto? Então, o que ele tem que fazer? Trabalhar em Guaianases ou pegar alguns pela internet”.

Se o jovem futebolista é quem faz o agente, como avaliar se um garoto é bom? Segundo Lúcio, não é fácil comparar o desempenho de um garoto naquele determinado espaço no qual ele está sendo avaliado com níveis mais elevados de competição e treinamento observados em outros lugares. A dificuldade de avaliar as habilidades esportivas dos jovens ocorre porque as formas objetivas de avaliar somente a partir da observação de treinamentos pontuais são, muitas vezes, randômicas e inconclusas. Avaliações que podem durar trinta minutos em uma peneira, um dia em um centro de

²⁹⁸ Contudo, todas as parcerias que travou com clubes que investem na contratação de jogadores vinculados a somente um agente – entre eles: Diadema, União Suzano, Palmeirinha de Porto Ferreira, Atlético Sorocaba – não tiveram sucesso e continuidade após os primeiros problemas financeiros e resultados negativos. Muitos destes clubes são utilizados como “barrigas de aluguel” de empresários, de impacto ínfimo no mercado de futebol, mas que podem ser referências locais importantes. Como relatou Lúcio, “a molecada de Suzano vai tentar primeiro algo nos times de lá. Em Poá e Mogi é a mesma coisa”.

treinamento ou uma semana de testes nas categorias de base de um clube. A peneira é um método de seleção considerado limitado por quase todos os treinadores de categorias de base dos clubes com quem pude conversar ao longo da pesquisa. Porém, mesmo pouco realizada por clubes profissionais, a peneira ainda é um processo de seleção de jovens jogadores utilizado por agentes de futebol, olheiros e clubes profissionais de menor expressão. As crianças e jovens têm suas qualidades físicas, técnicas e táticas analisadas pelos observadores durante o tempo de jogo determinado para cada avaliação na peneira.²⁹⁹ Contrário às peneiras, Lúcio aponta que somente um treinamento contínuo e prolongado pode facilitar os processos de detecção e captação de talentos. Em longo prazo, o errático desempenho esportivo de um jovem talentoso pode vir a não corresponder às expectativas alimentadas, sendo assim eliminado do processo de produção de jogadores.

Dentro de um processo cujo ponto de chegada revela-se muito distante, o planejamento e avaliação das possibilidades de um jovem alcançar as qualidades necessárias podem variar conforme circunstâncias comportamentais, familiares e outras. O que pode ser definido também pela influência da relação entre idade biológica e idade cronológica no desenvolvimento de diferentes níveis de maturação e crescimento. Alguns podem ser reprovados por não atenderem aos parâmetros físicos de estatura e peso estipulados para futebolistas da mesma idade, ainda que exibam talento e potencial técnico superior. Por outro lado, há aqueles que sempre tiravam vantagem pelo porte físico avultado quando mais novos, fruto de um crescimento precoce, mas que, com o passar do tempo, as vantagens corporais diminuem e evidenciam capacidades e qualidades insuficientes. Por isso, segundo Lúcio, é difícil estabelecer critérios e fazer diagnósticos antes de os jovens completarem 14 anos: momento da trajetória em que os agentes de futebol passam a ter um papel mais decisivo, inversamente proporcional à participação mitigada dos professores e treinadores que os acompanharam em anos anteriores, e quando se inicia a circulação por avaliações e períodos de alojamento em clubes. “É como achar um tesouro escondido”, define o agente.

²⁹⁹ Jovens de Guaianases participaram de peneiras realizadas pelo Corinthians ao longo do segundo semestre de 2012 para as categorias sub11, sub13, sub15 e sub17, na época, crianças e jovens nascidos entre 1995 e 2002. O calendário de avaliações dividia as categorias por semana. Os candidatos a jogador tinham que levar, no momento da inscrição, uma série de documentos que incluíam: foto 3x4, xerox do RG do jovem e do responsável, declaração escolar, exame médico, eletrocardiograma com laudo, ficha de inscrição e termo de responsabilidade preenchidos.

A trajetória de Jean Carlos Chera é frequentemente citada por familiares e agentes de futebol. Após ter tido uma projeção nacional por meio de vídeos de seus treinos e partidas quando atuava por um pequeno clube do Paraná, Jean Chera foi sondado por diversos clubes brasileiros. O Santos F.C. o foi escolhido e pai assinou um contrato de trabalho. No clube do litoral paulista, o menino Jean Chera era tratado como futuro craque desde seu início nas categorias de base em 2005, quando tinha 10 anos. Junto com Neymar, foi uma das estrelas da rendosa base santista por vários anos.³⁰⁰ Ao longo de sua estadia no Santos recebeu propostas de vários clubes europeus, porém permaneceu no clube brasileiro, onde a família recebia, através do pai, uma expressiva “ajuda de custo”. Porém, com 15 anos, após divergências entre seu pai – seu empresário na época – e diretores do clube nos termos e valores do primeiro contrato profissional que o garoto assinaria, a promessa da base santista deixou o clube. “O contrato profissional estava pronto, R\$ 30 mil mensais. Aí surgiu um clube oferecendo os 30 em euro, um dia antes de assinar com o Santos. Meu pai me disse que era melhor eu ir embora. Eu, com 15 anos, ia fazer o quê? Obedeci meu pai e fui...”.³⁰¹ Para contratar o jovem dentro das regras impostas pela FIFA, que proíbem a transferência de jovens futebolistas menores de 18 anos, o Genoa, da Itália, empregou o pai e mãe de Jean Chera em trabalho de fachada dentro de uma empresa ligada à administração do clube. Porém, o jogador ficou pouco no Genoa. Desde a saída do clube italiano, Jean Chera passou por diversos clubes brasileiros e estrangeiros – Flamengo, Cruzeiro, Atlético Paranaense, Oeste de Itápolis, CS Universitatea Craiova (Romênia) –, sempre por breves períodos; em alguns, ficou apenas poucas semanas. Aos 19 anos, a “eterna promessa” Jean Chera ainda não participou de uma partida como jogador profissional.³⁰²

³⁰⁰ Em 2014, foi lançado o documentário *Meninos da Vila: a magia do Santos* (2014, Dir. Katia Lund).

³⁰¹ Cf. “Entrevista: Jean Chera”. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/entrevista-jean-chera/>>. Acesso em: 14/05/2014.

³⁰² Cf. “Genoa emprega pais de Jean Chera para camuflar trabalho com menor de 18 anos”, disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/08/30/genoa-emprega-pais-de-jean-chera-para-camuflar-trabalho-com-menor-de-18-anos.htm>>, acesso em 05/09/2012; e “Chera reclama de ter sido comparado a Neymar no Santos: ‘sofria sempre’”, disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/01/18/chera-reclama-de-ter-sido-comparado-a-neymar-no-santos-sofria-sempre.htm>>, acesso em: 22/01/2014.

Jean Chera entre outras duas revelações precoces da base santista: Neymar (à direita) e Gabriel “Gabigol” (à esquerda). (Foto: Divulgação/SantosFC)

Ao mesmo tempo, agentes e diversos outros atores revelam que somente com uma única observação é possível identificar se o jovem possui ou não o “dom”. Algo que o jovem futebolista já carrega e que não é possível ensinar, o “dom” é a principal condição para a profissionalização, segundo Leonardo. Os agentes afirmam que os jovens por eles enviados aos clubes “têm o dom, mesmo que um pouco”. Assim, para os agentes, o “dom” não define, de forma antecipada, quem pode ou não alcançar à carreira, pois a qualificação dos jovens pode ser aprimorada simultaneamente à presença do “dom”.

Afirmam, porém, que o jovem destituído de “dom” dificilmente alcançara uma posição de destaque no sistema futebolístico: “Só que tem dom pode virar um craque. Mas não adianta ter o dom e não fazer nada. Cada um tem que trabalhar o dom que recebeu”. Assim, “dom” e treinamento se mostram entrelaçados e articulados, sendo “dom” descrito como talento, condição inata divina ou herdada (Damo, 2007). Portanto, aquilo que é aparentemente inexplicável, o “dom” é “um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo que não está disponível” (Damo, 2007, p.199). Compartilhada por jovens, familiares, professores e agentes de futebol, a crença no “dom” faz com que o investimento no projeto futebolístico seja cada vez mais precoce.³⁰³ Mas, se o “dom” é revelado muito cedo, quando os futebolistas são crianças,

³⁰³ O dinamarquês Morten Soubak, treinador da seleção feminina de handebol que conquistou o título do mundial de Handebol em 2013, afirmou: “O que quero é ver o Brasil produzir jogadoras de alto nível

o mesmo só é ratificado nas faixas etárias adjacentes ao período de profissionalização com treinamentos e aprimoramentos contínuos. Para isso, segundo Lúcio, não basta somente o “dom” do futebolista, mas também o “dom” do observador, uma forma de conhecimento – algumas vezes justificado como intuitivo – o “dom” para saber quem é um futebolista diferenciado não é acessível a todos.

Lúcio afirma com orgulho ter ajudado a revelar “tesouros escondidos” que se profissionalizaram no Corinthians, mas com trajetórias cujos desdobramentos foram destoantes, alguns com mais sucesso e outros menos, entre eles: Júlio César (ex-goleiro do Corinthians), Boquita (volante do Vila Nova, de Goiás), Willian (meia do Chelsea, da Inglaterra) e Jô (atacante do Atlético Mineiro). Lúcio descreve cada um dos casos como “ingratidões”, pois poderia ter tido lucros pontuais, ainda que não fosse agente dos jogadores em questão:

– O treinador das categorias de base da Portuguesa na época, um de seus contatos antigos, avisou que despontara um meia-direita talentoso em uma de suas equipes. Lúcio ligou para Batista, diretor das categorias de base do Corinthians, comentou sobre o garoto e perguntou se tinha interesse. Recebeu uma resposta afirmativa e levou Boquita e outros dois jovens para o clube alvinegro. “Fui para cima do Boquita, conversei com os pais dele. Como que eu tirei da Portuguesa? Fui à Vara da Infância. A Portuguesa não queria liberar os meninos. Consegui liberá-los juridicamente na Vara da Infância. Eles tinham de 15 para 16 anos”. A intermediação rendeu R\$ 20 mil a Lúcio, que não encerrou ali sua participação na trajetória de Boquita. “Naquela época, não tinha experiência. ‘Tá bom, fica aí, Batista, com você, tchau’. Encerrou aí. Hoje eu poderia ter o documento dele, uma renovação de contrato e aí ganharia mais. Ao invés de R\$ 20 mil, seriam R\$ 100 mil”.

– Um de seus “arapongas” avisou que tinha um goleiro bom, Júlio César, atuando no A.A.Guapira, clube da Zona Norte de São Paulo. Conversou com Batista, diretor das categorias de base do Corinthians, que pediu para Lúcio agendar um jogo-treino do Guapira contra uma equipe do Corinthians no antigo CT de Itaquera. Após a partida, Júlio Cesar foi aprovado e ficou no Corinthians, onde se profissionalizou e foi titular durante algumas temporadas. Lúcio,

dentro do país. No Brasil, a maioria dos jovens que conheço começa a praticar handebol com 12 anos. Na Europa, a formação vem antes. **Já viu um craque do futebol que começou com 12 anos?** Não tem. Inicia muito antes”. Cf. “‘Ainda estamos dez anos atrasados em relação à Europa’, diz técnico campeão de handebol”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/12/1389244-ainda-estamos-dez-anos-atrasados-em-relacao-a-europa-diz-tecnico-campeao-de-handebol.shtml>. Acesso em: 27/12/2013.

porém não ganhou nada por ter organizado o jogo-treino. O Corinthians pagou R\$ 10 mil para o pai. “Mas o Júlio César sempre me tratou bem, me cumprimenta. Sabe que ele veio ao Corinthians graças a eu ter arrumado o jogo e saber dele. Se não fosse eu, o jogo não teria acontecido. Mas dinheiro nunca pedi. E ele também nunca pegou meu telefone”.

– Quando trabalhou como olheiro no Corinthians, Lúcio acompanhava as equipes das categorias de base. Durante o período, contribuía no aprendizado dos jovens futebolistas. “Eu que ficava, ‘Willian, você tem que voltar mais pra cá, corre mais pra direita’. Ele corria muito espaçado, tinha escolher uma parte do campo pra jogar”. Além do posicionamento, Lúcio afirma ter pedido para que tirassem a camisa 10 do jovem. “Falei: ‘Vai pesar muito, dá a camisa 8 para ele. Ele é muito novo para vestir a camisa 10’”. Willian se transferiu para um clube do futebol ucraniano por valores expressivos, porém Lúcio novamente não recebeu nada. “O pai pegou R\$ 4 milhões com a venda do Willian. Eu não tive uma participação direta do Willian, só como conselheiro. Mas você instruir já é uma participação...”.

– Lúcio conheceu Jô quando o jogador já era titular do Corinthians. A pedido de Batista, diretor da base, passou a acompanhar e ajudar o profissional de 17 anos. “Era o responsável algumas vezes por liberar o Jô para jogar à noite, porque ele tinha 17 anos. E o pai dele é muito grato a mim, mas nunca me ofereceu nada, eu também nunca pedi nada. Talvez devesse pedir...”.

Nos casos acima citados, Lúcio participou pontualmente de situações e eventos que contribuíram para a efetivação da carreira dos então jovens futebolistas. Porém, é seu envolvimento como intermediador na trajetória de Wesley (volante atualmente no Palmeiras) que desperta a maior decepção e angústia em toda sua atuação como agente de futebol: “O caso do Wesley foi o caso mais crítico, que me fez perder noite de sono, pensar em vinganças...”, afirma Lúcio, que narra com muitos detalhes a “traição”.

Persuadido pela tia de Wesley, um “araponga” de Bebedouro ligou e pediu a Lúcio que tentasse agendar um teste em algum clube de São Paulo para o rapaz, então com 18 anos. O agente conversou com Batista, então diretor das categorias de base do Corinthians, que marcou um período de avaliações para o jovem futebolista. O “araponga” destacou a qualidade do volante, que já havia disputado a Copa São Paulo de Futebol Júnior e a Copa Paulista de 2005 como profissional pelo Botafogo de Ribeirão Preto. Aprovado pelo coordenador das equipes de base, Wesley ficou alojado no clube durante dois meses. Nesse ínterim, Lúcio e Wesley estreitaram os laços de amizade, com telefonemas quase que diários e a presença do jovem na casa do agente

para refeições e rápidas visitas. Porém, Jorge, o treinador da equipe de juniores, não demonstrou interesse em incorporar o jovem à equipe que viajaria nos dias seguintes para a disputa de um torneio fora de São Paulo. Após conversar com Batista, ambos decidiram liberar Wesley e assim evitar conflitos dentro da comissão técnica corintiana. “O Wesley estava chorando, fui ao portão e peguei o garoto”, comenta Lúcio. Assim que o jogador foi dispensado, o agente procurou o investidor Renato, com quem mantinha uma recente parceria. Iniciante no sistema futebolístico, Renato aceitou a sugestão de Lúcio de levar Wesley para o Santos F.C.: “Falei, ‘Renato, vamos levá-lo para o Santos?’, ‘Não, Lúcio, não sei como é que faz isso...’, ‘Vamos lá conversar no Santos’. Como ele havia saído do Corinthians, o Santos aceitou”. A parceria com Renato estabelecia que em futuras transações envolvendo o jogador, bem como outros jovens, os agentes repartiriam igualmente o valor destinado aos “empresários” do atleta. Aprovado após um curto período de avaliações, Wesley permaneceu nas categorias de base do Santos, atuando pelo juniores e pela equipe sub20. Wesley estreou no profissional do Santos em 2007. Lúcio ficou em êxtase quando soube que Wesley, agora profissional, iria renovar o contrato com a diretoria santista.

Ele foi fazer contrato profissional e pegou R\$ 600 mil de luvas. R\$ 600 mil! E esse meu amigo, Renato, mentiu para mim, falou que foram 100 mil. Aí o Wesley ficou com R\$ 200, o Renato com R\$ 200 e outros R\$ 200 a comissão técnica do Santos dividiu. Aí o Renato me chamou, deu R\$ 10 mil e falou que já me pagou. Falei, “Mas por que R\$ 10 mil? Não foi mais?”, falou, “Não, foi R\$ 100 mil, Lúcio. Tive que dar dinheiro para o pessoal do Santos...”. E acabou sobrando R\$10 mil pra mim. E o tempo foi passando, o Wesley continuou lá, e o Renato me disse, “Fica tranquilo, Lúcio... Dá só R\$ 10 mil agora. Assim que ele for vendido, vai ter bastante dinheiro e eu divido com você”.

Porém, com poucas oportunidades na equipe santista, o jogador foi emprestado em 2009 ao Atlético Paranaense. Nesse período, de aproximadamente dois anos, Lúcio se arrepende de ter ficado em São Paulo – com a família e trabalhando com outros jovens – e não próximo ao jogador. “Ele não me ligava mais. E o Renato riquíssimo, dando dinheiro pra ele”, afirma. Com boas atuações pelo clube do Paraná no Campeonato Brasileiro de 2009, o Santos solicitou o retorno do jogador no início de 2010, agora como titular, atuando como volante e lateral-direito. Nesse ano, Wesley e a equipe santista foram campeões do Campeonato Paulista e da Copa do Brasil. Mesmo sem o protagonismo de Neymar e Paulo Henrique Ganso, o jogador foi um dos

destaques das conquistas, e a diretoria do Santos recebeu propostas do Werder Bremen (Alemanha) e do Benfica (Portugal). Ao final do primeiro semestre de 2010, Wesley foi negociado com clube alemão pelo valor da multa rescisória, € 10 milhões (R\$ 22,6 milhões), estipulada pelo contrato do jogador com o Santos. A negociação rendeu quantias expressivas para todos que dividiam os direitos econômicos do compartimentado jogador: o Santos, possessor de 35% dos direitos econômicos, ficou com € 3,5 milhões (R\$ 7,8 milhões), enquanto a empresa de investidores DIS (ligada ao Grupo Sonda) com € 2,5 milhões (R\$ 5,6 milhões), e o restante, 40% (R\$ 9,2 milhões), foi repartido entre o jogador e o agente Renato.

Eu estava nas porcentagens que o Renato tinha (...) Então, pagando intérprete e viagens para a Alemanha, eu presumo que chegou na mão do Renato uns € ou R\$ 3 milhões mais ou menos. E o Wesley, uns € ou R\$ 3 milhões também. E o Renato tinha que me dar no mínimo 50%, porque o nosso pacto verbal era de 50% no atleta. Então, para ele não é nada 1 milhão, 1 milhão e meio, ou mesmo uns R\$ 500 mil reais, só para ele me tirar do jogo.

Após a negociação, um eufórico Lúcio se conteve e aguardou quinze dias antes de ligar para seu endinheirado parceiro e investidor, que, segundo ele, enriqueceu após herdar o dinheiro do sogro:

Eu liguei para ele, fiquei sabendo que o dinheiro já havia caído, “E aí, Renato? Deu tudo certo?”, “Deu, Lúcio, deu tudo certo”, “Então, e a minha parte? Quando você vai me dar?”, “Que parte?”, “A minha parte, pô”, “Lúcio, eu já não te paguei aquela vez?”, “Ah não, você está de brincadeira comigo”, “Paguei os R\$ 10 mil lá”, “Você já me tirou o grandão na outra vez. Eu fiquei sabendo que os valores foram outros, foram bem maiores. Você tinha que dar no mínimo R\$ 50 ou 100 mil naquela época. Você pegou milhões... Porra, meu! Você está de brincadeira comigo?”. Aí ele, falou assim, “Não, mas eu já te paguei, cara, não tem mais nada para você receber, não”, “Você está doido?”, “Vai atrás dos seus direitos, cara. Eu não te devo nada. Eu já te paguei”. E desligou o telefone, não me atendeu mais.

Lúcio ficou transtornado com a “traição”. Adoentado e sem conseguir dormir direito, confessa que pensou em acionar contatos enlaçados na época de policial militar para “fazer besteira”. Por conselho da família, desistiu de qualquer retaliação. Mas nunca deixou de calcular o prejuízo que teve ao longo de um processo de quatro anos de investimento de tempo e dinheiro na constituição do jogador: “O Wesley chegou em 2006, se formos computar todo o custo operacional, em média R\$ 10 mil/ano, ao final de quatro anos, o custo foi de R\$ 40 mil”. Posteriormente, enquanto acompanhava a

partida de um jovem a ele vinculado e recém-ingresso nas categorias de base do Palmeiras, Lúcio encontrou Wesley quando este retornou ao futebol brasileiro após dois anos, contratado pelo clube alviverde.

Ele está com um *porsche* importado conversível. Aí eu chamei, “E aí, Wesley?”. Ele lembrou, claro, pois o sucesso da carreira dele dependeu de mim. “Pô, seu Lúcio, tudo bem? Como vai a família, as filhas?”, “Ah, vai tudo bem”, “E você, Lúcio? O que você está fazendo?”, “Ah, estou trazendo jogador aqui, continuo fazendo a mesma coisa que eu fiz com você. Trazendo jogadores para serem revelados aqui”, “Ah, tá bom, Lúcio. Tá bom... Então, um abraço”. Virou as costas e foi embora. Eu fiquei duas horas assistindo o jogo. Se ele quisesse falar comigo, ele sabia que eu estava no CT do Palmeiras. Eu também não procurei para ver se ele deve me pagar ou não. Fiquei sabendo que nem a tia, que indicou ele para mim, recebeu algo dele. E o pai dele, que era cortador de cana, já tinha sacramentado que ele não seria jogador, que ele iria cortar cana em Bebedouro.

Hoje eu não espero nada de jogador. Tem que ser documentado. Caso contrário ninguém vai te gratificar voluntariamente. Então, é decepcionante o tratamento com os jogadores. Decepcionante. O jogador você não espera nada deles, porque eles não reconhecem mesmo. E hoje eu ainda continuo acreditando. Não nos atletas, mas acreditando no meu trabalho e dando continuidade nessa situação. E continuo investindo e acreditando nos talentos aí que surgem. Agora já passou, já assimilei a pancada. A minha trajetória praticamente é essa. Revelar outros Wesley, outros picaretas da vida. (...) E o Renato? Ele atualmente mora no Morumbi, ao lado da casa do Rogério Ceni e defronte a casa do Juvenal Juvêncio [ex-presidente do São Paulo F.C.]. Ele tem uma casa de praia de 7 mil metros quadrados. Não são 700, não. Não falei errado. São 7 mil metros quadrados. E ele continua mexendo com futebol e pegando jogadores com o meu dinheiro.

Segundo Lúcio, todos que trabalham com futebol de base são “oportunistas” e “picaretas”, inclusive confirma que também já “traiu” alguns de seus parceiros. Contudo, o agente afirma que, a depender do tipo e tamanho da “traição” em questão, não é possível ficar guardando mágoas, pois depende destes contatos para futuras negociações. “E a minha mulher não entende isso aí. É *modus operandis*. Os picaretas você tem que tratar com hipocrisia também. Falar, ‘Meu amigo, traz o jogador...’. E amanhã dou uma volta nele, como ele dá volta em mim. Todo mundo dando volta em todo mundo...”.

Ressabiado após as “traições” e “ingratidões”, Lúcio definiu que só começaria a investir tempo e dinheiro quando tivesse com as documentações dos jovens futebolistas. “Para que, em dois ou três anos, eu não sofra as mesmas agruras e não passe os mesmos percalços que eu já passei no passado”, afirma. Algo que nem sempre é possível, como

evidencia o trabalho com Michel, seu atual investidor. Apesar de conferir diversos elogios, critica o fato de ainda não ter a documentação referente aos três jovens que ele encaminhou para a empresa do “chefe”. Os documentos são necessários para garantir a parte relativa ao trabalho de seleção e acompanhamento feito pelo agente. Segundo Lúcio, o acordo é de que, para além dos R\$ 2 mil, que recebe mensalmente, seria remunerado também com 6% do valor dos direitos econômicos do primeiro contrato profissional de cada jovem futebolista.

Olha como a minha situação como é difícil. Se eu colocar na mão dele, eu não tenho nada. Ele não faz documento pra mim. Olha como ele é. Ele pensa na empresa dele. Na empresa dele, o garoto está documentado, está profissionalizado. E o meu? Não é correto! Quando eu tiver uma empresa, vai ser assim: “Você me trouxe ele, Enrico? Está aqui, olha, o seu documento. Profissionalizei o garoto, então está aqui os seus 6%”. Por exemplo, eu passei um jogador fantástico para ele, que já foi para o Qatar, e ele não documentou o jogador. Ele já profissionalizou o jogador, ele já fez contrato com meu chefe e eu não tenho nenhum documento com ele. Também não é correto. O que ele diz? “Lúcio, pode confiar em mim”. Mas se eu morro amanhã, quem vai receber? Minha esposa? Quem vai receber?

Após as diversas frustrações, Lúcio quase abandonou o trabalho no futebol. Após conversar com amigos, decidiu continuar captando jovens futebolistas, pois o “futebol dá muito trabalho, mas dá dinheiro também”. Apesar de todos os contratemplos, ainda aposta que não deixou escapar “aquela chance” e que conseguirá alcançar a independência financeira que o isentaria de laborar com investidores e empresários ligados a clubes. “A dependência do elo de ligação é muito grande. Eles precisam de mim, eu preciso deles. É uma contrapartida. Essa ligação sempre vai ter”. O mesmo acontece com os olheiros e demais agentes com quem dialoga e trabalha – quase todos identificados como “oportunistas” –, cujas indicações e mediações nos locais de origem do jovem revelam-se essenciais. “A pergunta óbvia: por que você continua com ele? Porque o bom atleta não tem lugar pra nascer. Então, é até bom você continuar no relacionamento com esses picaretas. É um subsídio a mais. São mais pessoas trabalhando para mim”. Lúcio calcula que para ter autonomia e trabalhar sozinho – mas servido de “arapongas”, olheiros e mediadores com os clubes – precisa que o contrato ou transferência de um jovem futebolista renda um valor acima de R\$ 500 mil. “Para um empresário se dar bem, só precisa acertar com um garoto e trabalhar bem a exposição do moleque. Um jogo, só um joguinho, pode fazer o garoto explodir e você está feito. Senão sempre você vai pedir bênção para os caras”.

6.3 – “Amarrar” e ficar “apegado”: dinâmicas de proximidade e partilha

Dois dentre os milhares de responsáveis por suprir as demandas de um mercado interno que não consegue empregar a alta oferta de pés-de-obra, qualificadas ou não, Leonardo e Lúcio apresentam diferentes formas de atuação: “Na nossa parceria, ele é o elo atleta-família, e, eu, o elo direto com os clubes”, resume Lúcio. Porém, ambas são pautadas pelas tentativas de criar proximidade e formas de partilha. Se Lúcio atua na intermediação com os clubes e investidores, Leonardo consegue ter uma aproximação maior com a família. “Eu fico mais distante. É porque, como eu sou profissional, o Leonardo é 171. Ele é muito bom pra ficar em contato com o atleta e amarrar a família...”, afirma Lúcio.³⁰⁴ Primeiro a estabelecer contato com os jovens, Leonardo é o responsável por “amarrar” a família por meio de diferentes práticas de engajamento, como criar proximidade, intensificar a convivência dentro e fora de casa, acompanhar deslocamentos pela cidade, fazer promessas, atualizar os conhecimentos da família sobre o sistema futebolístico, entre outras formas de compartilhamento. “Ele é 171 forte e oportunista. Ele é bom de conversa. Ele fala, ‘Vou te dar um tênis, isso é tranquilo para a gente...’. Ele já fala assim. O moleque fica esperando o tênis. Depois não atende mais o menino” afirma Lúcio.

Assim, Leonardo procura fomentar trocas contínuas com os jovens e os familiares, ainda que a relação nem sempre seja recíproca. Ainda que enfrente dificuldades para estabelecer proximidade e partilha, o estreitamento catalisado nas relações cotidianas e o compartilhamento contínuo de experiências ao longo do projeto futebolístico engendram formas específicas de pertencimento ao arranjo familiar.

Não basta tratar bem os jovens e agradar os familiares para criar situações de intimidade social. Leonardo procura atender todas as expectativas, compartilhar desafios, serenar receios, conduzir deslocamentos dentro e fora da cidade, semear conselhos e legar conhecimento. Situações e práticas de proximidade, convívio cotidiano, relação de amizade e partilha de assuntos pessoais que estimulam relações com conteúdo afetivo. Afetividades que, em muitos casos, compensam a falta de recursos financeiros e também acarretam na fidelização entre os membros do projeto

³⁰⁴ O termo “171” tem origem no artigo de mesmo número do Código Penal que define estelionato. Na concepção utilizada pelo agente Lúcio, “171” faz referência a pessoas “picaretas”, “mentirosas” e “trambiqueiras”, que manipulam e tiram proveito de outros para conseguir o que pretendem, ou que utilizam a lãbia e inverdades para tirar alguma vantagem.

familiar. Portanto, o envolvimento emocional não está restrito à interação entre jovens e familiares, pois não é só a família que confere afeto. Os agentes de futebol também fazem investimentos emocionais, mas que não deixam de estar relacionados aos interesses e possíveis retribuições. Embora sejam concebidos como campos separados, afetividades e interesses são formas de investimento que ampliam racionalidades.

Proximidade e afetividade fundamentais para a atuação de Leonardo, que trabalha dentro de um cenário de escassez de recursos econômicos. Com poucos rendimentos, o agente não consegue prover recursos para o jovem e sua família. Leonardo afirma que investe mais nos jovens que nos seus filhos, que “ficam até sem comer” para que o pai arranje dinheiro para pagar a passagem rodoviária de um garoto. A ausência de uma rentabilidade inicial impede o agente de custear os projetos familiares com mimos, compra de equipamentos e recargas de bilhetes de transporte público; abonos esperados pelos familiares e que outros agentes podem proporcionar. Condições minguadas que dificultam a manutenção das relações e obrigam Leonardo a dispensar maior investimento de tempo no projeto familiar, pois tem condição de oferecer “apenas” sua dedicação e atenção especial ao projeto, além de seus conhecimentos do sistema futebolístico. Uma relação que não é fácil e que exige investimentos de tempo e dinheiro, mas que é necessária, principalmente nos casos de agentes que não dispõem de recursos para oferecer suporte ao garoto.

É muito difícil trabalhar com a base, porque, na realidade, não é nem o garoto tanto que você tem que conquistar. Porque o garoto que joga, já joga porque gosta. São os pais que você tem que conquistar. Por quê? Porque você nunca sabe para quem que você está dando o seu filho. Quem é o Leonardo? Entendeu? Então, é muito difícil isso, você trabalhar com o filho dos outros. (Leonardo, agente de futebol).

Contudo, as formas de relacionamento que os agentes procuram intensificar com as famílias podem variar de acordo com o tipo de convivência e partilha. Segundo Lúcio, é essencial manter-se próximo para reforçar os laços e não arriscar perder o vínculo com os jovens e seus familiares. Leonardo reconhece que sabe fazer bem esta função. “Eu procuro sempre ter o pai na mão”, afirma. Lúcio busca também “ter o pai na mão”, mas o faz a partir de outras estratégias. Se Leonardo procura seguir os passos do jovem nos diversos tempos e espaços do cotidiano para superar as divisórias físicas e simbólicas que cercam e delimitam a casa, e assim intensificar a proximidade física e relacional, a gestão de carreira elaborada por Lúcio privilegia os investimentos

financeiros para a manutenção dos vínculos com a família do jovem futebolista. Qualquer despesa, seja com transporte, lanches ou materiais esportivos novos, Leonardo avisa Lúcio e este procura providenciar para o jovem futebolista. “No começo, todo mundo pensa que o Leonardo é o cara. Como ele é 171, ele fala muito bem, tem os méritos dele. Ele fala bem a linguagem do jogador. Mas com o passar do tempo eles sabem que quem faz acontecer sou eu”, afirma Lúcio. Leonardo nunca gastou dinheiro com refeições e combustível nos deslocamentos de ambos pelos campos de futebol, casas de famílias e escritórios de investidores. Lúcio reconhece que se Leonardo tivesse recurso, conseguiria desempenhar muito bem a função de agente. Mas sem dinheiro, Leonardo não pode custear e movimentar jogadores, fazendo com que trabalhe somente em São Paulo, e especificamente na Zona Leste da cidade, por onde consegue se locomover sem muitos gastos. “No Botafogo ele consegue trabalhar. Eu já trabalho com Norte, Nordeste e Paraná. Ele não consegue fazer isso. Por quê? Quem vai pagar a passagem de avião?”, questiona Lúcio.

Sem recursos para custear despesas e ofertar mimos, Leonardo tem que recorrer ao pequeno investidor Lúcio, e este recorre ou não a outros investidores – diversas fontes, seja outros agentes, comerciantes locais ou empresários já conhecidos no sistema futebolísticos –, a depender do planejamento delineado especificamente a cada projeto. Leonardo justifica que o parceiro pode cobrir tais gastos, pois desfruta de uma sólida, porém não abastada, condição financeira: tem um apartamento próximo do Shopping Metrô Itaquera, filhas matriculadas em escolas particulares e um carro (modelo popular). Assim, dentro da parceria, o policial militar aposentado fica responsável por custear certas despesas – ou intermediar o custeio de outros investidores –, desde material esportivo, estadias em outras cidades e passagens do transporte público.

Lúcio critica o comportamento de Leonardo: “Ele se intitula empresário. Sempre que ele chega, o pai do garoto acha que o Leonardo é empresário”. Mesmo com a família passando por dificuldades financeiras, Leonardo afirma que “ostentar” e “pagar de empresário” faz parte da sua profissão. Por isso, procura investir em roupas e calçados novos; posa em fotos com aparelhos eletrônicos, posta no *Facebook* e diz que são seus; vai ao aeroporto e tira fotos próximos aos aviões; deixa recados aos jovens e familiares avisando que está em reuniões de negócios fora de São Paulo. Assim, mais do que os valores dos eventos e objetos em si, exibidos de modo pouco sutil, visam comunicar um suposto sucesso como agente de futebol. Prosperidade que ainda está distante.

Apesar de criticar Leonardo em alguns momentos, Lúcio aprecia a divisão operada na parceria. Após tecer relações próximas com jovens futebolistas e familiares nos seus primeiros dez anos dedicados ao futebol, quando acumulou reveses, “traições” e ingratidões das parentelas, Lúcio abdicou de contatos rotineiros e da convivência com os familiares, mas intensifica as práticas de partilha de cuidados, dinheiro e objetos. Longe do cotidiano da parentela, consegue ampliar seu portfólio de jovens futebolistas ao invés de concentrar seus investimentos de tempo em poucos garotos. O agente aponta, ainda, outra justificativa para tal renúncia. A estratégica longitude, apesar de gerar muitas supressões – como veremos a seguir –, evita possíveis “apegos” que podem também atrapalhar o trabalho dos agentes dentro dos projetos familiares.

Segundo Lúcio, contrariando leituras orientadas apenas pela dimensão dos interesses os agentes podem, em alguns casos, se “apegar” aos jovens e à família. “Apegar” é despejar carinho nos jovens futebolistas, ter preocupações com eles, ser afetado pelos insucessos e adversidades. Um envolvimento emocional não só com os jovens, mas também com os familiares, com quem passam a compartilhar questões pessoais nos domínios de intimidade. Porém, o envolvimento também pode gerar apreensão entre os familiares, desconfiados da atuação dos agentes e da forma como procuram reservar seus interesses. Para Lúcio, sentimentos podem atrapalhar a relação, pois o “apego” pode provocar dissidências entre agentes e familiares no que diz respeito à tolerância com o envolvimento de outros atores nas questões de privacidade familiar. O agente deve, portanto, evitar falar sobre o que não gostam ou concordam, bem como não expressar insatisfações em relação aos modos dos familiares cuidarem e lidarem com os jovens. Bate-bocas, brigas e toda sorte de conflitos que podem levar ao rompimento dos laços, lealdades e reciprocidades construídas ao longo do tempo, o que exigem um cuidado constante para não colocar a troca em suspensão. Assim, Lúcio aciona estratégia de evitação, restringindo os contatos aos aspectos esportivos, porém sem abandonar os relacionamentos afetivos. Ao mesmo tempo em que envolve riscos, o “apego” aos jovens não pode ser descartado, pois manter relações afetivas mostra-se capital no desenrolar do projeto. Portanto, trata-se de um projeto calculado, que envolve ganhos e perdas, aspectos materiais e emocionais, trocas afetivas e financeiras.

O dinheiro não amortece o fluxo de sentimentos tampouco de reciprocidades esperadas, conforme propôs Zelizer (2009) ao discutir a relação entre investimento econômico e relações interpessoais, não as tomando como esferas opostas, mas sim complementares.

O *gap* analítico entre intimidade e impessoalidade pode ser superado reconhecendo-se a existência de laços diferenciados que atravessam situações sociais particulares. Em todos os tipos de situações, das predominantemente íntimas às predominantemente impessoais, as pessoas diferenciam fortemente vários tipos de relações interpessoais, caracterizando-as com distintos nomes, símbolos, práticas e meios de troca (Zelizer, 2009, p.240).

Mais do que práticas desinteressadas, segundo a autora, revelam-se múltiplos interesses pela mistura de atividade econômica e relações interpessoais, imbricadas nas arenas pública e privada. Ao mesmo tempo em que os investimentos financeiros reforçam os laços de amizade e solidariedade, as relações íntimas podem pautar os interesses materiais. Nesse sentido, afetividades e interesses econômicos estão diretamente relacionados e provocam atualizações das dinâmicas familiares. Não ter “apego” facilita o rompimento dos vínculos quando o desempenho não é satisfatório ou não atende as expectativas alimentadas.

Assim, proximidade e partilha são capitais basilares para a atuação dos agentes. Um estar próximo que, porém, não se restringe a estar fisicamente perto, pois dinâmicas de partilha permitem conservar a proximidade mesmo à distância, como analisarei no próximo tópico. Lúcio continua a construir relações e vínculos mesmo sem conviver e ter proximidade com os jovens e suas parentelas. Portanto, distância não implica afastamento; mas proximidade pode catalisar relações dadas no processo de produção de jogadores. Dinâmicas equacionadas pela participação dos agentes nos projetos familiares futebolísticos específicos de Fabio Augusto [97] e Jonas [95]. Ex-alunos da escolinha do Grêmio Botafogo de Guaianases, ambos ingressaram nas categorias de base do Palmeiras a partir dos contatos de Lúcio nas categorias de base do clube alviverde. Jonas, o mais velho, foi o primeiro a ingressar, logo após ser dispensado das categorias de base do São Paulo F.C.; Fabio Augusto, após breve passagem pelo Nacional A.C., tem sua primeira oportunidade num clube grande da cidade futebolística.

Após deixar a Escolinha do Botafogo de Guaianases, Fabio Augusto em pouco tempo se tornou o zagueiro titular da equipe sub15 do Palmeiras. Ao longo de 2012, a menos de um ano de assinar seu primeiro contrato oficial com o clube, o jovem passou a despertar a atenção de vários empresários de futebol. A permanência nas categorias de base de um clube atrai novas formas de relação – colegas de elenco, treinadores, empresários de futebol – que poderão ser decisivas nos desdobramentos da construção

de projetos familiares. Lúcio e Leonardo, seus agentes, com quem seu pai assinara um contrato, não conseguiam atender alguns dos poucos pedidos do jovem (chuteira, “ajuda de custo” para transporte), tampouco equiparar as propostas que a família recebera de outros agentes e seus representantes.

Encurralados, sem conseguir atender às obrigações sociais esperadas dos agentes de futebol (ajuda de custo para transporte e alimentação, compra de material esportivo, pequenos presentes), Lúcio e Leonardo, resguardados por um contrato assinado seis meses antes com o pai de Fabio Augusto e que garantia 5% a cada um, decidiram vender suas partes dos direitos econômicos antes de Fabio Augusto assinar um novo contrato definitivo com o Palmeiras aos 16 anos. Ambos, Lúcio e Leonardo afirmam que precisavam de dinheiro naquele momento. Se o primeiro já descarta qualquer possibilidade de ter um novo retorno financeiro com a trajetória de Fabio Augusto, visto que não criou fortes vínculos com o jovem e a família, Leonardo ainda alimenta a esperança de receber alguma porcentagem no futuro como reconhecimento pelo trabalho realizado e amizade construída. Venderam seus direitos – do contrato que venceria em menos de 12 meses – para o agente de futebol Josias. Este, porém, não dispõe de tempo para acompanhar diariamente os jovens com quem têm contrato, tampouco consegue estar junto à família quase todo dia. Segundo Lúcio, esse é o trabalho de Giba (um dos vários funcionários de Josias): “Grudar na família do FA [Fabio Augusto], ver o que eles precisam, não deixar ninguém chegar perto”. Assim, por meio de Giba, Josias procura manter contatos regulares, oferece ajuda de custo, envia presentes (chuteiras, material esportivo, bonés, relógios).

As duas vendas dos direitos foram para o mesmo investidor, Josias Cardoso, que também passou a ser o agente oficial dos garotos. Mas, para Lúcio, Josias é um investidor com dinheiro, porém um agente fraco, diferente de outros mais poderosos e famosos dentro do sistema futebolístico, como Juan Figer, Wagner Ribeiro e Giuliano Bertolucci, agentes dos principais jogadores brasileiros na atualidade.

O Josias nem existe. Esse cara não tem comparação. O Josias tem dinheiro, ele não é empresário. Tanto que não sabe trabalhar, está perdendo o Jonas pra mim. Não sabe trabalhar. O cara tem que saber trabalhar. (...) O Josias não é nada. O Josias é um cara que tem dinheiro, não é empresário, não. Banca os caras do Palmeiras. Mas manda ele chegar lá no Corinthians e vender um jogador no Corinthians? Fala quem são os jogadores do Josias? Não tem. Só tem dinheiro, entendeu? E está quase parando aí... Você vê ele pedindo pelo amor de Deus para o Jonas não largar ele. Está de quatro. Que empresário é esse?

Se a dupla Leonardo e Lúcio tem convivência e partilha como principal atributo de criação de familiaridade, Josias tenta, rapidamente, ampliar e fortalecer os laços com a parentela dos jovens por meio de obrigações financeiras que a dupla não podia sustentar. Josias sabe que o agente tem que dar atenção ao garoto, ir aos jogos, senão perde a confiança da família. Mas no momento em que Josias e Giba pararem com suas obrigações (financeiras, contratuais); ou quando um novo empresário surgir com uma melhor proposta; ou se Fabio Augusto não corresponder esportivamente ao desempenho que todos esperam ou se sua carreira for interrompida por outro motivo; qualquer dessas possibilidades implica rupturas nas formas de partilhar e reciprocidades. O projeto familiar futebolístico, que se alimenta desses processos ininterruptos de reconstrução, é atualizado novamente.

Contudo, a relação que Leonardo construiu com Fabio Augusto não despertou a proximidade e afetividade que o agente possui no vínculo com outro jovem das categorias de base do Palmeiras, Jonas [95], também morador de Guaianases e ex-aluno da Escolinha do Botafogo. A família de Jonas mora no mesmo condomínio residencial que a mãe do agente; são vizinhos e amigos desde o começo da década de 1980. Leonardo narra com detalhes os laços fortes e duradouros que tem com a família do jovem: conheceu os pais antes mesmo de eles namorarem; carregou Jonas no colo quando bebê; acompanhou as primeiras aventuras do garoto nos campos de futebol; estimulou a ida para a Escolinha do Botafogo; esteve ao lado da família quando que Jonas foi dispensado pelo São Paulo FC após dois anos nas categorias do clube; e foi Leonardo quem procurou o agente Lúcio para pedir que agendasse uma avaliação no Palmeiras. Forte vínculo que é retribuído por Jonas, que em diversos momentos cita o agente como alguém mais próximo que um parente, não só pelo envolvimento dele nos aspectos esportivos da construção de sua trajetória no futebol, mas também por desde cedo participar e contribuir para a sua criação e formação. Como a dedicação à prática futebolística sempre fez parte da vida do jovem, Leonardo é lembrado por estar sempre presente na sua trajetória. Jonas afirma que procura se aconselhar primeiro com os familiares, sobretudo a figura paterna, e depois com Leonardo, a quem chama de “empresário”.³⁰⁵

³⁰⁵ Jonas menciona ainda que conversa com seu ex-professor Sérgio, do Botafogo, em algumas oportunidades. Os treinadores das categorias de base, pessoas que estão sempre a avaliá-lo e que podem

O Jonas é o pé-de-meia dele, ele pode ficar rico com o garoto. E eu me distancio muito do Jonas. Como eu tenho muitos contatos, eu acabo não ficando em cima de um jogador só, focando só um jogador. E ele foca, não porque ele é esperto, é que o cara mora ao lado da casa da mãe dele. Então, ele fica ali (Lúcio, agente de futebol).

Embora detenha 5% dos direitos econômicos do jovem futebolista, Lúcio também não é citado por Jonas, que afirma ter uma relação “distante”, mas “respeitosa” com o sócio de Leonardo. Respeito gerado pelo pouco vínculo mantido com um agente de futebol que, além de ter sido o mediador da entrada do jovem no Palmeiras, participou como um dos investidores do projeto, com ajudas pontuais. Quando discorre sobre os jovens com quem mantém vínculos, Leonardo é sempre cuidadoso e precavido em sempre citar a participação de Lúcio como um “pequeno investidor” e agenciador das avaliações nos clubes. Porém, quando fala de Jonas, confere a si mesmo uma atuação mais centralizadora e decisiva no projeto familiar, ao mesmo tempo em que diminui o envolvimento do sócio Lúcio na trajetória do jovem, embora cada um deles possua os mesmos 5% dos direitos econômicos em cima do contrato atual do jovem.

Você pega um garoto aí de 15 anos. “Eu quero R\$ 20 mil”, o cara te dá R\$ 20 mil. No caso do Jonas, ele tem um contrato de três anos. Já passou um ano. Daqui a três anos, acabou o contrato. Se o Corinthians levar ele, e o Leonardo estiver com o jogador, o Leonardo pode de novo ter 10% do Jonas. É só ele pedir um documento. “Jonas, manda colocar 10% pra mim” e tenho certeza que o Jonas vai colocar no novo contrato. “Olha, eu quero dar 5% para o Leonardo, senão eu não assino”. Ele pode. E acontece muito disso.

Endividados, ambos venderam seus 5% dos direitos econômicos, estipulados no último e atual contrato do jovem com o Palmeiras, para o agente Josias, que passou a ocupar a função de agente de Jonas. Leonardo, apesar da venda, considera-se numa posição privilegiada, pois tem certeza que será contemplado novamente com outros 5%, pois os contratos têm validade e os percentuais dos direitos econômicos podem ser redistribuídos novamente em um novo acordo. Lúcio, por sua vez, não alimenta expectativas em ter novas compensações financeiras no futuro.

dispensá-lo a qualquer momento, não são citados. As diversas mudanças de treinadores ao longo da trajetória no Palmeiras podem explicar o fato de não ter mencionado estes como figuras centrais.

Nós vendemos o Jonas por R\$ 8 mil, pois ninguém sabia que o Jonas ia arrebentar também. Então, vendemos por R\$ 8 mil. Lá no documento do Palmeiras são 20% do Josias e 10% do Jonas. Então, eu e o Leonardo não temos nada. Passando três anos, se o Jonas não renovar contrato com o Palmeiras, a empresa perdeu os 20%, perdeu o investimento dela. Por isso que o Josias tem que estar em cima do jogador, dando tênis, dando tudo, para renovar e continuar com os 20%. Se eu brigar com o Leonardo, o Jonas pode falar: “Ah, o Lúcio nunca me ligou, nem natal, nem ano novo. Vou dar 5% só para o Leonardo”. Os pais não me ligam. Para eles, eu sou obrigado a desejar feliz natal, não eles ligarem pra mim. Os pais são assim. Eu, o empresário, que tenho que ligar para o atleta, o atleta não liga para o empresário. Mas você tem que amarrar com o atleta. A palavra final hoje está na mão dos pais. Mas tem jogador que não tem dependência do pai (Lúcio, agente de futebol).

Por isso que, segundo Lúcio, o contato próximo e intenso com os jovens e seus familiares é fundamental. “Tem que estar em cima, amarrado com eles, acompanhando de perto, assistindo jogos. No meio do ano, comprar uma blusinha de frio, pro inverno... Aí você vai tomando conta do garoto e pega a confiança do pai”. Algo que, segundo os agentes, deve ser iniciado cedo, na medida do possível, pois o quanto antes “amarrar” a família, maior será o investimento de tempo e dinheiro. Se o vínculo tem início quando o garoto tem 12 anos, o agente terá que “ficar em cima” por pelo menos quatro ou cinco anos. “Se você fizer um trabalho bem feito, o pai fica junto com você”, afirma Lúcio, que complementa:

É por isso que não compensa muito você investir em um garoto menor de 16 anos. Antes disso, ele não pode fazer contrato lá no Palmeiras. Eu pego esse moleque, mas depois chega um cara. Eu gastei R\$ 10 mil, comprei tênis, chuteira etc. Chega um cara e oferece R\$ 10 mil agora para o pai. O pai assina com ele. E eu perco meu investimento. Você tem que confiar muito no garoto e no pai.

Um “amarrar” que pode ser feito de acordo com a atuação de Leonardo, pautada por um contato rotineiro, e, se possível, íntimo com o cotidiano familiar, ou com a atuação de Lúcio, que, além de custear as despesas e ofertar aquilo que é necessário, bem como o que não aparenta ser tão imprescindível, tem a seu favor o fato de dispor de uma ampla rede de contatos em clubes, seja com diretores ou outros agentes. No caso do projeto futebolístico de Jonas, o “amarrar” de Leonardo mostra muito mais profícuo do que o efetivado por Lúcio.

6.4 – Famílias em movimento: circulação por casas, alojamentos e cidades

A atuação dos agentes depende de distintas estratégias para validar e potencializar o investimento realizado nos jovens futebolistas. O trabalho no futebol de base, segundo Lúcio, deve ser feito de forma criteriosa e com cuidado, pois envolve jovens menores de idade, cujas transferências são reguladas de forma rígida pelas entidades esportivas e legislações brasileiras e internacionais. Embora confiem em suas práticas de convivência e partilha para “prender” o jovem futebolista e a família, os agentes não abrem mão de um contrato ou procuração assinados pelos futebolistas ou por seus familiares.³⁰⁶ O que foi possível observar nas negociações e conflitos nos projetos futebolísticos de Fabio Augusto e Jonas.

Preocupados com a cooptação por outros agentes de futebol ainda durante a vigência do contrato, redigem com detalhes os termos do acordo. “Você tem que proteger seus talentos toda hora, em todas as situações”, afirma Leonardo. Quando os agentes compram os direitos, devido à falta de recursos para a aquisição, os jovens futebolistas acabam por ser “fatiados” em diferentes parceiros e intermediários da negociação com os clubes.³⁰⁷ A parceria é necessária para reforçar investimentos e abrandar possíveis prejuízos. Nos documentos, os agentes estipulam as porcentagens que eles pretendem recuperar quando o jovem assina o primeiro contrato profissional e os direitos econômicos são repartidos. Momentos quando almejam receber comissões pelas possíveis transferências dos futebolistas.³⁰⁸ Percentuais que consideram um justo ressarcimento do investimento que fazem nos projetos familiares. Em muitos casos, assinam contratos em conjunto com os familiares antes mesmo de os jovens completarem 16 anos. Ainda que não tenham validade legal, estes acordos possuem

³⁰⁶ Jovens e familiares assinam um contrato inspirado no modelo do *site* da CBF. Trata-se de um contrato formal de trabalho, estabelecido com base no art. 285 da Lei Pelé.

³⁰⁷ Esse retalhamento também é observado nas contratações de jogadores profissionais. Na maioria dos casos, o fatiamento dos resultados financeiros entre clubes, empresas, agentes, investidores individuais e jogadores deve-se ao fato destes atores e entidades precisarem recorrer a diversos parceiros para ter recursos e realizar contratações. Sobre a divisão dos direitos econômicos, cf. “Jogador no Brasil é fatiado em até quatro partes; veja como estão 32 atletas”. Disponível em: <http://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2014/10/jogador-brasileiro-e-fatiado-em-ate-4-partes-veja-como-estao-32-atletas/>. Acesso em: 10/10/2014.

³⁰⁸ Os agentes não faturam só com a venda dos direitos econômicos dos jogadores que representam. Em alguns casos, seu papel não é o de gerenciar a carreira do jovem, mas mediar as primeiras negociações com os clubes. Uma porcentagem pequena dos direitos econômicos dos jogadores pode render dividendos ao agente, aos representantes e gerenciadores da carreira como também aos investidores. Lúcio afirma que os agentes são a parte mais frágil envolvida na negociação. Se os jovens são concebidos como mercadorias (Damo, 2007), os primeiros agentes são tratados como pequenos produtores.

eficácia simbólica. Os laços e negociações são, na maioria das vezes, tornados públicos rapidamente, a depender dos interesses envolvidos. Um agente pode optar por não divulgar o acordo em determinados momentos-chave da trajetória para não despertar atenção de outros atores. Leonardo opta sempre por fazer alardes de seus contatos, negociações e cartas de jovens jogadores – “Sou empresário do Jonas, que está no Palmeiras”, era uma de suas frases mais recorrentes –, inclusive para facilitar a entrada em certos lugares e fomentar suas negociações com possíveis parceiros.

Diante de um quadro ampliado de questões envolvendo legislação, contratos, documentos, em muitos casos, os agentes atuam como tradutores da legislação e regulamentação, esclarecendo cláusulas e pontos do contrato proposto pelo clube para o filho, como as famigeradas “multas rescisórias”, que definem valores a serem arcados por ambas as partes em casos de rompimento unilateral dos vínculos legais, inclusive quando envolve a contratação por outros clubes. Ao mesmo tempo em que tiram vantagem dos pais que não dominam o idioma da legislação, outros passam a demonstrar maior interesse pelo tema para entender o desenrolar do projeto. Para estes, os agentes têm que justificar suas formas de atuação perante pais e mães, pois estes revelam um entendimento mais profundo sobre as regras e princípios que regem o mercado do futebol, e que muitas vezes não são inteligíveis para os próprios agentes. Passam, assim, a lidar não só com as preocupações dos familiares, mas também com as interpretações destes sobre a legislação atual Lei Pelé.³⁰⁹

Tal engajamento da parentela, observado no estudo das questões jurídicas e legislativas, é aferido em diferentes situações durante o projeto futebolístico, mas principalmente quando os jovens futebolistas iniciam um processo de circulação intenso e contínuo entre clubes de diferentes calibres e origens que, além de incerto, pode ser perigoso, pois expõe o jovem a situações constrangedoras e figuras desconhecidas.

³⁰⁹ Valter, pai de Cristian [98], afirma que estudou também um documento do Governo Federal com dicas sobre transferências de jogadores para o exterior. A cartilha *Orientações para o trabalho no exterior: modelos, jogadores de futebol e outros profissionais brasileiros*, concebida e publicada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) por meio do Itamaraty, oferece orientações a jovens profissionais brasileiros alocados em países estrangeiros, muitas vezes vítimas de situações de circulação definidas como “tráfico de pessoas”. Dividida em sete capítulos, que abrangem também músicos, cozinheiros, dançarinos, modelos e outros profissionais, a cartilha apresenta informações relevantes para jovens profissionais em países que oferecem condições de trabalho difíceis para brasileiros. Ao final, o documento sugere precauções na hora de assinar contratos e resume qual pode ser a intervenção da embaixada brasileira nos casos mencionados. Também lista dados e contatos úteis em caso de problemas e litígios. Muitos destes relacionados principalmente à atuação de agentes de futebol, que em muitos casos submetem os profissionais à exploração, ilegalidade, maus tratos, condições de trabalho e instalações precárias, falta de pagamento e confisco de passaporte.

Segundo Lúcio, o ideal é manter o adolescente o mais próximo possível da família de origem, bem como das relações vicinais no bairro. Ao mesmo tempo, o jovem futebolista não pode adotar o isolamento e anonimato, tem que ser posto à prova para se mostrar singular e distinto. A vida de jogador exige, em algum momento, a substituição da convivência familiar pela situação de alojamento nos clubes. Em alguns casos, o ingresso nos espaços institucionalizados pode levar a um rompimento abrupto do convívio familiar. Em outros casos, os laços familiares se tornam indiretos e inconstantes. Mas, ainda que estejam longe da restrição do controle familiar, a família mantém sua centralidade no processo produtivo, pois é o ponto privilegiado de interseção entre os diferentes atores do sistema futebolístico.

Como vimos, os projetos futebolísticos são construídos a partir dos sacrifícios de familiares, que reorganizam sua vida ao redor dos jovens, mudam rotinas, abandonam empregos ou ampliam jornadas de trabalho e abdicam do tempo dedicado às atividades de lazer. Lúcio relata que já acompanhou diversos casos de pais e mães que largaram empregos para dedicar mais tempo ao projeto familiar. Outros venderam suas casas para investir nos projetos futebolísticos dos filhos. Lúcio afirma que tais iniciativas oferecem riscos e podem trazer prejuízo para a estrutura familiar, principalmente quando o projeto é interrompido, inclusive pelo fato de a família já não ter mais condições de continuar investindo. “A família banca tudo até os 15, 16 anos. Se o garoto é bom, o clube passa a ajudar em várias coisas, até comprar chuteira, roupas, além de um salário, pequeno, mas é um salário”. Contudo, não são todos os garotos das categorias de base que recebem um auxílio financeiro, a “ajuda de custo”, como parte das obrigações traçadas entre jovens e clubes. Somente os jogadores considerados especiais, reconhecidos como dotados de maior potencial são tratados de forma diferenciada pelos clubes e recebem quantias expressivas. Uma parte da ajuda de custo é destinada às despesas familiares, outra ao uso pessoal do jogador (roupas, chuteiras e outros acessórios). Segundo Leonardo, esses jovens “não ganhariam muito mais trabalhando em outra coisa. Podem ganhar o mesmo valor, ainda que pouco, fazendo o que gostam, jogando bola”. Ser remunerado para jogar bola, ainda que mal remunerado quando comparado aos valores idealizados, é valorizado e revela prestígio dentro do bairro.

A família potencializa a habilidade do jovem futebolista. Porém, a ingerência dos pais na relação com os clubes pode atrapalhar a efetivação do projeto. A promoção excessiva das expectativas de sucesso pode gerar mais pressão e ansiedade nas crianças e jovens, interferindo negativamente na sua performance. Além disso, segundo Lúcio,

muitos jovens poderiam ter mais chance, mas o início da carreira deles é muito mal gerenciado, principalmente pelos familiares: “Muitos moleques ficam para trás antes mesmo de ter a chance de começar a melhorar”. Os familiares têm dificuldade de avaliar qual é a hora certa de “manter os pés no chão” ou “largar tudo pelo sonho”, afirma Lúcio. O projeto é interrompido, em muitos casos, pelos anseios e equívocos dos familiares, principalmente dos pais. Rafael [96] foi dispensado de um clube do interior de São Paulo porque o pai fez uma série de exigências, desde ajuda de custo até manter o filho na posição (meio de campo) em que ele chegou ao clube. Para Lúcio, alguns garotos, mesmo com muito potencial, não valem a dor de cabeça provocada pelos pais e assim são descartados pelos clubes. Mais eufóricos do que os próprios futebolistas, alguns pais transferem para os filhos as aspirações e frustrações de suas próprias trajetórias como futebolistas em períodos anteriores, enquanto outros se comportam precocemente como corte de um jogador de futebol profissional.

Lidar com as preocupações dos familiares quando os filhos vão morar em alojamentos e outras cidades é um dos maiores desafios para os agentes. Propostas que num primeiro momento podem soar irresistíveis, tais oportunidades exigem resoluções e adesões imediatas dos jovens e familiares, alarmados pelo risco de perderem talvez “a chance”. Os familiares são reticentes quanto à circulação dos filhos. Segundo Lúcio, os pais evitam se separar dos filhos e chegam a recusar convites e boas oportunidades quando lidas dentro da lógica do projeto familiar. Diz que já teve de lidar com uma mãe que condicionava a ida do filho para o Ponte Preta de Campinas à ida e acompanhamento de toda a família (marido e demais filhos). Mas alega que são raros os casos de familiares que optam por acompanhar o garoto, residindo temporariamente na cidade do clube, participando de forma mais ativa do período de avaliação. Na maioria das vezes, argumenta Lúcio, pais e mães não impedem a ida dos filhos futebolistas para clubes e centros de treinamento em outras cidades, longe da família de origem.

“A mãe disse: ‘Ele ainda é muito novo, não pode ficar longe da gente. Falei para ela: ‘Não existe idade no futebol, tem que estar preparado’” (Leonardo, agente de futebol).

“Já é difícil aguentar esses dias de testes de vez em quando. Chega a ficar uma semana fora” (Fátima, mãe de André [97]).

“É a hora dele, para ver se vai dar certo ou não. Se precisar, a gente vai junto aonde ele for. A família é unida aqui e em qualquer lugar” (Dulcídio, pai de Matheus [96]).

A egressão e circulação do filho é um dos momentos elencados por agentes e familiares como momentos de superação – “sacrifício” de ficar longe e distante que tensiona o projeto familiar. Deslocamentos e afastamentos que no caso de alguns jovens podem se revelar traumáticos. Sair de casa e ficar longe dos familiares catalisa situações nas quais a importância dos pais e mães é realçada. Ausentes do contato cotidiano com os familiares, muitos ficam fragilizados emocionalmente. Felipe [95], já acostumado com períodos de avaliação, afirma que teve a experiência de ficar alojado duas semanas em um clube do interior de São Paulo quando tinha 13 anos: “Chorava quase todo dia, chorava muito, mas nunca na frente dos outros moleques. Eu ligava para casa todo dia, nunca tinha ficado longe da minha mãe”.

Para Lúcio, o desprendimento dos laços que o prendem ao universo familiar pode ser uma estratégia fundamental para o crescimento dos jovens como futebolistas, conferindo-lhe maturidade e relativa autonomia em relação aos familiares, o que potencializa a trajetória futebolística e fortalece o projeto familiar. As demandas de mobilidade atravessam as trajetórias dos jogadores principalmente a partir dos 14 anos. “Essa saída de casa é o início de sua circulação, o começo do rodar, onde a fronteira superada é a do círculo familiar e do círculo de vizinhança” (Rial, 2008, p.46-47). Os deslocamentos, ainda que impliquem afastamentos da casa e da família de origem, podem proporcionar solidez aos projetos futebolísticos. Ser jogador implica residir longe dos familiares; algo que será exigido na carreira profissional. Além de ser decisiva para a constituição do jovem futebolista, a circulação por entre clubes – um “rodar” (Rial, 2008) – adita valor às trajetórias, porém também é valorizada a permanência em um clube específico. “Rodar”, significa ter experiência e conhecimento, mas ao mesmo tempo revela uma improdutividade, ou ausência de qualidade, que inviabiliza a estabilidade nos clubes.

Para alcançar o principal objetivo do projeto futebolístico, pais e mães aceitam as viagens de filhos para lugares distantes quando emergem oportunidades mais concretas de fixação do jovem nas categorias de base de algum clube. Em alguns casos, mais do que apenas viagens para pontuais avaliações em outras localidades, as jornadas envolvem a permanência em outras casas que não a da família de origem, quando

convivem com outras pessoas por períodos prolongados. Essas jornadas são ativadas, porém, não só em momentos de crise, desorganização familiar ou instabilidade socioeconômica, mas também para proporcionar relações de troca e obrigação. Nesse sentido, os jovens futebolistas são, muitas vezes, utilizados como elementos de troca e meios para consolidar laços e ampliar redes.³¹⁰ Não acompanhei de forma detida situações de crianças e jovens de outras cidades doadas pelos pais para criação por outra família, porém observei e tive acesso a relatos de diversos tipos de troca que revelam uma lógica de “circulação de crianças”³¹¹ – tematizada por diversos estudos sobre famílias pobres – na produção de jogadores no sistema futebolístico.

Casos como o de Juvenal, que abrigou dois filhos de uma família de antigos amigos do Nordeste que passava dificuldades naquele período. Prática ainda mais recorrente no caso da família de Geraldo – a quem já referi como meu *GPS* durante o trabalho de campo –, acostumado a abrigar, de forma intermitente, jovens do Nordeste (filhos de parentes distantes, conhecidos, amigos de amigos) que vêm para São Paulo em busca de oportunidades num mercado ampliado quando comparado ao da região de origem. Segundo Geraldo, sua família já está acostumada a acolher em casa jovens de outras regiões do Brasil. Não para “criar” – afinal, “já estão bem crescidinhos”, ponderou Geraldo, mas para, em caráter provisório ou permanente (até o ingresso na carreira), substituir os pais, ser um tutor: acompanhar, orientar e cuidar deles como se fosse seu filho. Investidas em São Paulo que também são reversas, pois Geraldo, pai de seis filhos que são ou já foram jovens futebolistas, também pediu a famílias com as quais mantém contatos regulares, via redes informais, familiares ou de vizinhança, que recebessem os filhos em suas casas. Um deles, já na faixa dos 20 anos, continua a morar com a família tutora enquanto joga em uma equipe da segunda divisão do campeonato sergipano, revelando, assim, uma situação que, por vezes, torna-se fixa, com os filhos permanecendo na casa de conhecidos.

Portanto, tais trocas são estratégias constituintes de alguns projetos familiares futebolísticos e acionadas em situações nas quais “não se tem mais o que fazer”, revela

³¹⁰ Condições observadas por Fonseca (1995) na circulação de crianças por casas no Rio Grande do Sul.

³¹¹ Prática tradicional e recursiva de organização das famílias pobres, mas que também pode ser observada, sob outros contornos, em famílias de camadas média e alta, a circulação de crianças é “uma estrutura básica da organização de parentesco em grupos brasileiros de baixa renda” (Fonseca, 2003, p. 15) que envolve tarefas de criação e cuidado executadas por parentes (inclusive outras crianças e jovens), vizinhos e amigos por algumas horas, períodos ou dias inteiros, esporadicamente ou de forma permanentemente, e que pode contar com o recebimento de alguma recompensa (dinheiro, bens) num arranjo de prestações e contraprestações.

Geraldo. Ressalta-se, porém, que as relações familiares não são substituídas de forma definitiva. Embora os projetos promovam a circulação de crianças por diversos núcleos familiares, com idas e vindas entre a casa da família original e espaços familiares em outras cidades e lugares, onde novos laços familiares são concebidos e poucos se desfazem, jovens e familiares mantêm contato. A família está inscrita neles.

Ao mesmo tempo em que circular se faz quase obrigatório, Lúcio afirma que não é fácil mediar a distância e permanência dos jovens nos alojamentos dos clubes fora de São Paulo, quando vivem a rotina aturdida dos CTs, distante da família e dos amigos. “Muitos clubes não oferecem condições de higiene e saúde, boa alimentação ou transporte decente para viagem”, comenta Lúcio. O agente afirma que acompanhou diversos casos de jovens abandonados por clubes e agentes, relegados ao desespero de não conseguirem retornar aos locais de moradia por falta de ajuda e assistência financeira.

Os centros abrigam em seus alojamentos jovens advindos de diferentes lugares, que residem no próprio CT por morarem longe ou não terem condições de se deslocarem ao local de treinamento todos os dias.³¹² Outros preferem ficar alojados no clube para se dedicar integralmente à rotina dos treinamentos. A integração dos jovens futebolistas aos clubes é condicionada por um termo de responsabilidade assinado por um dos pais ou responsável pelo garoto. “Muitas vezes, um garoto viaja para fazer testes em outra cidade, mas o alojamento está cheio. Aqueles que têm uma família com mais condições de pagar um hotelzinho barato na cidade para ficar e fazer as avaliações sai na frente”, afirma Lúcio. Para ele, mesmo para aqueles que moram em SP, o alojamento é um ambiente mais produtivo do que a casa. Alojamento não aparece como cárcere, como se fosse um lugar de onde querem fugir, e sim como opção ou mal necessário; mas é a casa que aparece como lugar de valor, de onde sentem saudade, para onde podem recuar, “voltar para casa”. Mas não se trata de uma simples oposição casa-alojamento, incapaz de abarcar as imprecisas e emaranhadas idas e vindas dos jogadores. As casas são múltiplas: casa dos pais, dos avós, da namorada, a vila, o clube do bairro, assim como são vários os significados de alojamento: espaço de sociabilidade, disciplina, esperança e sonhos.

³¹² Conforme determina o Ministério Público, apenas os garotos acima de 14 anos podem residir nos alojamentos.

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu (nome do Responsável pelo menor), brasileiro(a), (estado civil), (profissão), portador do RG nº (colocar o número), e do CPF nº (colocar o número), responsável legal por (colocar nome do menor), atesto que pelo presente instrumento fico ciente que das atividades seletivas a serem desenvolvidas no [REDACTED], eventualmente, face a natureza do esporte, poderão resultar lesões e/ou ferimentos ao menor acima referido.

Pelo presente instrumento, ainda, assumo toda a responsabilidade por eventual lesão que o menor vier a sofrer, desde já eximindo o [REDACTED] de qualquer responsabilidade.

Eventuais custos com tratamento medicamentoso, consultas, exames, procedimentos cirúrgicos que venham a ser necessários ao pleno restabelecimento da condição física e psicológica do menor serão unicamente suportados por mim.

Ainda, neste ato, confirmo a veracidade do atestado de saúde do menor, o qual atesta que o mesmo goza de perfeitas condições de saúde e está plenamente apto a prática do futebol.

Declaro ainda que me responsabilizo, pela autenticidade dos documentos ora apresentado, civil e criminalmente na eventualidade do mesmo conter qualquer vício.

Declaro, por fim, que estou ciente e concordo que, o [REDACTED], ao permitir a participação nos testes, não assumiu qualquer compromisso de aprovação e/ou contratação do mesmo.

E por estar de acordo com todos os itens acima estabelecidos, expressamente autorizo a participação do menor no processo de seleção do [REDACTED] assumindo toda e qualquer responsabilidade por eventuais acidentes, lesões físicas, fraturas e demais danos que possam resultar ao mesmo, independente da extensão dos mesmos, durante os testes.

São Paulo, (datar)

Assinatura do responsável legal

Testemunhas:

A residência nos alojamentos pode provocar conflitos entre jovens, familiares e agentes de futebol, principalmente quando envolve hospedagem em instalações deficitárias, com quartos superlotados, condições de saúde precárias, desnutrição, falta de cuidados médicos, suporte psicológico e assistência social. Poucos clubes conferem assistência completa aos jovens que estão longe de casa e dos familiares. Para Lúcio, a vivência nos alojamentos é um modo eficaz de separar os jogadores persistentes e dedicados integralmente à construção da carreira daqueles que, frente às primeiras adversidades ou situações de desconforto, desistem da profissão de jogador. Tal diferenciação, na visão de Lúcio, revela-se de forma simplificada entre jovens de famílias pobres, que apresentam recursos financeiros limitados e estão acostumados a condições de vida (moradia, alimentação, higiene) mais modestas e insalubres; e jovens de classe média (baixa e alta), com maiores recursos e pouco acostumados às acanhadas instalações dos clubes. Divisão também confirmada professor Zé Maria, para quem “o mundo do futebol é dos pobres”, daqueles que veem no esporte o principal, e talvez único, projeto possível de ocupação profissional e ascensão social.

Uma das modalidades de agenciamento acionadas por Lúcio e Leonardo é o envio de jovens futebolistas para pequenos clubes do interior de São Paulo. Um destes clubes, o Palmeirinha da cidade de Porto Ferreira, distante 220 km da capital, abriga dois jovens de Guaianases vinculados aos agentes.³¹³ Escorados pelas respectivas famílias, Fabiano [95] e Cleiton [95] aceitaram se deslocar com a garantia de que seriam incorporados ao clube sem ter que enfrentar testes e avaliações. Alocados no alojamento do clube, ambos criticam a estrutura do local, sugerem possíveis melhorias, mas descartam ficar em outro lugar na cidade. Lúcio reconhece que as instalações do alojamento do Palmeirinha são problemáticas, porém defende que são melhores que as de muitos clubes mais conhecidos.³¹⁴ Contudo, Cícero [95], outro jovem do bairro que

³¹³ Outro exemplo é o União Suzano A.C., pequena e tradicional agremiação profissional do município de Suzano, próximo a São Paulo, que passou a ser administrado como um clube de fachada, organizado para cooptar novos jogadores e posteriormente negociá-los com clubes. No União Suzano, Leonardo e Lúcio estabeleceram uma parceria com um empresário do setor automotivo que começou a investir no clube, mas cujo único objetivo é montar equipes para negociar jovens jogadores. “Ele tira dinheiro do próprio bolso, mantém sozinho o time. Paga alimentação, transporte, hospedagem, taxas das competições, uniformes”, afirma Leonardo. Alguns dos jovens futebolistas recrutados são vinculados aos dois agentes. Os clubes de fachada controlados por agentes e investidores passaram a ser monitorados pela FIFA em 2014. Cf. “Após vetar investidores, Fifa aperta o cerco contra clubes de fachada”. Disponível: <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/10/19/apos-vetar-investidores-fifa-aperta-o-cerco-contra-clubes-de-fachada/>. Acesso em: 20/10/2014.

³¹⁴ No início de 2012, um garoto de 14 anos sofreu uma convulsão em campo durante treino no centro das categorias de base do Vasco em Itaguaí, município a 70 km do Rio de Janeiro. O jovem, oriundo de

viajou junto com Fabiano e Cleiton para Porto Ferreira, abandonou o clube após poucas semanas e retornou para a casa dos pais em Guaianases.

Lúcio e Leonardo visitam poucas vezes os jovens na cidade. O contato se dá principalmente por telefone, seja com os garotos ou com Parma, gerente e treinador das categorias de base do clube. Porém, a relação também é mantida por e-mail e programas *online* de conversação, como o *Skype*, principalmente no caso dos familiares. Mais do que visitar o espaço onde são realizados os treinamentos, os agentes preferem marcar presença, mesmo que de forma ocasional, nas partidas e amistosos disputados pela dupla de jogadores. Em uma destas oportunidades, acompanhei os dois agentes no deslocamento a Mogi-Mirim, no interior de São Paulo, para assistir à partida entre a equipe sub17 do Palmeirinha com o clube local. A proposta era sair cedo no sábado, por volta das 6h, e retornar à tarde, após o término da partida. Antes e depois do jogo, Lúcio e Leonardo planejavam encontrar os dois futebolistas para resolver algumas pendências que surgiram nos três meses que separavam esta e a última visita aos garotos, realizada dois meses antes.

Durante as duas horas de viagem, os agentes aproveitaram para definir os termos de um contrato a ser assinado com os familiares de outro jovem, do município de Poá, próximo a São Paulo, com quem Leonardo estabelecera os primeiros contatos. Em Mogi-Mirim, logo na chegada ao estádio, os agentes traçaram estratégias para encontrar os jovens. Lúcio pediu a Leonardo que distraísse Fabiano para, sem gerar ciúmes e reclamações deste antes da partida, poder entregar um novo par de chuteiras a Cleiton. Leonardo, por seu lado, solicitou ao parceiro uma quantia em dinheiro para atender eventuais pedidos dos jovens. Lúcio retrucou que qualquer quantia sairia direto das suas mãos para os garotos. Antes da partida não houve muito tempo para conversa. Lúcio entregou o par de chuteiras a Cleiton, que reclamou da qualidade do material da marca

Minas, estava em período de testes no time sub15 do Vasco. A investigação do Ministério Público acarretou em dois processos movidos pela Promotoria da Infância e da Juventude e pela Procuradoria do Trabalho, que solicitaram a interdição do CT de Itaguaí e do alojamento devido às inúmeras irregularidades encontradas: ausência de ambulância, equipamentos para socorro, médicos e atendimento especializado; alimentação insuficiente; péssimas condições de higiene; veículos de transporte em péssimas condições de conservação; rotina intensa de treinamentos e baixa frequência ao colégio. A evasão de jovens futebolistas do Vasco da Gama em 2011 já apontava para as péssimas condições e problemas estruturais do clube, quando diversos garotos solicitaram a rescisão dos contratos, antes mesmo de serem das categorias de base chamados para treinar com os profissionais. Ver “Justiça acata ação do MP contra o Vasco e interdita alojamentos e CT de Itaguaí”. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/04/05/vasco-sofre-dois-processos-e-mp-ve-seis-irregularidades-apos-morte-de-garoto-da-base.htm>>. Acesso em 15/02/2012.

selecionada.³¹⁵ Depois, os agentes ouviram pacientemente as reclamações dos jovens. Cleiton pouco falou, mas Fabiano, o mais incomodado, reclamou das condições de alojamento; da falta de dinheiro para pagar as rápidas e ocasionais viagens de volta para visitar a família em São Paulo; e principalmente da chegada de novos futebolistas de sua faixa etária ao Palmeirinha em meio à temporada. Ansioso, perguntava aos agentes se havia chances de ser dispensado pelo clube próximo de completar 18 anos, idade em que já esperava conseguir assinar o primeiro contrato profissional.

Segundo Lúcio, os piores momentos das trajetórias dos jovens são os períodos de transição dentro das categorias de base, quando os futebolistas devem demonstrar ter alcançado um nível de desempenho igual ou superior ao demais companheiros de categoria. Embora alocados nas categorias de base dos clubes, a continuidade da carreira ainda é elusiva. Os jovens sabem que entrar nas categorias de base de um clube representa apenas a superação de uma primeira etapa, visto que eles continuam sendo avaliados dentro de um dinâmico processo de seleção de novos jogadores.

Os CTs são espaços de manipulação do corpo para o aprimoramento do desempenho físico e da performance técnica e tática. Nas narrativas dos jovens, a estrutura física dos diversos CTs que já visitaram pouco se diferencia: campos de treinamento, alojamentos, vestiários, refeitório, sala de musculação etc. Porém, segundo Lúcio, poucos CTs fazem acompanhamentos detidos dos jovens futebolistas, algo rotineiro no futebol profissional: avaliação de massa muscular, da composição corporal, resistência anaeróbica, resistência cardiovascular, controle de peso, aceleração e velocidade etc. Cada categoria tem uma comissão técnica composta por treinador, preparador físico, auxiliar técnico, treinador de goleiro, médico, roupeiro e massagista. Além destes, outros especialistas, como psicólogos, nutricionistas, pedagogos e assistentes sociais, podem vir a compor o quadro técnico.³¹⁶ As constantes reformulações administrativas das categorias de base, com a substituição periódica dos

³¹⁵ Vale ressaltar, a partir do exemplo das chuteiras, a agência dos objetos (Gell, 1998), que também corporificam relações e atualizam os projetos familiares, ao mesmo tempo em que também criam disparidades entre aqueles que recebem e aqueles que não desfrutam dos objetos, seja uma chuteira ou outras peças de roupa. A circulação destes objetos no sistema futebolístico opera relações entre termos que não se restringem a seus valores em si. Os jovens futebolistas se apropriam dos objetos e lhes conferem novos significados, que podem ser diferentes dos sentidos e valores estabelecidos por outros. Significados que não são imanentes aos objetos, mas sim atualizados conforme as coisas são doadas, retribuídas e utilizadas na constituição de jovens futebolistas.

³¹⁶ Se até a década de 1960 o trabalho era focado na figura do técnico, os clubes e centros de treinamento atualmente aglutinam diversos saberes e especialistas das ciências do esporte, diversificando a composição das comissões técnicas, com a participação de médicos, preparadores físicos, fisiologistas, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, entre outros.

comandantes das equipes, provocam reestruturações internas que atrapalham qualquer plano de continuidade. Novos treinadores podem optar ou serem coagidos a escalar determinados jovens num cenário que envolve a negociação de novos talentos no departamento amador dos clubes. “Nas bases dos clubes tem muita questão política. Por exemplo, entra um novo diretor que não gosta do atual treinador ou já prometeu o cargo a alguém de confiança. Existem diferentes pensamentos dentro um só clube”, afirma Lúcio. “Por isso é difícil um time profissional aproveitar os atletas da base”, justifica Leonardo.

Há uma grande cobrança por melhor desempenho e bons resultados. Após longo processo de seleção, veem-se envolvidos com rotinas marcadas por desgastantes períodos de treinamento, jogos-treino, viagens para competições, todas situações de muita pressão e cobrança. “Um garoto que você acha muito bom pode não corresponder. Alguns chegam na hora da avaliação e ficam assustados. Tem moleque que tenta fazer tudo sozinho e não faz nada, outro que consegue acompanhar o ritmo dos outros moleques”, comenta Lúcio. Assim, a cada etapa das categorias de base os jovens veem-se frente à possibilidade de serem dispensados. A permanência nos clubes é disputada em cada treino e a cada jogo, sempre com o risco de serem substituídos por novos jogadores selecionados em testes ou indicados por empresários (Damo, 2007). Nessas dinâmicas, inúmeros jovens são expelidos ao longo do processo.³¹⁷ A categoria de juniores é a última etapa da trajetória na base de um clube, quando o jovem pode ser promovido à equipe profissional, permanecer atuando pela equipe sub20 ou equipes B do mesmo clube até o fim do contrato, ou ainda ser emprestado a outro clube.

Durante a partida em Mogi-Mirim, os agentes permaneceram nas arquibancadas centrais do estádio, próximos aos familiares, diretores do clube e outros agentes, muitos deles já conhecidos da dupla. Enquanto Leonardo conversava animado com outras pessoas presentes no estádio, Lúcio assistia à partida em silêncio e fazia anotações em algumas folhas de papel que trouxera em sua pasta. No intervalo do jogo, insatisfeito com o desempenho da equipe e de seus dois futebolistas, Lúcio desceu ao banco de

³¹⁷ São inúmeros e famosos os casos de jogadores hoje consagrados que foram rejeitados por clubes em algum momento de suas trajetórias. Para ficar num caso mais atual, um destaque da edição do Campeonato Brasileiro de 2014, inclusive convocado para a seleção brasileira, o atacante Ricardo Goulart, do Cruzeiro (MG), foi dispensado por vários clubes ao longo do processo de produção. Cf. “Artilheiro do Brasileiro, Ricardo Goulart foi rejeitado por SP e Palmeiras”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/08/01/apelidado-de-gordo-ricardo-goulart-foi-rejeitado-por-sp-e-palmeiras.htm>. Acesso em: 10/08/2014.

reservas com duas folhas marcadas com orientações para Parma, treinador do time. Na volta, bravo por não ter obtido a atenção do treinador, expôs os quadros táticos que desenhara sobre como a equipe deveria jogar no ataque e na defesa, nomeando cada um dos jovens do Palmeirinha em campo por posição. Ao longo do segundo tempo, o até então calado Lúcio passou a reclamar enfaticamente dos conhecimentos técnicos de Parma e do posicionamento da equipe. As reclamações só cessaram quando Cleiton marcou o gol da vitória de 1x0 do Palmeirinha. Gol efusivamente comemorado pelos dois agentes. “Ele é nosso jogador”, bradava Leonardo para os demais presentes.

Apesar de gerar estranhamentos e agitações nos projetos futebolísticos, o afastamento dos familiares não diminui a sensação de pertencimento à família, “Só estava lá porque eles me apoiaram muito, pagaram a viagem, mandavam um dinheirinho para comprar algumas coisas que não tinha no alojamento”, afirma Fabiano [95]. A distância física tampouco implica quebra dos vínculos e das relações afetivas, ainda que as amortença, quando os atores mantêm as formas de reciprocidade e obrigações. Porém, as separações prolongadas provocam não só saudades, como também tensões, preocupações, extenuação das relações afetivas e até possíveis rupturas dos vínculos.

Mas o alojamento nos clubes é uma reafirmação da importância da família mesmo que não haja a manutenção desse convívio. Os diferentes tipos de troca que são mantidas, sejam materiais ou afetivas, impedem rompimentos nas relações. Mesmo distantes, recebem ajuda dos familiares, seja em dinheiro ou encomendas de roupas e alimentos; bem como procuram ajudar a família com o envio de pequenas quantias que conseguem juntar nos clubes. Auxílios que podem ser essenciais em contextos familiares marcados, por exemplo, pela instabilidade provocada por situações de desemprego do pai. Espera-se dos jovens também outras possíveis trocas e retribuições nas relações com diretores de clubes e agentes, como ajudar, sugerir e facilitar e promover a ida de outros garotos para o mesmo clube. Porém, segundo Lúcio, existem muitos modos de cultivar contatos constantes entre jovens e familiares. Quando os jovens estão alojados fora da cidade, de forma permanente ou temporária (em torneios e amistosos), os membros da *família esportiva* procuram cultivar o vínculo com visitas rápidas e esporádicas aos CTs, mas principalmente por contatos diários ou periódicos por telefone (chamadas, SMS, *WhatsApp*) e pela internet (e-mail, *Skype*). Tecnologias de comunicação que permitem aos membros da família estarem conectados e presentes, seja nas situações de distância ou de proximidade física.

Esquemas desenhados por Lúcio durante jogo Palmeirinha x Mogi-Mirim (Campeonato Paulista Sub17).

Vale ressaltar que as tecnologias da informação e meios eletrônicos configuram um importante espaço de sociabilidade e atuação profissional num sistema futebolístico marcado pela virtualidade e interatividade. Os agentes procuram potencializar a relação com a tecnologia. Utilizam a internet e redes sociais para acompanhar o que jogadores, diretores, jornalistas e outros agentes de futebol estão fazendo e promovendo; entram em contato com jovens de outras partes do país; fazem e fortalecem contatos com outros atores envolvidos com futebol, como seus “arapongas”; realizam, assim, de forma conjunta, trabalhos na internet e nos campos de futebol da cidade.³¹⁸ Os jovens transitam por diversas tecnologias de comunicação, informação e relacionamentos; acessam a internet diariamente em casa, em salas de informática na escola ou em centros comunitários para utilizar o *YouTube*, *Facebook*, *Skype*, e-mails, navegar, baixar músicas e filmes, jogar games *online*.³¹⁹ Publicam fotos de eventos e partidas em redes sociais como *Orkut* e *Facebook* para compartilhar com os amigos, familiares e outros contatos futebolísticos, reforçando suas relações cotidianas e profissionais.³²⁰ O que faz da vida *online* uma extensão daquilo que é vivenciado *offline* (Miller; Slater, 2004), mas não só aprofundando e fortalecendo os laços criados no contato face à face pelos campos da cidade, como também acionando novas relações. Assim, as redes sociais e ambientes virtuais não só criam novas relações e oportunidades dentro do sistema futebolístico, como também reforçam laços familiares e redes de sociabilidade locais, construídas no cotidiano. É um modo de estar em contato com a parentela.

Tecnologias de comunicação, chuteiras, ajudas de custo, passagens de ônibus etc., são acionadas como um *signo de proximidade* por meio do qual, frente às mudanças impostas pela separação física, os familiares e agentes procuram manter e

³¹⁸ As pesquisas em comunidades e redes virtuais – *Orkut*, *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* – ganharam relevância na antropologia contemporânea (Dornelles, 2004), porém não faço aqui uma reflexão mais detida sobre os desafios metodológicos e analíticos levantados, embora tais ferramentas tenham permitido ocasionalmente acessar dados e informações complementares, principalmente no contato com os jovens futebolistas através das redes sociais.

³¹⁹ Apesar de muitos terem computador e internet em casa, os jovens e familiares vão às *lanhouses*, marcadas pela interação com os frequentadores *online* e pela interação com os amigos, para desfrutar de serviços de conexão mais rápidos.

³²⁰ No início da pesquisa, em 2010 e 2011, o *Orkut* ainda era a rede social mais utilizada e suas comunidades ainda eram importantes espaços de encontro, debate e divulgação de dados, informações e vídeos dos mais diferentes “perfis” – jovens, treinadores e agentes de futebol. Até aquele período da pesquisa era possível mapear inúmeras comunidades relacionadas aos temas: peneiras, avaliação em clubes, empresário de jogador, categorias de base etc. O *Facebook* era pouco utilizado e somente em 2011 os espaços de discussão e veiculação de imagens passaram a se concentrar ali, quando inclusive diversos jovens começaram a me perguntar se eu tinha perfil nessa rede social.

reforçar os laços existentes.³²¹ A permanência dos jovens em alojamentos e CTS evidencia diferentes formas pelas quais os atores conseguem conservar uma proximidade na distância. Seja nos casos dos familiares, que se mantêm conectados, embora estejam fisicamente separados e não residam em uma mesma habitação, bem como no caso dos agentes, que substituem o compartilhamento da vida cotidiana por outras formas de estabelecer vínculos. Os agentes, principalmente, procuram controlar as ansiedades e suavizar a distância por meio de empenhos econômicos, presentes, visitas, cuidados, telefonemas, internet, informações, favores, sacrifícios, conhecimentos. Assim, os *signos de proximidade* revelam como é possível estar próximo dos jovens mesmo à distância e assim continuar a participar das dinâmicas relacionais do projeto futebolístico. Se a convivência é importante na formação dos vínculos, a mobilidade também pode ser fundamental nos projetos, pois pode provocar reordenações com o advento de outros espaços futebolísticos e formas de compartilhamento – de pessoas, bens, conhecimentos e contatos via tecnologias de comunicação. Portanto, os deslocamentos por diversos espaços ampliam não só as formas de fazer família, mas também o significado de viver junto (Lobo, 2006, p.26) para além dos atos cotidianos.

Manter-se separado da família é um dos muitos empecilhos a serem superados, mas os jovens reclamam não só da ausência dos familiares, como também dos amigos, namoradas e dos espaços de lazer que frequentam no bairro. Os círculos de amizade mudam conforme o envolvimento com o projeto familiar. Em trânsito, a vida dos jovens muda quase totalmente, que devem se adaptar a novas práticas e círculos sociais. O alojamento é também um espaço de sociabilidade, catalisado pela intensa, e às vezes longa, convivência com os demais jovens ali enclausurados pelos mesmos motivos, objetivos e sonhos. Distante dos amigos e contatos do bairro, exigência do envolvimento na prática, o jovem futebolista articula um novo círculo de amizades dentro do sistema futebolístico. Relações construídas a partir de certa singularidade: aqueles com quem convivem, repartem alimentos, brincam e trocam conselhos,

³²¹ Os *signos de proximidade*, conforme argumenta Lobo (2006), proporcionam oportunidades de troca via diferentes meios para manutenção de relações à distância mesmo sem o contato cotidiano. Ainda que utilizados também quando os familiares e demais atores estão fisicamente próximos, os *signos de proximidade* (bens materiais, dinheiro, informações, conhecimentos) sustentam e atualizam, de forma estratégica, as relações de proximidade e afeto principalmente quando os membros da família estão situacional e fisicamente separados. Assim, nestes casos, segundo Lobo (2006, p.25), “o sentimento de pertencimento” – entendido aqui como o fazer família – “está mais ligado à qualidade das relações sociais atualizadas à distância do que à permanência num mesmo espaço geográfico” (idem, p.25).

experiências e cuidados, são os mesmos que podem ocupar seu espaço e contribuir para a sua saída do clube.

A amizade não elimina a competição e disputa entre os jogadores da base de um mesmo clube. Ao mesmo tempo, o ambiente de competição não eclipsa as afinidades entre os jovens. A coabitação no alojamento ou a convivência prolongada nos CTs revelam a construção de um vínculo forte pautado pela coprodução – aqui entendida como formas de compartilhamento do processo de produção de jogadores a qual estão submetidos. Uma convivência ampliada e simultânea com dezenas de outros jovens, gerações mais novas e mais adiantadas, oriundos de diferentes cidades brasileiras, compartilhando quartos, refeitórios, treinos. Relações que nem sempre são fáceis, visto que se trata de uma convivência coletiva com mais de quarenta garotos reunidos num processo que articula cooperação e competição, visto que todos ali buscam alcançar o mesmo objetivo – o que não é possível para todos, promovendo-se assim uma lógica emulativa.

Virar jogador de futebol, nesse sentido, implica ter uma nova vida social, outras rotinas, novos amigos. Mas, ainda que venha a limitar as oportunidades de trocas com os amigos do bairro, a distância não enfraquece as relações de amizade. Os novos laços e os vínculos nos locais de origem, conservados por agudos laços afetivos, coexistem em meio aos sucessivos deslocamentos e trocas de clubes.

Deste modo, a circulação ocupa um lugar capital na elaboração e solidificação dos projetos. Se para alguns familiares a ideia de família não pressupõe ou sustenta as exigências de circulação, egressão e afastamento, para outros, a mobilidade revela-se uma categoria terminante do processo de constituição do jovem futebolista, de construção do projeto futebolístico e de atualização das relações familiares. Os deslocamentos dos filhos futebolistas implicam articulação entre investimento e distanciamento nos projetos familiares. Não são apenas os jovens que estão em movimento; familiares e sua rede de relações se mobilizam também. A efetivação da transferência do jovem futebolista promove uma série de alterações na rotina familiar, assinalada agora por intermitentes fluxos de acompanhamento e nas dinâmicas de composição do projeto para que este persista, ainda que com outro fluxo. Mais do que desagregar e enfraquecer, a movimentação é fundamental para estabilizar o projeto familiar e, por conseguinte, a própria ideia de família. Se em alguns casos o arrojo por sucessivas linhas de movimentação (Ingold, 2007) não converge com a ideia, acionada por diversos membros, de família como convívio próximo e congregação, em outros, a

circulação não é incorporada como necessidade contraposta a um possível enfraquecimento dos laços familiares, mas sim como uma ação que define o projeto familiar e, assim, constitui família.

Percebe-se, assim, que a noção de família emerge da compatibilidade entre projeto familiar e mobilidade juvenil. Ainda que a separação dificulte a manutenção dos laços, as afetividades e vínculos familiares não se arrefecem; ao contrário, novas relações afetivas podem ser criadas. Em alguns casos, principalmente de jovens e famílias acostumados com os constantes deslocamentos e longas permanências fora de casa, a mobilidade faz parte da construção do projeto familiar, que continuamente transforma a noção de família de seus membros; em outros casos, a mobilidade se opõe à concepção de família dos pais e mães. Tensões e crises que marcam o projeto futebolístico: viver junto como família, convivendo e partilhando; aceitar o deslocamento do filho para potencializar as chances de profissionalização no futebol. Assim, tal como o investimento de tempo e dinheiro na mobilidade dos jovens, a abnegação do convívio pode enrijecer os vínculos entre familiares. Sacrifícios ativados pela participação na prática e em prol da família, aqui definida pelo projeto futebolístico. Concebida como aqueles que convivem e compartilham coisas, a família é atualizada frente à necessidade premente de acionar a mobilidade no projeto.

Portanto, a mobilidade – ou seja, a circulação de jovens futebolistas – promove a atualização dos projetos futebolísticos e das próprias famílias; algumas incorporam a suposta desagregação do afastamento, reforçam os laços familiares e de afinidade, enquanto outras preservam a proximidade física dos laços e também atualizam as dinâmicas familiares. Salienta-se, ainda, que para estes últimos, mesmo quando os projetos são interrompidos pela renúncia à mobilidade, reconfiguram-se as formas de se fazer família. Assim, não se trata de uma convergência entre projeto futebolístico e família, mas sim uma contínua atualização mútua, quando outros arranjos familiares são adotados e potencializados frente às articulações entre proximidade e distância.

Longe de ser um problema relacionado ao abandono, circunscrição familiar e restrição dos laços afetivos, a circulação de jovens futebolistas é um processo de movimentos intensos e dilatados; de trânsito por casas, albergues e alojamentos; de convivência com familiares, agentes, funcionários de clubes e outros futebolistas. Frente aos imponderáveis do projeto, colocam-se em circulação, deslocam-se para outras cidades, afastam-se das famílias. O que não significa abandonar completamente o domínio familiar, pois sair de casa implica, em alguns casos, conservação e

fortalecimento dos laços familiares e afetivos, bem como ampliação destes por meio das redes pelas quais circulam. Pertencimentos que não se mostram fixos, visto que as movimentações intermitentes conferem mobilidade aos próprios vínculos criados. Tais questões ajudam a desnaturalizar concepções fixas e unívocas de família e levam a ler os projetos futebolísticos por uma noção flexível e alargada de família que desenha movimentos e vínculos entre os diferentes atores que atravessam tais fluxos.

Capítulo 7

Famílias esportivas:

narrativas e trajetórias de jovens futebolistas

Os capítulos predecessores revelam o processo de constituição de jovens futebolistas e edificação de projetos familiares futebolísticos que rearranjam a conjuntura de relações vividas por crianças e jovens, mas que também são construídas por eles. Os jovens têm centralidade nas variações dos arranjos familiares, mas também estão em posição de sujeição nas relações travadas com pais e mães. Ao mesmo tempo em que promovem um deslocamento dos arquétipos hierárquicos dominantes em suas trajetórias, exaltam o convívio e mantêm fortes vínculos com os familiares. São trajetórias orientadas por estratégias e práticas intrínsecas que dificultam o fechamento da família sobre si mesma e permitem aos jovens explorar uma profusão de vínculos no sistema futebolístico. Assim, os jovens são objetificações das relações que regem um projeto individual e coletivo construído em torno da parentela, mas que incorpora e interconecta familiares, amigos e atores ligados ao sistema futebolístico (amador e profissional), adicionados de forma gradativa às trajetórias destes jovens.

A ampliação da produção de relações, ao mesmo tempo em que contribui para desnaturalizar os modelos nucleares e conjugais, reforça a centralidade da família no projeto. São as relações familiares que orquestram a conectividade das dinâmicas relacionais dos projetos futebolísticos, o que ocorre por meio de apoios e investimentos que transcendem a condição única de prover auxílio e segurança em momentos de necessidade. Frente à imprevisibilidade de um futuro que se pretende promissor, a família é o principal suporte – porém não exclusivo – com o qual os jovens podem contar para imprimir eficácia a projetos nos quais a conservação dos valores familiares passa por novas relações orientadas por afetividades, interesses econômicos e reciprocidades. Os investimentos sentimentais contribuem para os objetivos materiais, enquanto os financeiros e temporais promovem afetividades, o que não sugere apenas contradições vindouros, mas também retribuições ao longo do processo. Contudo, a articulação de aspectos financeiros e afetivos tensiona a compreensão uniformizada da família como plano exclusivo e legítimo das relações emocionais. O envolvimento de professores, diretores e agentes de futebol, também imersos em conjuntos de relações

atravessadas por afetividades e interesses, revela que engajamentos e reciprocidades não se restringem ao domínio familiar.

A família – composta e articulada a diferentes domínios e atores – permanece como dimensão central e referencial num processo de constituição dos jovens futebolistas, que atualiza arranjos familiares por meio de práticas de dissolução e recomposição manejadas pelos atores em diversos espaços e tempos cotidianos. O projeto familiar é ordenado por convergências e divergências, expectativas e prescrições, que provocam alinhamentos e rupturas no desenrolar das trajetórias. Assim, mais do que uma aglutinação das individualidades de seus membros, os projetos revelam arranjos familiares mutáveis, não totalizantes, pois cada transformação tem um peso singular, que pode interferir ou não em outras relações.

Percebe-se como as famílias interferem no cotidiano da escolinha, ao mesmo tempo em que a contextura desta também intervém nos arranjos familiares, o que proporciona, por exemplo, apontamentos sobre a articulação entre gênero e família, ao enfatizar o engajamento expressivo das mães tanto nas articulações a partir da arena pública quanto da privada. Outras dinâmicas mais contingentes, como períodos de avaliações em clubes, que podem exigir um deslocamento espacial do jovem ou mesmo de toda a família, como observamos no caso de Matheus e sua família do Mato Grosso do Sul para São Paulo, são momentos de atualização e reavaliação das fronteiras familiares.

A reafirmação da centralidade da família é sugerida pelas dinâmicas relacionais que permeiam a produção de jogadores, inteligíveis aqui por meio da noção de *família esportiva*. Modelo de constituição e atualização de relacionalidades do projeto familiar futebolístico, a *família esportiva* é um constructo mais vasto do que o de família, articulado pelas relações que adquirem novos significados dentro do sistema futebolístico.³²² Tem como base a produção de relacionalidade (*relatedness*),³²³ aqui entendida como a constituição relacional de contextos e pessoas observada nas experiências cotidianas de jovens, crianças, adultos, mulheres e homens (treinadores,

³²² Para além de seus sentidos originais (parentes consanguíneos, afins, de consideração, amigos, vizinhos, professores, investidores etc.), não se trata de um conceito de *parentesco classificatório* formulado *a priori*, como apregoaria uma perspectiva funcionalista. As distinções entre termos como *parente* e *família*, que não são equivalentes, nem sempre contribuem para compreender quem são aqueles reconhecidos como engajados em uma *família esportiva*.

³²³ O termo “relatedness” foi traduzido de modo diverso por Fonseca (2007), que empregou os termos “conectividade” e “conexidade”. Eu preferi uma tradução mais literal.

olheiros, agentes de futebol, dirigentes amadores) que atravessam e circulam pelo sistema futebolístico.³²⁴ Configurada a partir de um projeto quase sempre encetado na família de origem (de concentração, principalmente, do pai, mãe e filhos), mas que se alarga, cria novas formas de laços que atualizam as dinâmicas relacionais; a *família esportiva* é um idioma relacional em constante transformação.

Tal ênfase no projeto familiar futebolístico permite analisar as conexões, agenciamentos e modos de articulação entre as diferentes formas de criar família. Segundo Carsten, o processo de compartilhar substância pode criar relacionalidade (2000, p.21). A partir do exemplo Nuer (Evans-Pritchard, 1978), a autora assinala que o uso de outros tipos de substância (comida, armas, papel), para além de elementos corpóreos (como sangue, sêmen e leite materno), demonstra o dinamismo e criatividade das práticas de relacionalidade (2000, p.24). Nos projetos futebolísticos, a produção de substâncias é também definida por outras formas de relações a partir das quais há partilha de substâncias: coabitação, convivência, comensalidade e reciprocidade. As obrigações e trocas (lealdade, testes, avaliações, dinheiro, material esportivo etc.), fundamentais para a criação de relações familiares, também podem ser compreendidas como relações que criam *substância*. O contato diário entre jovens, professores, funcionários dos clubes, agentes de futebol, cria laços e alarga os círculos de amizade e reciprocidade. Se os primeiros contatos ocorrem em ambientes e interações formalizados, a proximidade faz com que as negociações seguintes ocorram em visitas à casa da família, telefonemas, confraternizações, festividades, aniversários e outras formas cotidianas de encontro. Assim, as relacionalidades observadas nos projetos familiares futebolísticos cultivam laços de proximidade e afetividade entre pessoas,

³²⁴ Inspirada pelas incisivas críticas de Schneider (1984) à divisão entre biológico e social dos estudos de parentesco, pela produção relacional melanésia e pela reavaliação da dicotomia natureza/cultura, Carsten (2000, 2004) propõe explorar as relacionalidades (*relatedness*) que fabricam parentesco – “in opposition to, or alongside, ‘kinship’” (Carsten, 2000, p.4). O conceito de *relatedness* propõe um modo alternativo de pensar as formas relacionais, situacionais e locais de construção de parentes frente à suposta predominância da consanguinidade e afinidade (casamento, alianças). Assim, evita-se essencializar o parentesco e reificar arranjos familiares em padrões estruturais definidos por princípios de descendência e afinidade, embora estas categorias sejam rejeitadas. Carsten sugere a observação das práticas familiares e formas de interação cotidianas para compreender como os próprios atores sociais formulam e produzem suas noções de parentesco. Assim, outras formas de conexão podem constituir parentesco, algumas delas indicadas nos projetos familiares futebolísticos: comensalidade, convívio, coabitação, trabalho no mesmo local, cuidado uns dos outros. O conceito de *relatedness* – “the ways in which people create similarity or difference between themselves and others” (Carsten, 2004, p.82) – revela, assim, contínuos processos de construção de famílias, de conexões entre pessoas e criação de configurações de parentesco desnaturalizadas, que não se prendem estritamente a uma organização familiar de ordem biológica, reafirmada por uma perspectiva etnocêntrica, orientada por valores ocidentais modernos (Schneider, 1984), e pautada por questões de descendência, consanguinidade ou aliança.

sejam elas parentes próximos, distantes ou mesmo não-parentes. Expressões como “é de casa”, “como um pai”, “é um irmão para mim”, “estamos entre parentes”, “faz parte da família” mais do que revelarem parentesco com aqueles que são incorporados à *família esportiva*, indicam que há um relacionamento imediato até maior do que o vivido nas interações com parentes próximos ou distantes. Relacionalidades que podem extrapolar ou não as dinâmicas da *família esportiva*, seja pela concretização da carreira profissional, que pode ampliar a demarcação de família – entrelaçada ao *entourage* que se forma (Damo, 2007, p.214) – ou quando os projetos são interrompidos e certas relações podem ser descartadas e vínculos desfeitos.³²⁵

Relacionalidades implica relações de troca e partilha, bem como supõe obrigações e colaboração, pois evitar a cooperação e solidariedade pode catalisar o rompimento de relações. Nesse sentido, a *família esportiva* é constituída por aqueles que participam do projeto futebolístico e cujo engajamento é reconhecido pelos demais membros.³²⁶ É possível perceber como tal concepção expandida de família, orientada pelo conceito de relacionalidades, reforça e provoca transformações na família de origem. As relações são continuamente atualizadas ao longo da trajetória dos jovens futebolistas; enquanto isso, laços anteriores se desfazem, novas afetividades e interesses são construídos. Assim, a família de origem também se modifica frente à flexibilidade e constantes transformações das dinâmicas da *família esportiva*.³²⁷

A *família esportiva* desponta como matriz relacional da constituição dos projetos familiares futebolísticos. Deve ser entendida menos por rígidas definições analíticas do que por sua operacionalidade, meio pelo qual as relações entre seus membros recebem sentido. O conceito proposto desvela os processos relacionais que definem quem

³²⁵ Longe de tomar o parentesco da *família esportiva* como dado a partir das nomeações e classificações simbólicas, os projetos familiares futebolísticos geram uma categoria elástica de “parente”, principalmente quando se relida dentro do idioma da *família esportiva*, em que vários termos são ativados em inúmeras situações para exprimir os vínculos entre as pessoas. Ainda que a terminologia de parentesco possa ser distinguida em diversas situações, privilegio a adoção contínua, porém não indiscriminada, da noção de família, sem a preocupação de me reter em um estatuto ontológico de família e na reificação de modelos, mas sim nas reinvenções das dinâmicas familiares catalisadas pelas ações e práticas daqueles que transitam pela *família esportiva*. Sabendo, porém, que tal distinção remete à observação de Carsten (2004, p.188) de que outros têm parentesco e nós temos família.

³²⁶ Esta pode reduzir ou ampliar o contato com outros atores, desenhando uma composição familiar extensa e ordenada por relações complexas e fragmentadas, longe dos esboços de arranjos familiares compreendidos como unidades fixas e unívocas. O termo “unidade doméstica”, por exemplo, mostra-se improdutivo no enfrentamento da flexibilidade do conceito de família (Fonseca, 2005).

³²⁷ Ao problematizar concepções tradicionais de família, a noção de *família esportiva* permite compreender como os projetos futebolísticos expressam complexos arranjos familiares consonantes com reflexões antropológicas contemporâneas.

partilha relações, quem está próximo, quem está distante, quais os deveres e direitos daqueles que compõem os projetos de formação de futebolistas. Portanto, tendo em vista que a *família esportiva* se estrutura em uma dinâmica processual e situacional, num contínuo engajar, é fundamental apreender o modo como os atores sociais se relacionam, como articulam projetos familiares, como fazem família, e, por fim, desdobram uma noção alargada de parentela.

A seguir, com base nas trajetórias de jovens futebolistas (e de seus familiares) – com experiências em escolinhas de futebol, futebol de várzea e em categorias de base de clubes profissionais –, busco desvelar a *família esportiva* como uma forma empírica e processual de constituição da relacionalidade. Apresento cinco trajetórias de jovens da mesma idade e que compartilharam diversas experiências atuando juntos nas “equipes de competição” do Botafogo de Guaianases, mas que passam a trilhar diferentes percursos e adotar posturas diferenciadas conforme os projetos se atualizam. Principal recurso metodológico acionado neste capítulo, o acompanhamento e reconstituição de trajetórias, traçadas a partir das evocações espontâneas, permitem aferir quais são os eventos e aspectos considerados relevantes. As trajetórias reconstituem práticas familiares de acordo com as lembranças sobre as experiências futebolísticas e familiares anteriores, a infância dos jovens futebolistas; reminiscências capitais à elaboração dos projetos familiares. Assim, as narrativas anunciam quais são os engajamentos nos projetos familiares, como organizam os eventos e fatos na trajetória, aquilo e aqueles considerados importantes, os sentidos conferidos aos projetos etc. As falas traduzem lembranças e elegem vínculos, proximidades e reciprocidades. Construídas na interlocução entre os diferentes membros, as narrativas não dizem respeito somente aos eventos relacionados aos filhos, mas também às práticas, pretensões, frustrações e memórias familiares, marcadas por rupturas e continuidades em relação aos projetos em andamento. Por se tratar de um projeto relacional que envolve a família ou quase toda ela, as entrevistas foram gravadas e realizadas com o pai ou a mãe, ou a mãe e os jovens, ou apenas um dos pais, mas simultaneamente com vários familiares, quando quase todos participavam da conversa. Algumas entrevistas foram realizadas separadamente, somente com os jovens, para explorar certos temas com menos restrições frente a possíveis constrangimentos familiares. Entrevistas que foram interrompidas a todo momento para telefonemas, refeições, conversas com vizinhos, broncas nos filhos etc., e que por isso mesmo permitiram observar também as relações no espaço das casas. Ora foram realizadas na cozinha, ora na sala, evidenciando as

posições dos jovens nos cômodos, suas relações com o espaço e demais pessoas, as afetividades e valores ali fundados. Narrativas emocionadas sobre as trajetórias e dinâmicas familiares – algumas mais largueadas e íntimas, outras mais acanhadas e taciturnas – que alcançam os primeiros momentos da inserção nas categorias de base, bem como os primeiros acenos e agouros de desistência do projeto familiar, o que permite compreender, também, aspectos associados a questões abrangentes dos intrincados processos do sistema futebolístico.

Por fim, cada trajetória vem acompanhada de um gráfico que ajuda a figurar os contatos e interações que estabelecem relações expressivas para os jovens e seus familiares, mas que também omite a participação – ora mais, ora menos significativa – de outros familiares nos projetos.³²⁸ Os diagramas mostram e articulam as relações e filiações entre os atores da *família esportiva* e as trajetórias dos jovens futebolistas por clubes, idades e eventos significativos. Ressalta-se que o *Ego* – referência para a definição das relações –, no caso o jovem futebolista, em torno de quem o gráfico é desenhado, não é indicado no diagrama, pois ele é a objetificação do conjunto de relações ali figurado.

³²⁸ Concebidos a partir de um gráfico sugerido pelo prof. dr. Luiz Henrique de Toledo durante a banca de qualificação desta pesquisa em setembro de 2012. No entanto, assumo total responsabilidade pela manipulação desse material.

7.1 – A família esportiva de Bernardo

7.1 – A família esportiva de Bernardo:

“Se ele fosse grande, já estava em um clube...”

Atravesso de carro a nunca deserta avenida Paulista por volta das 6h da manhã. Chego ao metrô Paraíso e vejo Bernardo [97] apoiado em Marquinhos, descansando, de braços dados com o pai, me aguardando. Lembro que nunca vi pai e filho separados ao longo do trabalho de campo. Em todos os treinos, partidas, festas, plenárias de políticos etc., Marquinhos está junto com Bernardo. Porém, quando comento sobre a relação pai e filho, Marquinhos faz questão de ressaltar que os principais cuidados com as crianças são feitos pela esposa, pois está sempre trabalhando no posto de gasolina ou acompanhando as experiências futebolísticas de Bernardo. Os dois estão visivelmente cansados. Pegaram o trem na estação em Guaianases antes das 5h. Bernardo acordou 3h30 para se aprontar e preparar o café para o pai. Marquinhos chegou 4h em casa. Veio direto do posto de gasolina onde trabalha, de madrugada, como frentista. Naquele dia, tinha conseguido ser liberado algumas horas mais cedo. Tomou o café, trocou de roupa e desceu com o filho para a estação de trem. Vinte minutos de caminhada. No carro, Marquinhos lembra e narra algumas das inúmeras vezes que ele e sua esposa tiveram que acordar antes das 4h da manhã para pegar a fila do hospital público em Itaquera, ou mesmo passar a noite na fila. Helena comentou, certa vez, que só conseguiu marcar um exame para o filho mais velho três meses depois. Naquela manhã, além do sono, Bernardo estava em jejum para fazer o exame agendado na unidade do Delboni Auriemo localizada na av. Ricardo Jafet, Zona Sul da cidade. Na semana anterior, durante o treinamento na Escolinha do Botafogo, Marquinhos comentou que conseguira agendar o exame. Em menos de uma hora, perguntou mais de quatro vezes, para diferentes pessoas, qual era o modo mais fácil de chegar ao endereço citado. Pelo fato de eu morar “na cidade”, Marquinhos pediu que indicasse o melhor caminho. Decidi oferecer carona e companhia durante o exame, logo aceitas pelo pai de Bernardo.

Marquinhos está ansioso na manhã do exame que ajudará a enfrentar o que tem sido uma de suas principais preocupações, o porte físico de Bernardo: 15 anos, 1m52 de altura e 47 quilos. O irmão mais velho de Bernardo também demorou a crescer, o que só aconteceu entre os 15 e 16 anos. Hoje tem a altura do pai, por volta de 1m80. A irmã de Bernardo, dois anos mais nova, é mais alta que o irmão futebolista. Para Marquinhos, o único entrave para a carreira de Bernardo no futebol é seu tamanho: “Se ele fosse grande, já estava em um clube, já estava ganhando até um dinheirinho. É que às vezes

você vai nos clubes, os caras vêem muito o negócio de tamanho”, afirma. Marquinhos e Helena levaram Bernardo a uma endocrinologista. Pagaram R\$ 600 pelas consultas, “Porque não tinha vaga nenhuma nos hospitais. Ia ter que esperar até... Aí eu peguei e paguei”, afirmou Marquinhos. Bernardo fez diversos exames. Os resultados inconclusivos exigiram um detalhamento maior. A endocrinologista pediu que Marquinhos e Helena um “teste de estímulo, com clonidina, para dosagem de GH” para avaliar se a baixa estatura é por deficiência do hormônio de crescimento (DGH). “Ela mandou fazer um monte de exames. E ela passou para ele fazer esse teste. E depois que ele fizer esse teste, aí ele vai ficar fazendo acompanhamento lá. Toda vez ele vai passar lá com ela. Vamos supor, toda quarta, de mês em mês, ele passa lá com ela”, relata Marquinhos. Marquinhos e Helena tinham que escolher entre esperar até junho para realizar o teste de clonidina e pagar R\$ 150 ou pagar R\$ 700 e fazer o teste em uma data mais próxima. “Aí eu estou pensando se eu vou fazer... Pagar ou esperar”. Assim o pai de Bernardo definia a situação em que se encontravam no final de março. Optaram por pagar: “Dois meses no futebol é muita coisa”, comentou Marquinhos, “não podemos ficar esperando”. Decidiram parcelar o pagamento em cinco vezes, pois à vista pesaria no orçamento doméstico. Em menos de dois meses, gastaram R\$ 1,3 mil em consultas e exames.

7h. No primeiro atendimento, logo após a confirmação do exame, um problema: o cartão de débito de Marquinhos está bloqueado. A transação não é aprovada. Após alguns minutos, Bernardo percebe a preocupação do pai e decide conferir o que está acontecendo. Como o pai não sabe o que fazer, visto que aquele é seu primeiro cartão de crédito, solicitado ao banco dias antes, especificamente para pagar o exame do filho, Bernardo tenta ajudá-lo. O jovem pede para a atendente do laboratório para usar o telefone, liga para casa e relata o problema para a mãe. Juntos, Helena e Bernardo descobrem o problema: as parcelas ultrapassam o limite do cartão. Marquinhos decide pagar em dinheiro, à vista. “Não tem problema, é só segurar um pouco as contas nesse mês lá em casa”, comentou. Subiram para as salas de exames. Sem fila, Bernardo é logo atendido. Médico e enfermeira explicam a Marquinhos os procedimentos que serão adotados no teste da clonidina. O tratamento se estenderá por toda a manhã. Além de uma coleta de sangue anterior, as enfermeiras fazem novas coletas 60, 90 e 120 minutos após a administração oral de 0,1 mg de clonidina para observar se ocorre alguma reação. Enquanto Bernardo dorme e recebe o medicamento, seu pai narra diversas passagens da vida familiar.

Marquinhos cresceu na Zona Sul, no bairro do Jabaquara: “Quando eu morava ali não tinha nem a Imigrantes ainda. Eu sou dessa época... Não tinha Imigrantes nem metrô. Eu vi construir o metrô (...) era tudo mato. Desapropriaram um monte de casa lá, tiraram um monte de gente...”. Marquinhos foi criado na rua desde os 8 anos. O pai abandonou a mãe. Um dia, quando retornou da escola com o irmão mais novo, não tinha mais ninguém em casa. Os irmãos esperaram dois dias. Como ninguém apareceu, saíram de casa. “Deixamos a casa e saímos fora, ficamos no mundão”. Moraram na rua durante quase seis anos. A mãe reapareceu e chamou os filhos para morarem junto com ela. “Falei, ‘não vou. Já fiquei na rua esse tempo todo’. Não voltei e fiquei na rua maior tempão”, diz Marquinhos. Um tempo depois, quando já estava com 16 anos, morando nas ruas da Vila Fachini, Zona Sul da cidade, ajudou um senhor, recém-chegado ao bairro, a carregar a mudança. “Ele me perguntou para mim onde eu morava, eu falei que eu não tinha casa. O cara me levou para morar na casa dele. (...) tirou meus documentos, arrumou serviço para mim, me ajudou legal, sério mesmo”.

No Jabaquara, conheceu a esposa, casaram e tiveram o primeiro filho. Como a mãe de Helena morava no Jardim Etelvina, vila de Guaianases, decidiram mudar para o bairro. Moram há vinte anos na mesma casa. “Quando nós mudamos para cá, aqui não tinha nada, você acredita? Aqui não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, rua de barro, sabe?”. O casal foi morar na casa após a esposa de um amigo de Marquinhos desistir de morar nela por medo da violência na região. Após certo tempo, conseguiu terminar de pagar a casa para o amigo. Se antes temia a violência, faz questão de ressaltar que atualmente é uma área tranquila, com uma vizinhança composta por moradores de longa data: “Agora não, sério mesmo, você pode sair, deixar a porta aberta, ninguém cata nada de ninguém aqui. Não mexe com ninguém. Mas antigamente não era, sabe?”.

Marquinhos sempre trabalhou no mercado informal. Primeiro, durante muito tempo como camelô no Terminal Jabaquara, mesmo após se mudar para Guaianases: “Eu saía cedo daqui, só voltava de madrugada. Todo dia, eu ia para lá. Saía daqui umas 8 horas, chegava aqui meia-noite, uma hora”. Cansado do longo deslocamento, começou a vender guarda-chuvas na antiga estação de trem de Guaianases. O trabalho no setor informal permitia a Marquinhos organizar seus horários de acordo com as atividades futebolísticas de Bernardo. Porém, o endurecimento na fiscalização ao trabalho dos camelôs em Guaianases a partir de 2010 atingiu Marquinhos e trouxe problemas financeiros para a família. Nesse período, a esposa Helena voltou a trabalhar

como diarista para contribuir na renda doméstica. Durante quase um ano, Marquinhos fez pequenos “bicos” no bairro. Em meados de 2011, devido às relações que mantém com políticos locais,³²⁹ foi chamado para trabalhar como vigia noturno nas obras de construção de um posto de combustível em Guaianases. Finalizada a obra, Marquinhos foi contratado para ser frentista do posto. Pela primeira vez, está trabalhando com carteira assinada.

Embora nunca tenha pensado em ser jogador profissional, tal como o filho, Marquinhos sempre jogou futebol. Futebol sempre foi uma forma de diversão: “Bola eu sempre joguei, eu sempre gostei, joguei sempre nos times bons”. Com orgulho, Marquinhos narra seus feitos no futebol varzeano: jogou no Jabaquarinha e no Moleque Travesso da Vila Guarani; alguns de seus jogos foram transmitidos pela televisão no antigo *Desafio ao Galo*.³³⁰ “Eu joguei com um monte de caras. No Jabaquara, joguei com o César Sampaio. No nosso time lá os piores eram ele e o José Carlos Serrão. Ele era o pior do nosso time, só ele que virou jogador. No time eles nem eram relacionados para o jogo, só treinavam”. Marquinhos não teve a chance de participar de testes e avaliações quando jovem. Contudo, relata com um sorriso aberto seu único contato, ainda que frágil, com o futebol profissional:

Teve uma vez mesmo, quando eu mudei para cá, eu fui jogar ali na Penha. Tem um monte de campo na Penha, ali na beira da Radial. Eu joguei bem caramba. Tinha um cara da Portuguesa assistindo. O cara perguntou a minha idade. O cara falou que se eu fosse mais novo ia me levar para Portuguesa. Mas só que eu já tinha uns 30 anos. (...) Falei: “Ah, já era”. Passou a idade, “Se você fosse mais novo, ia te levar para você ir fazer um teste na Portuguesa”.

Todas estas experiências vividas durante a infância e a juventude, sempre ao lado do irmão mais novo, reforçam seu desejo de ver o filho virar jogador de futebol. Procurou despertar o interesse do filho mais velho pelo futebol, porém sem sucesso: “Ele não era muito chegado não. A mesma coisa que eu faço com o Bernardo, eu fazia com ele, mas ele não gostava muito de jogar. (...) Eu levava ele para o campo, ficava

³²⁹ Explorarei essa questão de forma mais detida nas páginas seguintes.

³³⁰ O programa reunia partidas de futebol varzeano transmitidas ao vivo pela TV Record nas manhãs de sábado ou domingo durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. Não se tratava de um campeonato, mas sim de uma sucessão de jogos em que se procurava avaliar qual equipe conseguia permanecer por mais tempo invicta, que seria chamada então de “o Galo”. No intervalo dos jogos, um sorteio definia o time que desafiaria na semana seguinte o vencedor da partida. As equipes que permaneciam invictas por mais tempo disputavam o torneio “Super Galo” no final do ano.

treinando... Mesma coisa que eu fazia com o Bernardo, eu fazia com ele”. Marquinhos sempre acompanhou de perto a paixão do filho mais novo pelo futebol e teve um papel fundamental no interesse dele pela prática do esporte. Atuou por diversos times de várzea da região (Fumacê, Coroadó, Ameriquinha, Atlas) e quando ia para os campos jogar, levava Bernardo junto, mesmo quando bem novo.³³¹ Entretanto, segundo Marquinhos, quem primeiro percebeu o “dom” do menino no “jogar bola” foi a mãe, Helena:

Ele era pequenininho, ele nem andava. Tinha uma bola aqui em casa. Toda vez que ela pegava a bola, ele ficava mexendo os pezinhos. Nós começamos a pegar, colocar ele em pé, para ele ir andando atrás da bola. Ele foi acostumando, você acredita? Aí, depois desse dia, desses tempos, ele nem podia ver bola. Parece que era um dom mesmo.

Antes de matricular Bernardo em uma escolinha, como sua esposa tinha sugerido, Marquinhos decidiu ensinar algumas técnicas para o filho em casa: “Ficava ensinando... E quando eu vi que ele já pegou um pouquinho de jeito, nós colocamos ele numa escolinha de *society* (...) aqui em Guaianases”. Em seu primeiro dia na escolinha, Bernardo surpreendeu positivamente os professores e foi inscrito num campeonato local em Suzano, município próximo à Zona Leste paulistana. Aos 7 anos, Bernardo começou a jogar futebol de campo no Ameriquinha de Guaianases, próximo à sede do Botafogo, na Vila Minerva. O bom desempenho convenceu alguns diretores do Ameriquinha a levarem o menino para uma avaliação no Corinthians. Bernardo treinou e jogou contra as equipes do Corinthians no antigo CT de Itaquera. Aprovado, passou por um período de testes no Parque São Jorge, quando treinou futebol de campo e futsal durante alguns dias, mas não permaneceu no Corinthians.

Em seguida, foi convidado por Neno, antigo professor do Ameriquinha, para treinar na então recém-criada escolinha de futebol do S. E. Codó, no campo ao lado do Botafogo de Guaianases. Bernardo treinou por mais de dois anos no Codó. Sérgio, professor do Botafogo, convidou inúmeras vezes o menino para treinar na escolinha.

³³¹ “Para falar a verdade, eu não joguei no Botafogo. Eu mesmo não gostava do Botafogo, não, você acredita? É, aqui era rivalidade. Aqui nós não éramos muito chegados no Botafogo. Nós jogávamos nos times daqui de perto. O único time que fazia frente com o Botafogo aqui era o Atlas. Eu jogava no Atlas. Ele era de igual para igual com o Botafogo. Pode perguntar para os caras para você ver. Aí nós nem descíamos muito para lá, não, que aqui sempre teve campo. Agora que não tem mais. Aqui onde tem a delegacia, aqui, a 68, tinha um campo. Campo do Colorado, tinha o campo do Unidos. Mas só que esses campos acabaram... (...) Nós ficávamos aqui porque aqui tinha bastante campo, bastante time bom”. (Marquinhos, pai de Bernardo)

Não aceitaram, pois Bernardo não gostava do Botafogo. Entretanto, a escolinha do Codó foi desativada e o professor Neno foi chamado para compor o corpo docente da Escolinha do Botafogo de Guaianases. Convidado por Neno, o menino passou a treinar no Botafogo. Quando Sérgio assumiu as equipes de competição, Bernardo teve que deixar de treinar com Neno e desde então vem treinando com Sérgio, com quem mantém uma ótima relação.

Durante todo esse tempo, entre sete e quatorze anos, Bernardo jogava paralelamente futsal por diversas equipes da região, inclusive pela escola estadual em que estudava no bairro, e participava de peneiras, testes e avaliações. Em 2008, mais de quatro anos após o período de testes do Corinthians, Bernardo foi aprovado em uma avaliação no C.A. Juventus, do bairro da Mooca. O menino estava conquistando seu espaço no Juventus. Após três jogos de teste, recebeu a camisa 10 da equipe e foi escalado como titular.

Sem brincadeira... eu tenho até o DVD. Ele entrou num jogo, um joguinho meio duro. Quando ele entrou, ele fez um gol e deixou os moleques na cara do gol. No outro jogo, o cara já pôs ele de titular e já deu a camisa 10 para ele. No campeonato, ele foi inscrito de meia-esquerda mesmo. Ele estava bem mesmo no Juventus (Marquinhos, pai de Bernardo).

Bernardo disputou a categoria sub11 do Campeonato Paulista de Futebol pelo clube juventino. Após receber elogios durante a campanha no Campeonato Paulista, a família de Bernardo recebeu a visita dos diretores do Botafogo. A parceria com o São Paulo tinha sido concretizada e o filho de Marquinhos e Helena fora um dos selecionados pelos técnicos das categorias de base do tricolor paulista.

Eu não queria tirar ele do Juventus, mas o pessoal ficou insistindo para tirar, eu peguei e tirei. Eu não ia tirar ele do Juventus, porque o técnico falou para mim que ia aproveitar ele. (...) E ainda, no dia que eu tirei, o cara: “Pô, não tira ele, não! Deixa ele aí!”. (...) Os caras gostavam dele lá, no Juventus.

Bernardo era já naquele momento a principal estrela do clube de Guaianases. Em uma reportagem especial do programa Sportv Repórter, do canal de TV a cabo Sportv, a rotina do jovem “Regis Pitbull”,³³² como era conhecido por todos, foi filmada na

³³² Trata-se do apelido que Bernardo carrega desde a época em que jogava no Ameriquinha por sua semelhança com o jogador Régis Pitbull, atacante que jogou na Ponte Preta, Vasco da Gama, Corinthians,

escolinha, em casa e nas ruas do bairro. Cópias de DVDs com a reportagem sobre a Escolinha do Botafogo e sobre o “Régis” foram vendidas em estabelecimentos comerciais de pessoas ligadas à diretoria do clube. Os próprios pais de Bernardo, todavia, não receberam nenhuma cópia de cortesia e tiveram que adquirir os DVDs.

A insistência dos diretores para que Bernardo fosse para as categorias de base do São Paulo alongou-se por mais de uma semana. Enfim, Marquinhos e Helena concordaram em tirar o filho do Juventus. Para Marquinhos, a diretoria do Botafogo atrapalha a inserção nos clubes e o desenvolvimento da carreira dos garotos, pois os diretores do Botafogo estão mais preocupados com o futebol de várzea e a Copa Kaiser: “É raridade os caras aparecerem na beira do campo”. E complementou: “Eu conheço um monte de moleque aí que começou de criança no Botafogo. Hoje em dia, tem 18, 19 anos, jogou a infância inteira lá, e os caras nunca levaram num clube para fazer teste”. Em sua opinião, outras pessoas deveriam gerenciar a Escolinha do Botafogo; nesse sentido, sugere Leonardo – “ele é um cara que vai aos clubes” – ou mesmo o treinador Sérgio, pois ambos vivem o dia-a-dia das crianças e jovens e acompanham os treinos.

“Você vai catar uma pessoa que nem na beira do campo vai e vai pôr para tomar conta da base? Não tem como. Tem que ser um cara que nem o Leonardo. Ele tem facilidade de pegar o moleque e levar nos clubes. O resto dos caras, ninguém tem isso. Se for para ele arrumar parceria, ele arruma” (Marquinhos, pai de Bernardo).

Quando Bernardo estava no Juventus, os diretores ligaram para o clube para avisar que o garoto era jogador do Botafogo:

Teve um dia que eles vieram, à noite, aqui. Veio o Itamar, o Edson, o Adonias e o vice-presidente Luiz Claudio. Vieram aqui querer fazer pressão quando o moleque foi para o Juventus. “Não, porque não pode, porque é nosso jogador, que nós vamos ter que conversar”. “Mas vocês me ajudaram no quê?”. Vieram à noite aqui. Chegaram umas nove da noite. Juro por Deus. Vieram aqui, querendo fazer pressão quando o Bernardo foi para o Juventus. “Não, o moleque é nosso jogador”. Falei, “Mas que jogador seu o quê?”. Os caras pensam que você vai para um clube, já vai ganhar alguma coisa. Você não ganha nada, não. Não é assim. Você vai ganhar depois se você virar jogador, senão não. Eles queriam que eu assinasse alguma coisa com eles. Falei, “Não preciso dessas coisas aí não”. Eu mesmo sou um cara de palavra. Vou falar para você. Ó, vamos supor, se amanhã ou depois o Bernardo virar

Portuguesa, entre outros. Ao longo da carreira, Régis Pitbull teve problemas com doping devido ao uso de drogas. Recentemente, passou por clínicas de reabilitação para se recuperar da adição ao crack.

jogador, os caras merecendo ou não, vou ajudar o Botafogo. É sério mesmo. Tenho opinião. Sabe por causa do quê? Eu não penso só em mim, eu penso nos outros moleques. Sabe? Mas só que se eu fosse fazer os baratos, eu ia fazer os baratos para ajudar a criançada, não para os caras meterem dinheiro no bolso, sabe? Os caras vieram aqui querendo fazer pressão, falei, “Não é assim, não. O filho é meu. Vocês estão enganados”. Juro por Deus. Veio o Severo, o Adonias, Luiz Claudio, o Itamar e o Edson. Vieram aqui. Estava aqui, à noite, chegaram aí. Falei, “não, não é assim, não. O moleque só foi para o Juventus, só. Não tem nada... Dinheiro? Não tem nada, não”. Para começar, criança nem dinheiro ganha. “Você vai catar uma pessoa que nem na beira do campo vai e vai pôr para tomar conta da base? Não tem como. Tem que ser um cara que nem o Leonardo. Ele tem facilidade de pegar o moleque e levar nos clubes. O resto dos caras, ninguém tem isso. Se for para ele arrumar parceria, ele arruma” (Marquinhos, pai de Bernardo).

Apesar das várias críticas à diretoria, a decisão de continuar jogando na Escolinha do Botafogo foi de Bernardo: “Ele gosta do Botafogo. Sério mesmo. Você pode chamar o time que for, ele não vai. (...) E os caras ficavam fazendo pressão antigamente, falando que ele estava ‘mala’ no São Paulo. Às vezes, eu falava para ele não ir no jogo, mas ele ia. Ele vinha lá do São Paulo, cansado, e ia jogar ainda”. Após muita insistência dos diretores botafoguenses, a família de Bernardo tirou o menino do C.A. Juventus e o colocou para treinar no Centro de Treinamento do São Paulo F.C., em Cotia, município próximo a São Paulo. Bernardo treinou e jogou nas categorias de base durante três anos e meio. Bernardo treinava todos os dias, durante a semana, no período da tarde. Em alguns finais de semana se apresentava para partidas amistosas e de campeonatos. Entretanto, Marquinhos teve dificuldade para pagar os custos do longo deslocamento para Cotia.³³³ Todo dia, além das quatro passagens de trem, ida e volta, pai e filho gastavam ainda com quatro passagens de ônibus intermunicipal.

Consultou a diretoria do Botafogo, porém não recebeu oferta de ajuda: “Uma vez eu fui falar com o Itamar. Ele falou assim: ‘Ah, vai de trem’. Falou desse jeito, é sério. (...) Falei: ‘Está bem, vou de trem’. Ele mandou ir de trem: ‘Não, vai de trem. Nós não podemos fazer nada, não’. E depois fica falando que é jogador dele”. Severo Ramos, diretor das categorias de base do Botafogo de Guaianases e assessor do vereador Senival Moura (PT), contou a história do jovem para o ainda empresário Luiz Moura e mostrou a reportagem do Sportv Repórter. Luiz Moura fez uma visita à casa da família de Bernardo e disse que ajudaria no que fosse necessário. Segundo Marquinhos,

³³³ De carro, sem trânsito, demorei 1h30 para percorrer os mais de 70km que separam o CEU Jambeiro do CT de Cotia.

“Desse dia que nós pegamos amizade. Começou a nos ajudar e nós trabalhamos na campanha dele. Aonde ele fosse fazer campanha, nós íamos junto, falávamos que ele ajudava o Bernardo. Minha mulher ia no palco, agradecia a ele. Ajudamos bastante também”. Marquinhos e Helena procuraram retribuir de inúmeras formas, durante a campanha de Luiz Moura (PT) em 2010, a ajuda que ele ofereceu a Bernardo (e que ainda oferece). Realizaram algumas plenárias na vila onde moram, momentos para Luiz Moura expor seus projetos; organizou campeonatos com o nome do deputado, inclusive com a presença dele nos dias de entrega dos troféus. “Ele nos ajudou e nós ajudamos ele também. Ele falou que quer ser empresário do Bernardo. Falou que não era para esquentar a cabeça, que quando ele fizesse 16 anos, ia levar ele para o Corinthians. Mas que era para deixar ele no Botafogo agora”, afirma Marquinhos.

Mesmo após a saída do São Paulo, segundo o pai, Luiz Moura endereça todo mês uma ajuda de custo para Bernardo. Além de ajudar Bernardo, Luiz Moura arranhou um emprego para Marquinhos. Primeiro, um trabalho como segurança noturno das obras de construção de um dos vários postos de gasolina que Luiz Moura possui na cidade. Depois de concluídas as obras, o deputado chamou Marquinhos para trabalhar como frentista no posto: “Ele falou para mim que, depois que eu aprender, ele vai me colocar de gerente”. Frente aos inúmeros roubos e assaltos na região, bem como possíveis golpes de funcionários, Luiz Moura pediu a Marquinhos que não folgasse nos primeiros meses de trabalho: “Ele falou para mim que eu sou o homem de confiança dele. Eu posso ligar para ele a hora que eu quiser. Vou falar para você, ele é um cara legal mesmo. Sabe um cara que ajuda mesmo as pessoas?”.

Outro “homem de confiança” do deputado estadual Luiz Moura (PT), Severo todos os dias levava Bernardo e outros garotos da Zona Leste ao CT de Cotia. “Vou falar para você, é longe. Melhorou um pouco para nós depois que fizeram o Rodoanel. Nós chegávamos aqui em casa 22h, 23h da noite todo dia”, relata Marquinhos. Severo buscava os garotos em suas casas ou em determinados pontos da Zona Leste da cidade, conforme descreve Marquinhos: “O Severo passava aqui; nós pegávamos o Lucas aqui na avenida; o Salatiel nós íamos buscar em São Mateus; (...) Kainan mora em Poá, aí nos esperávamos ele do outro lado, na estação Guaianases”.³³⁴ Para isso, contava com um auxílio mensal do deputado Luiz Moura. Embora Severo se apresente como

³³⁴ Lucas e Salatiel não jogavam no Botafogo de Guaianases. Como moravam no bairro ou próximo a Guaianases, Zé Silva, treinador das categorias de base do São Paulo, pediu a Severo que desse carona para os garotos.

empresário de futebol para pais e mães de jovens futebolistas, como pude presenciar em alguns momentos, o investidor “Quem banca os moleques para ir para o São Paulo é o Luiz Moura. O Severo trabalha para os dois, para o Senival e para o Luiz Moura”, afirma Marquinhos. Na casa da família de Bernardo predominam as fotos da época do São Paulo e as imagens em que aparece ao lado do deputado.

Marquinhos, pai de Bernardo [97], expõe seus vínculos com políticos locais (Fotos: Enrico Spaggiari).

Durante mais de dois anos, Marquinhos ia todo dia junto com Bernardo ao CT de Cotia. Parou de acompanhar o filho quando um novo menino do Botafogo, Djalma, foi selecionado pelos treinadores do São Paulo e passou a ocupar a vaga de Marquinhos no carro de Severo. No CT de Cotia, Marquinhos ficava com os demais familiares em um quiosque, distante dos campos de treinamento. Proibidos de assistir aos treinos, os pais e mães conversam, trocam informações e fazem amizade enquanto aguardam o fim das atividades. “Pai é maior barato. Você conhece tanto pai, só que depois você pega amizade, os caras dispensam o filho do cara, aí vem outro, você conversa... Vai mudando, sabe? Nunca são as mesmas pessoas”. Toda sexta-feira a turma do “quiosque dos pais” alugava uma quadra e fazia um churrasco enquanto os garotos treinavam.

Marquinhos: Era legal, os caras tudo humilde. Jogamos com o Doriva, Juninho Paulista, com o Índio...

Pesquisador: O Índio, lateral-direito que jogou no Corinthians?

Marquinhos: É, lateral-direito. O filho dele foi dispensado. O filho dele era bom. Ele tem dois filhos que treinam lá, os dois são bons.

P: Você ficava lá também?

Marquinhos: Ficava brincando com os moleques, jogando também. Nós jogando na quadra, eles na outra lá. Aquele monte de moleque...

Selecionado com 11 anos, Bernardo se destacou no primeiro ano nas categorias de base do São Paulo. Habilidoso, rápido e esperto; assim é definido por Sérgio, professor da Escolinha do Botafogo. Porém, o rendimento caiu gradativamente nos anos seguintes. Após três anos e meio de clube, Bernardo foi dispensado. Em casa, a família recebeu a ligação de Geraldo, coordenador das categorias de base, que não explicou os motivos, apenas avisou sobre a dispensa e que Bernardo não treinaria no CT de Cotia a partir da segunda-feira seguinte. Marquinhos relata emocionado o momento da ligação:

Juro por deus, eu agradei. Se é outro pai, xinga ele. Eu não xinguei. Agradei, falei: “Obrigado pelos tempos que o moleque ficou aí”. Juro por Deus, não xinguei, não. Ele [Bernardo] chorou, ficou chateado... Falei, “Tá bom, acontece...”. Só que às vezes eu já ia preparando ele, falando, “Talvez, pode acontecer”. Sempre falava isso para ele. Ficou chateado para caramba. Às vezes, não é tanto por estar lá; é mais pela amizade que faz, sabe? (...) Quase que nem uma família lá... *Tinha uns moleques que era que nem irmão lá dentro do São Paulo.*³³⁵

³³⁵ Nota-se a sugestão de fraternidade apreendida nesta e em outras trajetórias. O melhor amigo de Bernardo no CT de Cotia era Salatíel, garoto de São Mateus, Zona Leste da cidade. O pai trabalha com consertos de ar-condicionado. Certo dia, fez um serviço na casa de um diretor do São Paulo F.C.,

Pouco tempo depois, em conversa com Severo, Marquinhos soube que seu filho fora dispensado por apresentar um porte físico aquém do esperado para os 14 anos, o que era possível visualizar na própria equipe sub14 do Botafogo. Ele era o segundo jogador mais baixo da equipe. Assim, o rendimento técnico de Bernardo foi eclipsado pelo seu porte físico: “Saiu porque era muito pequeno, franzino, não aguentava as chegadas fortes dos zagueiros”, comentou Sérgio. Zé Silva, um dos treinadores no CT de Cotia, afirmou que Bernardo teria que possuir uma qualidade técnica muito acima dos demais para continuar no clube. Para Zé Silva, é um bom jogador, mas está na média dos jovens que jogam nas categorias de base do São Paulo. Afirmar ainda que não adianta apenas fazer uma dieta alimentar para ganhar massa muscular. É preciso uma estatura mais elevada. Marquinhos, pai de Bernardo, ficou indignado com a justificativa dada. Para ele, os preparadores do São Paulo não foram pacientes com Bernardo: “Ele ainda é novo, vai crescer. Eu sou alto, o irmão é alto”.³³⁶

Mas, de forma geral, Marquinhos aprova a experiência vivida pelo filho nas categorias de base do São Paulo, “ele aprendeu muito”, embora critique o fato dos treinadores terem utilizado Bernardo em outra posição. “A única coisa que eu não gostei muito aí do São Paulo, [foi que] os caras mudaram ele de posição. Ele não teve oportunidade dele jogar na posição dele. Ele jogou lá no São Paulo umas duas ou três vezes de meia-esquerda. Só. No resto, os caras puseram ele para jogar de lateral-esquerdo”, afirma Marquinhos. Marquinhos elogia também o sistema de trabalho do clube na parte educacional. Os boletins escolares são conferidos a cada três meses e funcionários do clube ligam para a escola para ter informações sobre o comportamento

comentou sobre o filho que já estava treinando nas categorias de base do São Paulo e o dono da casa prometeu que iria ajudar no que fosse possível. “No outro dia, ele já estava com a faixa de capitão. Tem coisa que parece que é coisa de Deus, sem brincadeira. Você acredita? E ele não é ruim, não. Ele é humilde, eu gosto dele pra caramba. O cara falou que ia ajudar ele e ajudou mesmo”, relata Marquinhos. O pai de Bernardo comentou, ainda, sobre o caso de um garoto que abandonou as categorias de base do São Paulo após a dispensa do amigo. “Mandaram o colega dele embora, desistiu do São Paulo. Saiu, não quis voltar mais. Os caras ligaram para casa dele. O moleque não voltou. Não quis ficar não”.

³³⁶ Como é possível ver na ainda incipiente trajetória de Bernardo, os jovens futebolistas podem ser alijados da carreira por ainda não terem amadurecido fisicamente conforme o esperado pelos avaliadores nos processos de seleção. De outro lado, portes físicos desenvolvidos precocemente podem ser tomados como sinônimo de talento nas primeiras etapas das categorias de base, e o jogador não conseguir corresponder às expectativas quando as condições e portes físicos ficam mais equilibrados a partir dos 15 anos. Além disso, as categorias do campeonato agrupam jogadores nascidos em dois anos consecutivos. Os jogadores mais velhos podem apresentar vantagens físicas sobre aqueles nascidos no ano posterior. Assim, essa separação pode criar uma diferença física de vinte e três meses (quase dois anos). Por exemplo: um jovem nascido em janeiro de 1998 joga junto ou contra outro jovem nascido em dezembro de 1999. Aqueles que nasceram posteriormente poderão ter mais dificuldades. Portanto, a idade e período do ano de nascimento influenciam no processo de formação e seleção de jogadores.

dos garotos. Alunos com péssimo desempenho escolar são dispensados, confirmou Marquinhos. Risco que Bernardo, por ser bom aluno e ter notas boas, nunca viveu.³³⁷

Dispensado do São Paulo, Bernardo voltou à Escolinha do Botafogo, onde permaneceu atuando nas equipes de competição de forma ininterrupta. Neste mesmo período, orientado pelo diretor Severo, Marquinhos sugeriu ao filho que evitasse participar de peneiras e avaliações nos próximos meses, concentrando os investimentos familiares no tratamento hormonal indicado por uma endocrinologista. A orientação de Severo foi a última participação expressiva do diretor e assessor político na trajetória de Bernardo. Após a dispensa do São Paulo, Severo sumiu: não telefonava ou entrava em contato para saber como estava Bernardo, tampouco fazia as visitas rotineiras que incluíam refeições na casa do garoto. Para Marquinhos, ficou claro que já não havia mais nenhum tipo de interesse do diretor no filho, bem como qualquer tipo de afetividade. A partir do momento em que o “dom” já não é mais reconhecido, as relacionais da *família esportiva* se transformam e podem provocar também alterações nas relações da família de origem. O custoso tratamento de Bernardo implicou formas de controle ainda mais premidas do orçamento familiar, gerando embarços financeiros. Porém, uma situação momentânea. Se o assessor Severo afastasse da família, Luiz Moura reforça seus laços ao ajudar, de forma retroativa, a custear o tratamento, ressarcindo assim os gastos dos familiares.

Mais do que investir financeiramente, Luiz Moura aciona outros tipos de engajamento no processo de constituição do jovem futebolista. Após mais de dois anos jogando somente na Escolinha do Botafogo, e com a continuidade do tratamento hormonal, o garoto cresceu. Com 16 anos, Bernardo encorpou, cresceu mais de 10 cm e atingiu 1,70 m de altura. Animado, o pai voltou a aventar a realização de avaliações em clubes. Porém, antes mesmo de qualquer tentativa, recebeu a notícia de que o filho fora aprovado para as categorias de base do Marília A.C., clube do interior de São Paulo. Um pedido de Luiz Moura, mecenas da *família esportiva*, ao superintendente do clube e antigo parceiro de Transcooper.

³³⁷ Durante as finais da Copa Libertadores de 2012, foi divulgado que o ex-jogador Romarinho, do Corinthians, jogou nas categorias de base do São Paulo, porém foi dispensado aos 11 anos por não se dedicar aos estudos. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2012/06/28/falta-de-dedicacao-nos-estudos-fez-corintiano-romarinho-ser-dispensado-da-base-do-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 01/07/2012.

7.2 – A família esportiva de Fabio Augusto

7.2 – A família esportiva de Fabio Augusto:

“Mas deixa Deus trabalhar em tua vida. Não tome o curso você”.

Novo deslocamento pela cidade (e para além dela). Sigo na rodovia Dutra em direção a Arujá para acompanhar o Torneio Brasil-Japão, disputado anualmente no Nippon Country Club. Na portaria, o funcionário deduz que estou ali para o torneio e libera a entrada. Vou direto para o campo de futebol. Ainda falta quase meia-hora para o começo da primeira partida da equipe sub15 do Palmeiras na competição. Porém, algumas pessoas já aguardam sentadas na pequena arquibancada o início do jogo. Percebo que alguns dos ali presentes são pais dos jovens jogadores. Outros são agentes de futebol, munidos com mais de um aparelho de celular, que tocam incessantemente. Dois pais levantam e se dirigem para um pequeno campo de futebol ao lado de onde estávamos. A equipe do Palmeiras iniciara o aquecimento para a partida. Faço o mesmo trajeto. De longe, identifico Fabio Augusto [97] correndo e pulando entre outros vinte jovens fardados de verde.

Não encontrava o jovem desde a final do sub14 no Pacaembu. Em conversas durante os treinos na Escolinha do Botafogo na semana, os pais comentaram que ele não estava mais jogando no Palmeiras. Marquinhos, pai de Bernardo [97], relatou que encontrou Fabio Augusto no domingo anterior andando de bicicleta pelo bairro. Foi quando o jovem comentou que decidira sair do Palmeiras e parar de jogar futebol. Não explicou as razões. Sobre isso, Marquinhos comentara apenas que seu pai, Lauro, estava muito decepcionado e não falava mais com ele. Surpreso com os desdobramentos da trajetória de Fabio Augusto, liguei para retomar o contato. Sabendo que eu tinha o costume de gravar treinos e partidas, e em seguida repassar DVDs com fotos e vídeos para os alunos da escolinha, o jovem logo perguntou se eu poderia filmar as partidas do torneio que ele disputaria na semana seguinte com o sub15 do Palmeiras. Aceitei o convite e não perguntei sobre as histórias que estavam circulando na escolinha. Era melhor conversar pessoalmente e o Torneio Brasil-Japão convinha como lugar para retomar esse contato.

A família de Fabio Augusto mora há quatorze anos no CDHU entre os bairros de Guaianases e Itaim Paulista, na Zona Leste de São Paulo. Porém, um pouco antes de terem o apartamento, a família vivia um de seus momentos mais difíceis. Pagavam aluguel numa pequena casa na mesma vila. O pai Lauro estava desempregado e fazia alguns bicos como pintor com seu cunhado. Fabio Augusto tinha acabado de nascer.

Incentivado pela esposa, Lauro organizou a documentação e fez a inscrição no programa de habitação do governo. A família foi uma das primeiras sorteadas, segundo Lauro.³³⁸

Criado na quadra poliesportiva do CDHU, baldrame do seu processo de habilitação no futebol, Fabio Augusto iniciou sua trajetória futebolística antes dos 10 anos jogando Pequeninos do Meio Ambiente, clube localizado no bairro Tremembé, Zona Norte da cidade. Apesar de ser longe de onde moram e do seu local de trabalho, o clube tinha sido indicado por amigos do Lauro e posteriormente o filho demonstrou afeição pela entidade.

No Pequeninos do Meio Ambiente eu que levava ele de moto. Nós saíamos daqui às cinco da manhã. Era muito difícil. Foi quando eu cheguei para ele falei assim: “Olha, eu não tenho condições mais”. Da última vez que eu fui de moto com ele, ele estava se segurando na minha cintura e os braços se soltando. Porque ele dormia. Então, quer dizer, era muito perigoso. Foi quando eu falei para minha esposa, “Não dá mais para levar o Augusto de moto”. Na época não tinha carro. E eu falei para eles, “Se vocês se propor a ajudar o meu filho a pegar uma condução e vocês buscarem...”. Eu não ia deixar ir na condução sozinho (Lauro, pai de Fabio Augusto).

Como o Pequeninos do Meio Ambiente não tinha estrutura e condições para dar uma ajuda de custo, Lauro tirou o filho do clube e o colocou na Escolinha do Botafogo de Guaianases. O deslocamento era muito mais fácil. Fabio Augusto ia para a Escolinha do Botafogo de bicicleta. Após algumas semanas no Botafogo conseguiu um período de testes no São Paulo. Durante um mês, sempre aos sábados, treinava em Cotia. Contudo, não foi selecionado. Semanas depois, enquanto treinava no Botafogo, Leonardo, olheiro que circula diariamente pelos campos do bairro arranhou um teste no Nacional. Durante um ano e meio, Fabio Augusto conciliou as atividades nas categorias de base do Nacional com os treinos e partidas na Escolinha do Botafogo. Após sair do Nacional, continuou a treinar no Botafogo.

³³⁸ “Foi uma bênção de Deus aquilo. Saímos do aluguel, viemos para cá no piso rústico, sem pintura, sem massa corrida, sem nada; basicamente, tinha acabado de fazer o apartamento e o cara falou assim, “Ó, toma, vai lá pegar a chave”. E passamos bons apuros, porque nós éramos os primeiros a morar aqui. Então, teve invasão, não tinha segurança, não tinha portaria, não tinha nada. CDHU fez os apartamentos, entregou, e aqueles que não tinham condições de pagar aluguel, entrou do jeito que tinha que entrar. Então teve muita invasão na época, estouravam apartamento. E era só eu e eles aqui. Era eu, eles, era nós, eram duas famílias só nesse bloco todo. Duas, três famílias. E com medo, porque os caras estavam invadindo, estavam roubando, roubaram minha Brasília (...) Dá um filme. Se contar, dá um filme...” (Lauro, pai de Fabio Augusto).

Em 2011, Fabio Augusto vinha sendo o principal jogador da equipe sub14 do Botafogo, que alcançou a semifinal da Copa Coca-Cola, contra o Liderança F. C. (de Pirituba), clube com tradição no cenário amador infanto-juvenil. Enquanto o Botafogo não conseguia criar oportunidades de marcar gols, a equipe adversária soube aproveitar e venceu a partida por 3x0. Após o terceiro gol, no começo do segundo tempo, Fabio Augusto foi expulso por xingar o juiz. O clima “esquentou”. Sérgio começou a reclamar muito com o assistente que corria ao lado do banco de reservas. Roberto, diretor do Botafogo que atuou como auxiliar de Sérgio durante a Copa-Cola, reclamava de forma ainda mais acintosa. A discussão no banco chegou ao ponto dos responsáveis pela organização do torneio ameaçarem tirar Sérgio e Roberto do banco de reservas. Enquanto isso, Fabio Augusto retornou e sentou no banco. Em meio à confusão, Sérgio se aproximou do jovem e perguntou duas vezes: “Você xingou o juiz?”. Na primeira resposta, Fabio Augusto negou. Na segunda, assumiu que tinha xingado. Sérgio, de forma sóbria, respondeu: “Então, bem feito!”. A grade atrás do banco de reservas estava tomada por familiares dos jovens, em sua maioria, reclamando do desempenho da equipe botafoguense. Sérgio era muito cobrado pelos pais, que pediam alterações na equipe. O atacante Fabio Augusto era o alvo principal, sendo acusado de “fominha” e “problemático”.

Fabio Augusto foi expulso em pelo menos três partidas que assisti. Em uma das partidas, logo após um lance em que reclamou da não marcação de uma falta, ele vociferou: “Vai tomar no cú! É um filho da puta mesmo”. Foi expulso ainda no primeiro tempo. Seu pai, que acompanhava o jogo, quase invadiu o campo para bater no juiz. Nervoso com a expulsão, Lauro acusou o juiz de perseguir seu filho dentro de campo, ameaçando constantemente o jovem. Ao seu lado, a esposa, a filha, Leonardo e vários amigos, que estavam ali somente para acompanhar o desempenho de seu filho, procuraram acalmá-lo. Quando saí do campo para observar o que estava acontecendo, Lauro empurrou um dos mesários da Copa Coca-Cola, que estava ao lado do portão, para tentar entrar em campo. Enquanto era segurado, o jogo foi interrompido. Os dirigentes do Botafogo estavam preocupados, pois o episódio poderia gerar a exclusão da equipe do torneio. A organização fez uma pequena reunião e decidiu dar continuidade à partida. Após cerca de quinze minutos, quando o jogo já estava no intervalo, tentei conversar com o pai de Fabio Augusto. Já mais calmo, aguardava o filho que trocava de roupa no vestiário. Calmo, porém indignado, atacou a organização do campeonato e o nível dos árbitros selecionados: “Faço de tudo para não faltar nada,

para que ele não tenha que se preocupar. Aí vem um safado desse para prejudicar o garoto?”.

Novembro de 2011. A equipe sub14 do Botafogo de Guaianases classificou-se para a final da Taça Cidade de São Paulo, torneio organizado Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME), disputada no Estádio do Pacaembu. A equipe do Pequeninos do Jockey, adversário da final, dominou a partida desde os primeiros minutos. O Botafogo criou apenas duas oportunidades de gol. Antes de terminar o primeiro tempo, o Botafogo já perdia por 2x0. Embora fosse visível a superioridade do Pequeninos, a derrota teve seu “vilão”. Assim que começou o segundo tempo, o Pequeninos fez o terceiro gol. Se antes Fabio Augusto já prendia muito a bola e tentava sempre alguma jogada individual, depois do terceiro gol “ele ficou impossível”, comentou o treinador de goleiros Jaílson enquanto eu filmava. Numa jogada pela lateral, em vez de tocar a bola para o lateral-esquerdo Renato [98], Fabio Augusto deu um chapéu e driblou dois jogadores para em seguida perder a bola. Em outra jogada no meio do campo, tentou dar um “drible da vaca”³³⁹ na linha de fundo, em vez de cruzar para a grande área. Após o juiz marcar uma falta próxima à área, Fabio Augusto pegou a bola para fazer a cobrança. Sérgio mandou o zagueiro Ricardo cobrar a falta; queria um cruzamento para a área. Fabio Augusto não quis repassar a bola, discutiu com Ricardo e só cedeu após a intervenção dos companheiros de time. Sérgio, um dos mais revoltados, falou alto para todos: “Ele não tem jeito, é indisciplinado, só traz problemas”.

Antes de ser “problema”, Fabio Augusto era a “bola da vez” no Botafogo.³⁴⁰ Apesar de ser canhoto, consegue boas finalizações com a perna direita, algo que foi cobrado pelo pai desde cedo. Mas, segundo o agente Leonardo, o garoto ainda não está pronto. Além de aprimorar as habilidades técnicas e táticas, “precisava ter um investimento nele, trabalho para ganhar massa muscular, força, peso, mas isso só é feito nos mais velhos”, afirmou Leonardo. De “bola da vez”, passou a ser o centro de muitas discussões e conflitos dentro do clube de Guaianases. Enquanto pais reclamam dos privilégios que recebe dentro do clube, os professores questionam as atitudes do jovem: “Ele não obedece às regras. É teimoso”, Sérgio resmungou em um treinamento. Lauro, pai de Fabio Augusto, discorda dos comentários dos demais pais, bem como dos

³³⁹ O drible da vaca acontece quando um jogador, em frente ao adversário, passa a bola por um lado e corre pelo outro, superando o oponente.

³⁴⁰ Era o jogador mais valorizado pelos dirigentes e professores, por quem demonstravam maior preocupação e empenho em tornar seu ambiente mais confortável.

professores da escolinha. Para ele, Fabio Augusto não é um jogador-problema, mas sim um jogador impulsivo: “Todo craque é assim, ele tem muita vontade de ganhar, é um moleque competitivo”. Fabio Augusto é comparado a ex-jogadores como Edmundo, Romário e outros tidos como jogadores-problema: indisciplinados, individualistas e incontroláveis.³⁴¹ Por ser driblador e provocador, são comuns as desavenças com adversários não só durante as partidas amistosas e de campeonatos, mas também ao longo dos treinos coletivos, quando desdenhava das reclamações dos demais colegas. Mesmo assim, mantém boas relações com a maioria, principalmente André, Ricardo e Bernardo, que jogam juntos há mais de quatro anos.

Antes mesmo da final, Leonardo já diminuía a frequência de visitas ao Botafogo. Tinha sido avisado pelos dirigentes que não era mais bem-vindo. Semanas antes, já tinha discutido com os dirigentes do Botafogo em um dos vestiários do clube. Pressionado a parar de “convidar” jovens para testes nos clubes (agendados por ele e seu sócio Lúcio), Leonardo ameaçou tirar Fabio Augusto da equipe que disputaria a semifinal da Taça Cidade de São Paulo. Afirmou que tinha um contrato de procuração assinado com a família do Fabio Augusto. A revelação surpreendeu a diretoria do clube, visto que os diretores do Botafogo de Guaianases, sem consultar a família de Fabio Augusto, já tinham acertado um período de testes do jovem no Olé Brasil F. C., de Ribeirão Preto, cujos empresários e olheiros já o acompanhavam há algum tempo.

A família de Fabio Augusto, aconselhada por Leonardo, não permitiu que o garoto viajasse para fazer os testes. De um lado, Leonardo afirmou que o jovem precisa estar próximo da família. Só em último caso valeria à pena ir para clubes em lugares distantes. De outro, os diretores afirmaram que um jovem tem que superar esses vínculos: “Se o garoto não consegue ficar duas semanas longe da família, ele não se tornará jogador”, comentou Sérgio. O próprio jovem não demonstrou muito interesse na oportunidade: “Estou em fase de avaliação no Palmeiras. Por que eu iria? Os caras [diretores do Botafogo] estão doidos”. Situação essa que tornou ainda mais conflituosa a relação entre Leonardo e os diretores do Botafogo: “Eles não têm conhecimentos para

³⁴¹ Para uma compreensão de um quadro disciplinar na esfera futebolística brasileira, conferir a análise de Florenzano (1998) sobre as mudanças no sistema futebolístico e nas ações de seus atores após a Copa de 1966, quando “estava em andamento a construção do modelo ideal do novo atleta profissional, sobre o qual recaíam as exigências da aplicação aos exercícios físicos, da obediência às instruções táticas e da disciplina na conduta de vida, dentre outros traços” (1998, p.48). O autor parte das histórias de vida de Afonsinho e Edmundo, tomadas como exemplos de resistência a este novo modelo (embora por vias bem distintas), caracterizado pelo esforço físico, obediência tática e controle da individualidade.

ajudar esses garotos. Levaram alguns moleques lá, sendo que o Olé Brasil queria só o Fabio. A família do Lauro não quer trabalhar com essa diretoria”, afirmou Leonardo.

A saída conturbada do Botafogo ainda é motivo de mágoa para Fabio Augusto. O jovem continua chateado com o modo como ele e seu pai foram tratados por Sérgio – “um cara que me ajudou muito, era próximo da gente”, comentou o jogador-, embora o treinador tenha tentado retomar o contato. Segundo Fabio Augusto, Sérgio ligou e desmentiu Leonardo; chamou o olheiro de pilantra e reiterou que não falara mal do jovem e de seu pai. No mesmo telefonema, Fabio confirmou que não queria mais jogar pelo Botafogo. Algo que a família lamenta, segundo o pai de Fabio Augusto.³⁴²

Em setembro de 2011, antes de todos estes acontecimentos, Fabio Augusto tinha dado um novo passo para alcançar carreira de jogador profissional. Por intermédio de Lúcio, que mantém contatos com treinadores das categorias de base do Palmeiras, Fabio Augusto passou por uma semana de avaliações no Palmeiras. Aprovado, foi logo incorporado à equipe sub15. Antes dele, outro jovem que jogava pelo Botafogo (e ainda atua esporadicamente, como na final do sub16 no Pacaembu), o atacante Jonas [96], já estava nas categorias de base do Palmeiras, desde 2010 (com 15 anos). Ambos entraram no Palmeiras a partir do contato com os agentes Lúcio e Leonardo.

Após ser aprovado no Palmeiras, os pais do jovem assinaram um contrato de procuração com o empresário de futebol Josias Cardoso, apresentado a eles por Edmílson e Lúcio. “Através deles é que tive oportunidade de conhecer o Josias, que hoje está dando todo o suporte para o Augusto. Material esportivo, ajuda de custo; tudo o que o Augusto precisar”, afirma Lauro. Fabio Augusto iniciou seus treinamentos no Palmeiras em novembro de 2011. A rotina é cansativa. Acorda 4h30, mesmo horário que o pai, com quem pega carona até a estação Corinthians-Itaquera da linha vermelha do metrô. Desce na estação Palmeiras-Barra Funda e vai a pé ao alojamento do Palmeiras na sede do clube. Uma van leva parte dos garotos das categorias de base à Escola Estadual Canuto do Val. Até 2011, Fabio Augusto estudava em uma escola estadual de Guaianases, porém saía 12h30 e “às vezes nem almoçava direito, saía correndo para pegar o ônibus”, comentou seu pai. Na escola, Fabio Augusto tem contato com vários outros garotos e não só com os demais jogadores do Palmeiras. A van busca

³⁴² “Eu fico triste, porque nós defendíamos o Botafogo, o Augusto é Botafogo, nós somos da comunidade. E todo mundo que pegar o vídeo para assistir o jogo viu que o Augusto tentou mostrar o melhor; não quis mostrar o individualismo. E nos jogos anteriores que classificou, que decidiu, às vezes até por um gol dele? Então, quer dizer, o Augusto jogava para o Botafogo. Não jogava para o Augusto” (Lauro, pai de Fabio Augusto).

os jovens na escola e retorna para o alojamento, onde almoçam e se preparam para o treinamento no período da tarde. Após o treinamento, realizado no CT das categorias de base do Palmeiras, em Guarulhos, o ônibus que transporta a equipe sub15, a pedido de Fabio Augusto, faz uma rápida parada num posto de gasolina no Itaim Paulista, de onde o jovem pega uma lotação para casa. Parada que facilitou e agilizou o dia a dia do futebolista. Até 2011, Fabio Augusto retornava com toda a delegação para a sede do Palmeiras em Perdizes, jantava no refeitório com os demais jogadores e pegava o metrô na estação Palmeiras-Barra Funda por volta das 18h30, horário ingrato para tomar a linha vermelha do metrô em direção à Zona Leste da cidade. Embora goste do refeitório do Palmeiras, onde é possível comer de maneira saudável e ajustada para os jovens futebolistas, Fabio Augusto prefere as refeições feitas em casa: “A comida da minha mãe tem um sabor diferente, um gosto especial”. Assim, a casa permanece como referência de alimentação.

O jovem iniciou os treinamentos no clube como atacante e recuou para a meia-esquerda em alguns treinos, mesmas posições em que jogava no Botafogo de Guaianases: “Como eu jogava no Botafogo, era difícil fazer um bom físico, não tinha aquele preparo físico para jogar ali no meio, para tá indo e voltando. Aí ele me colocou de volante”. Fabio Augusto atuou como volante titular, inclusive como capitão do time em dois jogos. Porém, as categorias de base do Palmeiras passaram por uma reestruturação interna, recursiva nos clubes de futebol. Por causa dos maus resultados, o treinador do Palmeiras foi demitido e substituído pelo técnico da categoria anterior. “Então foi subindo. O que era do sub17 subiu para o B, o que era do sub15 subiu para o sub17, e o do sub14 subiu para o sub15”, relatou o jovem. O novo treinador, Palhinha, após o primeiro dia de observações e avaliações, conversou com o jovem de Guaianases e avisou que o mudaria de posição: “Ele falou assim: ‘Lauro, comigo você é zagueiro’”. Na mesma semana, a comissão técnica passou a orientar Fabio Augusto sobre as funções táticas, posicionamentos e fundamentos específicos dos zagueiros. Com poucos dias de treinamento na nova posição, Lauro foi convocado para a equipe que disputou a Copa Votorantim, na cidade homônima, no estado de São Paulo, em janeiro. Iniciou o torneio no banco de reservas, porém, atuou como titular em alguns jogos, conseguiu se destacar e foi eleito para a “seleção das estrelas do torneio”. Após a Copa Votorantim, durante o mês de fevereiro, Fabio Augusto começou a atuar em várias posições na equipe: zagueiro, volante, lateral-esquerdo. “Ele começou a me chamar de coringa”.

Em março, nova reformulação na comissão técnica e Fabio foi apresentado ao novo técnico como o ‘coringa’ da equipe. A chegada do treinador coincidiu com o período em que Fabio Augusto decidiu parar de jogar futebol.³⁴³ A decisão de parar surpreendeu a própria família de Fabio Augusto. A família do jovem passou a receber visitas todos os dias naquela semana. Além dos familiares próximos, os agentes de futebol ligados a ele se revezavam nas conversas com o jovem. Leonardo e Lúcio tentavam convencer Lauro a voltar ao Palmeiras. Fabio Augusto demorou a contar os motivos que o levaram a abandonar os treinamentos. Somente após as primeiras conversas, e aos poucos, o jovem comentou sobre a influência da sua igreja evangélica na sua decisão, o que foi confirmado pelo pai de Fabio Augusto: “Ele é recém-convertido. Então tudo que você plantar no recém-convertido ele vai abraçar”. Em 2011, não só Fabio Augusto, mas como os demais membros da família, passaram a se dedicar intensamente à vida religiosa que a mãe do jovem pregava. Evangélica há mais de 15 anos, Ana sempre foi a mais religiosa da casa. Antes, frequentava a Assembleia do Brás, agora, a Igreja Templo Pentecostal Agir de Deus. Um ministério novo, que completou um ano em abril de 2012. “Tem o missionário, tem o presbítero, eu sou a terceira. Após ele sou eu. E estamos aí na luta, ganhando almas. Plantamos muito. Agora estamos colhendo as coisas boas”. Fabio Augusto tem tido um papel fundamental na reconversão de jovens,³⁴⁴ como é possível perceber no diálogo do jovem com a mãe:

Ana: Filho, com quantos jovens nós estamos?

Fabio Augusto: Acho que vinte. Chegou aos vinte já. Vinte e um com um daqueles que eu levei ontem lá na igreja. Um mês atrás, dois meses, tinha só dois jovens.

Ana: E Deus já falou que a nossa igreja vai ser um ensino para jovens. E nós estamos aí. Nós vamos nos aprofundar na palavra do Senhor, para gente doutrinar eles e ensinar a palavra, o caminho...

A religiosidade, segundo Ana, mudou o comportamento do seu filho. “Ele é muito cativante, as pessoas falam que ele tem uma educação. Tem, assim, o nervosismo dele, esse momento de explosão que é assim como o pai, né? Eu já sou mais serena, eu já sou mais assim de conversar, apaziguar”. O “jogador-problema” criticado na época do Botafogo está, segundo a mãe, passando por um processo de amadurecimento. Para

³⁴³ “(...) eu cheguei nele e falei pra ele que eu ia parar. Falei: “Não, vou parar, não sei o quê...”. Ele falou assim: “Fabio, não tem nada que eu possa fazer para você continuar?”. Eu falava: “Já está decidido. Não, não tem como. Não quero mais. Não, só queria que o senhor me entendesse, mas acho que o futebol não vai dar para mim”. (Fabio Augusto [97]).

³⁴⁴ Quando não tem treinos e partidas agendadas pelo Palmeiras, Fabio Augusto e outros jovens da igreja fazem vigília aos finais de semana, orando juntos durante toda a madrugada.

Lauro, o filho está provando que as críticas que recebeu no Botafogo foram injustas. “Falaram que ele não era de grupo, falaram que ele era individualista, falaram que ele usava o Botafogo para se autopromover”.

Embora demonstre admiração pela dedicação religiosa do filho, Lauro ficou bravo e desapontado com a decisão de abandonar as categorias de base do Palmeiras. Relatou, inclusive, que “explodiu” quando soube: gritou com o filho, quebrou objetos e rasgou fotos do jovem nos diversos clubes em que jogou. Pai e filho não se falaram por dias. Depois, mais calmo, Lauro procurou expor ao filho que a convicção religiosa não ia contra a prática do futebol.

Falei assim: ‘Pô, então o inimigo soltou isso, você vai desistir no meio do caminho?’ ‘O adversário colocou nos seus olhos uma coisa que não é de Deus e você abraçou. Mas e a sua garra? A sua perseverança? O seu dom, o talento que Deus te deu, tu vai jogar no lixo?’ Então nós deixamos para ele: ‘se for de Deus, tu vai ficar. Se for de Deus, tu vai sair. Mas deixa Deus trabalhar em tua vida. Não tome o curso você’. ‘Eu vou pegar, eu vou sair’. Não. Quando você entrou foi Deus que te colocou? Então Deus te tira’ (Lauro, pai de Fabio Augusto).

Se o pai ficou indignado e bravo com a decisão do filho, a mãe optou por não interferir na escolha do jovem, tal como fizera anos antes. Quando Fabio Augusto decidiu, ainda bem novo, tentar a carreira de jogador de futebol, Ana foi contra. Depois percebeu que estava errada. Para ela, somente Deus pode indicar o caminho nesses momentos de escolhas. Por isso, decidiu apoiar qualquer que fosse a decisão do filho: continuar nas categorias de base do Palmeiras ou abandonar de forma precoce a carreira. “Falei: ‘filho, não adianta eu falar, quem vai te dar uma resposta é Deus. Se for da vontade de Deus você ser o que você é, você vai ser. Se não for, você vai continuar sendo meu filho e eu sua mãe’”.

As longas conversas com familiares, amigos, agentes de futebol e membros da igreja fizeram Fabio Augusto reavaliar sua decisão. O retorno não foi fácil, pois ficou afastado dos treinamentos por mais de uma semana. Fabio Augusto voltou quando faltavam três dias para o Torneio Brasil-Japão e teve uma longa conversa com o treinador da equipe sub15 do Palmeiras: “Ele pegou e falou assim: ‘não é justo eu te levar. Mas eu só vou te levar porque eu gosto do seu futebol, eu gosto do jogador e do caráter. Você foi homem de chegar em mim e falou que ia parar. E você foi homem de voltar, conversar comigo e voltar para cá’”.

7.3 – A família esportiva de André

7.3 – A família esportiva de André

“Meu filho é homem, já é homem faz tempo”

André [97] nasceu e mora na Vila Aurora, de Guaianases, em uma humilde casa escondida no morro Jardim Moreno, fim da av. Nova Radial Leste. Sempre estudou no Colégio Major Cosme de Faria, apesar de morar ao lado do CEU Jambeiro, primeira unidade educacional do tipo (inaugurada pela então prefeita Marta Suplicy em 2002) e considerada a melhor escola do bairro.

Com 7 anos começou a jogar na Escolinha do Botafogo de Guaianases, levado por uma prima mais velha, que foi a primeira a reconhecer o talento de André para a prática. É um dos alunos mais antigos da Escolinha do Botafogo e treinou com a maioria dos professores: começou com Chico, passou pela turma do Garrincha, pela equipe do Neno, até enfim ser incorporado às equipes de competição comandadas por Sérgio. Segundo Fátima, mãe de André, a escolinha era no início um espaço de diversão para o filho em uma região que oferece poucas opções de lazer. André era apenas mais uma entre as mais de quinhentas crianças que todo ano se inscrevem na escolinha, ainda nem todas frequentem de forma regular, abandonando as atividades ao longo do ano. Mas, em pouco tempo, tornou-se um dos melhores alunos da escolinha e era sempre escolhido para jogar na equipe de competição da sua faixa etária como volante ou lateral-direito, posição esta em que prefere atuar. Quando entrou na escolinha, a divisão era por coletes preto, laranja e vermelho. Os melhores ficavam com os coletes preto e vermelho; os de colete laranja “estavam na escolinha mais por lazer”. André começou utilizando o colete laranja: “fui evoluindo, depois passei para o preto e depois para o vermelho”. Para “evoluir”, André afirma ter treinado muito na escolinha e corrido muito na rua para apurar seu rendimento físico. A prática futebolística em outros espaços também foi importante; jogava futebol de salão na escola e nas quadras do bairro, mas sempre preferiu futebol de campo. Desde criança, participa de inúmeras competições: Copa Danone, Copa Coca-Cola e Taça Cidade de São Paulo. André é um dos jogadores favoritos do professor Sérgio, considerado, pela maioria, um comandante autoritário, exigente e rígido. André tinha então alguns privilégios, como não pagar a mensalidade de R\$ 10 para ajudar nas despesas da escolinha.

Aos 12 anos, o garoto corinthiano, filho de pai e mãe são-paulinos, treinou durante três meses no Corinthians, na sede principal do clube, no Parque São Jorge. Dispensado, retornou para o Botafogo de Guaianases, que tinha recentemente assinado

uma parceria com o São Paulo F.C. Em 2009, André passou por um curto período de avaliações no CT de Cotia, porém foi novamente dispensado. Continuou a treinar no Botafogo enquanto realizava outras avaliações e peneiras pela cidade.

Em 2010, junto com outros garotos de Guaianases, André foi conduzido pelo agente Leonardo a avaliações no Nacional A.C., do bairro Barra Funda. Selecionado pelo clube, o jovem passou a vivenciar uma nova rotina de deslocamentos pela cidade: estudava de manhã em Guaianases e depois do almoço pegava o trem da CPTM para ir aos treinos com Fabio Augusto [97] e Ricardo [97], que também jogavam no Botafogo. Fátima, acompanhada da mãe de Fabio Augusto, marcava presença em todos os jogos do Nacional nos torneios em São Paulo. Nesse período, mãe e filho intensificaram a relação com o agente Leonardo, responsável por administrar a participação dos garotos de Guaianases no clube da Barra Funda. André permaneceu no Nacional por um ano: “É igual ou pior que um time de várzea. Tem escolinha, time de competição, e nem pagavam direito [a ajuda de custo]”. A insatisfação com o clube germinou desentendimentos entre Fátima e o agente Leonardo sobre o melhor encaminhamento do projeto futebolístico, provocando, consequentemente, a saída de André da agremiação.

Fátima é a mãe mais conhecida dentro os familiares dos alunos da escolinha. Sempre alocados ao lado do campo, pais e mães acompanham a participação dos filhos. Munidos de garrafas de água, incentivam e aconselham, mas também dão pequenas broncas. Frequentadora assídua, Fátima participa ativamente dos treinos e partidas: incentiva, grita, xinga adversários e árbitros etc. Referência para os demais pais e mães, é sempre consultada sobre horários das atividades, locais de jogos, nomes de diretores etc. Ela frequenta o campo da “equipe de competição”, assinalado pelo encontro mais assíduo de pais e mães, com a formação de repetitivas rodas de conversa masculina. Ainda que muitos dos temas ali debatidos interessem às mães dos futebolistas, como desenvolvimento dos projetos familiares, sugestões e agendas de partidas e avaliações, poucas mulheres se arriscavam a participar de conversas marcadas por expressões e comentários jocosos e ofensivos. Estimulada a acompanhar as rodas de mães, Fátima, por seu lado, preferia privilegiava o diálogo com os pais. Ela afirma que, inicialmente, se sentia deslocada, “fora de lugar” frente à maioria de homens que acompanha os filhos nas partidas e campeonatos. Depois, já acostumada ao ambiente, procurava participar da roda dos pais, inclusive pautando a conversa, criticando terceiros, dando sugestões aos pais recém-chegados. Os pais, principalmente os que já estavam ali há mais tempo, faziam questão de incluir Fátima na roda. Segundo Marquinhos, pai de Bernado [97], e

Túlio, pai de Antônio [97], ela é como um deles: dedicada ao filho, persistente, sonhadora, incansável, correta e carinhosa.³⁴⁵ Ao mesmo tempo, Marquinhos e Túlio lembram que Fátima se diferencia das outras mães por ter uma performance mais vibrante, participativa, de reclamar e xingar os árbitros o jogo inteiro. “Ela faz coisas que nós fazemos, até pior que a gente. Ela é mais brava que muito pai aqui...”, diz Túlio. Fátima é, portanto, incorporada ao grupo dos homens pelo fato destes associarem valores relacionados à esfera familiar e ao esforço e dedicação aos filhos a certos aspectos tidos como masculinos e intrínsecos ao projeto futebolístico.

Atributos masculinos que Fátima fazia questão de reforçar em certos momentos, não somente frente a adversários ou árbitros, mas também nas relações com os demais pais e treinadores da escolinha. “Ela não baixa a bola para ninguém”, afirmou certa vez o treinador Sérgio, ao comentar a discussão de Fátima com o agente de futebol Leonardo em uma dessas rodas de conversa, na semana seguinte às finais do Taça Cidade 2011, quando o clima no campo do Botafogo ficou tenso.

Em outros momentos, Fátima valia-se de uma ideia específica de feminilidade para reforçar sua condição de mulher e mãe mais atuante naquele grupo de pais de futebolistas e assim obter alguns privilégios. Quando o treinador Sérgio informou que o clube não tinha mais condições de pagar à lavadeira o valor sempre combinado e perguntou se alguém teria interesse em lavar os coletes de treino e uniformes de jogo das equipes da Escolinha do Botafogo por um valor reduzido, alguns pais logo se ofereceram, garantindo que suas respectivas esposas teriam tempo e capacidade de fazer o serviço no prazo estipulado. Fátima questionou por que os pais teriam a preferência, se ela era a única mãe-mulher ali presente, e, portanto, a mais indicada para o trabalho. Assim, tanto Fátima quanto os pais atribuem um gênero à atividade de lavagem do fardamento, posicionamento e envolvimento que garantem à Fátima uma renda-extra.

Se, por um lado, a mãe de André está sempre presente, por outro, o pai não acompanha “à beira do campo” os desdobramentos da carreira de André. Nunca o encontrei na escolinha durante a semana, tampouco nas partidas aos finais de semana, inclusive na final que André disputou com equipe sub14 no Pacaembu. Fátima explicou que a profissão do marido como eletricitista exige que ele trabalhe aos sábados e em

³⁴⁵ A metáfora da masculinidade reafirma, nesse caso, configurações identitárias ligadas à dimensão familiar que não se alinham à masculinidade hegemônica (Almeida, 1995). Ainda que no universo do futebol varzeano a masculinidade seja associada à força física, virilidade, agressividade, e também à humildade, respeito, lealdade etc., no espaço da escolinha, ambos pais e mães são associados à esfera familiar.

alguns domingos. André lembra do pai ter ido à escolinha uma ou duas vezes, em alguma final de campeonato. “Meu pai trabalha direto. Mas minha mãe sempre correu comigo, desde os 7 anos, faça sol, chuva, frio”. Qualquer decisão ou informação, André consultava a mãe. Deslocamentos aos jogos, conhecer um treinador de clube ou agente de futebol, compra de material esportivo: todos os passos são regulados e mediados por Fátima, principal ponto de apoio do jovem futebolista. “Ela fala para estudar, ser alguém na vida, e nunca desistir. Tem vezes que meu pai me coloca pra baixo com esse negócio de futebol, mas minha mãe sempre me levanta, me dá apoio”. Assim, Fátima é a principal referência no projeto familiar futebolístico. Por administrar as finanças da casa e definir as despesas com o consumo,³⁴⁶ ela afirma conhecer todos os inúmeros “sacrifícios” que a família faz para investir na carreira de André, embora nem sempre seja possível conseguir o necessário. O engajamento de Fátima revela assim a centralidade da figura da mãe na trajetória do filho, algo ainda mais perceptível nos próximos desdobramentos do projeto futebolístico da família.

Após deixar o Nacional, André voltou a participar de forma mais efetiva dos treinamentos da escolinha e campeonatos pelo Botafogo. Em 2011, disputou Copa Coca-Cola e foi vice-campeão da Taça Cidade de São Paulo, atuando no tradicional campo do estádio do Pacaembu. Após firmar a parceria com o clube Olé Brasil, de Ribeirão Preto, a diretoria do Botafogo enviou três garotos para uma primeira avaliação: André, o zagueiro Ricardo [97] e o goleiro Tiago [97]. André ficou uma semana em Ribeirão Preto e foi aprovado na primeira bateria de avaliações. Algum tempo depois, foi chamado para uma nova semana de testes e foi novamente aprovado. Convocado pelo treinador da equipe sub15 para uma partida contra uma equipe de outra cidade. André teve uma boa atuação, sendo uns dos destaques. No Olé Brasil, André teve, pela primeira vez, um contato mais longo com a estrutura de um clube de futebol, bem como a rotina de vigilância e acompanhamento que pode ser comparada aos períodos de

³⁴⁶ Como mostra Almeida (2007), houve uma ampliação da atuação feminina na esfera do consumo, abrangendo também serviços e produtos tidos como masculinos, como contas bancárias e automóveis. Porém, pais e mães procuram compartilhar a responsabilidade pelas compras dos alimentos, roupas e equipamentos relacionados ao filho futebolista, bem como pelos cuidados diários da saúde do jovem, que abrange higiene pessoal, atendimentos médicos, massagens etc. Assim, na execução do projeto familiar futebolístico a ideia de um espaço doméstico exclusivamente feminilizado é relativizada, embora este continue em grande parte associado à figura da mulher, geralmente responsável também pelo consumo familiar (Almeida, 2007).

“concentração” do futebol profissional.³⁴⁷ Era a primeira vez que viajava sozinho. Comentou que a experiência de ficar fora de casa no clube, mesmo que por uma semana, longe da família e dos amigos, foi impactante. André relatou aos colegas do Botafogo que ficou alojado num dos prédios do centro de treinamento e dividiu o quarto com outros vários jovens da mesma idade. Naquela semana, sua mãe apareceu no Botafogo apenas um dia, demonstrando apreensão. Estava preocupada, nunca tinha ficado longe do filho por tanto tempo. Mas sabia que aquela experiência era fundamental para a trajetória do filho no futebol: “É o momento de saber quem irá se tornar jogador. Ele ligou e falou que lá tem horário para tudo, deve ser respeitado: para comer, treinar, dormir. Se alguém não entra no esquema de disciplina deles, não fica lá e perde a chance”.

O período de alojamento nas categorias de base do Olé Brasil mudou o modo como André passou a encarar seu projeto futebolístico. Depois de voltar de Ribeirão Preto, procurou se dedicar mais ao treinamentos, dando mais atenção ao condicionamento físico. Aprovado no Olé Brasil, André não quis ficar longe de casa. Sabendo da preferência do jovem em permanecer na capital, o agente Waldir, olheiro do Olé Brasil e de outros clubes, arranhou um teste no Grêmio Esportivo Osasco. Um dia de avaliação foi o suficiente para André ser incorporado à equipe sub15. Em seguida, assinou um contrato de procuração com Waldir, olheiro que também atua como agente de futebol.

Um episódio envolvendo Waldir permite problematizar a posição da mulher no sistema futebolístico em casos como o de Fátima, quando o marido não está inserido de forma ativa no projeto futebolístico familiar. Aprovado e elogiado pelos avaliadores do G.E. Osasco, o jovem foi incorporado à equipe sub15 do clube. Porém, sem recursos para pagar os custos do deslocamento para Osasco, duas passagens de trem e duas passagens de ônibus,³⁴⁸ André pediu uma ajuda de custo. Waldir combinou de encontrar alguns diretores do Botafogo na loja de baterias de carro de Itamar, presidente do Botafogo, para acertar como seria feito o pagamento mensal da referida quantia. Pediu que eles chamassem o pai de André para participar da reunião, cuja presença era “indispensável”. O pai do jovem não compareceu, pois estava trabalhando. Fátima quem

³⁴⁷ Trata-se do período e local em que os jogadores são reunidos antes das partidas. Nestes espaços, os jogadores são vigiados, alimentados com refeições cuidadosamente elaboradas e afastados de certas “tentações mundanas”.

³⁴⁸ Município vizinho a São Paulo, mas distante quase 50 km da casa de André: de carro e sem trânsito, demorei uma hora para chegar da casa do jogador ao clube.

participou da reunião em seu lugar. Surpreso com a presença da mãe do jovem, Waldir comentou: “O seu marido já está chegando? Diante da negativa dela, Waldir retrucou: “O pai do menino não vem? Então terá que ser a senhora mesmo”. O agente repassou as informações que recebeu do Grêmio Osasco: como a família não tinha conta em banco, o jovem ou algum familiar precisava abrir uma conta bancária e informar os dados ao clube. Fátima, no mesmo dia, abriu uma conta corrente da Caixa Econômica Federal em uma casa lotérica ao lado da estação de trem em Guaianases.

Encerrada a pequena reunião, perguntei a Fátima se ela se sentiu discriminada naquele espaço futebolístico dominado por homens. Fátima mencionou o fato de todos ali serem negros, exceto o pesquisador. Quando insisti na pergunta, mas agora destacando sua posição de mulher, Fátima, visivelmente incomodada, respondeu: “Tanto faz, só estou aqui pelo André e o que importa é que meu filho é homem, já é homem faz tempo”.³⁴⁹ Sua resposta enfática parecia querer preservar a masculinidade do filho diante da presença feminina da mãe.

Nas poucas críticas, muito reservadas, que faz a André, Sérgio sempre lembra que a forte ligação do jovem com a mãe poderia atrapalhá-lo na carreira. Diferente de outros garotos da equipe, André estaria, segundo o professor, muito ligado ao universo doméstico e feminino capitaneado por Fátima. Como se faltasse uma figura masculina mais presente para orientar não só a trajetória futebolística do garoto, mas também sua inserção numa vida social masculina adulta. Não à toa, Fátima se preocupa em resguardar e ressaltar a masculinidade do filho, ainda mais por este estar acompanhado de uma mulher num domínio associado ao masculino. Ao mesmo tempo em que Fátima emerge como principal incentivadora da vida futebolística do filho, a forte figura masculina ressoa nas redes de relações locais.³⁵⁰

³⁴⁹ O enfrentamento diário de uma configuração de poder generificada é reduzida diante de uma relação de poder racializada: Fátima vê no futebol o modo mais rápido de um negro ascender socialmente. Relata que sofre preconceito e discriminação por ser negra, principalmente no que diz respeito ao trabalho. Comentou que recebia um salário menor do que uma empregada doméstica branca que trabalhava na mesma casa em um bairro da região central. Embora, como notou Fátima, ser negra não seja um problema nesses espaços futebolísticos, a questão da raça se mostra importante a depender do contexto, principalmente quando articulada a variáveis como gênero e classe. Trata-se de pensar e reconhecer a diferença levando em conta a articulação de marcadores como gênero, sexualidade e raça – aqui pensada também como um encontro marcado por conflitos e contradições. Stolcke (1991) propõe uma articulação de gênero, classe e raça para observar as semelhanças e diferenças na experiência das mulheres, evitando assim operar com uma categoria indiferenciada de “mulheres”. Assim, cada categoria identitária não é pensada de forma isolada, pois não é possível separar a noção de gênero dos cruzamentos políticos e culturais que a produzem e sustentam (Butler, 2003, p. 28).

³⁵⁰ Sempre que perguntava sobre a realização de uma entrevista, Fátima apontava que “seria melhor no próximo domingo”, pois o marido estaria em casa e poderia falar melhor sobre o assunto.

Após a reunião, Waldir, morador da Freguesia do Ó, voltou de carona comigo. Durante o trajeto, comentou que ficou preocupado ao encontrar Fátima. Segundo Waldir, a mãe é uma ótima “entrada” para o estabelecimento dos primeiros contatos e fortalecimento dos laços com os familiares dos jovens; porém, para o agente, não são as interlocutoras mais confiáveis para as negociações que envolvem questões financeiras, pois são imprevisíveis e desconectadas dos procedimentos e convenções que regem o sistema futebolístico. Após os valores serem negociados, o G.E. Osasco passou a depositar uma determinada quantia mensal na conta bancária que Fátima tinha aberto, ajuda de custo que diminuiu consideravelmente após os dois primeiros meses no Osasco, quando André decidiu permanecer no dormitório do clube durante a semana e passar os finais de semana em casa com a mãe e a namorada. Em Osasco, o jovem divide um quarto com quatro camas, televisão e banheiro com colegas de equipe. Mantém uma boa relação com os demais jovens: “A maioria é baiano. Tudo doido. Racho o bico”, diz. A distância fez aumentar os gastos com celular, principalmente para falar com a namorada e com mãe. Fátima, após a separação do marido, passou a assumir, de forma mais incisiva, múltiplos papéis: cuidar do espaço doméstico, trabalhar fora de casa durante vários períodos do dia e acompanhar os desdobramentos do projeto de carreira de André. O trabalho diário não outorga muito tempo para acompanhar treinos e jogos de André no Osasco. “Todo mundo lá em casa agora trabalha”, ressalta André.

Ao longo de quase dois anos, André jogou nas categorias de base do Grêmio Osasco, obtendo expressivo destaque, inclusive sendo elogiado diversas vezes pelo principal diretor do clube, o ex-jogador Vampeta. Ao longo deste período, intercalou semanas no alojamento com semanas em casa. Quando ainda estava em Osasco, André ocasionalmente participava de partidas pelo Botafogo aos sábados, convocado por Sérgio para os jogos mais importantes. Mesmo sem treinar ou disputar as etapas de classificação, André era sempre incluso na lista oficial de jogadores do Botafogo para os torneios. Num destes finais de semana, André comentou que só tinha topado jogar por causa da namorada. Frente ao controle rígido da mãe sobre seu relacionamento amoroso, a justificativa de participar de um jogo pelo Botafogo, por consideração ao professor Sérgio, surgia como um modo ilibado de poder encontrar semanalmente a namorada. Embora não reprove o namoro do filho, Fátima questiona o tempo despendido com a namorada e menos com a família nos dois únicos dias que todos

poderiam se encontrar. Além disso, afirma que o tempo e energia investido no relacionamento amoroso pode atrapalhar o engajamento no projeto futebolístico.

Lateral-direito titular de sua categoria no Osasco, André foi repreendido algumas vezes por mau comportamento (ofensas a colegas e saída para festas) no alojamento do clube. As advertências, porém, desgastaram a relação com a comissão técnica, que decidiu dispensá-lo. André voltou a treinar no Botafogo na semana seguinte, mas não ficou muito tempo. A pedido do professor Sérgio, que sempre esteve presente na trajetória do garoto, inclusive com visitas à sua casa nos finais de semana de folga do Grêmio Osasco, o deputado Luiz Moura pediu a Sérgio, colega de Transcooper e gestor do Marília A.C., que incorporasse o jovem às categorias de base do interior. Porém, diferente de Bernardo – garoto da trajetória anterior –, que foi congregado mais devido à relação de apoio, trabalho, amizade e política entre Luiz Moura e seu pai, no caso de André havia um interesse remoto por sua adesão à base do Marília. Inicialmente, André se recusou a ir para Marília, o que provocou repúdios do professor Sérgio. Se Osasco é um município colado a São Paulo, que permitia o retorno para casa aos finais de semana, a cidade de Marília dista 440km da capital. André justificou que não conseguiria ficar longos períodos afastado “da mãe e da namorada”, listadas nessa ordem. Porém, convencido por Fátima, o jovem viajou para Marília e alojou-se no clube. Se ao longo do primeiro mês a participação do garoto foi elogiada pelo superintendente Sérgio e por Luiz Moura, nos meses seguintes Fátima era avisada pelo professor Sérgio sobre novos problemas de comportamento de André, que inclusive fora suspenso algumas vezes da escola na qual estava matriculado em Marília. No final de 2013, então com 16 anos, e após recorrentes reprimendas, André foi dispensado do Marília. Em seguida, retornou a Guaianases, mas não para a Escolinha do Botafogo. Desanimado, embora ainda tivesse o apoio da mãe, André desistiu da carreira de jogador profissional ou, como ele afirma, “Vou dar um tempo”, porém não abandonou o futebol. Por vezes, ainda é possível vê-lo brincando e “jogando bola” com os amigos nas quadras do CEU Jambeiro e em campinhos próximos ao Botafogo.

7.4 – A família esportiva de Ricardo

7.4 – A família esportiva de Ricardo:

“Eu, com 12 anos, tinha que ensinar ela a ir até Diadema de carro...”

Ricardo [97] começou a jogar bola nas ruas do bairro e na escola. Jogava com o irmão, Felipe [95], que também fez algumas tentativas de seguir a carreira profissional, porém desistiu após algumas reprovações em testes e avaliações. Animado com a habilidade do filho, Caetano matriculou Ricardo, então com 8 anos na escolinha do São Caetano, em Guaianases. Ficou quase dois anos na escolinha do São Caetano. Durante o primeiro ano, atuava como atacante, porém logo foi deslocado de posição: “Uma vez, não veio o zagueiro, aí eu era um dos maiores do grupo, então eu fui para zagueiro. Eu joguei bem e o técnico não me tirou mais de zagueiro”. Após saberem sobre a parceria com o São Paulo, foi para a Escolinha do Botafogo. “Todo mundo viu e aí todo mundo foi para lá”, afirma Ricardo, embora ressalte que vários colegas antes não iam para o Botafogo pelo fato do campo ser de terra: “os meninos só queriam saber de jogar *society*, mas lá era onde era mais visto, então... foram também”.

No Botafogo, não precisou passar pela turma do Garrincha e fazer a transição para as equipes de competição: “Eu tinha jogado contra eles, eles gostaram, e como tinham me visto, já fui para o Sérgio”. Antes de ingressar no Botafogo já conhecia o André e o Bernardo, pois estudava na mesma escola. Ficou no Botafogo por mais de três anos e disputou vários torneios municipais e nacionais, como a Copa Coca-Cola e Taça Cidade de São Paulo. Ricardo valoriza o longo período como aluno da escolinha. “Foi bom. Conheci muitos lugares. E os olheiros iam lá. E acho que eu já fui seis vezes a Cotia jogar pelo Botafogo contra o São Paulo. De talento, é a melhor escolinha, onde tem mais moleque bom”. Afirma que teve muitos problemas com o modelo disciplinador imposto por Sérgio nas equipes de competição, porém ressalta a importância de Sérgio em sua trajetória no futebol: “Ele quer que seja sempre do jeito dele. Já tive discussões durante o jogo, mas coisa de jogo. Mas ele é um bom treinador, me ajudou muito. Aprendi muito com ele no Botafogo”.

De forma concomitante, conciliou as atividades na Escolinha do Botafogo com os treinos e jogos no Centro Recreativo Esportivo Fundação, de São Caetano do Sul. Nesse período, vivenciava uma rotina intensa. Frequentava a escola de manhã. Acordava 6h, para entrar 7h na escola. Saía 12h20. Passava em casa para almoçar e ia para o treino no Botafogo, que começava às 14h30 ou 15h. Treinava até 17h, voltava e

descansava. Quarta e sexta-feira à noite, das 20h30 às 22h, treinava no Fundação em São Caetano

Nossa. Teve um dia que eu me perdi. Eu peguei a linha que vai para Calmon Viana. Eu tinha 11 anos, foi uma das primeiras vezes que eu ia para São Caetano do Sul. Eu não sabia se tinha trem para Calmon ou se eu voltava para o Tatuapé para pegar o trem. Nisso já era meia-noite e dez. E eu não sabia o que fazer. Aí o segurança falou, “Olha, é melhor você voltar para o Tatuapé, porque o último trem que vai para Guaianases sai meia-noite e quinze. Se você perder, sua mãe vai ter que te buscar lá no Tatuapé. E meu pai estava trabalhando, minha mãe estava trabalhando. Aí eu voltei para o Tatuapé. Quase que eu fiquei lá no Tatuapé, eu e Deus. Sozinho. Eu cheguei em casa era uma e vinte da manhã. Minha mãe já tinha até ligado para a polícia. (Ricardo, jovem de Guaianases)

Ricardo afirma ter visto muita coisa nos trens: “Muito cara já tentou roubar, fazer algo mais, oferecer dinheiro, mas eu sempre fui esperto. Eu falava que meu pai estava me esperando na porta do trem ou fingia que eu estava no celular. Mas muitas vezes fui assaltado. Roubaram boné, tênis, voltei para casa descalço”. Sempre que podia, o pai buscava na estação em Guaianases. Algumas vezes, porém, tinha que voltar sozinho de madrugada, pois seu pai estava trabalhando, “Ele fazia uns bicos das 23h às 1h. Não tinha como me pegar. E nessa época a gente não tinha carro. Então eu vinha à pé rápido. Passava um carro, devagarzinho, já dava um medo, mas eu vinha correndo. Aí cortava uns caminhos, chegava em casa e dormia”.

Após dois anos no Fundação, Ricardo foi selecionado para jogar o Campeonato Paulista de Futebol sub13 pelo ECUS de Suzano: “Eu cheguei uma semana antes do jogo contra o Santos. Aí eu fui inscrito, já fui para um jogo contra o Santos”. Jogou o ano inteiro pelo ECUS, num período em que ocasionalmente ainda disputava algumas partidas pelo Fundação. “Eu conciliava, às vezes, Botafogo, ECUS e Fundação. Mas no Fundação eu só ia treinar uma vez por semana, no ECUS duas. Mas no ECUS era à noite também. E no Botafogo era à tarde. Tinha dia que eu jogava manhã, tarde noite. E meu pai sempre de moto comigo”. Encerrado o campeonato, Ricardo foi convidado pelo agente Leonardo para uma avaliação no Nacional junto com outros garotos da escolinha. Aprovado, começou a treinar todo dia na categoria sub15 do clube, onde permaneceu por quase nove meses. Dispensado, cortou relações com o agente e voltou para o Botafogo. Porém, antes de disputar as etapas finais da Copa Coca-Cola e da Taça Cidade de SP, foi um dos garotos do Botafogo escolhidos para fazer testes no Olé Brasil de Ribeirão Preto. Viajou de ônibus com André e Thiago, seus colegas de equipe, e com os diretores do Botafogo Itamar e Adonias.

A gente se encontrou na estação em Guaianases cinco horas. E a gente saiu do Tietê seis e meia da manhã. E foi no dia do meu aniversário, segunda-feira, 26 de setembro de 2011, eu fui fazer teste no Olé Brasil. Aí a gente saiu seis e meia do Tietê. Chegamos lá uma hora. O Fabrício, do Olé Brasil, foi buscar e deixou a gente no CT do Olé. A gente almoçou e ficamos um tempo lá. Até o diretor chegar e conversar com o Itamar. Nisso, o Itamar e o Adonias foram embora, voltaram para São Paulo e ficamos só nós três lá. Eles só foram levar mesmo, porque a gente era jovem ainda.

Os três garotos ficaram alojados no CT do Olé Brasil por cinco dias. Para não proporcionar muitos gastos, evitava ligar todo dia para os familiares. “Quem mais ligava era o Itamar. Ele pegava as informações e dava para os pais”. Após a semana de avaliações, somente André foi aprovado. Porém, Ricardo afirma que o período de alojamento permitiu que ganhasse experiência e fizesse novos contatos: “A gente fez amizade com muito menino do Rio, Bahia, Ceará. Tinha uns meninos de Dracena no nosso quarto. A gente sempre leva coisas boas. Leva amizade. É uma experiência muito boa”. De todos os companheiros de alojamento, destacou a relação criada com Moisés [95], um jovem de Guaianases que participava da equipe sub17 do Olé Brasil e que já havia jogado no Palmeiras. Ricardo relata que “aprendeu” muito ao conviver com Moisés, mesmo que poucos dias: “Foi ele quem mais ajudou a gente. Ele orientava a gente, protegia a gente dos outros moleques”. Amizade mantida à distância pelo Facebook e por visitas ocasionais de Moisés à casa de Ricardo quando retorna para São Paulo nos períodos de férias do primeiro, que se transferiu do Olé para o Internacional de Porto Alegre.

Após os testes no Olé Brasil, depois de um mês, indicado por Waldir, olheiro do Olé Brasil, fez avaliações no RedBull. Novamente, ficou cinco dias alojado no CT do clube, em Campinas, acompanhado de outros cinco garotos da mesma idade: três do Rio de Janeiro, um de Mirassol e outro do bairro Capão Redondo, de São Paulo. “Tem muito mais estrutura que o Olé Brasil. Era um quarto com quatro beliches e duas camas. Chão dos quartos de madeira, cama excelente, ar-condicionado e TV com Sky em todos os quartos, frigobar, banheiro em todos os quartos. Não tinha banheiro coletivo”. Naquela semana, após um zagueiro do RedBull se lesionar no treinamento, Ricardo foi convocado para jogar como titular num amistoso contra o São Paulo em Cotia.

Eu era o único teste que estava jogando com os titulares. A gente empatou 0x0, foi um jogão. Depois o treinador chegou em mim, conversou bastante,

falou que eu tinha uma boa técnica, mas eu não tinha muito porte físico, que eu não era tão grande assim. Mas os meninos falavam, “Dos cinco aí, acho que você passa, você chegou mais próximo de jogar com a gente, você foi titular no amistoso. Acho que quem vai passar mesmo é você”. Aí passou uma semana, o Waldir me ligou e falou que o treinador tinha decidido ficar comigo. Mas chegaram mais três zagueiros, que tinha teste toda semana, e desses três, ele ficou com dois.

Sem oportunidades no Olé Brasil, Waldir agendou um teste de Ricardo na Ponte-Preta, porém o jovem já havia sido aprovado no Clube Atlético Diadema.³⁵¹ “Daí eu não tive mais contato ele depois. Mas ele me ajudou bastante”. No Diadema, foram quinze dias de avaliação e, logo após ser aprovado, assinou um contrato anual para ganhar ajuda de custo e foi incorporado à equipe sub15 que iria disputar o Torneio Brasil-Japão em Arujá, cidade vizinha a São Paulo.³⁵² Ficou onze meses no clube, onde treinava de segunda à sexta no período vespertino. O deslocamento para Diadema, ida e volta, demandava quatro horas do seu dia numa baldeação entre trem, metrô e ônibus. Aos sábados, disputava as partidas do Campeonato Paulista Sub15. “Aí eu alojava na sexta, quando era jogo fora, ou dormia na casa de alguém, quando era jogo em Diadema, porque não daria para chegar lá antes das 8h da manhã, seria cansativo”.

A gente vê que ele sofre bastante. Porque muitas das vezes a gente não tem dinheiro para dar. Ele, às vezes, só vai com o dinheirinho da condução. Só aquele. E nem sempre o Diadema dá uma fruta. Ele vinha, chegava aqui já era quase 21h30, 22h, com fome, abrindo as panelas. E a gente não tinha nada para dar. Dói, assim, saber que sofre, mas é o que ele gosta de fazer (Juliana, mãe de Ricardo [97]).

Após o término do campeonato, Ricardo não teve o contrato renovado e ficou alguns meses sem atuar por um clube. Segundo Caetano, o filho foi dispensado do Diadema por liderar um “motim” no clube:

O Diadema fez um contrato dos garotos que iriam disputar o Paulista do ano passado. Um contrato deixando eles vinculados ao clube por dois anos. Passaram alguns meses, uns moleques lá que não treinaram com afinco. O

³⁵¹ Clube comandado por empresários da Associação Desportiva Br Soccer, voltada à produção de revelação de jogadores de futebol, que se filiaram à Federação Paulista de Futebol e fizeram uma parceria com a prefeitura de Diadema, cidade do grande ABCD para a criação do Clube Atlético Diadema – CAD.

³⁵² Disputado por Fabio Augusto no mesmo ano, o Torneio Brasil-Japão foi realizado no Nippon Country Club, na cidade de Arujá, sem São Paulo, e contou com a participação de equipes japonesas (Shiga, Nara, Ibaraki e Sapporo), além de Palmeiras, Red Bull Brasil, Corinthians, Audax, Barueri e o próprio Diadema. O Corinthians foi campeão, após vencer na final o Palmeiras, de Fabio Augusto, por 1 x 0.

Diadema veio com um contrato, um adendo, dizendo o seguinte: que o valor que eles receberiam lá, que era de R\$ 150, eles poderiam abaixar, caso eles percebessem que o atleta não estivesse correspondendo. Então, é tipo um contrato de produtividade. Se você levar um contrato desse e mostrar para um juiz da Vara da Infância e Juventude, fica complicado. Condicionar uma criança de 14 anos a contrato de produtividade? Um absurdo. Mas, enfim, eu acabei assinando. E o Ricardo era capitão do time. A molecada começou a reclamar com ele, que foi e postou no *Facebook*: era para ninguém assinar, que ele ia conversar com o coordenador. Não estou apoiando ele. Mas a atitude foi, assim, em relação ao time, acho que, para o clube não foi bom, mas a atitude dele como líder foi bacana. Mas, enfim, ele errou, não conversou comigo, postou. Antes dele chegar para conversar, os caras já viram, imprimiram e levaram para o coordenador do time, que afastou ele do grupo (Caetano, pai de Ricardo [97]).

Sem clube, fez alguns testes, porém, incentivado pelos familiares, optou por se dedicar a recuperar o tempo que não pode se dedicar à escola. Após seis meses parado, Caetano arranhou um teste para o filho na equipe de sócios do Corinthians, não vinculada às categorias de base, mas sim ao clube social localizado no Parque São Jorge, bairro Vila Carrão, Zona Leste da cidade. “Eu sei que não é a mesma coisa, mas se ele for bem, agradar o pessoal do Corinthians, pode ser uma porta de entrada para os times da base”.

Em sua narrativa, Ricardo relata que sempre teve o apoio da família, mas destaca a participação do pai, policial da Guarda Civil Metropolitana, no projeto futebolístico, responsável, na maioria das vezes, por levá-lo e buscá-lo nos treinos e partidas com a motocicleta da corporação policial. “Ele levava, voltava para trabalhar, depois me buscava, deixava aqui. Meu pai sempre me apoiou”. Quando trabalhou na ronda noturna por mais de dez anos, tinha mais tempo para acompanhar a jornada futebolística do filho. Porém, mudaram seu horário e passou a trabalhar de dia, o que limitou seu deslocamento junto com Ricardo. “Uma vez, eu peguei a viatura, fui lá em São Caetano, ver o jogo dele. Estava andando lá no Ipiranga, e pensei: ‘Putz, meu filho está aqui pertinho’. Quando meus colegas viram, já estava dentro do estádio”. Para poder ser liberado do trabalho, apresenta atestados médicos falsos. Outra estratégia, segundo Caetano, é doar sangue no dia em que acompanha o filho para locais mais distantes, pois é liberado de trabalhar quando faz a doação. “Já saí do jogo com o Ricardo, e falei, ‘Ricardo, agora nós temos que ir para o Hospital das Clínicas’”.

Ao mesmo tempo em que confere primazia ao envolvimento do pai, reconhece os “sacrifícios” empreendidos pela mãe ao longo de sua trajetória. Para a mãe Juliana, o envolvimento do pai, no que diz respeito ao deslocamento pela cidade, é mais acentuado

por causa da motocicleta, que facilita e agiliza os trajetos entre casa, escola, campos e clubes. “Como ele está sempre de moto, para ele é mais fácil de estar nos lugares, tem que estar mais presente em tudo”, afirma Juliana.

Enrico: *Todo mundo apoia? Sua mãe também sempre apoiou?*

Ricardo: Sempre. Mas não tanto quanto meu pai. Mas apoiou, sim. Mas meu pai sempre foi o quem sempre correu...

Juliana: É o sonho dele. A gente tem que ir conforme, apoiar o sonho dos filhos. Eu levei também, muitas vezes, em Diadema.

Ricardo: Quando não era meu pai, eu quem ensinava o caminho para ela...

Juliana: Eu não sabia, ele me ensinava...

Ricardo: Eu, com 12 anos, tinha que ensinar ela a ir até Diadema de carro.

Juliana: Eu não sabia. Eu só ando por aqui. Eu trabalhava no Morumbi, de babá, mas ia de trem. De carro, nunca ia.

Durante dois anos, Juliana trabalhou aos finais de semana como babá no Morumbi. Saía de casa na sexta e voltava só na segunda. Obrigada pelas condições do trabalho, dormia na casa da família que a empregava. Com a ausência da mãe e do pai, este ocupado nas rondas policiais pela região, a filha Letícia ficava responsável pelos afazeres domésticos e cuidados com os irmãos, mesmo sendo mais nova que eles. “Ela cozinhava para eles, ficava com eles, era a mãe deles de final de semana”, relata Juliana. Letícia fazia de tudo. Cozinhava para o almoço e o jantar, preparava o lanche do irmão futebolista e a marmita do pai policial, varria a casa, lavava a louça, arrumava os quartos, limpava o banheiro e passava roupa. Durante a semana, em poucas oportunidades, arranjava tempo para conduzir o filho aos treinos no Fundação e no Diadema. Porém, não conseguia acompanhar as partidas do filho nos finais de semana, ficando o deslocamento sob a responsabilidade do pai. “Aí meu esposo ligava para mim, falava, ‘Olha, fez um gol’ [risos]. Aí eu falei, ‘Ah, não, vou sair’. Por dormir no local de trabalho perdia todo o final de semana. Foram dois anos assim”. Após se formar como pedagoga, Juliana parou de trabalhar como babá e ingressou numa creche estadual do bairro.

Ambos, pai e mãe, ressaltam a dedicação integral e incansável de Ricardo ao projeto futebolístico. Um engajamento que, porém, não se restringe aos espaços esportivos. Para Caetano, a participação do filho em outras atividades une e fortalece a

dedicação dos demais familiares, bem como contribui para a própria prática futebolística. Ricardo, por exemplo, toca trombone nos cultos da igreja Congregação Cristã no Brasil, frequentada pelo pai, mãe e irmãos em vários dias de semana. “O Ricardo, com todos esses jogos, nunca deixou de congregar, de ir para a igreja, de tocar o instrumento”, diz Caetano. Vínculo endossado nos momentos em que, catolicamente, reza o Pai Nosso e a Ave Maria nas rodas de conversa dos jogadores antes das partidas. Conforme relata o pai Caetano: “Um dia, eu perguntei, por que nós não somos católicos, somos protestantes, ‘Ricardo, e nessa hora?’, ‘Não, pai, nessa hora, eu respeito e fico quieto’ Ótimo. Certíssimo. Ele está lá no meio de tudo isso, mas tem os pés no chão, tem uma cabeça boa...”.

“Pés no chão” e “cabeça boa” atrelados aos relacionamentos de Ricardo com as garotas do bairro. Caetano e Juliana procuram acompanhar as amizades do filho no Facebook. “Eu converso bastante com o Ricardo, por que ele é meio ‘galinhãozão’, afirma o pai. Preocupado com a aparência, com se vestir bem, gosta de postar suas fotos no Facebook, inclusive fotos sem camisa para destacar o físico, admirado pelas garotas. A irmã conta que meninas do bairro se aproximam dela só para conhecer o irmão futebolista, e “depois elas param de falar comigo, se ele não quer nada...”, afirma Letícia. Ricardo argumenta que namorou duas vezes, porém passou a evitar relacionamentos fixos: “Pode pôr no seu trabalho também. Uma das coisas que atrapalha na adolescência é a namorada. Não é só eu, não. Eu comecei a namorar sério e em muitos jogos brigava e ficava com aquilo na mente”.

As histórias e narrativas com as quais Ricardo teve contato nos CTs, destacadas pelo jovem como experiências essenciais em sua constituição, contribuem para a construção de seu próprio projeto familiar. “A amizade que o Ricardo tem é uma coisa linda. Com tão pouca idade e tem uma amizade muito gostosa, assim. Conheceu várias pessoas através desses campeonatos, e isso eu acho bacana, isso não tem preço”, afirma Caetano. Histórias como a do sergipano César [97], que decidiu investir na carreira de jogador após a morte do pai e do irmão. Único homem da casa, César saiu de casa apenas com uma mochila e R\$ 30 no bolso. “Ele falou pra mãe que não ia voltar pra casa se ele não tivesse um contrato profissional de algum tipo”, relata Ricardo. Capixaba [97], companheiro de equipe no Diadema, veio para São Paulo indicado por um olheiro. Porém, quando chegou, não pode ficar alojado no clube por causa da pouca idade. A faxineira do CT levou Capixaba para morar junto com os seis filhos em uma casa de três cômodos. “Ocorreu até aliciamento. Ela tentando fazer com que o menino

ficasse com a própria filha dela”, comenta Caetano. O pai de Minas [97], outro colega da época no Diadema, todo final de semana vinha para São Paulo acompanhar a partida do filho no Campeonato Paulista Sub15. “Eles saía 23h da noite de Minas para chegar 8h e ver o jogo do Paulista. E às vezes o Minas não entrava, mas todo sábado o pai estava lá”, afirma Ricardo. Rodado, com passagens por alguns clubes do Sul do país, Igor [97] deixou a casa da família em Londrina aos 11 anos. “O pai dele ficou doente, ele começou a cair um pouco e depois desistiu da carreira para voltar e ajudar os familiares”.

O que eu acho mais triste dessas situações, sem estrutura, é que acaba o jogo, você pega seu filho, vai para sua casa, vai passear, vai na igreja, vai ver um amigo, vai à praia. A vida continua. E desses que ficam lá? Não. Aí eu te pergunto: só trabalho resolve? Só a família resolve? Não. Porque essas famílias, no fundo, têm muito amor. É mais uma questão de necessidade. Só que as pessoas esquecem que é um em cada um milhão. Quantos que não fizeram a mesma coisa, da mesma forma, e não vingou. E é por que não tem talento? Eu não creio. É porque as oportunidades são poucas (Caetano, pai de Ricardo [97]).

Experiências que levam Ricardo e seus familiares a refletir sobre a singularidade do próprio projeto futebolístico que, segundo Caetano, “Não tem ajuda de outras pessoas. É núcleo familiar mesmo. O apoio sempre foi nós mesmos. Até contrariava às vezes. O Ricardo foi cedo lá para São Caetano e o próprio técnico falava, que se fosse filho dele, não faria o que eu fazia, de mandar ele sozinho no treino”. Um apoio familiar limitado pelas escassas condições financeiras. As chuteiras são compradas em promoções. Se for chuteira boa dura, por volta de um ano, comenta Ricardo. “Em terrão não aguenta, dura menos. Por ser mais duro, força mais as travas e a sola desgasta. Mas na grama, ela fica afundando, dura bastante”. A alimentação, por exemplo, é a mesma do resto da família, não pode ser diferenciada, conforme Ricardo experimentou nos clubes:

Se tem arroz, é arroz. Se tem pão, é pão. Nem tem como. Nós não temos condições. Eu queria, sempre quis, dar um suplemento, alguma coisa, frutas melhores. O que eu sempre comprei, que é barato e eu sei que ajuda, é banana. (...) Mas você tendo uma alimentação regular, um pão com manteiga, um almoço fresquinho na hora do almoço, um negócio para tapear à tarde, como eu estou fazendo aqui, porque dá uma fome, e uma janta. Se for filé mignon ou um pé de galinha, tanto faz, entendeu? A diferença do filé mignon é que é uma coisa muito gostosa e prazerosa, mas tudo tem proteína. O que vale é o quê? É você ter a refeição. Então, nessa parte, Deus foi tão maravilhoso. Nunca faltou. Sempre tem uma misturinha, quando as coisas vão apertando, aí vai lá na salsicha, aí a gente começa a comprar um fígado,

mas não falta. É óbvio, se você tiver condições de ter um carboidrato, essas coisas que eu nem sei especificar, que é a batata, e não sei o quê, é ótimo. Aí é melhor ainda, porque seria uma alimentação balanceada. Não é o nosso caso (Caetano, pai de Ricardo [97]).

Agora, se você vai aos clubes, de você passar reto, a tia vem, “toma”, e bota mais. “Ou come, ou você vai passar fome”. É beterraba, chuchu. Aí, se você botar no prato só um negócio, vinha a tia e fazia um prato de salada e botava na sua mesa, assim: “Come, não quero ver sobrar nada” (Ricardo [97])

Ricardo afirma, em diversos momentos, ser privilegiado por contar com a ajuda do pai, mãe e irmãos. Suporte que leva o jovem e seus familiares a evitarem vínculos fixos e duráveis com agentes de futebol e outros atores, que participam de forma pontual – com indicação testes e avaliações – em um projeto capitaneado pela/para a família. Um apoio centralizado pela família que viabiliza e suaviza a continuidade de uma jornada futebolística que pode gerar dividendos para os próprios familiares, mas que já oferece diversas formas de retribuição desde o início da trajetória, como aponta o pai Caetano: “Tem gente que acha que é o dinheiro. E não é o dinheiro. É a palavra, é uma tarde, isso que você está fazendo aqui é uma alegria para nós. Não é questão só do Ricardo, mas é dessa visita, de estar junto. O gostoso é isso. É interagir”.

7.5 – A família esportiva de Vitor

7.5 – A família esportiva de Vitor

“A marmitaria alimenta não só a barriga de muita gente, mas os sonhos dele também”

Quando Vitor nasceu, sua família morava em São Miguel, depois mudou para Poá, em seguida para Ferraz de Vasconcelos, até alugarem uma casa em Suzano, onde o garoto começou a “jogar bola” e seu “dom”, antes não reconhecido, foi revelado após muito treino e dedicação.³⁵³ Portador do “dom”, aos 8 anos foi matriculado em uma escolinha de futebol de Suzanópolis, onde jogou até os 13 anos. Pelo clube da cidade, disputou campeonatos locais, sempre como titular das equipes, porém houve uma troca de coordenadores no Suzanópolis: “Saiu a Adriana, que era a coordenadora, e entrou o pastor Emerson. O pastor Emerson misturou muito religião com futebol, ele perdeu a moral com as crianças”. Vitor e outros garotos não estavam treinando com a mesma vontade, só iam ao clube nos dias de jogo. “Eu vi que começou aquele relaxamento, as crianças já não estavam mais respeitando o técnico, nem o diretor... Inclusive o meu filho. Ele já não estava mais querendo saber de jogar”. Após uma nova mudança da família, agora para Itaquera, e vendo o desinteresse do filho nos treinamentos do Suzanópolis, Túlio decidiu matriculá-lo na Escolinha do Botafogo:

Toda vez que a gente ia para Suzano, a gente passava aqui em frente ao Botafogo. Eu ainda brincava com ele, “Qualquer dia, eu paro aí, vou ver se ponho você aí”. Quando mudei para cá, (...) peguei e falei, “Vou levar ele para o Botafogo”. Aí foi aonde eu parei, falei com o Sérgio. Eu pedi para o Sérgio fazer uma avaliação para ele, mas ele viu que o moleque já disputou vários campeonatos. Não colocou na escolinha, já colocou no time.

Meia-atacante habilidoso, logo conquistou a posição de titular na equipe comandada pelo professor Sérgio, a quem Túlio afirma ser “eterno devedor”. Para o pai, foi o trabalho com Sérgio no Botafogo que revelou o “verdadeiro potencial do talento” do filho. O desempenho nas primeiras partidas chamou a atenção dos envolvidos com o

³⁵³ Percebe-se, neste caso, que o “dom” legitimador do projeto futebolístico é reconhecido como algo criado e trabalhado pelo filho. “Gordinho, ruim de bola que dói. Primeira vez que eu vi ele jogando, eu falei: “Não vai dar em nada”. Aí eu cheguei em casa, contei para a mãe dele. Falei assim: “Esquece, que esse não vai dar em nada”. Ele escutou. Aí ele chegou para mãe, falou: “Vou mostrar para o pai que eu vou ser jogador”. Eu fico até emocionado... [Túlio não segura o choro] Ele começou a jogar, emagreceu. E começou a aprender a jogar, futebol mesmo. E onde a gente morava tinha uma quadra comunitária. Então ele chegava da escola e ficava até dez horas da noite, jogando, para aprender. E aprendeu a jogar bola. Ele joga muito”. (Túlio, pai de Vitor).

cotidiano da escolinha e Vitor passou a ser disputado por alguns agentes que circulam pelos campos de Guaianases, entre eles, Leonardo.

Túlio, porém, não aceitou a proposta do agente de futebol: “Quem é Leonardo? É um pé-rapado. Eu que cuido da carreira do meu filho, não preciso de ninguém me falando o que ele tem que fazer. Se for para ter empresário, que seja um empresário grande, com dinheiro”. O “empresário grande”, no caso, é Josias Cardoso, que Túlio conheceu há mais de quinze anos, quando ainda trabalhava rodando a cidade para vender espaços de anúncio nas Páginas Amarelas. Quando o filho ingressou no Botafogo, o pai retomou o contato com Josias e negociou a participação do empresário na carreira do filho. Mesmo sem nunca ter visto o garoto jogar, Josias, por meio de seu funcionário Giba, agendou um período de avaliações no Palmeiras. Sem conseguir disfarçar a felicidade, Túlio avisou o professor Sérgio que naquela semana seu filho não poderia participar das atividades da escolinha. No meio da semana de testes, Palhinha, gerente das categorias de base do Palmeiras, avisou Giba e Túlio que diretores do Botafogo ligaram para ele reivindicando algum tipo de participação no contrato ou retorno financeiro para o clube varzeano. “Os diretores do Botafogo atravessaram a ida do meu moleque para o Palmeiras”, reclama Túlio, palmeirense roxo. Frente à situação, Palhinha dispensou o garoto, antes mesmo das atividades que seriam realizadas no resto da semana. Indignado, Túlio discutiu com Sérgio e os diretores botafoguenses, e avisou que o filho sairia da escolinha. Porém, aconselhado por Josias, manteve Vitor na agremiação amadora para que continuasse treinando e participando de competições enquanto o empresário procurava articular avaliações em outros clubes. A situação também implicou animosidades com Giba, braço direito de Josias, com que Túlio se recusava a falar para definir os próximos passos do filho. Certo dia, comentou com os demais pais: “O empresário do meu filho é o Josias, não esse tal de Giba”. Após algumas semanas de espera, um pouco antes da virada de ano, insatisfeito com a demora no agendamento de novos testes, Túlio ameaçou romper o vínculo futebolístico com o agente. No início do ano seguinte, sem protelar, Josias agendou um período de avaliações no Cruzeiro, de Minas Gerais, onde foi aprovado e permaneceu quase até o final, quando foi dispensado. Vitor retornou a São Paulo, porém ficou poucas semanas, pois logo viajou novamente para Belo Horizonte. Josias agendou um breve período de testes no América de Minas Gerais. Aprovado, iniciou as atividades nas categorias de base no ano seguinte, participou de algumas competições, até sofrer uma grave lesão no joelho esquerdo. Com a indicação médica de ficar parado por pelo menos um ano, Vitor

e Túlio nem aguardaram uma possível dispensa do clube e retornaram para São Paulo. Combalido, Vitor não queria mais “jogar bola”, pelo menos em nível profissional, e interrompeu o projeto familiar.

Um projeto que, segundo Túlio, não depende só do garoto, mas também do envolvimento de toda a família. Dono de uma marmitaria, improvisada em sua própria casa, Túlio trabalha ao lado da esposa quase o dia inteiro, porém sua função de tesoureiro e administrador das entregas das refeições, possibilita que circule pela região em parte do dia, inclusive para levar o filho à escolinha. Apesar de concordar com as reclamações da esposa, para quem a dedicação futebol atrapalha o trabalho da marmitaria, Túlio prioriza, em determinados momentos, o projeto futebolístico do filho frente aos compromissos de trabalho. Um envolvimento que centraliza a tutoria projeto familiar nas mãos de Túlio e Vitor, seja frente aos agentes de futebol ou à própria esposa, que não vai aos treinos e partidas do filho, dedicando-se mais à marmitaria.

Por exemplo, ele treina aqui na terça e na quinta. Então na terça e na quinta tem uma programação lá na “marmitaria” para quê? Para poder usar o carro. Um dos carros tem que chegar uma hora, uma e quinze, no máximo, para a gente poder chegar aqui uma e meia. Então, muitas vezes eu saio para entregar menos refeições na terça e na quinta, dias que eu trago ele aqui. Você entendeu? Então eu já parei de fazer um monte de coisa da minha vida para levar ele para jogar bola. Então o investimento financeiro até que não é tão pesado, mas o investimento do seu tempo, você tem que parar para vim trazer ele. E eu sou um pai que eu não deixo ele sozinho em lugar nenhum. Nem na escola, em lugar nenhum. Hoje em dia não dá para confiar em ninguém, ainda mais nesse meio futebolístico. Ele pode até jogar no Japão, eu vou junto.

Assim, além do tempo, trata-se também de um investimento financeiro, seja do lucro obtido ou do dinheiro que deixaram de ganhar. Investimentos que, neste projeto familiar, estão atrelados também ao fato de Vitor ser o filho caçula de um arranjo com mais três irmãs quase vinte anos mais velhas que ele, casadas e morando em suas próprias casas. Apesar do grande número de filhos, a diferença de idade entre os irmãos, permite que a família permita hoje apoie o filho mais novo. Agora, com a família consolidada, com casa própria e trabalhando como autônomo, o pai pode acompanhar e investir na carreira do filho caçula. “Então, eu falo para todo mundo, ‘Se ele não for jogador, não foi falta de apoio do pai. Já falei para o Vitor: a marmitaria alimenta não só a barriga de muita gente, mas os sonhos dele também”.

Parte do lucro advindo do trabalho extenuante na marmitaria é empregada na compra de chuteiras e abastecimento do tanque de gasolina do carro, os principais

gastos segundo Túlio. As chuteiras, além de provocar gastos, provocam também dor de cabeça para o pai. A enxaqueca, porém, tem nome: Neymar. “Muito sacrifício. Sempre correndo atrás. Gasto com ele demais. Se o Neymar aparecer com a chuteira rosa, ele quer; se aparecer com a verde, ele quer; se aparecer com a amarela, ele quer. Vitor é louco por ele, imita até o cabelo”. Túlio comenta que Antônio, certa época, queria comprar o aparelho ortodôntico fixo lingual, utilizado por Neymar (e por outros esportistas), também conhecido como protetor bucal, para evitar lesões nos dentes, lábios, língua e bochechas. A figura de Neymar também é adotada como inspiração por Túlio, que compara seu papel centralizador no projeto futebolístico protagonizado pelo filho à atuação do pai de Neymar, responsável por gerenciar a carreira do jogador, cuidar das negociações e administrar o dinheiro. “Aqui e lá é o pai quem manda”, afirma Túlio. Assim, embora ele mesmo faça comparações com Neymar, pede ao filho que não projete um destino semelhante e evitar possíveis decepções: “Minha expectativa não é para ele ser um Neymar, mas apenas um jogador. Ele sendo um jogador, tendo um salário para manter a família dele, está bom. Não precisa ganhar rios de dinheiro”. Túlio afirma saber o que deve ser feito e que o filho desconhece os caminhos e necessita de orientação. Para isso, impõe uma rotina regrada e com horários, fazer deveres da escola, comer o que lhe foi posto na mesa e cumprir suas obrigações com a família. “Se quer virar jogador, então tem que se dedicar. Eu estou levando esse negócio de jogador de futebol a sério e ele sabe disso”. Mas, mesmo que o filho se torne jogador e ganhe “rios de dinheiro”, Túlio não pretende abandonar a marmitaria. “Não, eu não vou largar a marmitaria. Eu não largar porque se ele se machuca, quem é que vai ter que bancar ele? Eu. Então não vou largar”.

A cromática coleção de chuteiras de Vitor (Foto: Enrico Spaggiari).

7.6 – A derrota do Botafogo no Pacaembu: trajetórias cruzadas

A derrota da equipe sub14 para o Pequeninos do Jockey – mencionada neste e em outros capítulos – tensionou as relações entre os diferentes membros das *famílias esportivas*. Embora os botafoguenses e familiares reconhecessem a superioridade do Pequeninos, a derrota teve seu “vilão”. Na arquibancada do Pacaembu, a torcida do Botafogo, composta principalmente por familiares dos jogadores, xingava Fabio Augusto pelo seu comportamento em campo. Lauro, pai do jovem, devolvia as provocações. Revoltado com o que falavam do filho, desceu da numerada e foi para o portão principal do Pacaembu esperar pelo fim do jogo. Leonardo e Lúcio, agentes de futebol de Fabio Augusto, acompanharam o pai do garoto. Na saída, as reclamações continuaram. Fátima, mãe do lateral-direito André, desabafou: “Sei que ele é um dos melhores amigos do meu filho, mas tenho que falar que ele acabou com o jogo, enterrou o Botafogo!”. Outros pais e mães também atacaram o desempenho do jovem atacante. A comissão técnica e a diretoria tinham a mesma opinião.

Na semana seguinte às finais do Pacaembu, o clima no campo do Botafogo era tenso. Mais do que o título conseguido pelo time no sub16, a derrota da equipe sub14 gerava discussões e brigas entre dirigentes, treinadores, pais, mães e os jovens jogadores. Algumas terminaram em bate-boca, sempre com a presença do agente Leonardo. Na tarde da quinta-feira, encontrei-o e fomos conversar em um local afastado do campo. Os acontecimentos dos dias anteriores tinham estremecido a relação do agente com a comissão técnica do Botafogo, principalmente com o professor Sérgio. Após alguns minutos de conversa, o docente se aproximou e perguntou se estava tudo bem. Logo começou um bate-boca. Lúcia, mãe de Matheus [98], foi convocada por Sérgio para confirmar algumas informações. Ele perguntou se era verdade o que outros tinham contado que Leonardo e o parceiro Lúcio ficaram falando mal dele durante a final do sub14. Lúcia confirmou e reforçou que o pai de Fabio Augusto era quem mais o xingava. Leonardo passou a defender o Lauro, afirmando que Lúcia estava mentindo. Sérgio falava alto, para todos ouvirem, que o jovem e seu pai não pisariam mais no Botafogo: “Além do moleque fazer aquela palhaçada que fez no Pacaembu, o pai dele ainda fica xingando quem está ali trabalhando? Pode escrever: ele não joga mais no meu time”. Fátima, mãe de André, aproximou-se e perguntou o motivo da discussão. Ela, de um lado, confirmou o que aconteceu na numerada do Pacaembu. Leonardo, de outro,

afirmou que Fátima é uma das que mais reclamava de Sérgio e questionava a competência do professor. Logo, a animosidade entre Fátima e Leonardo – relatada em outros momentos da tese – acalorou a discussão. Fátima começou a gritar com o agente e ameaçou bater nele. Controlada por Lúcia, a mãe de André começou a passar mal e precisou ser afastada da discussão. Acompanhei Fátima e Lucia a um dos bancos de reservas do campo. Sérgio e Leonardo continuaram discutindo.

A trajetória de cada jovem futebolista está ligada às demais trajetórias dentro de uma configuração específica orientada pelo esforço coletivo, no caso, a equipe sub14 do Botafogo, que atualiza e amplia as relacionalidades locais, como o partilhar e conviver entre famílias. A *família esportiva* desenha um quadro de múltiplas e sucessivas retribuições entre jovens e familiares ao longo do projeto, tal como revela a situação gerada pela atuação de Fabio Augusto, que provocou quebras, ou pelo menos crises, dos vínculos de reciprocidade e solidariedade entre algumas parentelas.

Assim, a configuração da família esportiva abarca arranjos que articulam as diferentes trajetórias ao esforço coletivo do time, como se as diferentes famílias esportivas compusessem, em algumas situações, uma única família esportiva, ou seja, a coletividade produzida a partir de relacionalidades muito parecidas. Se os elementos que compõem uma família também contribuem para a produção do time, há uma familiarização do time. Portanto, para além dos arranjos variáveis na composição de cada família esportiva, quando as relações entre as diferentes famílias esportivas são enfocadas, desvelam-se grupos corporados uns em relação aos outros, em processos contínuos de justaposição e também de composição.

7.7 – Família como processo: apontamentos finais

As narrativas sobre os projetos familiares inseridos no sistema futebolístico evidenciam como os atores, a partir das experiências cotidianas, elaboram múltiplas relacionalidades que configuram um parentesco estendido, a *família esportiva*, mas que também atualizam a família de origem. Ao mesmo tempo em que as trajetórias são construídas pela agência dos jovens, fatores institucionais exercem o poder de impactar e constranger tais trajetórias, revelando articulações que reconfiguram as relações que constituem a *família esportiva*.

A comparação entre trajetórias revela contrapontos interessantes, ainda que

todas apresentem rudimentos em comum: objetivos próximos, quando não semelhantes; sólidos investimentos nos projetos, ainda que com diferentes formas e montantes; modos de participação de pais e mães, mesmo que distintos; busca pela inserção nas categorias de base dos clubes; práticas de convivência e partilha entre diversos atores. Mas também apresentam inúmeras dessemelhanças e singularidades, como no que diz respeito às relações políticas locais e questões religiosas. As *famílias esportivas* não são homogêneas, mas caracterizadas por diferentes tipos de envolvimento dos familiares. Assim, cada trajetória e suas respectivas minudências, quando articuladas, desvelam e contextualizam o processo de produção de jogadores. Frente a estas articulações, vale ressaltar algumas práticas de partilha entre as famílias de uma mesma geração de garotos do Botafogo. Muitos garotos da equipe sub14 em 2011 – nascidos em 1997 –, por exemplo, são amigos desde muitos novos e jogam juntos na escolinha há mais de cinco anos. Laços que promovem trocas e reciprocidades entre as diversas famílias, como também provocam rupturas e crises, conforme revelam as discussões sobre a atuação de Fabio Augusto na final sub14 da Taça Cidade de São Paulo de 2012.

Nesse sentido, a construção da *família esportiva* é um processo dinâmico e relacional que sofre mutações ao longo dos projetos futebolísticos conforme os jovens e seus familiares vão corporificando experiências, conhecimentos, pessoas e relações. Compreende, portanto, complexas configurações familiares que ultrapassam aquelas vivenciadas nos arranjos nucleares. Se as três primeiras trajetórias descritas – Fabio Augusto, Bernardo e André – revelam *famílias esportivas* extensas, as duas últimas – Ricardo e Vítor – apresentam configurações pautadas por lógicas de retração da família de origem em projetos centralizados pelas figuras do pai e da mãe – ainda que também englobem pontualmente outros atores. Como foi possível perceber, embora a importância conferida à figura do professor Sérgio aponte para a proficiência das formas de englobamento, por outro lado, nem todos os familiares consideram a tutela do agente de futebol uma relação imperativa para a inserção no sistema futebolístico, ainda que a maioria concorde sobre a importância destes atores como facilitadores no andamento do processo de produção do futebolista, principalmente na entrada em um clube. Em constante fluxo, cada *família esportiva* institui modos de relacionamento orientados pela elaboração de planos e rotinas familiares.

Família esportiva compreende uma noção polissêmica, amparada nas formas de criar família dos atores que participam dos projetos familiares. Uma concepção que incorpora tensões e emoções provocadas pela convivência, partilha, mobilidade e

reciprocidade, entendidas aqui a partir da noção de relacionalidade (*relatedness*) (Carsten, 2000; 2004). Proximidade e convivência podem definir quem participa ou não da *família esportiva*, como revelam as tentativas de intensificar o compartilhamento de substância. As formas de cossustancialidade são decisivas na constituição da *família esportiva*. Universo de produção de relações sociais (Carsten; Hugh-Jones 1995), as casas dos jovens futebolistas atualizam a *família esportiva* ao cultivar relações com as pessoas que ali residem e com outros atores por meio da convivência e partilha de comida, recursos, sentimentos, como foi possível observar nos contatos de Sérgio, dos diretores do Botafogo e dos agentes de futebol com as famílias.³⁵⁴ Portanto, mais do que um local de convivência, habitação e proteção, a casa revela-se um domínio privilegiado das relações que constituem a *família esportiva*.

Porém, relacionalidade não se define exclusivamente pela coexistência e proximidade física, mas também por formas singulares de afeição que não se encerram na família de origem. Mesmo à distância, quando os jovens estão alojados em clubes fora da cidade, os membros se fazem contíguos por meio do fluxo de bens, dinheiro e formas de comunicação. Ao mesmo tempo, são criados novos vínculos nos locais de destino com aqueles que passam a engendrar uma vivência concreta na família do jovem, como revela a moradia em comum, em casa ou nos alojamentos das categorias de base, o que mostra a trajetória de Ricardo. Ainda que seja fundamental, a proximidade física não é uma condição para a existência de laços fortes, duradouros e afetivos entre os atores da *família esportiva*. Assim, a despeito da distância física, por meio de obrigações e trocas recíprocas, avigora-se as formas de relacionalidade. A estadia nos alojamentos de clubes, que poderia provocar a dessubstancialização com a fragmentação da dinâmica familiar, exige novas formas de estabelecer contato e produzir relações, que ocorre por meio dos *signos de proximidade* (Lobo, 2006) – recursos econômicos e materiais, visitas periódicas, telefonemas e e-mails – utilizados para integrar os membros da *família esportiva*. Portanto, apesar da distância física, os membros da *família esportiva* continuam a nutrir formas de reciprocidade e partilha por meio da execução de suas funções e obrigações. Aspectos que podem ser observados no caso do agente Giba, mediador entre a família de Fabio Augusto e o empresário Josias; na atuação de Severo, mediador da proximidade e fidelidade da família de Bernardo ao

³⁵⁴ Como vimos, os modos de compartilhar, conviver e estabelecer intimidade podem ultrapassar os domínios da família de origem e envolver as casas de outros atores (agentes de futebol, diretores de clubes, políticos locais).

deputado estadual Luiz Moura (PT); nos casos dos agentes e diretores que mantiveram vínculos com os jovens alojados nas categorias de base de clubes do interior de São Paulo. Tais casos evidenciam como mobilidade e apartação são atualizados por relacionalidades que extrapolam a esfera da família, clubes e bairro. Vínculos que são mantidos, mas que podem ser rompidos conforme a decisão de um ou dos vários atores.

Portanto, as *famílias esportivas* emergem como objetificação das dinâmicas de constituição dos projetos futebolísticos. Cada qual apresenta modos particulares de acumular pessoas e produzir relações ligados à vida cotidiana, tanto no ambiente doméstico quanto na esfera pública, e orientados por proximidade, convivência, partilha e reciprocidade. Ainda que o projeto não efetive a carreira de jogador e os almejados contrados, o investimento é retribuído ao longo do processo de produção de jogadores, pois a constituição do jovem futebolista envolve a constituição da própria *família esportiva* em uma convivência absorvente, ainda que nem sempre harmoniosa. Tal como as relações de solidariedade e comprometimento, as tensões e divergências são constitutivas da *família esportiva* e revelam aspectos fundamentais das trajetórias dos jovens futebolistas. Porém, mesmo marcada por tensões e conflitos, um mínimo de coesão deve ser preservada para efetivar o projeto, como se observa na atuação dos agentes de futebol. Estes procuram articular seus interesses individuais com os da *família esportiva*, mesmo que não em sua totalidade – lembramos dos antagonismos descritos entre agentes, treinadores e diretores de clubes. Para fazer parte dela e compartilhar o “dom” futebolístico, é preciso ter prerrogativas reconhecidas entre aqueles que estão em relação.

A *família esportiva* se fortalece como espaço de afetividades, não só pelas relações dos jovens com os membros da família de origem, mas também com os demais atores, com quem articulam relações de afeição. Assim, a dimensão afetiva existe para além da família de origem, e não está em oposição às obrigações e interesses. Mesmo as relações da família de origem não podem ser compreendidas como um contínuo afetivo, pois não está alheia às obrigações econômicas. Em suma, os projetos futebolísticos são pautados pela produção simultânea de interesses e afetividades, compreendendo também relações de conflito e tensão, por querelas acerca de demonstrações de afeto, dinheiro, oportunidades. Questões que podem afetar o desempenho dos jovens futebolistas, mas que, na maioria das vezes, são incorporadas aos projetos.

Para Lauro, pai de Fabio Augusto, o filho sabe que a carreira envolve várias pessoas. “Cada um tem uma parcela. Pequena, ou grande, ou nenhuma, cada um tem

uma parcela no crescimento dele. E ele sabe reconhecer e vai lembrar de todos. Não porque o pai ou mãe falou. Mas porque ele mesmo sabe quem é. Ele conhece toda a família”. Além disso, relações afetivas definem algumas formas de relacionalidade no projeto familiar de Fabio Augusto: a presença cotidiana do treinador Sérgio durante alguns anos e seu papel decisivo no processo de habilitação (Ingold, 2001; 2010); a atuação do agente Leonardo como conselheiro e articulador das avaliações nos clubes; os “irmãos” da igreja evangélica que procuram orientar a dimensão espiritual do projeto futebolístico. Porém, quando Fabio Augusto quase desiste da carreira, seu pai diferencia as preocupações de todos os que estão ali para convencer o filho a voltar:

Eu acho que quem está no meio do futebol, eles (os agentes), principalmente, não vêm tanto a questão do sentimento. Eles podem até dizer: “Não, nós estamos preocupados com o garoto, nós estamos preocupados com a família”. Mas, na verdade, a gente sabe que não é. Na verdade: “A gente quer que o moleque continue jogando porque ele vai dar lucro, porque ele vai dar retorno...”. E nós da família não, eu quero preparar a cabeça dele (Lauro, pai de Fabio Augusto).

Observam-se, portanto, diferenças entre as características conferidas aos atores. Professores e agentes de futebol não compõem a família de origem – tomada por Lauro como abrigo das relações afetivas –, mas podem também ocupar posições privilegiadas frente aos parentes considerados distantes, pois estes não mantêm trocas e contatos próximos com a família de origem, e pouco intervêm na construção do projeto futebolístico.³⁵⁵ Apreendem-se, também, relacionamentos potenciais que não chegam a se realizar, observados principalmente na atuação dos diretores do Botafogo, cujos interesses pouco conseguiram se articular com a lógica de proximidade e reciprocidade que regem as *famílias esportivas*. Em comparação com os diretores do Botafogo, os agentes de futebol têm maior facilidade em tecer relacionamentos com a família de origem. Portanto, a definição de arranjos e posições revela a plasticidade dos parentes que transitam pela *família esportiva*, pois esta pode atribuir estatutos e pesos diversos a estes atores, que podem ter suas posições alteradas ao longo da trajetória, quando deixam de ter responsabilidades e obrigações, e seus laços tornam-se mais tênues.

³⁵⁵ Optei por não identificar certos atores dos quais não se exige maior proximidade com o jovem futebolista e sua família, como os avôs e avós, sempre citados como elementos constituintes da família, mas nem sempre atuantes nos projetos futebolísticos.

Dotada de expressiva mutabilidade, as *famílias esportivas* são desfeitas e reconstruídas conforme advêm relacionamentos. Independente do sucesso ou fracasso do projeto, a família de origem também sofre transformações a cada atualização da *família esportiva*. Reordenações dos arranjos familiares foram observadas no caso de Juliana, mãe de Ricardo, que procurava conciliar trabalho, estudos, afazeres domésticos e cuidados dos filhos. Para isso, contou principalmente com a ajuda da filha caçula, que substituiu a mãe na realização de diversas tarefas da casa. A *família esportiva* se faz a partir desses processos de construção que desenham percursos sinuosos, fragmentados, permeados de revezes e dotados de estratégias de reversibilidade. Como as trajetórias de Fabio Augusto e Bernardo permitem observar, as categorias de base, ainda que fundamentadas por projetos de longo prazo, podem apresentar processos de mudança acelerados e erráticos. Assim, as idas e vindas de clubes de várzea, escolinhas de futebol, alojamentos e categorias de base, acionam lógicas temporais pouco afeitas a projeções lineares. A reversibilidade pode ser observada quando os agentes são substituídos e deixam de participar do projeto, embora o advento de um novo agente não implique deposição de outro, pois mais de um agente pode ser responsável e obter ganhos com a ascensão dos jovens futebolistas.

Afinal, por que *família esportiva*? Por que investigar o processo de constituição de jovens futebolistas, descortinado ao longo dos capítulos desta tese, a partir das lógicas familiares de expansão e retração? A produção de jogadores está baseada na centralidade da família de origem nas dinâmicas processuais e relacionais dos contextos pesquisados. Assim, o engajamento dos diversos atores nos projetos futebolísticos converge à ideia de família, pois esta, apesar de ser um agrupamento elusivo e inconstante, é a esfera instituidora do processo de produção de jogadores, em torno da qual gravita o conjunto de relações que objetifica os jovens futebolistas. Tratam-se de práticas relacionais de fazer família nas relações cotidianas que provocam transformações na família de origem, cujas mudanças também atualizam as *famílias esportivas*, um processo contínuo de retroalimentação engendrado no desenrolar das trajetórias dos jovens futebolistas da zona leste de São Paulo. Assim, quando compreendida a partir dos contextos etnográficos, a noção de *família esportiva* desnuda-se como processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o jovem futebolista é constituído por uma gama de espaços, práticas, atores e relações, elaboradas na noção de *família esportiva*, outro atributo se mostra relevante para a efetivação dos projetos familiares: o prazer e o desejo de “jogar bola”. Uma prática que começa como lazer e diversão, mas que ganha novos significados entre aqueles que desde cedo se destacam.

O prazer em jogar futebol é condição fundante dos projetos futebolísticos. Assim, o “jogar bola” se articula com projetos bem definidos de investimento em futuras carreiras profissionais, pois estas não amortizam a fruição entre aqueles que almejam fazer do futebol seu destino. Transformar-se em um jogador de futebol (profissional) não implica deixar de “jogar bola”. Conservam o jogar por gostar e para ter prazer. Trata-se de uma condição que acompanha os jovens futebolistas ao longo de todo o processo de produção, seja em projetos bem ou mal sucedidos.

“Jogar bola” é uma expressão poderosa e recursiva. Seu uso resume a hegemonia futebolística nos contextos esportivos brasileiros. Se uma primeira leitura revela-se simplista, “jogar bola” encerra em si múltiplos significados, em uma lógica absorvente que catalisa a relação indissociável com o futebol, exposta nos quadrinhos acima. Ágil, a expressão “jogar bola” escapa de interpretações generalizantes e descortina a polissemia do fenômeno futebolístico. Existem muitas formas de “jogar bola” que se espraiam pelos campos, torcidas e outras dinâmicas cotidianas.

Ainda nos primórdios do trabalho de campo, quando perguntei a Jonathan [95], quais eram seus planos, “O que pretendia fazer da vida?”, ele me respondeu: “Agora só quero saber de jogar bola e soltar pipa”. “Jogar bola” tem sua dimensão faceira, mas revela também seriedade, o que foi exposto, por exemplo, na cobrança de um jogador varzeano perante seus companheiros de equipe, no vestiário, antes de um jogo pela Copa Kaiser: “Isso aqui não é brincadeira, estamos aqui trabalhando. Então tem que jogar bola, porra”. Antes da partida pela final do Mundial Interclubes em dezembro de 2011, entre Santos x Barcelona, perguntei a Ayrton, ex-treinador do Botafogo de Guaianases e conhecido varzeano, o que a equipe brasileira deveria fazer para ganhar do poderoso esquadrão catalão: “O Santos tem que jogar bola.”. Dois dias depois, quando o encontrei novamente explicou o motivo da derrota por 4x0: “O Santos não entrou para jogar bola”. Condição que é também observada nos gritos desesperados dos professores e jovens futebolistas em situações de derrota: “Vamos jogar bola!”. Expressão

convocatória adotada por um dos principais patrocinadores da CBF e da Copa do Mundo da FIFA 2014 em um comercial televisivo intitulado “Vamos Jogar Bola”.³⁵⁶ A peça publicitária exibe um menino circulando pelo Rio de Janeiro, dotado da “ginga” de brasileiro e habilitado para superar adversidades. Sugere aos brasileiros que, a partir daquele momento, pensem no futebol e esqueçam outras coisas. Imagética repleta de positividade, que aposta em um potencial transformador do futebol a partir da Copa do Mundo, momento de todos os brasileiros entrarem em campo.

Jogar futebol não é a mesma coisa que “jogar bola”, porém apresentam consonâncias. Ambos são múltiplos e heterogêneos. Lúdicos e agonísticos. Trabalho e lazer. Seriedade e brincadeira. Trafegam do cotidiano ao espetáculo, por entre os espaços amadores e profissionais. “Jogar bola” nos campeonatos é diferente – ainda que mantenha diversas semelhanças – de jogar nos treinos, ou nas quadras de futsal, na rua, no campo de society, no videogame. “Jogar bola” não reduz nem essencializa os múltiplos sentidos atribuídos ao futebol. Assim, se para DaMatta (1982) o futebol é o drama pelo qual a sociedade brasileira revela-se a seus próprios membros, o “jogar bola” desnaturaliza a pertença brasileira à prática e contextualiza a constituição dos diversos engajamentos no fenômeno futebolístico, dotando-o de sentidos.

Projeto de vida para muitos jovens brasileiros, “jogar bola” permanece conforme se intensifica o acesso às várias dinâmicas futebolísticas, para outros tempos e espaços. É também arena de discursos. As pessoas “jogam bola” nos debates sobre futebol alimentados pelas “falações esportivas” (Eco, 1984) – extenuante discurso da imprensa esportiva enquanto um fim em si mesmo – que transcendem as dimensões do jogo e norteiam as vivências cotidianas. Exemplo libertino de forma-representação (Toledo, 2002),³⁵⁷ “jogar bola” muitas vezes é sinônimo de “jogar bem” articulado aos ufanismos perenes que atravessam o futebol brasileiro: “futebol-moleque”, “futebol-arte”, “pátria em chuteiras”, “jogar à brasileira”. Ao mesmo tempo em que expõe representações coletivas de reforço do futebol como identidade e paixão nacional, “jogar bola” é uma manifestação criativa que permite problematizar interpretações que tomam como uma constatação o fato do futebol ser uma *instituição nacional*. Como lembra Toledo (2001), as razões mais importantes para explicar a força do futebol enquanto um *símbolo*

³⁵⁶ Filme publicitário do Banco Itaú, veiculado a partir do primeiro semestre de 2012, criado pela agência de publicidade África e dirigida por Andrucha Waddington.

³⁵⁷ Representações coletivas das maneiras de jogar, expressas em estilos (jogar à brasileira) e escolas (escola carioca ou gaúcha), consolidadas a partir dos estilos e formas de jogar, conhecidos como padrões de jogo, gerados pelas diferentes interpretações e usos das regras (Toledo, 2002).

nacional devem ser observadas nas dinâmicas e práticas constituintes do fenômeno esportivo em questão. “Jogar bola” sintetiza o mosaico de sentidos e pontos de vista simultâneos conferidos a uma prática “dotada de uma notável multivocalidade” (DaMatta, 1994, p.12). É algo mais do que um futebol não nomeado, é um espaço privilegiado para compreender a sua multivocalidade.

“Jogar bola” é uma forma de olhar para os entremeios e ambivalências do processo de produção de futebolistas, que ajuda a compreender a constituição do jovem futebolista. Nas dinâmicas da família esportiva, o “jogar bola” pode alterar significativamente as relações familiares. Como afirma Caetano, pai de Ricardo [07], sobre o projeto futebolístico do filho: “Depende dele, mas vamos tentar apoiar ao máximo, ficar ao lado dele em tudo. Se for preciso, família joga bola também.”. “Família joga bola” quando se engaja em um projeto futebolístico que alinha interesses coletivos e individuais, faz investimentos de tempo e dinheiro em um projeto que demanda por vezes demanda sacrifícios econômicos, amplia e incorpora outros atores aos projetos, destitui-se da convivência com os filhos para que estes possam circular e, assim, ativa partilhas à distância, vivencia diversas formas de retribuição do “dom” ao longo do processo de constituição do jovem, atualiza o domínio das relações afetivas, decide interromper o projeto e iniciar uma intrincada reconversão das habilidades dos filhos. Assim, a constituição do jovem futebolista só adquire sentido na relação com outros atores além da família, que constituem a *família esportiva*. Portanto, a “família joga bola” ao fazer a *família esportiva*.

A *família esportiva* objetifica as relações produtoras e produzidas pelo jovem futebolista, que o tornam pessoa no sentido stratherniano. A produção de futebolistas não se restringe ao plano das relações locais, visto que se trata de um permanente processo engendrado pelas dinâmicas do próprio sistema futebolístico. Um processo de constituição que deve ser pensado em sintonia com questões, locais e globais, de uma conjuntura abrangente instituída nas relações entre Estado e mercado. Dimensões e aspectos que impactam a produção de jogadores e que acabam por ser incorporados às formas de fazer família dos projetos futebolísticos, como a problemática regulamentação do Estado por meio da composição de legislações esportivas insuficientes e tendenciosas; a ausência (ou inoperância) de aplicabilidade das legislações sobre os direitos das crianças e adolescentes no sistema futebolístico; o sistema de gerenciamento das negociações e transferências de jogadores; a circulação de jovens futebolistas por espaços e clubes que apresentam condições estruturais

insuficientes; a profissionalização cada vez mais precoce; a espetacularização dos investimentos midiáticos; a atuação dos órgãos públicos e a criação de políticas estatais. No caso deste último aspecto, mostra-se determinante pensar a prática futebolística em um amplo cenário de políticas públicas no qual infância e juventude são também importantes temas, notadamente para os segmentos considerados mais vulneráveis no que diz respeito ao acesso à educação, ao trabalho e aos direitos de cidadania. Portanto, ganha corpo um conjunto extenso de fatores políticos, econômicos, midiáticos e esportivos decisivos para contextualizar o processo de produção de jogadores.

Os jovens futebolistas estão envolvidos em uma matriz de relações com a qual seu “dom” de “jogar bola” é repartido ao longo do processo. Revelado em um momento liminar e construído ao longo da trajetória, a manipulação do “dom” transforma o jovem futebolista, pois ambos constituem-se mutuamente na *família esportiva*. Um “dom” constituído ao longo de seu processo de habilitação e do engajamento dos atores. Feito e refeito nas relações entre pessoas, coisas, conhecimentos e eventos – quando o foco está antes na relação do que no que é relacionado –, o “dom” é distribuído como partes do outro que cada um incorpora. Abstraído de forma compartilhada por outros atores, dentro e fora da *família esportiva*, inclusive os torcedores, também receptadores do dom. Posto em relações ao longo dos projetos futebolísticos, estratégia central da *família esportiva*, o próprio “dom” resulta da objetificação das relações construídas, bem como objetifica relações que produzem futebolistas.

Quando transformados em jogadores (profissionais), ao serem negociados (ou seja, transformados em mercadorias), os jovens objetificam outras relações além daquelas que os constituíram. Relações que escapam aos objetivos e recortes dessa tese, e que exigiriam uma nova pesquisa, a partir de outros cenários etnográficos. Mas aponto que a objetificação de relações dos jovens são mapeadas, por exemplo, na construção do Mecanismo de Solidariedade, elaborado para resguardar os direitos dos clubes formadores que participaram da trajetória de um jogador entre seus 12 e 23 anos. A recompensa de até 5% do valor bruto das transações de acordo com o tempo total e período do envolvimento revela a objetificação das relações que constituem os jovens profissionais e as relações que eles produzem ao serem negociados. Compartimentação fracionada em 0,25% por cada ano de vínculo com o clube entre os 12 e os 15 anos; e 0,5% por cada ano entre 16 e 23 anos. O último clube, tal como o doador do comércio

de porcos observado por Strathern (2006) na Melanésia,³⁵⁸ carrega todas as relações objetificadas no jovem futebolista ao longo da constituição (e circulação) deste. Ao mesmo tempo em que o clube comprador – o donatário – recebe todas as partes da pessoa do jovem futebolista constituídas nas trocas anteriores. Assim, o jovem futebolista, a objetificação das relações da *família esportiva*, tem os componentes (relacionalidades, substâncias, habilidades) do seu “dom” repartidos e distribuídos. Portanto, para compreender tanto o processo de constituição de jovens futebolistas, quanto de produção de jogadores profissionais, é preciso olhar as relações constituintes dessas pessoas – futebolistas, jogadores, mercadorias.

Os garotos [99] do Botafogo foram campeões da etapa paulista da Copa Coca-Cola de 2013. Além do título almejado por anos, alguns jovens de Guaianases foram convocados pela FIFA, em parceria com a Coca-Cola, para atuarem como gandulas nas partidas da Copa do Mundo de 2014 que seriam disputadas em São Paulo, no estádio do Corinthians. Além do Botafogo, garotos do Benfica da Vila Maria representaram as equipes masculinas da competição; enquanto as equipes femininas foram representadas pelas garotas da Seleção Valinhos e A.D. Centro Olímpico. Em um final de semana de março de 2014, no estádio da USP na Cidade Universitária, mais de cinquenta garotos e garotas, trajando camisetas vermelhas com a logomarca da Coca-Cola, participaram do treinamento para se tornarem gandulas. Passaram por testes físicos e receberam treinamento específico da função. Ouviram as orientações dos instrutores, devolveram bolas uns aos outros e se deslocaram pelo campo para marcar o posicionamento correto. Receberam, ainda, aulas teóricas e foram instruídos sobre o que deveria ser feito ou não durante as partidas: abdicar de qualquer contato com os jogadores; evitar brincar com a bola, entrar em campo ou tocar nas placas de publicidade; torcer ou falar com os torcedores. A lista final foi divulgada em abril e alguns jovens da Escolinha do Botafogo foram selecionados. Se os jovens de Guaianases irão, algum dia, atuar em uma edição do maior evento futebolístico mundial, não sabemos, mas conseguiram, de outro modo, um lugar na Copa de 2014, que também começa “aqui” no “jogar bola” que constitui os futebolistas da Zona Leste de São Paulo.

³⁵⁸ Para uma leitura minuciosa das ideias de Strathern, conferir Gell (1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; BLASI, Felipe Di; SALVADOR, Marco Antônio Santoro. “A ‘camisa 10’ do futebol como um símbolo na manutenção da identidade nacional: o discurso da mídia”. *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro, v.2, n.6, 2007.
- ABRAMO, Helena W. “Considerações sobre a tematização social da juventude”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 5-6, 1997.
- ADAUTO, Flávio. “O futebol da cidade não morreu, só mudou de lugar”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- ADERALDO, Guilherme André. *Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AGIER, Michel. *L’invention de la ville*. Paris: Ed. des Archives Contemporaines. 1999.
- _____. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. “Boas de bola”: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2013.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. “Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela”, *Revista de Estudos Feministas*. vol.15, n.1, 2007, pp. 177-192.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. “Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal”. *Anuário Antropológico/95*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século. 1995.
- ALVES, Ubiratan Silva. *Imigrantes bolivianos em São Paulo: a praça Kantuta e o futebol*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- ANTUNES, F. M. “O futebol nas fábricas”. *Revista USP - Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun.-ago. 1994.
- _____. *F. Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- _____. “O futebol na Light & Power de São Paulo”. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, n.3/4, 1996.
- ARAUJO, Ricardo. B. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Univeridade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003. 287p.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.16, n.34, 2010. pp. 71-92.
- BATESON, Gregory. *Mente e natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BETTI, Mauro. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997
- BEVERARI, Rafael Fermino. *Futebol de várzea: berço de insubordinações*. Relatório de Iniciação Científica (PIBIC-CEPE). Faculdade de Ciências Sociais, PUC, São Paulo, 2009.
- BEZERRA, Marcos Otavio. O. *Em nome das “bases”: Política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- BITENCOURT, Fernando. *No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/UFSC. Florianópolis, 2009.
- BONDUKI, NABIL. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.136-163.
- _____. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 112-121.
- _____. *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2.ed., 1999.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2.ed. 2002.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CAPRARO, André M.; CHAVES, Alex S. “O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social”. *EFDeportes Revista Digital*. Buenos Aires, ano 12, n.111, 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>. (Acesso em: 14/05/2013).
- CARSTEN, Janet. “Introduction: Cultures of relatedness”. In: Carsten, Janet (Ed.) *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, pp. 1-36.
- _____. *After kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Steven, “Introduction”. In: CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Steven (Orgs.). *About the house: Lévi-Strauss and beyond*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- CECCHETTO, Fátima R. *Violência e estilos de masculinidade: violência, cultura e poder*. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2004.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.
- CIOCCARI, M. R. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- COSTA, Elizabeth. G. *Anel, cordão, perfume barato: uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nova Stella/Edusp, 1989.
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do Óbvio”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p.10-17, 1994.
- _____. “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. In: DAMATTA, Roberto. (Org.) *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982, p.19-42.
- _____. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DAMO, Arlei S. “Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores”. *MotusCorporis*, v. 5, n. 2, 1998.
- _____. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. In: *XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS*, Caxambu. 26º ANPOCS 2002, 2002.
- _____. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.
- DE LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do Gênero”. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- DEBERT, Guita Grin. “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade”. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- DORNELLES, Jonatas. “Antropologia e internet: quando o ‘campo’ é a cidade e o computador é a ‘rede’”. *Horiz. antropol.*, v.10, n.21, p.241-271, 2004.
- DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986
- DUARTE, Luiz Fernando D. “Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família”. In: RIBEIRO, I. (Org.). *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, 1994. p. 23-41.
- DUARTE, Luiz Carlos. *Friedenreich: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiro*. São Paulo: Casa Maior Editorial.

- DUNNING, E. “A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto”. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985, p.299-325.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. Família e reprodução humana. In: DURHAM, E. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.325-355
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- _____. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. *RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, Campinas, n. 9, p. 101-127, mar. 2003.
- ECO, Umberto. “A falação esportiva”. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FARIA, Eliene Lopes. *A aprendizagem na e da prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2008.
- FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.
- FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. In: *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 14, n. 2, p.50-59, maio-ago. 2005.
- _____. “Apresentação de família, reprodução e parentesco: algumas considerações”, *Cadernos Pagu*, Campinas, n.29, p.9-35. 2007.
- _____; SCHUCH, Patrice. *Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2009.
- FORACCHI, M. M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1965.
- _____. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREIRE, João B. *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FRÚGOLI Jr., Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 2005, v. 48, n. 1, pp. 133-165.
- _____. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000.
- _____. “Sociabilidade e consumo nos shopping centers de São Paulo: eventos e desafios recentes”. In: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. de L. (Orgs.). *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008, p. 231-246.

- _____.; SPAGGIARI, Enrico. “Da cracolândia aos nórios: percursos etnográficos no bairro da Luz”. *PontoUrbe* (NAU-USP), v. 6, p. 3, 2010.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.
- _____. “Strathernograms, or the semiotics of mixed metaphors”. *The art of anthropology: essays and diagrams*. London: The Athlone Press. 1999.
- GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1979.
- GLÓRIA, D. M. A. “Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas das fratrias”. *Paidéia*, v. 15, n. 30, p. 31-42, 2005.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- GOLDMAN, M. “Uma teoria etnográfica da democracia: a política do ponto de vista do Movimento Negro de Ilhéus, Bahia, Brasil”. *Etnográfica*, v.4, n.2, pp. 311-332, 2000.
- _____. “Segmentaridade e movimentos negros nas eleições de Ilhéus”. *Mana*, 7 (2):57-94, 2001.
- _____. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.
- _____.; SANT’ANNA, R. S. “Elementos para uma análise antropológica do voto. In: GOLDMAN, M.; PALMEIRA, M. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996, p.13-40.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GUASCO, Pedro. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- GUEDES, Simone Lahud. “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA; FLORES; GUEDES; VOGEL. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- _____. *Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.
- _____. “Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais”. *Cadernos do Centro de Recursos Humanos*, n. 29, p.189-208. 1998.
- _____. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- _____. “As formas de retribuição do dom em perspectiva comparada”. In: *Anais. 31º Encontro Anual da Anpocs*. São Paulo: Anpocs, 2007, p. 258-259.
- _____. “Redes sociais urbanas: casa, família e vizinhança”. In: *Anais. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro/BA, 2008.
- _____. “Os ídolos esportivos e a ‘repatriação’: a exemplaridade de uma trajetória nada exemplar”. In: *Anais. 27ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Belém/PA, 2010.

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. dos tribunais, 1990.
- HEILBORN, Maria Luíza. “O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro”. In: MADEIRA, R. F. (Org.), *Quem mandou nascer mulher? estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- _____. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- HEILBORN, Maria Luíza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel [e] KNAUTH, Daniela Riva. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiras*. Rio de Janeiro, Garamond/Fiocruz, 2006.
- HEREDIA, B. M. A. Política, família e comunidade In: GOLDMAN, M.; PALMEIRA, M. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.
- HIKIJ, Rose. S. G. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2006.
- _____. “Sentidos da imagem na quebrada”. In: LEONEL, J.; MENDONÇA, R. (Orgs.). *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, v.1, p. 109-127.
- HIRATA, Daniel V. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____. “Produção da desordem e gestão da ordem: notas para uma história recente do transporte clandestino em São Paulo”. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 4, p. 441-465, 2011.
- _____. “Boa gestão urbana e transporte coletivo em São Paulo”. *Áskesis*, v. 1, n.1, p. 13-31, 2012.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício”. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.
- _____. “Three in one: on dissolving the distinctions between body, mind and culture” [paper]. England: University of Manchester, 1999. Disponível em: <<http://lchc.ucsd.edu/mca/Paper/ingold/ingold2.htm>>. Acesso: 11/10/2013.
- _____. “From the transmission of representations to the education of attention. In: WHITEHOUSE, H. (Ed.). *The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography*. Oxford: Berg, 2001a, p. 113-153.
- _____. “Beyond art and technology: the anthropology of skill”. In: SCHIFFER, Michael Brain (Org.). *Anthropological perspectives on technology*. Albuquerque (NM): University of New Mexico Press, 2001b, p.17-31.
- _____. *Lines: a brief history*. Routledge: London, 2007.
- _____. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v.33, n. 1, p.6-25, 2010.

- KESSLER, Cláudia. “*Entra aí pra completá*”: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria-RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -- Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 2010.
- KOGA, Dirce. *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- KUSCHNIR, Karina. Cultura e representação política no Rio de Janeiro. In: GOLDMAN, M.; PALMEIRA, M. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996. p.183-202.
- _____. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000a.
- _____. *Eleições e representação no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/NuAP-MN-UFRJ, 2000b.
- LEITE LOPES, José S. “A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. *Revista da USP*, n.22, pp.64-83, 1994.
- _____. “Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária”. *Cadernos AEL*, v. 16, n. 28, pp.13-39, 2010.
- LEITE LOPES, J. S.; MARESCA, S. “A morte da alegria do povo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 7, n. 20, p. 113-134, 1992.
- LOBO, A. *Tão longe e tão perto: organização, família e emigração feminina na Ilha de Boa Vista, Cabo Verde*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- LOPES DA SILVA. “Pequenos ‘xamãs’: crianças indígenas, corporalidade e escolarização”. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global. 2002. p.37-63.
- LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela. “Contribuições na etnologia indígena brasileira à antropologia da criança”. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global. 2002. p.11-33.
- LOPO, Rafael. M. *É o fim da várzea? Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre*. Monografia (Conclusão de Curso) – Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- LUDOPÉDIO. Entrevista com Luiz Henrique de Toledo. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/220>. Acesso em: 15/2/2012.
- MACEDO, Carmen C. de A. *A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar de um grupo operário*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- MAGALHÃES, M. O. “Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais”. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 203-210, abr./jun., 2008.
- MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

- MAGNANI, José G. C.; MORGADO, Naira. “Futebol de várzea também é patrimônio”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, n. 24, p.175-184, 1996.
- MAGNANI, José G. C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.
- _____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17. n.49, p.11-29, 2002.
- _____. “Etnografia como prática e experiência”. *Horizontes Antropológicos*, vol.15, n.32, p.129-156, 2009.
- _____. “Os circuitos dos jovens urbanos”. *Tempo social*, São Paulo, v.17, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso: em 25/9/2013.
- _____. “Introdução ao depoimento: João Baptista Borges Pereira”. *Ponto Urbe*, n.14, 2014.
- MANHÃES, Eduardo Dias. *Políticas de esportes no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MARCELIN, Louis Herns, “A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano”, *Mana*, 5 (2), 1999, p.31-60.
- MARQUES, Ana Claudia. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no Sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- MARQUES, Eduardo (Org). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade social*. São Paulo: Senac, 2005.
- MARTINS, José de Souza. “Depoimento: periferia revisitada”. *Revista Espaço & Debates*, ano XVII, n.42. São Paulo: Neru, 2001. pp.75-84 [Entrevista]
- _____. *A aparição do demônio na fábrica: origens do eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *Subúrbio, vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MASCARENHAS, Gilmar. “Várzeas, operários e futebol”. *GEOgrafia*. v.4, n.8, 2002.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas”. *Sociologia e antropologia*. Sao Paulo: Cosac e Naify, 2003, p.37-184.
- MELO, L. B. S. *Formação e escolarização de jogadores de futebol no estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- MYSKIW, M. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- NEGREIROS, P. J. L. de C. *Resistência e rendição: A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo (1910-1916)*. Dissertação (Mestrado), PUC-SP, São Paulo, 1992.

- _____. “Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2727/2264>>. Acesso em: 27/10/2008.
- NEVES, Delma Pessanha. “O consumo de bebidas alcoólicas: prescrições sociais”. *BIB*. São Paulo: n. 55, p. 73-98, 2003.
- NUNES, Angela. “O lugar da criança nos textos sobre as sociedades indígenas brasileiras”. In: SILVA, Aracy; MACEDO, Ana; NUNES, Angela (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- _____. *Traços e riscos de vida*. Porto: Ambar, 2000.
- _____. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto, Ambar. 2005.
- PALMEIRA, Moacir. “Voto: racionalidade ou significado?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 7, 20, p.26-30, 1992.
- _____. Política, Facções e Voto. In: GOLDMAN, M.; PALMEIRA, M. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996, p. 41-56.
- PALMIÉRI, Júlio César Jatobá. *Quanto vale um talento?: uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCAR, São Carlos, 2009.
- PASSETI, Edson. “Crianças carentes e políticas públicas”. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2000, p.347-375.
- PEREIRA, Alexandre B. “A maior zoeira”: *experiências juvenis na periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, 2010.
- PEREIRA, Alexandre B. “Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política”. *Pensata*, v. 3, n. 2. 2014. Disponível em: <http://www.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2011/03/v3n2-1.pdf#page=8>. (Acesso em: 10/09/2014).
- PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PÉTONNET, C. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério pariense”. *Antropolítica*, n.25, p.99-112, 2008.
- PIRES, Flávia. “Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2007, v. 50 n.1.
- PIRES, Flávia. “O que as crianças podem fazer pela antropologia?”. *Horizontes Antropológicos*. vol.16, n.34, 2010, pp. 137-157.
- PISANI, Mariane da S. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2012.
- POCHMANN, M. *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

- PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.
- RAMOS, Luiz Carlos. *Vicente Matheus: quem sai na chuva é pra se queimar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
- REGULATIONS on the status and transfers of players. Suíça: FIFA, 2010.
- REVISTA CAROS AMIGOS. Entrevista com Sócrates. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/cotidiano/1863-leia-entrevista-de-socrates-para-a-caros-amigos>. Acesso em: 15/01/2012.
- RIAL, Carmen. S. “Rugbi e judô: esporte e masculinidade”. In: PEDRO, J. GROSSI, M. (Org.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 229-258.
- _____. “Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém...”. *Antropologia em Primeira Mão*. n.87, p.1-42, 2006.
- _____. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*. vol.14, n.30, pp. 21-65, 2008.
- _____. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português: a circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. In: CARMO, Renato Miguel e SIMÕES, José Alberto (Org). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos*. Lisboa, ICS. pp.203-224. 2009a.
- _____. “Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol”. *Antropologia em Primeira Mão*. n.109, p.1-28, 2009b.
- RIGO, L. C. *Memórias de um futebol de fronteira*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- ROCHA, Ana L. C. da; ECKERT, Cornelia. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- RODRIGUES, F. X. F. *Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), PPGS/UFRGS, Porto Alegre, 2003.
- _____. *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)*. Tese (Doutorado em Sociologia), PPGS/UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- ROMANELLI, G. *Família de camadas médias: a trajetória da modernidade*. São Paulo, Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1986.
- SAHLINS, Marshall D. “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em vias de extinção (Parte I)”. *Mana*, v.3, n.1, 1997a, p. 41-73.
- _____. “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em vias de extinção (Parte II)”. In. *Mana*, v.3, n.2, 1997b, p. 103-143.
- _____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SALLES, José Geraldo C. *Entre a paixão e o interesse: amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro*. Tese (Doutorado), UGF, Rio de Janeiro, 2004.

- SAMARA, Eni de Mesquita. “O que mudou na família brasileira? Da colônia à atualidade”. *Psicologia USP*, 2002, vol. 13, nº 2, pp. 27-48.
- SAMPAIO, I. T. A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: uma atualização. *Revista brasileira crescimento e desenvolvimento humano*. v. 17, n. 2, p. 144-152, 2007.
- SANTOS NETO, J. M. dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, Ubiratan P.; BARRETA, Daisy. *As subprefeituras em São Paulo*. São Paulo: Hucitec: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2004.
- SARTI, Cynthia. “Famílias enredadas”. In: ACOSTA, Ana Rojas et al. *Família, redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá)*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Brasília, 2007.
- SCHNEIDER, D. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1984.
- SCHRIJNEMAEEKERS, Stella C. *A casa e seus objetos: construções da identidade em famílias de camadas populares*. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, 1995, pp. 71-99.
- SCOTTO, Gabriela. *As (difusas) fronteiras entre a política e o mercado: um estudo antropológico sobre marketing político, seus agentes, práticas e representações*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Núcleo de Antropologia da Política, 2004.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão*. Tese (Livre-Docência em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SILVA, Diana M. M. da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. Dissertação (História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.
- SIMMEL, G. “Conflito e estrutura de grupo”. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Georg Simmel*. São Paulo: Ática, 1983, p.150-164.
- SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. “Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 30, p.85-111, 2008.
- SPAGGIARI, Enrico. “Sobre ‘quem participa do rateio’: duas trajetórias futebolísticas”. *Oralidades (USP)*, v. 7, p. 147-165, 2010.
- _____. *Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), USP, São Paulo, 2009.

- SPOSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo C. R. “Juventude e políticas públicas no Brasil”. *Revista Brasileira de Educação*, v.24, São Paulo, 2003.
- STIGGER, Marco P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2002.
- STOLCKE, Verena. “Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?”. *Estudos Afro-Asiáticos*, (20): 101-119, 1991.
- STRATHERN, Marilyn. “Necessidade de pais e necessidade de mães”. *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.
- _____. “For the motion (1) (1989 debate: The concept of society is theoretically obsolete)”. In: Ingold, T. (Ed.). *Key debates in Anthropology*. London/New York: Routledge, 1996.
- _____. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York/London: Routledge, 1993.
- TAUSSIG, Michael. “Terror as usual: Walter Benjamin’s theory of history as state of siege”. In: SCHEPER-HUGES, Nancy; BOURGOIS, Philippe (Eds.). *Violence in war and peace: an anthology*. UK: Blackwell Publishing, 2004.
- TELLES, Vera da Silva. *Cidadania inexistente, incivilidade e pobreza: um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociologia), FFLCH/USP, 1992.
- TOLEDO, Luiz H. de. “Futebol e teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002)”. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.
- _____. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- TOMMASI, Livia. “Trabalho: necessidade, privilegio ou direito?”. *Sociologia Ciência & Vida [Especial Juventude Brasileira]*, São Paulo, a. 1, n. 2, p.24-35, 2007.
- TOREN, Christina. Anthropology as the whole science of what is to be human. In: FOX & KING (Eds.). *Anthropology beyond culture*. Berg: Oxford, 2002.
- VELHO, Gilberto. “Família e subjetividade”. In: ALMEIDA, A. M. de; CARNEIRO, MJ; PAULA, S. G. de (Org.). *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora da UFRJ, 1987, p.115-136.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 4ed., 1997.
- _____. “Patrimônio, negociação e conflito”. In: Manuel Ferreira Lima Filho; Cornelia Eckert; Jane Beltrão. (Orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, p. 249-262, 2007.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- VELHO, Otávio. “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.133-140, 2001.

- WACQUANT, Loïc. “Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano”. In: *Mana*. v. 2, n. 2, Rio de Janeiro, Museu Nacional, p. 145-161, 1996.
- _____. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- WAGNER Roy. “Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?”. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 19, p. 237-257, 2010.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WOORTMANN, Klass. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ZELIZER, Viviana A. “Dualidades perigosas”. *Mana*, v.15, n.1, pp. 237-256, 2009.